

VIII JEL – Jornadas de Estudos da Linguagem

CADERNO DE RESUMOS

Organizadoras

**Angela Baalbaki
Janaína Cardoso
Sandra Bernado
Poliana Arantes**

27 a 28 de novembro de 2014

Instituto de Letras /UERJ

Rio de Janeiro

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

REITOR

RICARDO VIEIRALVES DE CASTRO

VICE-REITOR

PAULO ROBERTO VOLPATO DIAS

SUB-REITORA DE GRADUAÇÃO – SR1

LENÁ MEDEIROS DE MENEZES

SUB-RETORA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA –SR 2

MONICA DA COSTA PEREIRA LAVALLE HEILBRON

SUB-REITORA DE EXTENSÃO ECULTURA – SR3

REGINA LÚCIA MONTEIRO HENRIQUES

DIRETORA DO INSTITUTO DE LETRAS – ILE

MARIA ALICE GONÇALVES ANTUNES

VICE-DIRETORA DO INSTITUTO DE LETRAS - ILE

TANIA GASTÃO SALIÉS

COORDENADOR DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

ROBERTO ACÍZELO DE SOUZA

COORDENADOR DA ESPECIALIDADE LINGÜÍSTICA

DÉCIO ROCHA

VIII JEL – JORNADAS DE ESTUDOS DA LINGUAGEM

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO 27 e 28 de novembro de 2014

Comitê organizador

Angela Baalbaki (UERJ)
Janaína Cardoso (UERJ)

Comitê científico VIII JEL

Coordenadoras

Sandra Bernardo (UERJ)
Poliana Arantes (UERJ)

Membros do comitê científico

Alda Maria Coimbra Aguilar Maciel (Pedro II)	Márcia do Amaral Peixoto Martins (PUC-Rio)
Ana Luísa Varani Leal (Universidade de Macau)	Maria Alice Gonçalves Antunes (UERJ)
Ana Raquel Motta de Souza (PUC-SP)	Maria das Graças Dias Pereira (PUC-Rio)
Beatriz Fernandes Caldas (UERJ)	Maria das Graças de Santana Salgado (UFRRJ)
Bruno Rêgo Deusdará Rodrigues (UERJ)	María del Carmen F. González Daher (UFF)
Carlos Alexandre Victório Gonçalves (UFRJ)	Mariangela Rios de Oliveira (UFF)
Claudia Maria Bokel Reis (UFRJ)	Marina Rosa Ana Augusto (UERJ)
Cristina de Souza Vergnano Junger (UERJ)	Mauro José Rocha do Nascimento (UFRJ)
Décio Orlando Soares da Rocha (UERJ)	Ricardo Joseh Lima (UERJ)
Deize Vieira dos Santos (UFRJ)	Silmara Cristina Dela Silva (UFF)
Diogo Oliveira Ramires Pinheiro (UFRJ)	Tania Conceição Clemente de Souza (UFRJ)
Eduardo Kennedy Areas (UFF)	Tânia Mara Gastão Saliés (UERJ)
Erica dos Santos Rodrigues (PUC-Rio)	Tania Maria Granja Shepherd (UERJ)
Eva Ucy Miranda Sá Soto (UNESP)	Tanya Amara Felipe de Souza (INES)
Giovana Cordeiro Campos de Mello (UFF)	Valeria Coelho Chiavegatto (UERJ)
Lúcia Maria Alves Ferreira (UNIRIO)	Vania Lúcia Rodrigues Dutra (UERJ)
	Vera Lúcia De Albuquerque Sant'Anna (UERJ)

Comitê técnico

Programação visual, diagramação e web

Elir Ferrari de Freitas

Coordenação de monitoria

Marcela Iochem Valente

Revisoras

Ceres Ferreira Carneiro
Naira de Almeida Vellozo
Vanessa Gomes Teixeira

Formatação de resumos

Vicelina Geralda de Souza

Sumário

Apresentação - 6

Horários e salas - 9

Programação - 11

Resumos

Plenárias - 38

Mesa-redonda - 44

Sessões de comunicação - 47

Pôsteres - 247

Índice por autores - 333

Índice por título - 343

Apresentação

Reunimos, neste volume, a programação e os resumos dos trabalhos a serem apresentados nas **VIII Jornadas de Estudos da Linguagem (JEL)**, nos dias 27 e 28 de novembro de 2014. Como nas edições anteriores, o evento ocorrerá no campus da UERJ Maracanã, no Instituto de Letras, espaço físico disponibilizado pelo Instituto de Letras da UERJ, que sempre apoiou o **JEL**. Sua história remonta a 2004, quando aconteceu pela primeira vez, voltando-se exclusivamente para o público interno da UERJ, em um único dia de encontro. Depois de aberto ao público externo, o JEL foi sendo ampliando, a fim de congregiar trabalhos de várias áreas de estudo acerca da língua e linguagem.

Assim, a realização das **VIII JEL UERJ** é relevante para o cenário acadêmico e científico do Estado e do país, pois se trata de um encontro que abre espaço para discussões interdisciplinares na área de Linguística e Letras e áreas afins, promovendo a pesquisa produzida por profissionais em Estudos da Linguagem. Dentre tais esforços, destacamos as contribuições dos estudos em Análise do Discurso, em suas diversas abordagens, que colaboram para o desenvolvimento das reflexões acerca das relações entre as práticas linguageiras e as instituições sociais seja no ensino de línguas, na construção de identidades sociais ou nas relações de trabalho. Outro destaque importante é o interesse recente pelo papel da tecnologia na comunicação humana, haja vista a presença maciça da comunicação mediada por tecnologia no nosso cotidiano. A influência que as novas mídias exercem na língua e na comunicação humana não pode deixar de ser investigada.

Além da relação língua-comunicação-tecnologia, destacamos os estudos em Sociolinguística Interacional e Linguística Aplicada que analisam interações em contextos profissionais como a prática fonoaudiológica, a prática médica, o contexto forense e a sala de aula, buscando entender a construção do sentido entre os participantes e desenvolver consciência crítica sobre aspectos que possam superar mal entendidos, de modo a facilitar o alcance dos propósitos comunicativos definidos para tais interações. Também merecem destaque os estudos em Psicolinguística que investigam patologias de linguagem, como a afasia e o processo de aquisição de linguagem, gerando conhecimento que contribui para a prática clínica de fonoaudiologia e a prática de ensino e aprendizagem de línguas (materna e estrangeira), além da saúde e do desenvolvimento intelectual e social dos envolvidos.

Destacamos, ainda, os estudos em Linguística de Corpus que beneficiam áreas como a Tradução, a Lexicologia, a Lexicografia e a Terminologia, contribuindo inúmeras aplicações para o exercício da Linguística Textual, a Comunicação mediada por Computador e, conseqüentemente, para o letramento, o ensino e produção de textos, já que vivemos em uma sociedade dominada pela informação. Portanto, a conjugação do conhecimento gerado pela área reflete diretamente no desenvolvimento de estratégias, recursos, que nos permitam lidar com essa avalanche de informação de forma consciente e crítica, no exercício pleno de nossa cidadania. Registramos, finalmente, o número crescente de estudos em Linguística Cognitiva em todo o país, que, em uma de suas vertentes, busca explicar os aspectos sociais e cognitivos subjacentes ao uso da linguagem.

As jornadas fortalecem a pesquisa desenvolvida pelo Programa de Pós-graduação em Letras da UERJ ao promoverem o intercâmbio com pesquisadores de outros estados e do exterior, inscrevendo a UERJ e o Estado do Rio de Janeiro na agenda de Estudos da Linguagem no Brasil e no exterior, uma vez que vem ampliando seu escopo para o fórum nacional e estrangeiro, ao abrir espaço para parcerias promissoras com instituições de participantes inscritos e plenaristas convidados. Adicionalmente, seu papel é o de difundir esse conhecimento para o público participante, oriundo de diversas Universidades, permitindo que alunos de pós-graduação e de graduação, professores da rede pública e privada, assim como outros profissionais, tenham a oportunidade de se familiarizar com a pesquisa desenvolvida na área da linguagem, solidificando conceitos, abordagens, estratégias de ação e de decisão relacionados ao uso da linguagem em contextos específicos.

Nesta edição, propusemos, no diálogo entre os estudiosos, uma discussão sobre a formação de professores de línguas. Esse objetivo motivou o convite aos plenaristas do evento que discorrerão sobre questões ligadas ao papel do léxico e da gramática na abordagem cognitiva; à leitura numa sociedade tecnológica e sua relação com formação de professores na perspectiva sociocognitiva; à formação em Letras no que tange à língua, saberes e memória discursiva. Em cenário nacional de implantação do ensino de LIBRAS em escolas e cursos de formação de professores, uma das sessões plenárias é dedicada à relação entre a Legislação linguística e a formação de professores na área da surdez.

Os cerca de 160 trabalhos selecionados pelo Comitê Científico foram distribuídos em 34 sessões de coordenadas e 71 pôsteres. Os estudos em Análise de Discurso, em suas várias vertentes e relações compõem sete sessões de comunicações. Trabalhos nas áreas de Estudos Diacrônicos, Estudos sobre Texto, Funcionalismo, Interação em Contextos Institucionais, Linguística Aplicada, Linguística Cognitiva, Narrativa, Tradução e Variação e Mudança compuseram duas sessões de comunicações. A pluralidade dos trabalhos apresentados do **VIII JEL** é revelada por comunicações de várias outras áreas de estudos da linguagem que formaram uma sessão do evento, a saber: Fonética; Formação de Professor; Mídia e Gramática; Níveis de Análise Linguística; Práticas Socioculturais e sociolinguística; Processamento e Aquisição de Linguagem; Sujeito às margens; Sudez e Tecnologia, Linguagem e Ensino. Tais áreas estão também representadas nos trabalhos dos pesquisados nas sessões de pôsteres.

Assim, convidamos todos os participantes do evento a explorar os resumos e a assistir aos trabalhos, visando à troca de conhecimentos e questionamentos para o caminhar dos estudos da linguagem. A Comissão Organizadora agradece a participação de todos os pesquisadores cujos textos compõem este volume e os recebe com satisfação.

Angela Baalbaki

Janaína Cardoso

Sandra Bernado

Poliana Arantes

**Instituto de Letras da UERJ
Campus Maracanã - Pavilhão João Lyra
11º andar, Bloco F**

Abertura / Plenárias / Encerramento	AUD 111
Sessões de Comunicação	LIDIL (LAB 1, 2, 3, 4, 5) Sala 11038 - F RAV 112 RAV 114 Salão nobre Sala 11119 - F Auditório do bloco D Miniauditório Prodocência Auditório da pós-graduação
Sessão de Pôsteres	Hall do BI F
Mesa-redonda	AUD 111
Coffee-Break	Sala 11032 F
Lançamento de Livros	Sala 11038 F

Programação

Dia 27 de novembro, quinta-feira

13h-13h30	Inscrições e Entrega de Material
13h30	Abertura solene
14h-15h20	Plenária 1 39 <i>Léxico e gramática, léxico como gramática: uma olhar cognitivista</i> Maria Lucia Leitão de Almeida (UFRJ) <i>Leitura na sociedade da informação e formação de professores: um olhar sociocognitivo</i> Cristina Vergnano-Junger (UERJ)
15h20 - 15h30	INTERVALO
15h30 - 17h30	Sessões de Comunicações Coordenadas 48
17h30 – 18h	INTERVALO – Coffee-Break
18h – 18h45	1ª Sessão de PÔSTERES 248
19h – 20h20	Plenária 2 41 <i>A Formação em Letras - Língua, saberes, memória discursiva</i> Tereza Celada (USP) <i>Educação de línguas: para além dos gêneros escolares</i> Dayala Vargens (UFF)
20h30 – 21h	Lançamento de Livros

Dia 27 de novembro, quinta-feira

Sessões Coordenadas

SESSÕES	TÍTULOS E COMPONENTES	SALAS
SC1	<p>Formação de professores e bacharéis..... 48</p> <p>► Coord: Isabel Cristina Rangel Moraes Bezerra (UERJ)</p> <p>1) Português como língua não-materna: o ensino e a formação do professor Vanessa Gomes Teixeira (UERJ)</p> <p>2) Representações da Francofonia: o uso e desuso de livros didáticos na formação de professores de Francês como Língua Estrangeira Suzana Darlen dos Santos Santaroni (UFF)</p> <p>3) “Bem-vindos ao curso de Letras!” – alunos, professora e entendimentos sobre ‘escolha profissional’</p> <p>4) Um olhar sobre os documentos prescritivos do curso de Letras Português- Inglês da UFRJ Cynthia Neves Guilhon Mesquita (UFRJ) e Ana Paula Marques Beato-Canato (UFRJ)</p> <p>5) Dimensões da formação de bacharéis em Letras nos 10 melhores cursos do Brasil Aline Dahmer (UFRJ) e Ana Paula Marques Beato-Canato (UFRJ)</p>	LIDIL – Lab 1
SC2	<p>Sujeito às margens: espaço urbano, espaço político..... 54</p> <p>► Coord: Telma Domingues da Silva (UNIVÁS)</p> <p>1) De um bairro e seu rio: o barqueiro e a lavadeira do Rio Pinheiros Telma Domingues da Silva (UNIVÁS)</p> <p>2) Racismo e identidade nacional: de(a)batendo questões Fabiane Jesus (UNICAMP)</p> <p>3) Sujeitos e(m) movimento no espaço urbano: uma análise do discurso hip hop Raphael de Moraes Trajano (UFF)</p> <p>4) Os (des)limites da significação do sujeito travesti no espaço da rede social facebook Lídia Noronha Pereira e Telma Domingues da Silva (UNIVÁS)</p> <p>5) Diversidade cultural: sentidos para o diferente e o igual Diego Barbosa da Silva (UFF/ Museu Nacional)</p>	LIDIL – Lab 2

Dia 27 de novembro, quinta-feira

Sessões Coordenadas

SC3	<p>Crenças e narrativas I 60</p> <p>► Coord: Ana Tereza Andrade (INES)</p> <p>1) “A questão vai além do que está no passaporte da pessoa”: desconstruindo a polarização entre os chamados 'professor falante nativo' e 'professor falante não nativo'. Naomi Elizabeth Orton (PUC-Rio/CNPq), Adriana Nogueira Nóbrega (PUC-Rio/CNPq), Inês Kayon de Miller (PUC-Rio/CNPq)</p> <p>2) Trajetórias identitárias de uma pesquisadora-praticante como membro iniciante da comunidade de prática exploratória Clarissa Xavier Ewald (PUC-Rio/CNPq) e Mydiã Christina Reis de Freitas (PUC-Rio/CAPES)</p> <p>3) Narrativas sobre mal-estar escolar: psicólogo e professor coconstruindo entendimentos através de reuniões de trabalho exploratórias Carolina Apolinário de Souza (PUC- RIO/CAPES)</p> <p>4) Análise de uma narrativa tipicamente laboviana e do processo de construção de identidade da narradora Flávia da Silva Pereira Albuquerque Oliveira (PUC-Rio)</p> <p>5) Análise do gênero “depoimento”: um estudo à luz da linguística sistêmico funcional e das teorias sobre narrativa e construção “eu” Heloisa Quirino de Oliveira (PUC-Rio)</p>	Miniauditório Prodência
SC4	<p>Estudos do texto I 67</p> <p>► Coord: Cristina Vergnano-Junger (UERJ)</p> <p>1) Desenvolvendo o pensamento crítico: uma sequência didática com os gêneros textuais carta de leitor e letra de música Giselle Aparecida Toledo Esteves (UFRJ)</p> <p>2) Os gêneros jornalísticos no ensino fundamental: proposta de sequência didática para a escrita do artigo de opinião Talita Goulart Ferreira (UFRJ)</p> <p>3) O gênero textual editorial em revistas culturais e o ensino da argumentação em FLE Cinthia de Souza Bezerra (USP)</p> <p>4) Panorama atual dos estudos sobre marcadores discursivos Eduardo Penhavel (UNESP)</p> <p>5) A influência dos gêneros textuais no processo leitor Bruna Renova Leite Varela (UERJ), Kisyse Cristina Silva de Paula (UERJ), Cristina de Souza Vergnano-Junger (UERJ)</p>	LIDIL – Lab 3

Dia 27 de novembro, quinta-feira

Sessões Coordenadas

SC5	<p>Estudos de Tradução I 73</p> <p>► Coord: Bianca Walsh (UERJ)</p> <p>1) Tradução cultural, intersemiótica e <i>négritude</i> nos poemas de Bruno de Menezes e Léopold Sédar Senghor: modernismo afro-paraense em <i>Batuque</i> e <i>Les éthiopiennes</i> Mariana Janaína dos Santos Alves (UFPA/UNIFAP)</p> <p>2) A tradução de marcas culturais: uma análise comparada de <i>Il Giorno</i>, de Giuseppe Parini Diana Rosenthal Szylił (USP)</p> <p>3) Marcadores culturais nas histórias em quadrinhos: considerações sobre a tradução de <i>Le Photographie</i> Sabrina Moura Aragão (USP)</p> <p>4) Tradução e colonialismo: a representação linguística na obra “A hora da estrela”, de Clarice Lispector Francisca Eugênia dos Santos (Universidad de Santiago de Chile)</p> <p>5) Tradução de espetáculo artístico/ cultural para libras: estratégias e decisões Monica Raquel de Souza Duarte (INES)</p>	LIDIL – Lab 4
SC6	<p>Análise do Discurso: linguagem e trabalho 79</p> <p>► Coord: Maria Cristina Giorgi (CEFET-RJ)</p> <p>1) “Isso é trabalho de mulher”: imagens discursivas sobre masculinidade nas novas formas de trabalho masculino Elir Ferrari de Freitas (UFF/CAPES)</p> <p>2) Arquitetura escolar: espaço de trabalho discursivo e disciplinar Renata Guimarães Palmeira (UFF)</p> <p>3) Vozes da atividade docente em cursos de idiomas em Campos-RJ: por uma análise da fala do professor de inglês sobre o seu trabalho Carlos Fabiano de Souza (IFF/UFF)</p> <p>4) O trabalho do professor de EBTT e seu embate de valores: um recorte metodológico Cristiane Nascimento Weber de Oliveira (UFRRJ/UERJ)</p> <p>5) Linguística forense: reflexões sobre a utilização da análise do discurso em depoimentos Mônica Azzariti (UERJ) e Bruno Deusdará (UERJ)</p>	LIDIL – Lab 5

Dia 27 de novembro, quinta-feira

Sessões Coordenadas

SC7	<p>Análise do Discurso e ensino 85</p> <p>► Coord: Dayala Vargens (UFF)</p> <ol style="list-style-type: none">1) Teoria e prática nas licenciaturas de espanhol: um estudo discursivo André Lima Cordeiro (UERJ)2) O ensino de espanhol na infância: quanto mais cedo melhor? Dayala Paiva de Medeiros Vargens (UFF) e Livia Puga de Almeida Santos (UFF)3) Representações de professor, aluno e instituição em um projeto político pedagógico de uma escola pública no Rio de Janeiro Paula Angélica da Silva Campos (UFRJ)4) O discurso humorístico sobre educação na forma de quadrinhos Ellen Ketlhen da Silva Costa (ICESEZ/UFAM) e Hellen Cristina Picanço Simas (ICESEZ/UFAM)5) As histórias em quadrinhos nos livros didáticos de francês como língua estrangeira: uma análise do livro <i>Le Kiosque 1</i> a partir da noção bakhtiniana de gêneros do discurso Teurra Fernandes Vailatti (UFPR/CAPES)	11.038 F
SC8	<p>Processamento e aquisição da linguagem 92</p> <p>► Coord: Cristina Name (UFJF)</p> <ol style="list-style-type: none">1) Avaliando a compreensão de pronomes resumptivos em tarefa de seleção de imagem: subsídios para a elaboração de testes infantis Flávia Regina Mello (UERJ) e Marina Rosa Ana Augusto (UERJ)2) A expressão de tempo futuro no espanhol: um estudo comparativo entre dados da gramática adulta e infantil Carolina Parrini Ferreira (UFRJ/UFSC)3) O processamento morfológico de verbos por crianças brasileiras: identificando a raiz verbal como a base semântica do vocábulo Daniele de Souza Leite Molina (UFJF) e Cristina Name (UFJF/CNPq)4) A elaboração de testes específicos para a avaliação entre os domínios linguístico e espacial na Síndrome de Willians Renata Martins de Oliveira (UERJ) e Marina Rosa Ana Augusto (UERJ)5) Pistas prosódicas no processamento da fala dirigida à criança por bebês brasileiros Ícaro Oliveira Silva (UFJF) e Cristina Name (UFJF)	RAV 114

Dia 27 de novembro, quinta-feira

Sessões Coordenadas

SC9	<p>Tecnologia, linguagem e ensino 98</p> <p>► Coord: Janaina Cardoso (UERJ)</p> <p>1) Os significados discursivos do rolezinho: ordens de indexicalidades em atrito Hellem da Silva Espíndola (UFRJ)</p> <p>2) Novas tecnologias na escola: desafios para a formação de professores Jaqueline Queli da Silva (UFRJ)</p> <p>3) Formação de professores para uso da tecnologia: uma investigação no contexto do estágio supervisionado Ana Carolina Simões Cardoso (UFRJ)</p> <p>4) Engajamento no uso de objetos de aprendizagem sob a perspectiva discente Luciana Nunes Viter (FAETEC/UFRJ)</p> <p>5) Desapega! Por uma reinvenção do conceito de língua à luz da modernidade recente Ricardo Pinheiro de Almeida (CCAA)</p>	Auditório Bloco D
SC10	<p>Funcionalismo I 104</p> <p>► Coord: Vera Sant'Anna (UERJ)</p> <p>1) A dimensão avaliativa envolvendo a microconstrução com o marcador discursivo <i>veja bem</i> Lauriê Ferreira Martins (UFJF) e Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda (UFJF)</p> <p>2) A gramaticalidade do verbo modal <i>poder</i>: usos identificados e evidências sobre sua atuação em contextos de pedido e permissão Lauriê Ferreira Martins (UFJF) e Nathália Félix de Oliveira (UFJF)</p> <p>3) A multifuncionalidade da construção <i>espera ai/perai</i> a partir de uma abordagem construcional Nathália Felix de Oliveira (UFJF/CAPE) e Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda (UFJF)</p> <p>4) O <i>status</i> do fenômeno desgarramento de cláusulas hipotáticas circunstanciais no ensino Karine Oliveira Bastos (UFRJ)</p>	11.119 F

Dia 27 de novembro, quinta-feira

Sessões Coordenadas

SC11	<p>Gênero e discurso 109</p> <p>► Coord: Lúcia Ferreira (UNIRIO)</p> <p>1) A performance narrativa de uma blogueira: “tornando-se preta em um segundo nascimento” Glenda Cristina Valim de Melo (UNIFRAN/UFRJ/CNPq)</p> <p>2) A implementação de letramentos queer nas aulas de inglês no ensino fundamental I Luciana Leitão da Silva (UFRJ/SME-RJ/FAETEC)</p> <p>3) Da linguagem à presença: quando a palavra se faz carne Gleiton Matheus Bonfante (UFRJ/CAPES/CNPq)</p> <p>4) Gênero, sexualidade, política e discurso: análise de atos de fala no gênero discursivo notícia Luiz Paulo Labrego (UERJ), Renan Nascimento (UERJ), Sara Sampaio (UERJ) e Alexandre Cadilhe (UNIFESO)</p> <p>5) “Eles acham que como (...) somos mulheres, a gente pesca por esporte”: desestabilidades nas performances narrativas de gênero na pesca em Arraial do Cabo Maria Aparecida Gomes Ferreira (UFRJ)</p>	Salão Nobre
------	---	-------------

Dia 27 de novembro, quinta-feira

1ª Sessão de Pôsteres (1-34)

p. 248

- 1. LEVANTAMENTO DO PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL E SUAS CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS: A LINGUAGEM EM USO NOS DIFERENTES TIPOS DE CONTEXTOS E AS VALORAÇÕES REALIZADAS A PARTIR DESSES USOS**

Amanda Correia Silva (UERJ/PIBID), Karoline Fraga de Freitas (UERJ/PIBID), Paula Karoline Galhardo (UERJ/PIBID), Priscilla do N. Costa da Silveira (UERJ/PIBID) e Rebeca Venezia Diogo dos Santos (UERJ/PIBID)

- 2. O DESEMPENHO DA MEMÓRIA NA RETENÇÃO DE ESTRUTURAS PASSIVAS E ATIVAS EM ADULTOS JOVENS E IDOSOS**

Ana Carolina Oliveira Guedes (UERJ) e Hannah Manes e Morais (UERJ)

- 3. ASPECTOS MORFOLÓGICOS NA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: A CONJUGAÇÃO DOS VERBOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO AOS 3, 5 E 7 ANOS**

Bárbara Ferreira Mendes (UERJ), Daniele Lippert (UERJ), Fernanda Gappo Lacombe (UERJ), Gabriela Hasegawa Rodrigues (UERJ), Luana Goulart (UERJ) e Thayane Verçosa da Silva (UERJ)

- 4. DO JOGO PARA A VIDA: TRABALHANDO A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO AMBIENTE ESCOLAR**

Beatriz da Silva e Silva Ferreira (UERJ/SR3)

- 5. ONDE O PRECONCEITO LINGUÍSTICO ESTIVER É PARA LÁ QUE NÓS VAMOS! AS AÇÕES PIBIDIANAS PARA A TENTATIVA DE ERRADICAÇÃO DAS DESIGUALDADES LINGUÍSTICAS NA ESCOLA**

Bianca dos Santos Silva Veloso (PIBID-UERJ), Caroline Teixeira Medeiros Barbosa (PIBID-UERJ), Hélder Brinate Castro (PIBID-UERJ), Juliana Marques da Silva Nunes (PIBID-UERJ), Mariana de Azevedo Graça (PIBID-UERJ)

- 6. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO PROFESSOR PELA MÍDIA EM PERÍODOS DE GREVE: UMA PERSPECTIVA SISTÊMICO-FUNCIONAL**

Camila Gomes Pinto Sobrinho (PUC-RJ)

- 7. PARTIU FERROZ, PEGOU FÁCIL E FEZ GOSTOSO: EM BUSCA DE UMA EXPLICAÇÃO CONSTRUCIONISTA PARA AS RESTRIÇÕES DISTRIBUCIONAIS DOS “ADJETIVOS ADVERBIALIZADOS” NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Victor Virgínio (UFRJ) e Diogo Pinheiro (UFRJ)

- 8. A COLOCAÇÃO PRONOMINAL EM CARTAS DOS SÉCULOS XIX E XX**

Diana Silva Thomaz (IC/UFRJ)

- 9. “LINGUISTICA I PEGOU VOCÊ”: UMA ABORDAGEM BASEADA EM PROBLEMAS PARA O ENSINO UNIVERSITÁRIO**

Caroline Teixeira Medeiros Barbosa (PIBID/UERJ), Thainá Amador de Lira (UERJ) e Ricardo Joseh Lima (UERJ)

- 10. “É MUITO DIFÍCIL ACERTAR DE PRIMEIRA”: O PRIMEIRO BEIJO E O PRIMEIRO AMOR EM NARRATIVAS PRODUZIDAS EM INTERAÇÃO**

Daniel Augusto Silva (UERJ), Paula Carolina da Costa (UERJ) e Alexandre José Cadilhe (UNIFESO)

Dia 27 de novembro, quinta-feira

1ª Sessão de Pôsteres (1-34)

-
- 11. POLÍTICAS DE PRESCRIÇÃO ORTOGRÁFICA E O EFETIVO USO LINGUÍSTICO: O CASO DAS SIBILANTES EM SUPORTES TEXTUAIS**
Davidson Martins Viana Alves (UFRJ)
-
- 12. SOMOS TODOS MACACOS: A TRAJETÓRIA TEXTUAL DOS DISCURSOS DE RAÇA NAS REDES SOCIAIS E NA MÍDIA**
Érika Pereira Vilela (IFSULDEMINAS/UNIFRAN)
-
- 13. IGNORAR, SILENCIAR E TERGIVERSAR: REFLEXÕES PRAGMÁTICO-DISCURSIVAS SOBRE A RESPONSABILIDADE INSTITUCIONAL**
Fernando Arantes Ferrão (UERJ)
-
- 14. O COMPORTAMENTO DO VERBO *PARECER* EM PEÇAS TEATRAIS PORTUGUESAS OITOCENTISTAS**
Gessica Aparecida Botelho dos Santos (UFRJ) e Nathália Vasconcelos Cardoso Rodrigues (UFRJ)
-
- 15. TEORIA DA MENTE: EFEITO DA IDADE E DA UTILIZAÇÃO DO ADVÉRBIO ‘PRIMEIRO’**
Gianna Lucciola Campolina, Isabela da Silva Nascimento, Larissa de Oliveira Rios Pereira Santos, Mayara Motta Herdy e Virgínia Carollo da Costa Dias
-
- 16. A APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA EM UMA TURMA DE PRÉ-VESTIBULAR COMUNITÁRIO: ENVOLVENDO OS ALUNOS PARA UMA LEITURA CRÍTICA DO MUNDO SOCIAL**
Isabel Cristina Rangel Moraes Bezerra (UERJ), Leandro Bonin (UERJ) e Bárbara de Almeida Sapucaia (UERJ)
-
- 17. ENSINO DE INGLÊS PARA CRIANÇAS E FORMAÇÃO DOCENTE: O DESAFIO DE ENSINAR LÍNGUA COMO FERRAMENTA DE AÇÃO SOCIAL**
Isabel Cristina Rangel Moraes Bezerra (UERJ) e Thaís Pereira da Silva (UERJ - CETREINA)
-
- 18. APRENDIZAGEM DE IDIOMAS NA TERCEIRA IDADE: MUITO ALÉM DE UM PASSATEMPO**
Janaina da Silva Cardoso (UERJ), Ana Karoline de Araújo Gonçalves Ribas (UERJ), Karen Costa da Silva (UERJ), Nathalia Araújo Duarte de Gouvea (UERJ) e Soraia Cristiana de Souza Costa (UERJ)
-
- 19. AS IMPLICAÇÕES DO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LIBRAS: UM ESTUDO DE CASO.**
Camila Kate (Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu)
-
- 20. O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO MUNÍCIPIO DO RIO DE JANEIRO – UMA ANÁLISE CRÍTICA DO MATERIAL DIDÁTICO**
Jessica Fernandes Natarelli da Cruz (PIBID CAPES/UERJ) e Ana Cecília Trindade Rebelo (PIBID CAPES/UERJ)
-
- 21. REFORMULAR É NECESSÁRIO? UM ESTUDO ACERCA DOS EMENTÁRIOS DOS CURSOS DE LINGUÍSTICA I e II DA UERJ**
Jonathan Fragozo Miranda De Oliveira (UERJ)
-
- 22. O PODER DE MANIPULAÇÃO DO EFEITO DOMINANTE NA NOTÍCIA: O CASO SANTIAGO**
Flavia Corrêa Galloulckydio (UERJ)
-

Dia 27 de novembro, quinta-feira

1ª Sessão de Pôsteres (1-34)

23. RESOLUÇÃO DE AMBIGUIDADES POR ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Karen Martins Ferreira e Thayná de Barros Pessanha

24. O QUE VOCÊ ESCREVE NO FACEBOOK? - DISSEMINANDO OS ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS PELA INTERNET

Larissa Pereira de França (SR3/UERJ)

25. METÁFORAS LITERÁRIAS DE AMOR E VIDA NAS CANÇÕES DE ANA CAROLINA

Jéssica Bárbara Teodoro Neves (UERJ) e Tânia Mara Gastão Saliés (UERJ)

26. O DESAFIO DA NORMA NÃO PADRÃO EM MATERIAIS DIDÁTICOS

Marcela da Silva Abrantes

27. A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA PRESENTE NO FOLHETO DE CORDEL *AS DUAS MULHERES VALENTES*, DE J. BORGES

Maria Taís Gomes Santiago (UFPE) e Mirandolina Alvares de Deus e Melo Neta (UFPE)

28. “TANGO DAS PRESIDÁRIAS” AUTOVITIMIZAÇÃO FEMININA À LUZ DE UMA ABORDAGEM SISTÊMICO-FUNCIONAL

Victor Santiago Sousa (PUC- Rio)

29. A IMAGEM COMO RECURSO CENTRAL PARA A ELABORAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS SURDOS

Mariana Schwantes Marinho (UERJ/FAPERJ)

30. LINGÜÍSTICA COGNITIVA: UMA INTERFACE ENTRE A METÁFORA, A METONÍMIA E A EXTENSÃO DE USO DO VERBO VIRAR NA CONSTRUÇÃO RESULTATIVA DO PORTUGUÊS

Patrícia Oliveira de Freitas (UERJ)

31. “EU SÓ VENHO POR CAUSA DAS PESSOAS E DA PROFESSORA”: REFLETINDO SOBRE A INFLUÊNCIA DO AFETO NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA

Camila Souza de Andrade (PIBIC/ UERJ) e Isabel Cristina Rangel Moraes Bezerra (UERJ)

32. ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM E TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO COMO FACILITADORES NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE IDIOMAS

Janaina da Silva Cardoso (UERJ), Anielle Silva dos Reis Barboza(UERJ/Bolsista EIC), Denise Soares da Silva (UERJ/Monitora), Karen Costa da Silva (UERJ/Monitora), Soraia Cristiana de Souza Costa (UERJ/Monitora) e Suzete Dantas Santos (UERJ/Monitora)

33. UMA NOVA VISÃO DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ROMPENDO OS LIMITES DA SALA DE AULA

Pâmela de Paula da Silva, Uelliton de Souza Santos, Dayane Felipe dos Silva, Asafe Lisboa dos Santos e Rodrigo Pereira de Souza

34. LETRAMENTOS QUEER, ORDENS DE INDEXICALIDADE E POSICIONAMENTOS INTERACIONAIS EM SALA DE AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Valéria de Rezende Pereira (IFSULDEMINAS/UNIFRAN)

Dia 28 de novembro, sexta-feira

08h -8h45	Inscrições e Entrega de Material
9h-10h20	MESA-REDONDA 45 Dimensões dos desafios da formação do professor em Letras Participantes: Kátia Tavares (UFRJ); Poliana Arantes (UERJ); Aline Thuller (Cáritas- RJ); Luiz Carlos Balga (UFRJ) Debatedora : Lúcia Deborah R. de Araújo (UERJ)
10h20- 10h30	INTERVALO
10h30 – 12h30	Sessões de Comunicações Coordenadas 116
12h30 – 13h30	Almoço
13h30 – 14h15	2ª Sessão de PÔSTERES 290
14h15 – 16h15	Sessões de Comunicações Coordenadas 183
16h15- 16h30	INTERVALO
16h30 - 17h50	Plenária 3 42 <i>Legislação linguística e formação de professores na área da surdez</i> Luis E. Behares (UdelaR)
17h50 - 18h200	Atividade Cultural
18h30 – 19h	Encerramento com sorteio de livros

Dia 28 de novembro, sexta-feira

Sessões Coordenadas

SESSÕES	TÍTULOS E COMPONENTES	SALAS
SC12	<p>Estudos de tradução II 116</p> <p>► Coord: Maria Alice Gonçalves Antunes (UERJ)</p> <p>1) Corpus de textos traduzidos por aprendizes: questões sobre sua construção e possibilidades de uso Maria Alice Gonçalves Antunes (UERJ)</p> <p>2) Entre o rascunho e a obra: tradução da poética dos rascunhos em <i>Mon coeur mis à nu</i>, de Charles Baudelaire Thiago Mattos de Oliveira (USP/FAPESP)</p> <p>3) Prática da tradução e a análise do editor: relação com a qualidade do produto final Kamilla Corrêa Loivos (UERJ)</p> <p>4) Corpora na prática tradutória: a busca por equivalentes Simone Vieira Resende (UERJ)</p>	LIDIL – Lab 1
SC13	<p>Análise do Discurso I 121</p> <p>► Coord: Silmara Dela Silva (UFF)</p> <p>1) Práticas discursivas sobre assassinato de indígenas: índio bom é índio morto? Ivanilde de Lima Barros (SECD)</p> <p>2) O sujeito jovem em dizeres sobre a maioria penal na mídia: uma análise discursiva Fernanda Cerqueira de Mello (UFF/LAS/FAPERJ) e Silmara Dela Silva (UFF/LAS/FAPERJ)</p> <p>3) Posições-sujeito em propagandas multinacionais: dizeres sobre o brasileiro na mídia Janaína Soares de Almeida Cruz (UFF/PIBIC/LAS) e Silmara Dela Silva (UFF/LAS/FAPERJ)</p> <p>4) Sujeito contemporâneo e as novas tecnologias: um olhar discursivo para a publicidade Marcos de Sá Costa (UFF/LAS/CAPES)</p>	LIDIL – Lab 2

Dia 28 de novembro, sexta-feira

Sessões Coordenadas

SC14	<p>Varição e mudança I 126</p> <p>► Coord: Valéria Chiavegatto (UERJ)</p> <ol style="list-style-type: none">Varição e prosódia nas capitais da região sul: as multifaces do rótico em coda silábica externa. Mayra Santana (UFRJ/CNPq)O apagamento do rótico em coda no Rio de Janeiro: confrontando três comunidades Ingrid da Costa Oliveira (UFRJ - PIBIC)Cancelamento variável do rótico em coda silábica em três comunidades Vitor Gabriel Caldas (UFRJ - PIBIC)Apagamento do r em coda silábica final e medial: João Pessoa e Teresina em contraste Aline de Jesus Farias Oliveira (UFRJ/FAPERJ)O rotacismo no falar dos municípios de Lapa e Morretes Tamires Alves Sanchez (UEL/CAPEs)	Sala 11.038
SC15	<p>Aspectos contemporâneos em Análise Semiolinguística do Discurso ... 132</p> <p>► Coord: Patrícia Ferreira Neves Ribeiro (UFF)</p> <ol style="list-style-type: none">Conversa pra pai dormir: fórmulas alteradas na expressão de imaginários sociodiscursivos Patrícia Ferreira Neves Ribeiro (UFF)Depois vai pro Ratinho fazer DNA: uma leitura semiolinguística do sensacional sensacionalista Camilla Ramalho Duarte (UFF/CAPEs)Entre o popular e o populista: os efeitos de patemização em notícias jornalísticas Caroline Lourenço Monteiro (UFF)De ovelha a lobo: efeitos discursivos da construção do <i>ethos</i> do aluno em charges sobre a educação de ontem e de hoje Eveline Coelho Cardoso (UFF)A Rita levou meu sorriso: o imaginário discursivo na temática feminina da obra de Chico Buarque Graziela Borguignon Mota (UFF)	LIDIL – Lab 3

Dia 28 de novembro, sexta-feira

Sessões Coordenadas

SC16	<p>Surdez: linguagem e ensino 138</p> <p>▶ Coord: Isabel Cristina Rodrigues (UERJ)</p> <p>1) Análise documental das políticas linguísticas acerca da língua de sinais brasileira na primeira década do século XXI: a inscrição do ethos coletivo surdo nos dispositivos legais Renato Messias Ferreira Calixto (IFRJ)</p> <p>2) Surdez, letramento e ensino/aprendizagem da língua estrangeira – uma abordagem em contexto Juliana Rodrigues de Castro (UFRJ /CPII)</p> <p>3) Libras e português no letramento de surdos e ouvintes: a experiência do sarau bilíngue Daniele Barboza Moura (INES)</p> <p>4) Representações discursivas da língua de sinais e dos surdos por alunos da disciplina Libras Elissandra Lourenço Perse (PMAR/UERJ)</p>	LIDIL – Lab 4
SC17	<p>Linguística Cognitiva I 143</p> <p>▶ Coord: Neusa Salim Miranda (UFJF)</p> <p>1) Mudança fictiva em corpus de fala espontânea do pb Luciana Andrade Paula (UFJF/BIC), Márcia de Paula Andrade (UFJF/BIC), Carolina Otaviano do Carmo (UFJF) e Luiz Fernando Matos Rocha (UFJF)</p> <p>2) Neologismo e cognição: uma análise da produção lexical de adolescentes Ana Paula Ferreira</p> <p>3) Uma aprendizagem significativa de leitura em língua inglesa – aportes de uma teoria da leitura e da linguagem Cibele Daher Botelho Monteiro (IFF)</p> <p>4) Uma abordagem construcionista da morfologia derivacional: o caso da construção superlativa prefixal Anna Carolina Ferreira Carrara (UFJF) e Neusa Salim Miranda (UFJF)</p> <p>5) Ponto de vista e <i>construal</i>: uma abordagem cognitivista dos déicticos “nós” e “a gente” Viviane da Fonseca Moura Fontes (UFRJ)</p>	LIDIL – Lab 5

Dia 28 de novembro, sexta-feira

Sessões Coordenadas

SC18	<p>Estudos fonéticos 149</p> <p>► Coord: Tânia Clemente de Souza (UFRJ)</p> <p>1) Pistas duracionais para o fraseamento prosódico nas perguntas de confirmação (“né?/não é?”) no PB Alan de Sousa Motta (UFRJ/CNPq)</p> <p>2) Qualidade vocálica e coarticulação perseveratória: uma investigação acústica Dyuana Darck Santos Brito (UESB/CNPq), Maria das Graças Amaral de Souza (UESB), Vera Pacheco (UESB) e Mirian Oliveira (UESB)</p> <p>3) Análise sociolinguística do r em coda silábica externa: confrontando vozes masculinas e femininas na música popular brasileira Karilene da Silva Xavier (UFRJ/CAPES)</p> <p>4) Ditongos fonéticos lexicais do português indígena mbyá guaraní sob a perspectiva da teoria da otimalidade Lilian Cid Nelson Ribeiro da Silva (UFRJ) e Jaqueline dos Santos Peixoto (UFRJ)</p> <p>5) Aspectos da variação intralinguística na produção do -s em coda de falantes de Campos dos Goytacazes Eduarda Araújo da Silva (UFRJ) e Jaqueline dos Santos Peixoto (UFRJ)</p>	Miniauditório Prodocência
SC19	<p>Estudos do texto II 155</p> <p>► Coord: Ilana da Silva Rebello Viegas (UFF)</p> <p>1) A arquitetura das políticas de escrita na escola: portas-onde ou portas-contras? Keyla Silva Rabêlo (IFBA)</p> <p>2) O texto e suas múltiplas possibilidades de leitura: pressupostos e subentendidos Ilana da Silva Rebello Viegas (UFF)</p> <p>3) Produção de sentidos a partir da seleção lexical de capas de jornais Gesseldo de Brito Freire (UERJ)</p> <p>4) O conhecimento de mundo e o não verbal na leitura de charges nas aulas de língua estrangeira Andrea Galvão de Carvalho (UFRJ/UERJ/Estácio de Sá/EPS)</p> <p>5) O que dizem os astros? Uma análise da modalização epistêmica do gênero horóscopo Tatiana Jardim Gonçalves (SEEDUC-RJ/UFF)</p>	RAV 114

Dia 28 de novembro, sexta-feira

Sessões Coordenadas

SC20	<p>Linguística Aplicada: questões de ensino 161</p> <p>► Coord: Poliana Arantes (UERJ)</p> <p>1) Ensino de língua materna: das práticas com a linguagem à reflexão sobre a linguagem Marcus Vinícius Brotto de Almeida (IFRJ/UFRJ)</p> <p>2) O ensino da língua portuguesa nas escolas públicas do estado do Rio de Janeiro: prescritivo ou produtivo? Vanessa Souza da Silva (UERJ)</p> <p>3) Criação e crítica de materiais didáticos de italiano: (re)significação e (re)construção da abordagem comunicativa Jefferson Evaristo do Nascimento Silva (UFRJ/CNPq)</p> <p>4) O afeto no processo de ensino-aprendizagem Juliana Gomes Miranda (UERJ), Tatiane Alves Pereira dos Santos (UERJ) e Viviane dos Santos Cavalcanti (UERJ)</p> <p>5) As dificuldades linguísticas e culturais segundo graduandos do <i>Ciência sem Fronteiras</i> em contexto de imersão Ana Cecília Fernández dos Santos (UFSCAR/PIBIC/CNPq) e Rita de Cássia Barbirato Thomaz de Moraes (UFSCAR)</p>	RAV 112
SC21	<p>Interação em contextos institucionais I 167</p> <p>► Coord: Paulo Cortes Gago (UFJF)</p> <p>1) Os papéis híbridos desempenhados pelo inspetor de polícia nos interrogatórios policiais da delegacia de repressão a crimes contra a mulher Priscila Júlio Guedes Pinto (UFJF) e Paulo Cortes Gago (UFJF)</p> <p>2) Proximidade e distanciamento no trabalho policial em uma comunidade pacificada Amanda Dinucci Almeida (PUC-Rio/CAPES)</p> <p>3) A fala-em-interação institucional de repórteres aéreos e locutores de rádio do Rio de Janeiro Marco Aurélio Silva Souza (PUC-Rio), Liliana Cabral Bastos (PUC-Rio), Maria das Graças Dias Pereira (PUC-Rio)</p> <p>4) Construções identitárias em contextos institucionais – o caso de uma interação médico-paciente em um ambulatório de atendimento a adolescentes Etyelle Pinheiro de Araújo (PUC-Rio/CAPES)</p>	Auditório Bloco D

Dia 28 de novembro, sexta-feira

Sessões Coordenadas

SC22	<p>Estudos Diacrônicos 172</p> <p>► Coord: Ricardo Lima (UERJ)</p> <ol style="list-style-type: none">1) A ordem VS/SV em interrogativas-q: um estudo diacrônico em peças teatrais brasileiras e portuguesas Mayara Nicolau de Paula (UFRJ/CNPq)2) Uma viagem no tempo: o estudo da ordem do sujeito nas passivas em textos de portugueses nascidos entre os séculos XVI e XIX Elaine Alves Santos Melo (UFRJ/CNPq/CAPES)3) Para além do linguístico: uma análise social da posição do sujeito em cartas pessoais dos séculos XIX e XX Stephanie Valle de Souza (UFRJ/CAPES)4) A 1ª pessoa do plural do PB em cartas da década de 1930 Karen Pereira Fernandes de Souza (UFRJ/CNPq)	11.119 F
SC23	<p>Análise Crítica do Discurso 177</p> <p>► Coord: Tania Shepherd (UERJ)</p> <ol style="list-style-type: none">1) Construções ideológicas na escrita escolar: hegemonias e apagamentos Adriana Nogueira Accioly Nóbrega (PUC-Rio) e Adriana Rodrigues de Abreu (PUC-Rio)2) Discurso da educação fiscal: uma mudança social? Ismael Andrade Santos (UERJ)3) Ficção científica nacional no Brasil pós-ditadura: o discurso distópico em <i>Feliz natal, vinte bilhões</i> (1989) de H. V. Flory Vitor Vieira Ferreira (UFRJ/CAPES)4) Vídeo games, aprendizagem, gênero e raça Daniel de Agustinis Silva (UFRJ)5) Um homem gay, uma mulher lésbica e a fé cristã: conflitos e negociações de identidade em narrativas de vida de membros do grupo diversidade católica Murilo Silva de Araújo (UFRJ)	Salão Nobre

Dia 28 de novembro, sexta-feira

2ª Sessão de Pôsteres (35-71)

p. 290

35. QUANDO O ERRADO ESTÁ CERTO! UM EXPERIMENTO SOCIOLINGÜÍSTICO

Thayane Verçosa da Silva (UERJ/SRJ)

36. RELAÇÕES SOCIAIS NA LINGÜÍSTICA: UM ESTUDO SOBRE POLÍTICAS EM LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS

Thiago de Souza Andrade (UERJ)

37. A SEMÂNTICA DE FRAMES NA ANÁLISE DO DISCURSO DISCENTE – MARCADORES DE SUCESSO EM UM PROJETO ESCOLAR DE DRAMATURGIA

Carolina Alves Fonseca (PPGL – UFJF / CAPES-CNJ), Carla Dominique Scárdua de Oliveira (UFJF / BIC / FAPEMIG) e Neusa Salim Miranda (Pós-Doutora / PPG Linguística - UFJF)

38. DA PALAVRA PARA IMAGEM: ROTEIRO CINEMATOGRAFICO É LITERATURA?

Francisco Malta (UERJ)

39. DISSERTAÇÃO NÃO É PSICOGRAFIA. É PRECISO PLANEJAR

Hélia Coelho Mello Cunha (IFF)

40. ANÁLISE DA LINGUAGEM VERBO VISUAL DO PORTAL *ÍNDIOS ONLINE* À LUZ DA TEORIA DA MISTIÇAGEM

Camila Alves Oliveira (UESC/CAPES)

41. UMA ANÁLISE SEMIOLINGÜÍSTICA DO ENSINO DE LEITURA VEICULADO PELA *REVISTA NOVA ESCOLA* (2010-2012)

Anabel Medeiros de Azerêdo (UFF)

42. A SEMÂNTICA DE FRAMES E O PERFIL DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA

Juliana Bitarelli Viana Ponciano (PROBIC/FAPEMIG/UFJF), Amanda Cristina Testa Siqueira (UFJF) e Neusa Salim Miranda (UFJF)

43. O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA SOB O OLHAR DE ALFABETIZADORAS EM PROCESSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA

Carmen R. G. Ferreira (UFPEl/CAPES/OBEDUC/PACTO) e Rosiani Machado (UFPEl)

44. ESPANHOL: LÍNGUA PLURICÊNTRICA?

Thábata Christina Gomes de Lima (UFF/CAPES)

45. O DESAFIO DA UTILIZAÇÃO DE CORPORA ELETRÔNICOS E FERRAMENTAS COMPUTACIONAIS NA BUSCA DE CONSTRUÇÕES SUPERLATIVAS MORFOLÓGICAS DO PORTUGUÊS

Leila Cruz Magalhães (UFJF/CNPq/PIBIC) e Pilar Silveira Mattos (UFJF/CNPq/PIBIC)

Dia 28 de novembro, sexta-feira

2ª Sessão de Pôsteres (35-71)

46. ESTRATÉGIAS DE COMPREENSÃO DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS POR NÃO NATIVOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Vicente de Paula da Silva Martins (UVA)

47. A LINGUAGEM NONSENSE DE EDWARD GOREY EM SEU POEMA: *THE WUGGLY UMP* (1972)

Angelica Micoanski (UFSC)

48. A EDUCAÇÃO COMO PRODUTO A SER COMERCIALIZADO

Raíza Leonídio Neves dos Santos (UERJ/CNPq)

49. O VOCÁBULO *NÃO* E QUEDA DO HÍFEN: DE PREFIXO A PSEUDOPREFIXO

Thiago Soares de Oliveira (UENF/CAPES)

50. A LÍNGUA ITALIANA SOBRE INFLUÊNCIA DA RÁDIO E DA TELEVISÃO

Vitor da Cunha Gomes (UFRJ/CAPES), Luciana de Genova (UFRJ/CAPES)

51. VERBO-VISUALIDADE E ENCENAÇÃO DESCRITIVA NO MANGÁ DE MAURÍCIO DE SOUSA

Glacy Kelli Reis da Silva Xavier (UFF/CPII/CAPES)

52. ORGULHO DE SER CAIPIRA: PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO DO SUJEITO CAIPIRA EM MÚSICAS SERTANEJAS

Maciel Francisco dos Santos (UNIVÁS/FAPEMIG)

53. ASPECTOS ENUNCIATIVO-DISCURSIVOS DA ORALIDADE DE UM SUJEITO AFÁSICO

Raiane Silva Souza (UESB), Nirvana Ferraz Santos Sampaio (UESB) e Lucélia Teixeira Santos Santana (UESB)

54. ENCADEAMENTO REFERENCIAL COMO ESTRATÉGIA DISCURSIVA – UMA ANÁLISE DE TEXTOS ARGUMENTATIVOS DE ALUNOS DE PERIFERIA

Sílvia Adélia Henrique Guimarães (UERJ)

55. ESTRATÉGIAS DE LINGUAGEM NA DOENÇA DE ALZHEIMER

Kátia Fernandes Bernardo (UESB/CAPES), Tâmilis Paiva Novaes (UESB) e Nirvana Ferraz Santos Sampaio (UESB)

56. PERFORMANCES DISCURSIVAS E PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO E LIDERANÇA DE UMA EXECUTIVA

Adriana Faria de Alcântara Dias (Colégio Imaculada Conceição/UNIFRAN).

57. A PERSPECTIVA DIALÓGICA COMO PROPOSTA PARA O ENSINO DO GÊNERO TEXTUAL *ABSTRACT*

Cintia Paula Santos da Silva (UFGD/FUNDECT)

Dia 28 de novembro, sexta-feira

2ª Sessão de Pôsteres (35-71)

-
- 58. A INTER-RELAÇÃO ENTRE REFERENCIALIDADE E CONSTITUIÇÃO INTERNA DO SNTÓPICO NA TRAJETÓRIA DAS TOPICALIZAÇÕES NO PORTUGUÊS EUROPEU**
Mariana Delesderrier da Silva (UFRJ/FAPERJ)
-
- 59. CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS EM MANCHETES DE JORNAL: ESTRATÉGIAS DE ARGUMENTAÇÃO E INTENCIONALIDADE**
Ana Lúcia Esteves dos Santos (UFMG/PUC Minas) e Eliara Santana Ferreira (PUC Minas)
-
- 60. LER, ESCREVER, ORALIZAR: JUNTANDO AS PEÇAS DO “QUEBRA CABEÇA” LINGUAGEM**
Lucélia Teixeira Santos Santana (UESB), Daniela Pereira de Almeida Ruas (UESB/CNPq) e Nirvana Ferraz Santos Sampaio (UESB)
-
- 61. ENSINO DE ESCRITA E RETEXTUALIZAÇÃO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS**
Viviane de Araujo Nascimento (UFRRJ/Proletras/CAPES) e Welton da Silva Cordeiro (UFRRJ/Proletras/CAPES)
-
- 62. A FUNCIONALIDADE DA LINGUISTICA DE CORPUS NO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: OPORTUNIDADES E DESAFIOS**
Lucas Rezende Almeida (PUC-Rio/CAPES) e Maria Cláudia de Freitas (PUC-Rio)
-
- 63. O LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS E O EXAME DE PROFICIÊNCIA CELPE-BRAS: UMA PROPOSTA DE ADAPTAÇÃO DE ATIVIDADES**
Ana Cecília Trindade Rebelo (UERJ)
-
- 64. ALTERAÇÕES PROSÓDICAS NA FALA DISÁRTICA**
Daniela Pereira de Almeida Ruas (UESB/CAPES), Lucélia Teixeira Santos Santana (UESB/FAPESB) e Nirvana Ferraz Santos Sampaio (UESB)
-
- 65. A SELEÇÃO LEXICOGRAMATICAL EM MANCHETES E LEADS NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES**
Fátima Marinho Fabrício Monteiro (PUC-Rio)
-
- 66. O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA ESP DENTRO DO PROJETO PIBID-FEUC**
Renata de Souza Gomes (FIC/CAPES), Daniele Brant de Moraes (FIC/CAPES), Jaqueline Batista da Silva (FIC/CAPES), Maria Cristina Diogo Victorino de Azevedo (FIC/CAPES), Tamires Nunes da Silva (FIC/CAPES) e Vanessa Rodrigues de Souza (FIC/CAPES)
-
- 67. RESIGNIFICAÇÃO DISCURSIVA: A SUPREMACIA DA VOZ DE AUTORIDADE EM REDAÇÕES DE VESTIBULAR**
Douglas Mendes Ornellas (UERJ/FFP) e Jamilly Moraes Silva (UERJ/FFP)
-

Dia 28 de novembro, sexta-feira

2ª Sessão de Pôsteres (35-71)

68. "O QUE É SER BRASILEIRO": UMA ANÁLISE DO DISCURSO PUBLICITÁRIO NA COPA DO MUNDO 2014

Paula Gomes de Farias Soares (UFF)

69. AFORIZAÇÃO COMO MECANISMO DE CONSTRUÇÃO DE IMAGENS DE ENUNCIADOR EM MANCHETES DO JORNAL MEIA HORA: UM ESTUDO DISCURSIVO

Rodrigo da Silva Campos (UERJ)

70. AS PERFORMANCES IDENTITÁRIAS DE UMA BIBLIOTECÁRIA NEGRA EM SEU CONTEXTO DE TRABALHO

Romilda Pinto da Silveira Ramos (IFSULDEMINAS/UNIFRAN)

71. CONSTRUÇÃO DE MUDANÇA DE ESTADO FORÇADA: UM ESTUDO COM BASE NA GRAMÁTICA DAS CONSTRUÇÕES E NO MODELO DE DINÂMICA DE FORÇAS

Fernanda da Silva Ribeiro (UFRRJ/FAPERJ)

Dia 28 de novembro, sexta-feira

Sessões Coordenadas

SESSÕES	TÍTULOS E COMPONENTES	SALAS
SC24	<p>Análise do discurso II 183</p> <p>► Coord: Décio Rocha (UERJ)</p> <p>1) Formas da sexualidade em contraponto: a constituição do sujeito normal e anormal na imprensa feminista Juliane de Araujo Gonzaga (UNESP-Araraquara)</p> <p>2) Pressuposição e dispositivo de normalização no discurso heterossexual masculino Luiz Felipe Andrade Silva (UERJ/CAPES)</p> <p>3) A construção discursiva do Brasil nas narrativas portuguesas publicadas nas coletâneas <i>The principal navigations</i> e <i>Purchas his pilgrimes</i> Bianca Dorothéa Batista (UFRJ)</p> <p>4) Formas linguísticas e estereótipos: o Brasil em guias de viagem em língua alemã Pedro Junqueira de Figueiredo (USP/CAPES)</p> <p>5) Os manuais do professor de ELE no Brasil Raabe Costa Alves Oliveira (IFRJ- Campus Paracambi)</p>	LIDIL – Lab 1
SC25	<p>Discurso, mídia e gramática 189</p> <p>► Coord: Eliana de Almeida (UNEMAT/UFF)</p> <p>1) O conceito de formação discursiva para a análise do discurso sobre o ensino de língua materna Ronaldo Adriano Freitas (IFF/UFF)</p> <p>2) Amor e arte: do tema ao acontecimento discursivo Atilio Catosso Salles (PG/UNIVÁS/FAPEMIG)</p> <p>3) A imagem no discurso jornalístico Fernanda Luzia Lunkes (UFF/PNPD-CAPES)</p> <p>4) Sobre o efeito de pré-construído do nome <i>gramática</i>: uma tensão entre memória e atualidade Juciele Pereira Dias (UFF/LAS/CAPES-PNPD)</p>	LIDIL – Lab 2

Dia 28 de novembro, sexta-feira

Sessões Coordenadas

SC26	<p>Varição e Mudança II 194</p> <p>► Coord: Valéria Chiavegatto (UERJ)</p> <p>1) A vocalização da lateral palatal [λ] > [j] no falar da comunidade de Cáceres no Alto Pantanal de Mato Grosso Jocineide Macedo Karim (EMAT/FAPEMAT) e Taisir Mahmudo Karim (EMAT/FAPEMAT)</p> <p>2) Alçamento das vogais médias pretônicas Sílvia Carolina Gomes de Souza (UFRJ)</p> <p>3) Análise lexical de um processo de alçamento das vogais médias pretônicas: um olhar sobre Nova Iguaçu Anna Carolina da Costa Avelheda (UFRJ)</p> <p>4) Estudo comparativo do vocalismo pretônico do português brasileiro e europeu: as posteriores Eliete Figueira Batista da Silveira (UFRJ)</p>	Miniauditório Prodência
SC27	<p>Linguística Cognitiva II 198</p> <p>► Coord: Janine Pimentel (PUC-RIO)</p> <p>1) Duas metodologias no trabalho terminológico: estudo contrastivo com base no conceito de cessar-fogo Sérgio Barros (Universidade Nova de Lisboa) e Janine Pimentel (PUC-RIO/PNPD-CAPES)</p> <p>2) O tratamento de metonímias em recursos lexicais eletrônicos: uma abordagem à luz da semântica de frames Maucha Andrade Gamonal (UFJF/CAPES) e Tiago Timponi Torrent (UFJF/CAPES)</p> <p>3) As relações semânticas no dicionário COPA_2014 FRAMENET Brasil Daniela Simões Gomes (UFJF) e Maucha Andrade Gamonal (UFJF/CAPES)</p> <p>4) A conceptualização da ansiedade analisada pela descrição de modelos cognitivos Daniel Felix da Costa Júnior (UFF)</p> <p>5) A construção binominal de quantificação indefinida: uma abordagem construcionista Tatiane Silva Tavares (UFJF) e Thais Fernandes Sampaio (UFJF)</p>	LIDIL – Lab 3

Dia 28 de novembro, sexta-feira

Sessões Coordenadas

SC28	<p>Níveis de análise linguística 204</p> <p>► Coord: Vânia Dutra (UERJ)</p> <p>1) Uso variável do presente do subjuntivo: análise de testes sociolinguísticos realizados com alunos dos ensinos Fundamental e Médio Idrissa Ribeiro Novo (UFF)</p> <p>2) A atuação de princípios funcionalistas no fenômeno da concordância nominal Mara Pereira Mariano (UFRJ)</p> <p>3) Discutindo o estatuto morfológico do formativo agro- Neide Higino da Silva (UFRJ)</p> <p>4) Brevíssimo estudo sobre flutuação dos modos indicativo e subjuntivo em orações iniciadas pelo advérbio talvez Juliana da Silva Neto (PUC-Rio/CAPES/PROSUP) e Maria Claudia de Freitas (PUC-Rio/CAPES/PROSUP)</p> <p>5) Difusão e condicionamento neogramático em verbos: dados do Rio de Janeiro Bruna Guimarães Carpinteiro (UFRJ)</p>	LIDIL – Lab 4
SC29	<p>Práticas socioculturais e sociolinguísticas – novos estudos de letramento 211</p> <p>► Coord: Marcos Luiz Wiedemer (UERJ-FFP)</p> <p>1) Da comunidade de fala à comunidade de prática (discursiva): explorando a relação entre as práticas sociolinguísticas, socioculturais e os novos estudos de letramento Marcos Luiz Wiedemer (UERJ)</p> <p>2) Ler e escrever para quê? Sentidos do letramento escolar para adolescentes em conflito com a lei Márcia Lisbôa Costa de Oliveira (UERJ)</p> <p>3) Sentidos do letramento escolar: padrões institucionais da escrita em redações de vestibular Victoria Wilson (UERJ/FFP)</p> <p>4) O papel de uma escola especial em relação ao ensino da língua portuguesa para alunos surdos no ensino fundamental Valéria Campos Muniz (INES)</p> <p>5) Questões de leitura de língua inglesa: considerações acerca da multimodalidade no ENEM e em dois livros didáticos Anna Raphaela de Lima Marengo (UFCG) e Marco Antonio Margarido Costa (UFCG)</p>	LIDIL – Lab 5

Dia 28 de novembro, sexta-feira

Sessões Coordenadas

SC30	<p>Linguística Aplicada: questões de ensino de LE 217</p> <p>► Coord: Janaina Cardoso (UERJ)</p> <ol style="list-style-type: none">Inglês em escolas públicas de Juiz de Fora – MG: investigação em dois cenários Marina Silva Maximiano (UFJF) e Ana Cláudia Peters Salgado (UFJF)“Sometimes it’s hard to find the words to say”: estimulando o pensamento crítico e a responsabilidade democrática em sala de aula de língua adicional Aline de Mattos Esteves (UFRJ), Flavia Moreno de Marco (UFRJ/CAPES) e Marina Mello de M. Felix de Souza (UFRJ)Inglês para terceira idade: investigando o contexto UNATI/UERJ Paulo Roberto de Lima Lopes (UERJ)Uma ação político-linguística para o ensino de LE: educação bilíngue no município do Rio de Janeiro Carla Mirelle de Oliveira Matos Lisboa (UFF) e Marina Mello de M. Felix de Souza (UFF)Ensino de leitura em língua estrangeira: uma perspectiva sociointeracionista Daniele Marques de Lima (CMRJ) e Rafaela Tuyane Pereira Pinheiro (UERJ)	11.038 F
SC31	<p>Estudos Diacrônicos II 223</p> <p>► Coord: Mônica Tavares Orsini (UFRJ)</p> <ol style="list-style-type: none">A representação do sujeito de referência definida em peças brasileiras e portuguesas: um estudo diacrônico Gabriela Costa Mourão (UFRJ)As construções de tópico marcado no português europeu: um estudo diacrônico Mônica Tavares Orsini (UFRJ)Verbos auxiliares do tempo composto em peças cariocas: um estudo diacrônico Mônica de Azevedo Rodrigues Paulo (UERJ/CAPES)A ordem VS em sentenças com verbos não inacusativos em peças cariocas: um estudo diacrônico Thayane Santos Antunes (UERJ)A expressão da modalidade em peças cariocas: um estudo diacrônico Evelin Azambuja Augusto (UFRJ/CNPq)	RAV 114

Dia 28 de novembro, sexta-feira

Sessões Coordenadas

SC32	<p>Funcionalismo II 229</p> <p>► Coord: Ebal Bolacio (UERJ)</p> <p>1) Abordagem construcional da gramaticalização de orações encaixadas subjetivas Marcela Zambolim de Moura (UFJF) e Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda (UFJF)</p> <p>2) Construcionalização gramatical de “foi quando” como conector Alexsandra Ferreira da Silva (UFF)</p> <p>3) A construcionalização lexical de SNLoc no português contemporâneo Milena Torres de Aguiar (UFF/CNPq)</p> <p>4) Processos de criação lexical na gíria juvenil do Peru: uma abordagem multisistêmica Thayssa Taranto Ramírez (UFF)</p>	RAV 112
SC33	<p>Interação em contextos institucionais II 234</p> <p>► Coord: Amitza Torres Vieira (UFJF)</p> <p>1) Evidência formal: estratégia argumentativa na defesa de pontos de vista em audiências no PROCON Mônika Miranda de Oliveira (UFJF) e Amitza Torres Vieira (UFJF)</p> <p>2) Papéis de atividade em uma audiência de conciliação no PROCON Ana Paula Cristina da Silva (UFJF) e Amitza Torres Vieira (UFJF)</p> <p>3) A força persuasiva da ameaça na disputa argumentativa em audiências de conciliação Rogéria Tarocco dos Santos (UFJF) e Amitza Torres Vieira (UFJF)</p> <p>4) Movimentos argumentativos de avaliação na fala dos participantes em audiências de conciliação no PROCON Sarah Matos Rocha Mesquita (UFJF) e Antonio Carlos Pereira (UFJF)</p> <p>5) Convenções de transcrição: uma proposta para a realização de pesquisa com dados de fala-em-interação Thiago Vieira Gomes da Silva (UFJF), Michele Penna Macedo da Cruz (UFJF) e Ana Carla Machado (UFJF)</p>	Auditório Bloco D

Dia 28 de novembro, sexta-feira

Sessões Coordenadas

SC34	<p>Crenças e narrativas II 240</p> <p>► Coord: Gabriela Marques-Schäfer (UERJ)</p> <p>1) Paisagens identitárias de professoras de inglês da rede municipal do Rio de Janeiro: um estudo de práticas narrativas e avaliativas Thamiris Oliveira de Araújo (PUC-Rio/CAPES)</p> <p>2) Transporte público: o extraordinário no cotidiano do grande obeso Claudia Almada Gavina da Cruz (PUC-Rio)</p> <p>3) ‘Oficina da bronca’: explorando afinidades entre a prática exploratória e a filosofia wittgensteiniana de linguagem Cristiane Pereira Cerdera (CPII/PUC-RIO)</p> <p>4) “Acima de tudo eu sou professora, educadora, e posso mostrar para eles que eu faço com muito amor”: um estudo das representações do professor de inglês sobre seu fazer por meio do Sistema de Avaliatividade Viviane Carlos de Oliveira Tavares Campos (UERJ/CPII)</p> <p>5) Construção de narrativas em oficinas de produção textual: estudo de variáveis contextuais e traços linguísticos Douglas Moraes Machado (UFSM-PROBIC/Fapergs) e Cristiane Fuzer (UFSM)</p>	Salão Nobre
-------------	--	--------------------

Plenárias

PLENÁRIA I

Léxico e gramática, léxico como gramática: uma olhar cognitivista

Maria Lúcia leitão de Almeida (UFRJ/NEMP)

Nessa apresentação, defenderemos a ideia de que a separação do léxico dos outros componentes de gramática só pode ser mantida por fronteiras traçadas artificialmente. Para tal, levaremos em conta não só o item vocabular (bolsa) isolado como também expressões idiomáticas (como ‘dar o braço a torcer’), grupos de palavras que ocorrem juntas (‘uma [bebida] cai bem; “dentro em breve” “daqui pra frente”) bem como provérbios (quem X, (logo) Y) até sentenças (como as de movimento causada) para evidenciar que há padrões cognitivos que instanciam essas construções, bem como os mesmo padrões permitem a produtividade lexical. Claro está que o conceito de léxico que está sendo considerado não é o de vocabulário (listas de palavras de uma língua), mas sim como um conjunto de padrões, que variam em seu nível de complexidade, padrões esses que são convencionalizados, em cada língua particular (Langacker, 2008, p16-20). Esses padrões estão refletidos em Bybee 2010 como chunks, que avança em relação ao trabalho de Langacker ao evidenciar que tais são estruturas rotinizadas e especificar como interagem a fonologia, a semântica e a sintaxe para formação desses exemplares. Talmy (2010) também converge com tal perspectiva ao estabelecer uma tipologia das línguas em função dos padrões de estruturação dos seus itens nos chamados componentes de gramática. Para ilustrar o que queremos dizer, verifique-se que a sentença em Português “eu atravessei o rio nadando” não pode ser traduzida nesses moldes. Em inglês, traduz-se como “I swam across de river”, ou seja, se o Português organiza a sua sintaxe em termos de evento e modo, o inglês apresenta outro modelo, o de evento e circunstância. Observe-se ainda que as sentenças de ambas as línguas estão condenadas à agramaticalidade se tentarmos alterar a ordenação. Então: #Eu atravessei nadando o rio” ou # I crossed the river swimming”. Finalmente, proporemos, seguindo a recomendação de Langacker (op cit) uma ordenação das unidades lexicais em termos de graus de complexidade simbólica, levando em conta sua esquematicidade.

Leitura na sociedade da informação e formação de professores: um olhar sociocognitivo

Cristina Vergnano-Junger (UERJ)

As tecnologias da informação e comunicação vêm influenciando visivelmente comportamentos e práticas de linguagem. Entramos em conduções, restaurantes, shoppings e vemos muitas pessoas teclando ágil e continuamente em seus celulares. Fazemos compras pela internet, realizamos operações bancárias on-line, enviamos um e-mail e obtemos resposta quase instantânea, relacionamo-nos com amigos exclusivamente virtuais. A sociedade na qual vivemos tem no conhecimento e na informação suas importantes “moedas de troca”. E todas essas ações dependem em grande medida da atividade leitora. Mas, que leitura é essa? O processo sofreu de fato significativa alteração em termos cognitivos? Que implicações tal cenário traz para a formação de professores que são, em última análise, formadores de leitores e orientadores na construção de conhecimento? Chamamos, inicialmente, atenção para nossa opção teórica. A perspectiva sociocognitiva, segundo o posicionamento de pesquisadores brasileiros como Koch, reconhece a relação entre os processos cognitivos, que ocorrem nas mentes dos indivíduos, e sua realidade social. Além de o contexto influenciar as seleções cognitivas, muito também é desenvolvido coletivamente e não apenas nas mentes de cada um. Cognitivamente falando, a leitura é uma atividade complexa, que envolve o acesso a diferentes conhecimentos e esquemas e o uso de várias estratégias, para cada situação. Mas também se plasma por aspectos sociais e contextuais que enriquecem as escolhas e os processos, individualizando em certa medida cada leitura. Em segundo lugar, destacamos que nossos estudos têm-nos levado a caracterizar a leitura como um processo interativo, segundo uma perspectiva multidirecional, em oposição à unidirecional. Também nos permitiram destacar a relevância dos gêneros textuais e dos suportes para a caracterização de tal atividade. No que se refere ao ensino e, por extensão, à formação dos professores, encontramos depoimentos e resultados de exames nacionais e internacionais que questionam o desempenho leitor dos jovens. Afirma-se que eles não leem, mas na prática isso é uma impossibilidade. A questão não está, então, em que não leem, mas em saber o que leem e como o fazem. Mais ainda, se a leitura é aprendida e vai muito além da etapa de alfabetização (temos que considerar o conceito de letramento), todos os aspectos intrínsecos à sua prática precisam ser analisados e discutidos, tanto pelos professores quanto pelos alunos. Em nossa apresentação, propomos apresentar esses conceitos e refletir sobre suas implicações tanto para a prática leitora em si, quanto para a formação dos docentes que a ensinarão.

PLENÁRIA II

A Formação em Letras - Língua, saberes, memória discursiva

María Teresa Celada (USP)

No atual contexto mundial, marcado pelo lugar que ocupam as línguas, fundamentalmente, como veiculares e pelo funcionamento de um processo de mercantilização que pratica uma forte redução da dimensão simbólica das mesmas em prol de uma série de sentidos que projetam o sujeito apenas como pragmático, considero importante refletir sobre determinados aspectos da formação de professores em Letras. Nessa direção, focalizarei a necessidade de pensar o funcionamento do linguístico em sua relação com o discursivo, oferecendo resistência a uma memória na qual a equivalência língua/gramática, altamente cristalizada, funciona de modo regular. Tentarei, portanto, designar quais saberes vêm junto com uma língua – inclusive, embutidos em sua forma e até em seus significantes – e como eles não precisam ser pensados apenas como gramaticais. Por fim, pensando agora no contexto mais imediato da América Latina, por ser este um espaço atravessado por um processo de (des)colonização linguística e, inclusive, por movimentos migratórios internos (de um país a outro), abordarei a necessidade de pensarmos no modo como os Estados Nacionais funcionam no que se refere às línguas. Essa série de aspectos, somados à consideração de que a relação do sujeito da linguagem na escola brasileira está fortemente marcada por um processo de colonização, levarão a expor a necessidade de pensarmos em disciplinas que, no currículo de Letras, dêem visibilidade à necessidade de pensar o político no funcionamento das línguas e das relações entre elas, fato que não tem como não afetar a constituição de seus falantes.

Educação de línguas: para além dos gêneros escolares

Dayala Paiva de Medeiros Vargens (UFF)

Nesta apresentação propõe-se ampliar reflexão sobre possíveis contribuições da perspectiva bakhtiniana (2000, 2004) no campo da educação de línguas. Busca-se estabelecer relações entre alguns conceitos e ideias veiculados na obra de Bakhtin e escolhas teórico-metodológicas que historicamente vem sendo defendidas no âmbito do ensino de línguas na Educação Básica. Para tanto, são revistados, com o olhar voltado mais propriamente para o ensino de línguas adicionais, e em consonância ao trabalho de Rojo (2007, 2008, 2009) e Rocha (2007, 2012), alguns conceitos-chave do pensamento desse filósofo da linguagem, tais como gênero discursivo, cronotopo e carnavalização. Ao refletir sobre os elos entre a concepção de linguagem dialógica e práticas do âmbito da educação, enfatiza-se a relevância da perspectiva de Bakhtin na promoção de

uma educação cidadã pautada em perspectivas transformadoras (GERALDI, 2006; ROCHA, 2012). Orientados por essa visão de linguagem e de educação, e com o intuito de propiciar efetiva aproximação a uma materialidade discursiva que institui diversos sentidos relacionados a elementos constituintes no currículo e à educação de modo mais amplo, este trabalho nos conduz às Diretrizes Curriculares da Educação Básica (BRASIL/SEB, 2010), consideradas aqui como material de pesquisa central. Como corpus complementar, recorre-se igualmente a outros documentos curriculares da esfera nacional das últimas décadas, tais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (BRASIL/SEB, 1998) e as Orientações Curriculares Nacionais (BRASIL/MEC, 2006), que serão analisados à luz dos estudos enunciativos (MAINGUENEAU, 1997, 2002) a fim de compreender sentidos - relacionados à “educação”, à “escola”, à “disciplina” e à “língua” - instituídos nas materialidades discursivas estudadas. Constitui ainda um dos objetivos desta apresentação incentivar a reflexão sobre a necessidade de reconhecimento do potencial agentivo dos alunos da Educação Básica a partir da análise de algumas propostas didáticas que se caracterizam por extrapolar os tradicionais gêneros escolares (GERALDI, 2006; ROJO, 2009; ROCHA, 2012) e, por conseguinte, por buscarem situar o aluno como protagonista na sociedade em que vive, propiciando um processo de ensino e aprendizagem fundamentado na perspectiva dos letramentos concebidos como multiplicidade de práticas (ROJO, 2007, 2008, 2009). Entende-se, neste trabalho, que essas práticas vão muito além da sala de aula tradicional e, por vezes, consegue-se ampliar o leque de saberes e valores tradicionalmente validados no espaço escolar. Palavras-chave: educação de línguas; currículo; concepção dialógica da linguagem.

PLENÁRIA III

Legislação linguística e formação de professores na área da surdez

Luiz Ernesto Behares (UdelaR)

A segunda metade do século vinte avançou na construção da legislação linguística, nos âmbitos internacionais e nacionais, e abriu as possibilidades de estabelecer direitos linguísticos. Dessa forma, as pessoas, as comunidades de falantes e as línguas, principalmente as chamadas “minoritárias”, vieram a ser representadas como titulares de direitos e obrigações. Esse campo jurídico é, ainda, um território com muitas indefinições e contradições, mas existe já uma longa tradição de reconhecimentos, tolerâncias e promoções que a maioria dos países articula conforme suas particularidades e possibilidades. A legislação linguística aplica-se em todos os espaços sociais e adota formas diversas. O reconhecimento de que as pessoas podem e devem utilizar sua língua com liberdade, ainda que essa não seja a língua

majoritária ou oficial da sociedade em que vivem, e a valorização das comunidades de falantes como titulares de direitos que se estabelecem por causa das línguas que as definem têm produzido impactos complexos sobre os sistemas educativos. Esses sistemas são, provavelmente, o âmbito no qual as implicações dos direitos linguísticos exerceram maior influência e produziram maiores mudanças. A legislação referida à surdez começou a incluir às línguas de sinais como um direito das pessoas surdas e a reconhecer a titularidade da comunidade dos surdos no exercício desse direito mais tardiamente. Muitos países estabeleceram leis e outros instrumentos jurídicos que põem ênfase nos direitos linguísticos dos surdos e de suas comunidades. Porém, essas novas definições jurídicas coexistem com outras, em geral mais antigas ou novas redefinições de construções anteriores, que remetem a surdez ao âmbito da discapacidade e da patologia médica, psicológica ou social. A educação com crianças e adolescentes surdos, pensada no passado como educação especial ou de reabilitação para uma população de discapacitados sensoriais, deve agora ser repensada em direção ao respeito, reconhecimento, tolerância e promoção da diferença linguística desses alunos, considerados como falantes de línguas de sinais e sujeitos que vivem em um contexto bilíngue, com direito ao ensino pleno. Os modelos para fazer essa conversão pedagógica são muitos, incluindo entre outros a educação monolíngue em língua de sinais, o ensino bilíngue e a inclusão nas salas de ensino regular; cada um deles conjuga, de forma explícita ou implícita, a tradição de reabilitação e as novas tendências bilíngues. Preparar professores e outros atores educativos para os tipos de educação existentes no âmbito da surdez obriga-nos a ter em conta o caráter transicional do momento em que estamos vivendo, caracterizado por impasses ainda não totalmente definidos. O intuito dessa apresentação é considerar os traços da formação de professores em sua relação com os modelos educativos que se oferecem às pessoas surdas e com as definições jurídicas que os motivam.

Mesa-redonda

DIMENSÕES DOS DESAFIOS DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR EM LETRAS

Integrantes: Kátia Tavares (UFRJ); Poliana Arantes (UERJ);

Aline Thuller (Cáritas- RJ); Luiz Carlos Balga (UFRJ)

Debatedora: Lúcia Deborah R. de Araújo (UERJ)

Formação do professor para uso das tecnologias digitais na educação

Kátia Tavares (UFRJ)

O uso crescente das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) na educação traz desafios para a formação inicial e continuada do professor. Nesta apresentação, discutem-se tais desafios e apontam-se possíveis ações de um modelo de formação docente integrada a partir da avaliação da experiência do Projeto Letras2.0/UFRJ, conduzido na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro desde 2011. O projeto, que oferece condições técnicas e pedagógicas para a oferta de disciplinas e cursos mediados pelas tecnologias digitais na modalidade *on-line* e semipresencial, proporciona formação inicial para graduandos em Letras e formação continuada para pós-graduandos e professores universitários, a fim de que possam inserir as TDIC em suas práticas pedagógicas presentes e futuras.

Reflexões sobre a formação do professor de Língua Estrangeira

Poliana Coeli Costa Arantes (UERJ)

As discussões sobre formação do professor de LE e os desafios encontrados durante tal processo mostra-se, além de heterogênea, bastante relevante, sobretudo quando se refere à definição, estruturação e reforma do currículo nos cursos de Letras. Pretende-se, portanto, propor reflexões sobre aspectos que se tornam cada vez mais centrais na referida discussão e que nos permitem analisar criticamente questões que interferem direta ou indiretamente na formação do professor de LE durante seu percurso em ambientes universitários. Tais questões serão, portanto, abordadas: reflexões sobre a escolha de materiais didáticos, elaboração e análise crítica dos suportes, ferramentas e aparatos elaborados e construídos para o uso em sala de aula, planejamento de aulas e definições de carga horária, fatores que tangenciam a avaliação e demais aspectos simbólicos que determinam o direcionamento e o engajamento político do ensino de línguas estrangeiras em território brasileiro.

O desafio do ensino da língua portuguesa para solicitantes de refúgio e refugiados no Rio de Janeiro

Aline Thuller (Cáritas- RJ)

A Cáritas/RJ, por meio de convênio com o ACNUR e o Ministério da Justiça (MJ), desenvolve ações visando **acolhimento, proteção legal e integração local** dos refugiados(as) e solicitantes de refúgio, objetivando garantir sua inserção justa e equitativa à sociedade brasileira. Devido a diversos fatores, a integração desta população não se processa de forma fácil. Dentre estes destacamos a questão do idioma, já que o processo de integração local perpassa pela necessidade de comunicação com os agentes das diferentes políticas, empregadores e a comunidade local. Daí a importância do investimento no ensino da língua portuguesa, visto que as aulas deste idioma favorecem a proteção física e a integração local dos refugiados, na medida em que os torna aptos a se comunicar (possibilitando a inclusão na rede de ensino, saúde, assistência e trabalho), possibilitando o processo de reconstrução de suas vidas, após passar por tanta violência, violação de direitos, rupturas e deslocamentos.

Professor de língua estrangeira do século XXI: transitando entre pressões e novos desafios

Luiz Carlos Balga (UFRJ)

Desde que a globalização se fez presente no cotidiano, no final do século XX, vimos aumentar as mobilidades, as trocas e as interações entre povos e culturas. O aprendizado de uma língua estrangeira tornou-se uma demanda cada vez maior e o “mercado das línguas”, segundo as concepções de Bourdieu e Calvet, expõe suas características e suas regras. Proliferam os cursos de idiomas, os testes de certificação de proficiência, a oferta desenfreada de material didático, discutem-se novas abordagens no ensino de línguas, surgem novos objetivos específicos. Como preparar o estudante de letras para enfrentar as pressões do mercado e os novos desafios da prática docente? Cabe às faculdades de letras repensar a formação profissional e intelectual do futuro professor de língua estrangeira, não esquecendo as exigências do mercado, mas se preocupando sobretudo com o desenvolvimento de sua autonomia e a reflexão crítica de suas práticas.

Sessões Coordenadas

Sessões Coordenadas

27 de novembro - 15h30 – 17h30

SESSÃO 1: FORMAÇÃO DE PROFESSORES E BACHARÉIS

Coordenadora: Isabel Cristina Rangel Moraes Bezerra (UERJ)

1) PORTUGUÊS COMO LÍNGUA NÃO-MATERNA: O ENSINO E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR

Vanessa Gomes Teixeira (UERJ)

Apesar do ensino de Português como segunda língua para falantes não nativos ser uma prática existente desde o período da Colonização, a consciência desse campo como uma área de atuação profissional acadêmico-científica é recente. Levando em conta às especificidades do processo de aprendizagem de Língua Portuguesa como uma segunda língua, tornam-se necessários, cada vez mais, estudos e pesquisas que busquem refletir sobre materiais adequados, metodologias eficientes e formação de professores, de modo que sejam atendidas as necessidades desse novo público. No entanto, mesmo com o crescimento do campo no que diz respeito ao ensino e à pesquisa, podemos notar que a formação de professores se amplia com níveis muito menores do que os necessários. Isso porque, mesmo com a conscientização profissional e científica na área, ainda há a escassez de elementos fundamentais para a especialização de professores, como a formação específica nas universidades, com disciplinas formadoras reconhecíveis, congressos e eventos específicos para essa temática, materiais didáticos que auxiliem os professores de PLMN, estudos que abordem a questão profissional e o mercado de trabalho, entre outros. De acordo com Almeida Filho (2011), o principal problema enfrentado pela área é “a falta da consciência do valor estratégico da especialidade de PLE” (ALMEIDA FILHO, 2011, p. 102). Além disso, o equívoco de que as metodologias de ensino de Português como língua estrangeira são iguais às metodologias de ensino de Português como língua materna também gera a ideia deturpada de que não há necessidade de abordagens específicas da Língua Portuguesa quando o ensino é voltado para falantes de outras línguas. Tendo em vista o exposto, o presente trabalho visa abordar questões ligadas ao processo de formação de professores de PLNM, no Brasil, no contexto de ensino para estrangeiros. Além disso, tem como objetivos gerais comparar e analisar criticamente a situação de formação de professores no período contemporâneo e, como objetivos específicos, mapear conceitos e fatos históricos relacionados à temática e descrever e analisar a grade curricular de cursos de formação de professores na área. A justificativa do trabalho se dá a partir da lacuna criada no que diz respeito a essa temática, pois, mesmo existindo muitos trabalhos sobre a formação de professores, a maioria pensa o professor de Português como língua materna ou, aqueles que

pensam a formação do professor de língua estrangeira, nem sempre deixam claro sua relação com o PLNM. Além disso, ao abordar a questão em uma perspectiva histórica, a pesquisa nos ajuda a pensar as ações formais e informais em prol da formação dos professores. Para tal objetivo, organizamos essa pesquisa em partes. Primeiramente, falaremos sobre o surgimento da consciência da área de PLNM no Brasil, discutindo as mudanças geradas a partir dessa nova consciência no que diz respeito ao ensino e às políticas linguísticas. Depois, refletiremos sobre o mercado de trabalho atual, pensando qual a formação dos professores que estão ensinando LP para estrangeiros. Por fim, faremos um panorama geral dos cursos oferecidos para professores e cursos de graduação de LP como L2 e como Língua materna, explicando suas diferenças e semelhanças e apontando possíveis novos caminhos para a área.

2) REPRESENTAÇÕES DA FRANCOFONIA: O USO E DESUSO DE LIVROS DIDÁTICOS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE FRANCÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA

Suzana Darlen dos Santos Santaroni (UFF)

Esta comunicação faz parte de um trabalho de pesquisa, em andamento, que está voltado para a observação da formação de representação social e linguística, no âmbito da francofonia, por meio do uso dos seguintes materiais didáticos: o método *Alter Ego + I*, o método *Forum II* – adotados pela UFF – e os materiais elaborados pelos professores da UFRJ. A pesquisa enquadra-se na área de Linguística Aplicada e está centrada em questões de políticas linguísticas em livros didáticos de Francês Língua Estrangeira (FLE). As abordagens de questões de representações são feitas na perspectiva da Representação Social. De acordo com Moscovici, a representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos. E, sobre representação linguística, Petitjean (2009, p. 44) afirma que “a representação linguística aparece como uma representação social verbalizada [...] ela se organiza de maneira coerente em torno de um princípio comum que aparece na característica fundamentalmente interativa da representação linguística”. Consideramos que os materiais didáticos (livros e conteúdos organizados por professores) para o ensino de LE podem funcionar como mecanismos que contribuem para a formação de representações sociais e linguísticas. Porém, não são muitas as pesquisas sobre a questão da francofonia em livros didáticos utilizados na formação de professores de FLE, o que nos estimula a modificar esse estado, transformando métodos didáticos de FLE em objeto de análise. Sabendo que a língua francesa constitui o vínculo entre os sessenta e três países que fazem parte da Organização Internacional da Francofonia e que os métodos de ensino de FLE se atêm a abordar um panorama sobre a cultura unicamente francesa, consideramos as representações dos professores sobre a língua francesa e suas sociedades elementos fundamentais para uma postura de educadores conscientes da realidade e das diversidades francófonas. Cabe-nos, então, observar e refletir se os professores são preparados e capacitados para uma abordagem da

diversidade linguística e cultural da francofonia e de que maneira, considerando as contribuições da adoção e da inadmissão de métodos didáticos. O objetivo do trabalho é refletir sobre a construção de representações da francofonia pelos professores de Francês Língua Estrangeira através do uso e do desuso de livros didáticos direcionados para o ensino de FLE e utilizados por instituições federais de ensino superior do Rio de Janeiro nos cursos de formação de professores. Queremos avaliar a importância da adoção ou da inadmissão de métodos didáticos, constatando a eficiência de cada escolha para um processo de formação de profissionais conscientes da realidade heterogênea da francofonia nos âmbitos social e linguístico. Além disso, objetivamos verificar as políticas linguísticas que englobam e promovem a formação de representações através de manuais didáticos produzidos na França e utilizados no Brasil e analisar se essas políticas estão envolvidas com a preocupação de transmitir uma francofonia que vai além do território francês. Para isso, contamos com análise dos materiais didáticos que compõem o *corpus* com base em preceitos teóricos e com experiências dos envolvidos (professores e alunos) na utilização desses materiais por meio de questionários. Este texto compreende um resumo de um projeto de pesquisa que está em fase de desenvolvimento, por isso não há resultado a ser apresentado. Por se deter nas ocorrências de políticas e representações no âmbito do manual didático utilizado em universidades para os cursos de licenciatura, a pesquisa oferece contribuições para a área de formação de professores de FLE.

3) “BENVINDOS AO CURSO DE LETRAS!” – ALUNOS, PROFESSORA E ENTENDIMENTOS SOBRE ‘ESCOLHA PROFISSIONAL’

Isabel Cristina Rangel Moraes Bezerra (UERJ)

A formação inicial do professor de inglês tem sido alvo de várias pesquisas que abarcam desde questões metodológicas à aprendizagem daquele idioma como língua franca, passando por experiências de estágio supervisionado e as ações dos próprios formadores, dentre outras questões (MELLO, 2012; EL KADRI, 2011; STUTZ, 2011; CASTRO, 2009; SZUNDI, 2009). Nesse cenário de reflexões, à medida que novas turmas se sucedem no curso de Letras em que leciono como professora de inglês e de metodologia de língua inglesa, intriga-me entender o que move muitos desses ingressantes a optar pela carreira, o que trazem ‘para’ e o que esperam ‘do’ curso universitário. Considerando o panorama da educação profissional para o professor de inglês no país, a qual tem como pano de fundo a pós-modernidade, a globalização, a intensificação do uso de tecnologias e redes sociais, as lutas de minorias por respeito, há discursos produzidos em inglês que circulam pelo mundo e que atravessam as pessoas em noticiários e em redes de veiculação de informações (Moita Lopes, 2003; Monte Mor, 2012), dentre outros, é relevante pensar a formação e a atuação daquele professor na contemporaneidade (RODRIGUES, 2014; MILLER, 2013; STURM, 2011), em especial em seu aspecto crítico (MORAES BEZERRA, 2011; PESSOA, 2011). Portanto, orientada pelos princípios éticos e pela abordagem tanto para o

ensino quanto para a pesquisa reflexiva do praticante apresentada pela Prática Exploratória [PE] (ALLWRIGHT E HANKS, 2009; MILLER, 2010), busco entender o processo de ingresso e de construção identitária profissional de meus alunos do primeiro período de língua inglesa do curso de Letras, bem como o processo de aprendizagem desse idioma em nossas aulas. Artigo a 'ação para entender' proveniente da pesquisa à 'ação para ensinar e aprender', visando o desenvolvimento mútuo e valorizando a qualidade de vida do grupo. Pelo viés da PE, aqueles aprendizes não são 'sujeitos de pesquisa', nem 'informantes', independentemente das ferramentas e atividades que forem utilizadas para o ensino e para a geração de dados. Eles se constituem em agentes do processo, 'praticantes exploratórios' tanto quanto eu, colaborando para construção conjunta de entendimentos, ao mesmo tempo que refletem sobre suas crenças (Barcelos 2006; 2010) em relação a ensinar e aprender um idioma; sobre a forma como leem o mundo social, o outro e a si mesmos nas narrativas de suas histórias de aprendizes (LINDE, 1993; GEORGAKOPOULOU, 1994, 2006; MOITA LOPES, 2006); sobre suas vivências de aprendizes na relação com afeto socioconstruído (MORAES BEZERRA, 2013; MORAES BEZERRA E NUNES, 2013) presentes e atuantes nesse novo estágio de educação formal. Todas essas questões se interligam e são passíveis de mapeamento no discurso por meio das práticas discursivas nas quais se envolvem com os colegas e com a professora, da mesma forma que por meio de suas produções acadêmicas. Em cada uma dessas instâncias, negociam sentidos sobre seu estar na universidade, seus projetos profissionais e sua visão da educação linguística em língua estrangeira, sendo objeto de análise a partir do ferramental teórico que conduz o estudo. Para o encaminhamento da aprendizagem e da geração de dados, utilizo-me de Atividades Pedagógicas com Potencial Exploratório (ALLWRIGHT E MILLER, 2002; MORAES BEZERRA, no prelo). Trata-se de atividades utilizadas cotidianamente para o ensino, as quais sofrem ligeira modificação, quando implementadas, a fim de envolver todos no processo reflexivo ao mesmo tempo em que a ação pedagógica acontece. Como decorrência dessas atividades, percebe-se um maior engajamento dos aprendizes no processo de aprender, assim como o desencadear de uma reflexão sobre ser professor mais consciente e crítica.

4) UM OLHAR SOBRE OS DOCUMENTOS PRESCRITIVOS DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS-INGLÊS DA UFRJ

Cynthia Neves Guilhon Mesquita (UFRJ/CAPES)

Ana Paula Marques Beato-Canato (UFRJ)

Apesar de ter nascido como uma disciplina voltada para os estudos sobre ensino de línguas, a Linguística Aplicada ascende hoje como uma área imensamente produtiva e Indisciplinar (MOITA LOPES, 2006), responsável pela emergência de uma série de novos campos de investigação, de novas formas de pesquisa. Dentre estas se encontra a análise de documentos prescritivos, tais como o Projeto Político Pedagógico de instituições de ensino superior, a fim de identificar

quais concepções atravessam tais documentos e como isso afeta o trabalho do professor e a formação de seus alunos. A formação do professor tem sido um tema bastante frequente nas pesquisas da área, o que revela grande preocupação dos estudiosos com o assunto. Estudar a formação do professor e seu trabalho pode contribuir para a identificação de questionamentos, problemas, bem como a construção de soluções viáveis. A presente pesquisa, vinculada ao Projeto *Concepções Subjacentes a Documentos Prescritivos de Instituições de Ensino do Rio de Janeiro*, busca investigar o Projeto de Reforma curricular da Faculdade de Letras habilitação Português-Inglês da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) a fim de identificar o perfil profissional previsto nos documentos oficiais da instituição. Para isso, utiliza como corpora de análise o Projeto Pedagógico de Organização Curricular do curso de Licenciatura em Letras de 2008 (UFRJ) e, especialmente, suas ementas curriculares. Documentos Prescritivos tais como o Projeto de Reforma Curricular e suas Ementas pertencem à esfera de documentos oficiais e prescritivos, na medida em que são produzidos por uma instância governamental a fim de orientar o trabalho. Tais textos exercem impacto na constituição do trabalho dos profissionais bem como na formação acadêmica dos alunos (QUEVEDO-CAMARGO, 2007). Além disso, consideramos currículo como um instrumento de transformação, de identidade e de poder, na medida em que privilegia um conhecimento em detrimento de outro e destaca, entre múltiplas possibilidades, uma identidade ou subjetividade como sendo a ideal. Assim, constitui-se como operações de poder (DA SILVA, 1999) e compreendê-lo podem possibilitar a identificação de interesses e conhecimentos socialmente construídos, questionamentos e a exploração do que ainda não foi construído (PASSONI ET AL, 2010, *apud* BEATO-CANATO, 2012). Os critérios empregados para a análise das ementas são os objetivos prescritos pelo projeto, com a intenção de perceber as relações estabelecidas entre o documento mais geral (Projeto) e as prescrições mais específicas (ementas). O cruzamento e a interpretação dos dados foram feitos adotando o conceito de dimensões do trabalho do professor (PLACCO, 2005) e considerando que o trabalho educacional realizado na instituição é influenciado e atravessado pelo que prescrevem os documentos oficiais. Por compreender que somos constituídos na e pela linguagem (BRONCKART, 2003) e, portanto, pelos textos aos quais temos acesso e produzimos, e por nossas interações sociais (VYGOTSKY, 1998), defendemos que os resultados da pesquisa, embora baseados exclusivamente em textos escritos e prescritivos, nos autorizam a dizer que o foco principal da formação tem recaído sobre a dimensão técnica, ou seja, contempla os conhecimentos técnico-científicos da área de atuação do professor (QUEVEDO-CAMARGO, 2007). Acreditamos que seria relevante o desenvolvimento de novos estudos, que envolvessem o corpo docente e discente da instituição a fim de identificar em que medida os documentos prescritivos são considerados no trabalho de fato realizado bem como nas expectativas e frustrações dos graduandos.

5) DIMENSÕES DA FORMAÇÃO DE BACHARÉIS EM LETRAS NOS 10 MELHORES CURSOS DO BRASIL

Aline Dahmer (UFRJ)

Ana Paula Marques Beato-Canato (UFRJ)

A presente pesquisa busca investigar as dimensões da formação de bacharéis em Letras nos dez melhores cursos de Letras do Brasil, segundo ranking de 2013, elaborado pela Folha de S. Paulo e pelo site UOL. O tema sobre a formação de bacharéis em Letras surgiu a partir da percepção de que licenciatura e bacharelado são considerados, muitas vezes, como se fossem um único curso. A decisão de estudar os cursos presentes no ranking despontou da percepção da influência de listagens dessa natureza nas escolhas feitas por futuros graduandos, bem como no mercado de trabalho. A pesquisa tomou como *corpus* documentos oficiais e procurou compreender as dimensões da formação e os diálogos estabelecidos por documentos locais com documentos nacionais. Assim, foram considerados as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN), que regem os cursos de Letras em âmbito nacional; os Projetos Político-Pedagógicos (PPP), que orientam os trabalhos dentro de cada instituição; e as ementas das disciplinas, que prescrevem o trabalho a ser desenvolvido em cada disciplina dentro de cada instituição específica. Documentos Prescritivos fazem parte dos Documentos Oficiais, na medida em que são produzidos por uma instância governamental e exercem impacto na constituição do trabalho dos profissionais (QUEVEDO-CAMARGO, 2007). Os PPP, também considerados como documentos prescritivos, têm a função de conduzir o trabalho dos integrantes no processo educativo da instituição (SAUPE; GEIB, 2000, *apud* RIOS-REGISTRO, 2010). Dado o tempo para a investigação e a quantidade de dados, foi feito um recorte e foram analisadas com profundidade as ementas e estabelecidos diálogos com os demais documentos, em uma tentativa de compreender em que medida os objetivos da formação apontados tanto nas DCN quanto nos PPP poderiam ser alcançados em um trabalho focado nas propostas das ementas. Os critérios de análise das ementas dos cursos são baseados nas dimensões estabelecidas como um conjunto de componentes que estariam em contínuo processo de coocorrência (PLACCO, 2005). Essas dimensões são divididas em: técnica, que visa os conhecimentos técnico-científicos da área de atuação; avaliativa, que objetiva a capacidade avaliativa do professor em relação aos aspectos específicos de sua prática pedagógica; ética e política, que prioriza a formação do professor quanto à ciência da educação; saberes para ensinar, que enfatiza os conhecimentos que os professores possuem sobre as finalidades e utilização dos procedimentos didáticos; formação continuada, que trabalha com a possibilidade do profissional formado buscar novas informações; crítico-reflexiva, que visa o pensar crítico sobre o nosso agir, nosso pensar e nosso sentir; estética e cultural, que objetiva a inclusão, de experiências em que o indivíduo se aproxima de sua cultura; trabalho coletivo, que visa um desenvolvimento com outros professores; da formação profissional, que visa contribuir para a formação profissional dos bacharéis em diversas áreas. (PLACCO, 2005).

Além disso, finalizada a análise, os resultados são cruzados com as DCN e os PPP, acreditando na influência das prescrições de documentos oficiais no trabalho educacional na instituição. Os resultados da pesquisa, embora baseados em textos escritos e prescritivos, permitem dizer que o foco principal da formação dos cursos analisados tem recaído sobre a dimensão técnica, ou seja, a preocupação maior é com os conhecimentos técnico-científicos da área, diferentemente do que propõem os demais documentos oficiais.

SESSÃO 2 - SUJEITO ÀS MARGENS: ESPAÇO URBANO, ESPAÇO POLÍTICO

Coordenadora: Telma Domingues da Silva (UNIVÁS)

1) DE UM BAIRRO E SEU RIO: O BARQUEIRO E A LAVADEIRA DO RIO PINHEIROS

Telma Domingues da Silva (UNIVÁS)

O interesse em pensar a questão ambiental pela relação de *significação do rio* no contexto da nossa sociedade (urbano-industrial) me levou à investigação de arquivos públicos urbanos. Nestes, os acervos fotográficos, por exemplo, permitem perceber a diversidade de sentidos em que o rio é tomado como parte do corpo das cidades. Na construção da cidade, o rio vai sendo inscrito simbolicamente em seu cotidiano pelos diferentes discursos e sujeitos urbanos: a navegação, as lavadeiras, os nadadores, as enchentes, as pontes, as obras públicas, o escoamento de dejetos... Nos acervos, o rio entra como elemento de um *discurso fotográfico sobre a cidade*, sobretudo a partir do acontecimento das enchentes e de inúmeras intervenções urbanas, realizadas ou *em virtude de* seu curso (como as pontes), ou que *incidem em* seu curso (como obras de contenção, construção de usinas e de barragens para a geração de energia etc.). O rio está presente no *arquivo urbano* (cf. Pêcheux, 1992 para a noção de arquivo) pelo seu envolvimento na “modernização”, política e ideologicamente objetivada, para a cidade. As enchentes, o transporte, a eletricidade, a condução de águas e de detritos são aí imagens (figurações), pelas quais se evoca a historicidade da relação em que tanto o meio ambiente quanto os sujeitos são significados. Pesquisas anteriores (Silva, 2010 e 2011) mostram-me ser a investigação *sobre a* memória do rio um ponto de interesse para tocar o real da *memória da cidade*, buscando em especial os elementos significantes de um processo de urbanização, em sua relação com o chamado meio ambiente, e o modo como nele os sujeitos se produzem (urbanos, caipiras, etc.). O recorte das análises aponta um caminho teórico-analítico que se delinea no sentido de compreender relações de atravessamentos entre *nomeações* e *imagens*, tanto através de fotografias como através de depoimentos. Assim, a reflexão a ser apresentada nesta

comunicação foi desencadeada pela análise de fotografias de acervos públicos e depoimentos (história oral). Tomo nesse momento elementos de um *arquivo* urbano da/ sobre a cidade de São Paulo, a partir do Rio Pinheiros, considerando como *acontecimento* (cf. a noção de *acontecimento discursivo*, Pêcheux, 1998) a obra chamada de “retificação”, que ocorre em 1940. Tal obra pública, realizada pela empresa canadense Light, vai re-significar o rio como parte da cidade, ao integrá-lo ao sistema de produção de energia elétrica. E vai destituir a população local do usufruto deste: Pinheiros naquele momento era um bairro de barqueiros e lavadeiras. A partir de uma concepção discursiva, pautamo-nos em uma “leitura de arquivo” (Pêcheux, 1992) de uma dada intervenção sobre o corpo da cidade, esta em que se transforma um curso de rio, um bairro, a cidade... Na leitura de arquivo, buscamos o embate de diferentes *memórias discursivas*. As fotografias (que envolvem o rio), sua nomeação e depoimentos orais fazem presentes nos acervos históricos urbanos determinados vozes e sujeitos. Na concepção da análise de discurso, em seu dispositivo teórico-metodológico, mostra-se a não-homogeneidade e a não-coincidência no que diz respeito à memória que produz e é produzida por uma determinada sociedade. Mesmo em seus efeitos no arquivo, através da institucionalização da memória social, verificam-se, pela abordagem discursiva, versões divergentes (cf. Orlandi, 2004 quanto a uma compreensão discursiva para “versões”), confrontos de uma voz outra para com o dizer “oficial”. Isso quer dizer, nas circulações do arquivo, contrapondo-se as diferentes formulações, encontramos, pelo discurso, as marcas do político (divisão de sentidos).

2) RACISMO E IDENTIDADE NACIONAL: DE(A)BATENDO QUESTÕES

Fabiane Jesus (UNICAMP)

Uma das participantes de um *reality show* chocou o país ao afirmar: “Eu não gostaria que a minha filha namorasse um negro... Eu vou ser sincera: eu não gostaria que ela, com 20 anos, namorasse um negro” (**Deputados repudiam declaração de participante de “No Limite”**. O Estado de S. Paulo, 20/11/2001). Ao ocupar uma posição que assume o desejo de distanciamento do “negro”, evidenciou uma postura racista. No entanto, conferimos outros artigos publicados pelo mesmo periódico (**O Estado de S. Paulo**) e por outra mídia impressa nacional representativa (**Folha de S. Paulo**) durante o período de 2001 a 2009, por se tratar de um momento histórico intensamente agitado por discussões sobre as chamadas Políticas Públicas de Ação Afirmativa. Encontramos apenas este enunciado manifestando uma posição racista de modo evidente. O que nos chamou a atenção: se vivemos em um país que ainda se debate para lidar com questões que envolvem preconceitos e discriminações, como o racismo se mostra (e se esconde)? O que se discute – e o que fica de fora da discussão? Que processos constituem determinados espaços de enunciação – e como são agenciados os lugares enunciativos? Como sujeitos (e sentidos) são constituídos? Inscrevemos nosso trabalho no quadro teórico da Análise de Discurso (em filiação a trabalhos como os de Eni Orlandi, Michel Pêcheux, Paul Henry dentre outros). Investigamos a concretização da relação entre língua

x sujeito x história materializada linguisticamente, buscando compreender como esta discussão afeta o lugar ocupado pelo “negro” no conjunto da sociedade nacional. Concordamos com Orlandi (2008): se é na *formulação que a linguagem ganha vida, que a memória se atualiza, que os sentidos se decidem, que o sujeito se mostra (e se esconde)* (p.9), é na *circulação que os dizeres são como se mostram. Os trajetos dos dizeres. E isso nos interessa pois (...) os “meios” não são nunca neutros* (p.11-2). Analisamos artigos colocados em circulação por veículos representativos da mídia impressa: a “imprensa dominante” se constitui como um lugar legitimado socialmente tanto para a configuração da agenda de debates em uma dada sociedade, quanto para a produção / circulação de discursos formadores de opinião. E, consonância com Mariani (2006, p.31), também entendemos que a mídia é uma *instituição regulada pelo Estado, mas também reguladora do Estado. Nessa relação com o Estado, a mídia é uma instituição que abrange a sociedade letrada e urbana, agendando para os sujeitos leitores o que ler, fazer, comer, pensar, agir, criticar etc. Está em jogo nos modos de organização dessa agenda uma padronização, uma homogeneização histórica do sujeito*. Os resultados das análises mostram que “negro” funciona como algo que “todos-já-sabem” e, ao mesmo tempo silenciam. Faz soar um ponto nevrálgico, uma memória que se tenta esquecer. A nosso ver, é justamente por conta desse silenciamento (e, ao mesmo tempo, de evitar dizer “negro”) que o racismo “vai bem, obrigado!” na perversa acepção da expressão: o abate deste debate produz um recalque que vai habitar os recônditos do inconsciente e, pois, manifestar-se em posturas que, na maior parte das vezes, não são percebidas como racistas.

3) SUJEITOS E(M) MOVIMENTO NO ESPAÇO URBANO: UMA ANÁLISE DO DISCURSO HIP HOP

Raphael de Moraes Trajano (UFF/CAPES)

As contradições sociais estabelecem para a maioria um modo de (sobre)vivência às margens do espaço urbano, submergindo vozes, impondo condições que suscitam indignação e exclusão. Em posição de combate à naturalização da indiferença, insurgem movimentos de caráter artístico-político, através dos quais o sujeito marginalizado se inscreve nos sentidos da cidade. O objetivo deste trabalho é dar visibilidade ao estágio a nossa pesquisa de doutorado, desenvolvida na Universidade Federal Fluminense (UFF), sob orientação da professora Dra. Bethania Mariani e com o apoio da CAPES. Adotando o suporte teórico-metodológico da Análise do Discurso (PÊCHEUX, 1975), analisamos funcionamentos de discursos (re)produzidos por sujeitos que, por meio da linguagem heterogênea do movimento hip hop, um instrumento de propagação da revolta e de reivindicação da dignidade, expõem indignações e exigem o acesso a direitos basilares e constitucionais, através de ultimatoss como: “respeita nós, que aqui tem voz” (BILL, 2006). Neste intento, serão abordadas, mais especificamente, as *materialidades significantes* (Lagazzi, 2010) na confrontação analítica com os discursos que constituem o clipe “O preto em movimento” (BILL, 2006b), em seus elementos sonoros (música), audiovisuais (imagens) e

linguísticos (letra de música), constituindo um objeto que move sujeitos a travar disputas de sentido. Uma das razões primordiais que marcam este interesse em e(laborar) um estudo acerca das implicações provocadas por desigualdades, segregações e luta de classes está na busca por novos entendimentos e por interpretações do social para pensá-los em atividades de trabalho e de vida. A exposição direta aos efeitos de aberrações sociais, que resultam de processos históricos de constituição, tem funcionado como motor para o desenvolvimento de pesquisas que investiguem tais problemáticas e, na medida do possível, cooperem com a formulação de reflexões teoricamente embasadas e práticas consistentes enquanto professor, pesquisador e agente social. A Análise do Discurso é um aparato teórico-metodológico que “desloca a dicotomia entre língua e fala e propõe uma relação não dicotômica entre língua e discurso” (Orlandi, 2006, p. 14), na qual língua, história e sujeito são indissociáveis. Tal referência à história é explicada por uma perspectiva materialista de análise dos efeitos das relações de classe sobre as práticas inseridas no funcionamento dos aparelhos ideológicos de dada formação econômica e social (ALTHUSSER, 1980; PÊCHEUX, 1975). Para dizer deste lugar, deve-se entender a língua/linguagem como base material de sustentação dos processos discursivos ideológicos, tendo em vista que os sentidos não estão nela nem nos sujeitos, mas na história. A entrada da política está na identificação dos processos ideológicos em jogo no discurso, através da base material (linguística, sonora, imagética). Isto traz como consequência tomar a questão dos sentidos como uma questão que não se fecha (ORLANDI, 1996), ao passo que a ilusão de transparência da linguagem e do sujeito intencional resulta de um trabalho exercido pela ideologia. Com base em tudo que está em jogo no nascimento de uma expressão tão abrangente como o hip hop, pretende-se discutir, na medida do possível, questões relativas à organização das cidades e ao processo ensino-aprendizagem em escolas das periferias urbanas. Desse modo, será possível colocar em cena mais fatores inerente ao sujeito marginalizado que canta, dança, pinta e age politicamente, significando-se como “produto do gueto” (BILL, 2006), para observar as tensões entre posições discursivas assumidas pelos que falam de lugares sociais antagonicos. Interessa a esta pesquisa, dentre outros aspectos, o que é afirmado e o que é silenciado nos imaginários que o *rapper* (re)produz de si e de seus oponentes, a partir de determinadas condições que os excitam a proferir réplicas.

4) OS (DES)LIMITES DA SIGNIFICAÇÃO DO SUJEITO TRAVESTI NO ESPAÇO DA REDE SOCIAL FACEBOOK

Lídia Noronha Pereira (UNIVÁS/FAPEMIG)

Telma Domingues da Silva (UNIVÁS)

No presente trabalho, buscamos analisar os gestos de interpretação pelos quais o sujeito se significa na sociedade como sujeito travesti. Afiliado ao campo teórico da Análise de Discurso de linhas Francesa e Brasileira, tal estudo toma como foco principal de análise o discurso

produzido pelo e sobre o corpo do sujeito travesti em uma reportagem, veiculada pelo site de relacionamento Facebook. Pensando no processo de constituição do sujeito e dos sentidos, proposto por Orlandi (2010), buscamos problematizar alguns estereótipos já cristalizados pelo senso comum, visando compreender os diferentes *gestos de interpretação* (ORLANDI, 2010) pelos quais o sujeito travesti é significado através dos comentários de usuários do site. Observa-se que tais comentários explicitam formações discursivas diversas que tenderiam ao fechamento e a redução da relação entre sujeitos na rede. Dessa forma, questionamos como o sujeito travesti é significado fora do grupo social a que pertence: em uma rede social, tomada, aqui, como parte da cidade. Compreendemos, pois, o espaço urbano/ cidade como materialidade significativa e o sujeito travesti significando como parte do corpo da cidade – e já significado (?) como (de) limite de fronteiras ideológicas, sociais e históricas no espaço urbano (ORLANDI, 2004). Com isso, tomamos não apenas o texto do verbal, mas também a textualidade do corpo enquanto materialidade significativa. Dessa maneira, partindo de tais perspectivas, ao tomarmos a reportagem como objeto de análise, percebemos que a mesma, além de abordar o resultado de uma cirurgia facial clandestina feita em um travesti norte-americano, nos remete a uma possível interpretação de exclusão e fechamento de sentidos no que tange a significação outra do corpo pelo sujeito travesti. Nesse sentido, interessou-nos em especial analisar os comentários e as fotos dos perfis de usuários do site, que são indicativas, através da internet, das formações discursivas presentes na sociedade pelas quais o travesti é tomado, interpretado, enquanto sujeito imoral, marginal etc. Foi observado que o teor dos comentários gira em torno de um simbólico religioso, familiar, moral, há muito constituído no imaginário coletivo funcionando de maneira contraditória. A insistência das negativas nos mostra uma memória instituída que toma como princípio silenciar aquilo que vai de encontro ao já instituído como normal, padrão. Vemos, através do discurso de exclusão, a memória institucionalizada que (des)significa o sujeito travesti, que o individua como um não-cidadão ou um cidadão sem direitos. Assim, mostra-se, nesse corpus analisado, que a rede é também lugar de marginalização e preconceito. Ainda, sendo o campo teórico da Análise de Discurso uma teoria de entremeios, tal trabalho toma também como base o ponto de vista da psicanálise, no que tange a sexualidade. Concebe-se, então, a questão da sexualidade Poli (2007) desvinculada dos conceitos sociais estabelecidos e a necessária separação entre o corpo físico e a mente. O trabalho de análise aqui realizado e a reflexão dele decorrente justificam a necessidade de se desconstruir estereótipos já definidos em prol de uma sociedade mais justa e igualitária. Tal estudo, então, leva em consideração as questões históricas, sociais, culturais e políticas que compõem o sujeito ideologicamente e que se materializam nas especificidades da língua de grupos sociais distintos em contextos determinados.

5) DIVERSIDADE CULTURAL: SENTIDOS PARA O DIFERENTE E O IGUAL

Diego Barbosa da Silva (UFF/CAPES/Arquivo Nacional)

Acompanhamos nestas últimas décadas o crescimento de políticas a favor a diversidade cultural. Entretanto, se por um lado, ampliam-se leis e direitos que afirmam a convivência entre culturas e expressões culturais, como, no Brasil, o Plano Nacional de Cultura (Lei nº 12.343/2010), ou mesmo a “unidade na diversidade”, lema da União Europeia; por outro lado multiplicam-se acontecimentos de hostilidades a grupos de outras culturas. Entre eles destacam-se os plebiscitos na Suíça em 2009 contra a construção de minaretes e em 2010 a favor da expulsão de imigrantes que cometeram crimes graves; a expulsão de ciganos da França, em 2010; a proibição do uso do véu islâmico em locais públicos na França em 2010; os ataques a homossexuais no Brasil; a decisão, em 2011, do Tribunal Europeu de Direitos Humanos de manter crucifixos nas escolas da Itália, modificando a decisão anterior do mesmo tribunal e também em 2011; os debates no Congresso Nacional brasileiro em torno da exclusão da diversidade cultural do Plano Nacional de Educação (Lei nº 13.005/2014). Tal contradição nos serviu de estímulo para analisar (PÊCHEUX, 2009 [1975]; ORLANDI, 2002; 2007; 2008; 2010; 2012), em nossa pesquisa de Doutorado em Estudos da Linguagem (UFF), o discurso sobre e do multiculturalismo e sobre e da diversidade cultural enquanto acontecimento discursivo (INDURSKY, 2003) no Canadá e no Brasil. O que está em jogo e o que não está quando se diz multiculturalismo e diversidade cultural? O que esses sentidos silenciam? Há paráfrases e deslizamentos em torno desses sentidos? O multiculturalismo e a diversidade cultural seriam um acontecimento discursivo? Como nossa pesquisa visa compreender o funcionamento do discurso multicultural/multiculturalista, pareceu-nos necessário compreender como o outro foi inscrito, compreender o funcionamento da memória sobre o outro, memória esta que comparece nos discursos da alteridade e da diversidade, objeto de nossa pesquisa. Para isso, recortamos sequências discursivas que falam sobre o outro e imagens que o retratam em relatos, cartas, diários de viajantes e de missionários, além de tratados de naturalistas do século XIII ao XX. Na época que vai dos “Descobrimentos”, do capitalismo comercial ao imperialismo do capitalismo industrial, o europeu entrou em contato com diversos povos e culturas até então nunca vistos. Foi preciso nomear, dizer sobre esses outros povos e outras culturas até então desconhecidos. Analisando esses relatos e impressões sobre o outro pudemos observar o funcionamento de algumas formações imaginárias, do outro como bárbaro, como cordial, como exótico e como igual. É esta parte de nossa pesquisa que apresentamos neste trabalho. Como afirma Orlandi (2008 [1990], p. 117) “a história não se define em relação ao tempo, mas ao poder”. Assim, essas memórias ecoam e ressoam significando até os dias de hoje. Como exemplos disso, temos os enunciados comuns ultimamente: “Direitos Humanos são para seres humanos” ou ainda “bandido bom é bandido morto”, que remetem ao imaginário do outro como bárbaro; “eles não tem o que comer, mas são tão felizes” do cordial; “eu quero uma roupa étnica”

do exótico, visto de forma bem positiva; e por fim, “somos todos iguais” do outro como igual. Em nossa análise observamos efeitos de objetividade, de silenciamento e de apagamento do outro, demonstrando uma tensão insuperável entre o diferente e o igual.

SESSÃO 3 - CRENÇAS E NARRATIVAS I

Coordenadora: Ana Tereza Andrade (INES)

1) “A QUESTÃO VAI ALÉM DO QUE ESTÁ NO PASSAPORTE DA PESSOA”: DESCONSTRUINDO A POLARIZAÇÃO ENTRE OS CHAMADOS ‘PROFESSOR FALANTE NATIVO’ E ‘PROFESSOR FALANTE NÃO NATIVO’

Naomi Elizabeth Orton (PUC-Rio/CNPq)

Adriana Nogueira Nóbrega (PUC-Rio/CNPq)

Inés Kayon de Miller (PUC-Rio/CNPq)

Esta pesquisa qualitativa interpretativa tem como objetivo entender as crenças manifestadas, no contexto do ensino de língua inglesa, por dois professores, dois coordenadores e dois alunos no que tange ao mito do professor falante nativo (doravante PFN), bem como a forma que tais crenças dialogam com o discurso hegemônico no nível macro que privilegia o PFN (BAKHTIN, [1979] 1997; PENNYCOOK, 1998; PHILLIPSON, 1992). A arquitetura teórica da pesquisa fundamenta-se na visão socioconstrucionista da linguagem (BUCHOLTZ & HALL, 2005; MOITA LOPES, 2001, 2003), entendendo a prática discursiva como um *lócus* para a revalidação ou o questionamento do mito do PFN (LANGELLIER 2001; MOITA LOPES, 2001; THREADGOLD, 2005). A análise micro baseia-se na identificação de marcas avaliativas (LABOV, 1972; LINDE, 1993, 1997; MARTIN & WHITE, 2005; VIAN JR, 2009, 2011) e identifica que, durante a interação, julgamentos positivos de capacidade e normalidade recorrentemente permeiam supervalorizações do PFN, cujas identidades emergem a partir de uma construção binária entre o PFN e o professor falante não nativo (doravante PFNN), retratando o PFN como o padrão prestigiado, e o PFNN, como um desvio do ‘modelo’ nativo dominante (DUSZAK, 2002; NAYAR, 2002). O presente estudo tem como objetivo entender as crenças manifestadas por dois professores, dois coordenadores e dois alunos no que tange aos mitos do professor falante nativo (doravante PFN) no contexto do ensino de língua inglesa, bem como a forma que tais crenças dialogam com as demais vozes no nível macro (BAKHTIN, [1979] 1997), e o discurso hegemônico que privilegia o PFN (PENNYCOOK, 1998; PHILLIPSON, 1992). A arquitetura teórica da pesquisa fundamenta-se na visão socioconstrucionista da linguagem (Bucholtz & Hall, 2005; Moita Lopes, 2001, 2003), entendendo a prática discursiva como um *lócus* para a revalidação ou o questionamento dos

mitos do PFN (LANGELLIER, 2001; MOITA LOPES, 2001; THREADGOLD, 2005). A análise micro baseia-se na identificação de marcas avaliativas, enfocadas sob duas perspectivas teóricas: a avaliação expressa por meio da prática narrativa (BAUMAN, 1986; BRUNER, 1990, 1997; LABOV, 1972; LINDE, 1993, 1997) e os recursos semânticos do Sistema de Avaliatividade (MARTIN & WHITE, 2005; VIAN JR, 2009, 2011). A pesquisa insere-se no paradigma qualitativo interpretativo e a escolha dos participantes visou abranger perfis diferentes com eventuais perspectivas divergentes. As entrevistas semi estruturadas foram norteadas pela ótica de Mishler (1986), sendo que sua análise tanto assume como leva em consideração a inevitável influência das identidades da pesquisadora participante. A análise dos dados identifica que, durante a interação, julgamentos positivos de capacidade e normalidade recorrentemente permeiam supervalorizações do PFN, cujas identidades emergem a partir de uma construção binária entre o PFN e o professor falante não nativo (doravante PFNN), retratando o PFN como o padrão prestigiado, e o PFNN, como um desvio do 'modelo' nativo dominante (DUSZAK, 2002; NAYAR, 2002). Emerge, simultaneamente, a construção de um novo 'círculo interno' (Kachru, 1985) de PFNs formados e experientes, possivelmente como uma resposta às vozes que questionam o *status* do PFN (Bakhtin, 1997 [1979]) com as quais um diálogo é construído. As perspectivas identificadas, na sua maioria, se distanciam das críticas advindas da linguística aplicada no decorrer dos últimos anos que problematizam o patamar ocupado pelo PFN (CANAGARAJAH, 2007; KUMARAVADIVELU, 2006; PENNYCOOK, 1998; PHILLIPSON, 1992; RAJAGOPALAN, 2003, 2009). Posto isso, ocorrem momentos de reflexão, em que reformulações do PFN 'cartesiano onipotente' (RAJAGOPALAN, 2006) são também consideradas. As crenças expressas que colaboram com o mito do PFN por vezes constroem expansões dialógicas e abertura para reconstruções, em outros momentos, constroem contrações dialógicas, sendo veiculadas como 'verdades', fechando a possibilidade de outros pontos de vista serem pronunciados. Embora esta pesquisa tenha sido realizada com um grupo pequeno de participantes, a análise das entrevistas sugere que os participantes se alinham com a manutenção do *status quo* convencional e indicam a importância de não apenas abriremos espaço para discussão do tema a fim de trazer visibilidade para as práticas sociais e pedagógicas que sustentam o mito, mas a necessidade de uma participação mais ativa por parte dos pesquisadores, para que a entrevista possa tornar-se um *lôcus* para reflexões aprofundadas e possíveis transformações. Com base nos entendimentos gerados no presente estudo, proponho que se busque uma reconceitualização das práticas sociais, tais como as políticas públicas que privilegiam o PFN. Nesse sentido, poder-se-ia contribuir para a problematização de medidas que retroalimentam as crenças identificadas nesta investigação. A partir de políticas novas, um contexto mais igualitário poderia ser construído, contexto esse em que os professores fossem valorizados por habilidades e características que vão "além do que está no passaporte da pessoa".

2) TRAJETÓRIAS IDENTITÁRIAS DE UMA PESQUISADORA-PRACTICANTE COMO MEMBRO INICIANTE DA COMUNIDADE DE PRÁTICA EXPLORATÓRIA

Clarissa Xavier Ewald (PUC-Rio/CNPq)

Mydiã Christina Reis de Freitas (PUC-Rio)

Na atualidade, a pesquisa em Prática Exploratória (PE), caracterizada inicialmente como uma forma exploratória de ensinar (cf. *exploratory teaching*) e de pesquisar a sala de aula em língua estrangeira (cf. *classroom research*) (ALLWRIGHT&BAILEY, 1991, epílogo) estende o foco exploratório para contextos além da sala de aula, como em reuniões de trabalho (MILLER, 2001; MORAES BEZERRA, 2007; COLOMBO, 2014), conversas entre colegas de trabalho (REIS, 2013; FREITAS, 2013), entre outros e, no caso deste estudo, Entrevistas de Pesquisa. Na Linguística Aplicada Contemporânea, buscam-se formas mais ético-inclusivas de fazer pesquisa, em todas as fases (MILLER, 2012), ações investigativas que reinventem as formas de produzir conhecimento acerca da vida social e de seus agentes (MOITA LOPES, 2006). Sobretudo, na área de formação inicial e continuada de ensino de língua estrangeira, visamos ao desenvolvimento do professor como agente reflexivo e construtor de saberes locais (MILLER, 2013). Entretanto, ainda vivenciamos uma era de racionalidade técnica (MILLER, 2013), em que se busca treinar o professor no melhor método de ensino de língua estrangeira e o aluno é levado a acreditar que deve buscar o curso de idioma para aprender mais rápida e eficientemente. Os princípios ético-inclusivos que norteiam a pesquisa em PE (ALLWRIGHT & HANKS, 2009), em consonância com a proposta promissora da Linguística Aplicada de buscar formas de produzir conhecimento com foco central nos sujeitos inscritos nessa produção (KUMARAVADIVELU, 2006), norteiam o objetivo principal deste trabalho - **buscar entender a trajetória e a construção identitária de uma professora-pesquisadora em entrevistas de pesquisa com foco exploratório**. Na pesquisa em PE, o professor-pesquisador exploratório é conceitualizado como praticante de entendimentos gerados pelo trabalho em conjunto com seus alunos, também praticantes, visando à qualidade de vida na sala de aula. Instigados por questões de interesse local, praticantes exploratórios engajam-se em Atividades Pedagógicas com Potencial Exploratório (APPE), atividades de reflexão que geram entendimento mútuo e integrado ao conteúdo pedagógico. Quando o foco exploratório do trabalho para entender ocorre também como ferramenta para a geração de dados em contextos de pesquisa acadêmica, ressalto a multiplicação de oportunidades para questões inovadoras e híbridas que caracterizam a Prática Exploratória (MILLER, 2012). No presente estudo, as entrevistas (MISHLER, [1986]1991) exploratórias como atividades reflexivas contribuem, ao mesmo tempo, para a geração de dados e para criar oportunidades de sustentar e aprofundar o processo reflexivo (MORAES BEZERRA E NUNES, 2013) das praticantes. Para interpretar a complexidade das reflexões coconstruídas pelas duas praticantes, nos servimos de construtos da Sociolinguística Interacional e do princípio de coerência em Histórias de Vida (LINDE, 1993). Assim, a praticante entrevistada emerge

como professora-reflexiva, buscando construir-se como membro da Comunidade de Prática (LAVE & WENGER, 1991; WENGER, 1998) da PE, através da produção de unidades discursivas que compreendem essas histórias, sobretudo de explicações, que servem para comprovar discursivamente a validade de determinada proposição (LINDE, *ibidem*). No caso deste estudo, validar discursivamente a construção identitária de praticante exploratória como membro iniciante da Comunidade de Prática Exploratória. A fim de entender os significados coconstruídos em nossas entrevistas exploratórias, consideramos ainda as perguntas, interrupções, dúvidas e reflexões da entrevistadora, que, no trabalho mútuo, também estava se desenvolvendo como pesquisadora-praticante.

3) NARRATIVAS SOBRE MAL-ESTAR ESCOLAR: PSICÓLOGO E PROFESSOR COCONSTRUINDO ENTENDIMENTOS ATRAVÉS DE REUNIÕES DE TRABALHO EXPLORATÓRIAS

Carolina Apolinário de Souza (PUC-RIO/CAPES)

Nesse trabalho analiso o processo de atuação do professor junto ao psicólogo educacional em reuniões interdisciplinares de trabalho numa escola internacional do RJ na qual atuo como psicóloga. **O trabalho alinha-se aos pressupostos da Sociolinguística interacional e da Prática Exploratória (ALLWRIGHT & HANKS, 2009; MILLER 2010), uma abordagem para o ensino, para a reflexão e para a pesquisa.** Foram utilizadas metodologias qualitativas de análise, principalmente, a etnometodologia, (GARFINKEL, 1967) com o intuito de investigar como professor e psicólogo educacional coconstruem discursivamente sentidos para a queixa sócio-afetiva do aluno na escola. Partindo de uma concepção mais contemporânea e menos canônica da Sociolinguística interacional, serão utilizados os conceitos de ‘pequenas histórias’ (BAMBERG, 2006; GEORGAKOPOULOU, 2007) e ‘pequenas narrativas’ (RIESSMAN, 1993). Segundo Goffman (1974), a narrativa é concebida como um tipo de *replaying* de experiências de um evento atual, passado, condicional ou futuro. Desta forma, o autor ressalta que mesmo histórias contendo apenas uma sentença podem ser exemplos de narrativas. O principal tema que orientou a escolha do arcabouço teórico deste trabalho foi o relato de situações sobre algum tipo de mal-estar ou sofrimento. Como exemplos, podemos citar as narrativas surgidas nas consultas médicas (CLARK E MISHLER, 2001) e as reuniões de profissionais de saúde sobre casos clínicos (BASTOS, 2008). Pautando-me nos dois autores citados, chamarei estes relatos ou pequenas narrativas de ‘narrativas sobre o mal-estar escolar’. Ao longo da tessitura da pesquisa, percebi que muitos professores acabam descrevendo seu próprio mal-estar com um determinado comportamento ou sintoma do aluno que o impede de estar inserido de forma prazerosa no processo escolar. Assim, o que se desvelou na pesquisa foi algo de maior amplitude: o mal-estar transita entre as três pontas do triângulo: aluno, professor e psicólogo. Ao narrar os episódios do sintoma sócio-afetivo, o

professor descreve seu impasse, sua impotência ou inabilidade em ajudar o aluno a atravessar um determinado obstáculo. O professor narra o mal-estar do aluno e, simultaneamente, discorre sobre seu próprio incômodo como educador. Segundo Riessman (2008), a narrativa acerca de um conflito ou uma situação difícil apresenta três funções principais: a) propiciar uma ordenação para a história, b) auxiliar na produção de sentido, c) promover a conexão com outros sujeitos. Assim, nessas reuniões, visa-se buscar entendimentos a respeito de uma queixa (ou sintoma) sócio-afetiva do aluno encaminhado ao setor de psicologia. A partir do referencial da autora sobre a função de produção de sentido (*meaning making*) das narrativas, pretendo investigar como as narrativas produzidas nestas reuniões visam construir sentidos sobre a forma como o sintoma aparece na escola, seu histórico e as possíveis formas que ambos os profissionais têm de intervir sobre ele. Os participantes falam de suas ansiedades, tentativas pedagógicas, hipóteses e reflexões sobre suas práticas com um determinado aluno. Bamberger & Schön (1995) indicam que as interações construídas em uma reunião de trabalho podem servir como uma forma de acompanhar a evolução do trabalho dos participantes. Após as reuniões, professor e psicólogo decidem a respeito de intervenções possíveis para melhor auxiliarem o aluno no atravessamento de uma questão sócio-afetiva na escola. Podemos concluir que o espaço de reflexão oferecido pela troca interdisciplinar é de suma importância para a recondução do aluno ao caminho da transformação da qualidade da vida escolar.

4) ANÁLISE DE UMA NARRATIVA TÍPICAMENTE LABOVIANA E DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DA NARRADORA

Flávia da Silva Pereira Albuquerque Oliveira (PUC-Rio)

Este trabalho tem como objetivo analisar uma narrativa a partir de uma perspectiva sócio-interacional do discurso, tomando como base principal as categorias da estrutura clássica laboviana e entendendo narrativa como uma prática social que faz parte da nossa vida cotidiana e representa nesta uma importante forma de construção da realidade, assim como de nossas identidades. Esta é uma pesquisa qualitativa realizada através da gravação e transcrição de uma conversa na qual se pode identificar uma narrativa tipicamente laboviana. Os dados foram gerados em uma situação espontânea, a partir de uma conversa durante uma aula, em uma turma de Mestrado em Estudos da linguagem, no primeiro semestre de 2013, em uma universidade particular do Rio de Janeiro. Todas as pessoas presentes na aula em questão consentiram que a gravação fosse feita, porém os nomes dos participantes foram modificados neste trabalho, por questões éticas de não revelar suas identidades. Durante o capítulo de análise dos dados, além da classificação dos elementos da narrativa segundo Labov (1972), são apresentadas a definição de *ponto* e a questão da *reportabilidade* (LABOV, 1997), ou seja, de que uma história deve ser contável. Abordam-se também as *segundas histórias* (GARCEZ, 2001) que surgem a partir da primeira narrativa. A noção de *avaliação* é também apresentada

pela autora, que faz uma análise simplificada da conversa estabelecida entre os participantes, por acreditar que certos aspectos dessa interação se fazem notáveis e relevantes para a análise que, posteriormente, é feita da construção da identidade da narradora. Faz-se importante observar que nós, pessoas comuns, contamos histórias a todo o momento, em todas as situações da nossa vida pública e particular, no trabalho ou em casa, na presença de amigos e também de desconhecidos. Além de ser esta uma atividade prazerosa, ao contarmos uma narrativa estamos também construindo nossas identidades (Goffman, 1967). Sendo assim, os conceitos de *construção de identidade* e *performance* também foram trazidos para a pesquisa. Os estudos de Labov & Waletzky (1967) e Labov (1972) são pioneiros na pesquisa envolvendo narrativa. Labov (1972) define a narrativa de experiências pessoais como uma recapitulação de experiências passadas através de enunciados cuja ordem acredita-se refletir a sequência de eventos ocorridos. É preciso também que se remeta a uma experiência única e não um hábito comum do passado. A organização do relato, segundo o autor, se dá através dos seguintes componentes estruturais descritos com detalhe neste trabalho: resumo, orientação, ação complicadora, resolução, avaliação, e por último, a coda. A narrativa hoje é entendida por muitos pesquisadores da sociolinguística e de outras áreas como forma fundamental de construção, reconstrução e interpretação da realidade pessoal, social e cultural. Esta pesquisa ilustra como autores como Bruner (1986), Georgakopoulou (1997), Goffman (2002), De Fina (2006), dentre outros, abordam a construção de identidade a partir das nossas interações sociais, conversas e narrativas. A partir das perspectivas citadas acima, uma breve análise é desenvolvida da construção de identidade da narradora no contexto da conversa transcrita e da ordem social aparentemente construída naquele ambiente. Para tal, a autora orienta-se por uma visão sócio-interacional do discurso, segundo a qual, como mencionada por Bastos (2005), ajuda a compreender como os indivíduos, na interação com os outros, coconstroem tanto suas identidades quanto a ordem social que os cerca.

5) ANÁLISE DO GÊNERO “DEPOIMENTO”: UM ESTUDO À LUZ DA LINGUÍSTICA SISTÊMICO FUNCIONAL E DAS TEORIAS SOBRE NARRATIVA E CONSTRUÇÃO “EU”

Heloisa Quirino de Oliveira (PUC- Rio)

O presente trabalho constitui um estudo sobre o gênero “depoimento” ancorado nos pressupostos da Linguística Sistêmico Funcional e teorias de cunho sócio-discursivas sobre narrativa e construção de identidade. A perspectiva de “gênero” adotada neste estudo alinha-se com a noção de “gênero discursivo”, a qual privilegia os aspectos sócio-históricos da situação enunciativa em detrimento dos aspectos relacionados à estrutura ou forma composicional. Este estudo, de caráter interdisciplinar, se debruça, primeiramente, sobre os construtos teóricos da perspectiva teleológica de Martin (1987), cuja abordagem é orientada pela Linguística Sistêmico Funcional. Para o autor, *gêneros* são processos sociais que possuem objetivos específicos,

organizados em estágios, os quais são identificados pela função que exercem no texto. Cada estágio, portanto, realiza uma função dentro do gênero, o que contribui para o propósito integral do texto. A ênfase da perspectiva teleológica ocorre na interpretação do que cada estágio está fazendo em relação ao todo. Após a identificação dos estágios de um determinado gênero, tem-se a *estrutura esquemática* do gênero. O segundo olhar que lanço sobre os dados apoia-se nos estudos sobre narrativa. O recorte teórico que faço para este trabalho tem suas raízes nas abordagens de Bruner (1990), Shiffrin (1996), Mishler (1999), os quais relacionam a produção da narrativa com a produção de identidades sociais. Segundo os autores, ao narrar, as pessoas criam um universo onde situam a si mesmas e os outros com base em elementos como crenças, valores e relações sociais. Os depoimentos analisados são histórias de vida de mulheres que sofreram violência doméstica de seus parceiros. Importante salientar que após a publicação da Lei Maria da Penha no ano de 2006, há um aumento da prática destes depoimentos e denúncias de casos de violência contra a mulher. As histórias serão analisadas como um processo social que é realizado para atingir um objetivo específico e que seu uso é determinado intrinsecamente pelos contextos culturais em que são praticados. Os textos utilizados são duas narrativas escritas: uma em português e a outra em inglês. O depoimento escrito em português foi retirado de uma revista voltada para o público feminino que também é publicada em outros trinta e cinco países. O segundo texto foi selecionado de um *site* britânico. A página da web oferece esclarecimentos sobre o tema “violência doméstica” e conta com um canal interativo. A escolha por depoimentos em diferentes idiomas tem como objetivo contrastar as histórias a partir da observação das semelhanças e diferenças relacionadas à estrutura do gênero, sobretudo, a(s) função(ões) que esses depoimentos exerce(m) em diferentes culturas. Os dados apreciados confirmam a proposta teleológica. Foram identificados oito estágios semelhantes nos dois textos analisados. Ao contarem suas histórias, as participantes do evento social buscam a (re) afirmação e (re)significação de suas vidas a partir da (des)construção de quem elas são. Suas histórias deixam de ser uma representação do que aconteceu e passam a ser entendidas como forma de construção social. Seus depoimentos contribuem para a compreensão da experiência humana, além de motivar outras mulheres a contarem suas próprias histórias. Percebe-se que a divulgação e a circulação destas histórias na sociedade brasileira ainda são realizadas de forma restrita. O medo e a vergonha de se expor fazem calar muitas mulheres. Este trabalho propõe que este assunto seja amplamente discutido, principalmente nas esferas públicas, tais como escolas, igrejas, associações, hospitais, etc.

SESSÃO 4- ESTUDOS DO TEXTO I

Coordenadora: Cristina Vergnano-Junger (UERJ)

1) DESENVOLVENDO O PENSAMENTO CRÍTICO: UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM OS GÊNEROS TEXTUAIS CARTA DE LEITOR E LETRA DE MÚSICA

Giselle Aparecida Toledo Esteves (UFRJ)

Objetiva-se expor resultados de um trabalho de produção textual por meio de uma sequência didática aplicada a alunos do oitavo ano do Ensino Fundamental de uma escola municipal do Rio de Janeiro. De acordo com Dolz, Noverraz e Schnewly (2004), uma sequência didática é constituída por um “conjunto de atividades ou exercícios múltiplos e variados” que colaboram para desenvolver “capacidades de expressão oral e escrita, em situações de comunicação diversa”. Desse modo, a sequência didática aplicada enfocou a análise e produção de gêneros textuais (MARCUSCHI, 2008). São quatro as fases da sequência: apresentação da situação, produção inicial, módulos e produção final. Primeiramente, os alunos foram motivados a formular hipóteses para as características do gênero carta de leitor com a análise de algumas partes (título, assinatura, local de publicação). Destacou-se a carta cujo título foi “Não vai ter Copa”. Ao lerem, perceberam como a organização do texto e o emprego de determinadas palavras contribuíram para sua constituição. Passou-se à produção inicial, solicitando que os alunos pensassem se a Copa do Mundo valeu a pena para o país e que expusessem seus argumentos em uma carta de leitor para o jornal O Globo (considerando as características desse periódico). Após a produção final, algumas dessas cartas foram enviadas para o jornal. Devido à alta frequência de desvios à norma padrão, variedade afastada daquela empregada pelos alunos, decidiu-se criar um módulo que considerasse essas diferenças e, para tanto, recorreu-se a outro gênero: letra de música, levando-se um “funk” com vários desvios à norma padrão e com o tema referente a protestos contra a realização da Copa do Mundo no Brasil. O desafio da elaboração desse módulo foi preparar atividades que constituíssem uma análise linguística (MENDONÇA, 2006), evitando-se uma mera apresentação de regras descontextualizadas. Desenvolveu-se também um módulo de análise de argumentos (da primeira produção e da letra do funk), aplicado em grupos ou individualmente. Após essa etapa, elaboraram-se uma avaliação de cunho formativo das produções iniciais, sem atribuição de notas, e uma legenda com códigos referentes a desvios à norma padrão (em cima de uma palavra não acentuada, por exemplo, a letra “A” foi escrita e o termo deveria ser modificado). Solicitou-se também a reescrita de trechos incoerentes (módulos de coerência) ou do texto completo (apenas em casos de inadequações excessivas). Atribuiu-se nota à produção final. Houve um avanço considerável em sua argumentação e progressão. Alguns alunos alegaram que não queriam enviar ou publicar a carta, pois, não liam

o jornal O Globo. Um novo texto lhes foi solicitado, semelhante a uma carta de leitor/carta de solicitação, com reclamações e/ou elogios referentes à escola. As versões finais foram entregues à direção e afixadas pela escola. Pretende-se expor considerações sobre a classificação desse gênero híbrido. Essa produção desencadeou módulos acerca da argumentação. O sucesso do trabalho ocorreu pelo interesse dos alunos, pois seus textos não tinham apenas o professor como interlocutor, ocorrendo, de fato, interações sociais por meio da linguagem.

2) OS GÊNEROS JORNALÍSTICOS NO ENSINO FUNDAMENTAL: PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA A ESCRITA DO ARTIGO DE OPINIÃO

Talita Goulart Ferreira (UFRRJ)

O objetivo desta pesquisa é intervir na ação pedagógica do professor no que diz respeito ao ensino da produção de textos escritos no Ensino Fundamental. Apesar de os PCNs recomendarem o trabalho com uma diversidade de gêneros textuais desde o final da década de 1990 e de a escola e os manuais didáticos terem inserido diversos gêneros no cotidiano escolar do aluno, nem sempre os gêneros textuais são trabalhados de modo efetivo pela escola. Nesse sentido, procuramos promover atividades em sala de aula a fim de desenvolver a competência comunicativa de alunos do 9º ano do Ensino Fundamental no que tange ao ensino de gêneros textuais. Sabemos que conhecer os mecanismos de influência da mídia sobre a sociedade é importante para qualquer cidadão. Sendo assim, torna-se fundamental que, na busca pela formação de cidadãos críticos, a escola facilite o ensino-aprendizagem de gêneros da esfera jornalística. Ao refletir sobre o ensino desses gêneros, nossa pesquisa se propôs a resgatar a funcionalidade social e comunicativa do gênero artigo de opinião, realizando um trabalho sistemático de ensino e aprendizagem da escrita desse gênero em sala de aula. Para isso, elaboramos uma sequência didática, fundamentada na teoria de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004), a qual propõe um conjunto de atividades planejadas, sistematicamente, em torno de um gênero textual. Dessa forma, articularam-se as questões interacionais e comunicativas que cercam os gêneros textuais aos preceitos da Linguística Sociocognitiva, para a qual o produtor de textos constrói significados nas situações de comunicação. Além disso, recorremos também aos preceitos da Linguística textual, uma vez que, durante a execução da sequência didática, foi necessário desenvolver atividades voltadas para conhecimentos linguísticos necessários à escrita, assim, destacamos os que se articulam com o gênero trabalhado – o artigo de opinião. Nesta pesquisa, a professora-pesquisadora desenvolve a sequência didática por meio da pesquisa-ação, na qual o pesquisador tem a função de, ao mesmo tempo, interpretar, questionar e intervir na própria prática de ensino realizada em sala de aula. No que se refere ao ensino da produção de textos, a pesquisa tem como referencial teórico os estudos de Geraldí (2013), Antunes (2003), Dolzet *et al.* (2010) e Koch & Elias (2014), para os quais é condição fundamental para a escrita ter um interlocutor e ter o que dizer sobre um determinado tema. Sobre o ensino

dos gêneros textuais na escola, tomamos os estudos de Bakhtin (1992), Marcuschi e também os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), os quais postulam que, através de gêneros textuais, os aspectos comunicativos e interacionais terão maior destaque no ensino-aprendizagem da língua. E, por fim, especificamente sobre o gênero artigo de opinião, admitimos como principais referenciais teóricos os estudos de Melo (2003), Bräkling (2000) e Citelli (1994). Tratamos também da sequência argumentativa, predominante no gênero artigo de opinião, e dos conhecimentos linguísticos, necessários à escrita do gênero, evidenciados por Koch (2011a; 1992) e Leitão (2001).

3) O GÊNERO TEXTUAL EDITORIAL EM REVISTAS CULTURAIS E O ENSINO DA ARGUMENTAÇÃO EM FLE

Cinthia de Souza Bezerra (USP)

Esta comunicação tem por objetivo apresentar os resultados de uma pesquisa sobre o ensino-aprendizagem de francês como língua estrangeira (FLE) para alunos da graduação em Letras, habilitação em língua francesa, por meio do gênero textual editorial em revistas culturais francesas. A fundamentação teórica do presente trabalho apoia nos estudos do interacionismo sociodiscursivo (ISD). Os estudos do ISD ressaltam o papel fundador da linguagem no desenvolvimento humano (BRONCKART, 1999; 2006; 2008) e afirmam que a comunicação se efetiva graças aos textos que, por sua vez, se agrupam em gêneros de texto. Nesse sentido, conforme Bronckart (1999/2012) a apropriação dos gêneros textuais é um mecanismo de socialização. Compreendemos o gênero textual não somente como unidade de ensino, mas também como um meio, um instrumento para a apropriação das capacidades de linguagem (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, 2007). Dessa forma, ao propor uma sequência didática (SD) (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, 2007) para o ensino da argumentação em francês por meio do gênero textual editorial, pretendemos colaborar para o domínio desse gênero pelos aprendizes e também para o desenvolvimento das capacidades de linguagem que poderão ser transpostas para outros textos, tanto em língua estrangeira quanto em língua materna. Para o trabalho em sala de aula é preciso que se conheçam as características do gênero em questão, para tanto, elaboramos o modelo didático do gênero (MD) (SCHNEUWLY; DOLZ, 2004, 2007), de acordo com os autores, o qual evidencia os conteúdos ensináveis e guia a intervenção do professor. Assim sendo, foram coletados textos para a elaboração do MD, os editoriais foram retirados das revistas *Transfuge* e *Le Magazine Littéraire*. Para a análise dos textos, utilizamos o modelo proposto por Bronckart (1999/2012), analisando, assim, o contexto de produção dos editoriais em cada uma das revistas e também a arquitetura interna dos textos (infraestrutura geral do texto, mecanismos de textualização e mecanismos enunciativos) e também o modelo dialogal da argumentação (HAMBLIN, 1970 apud PLANTIN, 2008). Considerou-se sempre que as classificações não servem para fixar e encerrar o texto em categorias, mas sim, caracterizá-lo a fim de compreender sua estrutura. No que concerne ao contexto de produção, as duas revistas assemelham-se, embora

haja uma diferença fundamental: enquanto a temática de uma revista é somente literatura, a outra aborda também a temática do cinema, o que possivelmente gera um público diferente e que, inclusive, justifica o caráter mais descontraído da publicação. As análises da arquitetura geral do texto nos permitiram verificar o predomínio do discurso interativo, com marcas que remetem à própria interação verbal. Quanto à sequência que compõe os textos, verificamos o predomínio, de certo modo já previsto, da sequência argumentativa, mas nem sempre com todas as fases apontadas em seu protótipo (BRONCKART, 2012, p.226/227). Dessa maneira, a análise da força argumentativa nos editoriais se mostrou mais profícua por meio do modelo dialogal da argumentação apresentado por Plantin (2008), que aponta para a importância da polifonia e intertextualidade para a “composição” do discurso argumentativo. Os textos analisados são polifônicos e revelam inúmeras relações intertextuais. Quanto aos mecanismos de textualização, as análises nos mostraram poucas séries coesivas nominais; em contrapartida, observamos uma alta densidade verbal, sobretudo dos verbos no tempo presente. E quanto às conexões, em sua maioria, são lógico-argumentativas. Por fim, no que concerne aos mecanismos enunciativos, nos textos encontramos vozes de personagens, vozes sociais, assim como a voz do autor. Encontramos todos os principais tipos de modalizações, embora nenhuma delas tenha se destacado como elemento essencial para o estilo do texto. Após conhecer as características do gênero, pudemos elaborar uma SD potencialmente aplicável com o intuito de se ensinar não somente o gênero textual editorial, mas também a língua francesa.

4) PANORAMA ATUAL DOS ESTUDOS SOBRE MARCADORES DISCURSIVOS

Eduardo Penhavel (UNESP)

Desde a década de 1970 principalmente, os chamados “Marcadores Discursivos” (MDs, daqui em diante) tornaram-se objeto de investigação em diversas áreas dos estudos linguísticos. Como resultado, atualmente é possível observar a existência de uma quantidade enorme de abordagens de MDs, inseridas em diferentes perspectivas teórico-metodológicas e responsáveis pela produção de definições e análises dos mais variados tipos. Diante dessa situação, tem se mostrado cada vez mais necessária a elaboração de trabalhos comparativos que procurem oferecer mapeamentos de abordagens de MDs e que tentem contribuir para a formação de uma visão um pouco mais ordenada sobre o assunto. Nesse sentido, em pesquisa recente, procuramos justamente proceder a uma análise do atual estado da arte dos estudos sobre MDs, com o propósito de contribuir para a construção de uma visão um pouco mais sistemática da bibliografia existente. Especificamente, nossa pesquisa focalizou duas questões que consideramos relevantes para um melhor entendimento do conjunto de estudos sobre MDs: a distinção de tipos básicos de abordagens de MDs e a identificação de um conceito essencial de MDs, comum a diferentes abordagens. O objetivo da presente Comunicação é apresentar os principais resultados dessa pesquisa. Para desenvolver tal investigação, o

procedimento que adotamos foi realizar uma análise comparativa de 20 diferentes abordagens de MDs, a maioria delas extraída do livro “Approaches to discourse particles” (FISCHER, 2006a). A investigação consistiu em analisar cada uma dessas abordagens em relação a um mesmo conjunto de aspectos, selecionando, para isso, os principais aspectos normalmente considerados no estudo de MDs, entre eles, a função dos MDs, a integração ou a independência do MD em relação a um enunciado matriz, a dimensão do discurso em relação à qual o MD atua etc. Nesta Comunicação, discutimos três das 20 abordagens investigadas na pesquisa. Essas três abordagens particulares são representativas da diversidade de abordagens estudadas e embasam teoricamente os resultados obtidos e aqui discutidos. São elas: (i) a abordagem de Blakemore (2002), desenvolvida na área da Pragmática, especificamente no âmbito da Teoria da Relevância, na qual os MDs são vistos como expressões que indicam a rota inferencial em que um enunciado deve ser interpretado em relação a enunciados anteriores; (ii) a abordagem de Fischer (2006b), que é proposta no contexto da Análise da Conversação e que define MDs como elementos que codificam impressões dos interlocutores a respeito da dinâmica da interação verbal; e (iii) a abordagem de Risso, Silva & Urbano (2006), que é inserida no campo da Linguística Textual e que define MDs como itens que articulam segmentos tópicos e/ou que expressam orientações interpessoais dos interlocutores. Os resultados obtidos na pesquisa e sintetizados nesta Comunicação revelam que, atualmente, é possível distinguir três tipos básicos de abordagens, fundamentalmente ligadas à definição de MDs, como (i) classe formada por expressões com função de conexão, (ii) classe composta por expressões com função de gerenciamento da conversação e (iii) classe constituída por expressões desses dois tipos. Além disso, a pesquisa revelou que é possível detectar uma noção essencial de MDs, comum a várias abordagens diferentes, que consiste na concepção de considerar MDs como elementos com a função de facilitar o processamento do discurso, concepção a partir da qual cada abordagem particulariza-se em relação às demais por selecionar como MDs aquelas expressões que facilitam o processamento de um aspecto específico do discurso, delimitado em consonância com o quadro teórico-metodológico particular em que a abordagem se insere.

5) A INFLUÊNCIA DOS GÊNEROS TEXTUAIS NO PROCESSO LEITOR

Bruna Renova Leite Varela (UERJ)

Kisyse Cristina Silva de Paula (UERJ)

Orientadora: Cristina de Souza Vergnano-Junger (UERJ)

Esta pesquisa está inserida na área de Linguística Aplicada e tem como objetivo geral refletir sobre a familiaridade com gêneros textuais em ambiente virtual como possível facilitadora do processo leitor. Nossa opção pelo estudo de gêneros e proficiência leitora é motivada por observações sobre o processo leitor em ambiente virtual, realizadas enquanto bolsistas de IC no projeto *Interleituras*. Durante essa prática, percebemos que, nas atividades de

monitoramento de leitura livre virtual, alguns informantes apresentavam certo desconforto quando eram expostos a determinados gêneros textuais. Embora alguns autores discutam a leitura em meio digital, ainda é um objeto de estudo historicamente recente e os temas ainda estão em expansão, em particular sobre descrição do processo e sua associação com os gêneros. A base teórica da pesquisa está centrada nas perspectivas de leitura multidirecional e unidirecional (VERGNANO-JUNGER, 2010). A perspectiva multidirecional, que nos interessa mais diretamente, abarca a interação entre o leitor e texto, considera a postura ativa do leitor e seus conhecimentos extralinguísticos e elementos da situação social, histórica, de enunciação, dos gêneros discursivos, da intertextualidade, entre outros. Em contrapartida, o leitor segundo a perspectiva unidirecional centra suas informações apenas no conteúdo do texto, ou, em situação oposta, apenas nos seus conhecimentos pessoais, ignorando elementos contidos no material lido e outras múltiplas fontes para a construção de sentidos. Com relação aos gêneros textuais, utilizamos o olhar dos estudos sociocognitivos (KOCH, 2003; MARCUSCHI, 2008). Para Marchuschi (2008) o estudo dos gêneros não é novo, mas está se tornando cada vez mais multidisciplinar. Koch (2003) também destaca a importância dos gêneros e alega que o contato com os textos na nossa vida cotidiana é fator relevante para exercitar a nossa capacidade metatextual. Nossa metodologia se desenvolve a partir da coleta de dados junto a um sujeito-informante, com o uso de ficha e protocolo de leitura, assim como o monitoramento de sessões de leitura livre. Foram elaboradas duas fichas: a primeira para medir o grau de conhecimento informático do sujeito, já que ele deveria manusear o computador; a segunda para traçar o seu perfil leitor, a fim de descrever sua relação com leitura. Ao utilizar os protocolos, o sujeito traça seus próprios objetivos, além de registrar as práticas, recorrentes ou não, durante a sessão. A pesquisa se encontra em andamento e, com o intuito de aprimorar os instrumentos de coleta e identificar padrões comportamentais do sujeito, realizamos a etapa piloto. O sujeito-informante piloto ministra aulas de espanhol e possui formação acadêmica em Letras Português/Espanhol. As análises prévias revelaram que suas preferências de leitura estão centradas nos textos acadêmicos, jornalísticos, comentários e postagens de redes sociais, *e-mail*, além dos voltados para trabalho e/ou estudo. Ele acessa gêneros textuais distintos, mas ora utiliza estratégias de leitura (como ativação de conhecimento-prévio), ora atribui importância destacada ao conhecimento linguístico, fato que exemplifica sua oscilação entre a perspectiva multidirecional e unidirecional. O sujeito também busca gêneros textuais com os quais esteja familiarizado e abandona a leitura caso não os conheça. A partir das informações coletadas passamos ao aprimoramento dos instrumentos de coleta de dados e às coletas definitivas da pesquisa.

SESSÃO 5 - ESTUDOS DE TRADUÇÃO I

Coordenadora: Bianca Walsh (UERJ)

1) TRADUÇÃO CULTURAL, INTERSEMIÓTICA E NÉGRITUDE NOS POEMAS DE BRUNO DE MENEZES E DE LÉOPOLD SÉDAR SENGHOR: MODERNISMO AFRO-PARAENSE EM BATUQUE E LES ÉTHIOPQUES

Mariana Janaina dos Santos Alves (UFPA/UNIFAP)

Esta comunicação apresenta os resultados parciais das reflexões teóricas e o início das análises realizadas para o recorte teórico da tese de doutoramento intitulada *Tradução cultural, intersemiótica e négritude nos poemas de Bruno de Menezes e Léopold Sédar Senghor: modernismo afro-paraense em Batuque e Les éthiopiques* que tem como objeto principal a análise de duas obras da literatura moderna. A primeira, o livro de poemas *Batuque* de Bruno de Menezes (1924), da literatura brasileira, mais especificamente da produção poética pertencente ao Extremo Norte no início do século XXI, e a segunda, o livro de poemas *Le sétiopiques* (1956) de Senghor, retirado do acervo *O euvres poétiques* da literatura africana francófona. O recorte feito para a análise dos poemas tem como objeto aqueles que foram escritos no período de 1924 a 1956, pelos autores supracitados, no sentido de observar como a produção poética da época traduziu movimentos políticos literários, tais como o Modernismo brasileiro e a Negritude africana, valendo-se de dialetos, sinestésias, traduções culturais e intersemióticas nos textos. Durante o levantamento teórico da pesquisa estão sendo analisados na obra de Bruno de Menezes (1924), assim como na de Senghor (1956) aspectos relevantes ao estudo do texto poético, bem como seus desdobramentos, de acordo com os estudos propostos por Walter Benjamin nos escritos *Tradução e melancolia* (LAGES, 2007), Rosemary Arrojo em *Tradução, construção e psicanálise* (1993) e Paul Zumthor em *Introdução à poesia oral* (2010). A presente pesquisa justifica-se pelo fato de que ambas as obras são contemporâneas umas às outras e ocorreram em espaços culturais diferentes, e ainda sim, apresentam singularidade no que tange a construção poética e as abordagens que traduzem a cultura popular, assim como os saberes dos povos compartilhados por meio da linguagem e usos da poética para a tradução intercultural. Nesse sentido, diversos estudiosos têm se dedicado a refletir sobre os debates direcionados à tradução, como também e principalmente, àqueles que se definem no campo dos estudos culturais com o propósito de se verificar o uso do termo *tradução cultural* na atualidade, há de se pontuar entre as tendências contemporâneas que têm se voltado cada vez mais, a realizar a comparação entre a literatura e as áreas da cultura e identidade. A princípio, o aprofundamento dos referenciais teóricos foram assim estudados: no que tange ao estudo e crítica da tradução, Arrojo (1993) e Bhabha (1998), aos estudos da teoria literária, Culler

(1999) e Eagleton (1983), e da recepção Jauss (1994). E, conforme o traçado inicial, o projeto sustenta-se em uma base de cunho investigativo, e outra articulada à pesquisa e publicação das análises à medida que os estudos se desenvolvem. Dessa forma, a problemática apontada neste projeto sobre as *Traduções culturais, intersemióticas e a négritude* destaca-se não só pelo seu teor científico, mas também pela socialização das análises e informações reunidas durante a execução desta pesquisa. Os estudos comparativos levam em conta a produção e recepção das obras e respondem a uma necessidade contextual e um espaço determinado. Os textos literários recebem, por sua vez, leituras subjetivas, dadas por seus tradutores, articuladas nas diferenças culturais. A tradução de questionamentos, conceitos, identidade, religiosidade e cultura exemplificam-se nas obras contrapondo relações sociais e interculturais.

2) A TRADUÇÃO DE MARCAS CULTURAIS: UMA ANÁLISE COMPARADA DE *IL GIORNO*, DE GIUSEPPE PARINI

Diana Szylyt (USP)

O presente artigo propõe-se a comparar três traduções – em português, inglês e espanhol – de trechos do capítulo “Il mattino”, do poema narrativo italiano *Il giorno*, de Giuseppe Parini, publicado em 1763. Serão escolhidos, intencionalmente para o propósito deste trabalho, trechos que apresentam marcas culturais e que se mostram, portanto, como um desafio à tradução; conceitos cuja compreensão só é possível se o leitor possui uma determinada bagagem cultural. Frente a tais conceitos, exige-se do tradutor a realização de escolhas, em uma busca constante pela “melhor solução” – a que cumprirá melhor com seus objetivos: manterá, na tradução, conceitos de difícil compreensão, deixando a cargo de o leitor decifrá-los? Fará uso de recursos, como nota de rodapé, para explicitar uma ideia obscura ao leitor-alvo? Buscará conceitos semelhantes presentes na cultura da língua de chegada em substituição aos conceitos do texto italiano? Na apresentação, identificaremos e analisaremos os recursos utilizados por Herbert Morris Bower, em sua tradução inglesa de 1927, por Cristina Barbolani, em sua tradução espanhola de 2012, e por nós, em tradução brasileira em andamento, para levar a leitores, de diferentes épocas, lugares e culturas, conceitos e ideias de uma sociedade distante deles no tempo e no espaço. Entendemos o conceito da tradução de acordo com a teoria do Skopos de Vermeer, a qual, como o nome sugere, propõe, grosso modo, que as normas envolvidas na atividade tradutória estejam submetidas ao objetivo específico de cada tradução (v. SNELL-HORNBY, 2006, p. 52), e ainda segundo o olhar de Venuti (1995), para quem “foreign text is the site of many different semantic possibilities that are fixed only provisionally in any one translation, on the basis of varying cultural assumptions and interpretive choices, in specific social situations, in different historical periods” (p. 18). Acreditamos ainda, como Vermeer e Venuti, que as escolhas do tradutor não dependem unicamente de sua subjetividade como pessoa, mas estão ligadas a um contexto social, cultural e econômico de produção. A análise das traduções inspira-se

na dicotomia proposta por Schleiermacher: “ou o tradutor deixa em paz, o máximo possível, o escritor, e leva-o ao leitor; ou deixa em paz, o máximo possível, o leitor, e leva-o ao escritor” (2009, p. 153). Complementamos e – não seria equivocado dizer – atualizamos a teoria de Schleiermacher com o contemporâneo Paulo Henriques Britto: “Diremos que as mudanças do primeiro tipo [deixar em paz o leitor] apontam para uma tendência à autonomização do texto traduzido e que as do segundo [deixar em paz o autor] indicam um movimento de aproximação ao texto-fonte” (1999, p. 245). Ao trabalhar com o conceito de marcas culturais, fundamentamos a análise em Aubert, para quem a percepção da marca cultural, marca de alteridade, “dá-se e toma forma no olhar do observador” (2006, p. 34), e em Bell (1991, apud Azenha, 2006), para quem, na busca por fazer com que um texto “faça sentido” para o leitor, o tradutor deve saber qual “mundo” ele intenciona coincidir com o texto, reconhecendo que “culturas diferentes percebem (ou, pelo menos, moldam) o mundo diferentemente” (p. 20). Ao observar as diferentes traduções, podemos perceber que, conforme aponta Berman (2002), “A tradução não é uma simples mediação: é um processo no qual entra em jogo toda nossa relação com o Outro” (p. 322). A tradução, portanto, envolve uma dimensão extralinguística, socioideológica, em que as diferenças culturais inerentes a sociedades distintas exigem do tradutor um posicionamento, escolhas (tanto no nível semântico, quanto no sintático, da forma), com base em seus objetivos, no referencial cultural do autor, dos leitores da época em que o texto foi escrito e dos leitores que receberão a tradução.

3) MARCADORES CULTURAIS NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: CONSIDERAÇÕES SOBRE A TRADUÇÃO DE *LE PHOTOGRAPHE*

Sabrina Moura Aragão (USP/CAPES)

A presença da imagem associada à escrita pode ser notada nas mais variadas formas de comunicação. No entanto, pouca ênfase tem sido dada à análise da imagem presente em obras traduzidas, em que ela exerce a função, assim como o texto, de transmitir uma mensagem. Partindo disso, nosso trabalho busca contribuir com o estudo do papel da imagem na tradução, tomando como base importantes trabalhos que, a nosso ver, podem ser ampliados – ou mesmo repensados – no contexto da tradução de obras que relacionam texto e imagem. Destarte, investigaremos aspectos da tradução do primeiro volume da série de quadrinhos francesa *Le Photographe* (*O fotógrafo*, no Brasil), tendo em vista a questão dos marcadores culturais, discutidos no nível textual por diversos pesquisadores, dentre eles, Aubert (2006). Defendemos a hipótese de que, assim como o texto, a imagem também apresente marcadores culturais, pois ambos os sistemas de signos têm o potencial de transmitir uma mensagem, separada ou conjuntamente. Em suma, ao nos depararmos com a tradução de uma obra que mescla tais sistemas, estamos diante não apenas de idiomas diferentes, representados no texto dos balões e legendas, mas de representações de realidades diferentes manifestadas

nas imagens. Atentaremos para as formas com que as marcas culturais se apresentam e de que maneira contribuem para a formação de identidades culturais, partindo das reflexões de Venuti (1998), tendo em vista que a obra narra o cotidiano em um país considerado exótico tanto para franceses como para brasileiros. A série narra, por meio de depoimentos pessoais, desenhos e fotografias, a vida dos Médicos Sem Fronteiras (doravante, MSF) durante os conflitos bélicos no Afeganistão em meados da década de 1980. Caracterizada por uma narrativa que mescla os desenhos de Lemercier e as fotografias de Lefèvre, a obra reinventa a linguagem dos quadrinhos ao pôr em contato formas discursivas distintas: o fotojornalismo e as histórias em quadrinhos. A fim de identificar os marcadores culturais na imagem, analisaremos de que forma costumes são representados nas imagens, atentando para a diferenciação na tentativa de identificar marcadores culturais na imagem, sem, contudo, ignorar a função do texto, que complementa tais imagens, contextualizando e esclarecendo as cenas. A partir das reflexões de Aubert (2006), propomos a realização de um cotejo referencial de imagens que consiste na comparação entre a cultura brasileira e a afegã em seus fazeres, isto é, toda imagem que represente um costume ou uma prática que se diferencie da realizada na cultura de chegada da tradução será considerada por nós um marcador cultural. Vale ressaltar que todas as imagens analisadas também constituem marcadores culturais na cultura francesa, haja vista que os costumes retratados também se diferenciam daqueles praticados na França. A partir da análise de *Le Photographie*, fica patente a relação entre o uso de marcadores culturais e a formação de identidades e opiniões acerca de um povo estrangeiro. A imagem fotográfica é vista, historicamente, como um “‘testemunho da verdade’, do fato ou dos fatos. Graças a sua natureza físico-química [...] de registrar aspectos (selecionados) do real, tal como estes de fato se parecem, a fotografia ganhou elevado *status* de credibilidade” (KOSSOY, 2009, p. 19). Apesar de haver manipulações na fotografia, para o grande público, o poder factual que a foto possui é inegável, o que certamente forma identidades culturais na relação entre culturas. Partindo das ideias de Venuti (1998), concluímos que a tradução, como qualquer outra atividade cultural – a isto se inclui a fotografia, o desenho, etc. – produz e veicula valores. Por meio das escolhas de ângulo, cores, etc., os autores dos quadrinhos deixam pistas de suas próprias visões que, por sua vez, são constantemente transformadas pelo público.

4) TRADUÇÃO E COLONIALISMO: A REPRESENTAÇÃO LINGÜÍSTICA NA OBRA “A HORA DA ESTRELA”, DE CLARICE LISPECTOR

Francisca Eugênia dos Santos (Universidad de Santiago de Chile)

A literatura brasileira caracteriza-se por uma diversidade temática espelho da própria constituição geográfica do país e de sua cultura. Fora do país quando nos referimos à literatura brasileira sabemos que muitos dos conhecedores de nossa literatura passeiam de Machado de Assis a Rubem Fonseca. Nesse intervalo, também podemos encontrar os conhecedores de Jorge

Amado, Guimarães Rosa e Clarice Lispector, que conscientes de sua paixão pelo Brasil esbarram, muitas vezes, nos estereótipos gerais para se referir à literatura do país. Indiscutivelmente a cultura brasileira atrai pela sua diversidade e constituição étnica. É nesse caminho que nasce nosso projeto de pesquisa tendo como objetivo a análise crítica da tradução ao espanhol da obra "A hora da estrela", de Clarice Lispector. Escritora de renome internacional Clarice Lispector é conhecida e reconhecida por ter desenvolvido um trabalho literário profundamente enraizado no magnetismo feminino, e nas nuances e problemáticas que carregam dentro de uma sociedade patriarcal. Entretanto, no ano 1977, em plena ditadura militar a autora lança o livro "A hora da estrela", no qual seu espírito crítico e social aparece na figura da pobre e rejeitada Macabéia sua protagonista. Personagem brasileira representante de uma seca nordestina infinita, de um homem retirante, e do sonho inalcançável da cidade grande. A linguagem utilizada por Clarice Lispector na construção de Macabéia tem por objetivo denunciar uma situação de desigualdade social que se intensificou nos anos 70. Também nos deparamos com muitas simbologias de dominação econômica e política reinante em um Brasil em pleno desenvolvimento industrial e urbano. É, a partir desse cenário, que questionamos até que ponto as traduções realizadas ao espanhol da obra mencionada conseguem representar o espírito criado pela autora na composição da cultura brasileira. Desse modo através de uma metodologia qualitativa analisaremos os fenômenos linguísticos produzidos na tradução ao espanhol feito na Espanha (Ana Poljak) e, posteriormente, na Argentina (Gonzalo Aguilar), utilizando como marco teórico as teorias pós-coloniais, nas quais estabeleceremos os efeitos causados pela colonização na constituição da linguagem. A teoria pós-colonial traz para a prática da tradução discussões sobre temáticas como opressão colonial, dominação, manipulação, hegemonia, que se constituem em importantes unidades de análises na compreensão da soberania política na experiência colonial dos países. Além do ponto de vista linguístico preocupa-nos os elementos culturais da mencionada obra de Clarice Lispector, e a compreensão por parte dos tradutores da mensagem subliminar entregue pela autora. A obra "A hora da estrela", é a última escrita por Clarice Lispector, que culmina sua trajetória literária com um texto que reúne, segundo a visão de alguns críticos, dados autobiográficos e transitam entre a denúncia e a comoção pessoal de uma realidade histórica, cultural e linguisticamente percebida desde as estranhas de uma escritora militante. Assim sendo, uma das hipóteses trabalhadas em nosso projeto centra-se no diagnóstico prévio de uma "certa" distância estabelecida pelos tradutores dos aspectos sócio-culturais da obra, o que nos leva a questionar a pluralidade e diversidade linguística presente nas traduções realizadas. O presente estudo encontra-se em sua segunda fase de execução a qual se concentra especificamente em identificar as estratégias de tradução utilizadas através das unidades selecionadas. Os primeiros resultados apontam a tradução literal e de sentido como marco das estratégias de tradução utilizadas pelos tradutores. Nossa finalidade é apresentar as unidades da tradução e analisá-la desde os aspectos gramaticais e culturais através das teorias pós-coloniais e seu íntimo diálogo com as teorias da tradução.

5) TRADUÇÃO DE ESPETÁCULO ARTÍSTICO/ CULTURAL PARA LIBRAS: ESTRATÉGIAS E DECISÕES

Mônica Raquel de Souza Duarte (INES)

A complexidade do fazer tradutório e a importância de escolhas intencionais, conscientes e embasadas em teorias da tradução é o foco deste trabalho com base em uma tradução de espetáculo artístico/ cultural. Trata-se do processo de tradução do Musical “Sassariquinho – E O Rio Inventou A Marchinha”, uma versão para o público infantil do espetáculo Sassaricando, ambos de Rosa Maria Araújo e Sérgio Cabral com direção geral de Claudio Botelho. Além da narração e dos diálogos comandados pelo personagem “Rei Momo” todas as quarenta canções foram traduzidas e elaboradas para a apresentação ao vivo com o profissional tradutor/intérprete para Libras no palco, estando, portanto evidente mais uma faceta do trabalho - a de tradutor ator conforme destacado por Segala (2010). Descreveremos a importância do estudo prévio das letras das marchinhas, o estudo do roteiro e das falas dos personagens visto que tais acessos marcam o diferencial desta atuação da costumeira interpretação simultânea. Abordaremos algumas de tais questões envolvidas no processo que antecipou a apresentação, ou seja, a tradução propriamente dita, as justificativas de escolhas, tendo em vista o público alvo bem como as necessárias estratégias adotadas. O fazer tradutório se dá em zona fronteira. Trata-se de um espaço de negociação, escolha e tomada de decisão. Envolve conhecimento não apenas linguístico, mas especialmente cultural entre a língua fonte (base da tradução) e língua alvo (resultado da tradução). Diz respeito a uma busca de equivalência que embora não perfeita faça uma correspondência entre as línguas envolvidas para que a mensagem seja transmitida ainda que assuma outra forma. Tal complexidade é comum à atividade de tradução, no entanto, o desafio torna-se ainda mais evidente quando o trânsito se dá entre línguas de modalidades distintas, como no caso de traduzir do português escrito para a língua de sinais, sendo a primeira de modalidade oral/auditiva e a segunda visual/ espacial. Especificamente na análise em questão, pretendemos descrever breve e resumidamente o mapeamento do texto e abordar questões de possíveis equivalências ou correspondência semântica e cultural com a letra da canção “Cantores do Rádio” parte do material traduzido. Não descreveremos todo o mapeamento e o passo-a-passo da tradução de todas as canções trabalhadas para a apresentação, no entanto os fragmentos escolhidos com a referida canção dão conta de exemplificar algumas dificuldades, possíveis problemas de tradução, questões de público alvo, ritmo, vocabulário, estrutura, estratégias e escolhas adotadas. Abordaremos as modalidades de tradução, domesticadora e estrangeirizadora (OLIVEIRA, 2010, apud VENUTI, 1998). O valor da formação e do conhecimento técnico, teórico e específico de tradução/ interpretação é facilmente percebido na atuação do tradutor de materiais didáticos ou na literatura em geral, na presença de intérpretes em espaços jurídicos, no âmbito da saúde e, principalmente, no educacional. Tais vertentes do trabalho têm sido fontes de debates e

pesquisas que visam melhorar a qualidade dos serviços prestados. O objetivo deste trabalho é destacar que igualmente importante é a capacitação e quaisquer treinamentos necessários para a atuação em produções culturais e artísticas. Possíveis resultados de tal análise e descrição é que esta contribua para uma reflexão acerca da adaptação e naturalização da obra original, visando atingir o objetivo de não só informar, mas emocionar e entreter, como é próprio das produções artísticas, além de combater estigmas de segregação e promover a inclusão social.

SESSÃO 6 - ANÁLISE DO DISCURSO: LINGUAGEM E TRABALHO

Coordenadora: Maria Cristina Giorgi (CEFET-RJ)

1) «ISSO É TRABALHO DE MULHER»: IMAGENS DISCURSIVAS SOBRE MASCULINIDADE NAS NOVAS FORMAS DE TRABALHO MASCULINO

Elir Ferrari de Freitas (UFF/CAPES)

Orientadora: Del Carmen Daher (UFF)

O movimento feminista brasileiro promoveu grandes mudanças nas práticas sociais e discursivas, resultado de um pensamento histórico e politicamente constituído, sendo fruto de aconselhamentos acerca da posição da mulher na sociedade. Nesse aspecto, os ganhos sociais para a mulher foram inestimáveis. A partir desse contexto, procuramos localizar e identificar as características e os posicionamentos do homem face às conquistas feministas, em especial, as relações entre masculinidade e os novos trabalhos que se lhe apresentam no momento pós-feminismo. As novas práticas sociais impuseram ao homem grandes mudanças nas condições de masculinidade, acarretando uma emasculação, a desvirilização do homem na sociedade (RUITENBEEK, 1969). Segundo Ruitenbeek (*ibid.*), essa emasculação não se deveu ao movimento feminista, nem ao fato de as mulheres ocuparem espaços que antes lhe eram negados ou trabalharem em funções ditas masculinas, mas, sobretudo, pela ameaça da imagem da mulher, da representação dessa nova mulher. Para Ruitenbeek, o feminismo surge porque foi permitido por mudanças sociais que vinham ocorrendo há tempos, como a revolução industrial e a necessidade de novas práticas que atendessem às tecnologias do trabalho e da economia. A mulher transitou melhor pelas mudanças sociais porque o movimento feminista serviu como fonte de aconselhamentos e fez eclodir uma série de mudanças não só sociais, mas, principalmente, discursivas. Partimos da premissa de que a falta de aconselhamentos sobre os novos contornos sociais gerou, no homem, uma resistência às mudanças, porque estremece a hegemonia da dominação masculina (BOURDIEU, 2005; 2009; 2011) e afeta a história da

virilidade nos tempos atuais, que enfrenta o início da queda da força física e potência sexual, do controle e coragem historicamente construídos (VIGARELLO, 2013; NOLASCO, 1993; 2001). Nosso estudo busca mapear os enunciados que circulam sobre o trabalho antes chamado “trabalho de mulher”, como as tarefas do lar e o cuidado com os filhos, por entender que os espaços antes chamados de “trabalho de homem” hoje podem ser ocupados por mulheres, ainda que não tenha se materializado é possível vislumbrar um início títubeante. A análise de comerciais feitos para televisão e para a internet, imagens verbo-visuais que circulam em redes sociais, entrevistas, programas de entretenimento e culinária, dá visibilidade a estereótipos de mundos éticos e de masculinidades, além de nos apresentar uma imagem discursiva do homem contemporâneo e sua representação, ou a falta dela, no mundo do trabalho. Assim, por meio de um corpus multimodal diversificado por sua constituição de base, com a proposta de uma investigação ampla de enunciados que circulam no cotidiano de nossas vidas e que veiculem imagens de homem em trabalhos como a limpeza do lar, o preparo da alimentação familiar e o cuidado com os filhos. Propomos o conceito de imagem discursiva para a análise, uma vez que essas imagens refletem os estereótipos de mundos éticos (MAINGUENEAU, 1997; 2001). Essa noção nos permite enxergar a corporalidade discursiva pelas representações sociais e é através dela, e pela implicação de mundos éticos, que o coenunciador incorpora os discursos, isto é, o coenunciador passa a se coadunar com uma comunidade discursiva imaginária que compartilha um mesmo discurso (*idem*). Buscamos entender por que os discursos sobre o trabalho masculino tendem a tornar invisíveis as atividades em que o homem ocupa lugares antes designados a mulheres, mesmo havendo evidências de crescimento dessa prática social, que se torna cada vez mais imprescindível em função de novas estruturas familiares e/ou individualistas.

2) ARQUITETURA ESCOLAR: ESPAÇO DE TRABALHO DISCURSIVO E DISCIPLINAR

Renata Guimarães Palmeira (UFF)

No século XIX, no Rio de Janeiro, as escolas públicas ocupavam imóveis particulares alugados pelo governo. Eram prédios sem as acomodações necessárias para alunos e professores e sem as condições pedagógicas e higiênicas mais básicas (MOACYR, 1937). Os primeiros edifícios projetados no Brasil com o propósito de serem ocupados por escolas públicas primárias foram as chamadas “Escolas do Imperador”, construídas entre os anos de 1870 e 1889, no antigo Município Neutro, atual Rio de Janeiro. Foram erguidas oito escolas de arquitetura imponente em localizações nobres da cidade. O Município Neutro tornou-se Distrito Federal e depois Município do Rio de Janeiro. A partir de 1889, as Escolas da Primeira República, quanto à arquitetura apresentam dois estilos, o “ecletismo republicano” (de 1889 a 1926); e o “missões-neocolonial” (de 1926 a 1930) (SISSON, 1990). Após a Revolução de 1930, vieram as Escolas de Anísio Teixeira dando início ao modernismo na arquitetura escolar. Foram elaborados cinco tipos de edifícios: o Mínimo, de 3 salas de aula (construídos em regiões de reduzida população escolar); o Nuclear,

com 12 salas; o Platoon, com 12, 16 e 25 salas e ainda os tipos Especial e Parque (SISSON, 1990). Nos anos 60, a Fundação Otávio Mangabeira (FOM), fundada no Governo de Carlos Lacerda, no antigo Estado da Guanabara, foi responsável pela construção de escolas de 1º grau. Eram construídas em 14 dias para durar cinco anos, mas ainda há 35 delas funcionando. Essas Escolas FOM, posteriormente, passaram para a rede municipal do Rio de Janeiro (EHRlich, 2002). As Escolas “Bologna”, do arquiteto Francisco de Paula Lemos Bolonha, construídas também nos anos 60, apresentam brises de madeira, telhas cerâmicas, paredes de tijolo maciço e estrutura de concreto aparente, atingindo um “mínimo essencial” na construção (EHRlich, 2002). As Escolas tipo “Lelé”, do arquiteto João da Gama Filgueiras Lima, da década de 1980, demonstram economia construtiva através de processos de pré-fabricação, usando argamassa armada e aço nos edifícios escolares. Ainda nos anos 80, Darcy Ribeiro, Leonel Brizola e Oscar Niemeyer idealizaram os CIEPs (Centros Integrados de Educação Pública), as primeiras escolas públicas funcionando em horário integral no Brasil, segundo Ribeiro (1986). Foram construídas mais de 500 escolas com arquitetura de concreto pré-moldado em locais de população considerada mais carente. Atualmente, as Escolas Padrão desenvolvidas pela RioUrbe trazem uma concepção que orienta sua implantação em diversos terrenos, sendo edificações únicas de três pavimentos, com cores primárias nas fachadas, estrutura metálica e lajes pré-moldadas de concreto (DUNHAM, 2009). Neste trabalho, como parte da metodologia, busca-se articular a arquitetura escolar, um espaço de trabalho discursivo e disciplinar, com importantes questões levantadas por Foucault, em *Vigiar e punir* (2011), destacando que em diversos momentos de seu relato, prisão e escola se assemelham em arquitetura, funcionamento e ocupantes. Depois, para se pensar essa arquitetura, no quadro teórico-metodológico da análise do discurso de base enunciativa, parece interessante, como diz Maingueneau (2005), ampliar o universo discursivo e ir além dos objetos linguísticos, apesar de se correr os riscos próprios a uma tentativa “intersemiótica”. E, seguindo a sua proposição de “definir a prática discursiva como a unidade de análise pertinente, que pode integrar domínios semióticos variados: enunciados, quadros, obras musicais...” (2005, p.146), inclui-se a arquitetura nesses domínios. Desse modo, como objetivo deste trabalho, se deve olhar para a arquitetura escolar como domínio semiótico e analisá-la a partir da prática discursiva que a constitui. Assim, os resultados parciais apontam que, do mesmo modo que os enunciados, cada conjunto de escolas públicas do Rio de Janeiro, com seus projetos padronizados parecem submeter-se a certas condições que definem sua legitimidade.

3) VOZES DA ATIVIDADE DOCENTE EM CURSOS DE IDIOMAS EM CAMPOS-RJ: POR UMA ANÁLISE DA FALA DO PROFESSOR DE INGLÊS SOBRE O SEU TRABALHO

Carlos Fabiano de Souza (IFF/UFF)

No Norte Fluminense do Estado do Rio de Janeiro, a busca por melhores postos de trabalho (ligada quase sempre ao mercado petrolífero da Bacia de Campos/RJ), os investimentos com a instalação do Porto do Açú e do Estaleiro de Barra do Furado são fatores que têm cooperado para a manutenção da necessidade de se aprender a falar inglês nessa região. Diante desse cenário, muitos cursos livres de idiomas têm sido abertos por toda parte. Pode-se dizer também que a notória deficiência da rede regular quanto a fornecer uma formação em língua inglesa de qualidade aos nossos educandos, de longa data, tem possibilitado que os cursos livres ocupem uma posição protagonista no ensino de língua estrangeira (LE). Pois, como bem salienta Barros (2014), a grande quantidade de escolas de idiomas no Brasil – sendo mais de seis mil filiais de 70 redes em todo território nacional – deve-se, justamente, à ineficácia do ensino deste idioma nas escolas da rede pública, em especial. Entretanto, com toda essa demanda, e ainda que seja constante o crescimento e expansão dessas instituições que têm atuado no mercado privado de ensino de LE em todo território brasileiro desde a década de 1930, pontuamos que os bancos acadêmicos não têm explorado em suas investigações este *locus* de atuação profissional do professor de inglês. Nesse aspecto, o presente estudo é, sobretudo, fruto de uma inquietude proveniente da falta de referencial teórico consistente acerca de como se dão as relações de ensino-aprendizagem em cursos dessa natureza, tendo como foco de análise a atividade docente do professor de língua inglesa nesses contextos. Assim, em virtude do aumento expressivo do número de cursos de línguas na Região Norte Fluminense nos últimos anos, torna-se relevante investigar o trabalho dos profissionais que atuam ministrando aulas de LE-inglês nessas instituições, já que concebemos o professor como peça fundamental dentro de qualquer contexto educacional, pois, enquanto trabalhador, o professor exerce uma importante atividade de interação, na qual ele se dedica ao seu objeto de trabalho, sendo este um fazer interativo, complexo, um trabalho sobre e com o outro (TARDIFF & LESSARD, 2013, p.11). As implicações que surgem deste pressuposto levam a uma melhor caracterização dessa profissão, na qual o professor de LE-inglês é notadamente um profissional que atua em uma área com características próprias (CELANI, 2008). Nessa medida, buscamos integrar a vertente de estudos situados na interface linguagem e trabalho, com o intuito de investigar, a partir do que diz o professor de inglês sobre o seu trabalho, as imagens que constrói sobre si e sobre a sua atividade profissional em cursos livres. Tomando por base as práticas linguageiras, nossa perspectiva está pautada principalmente na fala **sobre** o trabalho (LACOSTE, 1998). Para o desenvolvimento desta investigação, utilizaremos uma metodologia de coleta de dados centrada na produção de textos escritos por duas docentes licenciadas, com experiência em cursos livres em Campos/RJ, os quais se encontram na forma de questionários mistos, analisados

sob o enfoque teórico da abordagem ergológica da atividade (SCHWARTZ, 1997). Além disso, partindo da concepção dialógica de linguagem, os escritos de Bakhtin (2011) também serão mobilizados como um dos principais aportes teóricos. Finalmente, acreditamos que os discursos analisados, tendo sido produzidos por duas docentes com experiência em cursos privados de línguas, não apenas auxiliam na compreensão da complexidade do trabalho do professor de línguas em geral, mas, sobretudo, contribuem para a construção de conhecimento acerca de questões relativas ao exercício docente em escolas dessa natureza.

4) O TRABALHO DO PROFESSOR DE EBTT E SEU EMBATE DE VALORES: UM RECORTE METODOLÓGICO

Cristiane Nascimento Weber de Oliveira (UFRRJ/UERJ)

Este trabalho é um recorte de uma dissertação de mestrado em processo que tem por objetivo analisar a atividade do professor do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) no Colégio Técnico da Universidade Rural do Rio de Janeiro (CTUR) e seu embate de valores à luz da perspectiva ergológica do trabalho (SCHWARTZ, 1997) e das concepções trazidas pela Análise do Discurso de base francesa (MAINGUENEAU, 1998). O CTUR oferece quatro cursos técnicos: Agrimensura, Agroecologia, Hospedagem, Meio Ambiente e o curso de Ensino Médio, nas modalidades integradas, com concomitância interna e com concomitância externa, além da subsequente (ou pós-médio). Por ter tido sua origem na junção de duas escolas técnicas já existentes – O Colégio Técnico Agrícola Ildelfonso Simões Lopes e o Colégio Técnico de Economia Doméstica – a fala dos professores explicitam um conflito de valores, na medida em que se reporta aos interesses dos cursos em que atuavam quando se deu a junção institucional. Cada qual considera sua prática docente, assim como, a área técnica a qual pertence, superior em importância às demais perspectivas de atuação profissional da escola. Com o objetivo específico de identificar como esses textos se sustentam e como eles se alimentam, optamos por usar a entrevista como um dispositivo metodológico a fim de dar voz ao docente do CTUR para a produção de textos a partir de uma perspectiva discursiva (ROCHA, DAHER, SANT'ANNA, 2004). Nesta apresentação, nossa intenção é explicitar o caminho teórico-metodológico relacionado ao modo de aproximação da palavra do meu interlocutor. E a justificativa para esse recorte se dá nas limitações de encontrar referencial para elucidar a metodologia utilizada em pesquisas que tem na Análise do Discurso seu referencial teórico. Explicitaremos aqui as três etapas de nossa perspectiva metodológica: 1. A elaboração do questionário dividindo a entrevista em blocos; 2. O ajuste após o piloto; 3. A relação das perguntas e as respostas recebidas. Primeiramente, a partir da proposta de Daher (1998), elaboramos a entrevista dividida em três blocos temáticos – Formação e Experiência do Professor; O Trabalho do Professor; Normas Antecedentes e Renormalizações. E para cada bloco havia objetivos, problemas e hipóteses que nos levaram a formular um conjunto de perguntas. O aporte teórico escolhido nos levou a

construir um questionário segundo uma perspectiva discursiva, isto é, partindo do pressuposto de que cada resposta é uma construção de sentido e não uma verdade, visto que na Análise do Discurso há um encaminhamento de raciocínio que nos aproxima do interlocutor, mas que suas respostas não pressupõem uma linguagem homogênea e transparente. Por isso, foi-nos fundamental refletir por que deveríamos perguntar sobre determinadas questões e quais possíveis implicações (LOURAU, 1975) estariam relacionadas ao tema. Logo após a elaboração do quadro temático, entrevistamos um professor do CTUR com o intuito de verificar se as perguntas estavam adequadas. Após a execução, percebemos que duas perguntas possibilitavam as respostas SIM ou NÃO e que, por isso, não atingia a reflexão desejada sobre o tema. Em seguida, fizemos os ajustes nas perguntas e entrevistamos três professores da escola: um do Ensino Médio, um do Curso de Agroecologia e o outro do Curso de Hospedagem. Ainda não há resultados concretos, pois estamos na etapa de análise das respostas dadas às perguntas. Porém, percebemos, inicialmente, que as respostas dialogam com pressupostos pensados no roteiro. Esperamos que os resultados obtidos após a análise não só contribuam para a reflexão sobre o trabalho do professor de EBTT, mas também permita-nos analisar as implicações e os fatores que mantém os embates presentes na escola.

5) LINGUÍSTICA FORENSE: REFLEXÕES SOBRE A UTILIZAÇÃO DA ANÁLISE DO DISCURSO EM DEPOIMENTOS.

Mônica Azzariti (UERJ)

Bruno Deusdará (UERJ)

A busca da verdade real é um princípio implícito na lei infraconstitucional. Não se pode conceber o processo legal sem que a verdade real seja perseguida. A prova em processo judicial figura como meio de comprovação da verdade “alegada” contribuindo para o convencimento do juiz e, portanto, necessário se faz que os atores do mundo jurídico tenham recursos técnicos para trabalhar com tais provas. Nesse contexto, é inegável o papel da prova testemunhal em um processo, provavelmente, o meio de prova mais antigo que existe e o mais sujeito a imprecisões, seja por equívoco, mentira involuntária ou voluntária. Testemunhas têm o dever de dizer a verdade e o magistrado de adverti-las das penas de perjúrio. O depoimento é a realização do ato, dividido em perguntas e reperguntas com objetivo de se alcançar a verdade. Dito isso, compreende-se porque o falso testemunho constitui crime passível de pena de reclusão e multa (artigo 342 do CP). Porém, o falso testemunho nem sempre é facilmente identificado. Neste texto, reflete-se sobre a linguística no contexto forense. Estimula-nos verificar quais os procedimentos utilizados e quais os efeitos de sentido criados quando um indivíduo depõe. O discurso carrega elementos sobre os quais se assenta um enunciado e tais elementos quando analisados trazem informações extremamente relevantes, inclusive em procedimentos legais. Uma vez caracterizado o discurso como um ato, uma ação,

uma construção faz sentido se buscar compreender essa produção com intuito de estabelecer sua relação de representação de uma realidade. As informações que o discurso carrega e essa relação com seu sujeito enunciativo já fomentam estudos interessantes. Cleckley (1976), em *The Mask of Sanity*, por exemplo, percebeu que os psicopatas são propensos a usar jargões ou mudanças de linhas de pensamento, deixando assim o seu interlocutor confuso. Eichler (1965) avaliou o discurso de homens classificados como sociopatas e descobriu que, em comparação com os homens “normais” eles usaram mais negações, retrações (tradução livre) e adjetivos. As observações linguísticas sugerem que os psicopatas sem quebrar regras gramaticais óbvias, possuem certo grau de ambiguidade em suas declarações e uma possível explicação para esse fenômeno é que os psicopatas estão entre os mais engenhosos e efetivos enunciadores (Cleckley, 1976), fazendo uso hábil de táticas comumente associadas com a publicidade e discursos políticos para confundir e enganar seu público. O FBI, em seu site, afirma que a linguagem dos indivíduos é uma das melhores maneiras de recolher a introspecção de seus pensamentos e perspectivas gerais. *Testium fides diligenter examinanda*, um brocado jurídico que representa os objetivos deste artigo que visa, à luz da Análise do Discurso, uma reflexão sobre os enunciados produzidos em contextos jurídicos, especificamente depoimentos, na medida em que estes servem como prova e atuam fortemente na construção do livre convencimento do magistrado que o norteia ao proferir a sentença. A utilização da Análise do Discurso em contextos forenses traz um desafio que remonta as origens da relação do homem com a justiça: a busca pela verdade. Nesse sentido, pretende-se com este trabalho induzir a uma reflexão acerca da contribuição da Análise do Discurso como prática para se desenvolver uma metodologia de análise de depoimentos.

SESSÃO 7 - ANÁLISE DO DISCURSO E ENSINO

Coordenadora: Dayala Vargens (UFF)

1) TEORIA E PRÁTICA NAS LICENCIATURAS DE ESPANHOL: UM ESTUDO DISCURSIVO

André Lima Cordeiro (UERJ)

Este trabalho faz parte de pesquisa de mestrado em andamento e objetiva analisar as licenciaturas de letras nas universidades públicas, da região sudeste, que oferecem dupla habilitação de Português-Espanhol por meio de ementas de disciplinas de graduação dessa habilitação. O propósito é identificar interdiscursividades e seus efeitos de sentido no que se entende como formação para o trabalho de professor de línguas. No total, são dezessete

universidades selecionadas no *corpus* que atendem aos critérios estipulados. As licenciaturas no Brasil seguem um conjunto de legislações federais que estipulam alguns parâmetros para sua organização. Características como carga horária, duração mínima, campo de atuação dentre outras são determinadas por pareceres e resoluções emitidos pelo Ministério da Educação e Cultural (MEC). No entanto, essas normas não padronizam a formação profissional docente no país possibilitando inúmeras arrumações para esses cursos. Dessa forma, encontramos variações de diversas naturezas nas composições dos cursos de licenciatura analisados. Nesse trabalho, tratamos da materialização desses possíveis caminhos a serem percorridos nas licenciaturas em letras a fim de entender quais agenciamentos estão sendo feitos para constituir que se entende por licenciatura em letras nas universidades estudadas. As licenciaturas são formadas por três eixos a partir do que foi estipulado no Parecer CNE/CP 28/2001, documento que compôs um pacote de reforma das licenciaturas no ano de 2001: Teórico-Metodológico, Prática como Componente Curricular e Estágio Supervisionado, com um mínimo de horas estipulado para cada um deles de 1800, 400 e 400 respectivamente. O foco de discussão está nas articulações feitas entre teoria e prática principalmente nas disciplinas que contemplam horas do eixo curricular de Prática como Componente Curricular. Algumas universidades incluíram essas horas em disciplinas já existentes do eixo teórico-metodológico enquanto outras criaram disciplinas exclusivas de Prática como Componente Curricular. Para tal, partimos das discussões feitas por Adolfo Vazquez (1977) sobre o que se determina como a *práxis* humana e, em seguida, articulamos com as discussões de Gilles Deleuze (1968) sobre as possibilidades de repetição de uma mesma ação e sua relação com possíveis diferenciações. Tratamos também das relações feitas por Yves Schwarz (2010) sobre a atividade do trabalho, principalmente, no que diz respeito à sua realização e ao seu exercício prático em relação às prescrições que a antecedem. Ainda relacionados a esse contexto, do que caracteriza a apresentação de uma disciplina, trataremos dos objetivos e bibliografia, relacionando-os com a ementa à luz do histórico das teorias curriculares (SILVA, 2005; LOPES, 2011) que influenciaram os estudos da educação no Brasil. Ademais, o currículo, de acordo com Silva (2005), perpassa a discussão da construção de identidade e/ou de subjetividade. Nossos resultados iniciais apontam para questões de heterogeneidade discursiva (AUTHIER-REVUZ, 1998) que devem auxiliar nossas conclusões sobre os modos de articular aquilo que se percebe, pois há um deslocamento da ideia de prática que, ao ser oposta à teoria, é significada como cotidiano escolar, mas quando é oposta à ideia de estágio ganha matizes de conhecimento. Esses deslocamentos influenciam no sentido de que memórias discursivas identificadas no enunciado devem apontar traços de perfil (is) profissional (ais) de professor que se está(ão) construindo.

2) O ENSINO DE ESPANHOL NA INFÂNCIA: QUANTO MAIS CEDO MELHOR?

Dayala Paiva de Medeiros Vargens (UFF/PIBID/APEERJ)

Livia Pugade Almeida Santos (UFF/PIBID)

A implementação do ensino de línguas nos anos iniciais do Ensino Fundamental, apesar do caráter facultativo, encontra-se consolidada em cursos livres, nos planos curriculares das escolas particulares, além de apresentar-se em constante expansão no setor público. Recentemente, por exemplo, foi implementado nos sistemas de ensino público dos Municípios do Rio de Janeiro e de Niterói. É para esses contextos educacionais que se volta especificamente a presente investigação cujo o objetivo é iniciar uma reflexão focada no ensino de espanhol nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Alguns motivos incentivam o desenvolvimento desta investigação: (i) a inexistência de um processo oficial de avaliação de livros didáticos de línguas estrangeiras nos moldes do que ocorre no Programa Nacional do Livro Didático-PNLD de Línguas Estrangeira Moderna nos âmbitos dos anos finais do Ensino Fundamental (desde 2011) e do Ensino Médio (desde 2012); (ii) a necessidade de ampliação das pesquisas voltadas para o ensino de línguas para crianças no Brasil; (iii) o interesse de contribuir na consolidação desse objeto de estudo na formação de professores de línguas; (iv) a hipótese de que a ampliação do estudo da afetividade e do lúdico no âmbito do ensino de línguas possa trazer importante possibilidade de mudanças na configuração identitária dessa disciplina no contexto da escola. Como fundamentação teórico-metodológica, a pesquisa segue no âmbito dos estudos da linguagem, a concepção dialógica de linguagem (BAKHTIN, 2000, 2004) e pressupostos da Análise do Discurso de base enunciativa (MAINGUENEAU, 1997, 2002, 2006). No que tange ao papel do ensino de línguas no espaço escolar, recupera-se os estudos de Coracini (1999); Moita Lopes (1996) e Tílio (2006). Com o intuito de compreender o lugar do ensino de línguas no contexto das idéias e práticas pedagógicas, são revisitadas pedagogias do século XX (GAUTHIER, 2010; AUDET, 2010; LEGENDRE, 2010), no esforço de refletir sobre possíveis relações entre a trajetória do ensino de línguas nas escolas e as concepções de educação que lhes são subjacentes. Em uma primeira etapa desta investigação problematiza-se a questão de se iniciar a aprendizagem de uma LE na infância, levando-se em consideração a instituição de práticas discursivas em prol da iniciação cada vez mais cedo do processo de aprendizagem de línguas. Para fundamentar teoricamente essa etapa investigativa, são trazidos à tona trabalhos de diferentes pesquisadores (AMARAL, 2001, ASSIS-PETERSON; GONÇALVES, 2000/2001; ROCHA, 2007) dedicados ao ensino de línguas para crianças que discutem fatores intervenientes nesse processo de ensino-aprendizagem. Apresenta-se, ainda nessa etapa, mapeamento bibliográfico de pesquisas realizadas no Brasil sobre o tema. Em etapa subsequente, prioriza-se a análise de material didático de língua espanhola utilizados nos anos iniciais. O estudo desse *corpus* se pauta em dispositivo analítico constituído a partir (i) de critérios utilizados em edições anteriores do Programa Nacional do Livro Didático-PNLD de Línguas Estrangeira Moderna nos âmbitos dos anos finais do Ensino

Fundamental (ii) objetivos traçados nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental-1º e 2º ciclos (BRASIL/SEF, 1997). Como resultado de análise do material de pesquisa considera-se que a coleção de livros analisada distancia-se tanto dos objetivos gerais como das concepções de língua e de linguagem delineados nos documentos curriculares para esse ciclo. Além disso, divergem de vários princípios utilizados em avaliações oficiais de obras didáticas destinadas à educação básica, mostrando-se inadequadas para o ensino de línguas no contexto escolar.

3) REPRESENTAÇÕES DE PROFESSOR, ALUNO E INSTITUIÇÃO EM UM PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO RIO DE JANEIRO

Paula Angélica da Silva Campos (UFRJ)

Orientador: Ana Paula Marques Beato-Canato (UFRJ)

A presente pesquisa investiga as representações do trabalho docente e seus colaboradores a partir dos processos de significações dos interdiscursos construídos num projeto político pedagógico de uma escola pública do Rio de Janeiro. O Projeto Político Pedagógico instituído pela Lei de Diretrizes e Bases (BRASIL, 1996) é um planejamento organizado em torno de uma política de ensino e uma prática pedagógica que segue as normas de gestão da escola mediante a participação dos profissionais da educação, da comunidade e demais colaboradores envolvidos com o organismo educacional. Este projeto, de caráter prescritivo, orienta as ações pedagógicas do professor, bem como toda a vida escolar, por isso, a partir de seu estudo, acreditamos ser possível identificar como o professor, a escola e o aluno são compreendidos. O documento constitui-se, portanto, como um planejamento prévio do trabalho do professor. Segundo Farias et al (2009), o planejamento é um ato, uma atividade que projeta, organiza e sistematiza o fazer docente no que diz respeito aos seus fins, normas e conteúdos. Entendendo as teorias que subjazem o documento como uma prática discursiva e, portanto, um construto sócio-histórico que determina processos de significação, o projeto político pedagógico mostra-se um documento altamente relevante para entender tanto a realidade escolar como a prática docente. Diante deste panorama, a Análise de Discurso se propõe a construir escutas que permitam atentar e entender o não-dito naquilo que é dito, uma vez que o interdiscurso é da ordem do saber discursivo, da memória afetada pelo esquecimento (ORLANDI, 2013). Outros dois importantes princípios encontram-se na noção do conceito de ideologia e do conceito de diálogo. Neste trabalho, a ideologia é entendida como conjunto de ideias que permeiam a consciência social através dos múltiplos intercâmbios culturais e o diálogo é entendido como um espaço de intenso embate entre forças centrífugas e forças centrípetas que ocorre nas fronteiras sociais, tais forças tecem no âmbito do discurso uma arena dialógica, umas buscam impor uma centralização, enquanto outras forças buscam corroer continuamente as tendências centralizadoras (FARACO, 2009). Como dispositivo teórico-metodológico, adotamos uma linha

interacionista sócio-discursiva (BRONCKART, 2003; CRISTOVÃO, 2008). Nesta abordagem, as ações linguagem são construídas por meio das atividades sociais como forma de formação social e histórica do ser humano. A visão de linguagem para o interacionismo sócio-discursivo pode ser representado pelos cinco princípios a seguir: a linguagem é dialógica; a linguagem se materializa nos signos de uma língua natural; a língua não é estável; a linguagem é significação e detém uma dimensão comunicativo-social, implicando em marcas de alteridade, de intersubjetividade. Neste sentido, o pensamento e a linguagem bem como os seus efeitos estão intimamente relacionadas com as representações dos agentes do contexto da ação e seus aspectos físicos, sociais, culturais, históricos e subjetivos. Dessa maneira, a análise do *corpus* considerou o contexto de produção, a organização e elementos linguístico-discursivos, construções enunciativa e semântica do texto. Os resultados revelam três importantes posicionamentos em relação ao professor, ao aluno e à escola: os professores são representados como executores das metas estabelecidas pela escola; os alunos são representados ora como agentes da aprendizagem e ora como beneficiários e experienciadores deste processo numa atuação relativamente passiva e a escola representada como a grande promotora dos serviços educacionais. Esta visão de escola como prestadora de serviços (NÓVOA, 2006), alunos como clientes e conhecimento como produto são significações (re)construídas pelo documento.

4) O DISCURSO HUMORÍSTICO SOBRE EDUCAÇÃO NA FORMA DE QUADRINHOS

Ellen Kethleen da Silva COSTA (ICSEZ/UFAM)

Hellen Cristina Picanço SIMAS (ICSEZ/UFAM)

O presente artigo visa à análise discursiva de quadrinhos criados pelos autores Luiz Fernando Veríssimo e Joaquín Salvador Lavado Tejón, mais conhecido como Quino. Dar-se-á ênfase à análise das Formações Ideológicas dos discursos sobre educação presente nos quadrinhos selecionados para estudo. A Análise de Discurso de linha francesa, cujos autores mais representativos são Pêcheux (1975) e Orlandi (1999, 2002), dará bases às análises. O *corpus* de estudo é formado por três quadrinhos, sendo dois da Mafalda e um das cobras. A pesquisa configura-se como bibliográfica e explicativa e utiliza o método analítico-indutivo, uma vez que, a partir dos resultados encontrados nas análises dos quadrinhos, pretende elaborar hipóteses mais gerais para os fenômenos estudados. Dar-se-á um tratamento qualitativo ao *corpus* de estudo, uma vez que se estudam os sentidos, as formações discursivas e interdiscurso presentes nos textos. Materialidade discursiva que exige uma abordagem qualitativa ao invés de quantitativa. Diante disso, o presente artigo em consonância com os pressupostos da Análise de Discurso tentará explicar como essas representações lúdicas, com personagens fictícios, encontrados, principalmente, na internet, com a temática educação, apontam para a formação discursiva que informa que a educação no Brasil está precária, apesar de se passar uma imagem positiva sobre ela nos meios de comunicação. A pesquisa esclarece como os

quadrinhos passam para seus leitores não só um ar de ironia, de gargalhadas, mas uma crítica presente nas entrelinhas do texto. Observar-se, nos quadrinhos em estudo, um discurso em que se estampa a precariedade da educação brasileira em termos de ensino nas escolas, de formações de professores, de alunos que não têm vontade de ir à escola pelo fato de não serem motivados e por o ensino não lhes ser significativo, ser pautado no ensino metalinguístico e, em se tratando do ensino da língua portuguesa, em ensino da estrutura linguística e não dos aspectos comunicacionais. Esses quadrinhos também deixam visualizar no seu discurso que os conteúdos dados em sala de aula não estão suprindo as necessidades dos alunos, que é adquirirem conhecimentos mais abrangentes e úteis para sua vida em sociedade. Eles nos levam a pensar que a educação brasileira é só um esboço de um projeto ainda em preparação. Além disso, nas entrelinhas dos quadrinhos percebemos uma ideia de que as crianças não querem se espelhar em seus educadores, uma vez que muitos deles estudam e trabalham bastante, mas não são valorizados, principalmente quando se trata de sua remuneração. Alguns educadores trabalham em situações extremas de nervosismo, preparam aulas maravilhosas, porém não conseguem colocar em prática e é aí que os alunos acabam não adquirindo os conteúdos propostos em sala de aula, uma vez que, os alunos e educadores são vítimas do modelo educacional político social e histórico. Esta pesquisa, portanto, pretende ampliar o olhar sobre a educação, mostrando que apesar da melhoria estrutural das escolas, por haver mais formação acadêmica de muitos professores, o ensino-aprendizagem no Brasil ainda apresenta-se distante de ser um ensino significativo. Assim, o artigo revela o discurso presente nos quadrinhos, o qual aponta que há uma realidade maquiada quando se trata da educação no Brasil.

5) AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE FRANCÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: UMA ANÁLISE DO LIVRO *LE KIOSQUE 1* A PARTIR DA NOÇÃO BAKHTINIANA DE GÊNEROS DO DISCURSO

Teurra Fernandes Vailatti (UFPR/CAPES)

Deise Cristina de Lima Picanço (UFPR/CAPES)

Nas pesquisas em educação, atualmente, compreende-se que o gênero dos quadrinhos, em sua inserção na escola, acabou se tornando apenas uma ferramenta que permite o acesso a outro tipo de conhecimento. No trabalho com a linguagem, por exemplo, os quadrinhos são um recurso atraente para transmitir conteúdos mais “importantes”, como a gramática. Assim, têm-se aulas *com* histórias em quadrinhos e não *sobre* elas. No ensino de línguas estrangeiras não é diferente. No caso dos livros didáticos destinados ao ensino do francês como língua estrangeira (FLE), muitos autores passaram, inclusive, a elaborar seus próprios quadrinhos, tão grande é a crença na eficácia deste recurso para a aprendizagem de conteúdos linguísticos. Percebeu-se a necessidade de problematizar a inserção deste gênero nos livros para identificar como são valorizados e/ou negligenciados. Nesta comunicação, será apresentada a análise de

um livro didático para ensino do FLE, primeiro volume de uma coleção em que se observa a constante presença de elementos do gênero quadrinístico, por meio de quadrinhos elaborados e autênticos; trata-se da coleção *Le Kiosque*, da editora francesa *Hachette FLE*. Consideram-se as características gerais do livro analisado, comuns aos livros de FLE e os seus aspectos, sua concepção, como a proposta pedagógica dos autores, a abordagem metodológica e outros – como a seleção e disposição dos conteúdos nas unidades do livro, o enredo e os personagens criados. Estes fatores auxiliam a evidenciar alguns exemplos dos usos feitos do gênero quadrinístico. O debate que Bakhtin (1992) faz em torno dos gêneros do discurso sustenta uma derivação que possibilita, em sua perspectiva, falar sobre as histórias em quadrinhos. De acordo com Ramos (2009), percebe-se, na literatura científica sobre os quadrinhos, uma tendência teórica em compreendê-los como um grande rótulo que abriga um repertório infinito e heterogêneo de gêneros (como os cartuns, as charges, as tiras, etc.), que estabelecem relações mínimas comuns, mas que também possuem suas especificidades. Assim, para análise do livro *Le Kiosque 1* são mobilizados os conceitos de gênero, enunciado, dialogismo e experiência sócio-verbal, que possibilitam olhar para os quadrinhos como linguagem que integra a dinâmica da comunicação nas diversas esferas da atividade humana, articulando, juntamente com suas características constitutivas, visões de mundo, juízos de valor, emoções, ideologias - aspectos que podem ser percebidos pelo aluno-leitor. Evidenciam-se dois usos do gênero quadrinístico: o primeiro é a intenção de *simulação do diálogo cotidiano oral* – dados os recursos inesgotáveis dos quadrinhos para representar a estrutura de um diálogo cotidiano através da integração entre o verbal e o visual; o segundo é a *leitura de uma história em quadrinho francófono* – diferencial da coleção *Le Kiosque*, que contempla uma proposta de leitura de quadrinhos autênticos. Ressaltam-se os pontos frágeis de exploração do gênero relacionados à descontextualização dos quadrinhos autênticos, à ausência de uma exploração mais fina dos elementos que os constituem (por desconsiderar uma leitura aprofundada da imagem) e ao espaço mínimo dado ao leitor para construir seus sentidos a partir da leitura, pontos que limitam o potencial formador que os quadrinhos poderiam ter nesta coleção. Como ressalta Vergueiro (2006), uma “alfabetização” na linguagem dos quadrinhos, através do conhecimento das características essenciais de seus elementos constitutivos é condição básica para quem quer lê-la; o que significa, também, compreender a vida social – já que seus elementos estabelecem um vínculo orgânico com ela. No ensino de uma língua estrangeira, acredita-se que fazer dos quadrinhos um discurso inteligível para o aluno-leitor é inseri-lo no diálogo com esta linguagem. Esta análise é o primeiro recorte de uma pesquisa mais ampla a ser desenvolvida durante o mestrado.

SESSÃO 8 - PROCESSAMENTO E AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM

Coordenadora: Cristina Name (UFJF)

1) AVALIANDO A COMPREENSÃO DE PRONOMES RESUMPTIVOS EM TAREFA DE SELEÇÃO DE IMAGEM: SUBSÍDIOS PARA A ELABORAÇÃO DE TESTES INFANTIS

Flavia Regina Mello (UERJ)

Marina R. A. Augusto (UERJ)

A aquisição de pronomes resumptivos no Português Brasileiro (PB) tem sido objeto de pesquisa recente. Esses pronomes são utilizados para retomar um elemento antecedente na sentença, o qual pode ser um tópico, um sujeito ou um objeto, por exemplo. A preferência pelo uso de pronomes resumptivos nulos ou manifestos parece caracterizar níveis de formalidade, distinguindo particularmente a modalidade oral e escrita, no PB. No que diz respeito à aquisição, Grolla (2005) observa o uso desses pronomes na produção e defende que os resumptivos seriam uma estratégia de último recurso (Hornstein, 2001) que aliviaria a carga de processamento. Ela defende que a aquisição desses pronomes ocorre em três etapas: (a) uso de movimento de 2;0 a 2;10 anos; (b) uso de resumptivos manifestos em estruturas a partir das quais o movimento não é possível de 2;11 a 3;4 anos; (c) emergência de pronomes resumptivos nulos a partir de 3;5 anos. Miranda (2008) investiga a compreensão desses pronomes em relativas de sujeito e de objeto, e conclui que a presença do resumptivo não pareceu facilitar a compreensão. Ao invés disso, o pronomes manifesto pareceu dificultar a compreensão das relativas de objeto pelas crianças de 4;6 a 5;11 anos. Isso sugere que o pronomes não estaria sendo avaliado como uma variável, o que demandaria a busca por um referente no contexto e adicionaria carga de processamento à tarefa de compreensão. Simini e Augusto (2013) investigaram a compreensão de estruturas tópico-comentário com verbos transitivos diretos, com e sem resumptivos por crianças entre 3;3 e 5;8 anos de idade, a partir de uma tarefa de julgamento de valor de verdade, não tendo sido obtidos resultados que demonstrem que a presença do resumptivo manifesto tenha facilitado ou dificultado a compreensão das sentenças tópico-comentário. Diante dos resultados discordantes apontados, salienta-se a importância de se verificar em que medida as demandas da tarefa em si podem interferir no desempenho das crianças, adicionando dificuldades de processamento. Para tanto, elaborou-se um teste de compreensão de estruturas de tópico-comentário com e sem pronomes resumptivos manifestos em sentenças com verbos transitivos diretos e indiretos em tarefa de seleção de imagens. No entanto, buscou-se diversificar os tipos de imagens oferecidos a fim de verificar as demandas impostas pela comparação entre cada grupo de imagens na execução da tarefa. O mesmo conjunto de sentenças foi utilizado

na aplicação, a adultos, de três testes distintos em termos dos grupos de imagens utilizados. O primeiro teste, do tipo clássico adotado em testes psicolinguísticos com crianças, inclui três imagens que apresentam dois personagens presentes na figura-alvo, em uma figura de ação reversa à apresentada na sentença-teste e em uma figura neutra, em que esses personagens não executam ação alguma. O segundo teste traz os mesmos personagens na figura-alvo, em uma figura apresentando um dos personagens em ação reflexiva e na figura neutra. O terceiro teste apresenta três personagens dispostos na figura-alvo, sendo que o terceiro personagem está em um plano posterior, assistindo à ação executada entre os dois personagens-alvo, na figura em que a ação reversa entre os personagens-alvo é apresentada e na figura distratora, em que a ação recai sobre esse terceiro personagem. Como os adultos não devem ter dificuldades que comprometam seu desempenho em termos de resposta correta no teste, adotou-se uma metodologia *on-line*, em que se toma tanto o número de respostas corretas como o tempo de reação para a resposta como variáveis dependentes. Os primeiros resultados indicam que há efetivamente demandas distintas envolvidas. Esses resultados permitirão definir a tarefa de menor custo de processamento, o que é desejável no uso com crianças (Rodrigues & Corrêa, 2013).

2) A EXPRESSÃO DE TEMPO FUTURO NO ESPANHOL: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE DADOS DA GRAMÁTICA ADULTA E INFANTIL

Carolina Parrini Ferreira (UFRJ/UFSC)

Este trabalho consiste num estudo comparativo entre dados da gramática adulta e infantil no que diz respeito à expressão de Tempo futuro através das formas verbais simples (estudarei: *estudiaré*) e perifrástica (vou estudar: *voy a estudiar*), no Espanhol. De acordo com estudos realizados sobre a expressão da futuridade através das referidas formas verbais, há uma competição de gramáticas (KROCK, 1989) em que as duas formas concorrem pela expressão de Tempo futuro, o que tem resultado, em muitos sistemas linguísticos (Português brasileiro, variedades do Espanhol hispano-americano, por exemplo), numa mudança catastrófica (LIGHTFOOT, 1999), em que a forma simples é substituída pela perifrástica. Neste caso, a forma simples se especializa para a expressão modal epistêmica (expressa hipótese, dúvida) e a forma perifrástica para a expressão de Tempo. No Espanhol europeu, entretanto, este fenômeno de mudança ocorre em etapas mais lentas, pois as duas formas ainda concorrem para a expressão de futuro. Em uma análise realizada com base na fala espontânea de 8 madrilenos adultos, foram identificados fatores sintáticos e semânticos correlacionados ao referido fenômeno de mudança. Tais fatores convergem para a realização do traço [+/- futuro]: quando um dos traços se sobressai na forma verbal, ela se especializa para a expressão temporal ou modal. No que diz respeito à criança em fase de aquisição de língua materna, de acordo com Lopes (2001), a criança tem a tarefa de identificar “quais são os traços relevantes na gramática-alvo”. Nesse sentido, parece interessante questionar: como se dá o processo de aquisição de Tempo futuro

pela criança que adquire o Espanhol europeu? Como a criança expressa as noções de futuridade ao longo do processo de aquisição de sua língua? Sua produção refletirá as propriedades da gramática adulta, em relação aos usos das formas simples e perifrástica de futuro? Com base nestes questionamentos, foram analisadas as produções orais espontâneas de duas crianças espanholas em fase de aquisição (de 1;10 aos 4;0 anos de idade). Nesta análise, buscou-se identificar: em que idade emergem as noções de futuridade e como estas noções são realizadas (por meio de qual tempo verbal ou advérbios?); quais os traços veiculados pelas formas simples e perifrástica de futuro, ao longo do desenvolvimento linguístico. A análise dos dados da fala infantil foi comparada à análise dos dados da fala adulta, com relação à expressão de Tempo futuro nas formas verbais simples e perifrástica. O interesse em comparar dados da gramática infantil e adulta se justifica com base em Raposo (1998), segundo o qual: “qualquer proposta relativa ao tipo de conhecimentos iniciais que a criança traz para o processo de aquisição tem de poder explicar adequadamente o caráter dos conhecimentos adquiridos relativamente a uma língua particular; e inversamente qualquer proposta quanto ao caráter dos conhecimentos sobre uma língua particular tem de ser compatível com os conhecimentos iniciais da criança e com o fato de a aquisição e o desenvolvimento dessa língua serem feitos a partir de conhecimentos iniciais”. Pelo excerto destacado, pode-se observar a importância de investigar os conhecimentos iniciais sobre uma língua particular, pois servem de base para compreender e explicar fenômenos da fala adulta e conhecer os mecanismos e caminhos percorridos pela mente humana para aquisição e desenvolvimento da linguagem. Os resultados da análise comparativa revelam que: a expressão de Tempo futuro só aparece aos 2;6, as formas verbais de futuro tardam a emergir na gramática da criança; as formas simples e perifrástica codificam tanto noções modais como noções temporais; os dados da gramática infantil apresentam propriedades *semelhantes* aos da gramática adulta (apenas *semelhante*, não há continuidade total). Esta pesquisa toma por base os pressupostos gerativistas, mais especificamente o Programa Minimalista, sobre aquisição e desenvolvimento da linguagem.

3) O PROCESSAMENTO MORFOLÓGICO DE VERBOS POR CRIANÇAS BRASILEIRAS: IDENTIFICANDO A RAIZ VERBAL COMO A BASE SEMÂNTICA DO VOCÁBULO

Daniele de Souza Leite Molina (UFJF)

Cristina Name (UFJF/CNPq)

Investigamos a aquisição de um novo verbo por crianças brasileiras e o mapeamento de variações flexionais desse novo verbo a uma mesma ação. Estudos realizados com crianças com idades entre seis e oito meses sugerem que vocábulos que apresentam qualquer distinção fonológica são tomados como palavras distintas (BORTFELD et al., 2005; SHI; LEPAGE, 2008; JUSCZYK; HOUSTON; NEWSOME, 1999). Nesse sentido, a morfologia geraria um conflito de demandas cognitivas no processo de aquisição lexical, já que, apesar de palavras com diferentes

estruturas fonológicas apresentarem, em geral, significados distintos (ex.: bola – botá; cola – colo), palavras morfologicamente relacionadas compartilham um significado base (ex.: padeiro – padaria; canto – cantei). A morfologia flexional, em especial, preserva um significado base, ao passo que agrega noções gramaticais ao vocábulo. Em verbos, por exemplo, quando temos formas flexionadas, como cantei – cantava – cantamos – cantaríamos, há uma base semântica (raiz) que se mantém, dando a ideia do que é a ação de “cantar”, ao passo que os sufixos flexionais sinalizam a pessoa do discurso, assim como o número, singular ou plural, e o tempo e o modo em que a ação ocorre (ROSA, 2006). Assumimos que, no processo de aquisição da linguagem, o que é gramaticalmente relevante na língua que está sendo adquirida mostra-se de forma regular e sistemática na interface fônica (CORRÊA, 2007; 2009). No caso da morfologia flexional, portanto, o reconhecimento dos afixos como elementos funcionais altamente frequentes na língua levaria à segmentação interna dos vocábulos (em raízes e afixos). Tomamos como fundamentação teórica a proposta de conciliação (CORRÊA, 2011) entre a teoria linguística do Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995) e o modelo de processamento psicolinguístico voltado para a aquisição da linguagem do *Bootstrapping* Fonológico (MORGAN; DEMUTH, 1996; CHRISTOPHE et al., 1997), com vistas a caracterizar a passagem de uma análise puramente fonológica e distribucional do *input* para o tratamento sintático de enunciados linguísticos. Com foco na aquisição de verbos e inspirando-nos no trabalho desenvolvido por Shi e Cyr (2010), buscamos investigar em que idade crianças assumem variações flexionais de um mesmo verbo como tendo um mesmo significado base. Partimos da hipótese de que é a partir do reconhecimento dos afixos verbais, altamente frequentes na língua, que a criança em fase de aquisição lexical procede à segmentação interna de verbos em raízes e afixos, atribuindo à raiz um conceito permanente. Foram realizados experimentos com crianças adquirindo o PB de três grupos etários diferentes: de dois, três e quatro anos. Com as crianças de três e quatro anos de idade, utilizamos a técnica de Seleção de Imagem e obtivemos resultados que sugerem uma tendência a mapear um novo verbo a uma ação. No entanto, as crianças de três anos aparentam indecisão quanto ao significado das variações flexionais desse verbo. Comportamento distinto foi verificado com as crianças de quatro anos, visto que os resultados desse grupo de participantes demonstram uma sistematicidade de escolhas da mesma ação para formas flexionadas do mesmo verbo. Por fim, as crianças de dois anos, testadas com a técnica de Fixação Preferencial do Olhar, parecem mapear uma ação a um novo verbo e tratar variações flexionais desse novo verbo como tendo o mesmo significado base. Os resultados, em conjunto, sugerem a segmentação interna do verbo e o reconhecimento da raiz verbal como a parte do vocábulo que veicula um significado permanente, apesar das variações flexionais, que, em português, ocorrem no final da palavra.

4) A ELABORAÇÃO DE TESTES ESPECÍFICOS PARA A AVALIAÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE OS DOMÍNIOS LINGUÍSTICO E ESPACIAL NA SÍNDROME DE WILLIAMS

Renata Martins de Oliveira (UERJ)

Marina R.A. Augusto (UERJ)

O trabalho tem como objetivo avaliar aspectos linguísticos na Síndrome de Williams – patologia de ocorrência rara (1 em 20.000), de ordem genética, na qual há a deleção de múltiplos genes do cromossomo 7. O fenótipo é caracterizado pela denominação “face de gnomo”, devido ao fato de que seus portadores apresentam nariz pequeno e empinado, lábios cheios, cabelos enrolados e sorriso frequente — marca, talvez, mais determinante fisicamente dentro da síndrome. Embora com o surgimento da fala mais tardia – por volta dos 18 meses — têm sua musicalidade apurada ao mesmo tempo em que possuem habilidade motora lenta em atividades como: cortar papel, andar de bicicleta, amarrar sapatos etc. Dentro dessa perspectiva de distúrbios mentais, os portadores de SW apresentam QI (quociente de inteligência) por volta de 50 (considerado por Davis Wechsler como debilidade moderada, abaixo do limítrofe). Mesmo com o QI abaixo da média em relação a crianças da mesma idade, os pacientes com SW apresentam um desempenho acima da média na linguagem, utilizando um léxico pouco usual, por exemplo. Apesar disso, a síndrome possui um comprometimento cognitivo bastante severo. Um dos domínios cognitivos comprometidos é a habilidade espacial. Este trabalho busca explorar a relação entre esse comprometimento das habilidades espaciais e o sistema linguístico. Será que a dificuldade na percepção espacial seria um fator que prejudicaria a habilidade linguística no paciente com Síndrome de Williams? Estudos de Karmiloff-Smith (2004) e Landau (2005) levam em consideração a relação entre esses dois sistemas: a percepção espacial e a preservação linguística na síndrome, considerando a língua inglesa. Para ambos os autores, existe relação entre a dificuldade de percepção espacial na síndrome e a compreensão da linguagem por esse indivíduo que, em grande maioria, apresenta uma linguagem considerada preservada nos demais domínios. A investigação dessa relação foi desenvolvida por Karmiloff Smith *et al.* (2004) a partir dos resultados da aplicação de um teste de compreensão gramatical, amplamente utilizado, TROG (*Test of Reception of Grammar*), em que contrastou o desenvolvimento linguístico dos pacientes com SW e um grupo controle. A partir dos resultados obtidos no TROG, a pesquisadora percebeu a necessidade de elaboração de um teste específico no qual a compreensão linguística de elementos espaciais pudesse ser diretamente acessada. Nasce, assim, o TRUST, no qual diferentes categorias relacionadas ao domínio espacial são contrastadas com sentenças em que não há elementos dessa natureza. A possibilidade de se implantar esse tipo de avaliação mais detalhada é, sem sombra de dúvida, salutar e constitui o objetivo da presente pesquisa. Nossa hipótese alinha-se a essa discussão no sentido de que se prevê que, embora, de forma geral, portadores de SW apresentem um desempenho linguístico bastante satisfatório em termos estruturais e, mesmo considerado superior, em termos de

vocabulário e léxico, poderá ser constatado um comprometimento linguístico que reflete, na verdade, uma dificuldade cognitiva característica da síndrome: a visualização/localização espacial. Parte-se, assim, no português, do MABILIN (Módulos de Avaliação de Habilidades Linguísticas), desenvolvido no LAPAL/ PUC-RJ (Laboratório de Psicolinguística e Aquisição da Linguagem) (CORRÊA, 2000), um instrumento de avaliação linguística teoricamente embasado, cujo módulo sintático tem sido utilizado com vistas a identificar crianças com queixas de linguagem e possíveis casos de DEL (Déficit/Distúrbio Específico da Linguagem). Apesar de sua validação nesse campo, sua aplicação a portadores de SW ainda não foi testada (uma primeira tentativa quando do início de sua elaboração é encontrada em FREITAS, 2000). Apresenta-se, assim, aqui uma primeira avaliação desse teste no que concerne à sua abrangência em relação à testagem de elementos linguísticos do domínio espacial, e propõe-se, a partir do MABILIN, um teste específico, utilizando a tarefa de seleção de imagens, que atenda às demandas de avaliação linguístico-espaciais do indivíduo com SW.

5) PISTAS PROSÓDICAS NO PROCESSAMENTO DA FALA DIRIGIDA À CRIANÇA POR BEBÊS BRASILEIROS

Ícaro Oliveira Silva (UFJF)

Cristina Name (UFJF/CNPq)

Objetivamos, com o presente trabalho, investigar a sensibilidade de bebês brasileiros com média de idade de treze meses a pistas prosódicas que sinalizam a presença de fronteiras de sintagma entoacional (I) na Fala Dirigida à Criança (FDC). De igual modo, pretendemos verificar se os infantes tomam essas informações suprasegmentais como ponto de partida para a segmentação do fluxo da fala. Assumimos, conforme Corrêa (2006, 2011), uma proposta de integração entre o Programa Minimalista (CHOMSKY, 1995 e posteriores) e o modelo do *Bootstrapping* Prosódico (MORGAN & DEMUTH, 1996; CHRISTOPHE et al., 1997). Uma vez que constituintes prosódicos e aqueles de natureza morfossintática podem se relacionar, ainda que de maneira não obrigatória (NESPOR & VOGEL, 1986), o trabalho que aqui se apresenta toma como base a hipótese de que as informações acústicas presentes nas fronteiras de constituintes prosódicos facilitam a segmentação da fala por crianças em processo de aquisição da linguagem (GOUT, CHRISTOPHE & MORGAN, 2004). Nesse sentido, a hipótese defendida vai ao encontro do que propõem Seidl & Cristià (2008), segundo as quais a FDC tem um papel desencadeador e facilitador na aquisição da linguagem, por ampliar as propriedades suprasegmentais que delimitam os constituintes prosódicos e, conseqüentemente, favorecer os mecanismos perceptuais do bebê. Desenvolvemos um experimento utilizando a técnica do Olhar Preferencial, na qual os bebês foram divididos em dois grupos. O primeiro grupo ouvia, por dois minutos, a palavra BAR (Grupo BAR). O segundo grupo ouvia, durante o mesmo intervalo de tempo, a palavra BARCO (Grupo BARCO). Em seguida, ambos os grupos foram expostos a sentenças

completas, que continham tanto a palavra BAR quanto a palavra BARCO, dispostas em duas condições: na condição 1, tínhamos a palavra BARCO seguida de uma fronteira de I. Na condição 2, tínhamos a palavra BAR seguida de uma fronteira de I. Após essa fronteira, havia um verbo trissilábico, como por exemplo, COCHILA, cuja primeira sílaba era homófona à última sílaba do dissílabo BARCO. Essa sílaba, associada ao monossílabo tônico BAR antecedente na estrutura sentencial, poderia fazer com que o participante tivesse a “ilusão” de ter ouvido a palavra BARCO: **Condição 1** - BARCO (I): [A sócia do nosso **BARCO**] I [fechou contrato com turistas]. **Condição 2** - BAR (I) CO: [A sócia do nosso **BAR**] I [cochila durante o trabalho]. Nossa hipótese é que, nessa idade, o bebê é sensível às informações acústicas presentes nas fronteiras de I, utilizando-as na segmentação do fluxo da fala. Assim, nossa previsão era que bebês do Grupo BARCO reconhecessem a palavra familiarizada nas sentenças da condição 1, havendo diferença estatisticamente significativa entre os tempos médios de olhar/escuta das duas condições. A ideia é que as pistas disponíveis nos domínios da fronteira de I são fortes o suficiente para impedir que a criança acesse a palavra BARCO na condição em que ela esteja presente apenas “virtualmente”, isto é, na condição em que a fronteira está entre a palavra BAR e a primeira sílaba (CO) das palavras subsequentes. Já para os bebês do Grupo BAR (familiarizados com a palavra BAR), nossa previsão era a de que eles pudessem reconhecer tal palavra em ambas as condições, pois, apesar das diferenças acústicas encontradas, essa sílaba era anterior à fronteira de I em ambos os tipos de sentença (BAR e BARCO) e não tinha o seu reconhecimento bloqueado em nenhum deles. Os resultados obtidos foram ao encontro de nossas previsões e sugerem que as propriedades prosódicas que sinalizam uma fronteira de I atuam como pistas que auxiliam os infantes a segmentar a cadeia da fala em unidades gramaticalmente significativas.

SESSÃO 9 - TECNOLOGIA LINGUAGEM E ENSINO

Coordenadora: Janaina Cardoso (UERJ)

1) OS SIGNIFICADOS DISCURSIVOS DO ROLEZINHO: ORDENS DE INDEXICALIDADES EM ATRITO

Hellem da Silva Espíndola (UFRJ)

Pesquisas recentes vêm apontando para a intensa participação de jovens na vida pública motivada, em grande parte, por sua presença em redes sociais, blogs, vlogs, espaços onde mantém contato com um grande número de participantes e têm acesso a um mundo de discursos e saberes, compartilham experiências, criam e recriam, concordam, discordam, apoiam, exaltam e criticam (JENKINS, 2008). Contudo, tópicos tratados e discutidos virtualmente

vêm mobilizando milhares de pessoas a “sair do Facebook” e a “ganhar as ruas”. Em 2013, por exemplo, um debate iniciado nas redes sociais ganhou vulto nacional em forma de passeatas e manifestações geradas inicialmente contra o aumento das tarifas dos ônibus. A presença massiva da juventude nesses eventos faz com que, no mínimo, desconfiemos do rótulo de acrílicos que geralmente recebem e chama nossa atenção para a participação popular que reúne diferentes classes sociais e uma variedade de agendas. O chamado *rolezinho*, evento que reúne principalmente jovens das classes populares, por exemplo, surgiu nas redes como um convite para passear nos shoppings das grandes cidades e ganhou atenção da mídia por provocar medo e insegurança aos frequentadores e lojistas dos grandes centros comerciais. Este trabalho busca compreender melhor como os discursos sobre o *rolezinho* foram entextualizados na Web, observando os recursos semióticos utilizados em uma página criada para o evento em um shopping carioca e, a partir dela, duas entextualizações feitas em um jornal de grande circulação na Web, além de analisar os efeitos que se materializaram, por exemplo, com o fechamento de um centro comercial e as declarações feitas por um manifestante e dois clientes. Os questionamentos seguem a trajetória da concepção da adolescência na Modernidade Recente em um período marcado por avanços tecnológicos que exacerbam os contatos, evidenciam trânsitos e que chamam nossa atenção para o entrelaçamento da linguagem com as questões da vida social que, no caso do estudo aqui desenvolvido, sublinha o medo e o consumo como característicos dos tempos em que vivemos. Problematizo linguagem e contexto como entidades fixas, pois parto do princípio de que os contextos são construídos, refutados, negociados e confirmados pelos interactantes dinamicamente na interação (MARKOVÁ, 1990), ou seja, não são dados, o que traz à tona a revisão do conceito de linguagem, normalmente tomada sob a lógica da reprodução e da estabilidade. Assumo a impossibilidade de lidar com uma bem marcada separação entre domínios analíticos que se apresentem dicotômicos, problematizando a suposta neutralidade de divisão entre as escalas micro e macro. Analiticamente, proponho o entrelaçamento de ambas, observando que o que é distintivo do momento em que vivemos é a rapidez das mudanças pelas quais passamos, engendradas por muitas continuidades (PENNYCOOK, 2010; JACQUEMET, 2005). Também atento para o mesmo que sempre é reciclado, observando indexicalidades que são estratificadas e que entram em ordens (BLOMMAERT, 2006), chamando nossa atenção para a viagem de signos e para seus valores projetados, que seguem padrões de normalidade construídos na estreita relação entre tempos e espaços. A variedade de vozes mobilizadas pelos textos em diversas trajetórias costuma orientá-los para discursos que indexicalizam a realização do evento a partir de ideias sedimentadas que apontam para o medo e para a desordem, mas posicionamentos reflexivos também comparecem por meio de discursos questionadores da lógica racista que retrata os adolescentes marginalizados. Tais contribuições estão em consonância com a possibilidade de construirmos novas formas de ser, de sacudirmos discursos normalizadores que apagam os sujeitos e prescrevem futuros.

2) NOVAS TECNOLOGIAS NA ESCOLA: DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Jaqueline Queli da Silva (UFRJ)

O avanço da tecnologia está ligado ao avanço da humanidade. Podemos citar como exemplo as ferramentas de caça e proteção que os seres humanos começaram a usar para facilitar o trabalho. E assim, usando a tecnologia a favor da otimização das tarefas, seguimos até hoje. Vendo que as tecnologias estão presentes em nosso cotidiano, em todos os lugares e em muitas atividades que realizamos, podemos concluir que, para executar inúmeras atividades, precisamos de produtos e instrumentos que foram gerados a partir de resultados de estudos, planejamentos e construções exclusivas. Se a tecnologia está presente no cotidiano das pessoas porque ela também não deveria estar presente na escola, uma vez que a escola pode reconhecer os recursos tecnológicos como instrumentos integrantes da construção do aluno como sujeito individual e social? O conhecimento a respeito das novas tecnologias disponíveis hoje, e que podem ajudar o professor em sala, é importante para um trabalho educacional que transforme e que seja de qualidade. É interessante defender o uso das novas tecnologias em sala de aula, mas não se pode esquecer que apenas o domínio da tecnologia pelo professor não garante que o ensino seja de qualidade. Levando-se em consideração o grande aumento do uso da tecnologia em nosso país, torna-se necessária uma adequação dos modos de aprendizagem às novas tecnologias, pois elas podem contribuir imensamente para o trabalho do profissional de educação. É possível buscar a interferência das tecnologias aplicadas ao ensino, sabendo que o uso das mesmas requer uma nova metodologia. O trabalho pretende analisar como a inserção da tecnologia na escola pode ajudar os professores e pedagogos na reflexão acerca da necessidade de passar por formação específica para a inserção das mesmas na educação. Os objetivos desta pesquisa tencionam responder à questão: Como e porque a evolução da tecnologia interferiu na necessidade de um novo olhar a respeito da formação de professores? A pesquisa que terá como enfoque a formação do professor para uso das novas tecnologias será do tipo bibliográfica, tendo como objeto de análise artigos recentes de autores como Paiva, Tavares, Buzato e Freitas, sobre o tema em questão, Ela busca ressaltar a importância da formação do professor para uso das novas tecnologias. Educação é um conceito ainda muito vago para muitos produtores de tecnologia, inclusive para muitos pais e alunos. Educação ainda é vista como forma de capacitação técnica e geradora de conhecimento para realizar trabalho. A tecnologia é vista como divisor de águas, geradora de impactos na educação hoje, no entanto ela não atingiu seu potencial transformador. Faz-se necessário tornar o uso de novas tecnologias mais impactante, mais real no meio social. Os textos escolhidos para este estudo ressaltam a importância da formação de professores para utilizarem as novas tecnologias tanto em sala de aula, ambiente presencial, quanto em ambiente virtual, citando a EAD. Desta forma, os artigos contribuem para a questão inicial do trabalho que problematiza, exatamente, a questão da

formação, ou melhor, a falta de formação dos professores para uso das novas tecnologias nos currículos dos cursos de licenciatura. A questão principal está em torno da metodologia utilizada pelos professores, pois há em muitos deles a disponibilidade de arriscarem-se em usar e aceitar o novo, porém o novo não pode ser negado ou acolhido apenas porque é novo, é preciso pensar em todas as possibilidades e dificuldades.

3) FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA USO DA TECNOLOGIA: UMA INVESTIGAÇÃO NO CONTEXTO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Ana Carolina Simões Cardoso (UFRJ)

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma pesquisa de doutorado em andamento na área de Linguística Aplicada que investiga a formação de professores da área de Letras Português- Inglês para o uso da tecnologia no contexto do estágio supervisionado. Há mais de uma década, pesquisadores e educadores vêm discutindo a importância da inserção da tecnologia na Educação Básica (KAY, 2006). Para que a tecnologia seja inserida de forma a trazer resultados positivos para a aprendizagem dos alunos, é preciso que os professores e futuros professores estejam preparados para lidar com ela no ambiente escolar (MERCADO, 1998; BELLONI, 1999; MORAN, 2004). Recentemente, pesquisadores vêm apontando uma necessidade de estudos sobre formas de incorporar a tecnologia na formação inicial de professores (KAY, 2006; GROVE, 2008). No Brasil, muitas pesquisas têm focado no uso da tecnologia na prática docente, mas ainda é escasso o número de trabalhos que investiguem o processo de formação para este fim. Alguns modelos, estratégias e recomendações para a integração da tecnologia em cursos de formação inicial de professores encontrados na literatura (KAY, 2006; WILDNER, 1999; ERTMER & OTTENBREIT-LEFTWICH, 2010; ZHITING & HANBING, 2010; LEI, 2009) apontam a importância da prática do uso da tecnologia no campo de estágio e o suporte do professor orientador de estágio. No entanto, o panorama dos cursos de licenciatura no Brasil (GATTI & BARRETO, 2009; DORNELES & CHAVES, 2012; MACHADO, 2011; SILVA E SILVA, 2013) mostra que a maioria das instituições tem optado por oferecer apenas algumas disciplinas sobre tecnologia – em muitos casos optativas, ou seja, não fazem parte do currículo do curso – que, em geral, costumam ser mais teóricas e não possibilitam ao futuro professor a experiência real de uso da tecnologia no ensino (FREITAS, 2010). A fim de contribuir para a ampliação da literatura dessa área, este trabalho pretende apresentar e avaliar uma proposta de integração da tecnologia no estágio supervisionado realizado no Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro no ano letivo de 2013. Durante esse período de estágio, cinco alunas do curso de Licenciatura em Letras Português-Inglês acompanharam as aulas de língua inglesa de uma das professoras regentes do colégio, autora desta pesquisa. Os dados para esta investigação foram gerados através de diferentes instrumentos: um questionário inicial do estágio respondido pelas licenciandas, o registro das sessões de orientação com a professora regente, um grupo focal

realizado ao final do estágio, os relatórios de estágio escritos pelas licenciandas e uma entrevista semi-estruturada realizada por e-mail um semestre após o término do estágio. A pesquisa é caracterizada como uma pesquisa-ação, visto que busca a transformação de uma situação, partindo de uma ação planejada para esse fim (McTAGGART, 1994; THIOLENT, 1996). Além disso, a investigação inicia-se com a ideia de que alguma forma de mudança é necessária em um determinado contexto e está organizada em torno da concepção da ação, seu desenrolar e sua avaliação. A partir da perspectiva dos sujeitos da pesquisa e do impacto do estágio em suas práticas docentes, busca-se apontar as potencialidades e limitações dessa proposta de integração da tecnologia no estágio supervisionado.

4) ENGAJAMENTO NO USO DE OBJETOS DE APRENDIZAGEM SOB A PERSPECTIVA DISCENTE

Luciana Nunes Viter (FAETEC/UFRJ)

O desenvolvimento, a gestão, o uso e a avaliação dos OAs vêm sendo bastante investigados nas duas últimas décadas (BOYLE, 2003; DOWNES, 2001; HARMAN; KOOHANG, 2007; HODGINS, 2002; MCGREAL, 2004, 2009; POLSANI, 2006; REHAK; MASON, 2003; WILEY, 2000, 2002, 2011, HAUGHEY; MUIRHEAD, 2005). Porém, pesquisas específicas sobre a sua eficácia e a sua usabilidade sob a perspectiva dos estudantes ainda são limitadas, prevalecendo na literatura sobre o tema os pontos de vista dos desenvolvedores e dos docentes que os utilizam (KAY; KNAACK, 2009; MACLAREN, 2010; NURMI; JAAKKOLA, 2006). Ao investigar-se o engajamento relacionado às interações em ambientes virtuais de aprendizagem (VITER, 2013), é possível verificar como as pesquisas nessa área vêm convergindo seus focos de pesquisa para os processos pelos quais os estudantes aprendem, ao invés de se concentrarem em estratégias docentes como antes ocorria (CLAXTON, 2007; HART, 2012; PARSONS; TAYLOR, 2011). Partindo-se dessa ótica, justifica-se a relevância de se buscar compreender mais profundamente as perspectivas do público-alvo dos OAs a fim de identificar os níveis de aprendizagem que proporcionam e viabilizar e aprimorar sua utilização (KAY; KNAACK, 2009; MACLAREN, 2010; NESBIT; BELFER; VARGO, 2002; NURMI; JAAKKOLA, 2006, 2007). Assim, ainda que seja desafiador estabelecer parâmetros válidos e confiáveis para as avaliações dos OAs quanto à sua efetividade pedagógica a partir da ótica dos aprendizes, a ausência das vozes desses usuários finais na maior parte de estudos sobre o tema justifica a necessidade de mais investigações sobre o assunto. Para tanto, o presente trabalho apresenta uma pesquisa de inspiração etnográfica orientada pelos paradigmas do interpretativismo crítico, pretendendo identificar as possibilidades de uso dos objetos de aprendizagem (OAs) em análise a partir das necessidades e preferências apresentadas pelos estudantes que os utilizam. A pesquisa se iniciou pela identificação dos cursos que utilizavam variedades mais significativas de objetos de aprendizagem no contexto de uma plataforma de ensino on-line que foram selecionados como contexto da pesquisa,

classificando-se e descrevendo-se os OAs utilizados nesses ambientes digitais. A fim de se obter dados de instrumentos distintos, foram utilizados como ferramentas para geração de dados um questionário on-line e grupos focais dos quais participaram estudantes usuários dos OAs em análise durante o período de pesquisa, que abrangeu um semestre letivo. Além desses dois instrumentos, os registros das interações dos discentes com os objetos de aprendizagem nos ambientes on-line onde se encontravam inseridos também foram utilizados como fonte de dados da investigação. Há a expectativa de que a investigação, que ainda se encontra em andamento, possa responder satisfatoriamente às questões de pesquisa, que pretendem reconhecer quais características dos OAs proporcionam maior nível de engajamento e melhores resultados para a aprendizagem e apontar parâmetros e modelos válidos para avaliação do potencial de engajamento no uso de OAs. Ao responder essas perguntas, pretende-se identificar e propor ações efetivas para aprimorar a produção de objetos de aprendizagem e para promover o engajamento dos aprendizes no uso desses artefatos. Além disso, espera-se que a investigação conduzida possa promover reflexões relevantes e discutir questões significativas para as áreas de conhecimento relacionadas ao desenho instrucional de cursos a distância e semipresencial e à produção de materiais didáticos digitais, ainda que as categorizações obtidas não possam necessariamente ser generalizadas para outros contextos.

5) DESAPEGA! POR UMA REINVENÇÃO DO CONCEITO DE LÍNGUA À LUZ DA MODERNIDADE RECENTE

Ricardo Pinheiro de Almeida (Faculdade CCAA)

O presente trabalho tem como objeto de pesquisa a linguagem, que ocupa lugar de destaque e de centralidade nos estudos atuais, tanto nas chamadas Ciências Sociais quanto nas Humanas. Para tanto, lançamos mão de autores(as) que percebem e têm colocado a linguagem como aspecto fulcral em seus estudos. Para eles(as), é necessário rediscutir noções que foram construídas em outras épocas, em especial na chamada modernidade, e que pautaram visões binárias e essencializadas, grande parte ainda em voga e diariamente reforçadas por diversos discursos, tais como o pedagógico, o religioso, o político e o científico. Assim, nossa preocupação maior foi propor um 'desapego' de tais noções binárias e essencialistas discursivamente construídas na modernidade, em especial do construto chamado 'língua', entendendo-se por esta uma das principais manifestações da linguagem humana. A intenção é oferecer uma visão mais próxima aos tempos fluidos e instáveis em que vivemos de modo a 'desinventar' e 'reinventar' a compreensão acerca do que podemos chamar de 'língua' na modernidade recente. Entendemos que operar com conceitos modernos na pós-modernidade pode causar problemas, incoerências e incompatibilidades sérias que, por sua vez, podem emperrar processos democráticos e importantes *na e para a* vida em sociedade. Adotamos, portanto, a visão de que é chegada a hora de 'exorcizarmos' a modernidade para que possamos reinventar o *ser* e o *estar* num mundo que dá sinais plenos de estar caminhando em outras

estradas que não comportam mais as estabilizações preconizadas pelo Iluminismo, pelo Positivismo e por tantas outras formas de fazer pesquisas que busca(r)am dar conta da vida social. O tema não é novo, mas sua recorrência parece-nos pequena se comparada ao conjunto das ideias modernas que ainda embasam expressiva parte dos estudos conduzidos outrora e contemporaneamente. Lançamos mão de autores(as) da Linguística Aplicada e da Linguística, bem como da Sociologia e da Antropologia Linguística. Tal reunião de diferentes áreas do conhecimento humano confere a este trabalho um caráter interdisciplinar. Cumpre também ressaltar que operamos com a chamada Linguística Aplicada Indisciplinar, mestiça, híbrida, transgressiva ou do emergente. A partir de postagens de dicas de português em redes sociais, buscamos desestabilizar a noção de 'língua' que embasa tais dicas e revelar-lhes uma inadequação e, por vezes, crueldade que reforça discriminações, face ao momento que vivemos atualmente. Foram coletadas dez postagens feitas entre janeiro e julho de 2014, de modo a procedermos a uma análise micro de práticas sociais situadas. A escolha das redes sociais partiu do pressuposto de que estas compõem os novos letramentos digitais ou Web 2.0 que corporificam um novo *ethos*, qual seja, o compartilhamento e a participação aberta a todos. Os resultados nos apontam para uma visão predominantemente moderna sobre o que é 'língua', o que é sabê-la e reforçam a necessidade de se desestabilizar ('desapegar' de) tais noções ultrapassadas e legitimadoras de discriminações. Por fim, esclarecemos que nossa pesquisa está comprometida com uma agenda ética e política, dado que acreditamos nos ganhos epistemológicos e sociais derivados de trabalhos relacionados à vida em sociedade, bem como os impactos *na* e a relevância *para* a mesma.

SESSÃO 10 - FUNCIONALISMO I

Coordenadora: Poliana Arantes (UERJ)

1) A DIMENSÃO AVALIATIVA ENVOLVENDO A MICROCONSTRUÇÃO COM O MARCADOR DISCURSIVO *VEJA BEM*

Lauriê Ferreira Martins (UFJF)

Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda (UFJF)

O presente trabalho tem como objetivo investigar o desenvolvimento da microconstrução com o marcador discursivo (MD) “veja bem”, em fala opinativa, a partir do esquema construcional *verbo de percepção visual em configuração imperativa*. Dessa maneira, tomaremos os pressupostos teóricos da abordagem da gramaticalização de construções (TRAUGOTT, 2003, 2008a, 2008b, 2009, 2010, 2011a, 2011b; NÖEL, 2007; BYBEE, 2010, 2011; FISCHER, 2011; GISBORNE & PATTEN, 2011; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013) e da abordagem interacional (GOFFMAN, 2002 [1979],

2002 [1981]; SCHIFFRIN, 1987, 1990; GILLE, 2001; VIEIRA, 2007), de forma a evidenciar que a associação entre elas pode auxiliar na compreensão de construções linguísticas que subjazem à interação comunicativa. Considerando-se que a gramática tem suas motivações nas necessidades comunicativas dos participantes no momento da interação, nossa proposta de interface constitui uma vertente promissora para os estudos linguísticos. Ainda que distintas, as abordagens funcionalista e interacional focalizam a língua em uso, preocupando-se em compreender as unidades linguísticas e as suas funções no contexto social. Dessa maneira, com este trabalho, pretendemos (a) demonstrar a multifuncionalidade da construção com o MD “veja bem” – em um nível mais global –, (b) bem como as suas funções no contexto de avaliação em fala opinativa – em um nível mais específico. Para a constituição do *corpus* sincrônico analisado, utilizamos entrevistas sociolinguísticas que compõem três *corpora* distintos, a saber, o *corpus* do “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”, o *corpus* do projeto “PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua” e o *corpus* do projeto “NURC /RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro”. O “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto” é coordenado pela professora Jânia Ramos, na Universidade Federal de Minas Gerais. Tal projeto consiste na descrição de dialetos das cidades de Belo Horizonte, Arceburgo, Ouro Preto, Mariana, Piranga e São da Ponte. As entrevistas que integram o *corpus* são datadas do início do século XXI. Já o projeto “PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua” é destinado ao estudo da variação e da mudança linguística nas modalidades oral e escrita do dialeto do Rio de Janeiro. Os pesquisadores que compõem o projeto são, em sua maioria, da Universidade Federal do Rio de Janeiro e se dedicam a analisar o uso efetivo da língua e sua relação com aspectos sociais, estruturais e funcionais. Já o projeto “NURC /RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro” é coordenado pela professora Dinah Maria Isensee Callou. Este dispõe de entrevistas sociolinguísticas, realizadas nas décadas de setenta, oitenta e noventa, com informantes cariocas cultos. Os resultados apontam que o contexto de sustentação de opinião parece ser o local privilegiado para a ocorrência da construção com o MD “veja bem”, a qual articula tanto função textual quanto função interacional. A análise dos dados evidencia que, na sustentação da opinião, a construção com o MD “veja bem” ocorre, principalmente, em início de avaliação explicitamente subjetiva ou em início de narrativa fictiva, narrativa factiva, silogismo clássico e fato, em que a avaliação encontra-se encaixada na argumentação. Desse modo, o marcador analisado, simultaneamente, sinaliza a organização do texto, em direção à sustentação, e indexa a chamada de atenção do ouvinte para com a avaliação positiva ou negativa imbricada na argumentação. Entendemos, portanto, que o contexto argumentativo, no qual a avaliação é comumente expressa, tende a ser o *locus* da ocorrência da construção com o marcador analisado, uma vez que fomenta leituras mais abstratas devido ao conteúdo elaborado das sentenças e às estratégias mais criativas e subjetivas do falante, o qual busca impactar e convencer seu interlocutor acerca de suas opiniões.

2) A GRAMATICALIDADE DO VERBO MODAL *PODER*: USOS IDENTIFICADOS E EVIDÊNCIAS SOBRE SUA ATUAÇÃO EM CONTEXTOS DE PEDIDO E PERMISSÃO

Lauriê Ferreira Martins (UFJF)

Nathália Félix de Oliveira (UFJF)

Este trabalho filia-se à linha teórica funcionalista, mais especificamente aos estudos referentes à gramaticalização. Assim sendo, a partir de uma perspectiva sincrônica, apresenta os resultados preliminares acerca do desenvolvimento do verbo modal *poder*, descrevendo seus usos e apontando como o modal teria passado por um processo gradiente de expansão semântico-pragmática. Para tanto, tomamos como base os postulados da (inter)subjetivização (TRAUGOTT, 1995, 2010; TRAUGOTT & DASHER, 2005; CUYCKENS, DAVIDSE & VANDELANOTTE, 2010), segundo a qual novos significados codificados identificam as atitudes e as crenças do falante, podendo chegar, até mesmo, a indexar as preocupações do falante com o *self* do seu interlocutor. Como verbo modal, entendemos a categoria gramatical que faz parte de um conjunto maior de verbos auxiliares. Segundo Koch (1987), os modais são elementos linguísticos que caracterizam os tipos de atos de fala que o falante deseja desempenhar, revelam maior ou menor grau de engajamento do falante com relação ao conteúdo proposicional veiculado, apontam as conclusões para as quais os diversos enunciados podem servir de argumento e selecionam os encadeamentos capazes de continuá-los. Nesse sentido, assumimos que *poder* é um verbo modal, que pode realizar-se nas seguintes modalidades: deôntica (relaciona-se a obrigações e permissões), epistêmica (reflete o posicionamento do falante em relação a si mesmo ou em relação ao mundo) e habilitativa (refere-se à capacitação, às condições de realização de alguma atividade). Diante de nosso objetivo, foram analisados três *corpora* da modalidade oral do português do Brasil, a saber: o *corpus* do “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”, o *corpus* do projeto “PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua” e o *corpus* do projeto “NURC /RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro”. Para evitar a ocorrência de enviesamento nos resultados encontrados (VITRAL, 2006), buscamos manter uma certa equidade no número de palavras analisadas, de modo que cada *corpus* utilizado possui um número de, aproximadamente, trezentas mil palavras, perfazendo-se um total de novecentas mil palavras analisadas. Os resultados iniciais sugerem que: (i) o verbo modal *poder* realiza-se através das modalidades deôntica, epistêmica e habilitativa; (ii) quanto à modalidade deôntica, *poder* figura em quatro contextos semânticos distintos – nos campos da obrigação instanciada por agente externo, da obrigação instanciada pelo falante para si mesmo, do pedido e da permissão –; (iii) no que diz respeito à modalidade epistêmica, o modal *poder* opera em contextos de avaliação acerca da realidade, de avaliação acerca de si mesmo e de possibilidade; e (iv) quanto à modalidade habilitativa, o verbo *poder* refere-se à capacidade de o indivíduo realizar determinada atividade. A partir da identificação dessa multifuncionalidade de *poder*, observamos, pontualmente, os usos desse modal como pedido e permissão, defendendo

que estes estariam, frequentemente, associados a uma ordem atenuada. Nesses usos, os falantes expressam aquilo que exigem/querem do outro. As permissões são, dessa maneira, regulamentações – que têm como origem o fato de que algo não é obrigatório – proferidas por sujeitos que detêm o poder e podem revelar normas a serem cumpridas. Por sua vez, os pedidos são solicitações realizadas por falantes que desejam algo do outro. Apesar de, em muitos casos, o pedido ser direcionado a quem detém o poder – ou seja, a quem tem condição social de autorizar algo –, em algumas situações, o pedido é uma forma de atenuar uma ordem. Logo, por revelarem uma preocupação com o *self* dos interlocutores, tanto permissão quanto pedido se caracterizam como um uso [+ intersubjetivo] do modal *poder*.

3) A MULTIFUNCIONALIDADE DA CONSTRUÇÃO *ESPERA AÍ/PERAÍ* PARTIR DE UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL

Nathália Felix de Oliveira (UFJF/CAPES)

Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda (UFJF)

Este trabalho visa a investigar o desenvolvimento da construção *espera aí/peraí* na língua portuguesa, tendo em vista sua multifuncionalidade, uma vez que esse padrão pode apresentar, de acordo com os dados analisados, os seguintes usos: (i) pedido de tempo propriamente dito; (ii) pedido de tempo para (re)formular a fala; e (iii) marcador argumentativo. Para tanto, operamos com o aporte teórico da (inter)subjetivização (TRAUGOTT, 1995, 2010; TRAUGOTT & DASHER, 2005; CUYCKENS, DAVIDSE & VANDELANOTTE, 2010) e da gramaticalização de construções (TRAUGOTT, 2003, 2008a, 2008b, 2009, 2011a, 2011b; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013), que, partindo da concepção de gramática como um sistema dinâmico e modelado por aspectos estruturais e comunicativos (TRAUGOTT & DASHER, 2005), permitem que consideremos a emergência de diferentes padrões construcionais a partir de seu estabelecimento como padrões de uso – significados (inter)subjetivos neoanalisados – incorporados, via repetição/ritualização, à gramática da língua (TRAUGOTT, 2009). Sob esse posicionamento, os efeitos da frequência de uso seriam evidenciados, bem como a padronização das estruturas linguísticas dentro do contexto discursivo e as inferências pragmáticas realizadas na interação. Assim sendo, segundo Bybee (2011) e Traugott e Trousdale (2013), a repetição levaria ao aumento da fluência, de modo que as seqüências produzidas frequentemente juntas passem a ser processadas e armazenadas juntamente, havendo, portanto, decréscimo em composicionalidade. Logo, o aumento da frequência de uso possibilitaria a interpretação dos itens como unidades construcionais – ou seja, *chunks* – e acarretaria, conforme os autores, mudanças fonológicas de redução e fusão nas construções gramaticalizadas – o que explicaria, para nós, a passagem *espera aí>peraí*. A fim de cumprir o objetivo estabelecido acima, realizamos uma análise qualitativa, considerando a distribuição do padrão construcional em análise desde o século XIII até o português contemporâneo. Os dados diacrônicos foram selecionados do *corpus* do projeto

“CIPM – Corpus Informatizado do Português Medieval” e do *corpus* do projeto “TychoBrahe”. Os dados sincrônicos, por sua vez, foram coletados em três *corpora* distintos: o *corpus* do projeto “Mineirês: a construção de um dialeto”, o *corpus* do projeto “PEUL - Programa de Estudos sobre o Uso da Língua” e o *corpus* do projeto NURC/RJ - Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro. A partir da análise das ocorrências empiricamente identificadas (ou seja, os construtos/*tokens*), defendemos que a construção *espera ai/perai* não veicula somente um sentido, mas arrola diferentes usos, o que caracteriza sua multifuncionalidade, como anteriormente mencionado. O primeiro uso corresponde a um pedido de tempo por parte do falante, em que verificamos o verbo “esperar” sendo utilizado com a acepção de “aguardar no tempo” e o advérbio “ai” com função temporal. Já os outros dois usos da construção correspondem a marcadores discursivos, uma vez que atuam no estabelecimento da coesão ideacional e interpessoal durante a elaboração do discurso. Assim, funcionando como pedido de tempo para (re)formular a fala, a construção *espera ai/perai* atua de maneira a manter o fluxo conversacional e a atenção do interlocutor e a estabelecer uma coesão entre aquilo que se disse e aquilo que se vai dizer. Por sua vez, ao funcionar como uma sequência focalizadora e argumentativa, *espera ai/perai* se revela como estratégia argumentativa do falante, que defende seu ponto de vista de modo a relacionar as partes do enunciado. Nesse caso, o padrão atua junto aos movimentos argumentativos de introdução de opinião ou de sustentação, acarretando uma avaliação.

4) O STATUS DO FENÔMENO DESGARRAMENTO DE CLÁUSULAS HIPOTÁTICAS CIRCUNSTANCIAIS NO ENSINO

Karine Oliveira Bastos (UFRJ)

A presente pesquisa é fruto de uma inquietação típica de professores de língua materna quando se deparam com certos usos linguísticos nos textos produzidos por seus alunos. Muitas vezes, não sabemos como agir diante, por exemplo, de algumas construções sintáticas que – muito embora pareçam fazer todo o sentido dentro do discurso em que estão inseridas – não se explicam pelas regras prescritas pela tradição gramatical. Estamos nos referindo a um tipo de oração que, apesar de guardar em si algumas marcas formais e funcionais típicas da subordinação adverbial, não está submetida à realização padrão de um período composto por subordinação (oração principal + oração subordinada), como podemos notar a seguir: “Parei no tempo, parecia que eu estava dormindo. *Passando humilhação quando trabalhava na casa dos outros*. Minha mãe sempre disse para eu voltar a estudar, trabalhar de carteira assinada e me formar”. Exemplos como este não encontram, no tratamento tradicional, uma análise que dê conta do seu real funcionamento nos discursos em que se inserem, justamente pelo fato de a Gramática Tradicional (GT) apresentar somente um enfoque formal, com base, na maioria das vezes, na língua escrita e no nível sentencial; some-se a isso o fato de a Nomenclatura Gramatical Brasileira (NGB) não tratar de certas relações semânticas – caso do exemplo em

destaque. Assim, o presente trabalho pretende investigar, com base nos pressupostos da teoria funcionalista de Halliday (1985), Matthiessen e Thompson (1988) e Decat (1993, 1999, 2001a, 2001b, 2004, 2008a, 2008b, 2009a, 2009b, 2010, 2011), o uso *desgarrado* de cláusulas hipotáticas circunstanciais no discurso escrito do português produzido no âmbito escolar, especificamente, em turmas de Ensino Médio da modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). No caso da EJA, especificamente, espera-se menor influência do letramento escolar – e, portanto, das classificações impostas pela NGB – e maior liberdade por parte desses estudantes para refletir acerca das relações existentes entre as orações. Além de buscar explicações gerais e específicas para o uso *desgarrado* de cláusulas hipotáticas circunstanciais nas produções textuais dos estudantes da EJA, cabe a esta pesquisa conferir o *status* do fenômeno *desgarramento* no ensino, a partir das avaliações de textos escritos realizadas por professores de português. Para isso, no decorrer do estudo, foram analisados 825 textos, dentre os quais foram encontradas 113 cláusulas hipotáticas circunstanciais denominadas *desgarradas*. Desse *corpus*, a seguir, foram selecionados nove textos de estudantes que continham cláusulas hipotáticas circunstanciais *desgarradas*, dentre os quais quatro foram apresentados na íntegra para os docentes e cinco foram apresentados em fragmentos menores em que o *desgarramento* de cláusulas estava presente. Ao todo, para a realização da análise, obtivemos seis avaliações de cada texto ou fragmento de texto. Assim, pudemos verificar que o uso *desgarrado* de cláusulas hipotáticas circunstanciais não só está cada vez mais presente na escrita dos estudantes, como também não está sendo categoricamente corrigido pelos docentes. Em última instância, buscamos contribuir para o ensino da língua materna, sobretudo no que se refere ao estudo da articulação entre orações e entre períodos, de modo que essas reflexões alcancem o trabalho de produção textual no contexto escolar, bem como o processo de avaliação dessas produções.

SESSÃO 11 - GÊNERO E DISCURSO

Coordenadora: Lúcia Ferreira (UNIRIO)

1) A PERFORMANCE NARRATIVA DE UMA BLOGUEIRA: “TORNANDO-SE PRETA EM UM SEGUNDO NASCIMENTO”

Glenda Cristina Valim de Melo (UNIFRAN/UFRJ/CNPq)

Na Modernidade Recente, segundo Santos (2004), deparamo-nos com a pluralidade da vida social e com a transgressão. Em tal contexto, transgredir seria entrar em territórios considerados proibidos. Tais possibilidades afloram com o advento da web 2.0, visto que os sujeitos sociais e seus corpos podem se expor livremente, lutar pelos seus direitos, contestar as exclusões ou

injustiças que presenciamos na sociedade de modo que possam contar suas histórias sem o receio de depreciação do mundo face a face, podendo ser, portanto, outros. Nos blogs e redes sociais, por exemplo, as chamadas minorias relatam suas vivências, exercem a cidadania e podem selecionar as lutas que valham à pena, segundo o seu contexto histórico-social e suas experiências. Com o intuito de dar voz às mulheres negras, neste estudo, analisamos os posicionamentos interacionais de Preta, encenados em uma narrativa no blog *Eu, Mulher Preta*, que constroem suas performances narrativas de mulher negra após os 20 anos. O estudo se ampara nos aportes teóricos dos novos letramentos digitais (MARTIN, 2008; LANKSHEAR; KNOBEL, 2008; BROCKMEIER; OSLOM, 2009) que os compreendem como práticas sociais; na concepção de raça proposta pelas Teorias Queer, em que ser negra ou amarela ou branca seria o resultado dos diversos atos de fala performativos a que negros, amarelos e brancos são constantemente expostos desde seu nascimento, ou seja, o sujeito social seria resultado dos efeitos discursivos que o constituem performativamente (BARNARD, 2004; BUTLER, 2004; SULLIVAN, 2003; WILCHINS, 2004); e na teorização de narrativa como performance que entende que o narrador ao contar sua história, está envolvido na encenação da performance no momento de narrar ou na experiência de relatar a história (THORNBORROW; COATES, 2005). Para analisar a narrativa da blogueira como performance, o quadro analítico se ancora no construto de posicionamento interacional e nas pistas indexicais listadas por Wortham (2001) para sinalizar as interpretações que fazemos dos posicionamentos interacionais na construção de sentidos emergentes na performance narrativa. São elas a referência: elementos do mundo ao qual o narrador se refere; predicação: a caracterização de elementos mencionados pelo narrador; a citação: relacionada à citação da fala do outro para recriar um momento da interação; e os índices avaliativos: itens lexicais, construções gramaticais, sotaque etc. que caracterizam socialmente grupos sociais ou sujeitos sociais. Além disso, consideramos ainda as modalidades lógicas (epistêmicas) e as deônticas nas perspectivas de Machado (2009) e de Bronckart ([1999], 2007). Embasados em Goffman ([1959], 2004), podemos dizer que as performances narrativas de Preta designam as atividades individuais da narradora marcadas pela presença contínua de outros. De um lado, ela relata o renascimento da mulher negra que havia sido sufocada e supostamente influenciada por instituições como a mídia, a família, a escola e cujo desejo era encenar performances de uma “*branc[a] meio suj[a]*”, que se distancia de tudo que a remetaria à negritude. Por outro lado, após o renascimento, observamos performances discursivas hegemônicas de negritude que também apresentam seus discursos marcados na pele escura, no quadril largo e no cabelo crespo. Apesar de ser possível dizer que a raça foi diluída no gênero, observamos na análise que se mantém a hegemonia da questão racial, o que, segundo Barnard (2004), não possibilitaria compreender a(o) negra(o), ou, no caso, Preta em sua plenitude, se não considerarmos gênero, raça, grau de escolaridade e outros traços performativos.

2) A IMPLEMENTAÇÃO DE LETRAMENTOS *QUEER* NAS AULAS DE INGLÊS NO ENSINO FUNDAMENTAL I

Luciana Leitão da Silva (UFRJ/SME-RJ/FAETEC)

O Ensino Fundamental I, também conhecido como escola primária, é tradicionalmente concebido como um espaço inocente e puro no qual as crianças iniciam seu processo de alfabetização e de letramento escolar na língua materna protegidas de estímulos ditos generificados e sexuais (RENOLD, 2005). Na atualidade, neste contexto o ensino de inglês como língua estrangeira (ILE) passa a ser parte da formação básica de crianças entre 5 e 10 anos de idade devido aos megaeventos esportivos, como, a Copa do Mundo em 2014 e as Olimpíadas em 2016, sediados na cidade do Rio de Janeiro. No entanto, o ensino de inglês proposto para tais crianças não parece considerar o papel social desse idioma, pois contempla categorias totalizantes da vida social ao focar, na maioria das vezes, no ensino de vocabulário e gramática de maneira descontextualizada. Tal prática de ensino de inglês parece ser orientada para um foco linguístico cuja linguagem se apóia na adequação das lições a um universo considerado puro e inocente, conforme senso comum (RENOLD, 2005), ao se respaldar em atividades de corte, cole e pinte, por exemplo, que ensinam itens lexicais e gramaticais aos alunos sem refletir sobre seus usos e efeitos sociais. O ensino de ILE para crianças, desse modo, reflete um letramento escolar desvinculado das práticas sociais, apagando vozes ditas *queer* (LOURO, 2004), ou seja, vozes “estranhas” que podem vir a ser usadas para questionar os saberes escolares normalizadores e (re)produtores de sentidos binários acerca do que é ser menino/menina, por exemplo, e problematizar binarismos. Assim, concebendo a escola primária como uma arena fértil na qual as crianças “fazem” gêneros e sexualidades e contribui para a manutenção e/ou revisão da matriz cultural de inteligibilidade, procuro investigar os processos de (re)construção de noções cristalizadas de *performances* identitárias de gênero/sexualidade nas aulas de inglês ao implementar práticas de letramentos *queer* em uma turma de 5º ano em uma escola pública municipal do Rio de Janeiro. Para tanto, utilizo a noção de linguagem como *performance* (AUSTIN, 1962/1990), a de gênero/sexualidade como *performances* (BUTLER, 1990/2003), a de letramentos *queer* (FABRÍCIO e MOITA LOPES, 2010; LOURO, 2004 e 2003/2010) e a de iterabilidade e citacionalidade (DERRIDA, 1972/1988) como aparatos teóricos que me possibilitam estranhar a prática de letramento tradicionalmente utilizada em muitas salas de aula de ILE para crianças e operar pela lógica da desconstrução de sentidos advogada por Derrida e Foucault (1988/2005) como forma de problematizar visões dicotômicas acerca dos pares binários e articular uma fricção de discursos que possa provocar os estudantes e questioná-los sobre modos de ser e de conhecer essencialistas segundo a(s) teoria(s) *queer* (JAGOSE, 1996; SULLIVAN, 2003). A metodologia de pesquisa desenhada segue as premissas da pesquisa interpretativista (HOLMES, 1992; NUNAN, 1992; MOITA LOPES, 1994;). Para fins de análise, as aulas foram gravadas em áudio e, para a interpretação dos dados, emprego a noção de entextualização (SILVERSTEIN

e URBAN, 1996), de indexicalidade de Blommaert (2005), de *footing* e enquadre (GOFFMAN, 1974 e 1981), procurando criar inteligibilidade sobre o processo de fricção de discursos (não) hegemônicos na sala de aula de ILE na implementação de letramentos *queer*. Os resultados iniciais mostram que diferentes discursos comparecem na sala de aula de ILE para crianças e podem inaugurar um espaço no qual alunos e professores passem a (re)construir a visão de gênero/sexualidade em outras bases.

3) DA LINGUAGEM À PRESENÇA: QUANDO A PALAVRA SE FAZ CARNE

Gleiton Matheus Bonfante (UFRJ/CAPES/CNPq)

As confissões eróticas que se desenham online nos aplicativos de pegação se comunicam com o gênero do pornô. Em um jogo confessional se delineiam corpos e se ilustram práticas, os desejos são descritos com signos e comprovados com imagens. Seguindo o roteiro pornográfico, os interactantes se despem, tem seus corpos decupados, iniciam preliminares e desenrolam a trama até o gozo, na busca de uma satisfação corpórea que é discursiva. A satisfação sexual nos chats muitas vezes não irrompe o plano do discurso, e o sexo não é mais que palavras. No entanto, a interação discursiva possui uma dimensão de presença, a qual se oporia ao sentido Gumbrecht (2010). A presença seria a parte não conceitualizável, a experiência, a sensação, aquilo que o sentido não é capaz de transmitir. A presença se materializa nos discursos do desejo através da ereção, do tesão, do orgasmo. A pornografia, assim como o sexo virtual e a pornificação de si –performance pornográfica do sujeito comum – seriam fundamentalmente mal-sucedidas sem a dimensão da presença que despertam. Com razão, para Foucault, embora nosso corpo esteja sempre em outro lugar, no sexo ele está presente. O prazer sexual provém de um extenuante e inquestionável sentimento de presença. De acordo com Foucault: “fazer o amor é sentir seu corpo se fechar sobre si, é finalmente existir fora de toda utopia, com toda a sua densidade, entre as mãos do outro”. Foucault (2014 [1966]; 4). Neste trabalho, nos interessa saber como linguagem e presença se articulam nos aplicativos de pegação, na produção linguística do sujeito desejante. Como um sujeito projeta discursivamente o toque de sua corporalidade? Seria de fato possível isolar na experiência discursiva a presença do sentido? Ou seria presença também sentido? Procuo responder a essas questões analisando em um *corpus* recolhido nos “aplicativos de pegação”, os chats para bate-papo direcionados a homens gays, quais as estratégias discursivas de produção de presença. Em seu compromisso político, este trabalho pretende analisar as performances pornográficas ou confissões sexuais dos interactantes de tais plataformas tentando destronar a performance pornográfica do seu trono profano e distribuí-la pelas tramas do corriqueiro, do cotidiano, do “amador”, assim como reforçar seu caráter político através da visibilidade de formas desejantes subalternas que promove. As pornificações de si estudadas aqui são de certa forma uma maneira de colocar em funcionamento um sexo discursivo, de deixar ver a discursividade do sexo. E nos aplicativos de pegação aqui estudados,

a ancoragem geográfica fornecida pelos GPSs parece reforçar essa dimensão de compromisso com a presentificação. Portanto, a tensão entre presença e sentido, sensação e significado é constante nas interações e paqueras online nos aplicativos de pegação. Filiado à Teoria Queer e à Linguística Aplicada Indisciplinar (MOITA LOPES, 2006), esse trabalho pretende levantar questões teóricas acerca de o funcionamento do discurso em contexto de paquera em chats de bate-papo exclusivos a celulares, mais especificamente pretende descrever como presença e sentido se relacionam na linguagem do desejo.

4) GÊNERO, SEXUALIDADE, POLÍTICA E DISCURSO: ANÁLISE DE ATOS DE FALA NO GÊNERO DISCURSIVO NOTÍCIA.

Luiz Paulo Labrego (UERJ)

Renan Nascimento (UERJ)

Sara Sampaio (UERJ)

Alexandre José Cadilhe (UNIFESO)

A pesquisa aqui apresentada é de caráter interdisciplinar, no âmbito dos estudos da linguagem, estudos de gênero e sexualidade e seus efeitos micro e macro políticos. Tal interdisciplinaridade realiza-se na hibridização de referenciais teórico-metodológicos para a análise discursiva (no intercâmbio entre a Teoria Pragmática dos atos de fala e o conceito de gênero discursivo e processos de retextualização, no âmbito da Linguística Textual), bem como no referencial conceitual para interpretação dos dados (estudos no âmbito da antropologia, com ênfase em gênero, sexualidade e política, como proposto pela Teoria Queer). Assim, temos como objetivo aplicar os instrumentos conceituais da Teoria Pragmática dos atos de fala na análise de um gênero discursivo: a notícia de jornal. A notícia selecionada para ser analisada, publicada em um jornal popular de grande circulação no Rio de Janeiro em 2014, é atravessada pelo processo de retextualização (cf. MARCUSCHI, 2007), em que um enunciador reconstrói um contexto interacional – no caso da notícia em análise, a discussão entre deputados na Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro – fazendo uso do discurso direto e indireto. Tal notícia é produzida de modo narrativo e tem como mote a troca de ofensas entre um deputado e uma deputada, os efeitos dessa troca na reunião seguinte, e o desfecho, com a apresentação de queixa na Delegacia da Mulher. Considerando a sequencialidade destes acontecimentos narrados, propomos analisar excertos a partir dos conceitos de ato locucionário, como o ato de dizer algo, e os respectivos ato ilocucionário, o ato efetuado ao se dizer algo; e ato perlocucionário, enquanto ato efetuado por se dizer algo (cf. KERBRAT-ORECHIONI, 2005; MARCONDES, 2005; LEVINSON, 2007) dos atos de fala dos deputados que são retextualizados na notícia. Analisamos ainda seus efeitos para a representação das relações de gênero e sexualidade que são engendradas na discussão. Gênero e sexualidade, neste estudo, são compreendidos como práticas sociais, marcadas por relações históricas, culturais, e construídos em *performance* discursiva (cf. MOITA LOURO, 2013;

LOURO, 2012). Na notícia em foco, a análise permite compreender que os mecanismos de ofensa atribuídos à mulher são atrelados ao uso do corpo; mecanismos de ofensa atribuídos ao homem são, por sua vez, ligados à questão da honra. As ofensas trazem como efeito a manutenção de uma norma que reforça estereótipos sobre os papéis de homens e mulheres nas práticas sociais. Considerando que o cenário da discussão em questão é de caráter público e seus representantes, eleitos, torna-se urgente uma reflexão sobre como as identidades de gênero e sexualidade são mantidas, construídas e reforçadas, e a necessidade política atual de que sejam desconstruídas, tal como preconizado pelos estudos da Teoria Queer (cf. MISKOLCI, 2013), para que situações de preconceito e opressão sejam reduzidas. Tal estudo também permite ilustrar a produtividade da análise discursiva em caráter híbrido teoricamente, onde são operados conceitos dos estudos do texto e do discurso *lato sensu* (gêneros do discurso e processo de retextualização), bem como da pragmática da linguagem (atos de fala) para a compreensão do gênero notícia e seus efeitos no mundo social, nas representações de gênero e sexualidade como práticas culturais.

5) “ELES ACHAM QUE COMO (...) SOMOS MULHERES, A GENTE PESCA POR ESPORTE”: DESESTABILIDADES NAS PERFORMANCES NARRATIVAS DE GÊNERO NA PESCA EM ARRAIAL DO CABO

Maria Aparecida Gomes Ferreira (UFRJ)

O imaginário sobre as atividades de pesca geralmente propõe visões e expectativas masculinas para essa prática de forma essencializada. A literatura existente sobre o tema também parece reforçar essa visão estereotipada. Assim, força e coragem são características normalmente atribuídas aos pescadores, enquanto que às mulheres restam a fragilidade, a dependência e as oportunidades de colaboração e complemento da pesca (MOTTA-MAUES, 1999; LINSKER & TASSARA, 2005; CAVALCANTI, 2008). Partindo da premissa de que conhecer, ser e desejar são processos imbricados entre si (VENN, 2000), defendo que as sociabilidades das pescadoras estão costuradas nos saberes e discursos que elas entextualizam (BAUMAN & BRIGGS, 1990; SILVERSTEIN & URBAN, 1996) nas suas performances, que podem ser ratificadas, ou não, por seus pares. A ratificação, ou não, dessas performances nem sempre é garantida, porque entendo comunidades de pescadores/as como comunidades de prática marcadas pela heterogeneidade. Mais além, cada evento interacional comporta múltiplos, ambíguos e, por vezes, contraditórios, centros normativos que orientam as performances em questão. Reconhecer a pluralidade de referenciais sociais e históricos com os quais nos (re)alinhamos continuamente nas interações situadas implica a compreensão de que todo fenômeno é multi escalar e policêntrico (BLOMMAERT, 2010). Multiescalar porque utilizo o conceito de Escala Tempo-Espaço e defendo uma visão interpolada e inseparável dessas duas dimensões. Em outras palavras, os fenômenos em questão são analisados como translocais, envolvendo ao mesmo tempo instâncias do micro

e macrocosmos sociais, sem necessariamente haver a sobreposição de um sobre o outro, nem tampouco uma visão dicotômica. Por conseguinte, se são diversos os fatores que (co-)atuam sobre nossas práticas situadas, os fenômenos analisados são vistos como policêntricos, *i.e.*, com variados centros normativos a orientar nossas práticas discursivas. Ciente de que esses centros normativos são vozes e textos sócio-histórico-culturais que nem sempre convergem na direção de um mesmo significado ou sistema de valoração, destaco que as redes de discursos que perpassam as narrativas das pescadoras são organizadas e hierarquizadas em torno de *ordens do discurso* (FOUCAULT, 1971/2003). Tais ordens do discurso, por sua vez, podem ser percebidas por meio do instrumental teórico-analítico de *ordens de indexicalidade* (BLOMMAERT, 2005; 2010), nas quais variados recursos semióticos indexam valores diversos e são hierarquizados de diferentes formas, podendo alguns nem serem reconhecidos/considerados (BLOMMAERT, 2010). Como Linguísta Aplicada interessada nos significados situados de nossas performances discursivas, entendidas como provisórias e contingentes, mas também passíveis de serem (re)encenadas e (re-)entextualizadas, em cujas repetições a novidade se engendra (BUTLER, 1993; PENNYCOOK, 2010) e partindo de uma visão pós-estruturalista e performativa de linguagem e sociabilidades (BUTLER, 1993; 1999; VENN, 2000; MOITA LOPES, 2006; 2010; LOURO, 2008; 2010; PENNYCOOK, 2010), o presente trabalho objetiva analisar performances narrativas de pescadoras de Arraial do Cabo e possíveis processos de legitimação das mesmas. As narrativas foram geradas a partir de entrevistas e são entendidas não prototipicamente, mas como abrangendo todo o fenômeno interacional da entrevista (MISHLER, 1986; GUBRIUM & HOLSTEIN, 2003; 2012; SANTOS, 2013). As categorias de análise adotadas são ordens de indexicalidade (BLOMMAERT, 2010) e footing (GOFFMAN, 1979). Os dados apontam para uma disputa de territorialidades que perpassa as atividades entre pescadores e pescadoras, assim como o uso do segredo e de encenação de performances valorizadas localmente como forma de legitimar o status de pescadora. Mais além, os dados sugerem não somente a ratificação de alguns ideais no tangente a performances de gênero na pesca, como também sua desestabilização, quando vemos a ambiguidade entre o desejo de ser (e não ser) reconhecida como pescadora. Esse trabalho visa ressignificar as performances narrativas de gênero na pesca local, assim como dar visibilidade às paradoxais desestabilizações em curso na região.

28 de novembro - 10h30 – 12h 30

SESSÃO 12 - ESTUDOS DE TRADUÇÃO II

Coordenadora: Maria Alice Gonçalves Antunes (UERJ)

1) CORPUS DE TEXTOS TRADUZIDOS POR APRENDIZES: QUESTÕES SOBRE SUA CONSTRUÇÃO E POSSIBILIDADES DE USO

Maria Alice Gonçalves Antunes(UERJ)

No contexto dos Estudos da Tradução, os Estudos da Tradução com base em Corpus (ETC) mostram-se um terreno fértil para a investigação acerca de fenômenos tradutórios em geral. De fato, os corpora, coleções de textos selecionados e agrupados de acordo com critérios específicos, geralmente em formato eletrônico para que sejam investigados por meio de ferramentas computacionais, vem sendo utilizados na investigação de características específicas do texto traduzido, no treinamento de tradutores bem como na prática da tradução. Na área da formação de tradutores, destacamos o *Learner Translator Corpora* (LTC), parte do projeto MeLLANGE (*Multilingual e-Learning in LANGuage Engineering*), que visa à construção colaborativa de uma metodologia para o ensino de tradução e de tecnologia da tradução (CASTAGNOLI, 2011, p. 1). Este trabalho é parte do projeto “Ensino de Tradução: o Caso dos Cursos de Extensão Universitária” que visa a uma análise detalhada dos cursos e projetos de extensão no Brasil, verificando os diferentes posicionamentos teóricos e as práticas metodológicas desses cursos de formação de tradutores. Discutiremos o uso de corpora para o treinamento de tradutores e o processo de construção de corpora paralelo bilingue, composto por textos originais produzidos por falantes nativos de inglês alinhados às respectivas traduções para o português, produzidas por alunos do curso de Letras/Inglês-Literaturas, estagiários do projeto Escritório Modelo de Tradução Ana Cristina César, do Instituto de Letras da UERJ. Apresentaremos reflexões sobre a construção desse corpus destacando questões relativas a esse processo, tais como: a opção pelo tipo de corpora e as características dos corpora de aprendizes, a elaboração de critérios para a seleção e a descrição dos textos que compõem os corpora (ZANETTIN, 2012, pos. 480), a extensão do corpus e sua representatividade (SARDINHA, 2004, p. 22). Além das questões relativas ao processo de construção do corpus, interessam-nos também investigar as possibilidades de uso que corpora de aprendizes proporcionam além de “fornecer *insights* sobre as características mais marcantes desses textos” (CASTAGNOLI, 2011, p. 1) que se tornam fonte importante para a criação de programas de cursos de tradução. Nossa reflexão inicial indica que a seleção de textos produzidos por aprendizes de tradução é afetada de forma direta pela atuação do Escritório

Modelo de Tradução junto às comunidades interna e externa da UERJ; a extensão do corpus é variável, já que o ESCRTRAD é um projeto contínuo que vem contando com a “produção” de traduções por estagiários desde 1999 e, por isso, o *corpus* pode vir a ter seu tamanho ampliado ao longo do tempo; os corpora de aprendizes de tradução ainda são pouco utilizados na área da formação de tradutores; as pesquisas que têm corpora de aprendizes de tradução como objetos de estudo costumam se centrar, em primeiro lugar, na localização de dificuldades e erros mais comuns dos tradutores aprendizes e na construção de tipologias de erros baseadas nas características dos corpora de aprendizes de tradução; o estudo dos LTC pode fornecer insights para a construção de cursos de tradução que incluam em seus programas e materiais didáticos o desenvolvimento de estratégias de tradução (mais adequadas).

2) ENTRE O RASCUNHO E A OBRA: TRADUÇÃO DA POÉTICA DOS RASCUNHOS EM *MON COEUR MIS À NU*, DE CHARLES BAUDELAIRE

Thiago Mattos de Oliveira (USP/ FAPESP)

Este trabalho integra a pesquisa de mestrado (*Re*) *traduções de Mon coeur mis à nu, de Charles Baudelaire*, realizada na USP sob orientação do Prof. Dr. Álvaro Faleiros e com apoio da FAPESP (2014/01489-6). Olhar para *Mon coeur mis à nu* é olhar para um Baudelaire lido e relido de maneiras diversas: obra fragmentária, anotações de uma obra ainda a vir, rascunhos. Muitas foram as leituras feitas do texto, refletindo-se no próprio modo de editar a obra: de Poulet-Malassis (primeiro a ordenar os manuscritos, no século XIX) a Claude Pichois (primeiro a fazer uma edição diplomática da obra, no século XXI), passando por outros momentos relevantes (a primeira edição integral, de Eugène Crépet; a primeira edição crítica, de Jacques Crépet e Georges Blin...), todos procuraram responder, de modo mais ou menos consciente, à fragmentação de *Mon coeur mis à nu*, ao “rascunho”, ao “provisório”, ao “incompleto”. Uma crítica de *Mon coeur mis à nu* é uma *crítica do manuscrito*: à semelhança do *Livro do desassossego*, de Fernando Pessoa, *Mon coeur* não possui uma forma nem definida nem definitiva. Estamos no campo da incompletude. Traduzir tal texto significa necessariamente lançar um olhar para o próprio modo de edição desse texto, sendo necessário, afinal, elaborar um texto de partida que integre o rascunho e a incompletude como elementos significantes e constitutivos daquela obra – momento em que o sujeito-tradutor e o sujeito-editor dialogam e mesmo confundem-se. Para editar um texto que não chegou a ser organizado pelo seu autor, o editor deve optar e tomar decisões que o autor não tomou ou sobre as quais não deixou indicações manifestas (PIZZARO, 2012): precisa *dar forma* àquele texto, sabendo que essa forma dada não é definitiva. Como na retradução (GAMBIER, 2012), outros modos de ler, interpretar e reescrever serão sempre possíveis, sobretudo em casos em que a movência está radicalmente inscrita naquele texto. A dispersão, a incompletude, o provisório fazem parte da obra, são parte de uma *poética*, a poética dos rascunhos (DIDIÉR, 1973). Para ela, se há escritura, há texto. Há obra. A incompletude, o

fragmentário, o rascunho constitui o texto, gerando sentidos. Propor uma retradução de *Mon coeur mis à nu* é propor, afinal, um modo de traduzir o rascunho. Este trabalho pretende, portanto, expor um panorama de como *Mon coeur mis à nu* tem sido editado/apresentado desde sua primeira publicação, chegando, recentemente, a propostas que dialogam com teorias e práticas desse novo modo de ler (e editar) textos como *Mon coeur mis à nu* (Baudelaire), *Livro do desassossego* (Pessoa), *Pensées* (Pascal) etc. e que nos fornecem elementos teóricos relevantes para elaborarmos uma proposta de tradução dessa poética dos rascunhos. Traduzir o rascunho significa compreender que no descontínuo dos fragmentos, notas e rascunhos se constitui o contínuo (MESCHONNIC, 1999) do rascunho, o rascunho enquanto poética, a poética dos rascunhos. Autores tão diversos como Meschonnic (1999), Didier (1996), Pichois (2001), Portela (2003), Galíndez-Jorge (2010) têm apontado tanto para a necessidade de pensar a fragmentação como parte significativa e significativa desses textos quanto para as diversas possibilidades abertas pelas novas tecnologias – hipertexto, edições digitais etc. Propor uma retradução de *Mon coeur mis à nu* a partir de uma tradução dessa poética dos rascunhos significa, enfim, filiar-se a um gesto de leitura que tem sido desenvolvido nos últimos anos, na tentativa de trazer para o sistema literário brasileiro um *Mon coeur mis à nu* que se constitui no e pelo rascunho. Trata-se, em última instância, de valorizar a materialidade dessa escrita, valorizar o aparentemente incompleto, o rascunho, como modo possível de construção de um discurso literário e, acrescente-se, como modo de elaborar uma prática tradutória.

3) PRÁTICA DA TRADUÇÃO E A ANÁLISE DO EDITOR: RELAÇÃO COM A QUALIDADE DO PRODUTO FINAL

Kamilla Corrêa Loivos (UERJ)

O mercado editorial do século XX exige muito de seus profissionais e, nesse contexto, o editor passa a ter uma importância cada vez maior no processo editorial. Dentro da etapa de tratamento textual, o editor se depara com outros profissionais que interferem diretamente no seu trabalho. Cada um, à sua maneira, contribui para o produto final sempre orientado e supervisionado pelo editor. No presente artigo, a figura do tradutor e suas tarefas foram as problematizações. O artigo discute e problematiza a relação entre as tarefas do tradutor e do editor no tratamento do texto. Como os editores enxergam o trabalho do tradutor? Seria positivo, na visão dos editores, a voz do tradutor não ser identificada? O que seria para eles um bom tradutor? Objetivou-se responder a tais perguntas analisando o discurso de editores presente no material “Conversa com editores” produzido pela FALE/UFMG. O referido material foi escolhido como *corpus* de análise por conter entrevistas com editores renomados sobre seu dia a dia e as dificuldades e minúcias de suas tarefas. Como referencial teórico optou-se pela definição de papel do editor descrita por Araújo (2008): “o editor definiu-se primordialmente como *normalizador* de originais, vale dizer, como o profissional encarregado de conferir uniformidade global ao texto através de

padrões formadores, conformadores e até informadores do livro.” E, para analisar o trabalho do tradutor, escolheu-se Lawrence Venuti (1995) e seu questionamento sobre (in)visibilidade do tradutor correspondendo à capacidade de o tradutor de fazer com que a tradução pareça um texto original. O editor, portanto, tem o papel, neste trabalho, de avaliar os materiais, comparar originais com traduções, e julgar se a tradução atingiu seu objetivo. Tendo como base o livro “Conversa com editores”, analisou-se a visão dos editores quanto ao papel e à importância do tradutor na produção editorial, além da (in)visibilidade do tradutor nos processos de produção editorial, assim como no material final. À luz da linguística de *corpus*, o recorte foram os termos “tradução”, “tradutor” e “traduzir”. A partir das combinações emergentes nesta análise, por meio do programa AntConc, destacou-se o contexto no qual os termos apareciam. Observaram-se as locuções que os acompanhavam, para que fossem identificadas as características que os editores atribuíram aos termos. Verificou-se que os editores definem quem é o tradutor e como o seu trabalho deve ser realizado. Há também a presença do termo “bom tradutor”, indicando que o editor tem o poder de julgar esse profissional. Isso leva a um questionamento sobre a (in)visibilidade do tradutor do ponto de vista do editor e do tradutor. Ambos os profissionais reconhecem a importância do trabalho do tradutor no resultado dos processos editoriais. Foi possível concluir que, para o editor, o tradutor não é invisível. Porém, para ser um bom tradutor ele precisa passar invisível pelo texto, sem deixar que o leitor o perceba. Ou seja, quando não é dito ao público leitor que uma determinada obra passou por tradução e o leitor consegue identificar o texto lido como original, atingiu-se então o objetivo do editor. No entanto, para o tradutor isso poder não ser visto como positivo.

4) CORPORA NA PRÁTICA TRADUTÓRIA: A BUSCA POR EQUIVALENTES

Simone Vieira Resende (UERJ)

Um dos grandes desafios enfrentados pelos tradutores é encontrar traduções adequadas para certas expressões e termos relacionados às áreas em que atua. Como seria, por exemplo, a tradução para o português de *pendrive*, *cheesburger*, *cloud-computing* e *crowdsourcing*? O objetivo desse artigo é investigar como os tradutores podem utilizar as ferramentas de Linguística de Corpus (LC) já disponíveis online na prática diária de busca por equivalentes tradutórios adequados. Na busca por traduções satisfatórias, muitos tradutores fazem uso de ferramentas tradicionais como os dicionários, os glossários ou até suas próprias *Translation Memories (TMs)*. Há inúmeros programas de tradução automática, bancos terminológicos, bibliotecas informatizadas, além de todos os subsídios externos. Os tradutores lançam mão de ferramentas computacionais como o *Google*, o *TAUS Search*, *Linguee*, *babel Fish*, *Bing translator*. As possibilidades são muito variadas. Mas, como saber se podemos confiar nessas fontes? A Internet pode fornecer muito conteúdo duvidoso. Por isso, o olhar do tradutor deve estar atento para uma avaliação criteriosa. A LC apareceu para ajudar a solucionar esse tipo problema de

confiança e adequação. Ela está deixando de ter apenas o lado teórico, dedicado à pesquisa - geralmente vinculado ao muito acadêmico - e entrando de mansinho na prática tradutória de muitos profissionais da tradução, principalmente aqueles que procuram e investem em algum tipo de formação na área dos Estudos da Tradução. A LC oferece ao tradutor a possibilidade de investigar textos autênticos, de selecionar fontes de pesquisas que usam textos do mesmo gênero do texto que está sendo traduzido. Esses textos, quando agrupados em um programa computacional, são chamados de *corpora* (AUSTERMUEHL, 2001; SARDINHA, 2004; OLOHAN, 2004; LAVIOSA, 2002; BOWKER, 2002) e podem ser acessados pelo tradutor e explorados a partir de ferramentas eletrônicas. Os dados obtidos podem ser analisados pelos tradutores, que por sua vez podem escolher a tradução mais adequada para cada contexto. Resultados preliminares indicam que algumas ferramentas da LC são extremamente eficazes na busca por equivalentes satisfatórios tanto na área da tradução técnica, quanto na literária. Ferramentas como o Banco do Português (BP) com mais de 233 milhões de palavras e o Compara da Linguatca (Português – Inglês) podem ser facilmente acessados pela Internet. O Lácio-Web (Português), o Longman Corpus Network (Inglês – Inglês) e o BNC, British National Corpus e ainda os projetos como o COMET com seu CorTEC, o Termisul e o TEXTQUIM não podem ser fontes desconhecidas dos tradutores que trabalham atualmente com qualquer tipo de tradução. Na verdade, não basta apenas encontrar a tradução de uma determinada palavra, o desafio é encontrar a tradução mais adequada, aquela que realmente é usada na cultura que está recebendo a tradução e que vai funcionar de forma fluente no texto de chegada. Essa pesquisa sugere maneiras e estratégias de como fazer pesquisas com *corpora* eletrônicos usando os recursos gratuitos já disponíveis na Internet, aumentando a confiança do tradutor na adequação da tradução encontrada e consequentemente a qualidade do produto produzido. Outro lado interessante dessa pesquisa é o fato de que o conhecimento que o tradutor adquire por meio do uso dos *corpora*, além de melhorar a qualidade da tradução, ainda agiliza o processo tradutório. É certo que ferramentas tradicionais como os dicionários e as TMs têm grande valor na busca por equivalentes tradutórios. Contudo, a confiança e os benefícios trazidos pela LC são tantos, que é quase impossível ignorá-los.

SESSÃO 13 - ANÁLISE DO DISCURSO II

Coordenadora: Silmara Dela Silva (UFF)

1) PRÁTICAS DISCURSIVAS SOBRE ASSASSINATO DE INDÍGENAS: ÍNDIO BOM É ÍNDIO MORTO?

Ivanilde de Lima Barros (SECD)

Este trabalho visa analisar as práticas discursivas sobre assassinatos de indígenas à luz dos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa, especificamente dos conceitos postulados por Michel Pêcheux. Essa linha de análise compreende a linguagem não como instrumento de comunicação, antes como ação, transformação, trabalho. A frase que intitula o trabalho é atribuída ao general Philip Henry Sheridan e está inscrita na memória discursiva dos brasileiros porque a ideologia do extermínio de indígenas, tal qual a americana (resguardadas as devidas proporções), era necessária ao progresso no início da colonização no Brasil. O *corpus* de análise do presente estudo é constituído de comentários escritos por leitores sobre uma reportagem veiculada pelo portal de notícias das Organizações Globo, G1, publicada dia 13 de junho de 2012, sob o título e subtítulo: ***Mais de 500 índios foram mortos desde 2003 no Brasil, aponta Cimi – Em 2011, foram assassinados 51 indígenas; MS concentra 62% dos casos. Mortes têm como principal causa disputa por terras, diz órgão da CNBB.*** A partir do *corpus*, busca-se compreender como são (re)produzidos os efeitos de sentido a respeito do valor da vida humana do indígena e em que medida os discursos desses leitores estão inscritos dentro de uma memória discursiva. O sujeito locutor não é entendido pela Análise do Discurso em sua identidade transcendental do eterno ponderar hamletiano, tampouco como ser que sabe de si e domina sua posição no mundo. Ele é, antes, um ser social que, com base nos estudos da psicanálise lacaniana na qual se baseou Pêcheux, não tem condições de se saber e menos ainda de se dizer dada a presença do subconsciente na constituição do dizer (INDURSKY, 2000). Dessa forma, não existe um sujeito unificado funcionando coerentemente todo o tempo em que se coloca, a própria ideia de se colocar faz referência direta a uma posição tomada. Uma formação discursiva, então, “corresponde a um domínio de saber, constituído de enunciados discursivos que representam um modo de relacionar-se com a ideologia vigente.” (INDURSKY, 2000, p. 71). Dessa forma, o que o sujeito pensa que pensa está circunscrito a uma formação ideológica que, quando expressa em linguagem, torna-se uma formação discursiva que tem por princípio regular o que deve ser dito e o que deve ser silenciado. Entretanto, uma formação discursiva, embora passível de descrição por suas regularidades, não é fechada e homogênea, o que acarreta a convivência de vozes díspares que se entrecruzam, dialogam, e a um só tempo se opõem e se aproximam. Para observar como as formações discursivas se constituem e se relacionam, foram

analisados 28 comentários à notícia. Os comentários geraram dois recortes que foram analisados separadamente por trazerem formações ideológicas distintas. Presentes na memória discursiva, a ideia do indígena “vilão” e a ideia do indígena “pobre coitado” se contrapõem nestes recortes. As formações discursivas constituem duas visões sobre o assassinato de indígenas: enquanto na primeira formação discursiva, os indígenas estão bem vivos e são vilões que morrem menos do que deveriam, na segunda, eles são pobres coitados mortos, falados mais no passado que no presente. Na primeira, constituem uma ameaça iminente, na segunda, através da morte, são heróis da resistência. No caso analisado, o indígena é ora vil e assassinado justamente, ora mísero desgraçado e problema social. Se em uma formação discursiva “Índio bom é índio morto”, em outra, “Índio morto é índio bom”.

2) O SUJEITO JOVEM EM DIZERES SOBRE A MAIORIA PENAL NA MÍDIA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA

Fernanda Cerqueira de Mello (UFF/LAS/FAPERJ)

Silmara Dela Silva (UFF/LAS/FAPERJ)

Neste trabalho apresentamos parte das reflexões e análises que temos desenvolvido no âmbito do projeto de iniciação científica *“Dos discursos, dos sujeitos: efeitos de sentido para o sujeito jovem em dizeres sobre a maioria penal na mídia”*, que tem como proposta a análise discursiva de dizeres acerca da maioridade penal no Brasil em circulação na mídia na atualidade. Os objetivos deste trabalho vinculam-se ao projeto de pesquisa docente *Mídia, sujeito e sentidos: o discurso midiático na constituição do sujeito urbano brasileiro* (FAPERJ), em andamento junto ao Departamento de Ciências da Linguagem (GCL/UFF), bem como aos trabalhos desenvolvidos no Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS/GCL/UFF), que tem como objetivo analisar a subjetividade em materialidades diversas. Especificamente neste projeto que ora apresentamos, temos como foco a análise dos efeitos de sentidos que se constituem para o sujeito jovem, em discursos com circulação na mídia televisiva que colocam em pauta a discussão acerca da maioridade penal e/ou que sugerem a sua redução. O *corpus* principal de análise é composto por dois vídeos, a saber: uma matéria do telejornal *Brasil Urgente*, exibido pela rede de televisão Bandeirantes, na qual o âncora do programa, José Luiz Datena, entrevista o promotor da Vara da Infância e Juventude de São Paulo; e uma edição do programa *Encontro com Fátima*, exibido pela Rede Globo de Televisão, na qual a jornalista Fátima Bernardes atua como mediadora em discussão sobre a maioridade penal no país. Como aporte para o desenvolvimento da pesquisa, adotamos o referencial teórico-metodológico da Análise de Discurso de linha francesa, conforme proposta por Michel Pêcheux (1997 [1975], 1997a [1969], 1990 [1983]) e desenvolvida no Brasil a partir dos trabalhos de Eni Orlandi (2006, 2001, 1996). Desse modo, entendemos o discurso como efeitos de sentidos que se constituem para e por sujeitos, em relação a determinadas condições sócio-históricas. Para a constituição do dispositivo de análise, mobilizamos noções como condições de

produção do discurso, posição sujeito e ideologia, entendida, desta perspectiva teórica, como um mecanismo de produção de evidências do sentido e do sujeito, que se constitui, por sua vez, como um efeito do discurso (PÉCHEUX, 1997 [1975]). Também mobilizamos nas análises a noção de designação, entendida, conforme Guimarães (2005, p. 9), como a “significação de um nome”, mas a “significação enquanto algo próprio das relações de linguagem, (...) enquanto uma relação linguística (simbólica) remetida ao real, exposta ao real, ou seja, enquanto uma relação tomada na história”. As questões que direcionam a presente pesquisa são as seguintes: Como se constituem os sentidos para o sujeito jovem nos dizeres a respeito da maioria penal no Brasil em circulação na mídia, na atualidade? Como funciona discursivamente a designação “jovem” nesses dizeres, ou seja, a que efeitos de sentidos ela direciona e com que outras designações se relaciona? Como funcionam a designação “jovem” e suas variações em relação às posições ideológicas sustentadas nesses dizeres acerca da maioria penal da/na mídia televisiva? Para esta apresentação, centramos as nossas análises em sequências discursivas (MARIANI, 1998) constituídas a partir do funcionamento no *corpus* da designação “jovem”, indagando-nos acerca dos efeitos de sentido que são por ela produzidos nos dizeres que circulam nesses programas televisivos, advindos de diferentes posições ideológicas. Com nossas análises, buscamos contribuir para a compreensão dos processos de constituição de sentidos para o sujeito jovem na atualidade, ao darmos continuidade às reflexões discursivas acerca do funcionamento do discurso da/na mídia na atualidade, com foco nas relações entre discurso e sujeito.

3) POSIÇÕES-SUJEITO EM PROPAGANDAS MULTINACIONAIS: DIZERES SOBRE O BRASILEIRO NA MÍDIA

Janaína Soares Almeida Cruz (UFF-PIBIC/LAS)

Silmara Dela Silva (UFF/LAS/FAPERJ)

Neste trabalho apresentamos parte das reflexões e análises que desenvolvemos no âmbito do projeto de iniciação científica “*Subjetividades na mídia: posições-sujeito em propagandas multinacionais*”, que tem como proposta a análise dos processos de produção de sentidos para o sujeito nacional na atualidade. Mais especificamente, trazemos para análise os modos como se constituem a posição sujeito brasileiro em propagandas multinacionais com circulação no país, na atualidade, e os efeitos de sentido que nelas se produzem. O presente trabalho vincula-se, assim, ao projeto de pesquisa docente *Mídia, sujeito e sentidos: o discurso midiático na constituição do sujeito urbano brasileiro* (FAPERJ), em andamento junto ao Departamento de Ciências da Linguagem (GCL/UFF), bem como aos trabalhos desenvolvidos no Laboratório Arquivos do Sujeito (LAS/GCL/UFF), que tem como principal objetivo identificar e analisar os modos como se constituem a subjetividade nos dias atuais. No projeto que aqui apresentamos, temos como foco a análise da posição sujeito brasileiro em propagandas multinacionais com circulação no país e os efeitos de sentido que elas produzem. Para as nossas análises,

constituímos o *corpus* por duas propagandas do automóvel “Novo Fusca”, que circularam na mídia no ano de 2013, ambas produzidas pela marca multinacional Volkswagen. Diante das duas propagandas selecionadas para análise, questionamos: Qual a posição sujeito que nelas se constitui para o brasileiro? Considerando que o discurso, conforme Orlandi (1998), se constitui no movimento entre a paráfrase e a polissemia, entre sentidos que se repetem e deslocamentos possíveis, quais sentidos são reafirmados e/ou deslocados discursivamente para esses sujeitos nacionais? Para pensarmos nas questões propostas relacionadas aos sujeitos, utilizamos os princípios teóricos e metodológicos da Análise de Discurso de linha francesa (doravante AD), disciplina que se fundamenta nas propostas estabelecidas por Michel Pêcheux (2009 [1969], 1997 [1975]), tendo sido desenvolvida no Brasil a partir dos trabalhos de Eni Orlandi (2001, 1996), e que se ocupa “da determinação histórica dos processos de significação” (ORLANDI, 1996, p. 22). A AD busca compreender os processos de produção de sentidos dos objetos simbólicos e, conseqüentemente, da língua, os quais funcionam de acordo com determinadas condições de produção do discurso. O discurso, aqui, é compreendido como efeitos de sentidos, que se dão sempre em relação a determinadas condições sócio-históricas. Para a constituição de nosso dispositivo de análise, mobilizamos noções como condições de produção do discurso, pensada como aquilo que é exterior ao dizer, mas que o constitui, como as circunstâncias imediatas de enunciação, o contexto sócio-histórico, e a memória discursiva, enquanto interdiscurso. Também recorreremos às noções de sujeito, posição/forma sujeito e formações imaginárias. Em relação a essa última, Pêcheux (2009 [1969]) afirma que o “já dito”, a memória do dizer, é “a substância das formações imaginárias”, isto é, elas são atravessadas pelo interdiscurso. Nesta apresentação, voltamo-nos mais especificamente a algumas das análises que realizamos de sequências discursivas (MARIANI, 1998) constituídas a partir de recortes no *corpus* com foco nas formações imaginárias acerca do veículo Novo Fusca e dos brasileiros, sujeitos projetados como consumidores do automóvel em questão. Com nossas análises e reflexões teóricas, buscamos contribuir para a compreensão de como as propagandas participam dos processos de constituição de sentidos para os sujeitos nacionais a quem se dirigem, em um movimento de reafirmação de certos dizeres e de (re)significações dessas posições sujeitos.

4) SUJEITO CONTEMPORÂNEO E AS NOVAS TECNOLOGIAS: UM OLHAR DISCURSIVO PARA A PUBLICIDADE

Marcos de Sá Costa (UFF/LAS/CAPES)

A constituição social contemporânea apresenta modos de relação entre sujeitos que são, em boa medida, e tudo leva a crer que de uma maneira crescente, mediadas pela tecnologia. Essa mediação, muitas vezes, se configura nos meios de comunicação, na mídia e, principalmente, na **publicidade** como positiva e, até mesmo, necessária. Sendo da ordem da necessidade, então, a publicidade produz um imaginário de que todas essas “necessidades” devem ser atendidas

na promessa de uma *ilusão de completude do sujeito*. Desse modo, nos pusemos a pensar que conseqüências essa conjuntura produz para/nos sujeitos? Segundo a Análise do Discurso de vertente francesa, fundamentada na obra de Michel Pêcheux na França e de Eni Orlandi no Brasil, escopo teórico dessa reflexão, “sujeito e sentido se constituem mutuamente” (ORLANDI, 1995, p.20). Portanto, não há como dissociar o funcionamento do sujeito da produção de sentido vinculada as suas práticas. Do mesmo modo, o espaço é tomado, aqui, como constitutivo dessas práticas e não como uma mera dimensão geográfica, mas simbolicamente constituído, entremeio de embates de sentidos e palco da teatralidade ideológica do capitalismo. Um espaço “trabalhado na/pela história, um espaço de sujeitos e de significantes”, logo, de sentidos (ORLANDI, 2001, p.12). Um espaço, na contemporaneidade, determinado pela interpelação ideológica, por um “ideal” de uma sociedade de consumo que visa à completa satisfação do sujeito. Este, por sua vez, se vê em meio a uma infinidade de objetos que lhe são ofertados a cada dia, a cada esquina, a cada *outdoor*, na mídia impressa, digital etc. Diante dessa enxurrada de ofertas, tudo se passa como se o sujeito não escolhesse nada e fosse impelido a comprar “tudo”, pois não importa o objeto em si, este não está na ordem da necessidade, mas sim na ordem da demanda. Assim, o sujeito se movimentaria de demanda em demanda, mas não acederia ao desejo, pois a cada nova “compra”, se reinstala uma nova decepção, por existir na rapidez de um *click*, outro produto melhor, que pode fazer mais. A satisfação do sujeito, portanto, não vem pelos produtos e, na perspectiva adotada aqui, está alhures, em um lugar perdido, pois entendemos que a “falta” é constitutiva do sujeito. O sujeito nunca encontrará o objeto perdido que dará conta de dizer quem ele é. É da ordem do recalque. Dessa falta constitutiva a psicanálise se ocupa para pensar o sujeito dividido pelo inconsciente. A Análise do Discurso, por sua vez, não prescinde desse postulado teórico de natureza psicanalítica e se vale disso pra afirmar que o sujeito é duplamente dividido: pela ideologia, enquanto inscrição de uns sentidos e não outros, e pelo inconsciente, que faz com ele não seja senhor da sua morada. Essa dupla divisão do sujeito no âmbito da publicidade é combustível, não evidenciado, para movimentar a demanda. Uma vez que o sujeito se vê preso à demanda e a querer sempre mais, como se algo fosse tamponar a falta que lhe é constitutiva, a publicidade se coloca como aquela que oferta “tudo” o que pode ser necessário à felicidade. Desse modo, se configura um sujeito que tudo quer fazer, tudo quer saber, tudo quer ter, tudo quer ver... tudo quer... tudo quer...” (PAYER, 2005, p.20) Buscamos, nesse trabalho, compreender o que se passa com o sujeito contemporâneo analisando discursivamente dois vídeos publicitários e uma capa da revista especializada em inovações tecnológicas.

SESSÃO 14 - VARIAÇÃO E MUDANÇA I

Coordenadora: Valéria Chiavegatto (UERJ)

1) VARIAÇÃO E PROSÓDIA NAS CAPITALS DA REGIÃO SUL: AS MULTIFACES DO RÓTICO EM CODA SILÁBICA EXTERNA

Mayra Santana (UFRJ/CNPq)

Este trabalho tem como foco a observação da variabilidade de produção do **R** no português brasileiro, em posição de coda silábica final, a partir do comportamento linguístico de falantes das três capitais da Região Sul do Brasil – Curitiba – PR, Florianópolis – SC e Porto Alegre – RS. Nossos resultados serão confrontados com o de Callou, Leite & Moraes (1996), para a década de 70, o de Callou & Serra (2013), para a década de 90, apenas com dados da capital gaúcha (Projeto NURC), o de Brescancini & Monaretto (2008), o de Monaretto & Hora (2003), bem como com os resultados dos diversos estudos realizados por Monaretto (1997, 2001, 2002, 2009, 2010), que apontam índices ainda altos de manutenção dos róticos nas regiões em estudo. O *corpus* desta pesquisa é constituído por amostras de fala espontânea do projeto ALiB, de indivíduos cultos, de ambos os gêneros e de duas faixas etárias distintas - de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos. A escolha dessas localidades se baseou na asserção de Callou & Serra (2012), em trabalho pioneiro sobre a relação entre o processo de apagamento do rótico e a estrutura prosódica, em que afirmam que seria interessante observar nas localidades em que ainda há a manutenção do segmento quais os contextos prosódicos mais favorecedores do apagamento/preservação do *R*. A análise alia o aparato teórico-metodológico da sociolinguística quantitativa laboviana (LABOV, 1994) ao da teoria da hierarquia prosódica (SELKIRK, 1984; NESPOR & VOGEL, 1986). O objetivo principal é comparar o comportamento linguístico dos falantes nascidos nas referidas capitais, com base em *corpora* de fala culta, e os resultados apurados nas supracitadas análises. Callou, Leite & Moraes (1996) observam 37% de queda do /r/ final, restrita às formas verbais, na década de 70, em Porto Alegre. A análise de Callou & Serra (2013), para a década de 90, indicou 87%, 62% e 80% de cancelamento do rótico, em verbos, respectivamente para as três faixas etárias do NURC, e apenas 1% para apagamento em não-verbos, em todas as faixas etárias averiguadas, também na capital gaúcha. Analogamente ao que vem sendo feito nesses estudos, são levados em consideração aqui fatores como classe morfológica, dimensão do vocábulo, contexto subsequente, consoante subsequente, origem geográfica do falante, gênero e faixa etária, e investiga-se ainda a relação entre o cancelamento do **R** em coda externa e o tipo de fronteira prosódica em que se encontra o segmento (CALLOU & SERRA, 2012; SERRA & CALLOU, 2013; SERRA & CALLOU, a sair). Segundo Nespôr & Vogel (1986/2007), a fala é estruturada em constituintes prosódicos hierarquicamente organizados, que, apesar

de serem interdependentes, mantêm relações de proeminência entre si. Para esta análise, será observada a diferenciação do rótico relativamente à fronteira de três constituintes prosódicos: a palavra prosódica (Pw), o sintagma fonológico (PhP) e o sintagma entoacional (IP), visto que já foi apontada sua importância para o tratamento do fenômeno (CALLOU & SERRA, 2012; SERRA & CALLOU, 2013). A hipótese é de que quanto mais alta a fronteira maior a tendência à preservação do segmento, o que poderia explicar a diferença de índices diferenciados de apagamento em fronteira interna e externa à própria palavra. Nossos resultados preliminares, por enquanto restritos aos dados de Porto Alegre, confirmam a tendência de apagamento em formas verbais (81%) e o percentual ainda baixo de aplicação do processo em não-verbos (6%). Uma observação assistemática dos dados provenientes das cidades de Curitiba e Florianópolis parece indicar comportamento um tanto diferenciado, o que será verificado de forma mais acurada nas etapas da pesquisa em curso.

2) O APAGAMENTO DO RÓTICO EM CODA NO RIO DE JANEIRO: CONFRONTANDO TRÊS COMUNIDADES

Ingrid da Costa Oliveira (UFRJ – PIBIC)

Neste trabalho, analisa-se o apagamento variável do *R* em posição de coda silábica final e medial, confrontando três diferentes municípios do estado do Rio de Janeiro. O *corpus* é constituído por amostras de fala espontânea (projeto ALiB), de indivíduos não cultos, de ambos os gêneros e de duas faixas etárias (de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos). Objetiva-se comparar o comportamento linguístico de falantes nascidos no Rio de Janeiro capital, já descrito em *corpora* de fala culta, e o de indivíduos naturais de Niterói, região metropolitana, e de Campos, região Norte Fluminense. A hipótese é a de que o comportamento linguístico dos indivíduos nascidos em Niterói, por este ser um município mais próximo da capital, seja mais aproximado ao encontrado na capital do estado. Já nos dados de Campos, município localizado no interior do estado e cerca de 270 km da capital, espera-se encontrar tendências de uso diferenciadas. A análise alia o aparato teórico-metodológico da sociolinguística quantitativa laboviana (Labov, 1994) ao da teoria da hierarquia prosódica (SELKIRK, 1984; NESPOR & VOGEL, 1986). Na observação do processo de apagamento do *R*, é necessário considerar os contextos em que ocorre o segmento -- coda externa ou interna à palavra -- e seu tipo de realização -- [+/-vibrante] e [+/- anterior]: o apagamento do segmento é mais frequente em posição de coda final que em coda medial e o fenômeno ocorre menos nos dialetos em que a consoante mantém ainda o seu caráter de vibrante ápio-alveolar (Callou, Leite & Moraes, 1996; Leite, 2011). Além de fatores linguísticos e sociais – (i) classe morfológica; (ii) dimensão do vocábulo; (iii) contexto subsequente (iv) gênero e (v) faixa etária - estudos recentes (CALLOU & SERRA, 2012; SERRA & CALLOU, 2013) têm demonstrado que o apagamento do *R* em posição de coda final apresenta também condicionamentos prosódicos. O fato de serem observados altos índices de apagamento do

segmento em final de vocábulo em contraste com os baixos valores de apagamento no interior de vocábulo tem levado à interpretação de que o fenômeno do apagamento estaria relacionado ao tipo de fronteira prosódica (NESPOR & VOGEL, 1986) em que este segmento se encontra (SERRA & CALLOU, 2013). Para esta análise, também levaremos em conta a hipótese prosódica, que prevê que quanto mais alta a fronteira maior a tendência à preservação do segmento. Assim, são utilizados três constituintes prosódicos postulados pela teoria: a palavra prosódica (Pw), o sintagma fonológico (PhP) e o sintagma entoacional (IP), visto que já foi apontada sua importância para o tratamento do fenômeno em questão (CALLOU & SERRA, 2012; SERRA & CALLOU, 2013). Com relação à capital Rio de Janeiro, os resultados de Callou, Leite & Moraes (1996) revelam que o apagamento do R atingia apenas 3%, em coda medial, e 47%, em coda final, na década de 70. Já na década de 90, é possível perceber um aumento no percentual de apagamento em coda final: nos verbos, o cancelamento chega a 81% e, nos não-verbos, 66% (SERRA & CALLOU, 2013). Os resultados preliminares desta pesquisa revelam que, na cidade do Rio de Janeiro, a tendência de apagamento em coda externa, na fala popular, é a mesma verificada na fala culta: o percentual de apagamento em verbos chegando a 86% e, nos não-verbos, 72%. Em coda medial, o cancelamento do rótico representa, ainda, 5%. Uma observação assistemática das cidades de Niterói e Campos parece indicar comportamento um tanto diferenciado, o que será verificado de forma mais acurada nas etapas da pesquisa em curso.

3) CANCELAMENTO VARIÁVEL DO RÓTICO EM CODA SILÁBICA EM TRÊS COMUNIDADES

Vitor Gabriel Caldas (UFRJ/PIBIC)

Orientadora: Dinah Maria Isensee Callou (UFRJ/CNPq)

Neste trabalho, focaliza-se o processo de cancelamento do R, em posição de coda silábica final (can-tar) e medial (car-ta). Utilizam-se amostras de fala de indivíduos cultos e não-cultos nascidos em Salvador, em Recife e no Rio de Janeiro extraídas do projeto ALIB (www.alib.ufba.br). O corpus do trabalho é composto por 24 indivíduos, distribuídos por nível de escolaridade (culto e não culto), região (Recife, Salvador e Rio de Janeiro) e faixa etária (de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos). As gravações foram realizadas na primeira década do século XXI. Trabalhos anteriores já apresentaram resultados relativos à fala culta de indivíduos cariocas e soteropolitanos, tanto da década de 70 quanto da década de 90. Para este trabalho, então, verificamos como esse processo que, como é descrito na literatura, se trata de uma mudança de baixo para cima, não mais possui um significado social negativo. Sendo assim, a partir de dados demográficos, relaciona-se essa mudança linguística à formação socio-histórica de cada comunidade de fala, pois, só assim, teremos bases sólidas para analisarmos a trajetória pela qual o cancelamento do R tomou para se difundir pela fala culta e perder seu traço de estigma. Outro objetivo é o de mostrar que, em alguns dialetos, o fenômeno do apagamento do R já não mais se

restringe somente à coda silábica final e atinge, inclusive, a fronteira interna à própria palavra. Entretanto, ao contrário do que era apontado anteriormente, o domínio estrito do locus de cancelamento do rótico não é a sílaba. De acordo com Serra & Callou (2012; 2013) o fenômeno, quando ainda estava em seu início, era sensível à estrutura prosódica, pois a depender do nível da hierarquia prosódica em que se encontrava o R, tinha-se índices mais altos ou mais baixos de apagamento. Por esse motivo, para este trabalho, a princípio, não serão observados condicionamentos prosódicos que atuam no processo. Parte-se das hipóteses de (i) o processo ser gradiente e atingir principalmente as cidades do Nordeste, (ii) que os falares da região Nordeste do país já apresentem índices significativos de cancelamento em posição de coda medial, em contraposição aos da região Sudeste e (iii) que, na fala dos indivíduos cultos (nível superior completo), haveria um menor índice de apagamento do R do que na dos não cultos. Na observação do processo de cancelamento dos róticos, é necessário considerar o tipo de realização do segmento, a classe morfológica, a dimensão do vocábulo, o contexto subsequente, a consoante subsequente e o tipo de coda. Em relação à manutenção do segmento, sabe-se que os índices são mais altos (i) em não-verbos, (ii) em monossílabos, pela questão da saliência fônica, e (iii) nos dialetos em que a consoante possui o caráter de vibrante ápico-alveolar, devido à maior distância que há entre esse e o zero fonético. Contudo, em Salvador, Recife e no Rio de Janeiro, cujas normas de pronúncia são basicamente as mesmas: fricativa velar ou glotal (aspiração), teríamos maiores índices de apagamento do R. Esta análise, que se baseia no aparato teórico-metodológico da sociolinguística quantitativa laboviana (LABOV, 1994), irá verificar quais são as variáveis que se mostram relevantes para a atuação desse fenômeno. Portanto, analisaremos os condicionamentos linguísticos e os condicionamentos sociais que influenciam no cancelamento do rótico.

4) APAGAMENTO DO R EM CODA SILÁBICA FINAL E MEDIAL: JOÃO PESSOA E TERESINA EM CONTRASTE

Aline de Jesus Farias Oliveira (UFRJ/FAPERJ)

Neste trabalho focaliza-se o fenômeno do apagamento variável do R, em posição de coda silábica medial (cuRso ~ cuØso) e final (cantoR~ cantoØ- cantaR~ cantaØ), a partir de amostras de fala de indivíduos cultos e não-cultos nascidos em João Pessoa/Paraíba e Teresina/Piauí. O *corpus* é composto por dados de fala espontânea de 16 indivíduos distribuídos por nível de escolaridade (culto e não-culto), região (João Pessoa e Teresina) e faixa etária (de 18 a 30 anos e de 50 a 65 anos). São utilizadas entrevistas do Projeto ALiB (www.alib.ufba.br), da primeira década deste século. Busca-se verificar qual (is) a (s) norma (s) de pronúncia dos róticos de João Pessoa e Teresina e explicar a distribuição do apagamento em cada uma dessas cidades. Para isso, partimos de trabalho recente de Cunha, Serra & Callou (2014) sobre a fala de indivíduos cultos, em que o fenômeno apresentou comportamento diferenciado entre as cidades: o processo de

apagamento do rótico parece estar mais avançado em João Pessoa (97% de cancelamento do *R* em coda final e 22%, em coda medial) em comparação a Teresina (73% de apagamento em coda silábica final e 1,7%, em coda medial). Será feita uma tentativa de correlacionar a mudança linguística à história social de cada comunidade de fala estudada no trabalho, a partir de dados demográficos. Nossa análise se baseia no aparato teórico-metodológico da sociolinguística quantitativa laboviana (LABOV, 1994) e tem por objetivo maior mostrar que, em dialetos do nordeste brasileiro, o processo de apagamento do *R* em coda silábica final já se encontra (quase) concluído e que, nesses falares, o processo atinge, já com frequência significativa, a coda silábica medial. Além disso, busca-se aprofundar a hipótese relativa à possibilidade de cada variante do *R* representar um passo na escala ordenada de enfraquecimento e, ainda, explorar as evidências de que os condicionamentos aqui envolvidos são tanto fonológicos, quanto morfológicos e sociais. Trabalhos anteriores sobre os róticos comprovaram diversos aspectos, tais como o fato de o apagamento do segmento ser mais frequente em posição de coda silábica final do que em coda silábica medial e o fato de a manutenção do segmento ocorrer preferencialmente nos dialetos em que essa consoante mantém a realização de vibrante ápico-alveolar (CALLOU, LEITE & MORAES, 1996; MONARETTO, 2010; LEITE, 2011). Para a análise do processo de apagamento do *R*, considera-se, então, o tipo de realização do segmento, a classe morfológica do vocábulo (verbo ou não verbo) e sua dimensão em número de sílabas, o contexto subsequente (pausa, vogal ou consoante) e o tipo de consoante subsequente. Partimos das hipóteses de: o processo ser gradiente e atingir principalmente as cidades do Nordeste, devido à norma de realização do rótico; os falantes da região Nordeste do país já não inibirem o processo de cancelamento em fronteira interna à própria palavra, em contraposição a de outras regiões, como Sudeste e Sul e haver um menor índice de cancelamento do *R* nos falantes de nível mais baixo de escolaridade (não-cultos), a de verificar se se trata de uma mudança de baixo para cima, em termos labovianos.

5) O ROTACISMO NO FALAR DOS MUNICÍPIOS DE LAPA E MORRETES

Tamires Alves Sanchez (PG/UEL/CAPES)

Este estudo, baseado nos pressupostos teórico-metodológicos da Geossociolinguística, tem o objetivo de compreender o processo fonológico denominado rotacismo, que consiste na alternância entre as líquidas /l/ e /r/, em coda silábica (bolso - borso, azul - azur) e em ataque complexo (bicicleta - bicireta, placa - praca). O rotacismo é considerado um fenômeno antigo que fez parte da formação da língua portuguesa, pois, de acordo com Marroquim (1996), “a passagem de /l/ a /r/ começou, com efeito, na formação do português: platu(m) > prato; nobile (m) > nobre; blandu(m) > brando; regula(m) > regra; clavum > cravo [...]” (MARROQUIM, 1996, p, 29). Outra obra que também registra e confirma a historicidade do fenômeno é a obra “O Dialeto Caipira” (1982), de Amadeu Amaral, que considera o rotacismo “um dos vícios de pronúncia mais radicados do falar paulista, sendo mesmo frequente entre muitos dos que se acham, por

educação; ou posição social, menos em contacto com o povo rude.” (AMARAL, 1982, p. 82). Desta forma, podemos concluir que o rotacismo é um processo fonológico abrangente, estigmatizado por parte dos falantes, e está presente no falar brasileiro desde o início do século. Para comprovar esse caráter de baixo prestígio social, baseamos esta pesquisa nos estudos de Castilho (2006), nos quais o autor relaciona a ocorrência do fenômeno ao fator escolaridade, a partir do seu uso entre sujeitos não escolarizados; de Câmara Jr. (1972), em que afirma que o rotacismo está presente “nos dialetos sociais inferiores e mesmo num registro muito familiar” (CASTILHO, 2006, p. 57), ou seja, o fenômeno ocorre em situações familiares ou informais e entre a forma de baixo prestígio; e Mollica (1998), em que relaciona a ocorrência do processo fonológico ao fator extralinguístico sexo, ao afirmar que em relação ao uso do português padrão, o sexo feminino, por ser mais conservador e atento às instruções da escola, preocupa-se mais com o uso da forma de prestígio. Neste sentido, esta pesquisa visa investigar a sua ocorrência em dois municípios do estado do Paraná - Lapa e Morretes - com base nos dados coletados pela equipe do Atlas Linguístico do Paraná (AliB, 1996), entre informantes estratificados quanto ao sexo (masculino e feminino), à faixa etária (18 a 35 anos e 50 a 65 anos) e à escolaridade (ensino fundamental incompleto e ensino superior completo). Os dados de fala foram analisados a partir de dois tipos de questionários do AliB - o Questionário Fonético-Fonológico (QFF) e o Questionário Semântico-lexical (QSL) - e dos discursos semi-dirigidos e dos relatos de leitura. Como resultados da pesquisa a partir desses dados de fala, constatamos que o rotacismo é uma regra variável, que depende do contexto silábico em que ocorre e que está condicionada por fatores linguísticos (extensão silábica, posição da consoante líquida lateral (coda silábica ou ataque complexo), modo de articulação precedente e seguinte, ponto de articulação (precedente e seguinte e acento) e sociais (escolaridade, faixa etária, sexo e localidade). O programa utilizado para rodar os dados de fala deste estudo foi o Goldvarb 2001, que, de acordo com Guy e Zilles (2007, p. 105), é considerado um “conjunto de programas computacionais de análise multivariada, especificamente estruturada para acomodar dados de variação sociolinguística”.

SESSÃO 15 - ASPECTOS CONTEMPORÂNEOS EM ANÁLISE SEMIOLINGUÍSTICA DO DISCURSO

Coordenadora: Patrícia Ferreira Neves Ribeiro (UFF)

1) CONVERSA PRA PAI DORMIR: FÓRMULAS ALTERADAS NA EXPRESSÃO DE IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS

Patrícia Ferreira Neves Ribeiro (UFF)

O presente trabalho visa à investigação da presença de formas linguísticas, como provérbios, máximas e frases feitas, que funcionam como fórmulas discursivas no domínio literário de livros ilustrados (também) para crianças. Mais especificamente, na pesquisa em tela, examinam-se fórmulas alteradas em um *corpus* formado por livros ilustrados escritos por autores como, por exemplo, Ana Maria Machado, Ilan Brenman, José Paulo Paes Paes, Odilon Moraes e Sylvia Orthof. O estudo em questão problematiza o emprego de fórmulas discursivas que são recriadas no universo da literatura infantil e juvenil com o intuito de refletir sobre questões sociais que essas mesmas fórmulas ajudam a construir e a desconstruir diante, sobretudo, do leitor aprendiz. Interessa, nesta pesquisa, observar se as fórmulas alteradas funcionam apenas como um regime próprio de citação de enunciados (des)crystalizados, ou como, efetivamente, mecanismos estratégicos para a construção de determinados sentidos, os quais “falam” discursivamente sobre a maneira como os valores e os princípios de uma comunidade são postos em narrativa e sustentam certos imaginários sociodiscursivos. As análises que emergem dos dados são associadas também aos modos de leitura inscritos nos livros selecionados, os quais disseminam “polos ideológicos” sobre a formação do leitor. Para a confecção do trabalho, adota-se uma orientação teórica em que são conjugadas as noções de estereótipo, especialmente da perspectiva de Ruth Amossy (1991) e Ruth Amossy e HershbergPierrot (1997), a de fórmula discursiva, proposta por Alice Krieg-Planque (2010), a de *détournement*, cunhada por Gréssilon e Dominique Maingueneau (1984) e a de imaginários sociodiscursivos, adotada da Semolinguística de Patrick Charaudeau (2006 e 2010). No quadro dos procedimentos metodológicos, o *corpus* selecionado é examinado qualitativamente, procedendo-se à descrição e à avaliação das escolhas lexicais que são empregadas na construção e na reconstrução das fórmulas discursivas em uso nas obras sob análise. Na presente avaliação, considera-se a proposição de Patrick Charaudeau (2012) segundo a qual o ato de linguagem, em sua dupla face explícita e implícita, resulta de uma articulação estrutural – correspondente à Simbolização referencial – e serial – concernente à Significação atribuída pelas *circunstâncias do discurso*. A primeira tende a articular uma forma material a determinado conteúdo, resultando em uma condensação semântico-formal. A segunda tende a promover uma multiplicidade de relações sentido-forma a partir da

união proposta, resultando numa disjunção semântico-formal. Resultados preliminares mostram que formas linguísticas cristalizadas, empregadas no interior do universo literário infantil e juvenil, funcionam como fórmulas discursivas suscetíveis a alterações e, em consequência, a distintos modos de leitura voltados para um conglomerado de efeitos de sentido, ora mais, ora menos constantes na sustentação de certos imaginários sociodiscursivos. Com efeito, verifica-se, pela análise dos dados da pesquisa, que o emprego de fórmulas alteradas é constitutivo de efeitos de sentido, nada ornamentais, mas veiculadores de crenças, valores e princípios no fio do discurso, mais ou menos consensuais, mais ou menos questionadores diante de uma comunidade. E essas distintas construções de leitura são impulsionadas justamente por um *continuum* de sentidos, da Simbolização referencial à Significação.

2) DEPOIS VAI PRO RATINHO PRA FAZER DNA: UMA LEITURA SEMIOLINGÜÍSTICA DO SENSACIONAL SENSACIONALISTA

Camilla Ramalho Duarte (UFF/ CAPES)

O presente trabalho pretende analisar uma matéria do jornal virtual *Sensacionalista*: “*Mineiro chileno se emociona ao saber que sua mulher está grávida de 5 semanas*”, utilizando-se, para isso, a Teoria Semioliingüística de Análise do Discurso, cunhada por Patrick Charaudeau. Para o teórico, *compreender* e *interpretar* são dois recursos diferentes no que tange à recepção de um enunciado, já que *compreender* diz respeito ao *sentido de língua*, enquanto *interpretar* remete para o *sentido de discurso*. O sujeito destinatário pode entender o discurso de uma maneira literal – *sentido de língua* – ou pode, por sua vez, inferir os implícitos, os não-ditos, levando em conta o contexto de produção do discurso, o que, obviamente, tem a ver com o já citado *sentido de discurso*. E é, justamente, nessa opacidade frente à recepção que o *Jornal Sensacionalista* inscreve-se, uma vez que se autointitula isento de verdade, mas, na realidade, usa estratégias para parecer isento de mentiras. Logo, o objetivo da pesquisa em questão é mostrar que, se o sujeito destinatário apenas se ativer ao *sentido de língua*, entenderá a matéria como sendo real, produzida para retratar algum acontecimento do cotidiano do mundo em que vive, por mais absurdo que esse acontecimento pareça. No entanto, se esse mesmo sujeito sair da superfície do texto e, conseqüentemente, do *sentido de língua*, buscando o *sentido de discurso*, perceberá os possíveis efeitos de sentido – e de humor – gerados pelo próprio do discurso *sensacionalista*. Desta forma, é possível pensar que os efeitos de sentido produzidos pelo *Jornal Sensacionalista* não dependem apenas de seus sujeitos enunciativos dotados de uma intencionalidade prévia ao ato da produção do discurso em questão, mas também de seus sujeitos interpretantes que precisam, necessariamente, ser simétricos com os sujeitos destinatários – idealizados pelos sujeitos comunicantes – para que seja percebido e explorado o viés do humor, trazido pelo *Jornal Sensacionalista*. Portanto, a produção do efeito de sentido do riso só será possível quando os sujeitos destinatários compartilharem os conhecimentos de mundo dos sujeitos enunciativos,

fazendo com que aqueles se tornem cúmplices, nunca adversários. Torna-se importante salientar, então, que o presente trabalho basear-se-á nas definições de humor propostas por Bergson (1987), Freud (1987) e Bakhtin (2010) que têm como ponto de ancoragem o fato de que o humor, para ser produzido, precisa, necessariamente, desprender-se do sério socialmente aceito e construído, quebrando, desta maneira, a rigidez do cotidiano vivido pelos indivíduos. Desta forma, o efeito visado pelo *Jornal Sensacionalista* produz-se a partir do momento em que o papel tradicional de um jornal é colocado em xeque, haja vista que o veículo de comunicação em questão apropria-se do jargão jornalístico, embora veicule matérias fictícias e absurdas, apesar de verossímeis com as veiculadas por jornais reais quando se observam suas estratégias discursivas. Ou seja, desprendendo-se da rigidez cotidiana dos jornais tradicionais que informam um acontecimento ao seu público leitor, o discurso *sensacionalista* cria um efeito de humor inegável, desde que, no entanto, seus textos sejam interpretados, não compreendidos, como postula Patrick Charaudeau quando, conforme dito, diferencia aquilo que chama de *sentido de língua* daquilo que nomeia como *sentido de discurso*.

3) ENTRE O POPULAR E O POPULISTA: OS EFEITOS DE PATEMIZAÇÃO EM NOTÍCIAS JORNALÍSTICAS

Caroline Lourenço Monteiro (UFF)

Signos linguísticos isolados não produzem sentido. Apenas quando eles estão dispostos em enunciados é que contribuirão para a construção do sentido de qualquer texto. O mesmo também acontece em relação à construção da emoção na linguagem: os signos linguísticos isolados não emocionam, apenas quando são usadas no discurso é que são capazes de provocar sentimentos. Até mesmo discursos caracterizados, aparentemente, como imparciais e objetivos têm uma dimensão patêmica, ou seja, uma dimensão centrada na emoção que visa tocar o interlocutor. Dessa maneira, interessamo-nos por analisar como as emoções estão presentes num tipo de discurso que nos é apresentado como imparcial e objetivo, o discurso jornalístico. Assim, escolhemos para o nosso objeto de estudo notícias da mídia impressa, mais especificamente, notícias, publicadas no mesmo dia e que relatem um mesmo fato, de dois periódicos que circulam no estado do Rio de Janeiro: O Globo, voltado a um público culto; e o Meia Hora, voltado a um público mais popular. Neles observaremos o potencial patêmico existente nas estratégias discursivas utilizadas por cada veículo de comunicação e como a patemização contribui para a construção do sentido. A escolha pelo método comparativo se deu para que pudéssemos identificar quais são as diferentes estratégias discursivas utilizadas por cada sujeito enunciativo para atingir seu público-alvo e de que maneira isso interfere na construção dos efeitos possíveis de sentido. Filiamos esta pesquisa ao referencial teórico da Análise do Discurso Francesa de orientação Semiolinguística, representada pelo linguista Patrick Charaudeau (1983), especialmente no que concerne à enunciação e ao contrato de

comunicação midiático. Cabe ressaltar que trataremos aqui das emoções numa abordagem discursiva, baseada nos pressupostos de CHARAUDEAU (2010), focalizando nossos estudos, não nas emoções efetivamente sentidas pelos sujeitos, mas sim nas emoções das quais a linguagem pode ser portadora. Destacamos, ainda, que pelo fato de a análise do discurso não ter meios para que a análise das emoções sentidas pelos sujeitos seja feita, o estudo das emoções se concentrará nos efeitos visados, já que não há garantia de que esses efeitos sejam efetivamente produzidos. Por isso, Charaudeau adota o termo “patemização” no lugar de emoção, afastando-se de uma análise psicológica ou sociológica das emoções e se concentrando na abordagem dos efeitos patêmicos possíveis do discurso. Neste trabalho, objetivamos comprovar como o discurso jornalístico é um discurso não isento, na medida em que afeta o outro e, mais especificamente, visamos fazer uma descrição das estratégias discursivas da informação jornalística a fim de flagrar o potencial patêmico ali existente. Assim, analisaremos, nesse *corpus*, como a emoção se relaciona à tematização, à problematização, à modalização enunciativa, à descrição e à narração com o objetivo de averiguar quais são as estratégias discursivas presentes em cada um desses itens. Após a análise de duas notícias, chegamos à conclusão de que existe um potencial patêmico nas notícias publicadas pelo jornal O Globo e pelo jornal Meia Hora, mas que, em cada periódico, é possível perceber diferentes graus de patemização que interferem diretamente na construção do sentido de cada notícia. Além disso, também observamos que a neutralidade aparente que caracteriza o discurso jornalístico é ilusória, devido à existência dos sujeitos que compõem o ato comunicativo e também a interesses comerciais. Constatamos, assim, que o discurso jornalístico de O Globo aproxima-se de um discurso popular, na medida em que tenta mascarar a emoção, e o discurso do Meia Hora aproxima-se de um discurso populista, pois, muitas vezes, transforma o jornal num espaço de espetacularização, de dramatização.

4) DE OVELHA A LOBO: EFEITOS DISCURSIVOS DA CONSTRUÇÃO DO *ETHOS* DO ALUNO EM CHARGES SOBRE A EDUCAÇÃO DE ONTEM E DE HOJE

Eveline Coelho Cardoso (UFF)

A presente comunicação está ancorada numa perspectiva semiolinguística de análise do discurso, elaborada por Patrick Charaudeau, que procura aplicar ao estudo de qualquer texto uma abordagem que privilegie os sentidos sem, contudo, perder o foco da materialidade linguística que os veicula. Partimos dos resultados de uma pesquisa sobre o *ethos* do enunciativo de atas escolares desenvolvida anteriormente no curso de mestrado e, tendo em vista a ampliação e aprofundamento das reflexões acerca do discurso pedagógico, interessamo-nos por um possível estudo comparativo sobre os imaginários de escola, professor e aluno construídos socialmente ao longo do tempo. Encontramos em algumas charges contemporâneas que evidenciam um olhar evolutivo para a educação um objeto fecundo a essa reflexão, uma vez que se trata de um gênero baseado na criação caricatural e comprometido com imagens

cristalizadas de determinados tipos sociais, construindo-se como um registro que reflete pontos de vista e imaginários de um determinado momento histórico. As charges evoluíram no Brasil de um instrumento meramente ilustrativo das elites europeias para um importante veículo público de opinião, ganhando forte caráter político e questionador na contemporaneidade (MATIAS, 2010). Enquanto gêneros textuais, na perspectiva da semiolinguística, as charges são construídas como parte do projeto de fala de um enunciador midiático, o qual é movido por duas visadas enunciativas interdependentes (CHARAUDEAU, 2007a): a visada de informação, presente em todo texto de natureza midiática; e também a visada predominante de captação, ligada ao interesse em despertar o interlocutor/leitor para aquilo que é dito. Nessa empreitada, o chargista constrói uma relação com um objeto de mundo por meio de um processo de transformação e transação (CHARAUDEAU, 2008b; 2009), em que um “mundo a comentar” passa por um trabalho de construção de sentido que o constitui em “mundo comentado”, dirigido a um destinatário cuja identidade se postula. Dessa forma, o acontecimento, no mundo a comentar, recebe o olhar de um sujeito que o integra num sistema de pensamento e o torna inteligível, baseado em seus saberes de crença e de conhecimento do mundo. Tal fenômeno só adquire existência significativa quando é submetido a um duplo processo de percepção-captura-sistematização-estruturação: por parte do sujeito linguageiro e, da mesma forma, por parte do sujeito interpretante, que reestrutura esse acontecimento segundo sua própria competência e inteligibilidade. Nas charges, como em todo circuito de informação midiática, o acontecimento relatado é selecionado por seu potencial de atualidade, socialidade e imprevisibilidade, critérios favoráveis à captação do leitor para aquilo que é dito. Por sua natureza irreverente, apoiada no humor e na ironia, as charges podem se reivindicar o direito à personalização do ponto de vista e mesmo à subjetividade, como ocorre com outros gêneros jornalísticos mais opinativos, tais quais as crônicas ou os editoriais. É assim que esse gênero estrutura o seu propósito por um viés discursivo de opinião e o configura com julgamentos e apreciações que dão livre curso aos sentimentos e pensamentos do produtor. Nesse sentido, o enunciador deixa ver em seu discurso representações sociais e imaginários que se refletem na maneira como são construídas as imagens – *ethos* – dos diversos tipos sociais que procura retratar nas charges. É também por meio dessas imagens que o enunciador mobiliza emoções em função daquilo que faz representar (CHARAUDEAU, 2007b; 2010). Na comunicação que ora se apresenta pretendemos mostrar, ainda que preliminarmente, alguns efeitos de sentido da criação do *ethos* do aluno de hoje como um indivíduo dominante e agressivo em contrapartida à criança ordeira e generosa que o representava outrora. Faremos isso através do estudo das relações entre linguagem verbal e não verbal observadas no discurso de três charges aqui analisadas sob a perspectiva da semiolinguística.

5) A RITA LEVOU MEU SORRISO: O IMAGINÁRIO SOCIODISCURSIVO NA TEMÁTICA FEMININA DA OBRA DE CHICO BUARQUE

Graziela Borguignon Mota (UFF)

Para a composição deste trabalho selecionamos a canção “A Rita” (1965) de Chico Buarque, fruto de uma parte da pesquisa de Mestrado, em andamento, “A expressão de um imaginário sociodiscursivo na obra de Chico Buarque”. O *corpus* da pesquisa é constituído por dez letras de canções produzidas com títulos cujos nomes são de mulheres entre os anos de 1964 e 1979. Acreditamos ser adequada para a análise das letras de canção de Chico Buarque a fundamentação teórica dada pela Análise do Discurso Francesa de orientação Semiolinguística, cunhada pelo linguista Patrick Charaudeau (1983). Filiamos esta pesquisa a esse referencial teórico, pois entendemos que por meio dele podemos contemplar *aspectos linguísticos* (nível semiolinguístico), *discursivos* (nível discursivo) e *situacionais* (nível situacional), na interpretação do social e do histórico. Entendemos, com Charaudeau (2008), que o sujeito produtor de um ato de linguagem formula seu discurso apostando que seu interlocutor compartilhará de seus dizeres. Já o interlocutor, por seu turno, para alcançar a significação pretendida, deverá acionar seus conhecimentos para a compreensão do enunciado. De acordo com essa visão teórica, o locutor e interlocutor estão sempre em interação, ambos são responsáveis pela construção do sentido. O receptor é visto como um ser ativo, co-enunciador do ato de linguagem. De acordo com o dizer de Charaudeau (2001b), a finalidade do ato de comunicação é a intercompreensão. Para este autor, a construção do sentido, mediante qualquer ato de linguagem, procede de um sujeito que se dirige a outro sujeito, dentro de uma situação de troca específica, que sobredetermina parcialmente a escolha dos recursos de linguagem que o sujeito poderá usar. Por isso, para cada troca comunicativa o sujeito falante poderá dispor de diferentes modos: o Descritivo, o Narrativo, o Argumentativo e o Enunciativo. É necessário salientar que para a nossa pesquisa o modo narrativo é particularmente importante para efeito de captura do ponto de vista do enunciador e dos imaginários sociodiscursivos correspondentes na cena enunciativa. No que diz respeito ao aspecto metodológico, “A Rita” foi analisada, primeiramente, a partir de sua temática, com vistas a interpretarmos seu contexto. Em seguida, observamos os aspectos formais característicos da letra de canção. Além disso, buscamos investigar o processo de *semiotização do mundo* com base nas quatro operações que envolvem o processo de transformação. Finalmente, analisamos a organização narrativa e a correspondente encenação a fim de alcançarmos o imaginário sociodiscursivo constituído. Acreditamos que o enunciador Chico Buarque representa o Brasil sobre o qual ele não pode tecer críticas pela imagem feminina. Por isso, concluímos que essa configuração de Brasil representada pela imagem da mulher pode representar a ditadura. Esta mulher “Rita” é o Brasil ditatorial. A análise de “A Rita” nos possibilitou identificar estratégias linguístico-discursivas utilizadas por Chico Buarque para escapar da censura. A identificação dessas estratégias timbradas na canção analisada reforça o caráter

histórico de suas composições sobre um Brasil “emudecido” pelo governo ditatorial. Assim, pode-se dizer que, a partir da investigação da mini-narrativa intitulada *A Rita*, podemos inferir o ponto de vista do enunciador Chico Buarque. Por isso, ao descortinarmos as representações sociodiscursivas, depreendemos dessa construção discursiva, um imaginário sociodiscursivo de resistência e militância frente ao regime ditatorial imposto no Brasil da década de 60.

SESSÃO 16 - SURDEZ: LINGUAGEM E ENSINO

Coordenadora: Isabel Cristina Rodrigues (UERJ)

1) ANÁLISE DOCUMENTAL DAS POLÍTICAS LINGUÍSTICAS ACERCA DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA NA PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XXI: A INSCRIÇÃO DO ETHOS COLETIVO SURDO NOS DISPOSITIVOS LEGAIS

Renato Messias Ferreira Calixto (IFRJ)

Esta comunicação visa apresentar a pesquisa de mestrado, cujo título é o mesmo deste resumo, defendida no segundo semestre do ano de 2013, no Programa de Pós Graduação em Estudos de Linguagens do Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais e a qual tem como objeto de pesquisa os dispositivos legais – Leis, Decretos, Decreto Legislativo, Convenção e Protocolo – promulgados pela esfera federal de governo, entre os anos de 2002 e 2012, e os quais deliberam sobre a Língua de Sinais Brasileira – Libras –, configurando-se, portanto, atos de políticas linguísticas. Buscou-se em um primeiro momento analisar o viés assumido pelos documentos legais no que se refere ao caráter das políticas linguísticas empreendidas no Brasil acerca da Libras, uma língua de modalidade visuoespacial e que é utilizada pela comunidade surda brasileira. Em um segundo momento, a partir da análise dos documentos supracitados, analisou-se o *ethos* discursivo coletivo surdo inscrito na Legislação Brasileira o qual, por sua vez, constrói imagens discursivas tanto sobre o fenômeno linguístico em enfoque, bem como acerca dos sujeitos usuários dessa língua minoritária. Para a realização dessa pesquisa, utilizou-se como arcabouço teórico os estudos de caráter socioantropológico, comumente denominados “Estudos Surdos”, no qual dialogam e se intercambiam distintas áreas do conhecimento, tais como a Linguística, Antropologia, Sociologia, História e Educação. Ainda, mais especificamente na abordagem das políticas linguísticas, a pesquisa orientou-se à luz das postulações da sociolinguística com grande ênfase nos trabalhos que tratam do planejamento linguístico e dos direitos linguísticos de minorias. Por sua vez, as teorias linguísticas da Pragmática e da Análise do Discurso nos permitiram debruçar sobre a temática do *ethos*, as imagens discursivas e seus desdobramentos. No que se refere à metodologia, optou-se por uma investigação de

abordagem qualitativa em Ciências Humanas. Nesse sentido, o método de coleta de dados foi controlado por critérios epistemológicos no que diz respeito ao gênero de texto, à esfera de produção e à perspectiva temporal, peculiaridades necessárias ao recorte do objeto em estudo. Por sua vez, no que tange aos métodos de análise selecionados para a feitura da pesquisa, tanto a Análise Documental como a Análise do Discurso foram imprescindíveis, haja vista que a primeira nos permitiu melhor tratamento do objeto em análise, ou seja, o documento público, e a segunda nos possibilitou abordar a temática do discurso relacionado à questão do *ethos*. Os resultados da pesquisa nos conduziram à compreensão de que os dispositivos legais que deliberam juridicamente sobre a Libras apresentam o fenômeno da surdez, da língua de sinais e do sujeito surdo sob uma ótica socioantropológica, ou seja, do *ethos* construído e mantido pelas pessoas surdas, conquanto, antagonicamente, outros documentos, também originados na esfera pública federal, frutos do desdobramento dessas políticas linguísticas, por vezes apresentam a surdez e o sujeito surdo sob um prisma clínico. Apreendeu-se, ainda, que a totalidade dos dispositivos jurídicos analisados delibera sobre a Libras sob a perspectiva do planejamento de *status*, ou seja, viés de planejamento que não intervém sobre a materialidade linguístico-gramatical da língua. Considera-se, por fim, não obstante o significativo número de dispositivos legais promulgados entre os anos de 2002 e 2012 que incidem sobre a Libras, a necessidade de ampliação das discussões em torno dessa língua no seio da sociedade brasileira, bem como maior rigor técnico-científico e criticidade na proposição, implementação e implantação de políticas público-linguísticas na abordagem ao cidadão surdo.

2) SURDEZ, LETRAMENTO E ENSINO/APRENDIZAGEM DA LÍNGUA ESTRANGEIRA – UMA ABORDAGEM EM CONTEXTO

Juliana Rodrigues de Castro (CPII/UFRJ)

Esta comunicação tem como objetivo analisar aspectos pertinentes ao processo de ensino/aprendizagem da língua estrangeira ao público surdo brasileiro. Com efeito, o surdo é considerado bilíngue por fazer uso diário de uma língua viso-gestual, a LIBRAS (sua primeira língua – L1), e de uma língua oral-auditiva, o português (sua segunda língua – L2). De modalidades distintas, a L1 e a L2 são adquiridas pelo surdo de formas diversas em função de fatores como o seu grau de surdez, a existência ou não de outros surdos na família e a escolha dos pais pela língua de sua educação. Devido à impossibilidade do estímulo auditivo, a L2 lhe é transmitida num longo processo de forma não natural, por meio de repetições e de sistematizações centradas na estrutura da língua. Dada essa complexidade, como será seu acesso a uma língua estrangeira (LE) de modalidade oral-auditiva? Dentre as quatro competências desenvolvidas no ensino das línguas estrangeiras (compreensão e produção escritas, compreensão e produção orais), o surdo é perfeitamente capaz de desenvolver ao menos duas: a compreensão e a produção escritas. Nesse ponto, podemos mencionar a importância

do acesso ao aprendizado precoce da LIBRAS e do desenvolvimento de suas práticas de leitura e escrita em L2 como fatores determinantes para o seu letramento que, por sua vez, terá forte influência no aprendizado da LE. Para Tfouni (1995), o letramento diz respeito ao uso da leitura e da escrita nas práticas sociais, envolvendo conhecimentos ligados às habilidades, valores e funções sociais. Por essa razão, letramento e ensino de línguas não podem ser dissociados. O indivíduo letrado em L1 e/ou L2 terá, certamente, mais desenvoltura ao abordar um texto em LE. Por conseguinte, sua gradual experiência em LE poderá também influenciar suas práticas textuais em L1 (no caso do surdo, em L2). Paralelamente, é preciso destacar a importância do contexto de ensino em que o surdo está inserido, podendo ser em classe especial ou em classe inclusiva. Muito se tem discutido sobre o contexto mais adequado para a sua escolarização, porém os especialistas da Educação de Surdos estão longe de encontrar um senso comum. Para sanar o problema da comunicação em classe com surdos, as leis voltadas para a Educação Especial no Brasil preveem a presença de um intérprete (Português – LIBRAS) que será um intermediador entre o educador e o educando surdo na transmissão dos conteúdos. Contudo, em aula de língua estrangeira, o trabalho do intérprete se torna confuso visto que este não é habilitado para interpretar aquela terceira língua. Nesse caso, qual será o papel do educador e do intérprete? E que espaço ocuparão a L1, a L2 e a LE em sala de aula? Para respondermos a esses questionamentos, observaremos uma experiência prática do ensino do Francês Língua Estrangeira ao público surdo, realizada no âmbito de um curso de extensão na Faculdade de Letras da UFRJ, cujo público são jovens surdos bilíngues, praticantes da LIBRAS como L1 e do português como L2. A partir dos dados coletados por meio de filmagens e da documentação das produções dos educandos, será possível estabelecer uma relação entre a teoria e a prática do ensino. Para isso, teremos como base o conceito de bilinguismo de Grosjean (2004, 2008), os aportes sobre o ensino bilíngue para surdos conforme Skliar (2001, 1999) e Quadros (2004, 1997), e o conceito de Letramento segundo Tfouni (1995), Kleiman (2008) e Soares (2009, 2004).

3) LIBRAS E PORTUGUÊS NO LETRAMENTO DE SURDOS E OUVINTES: A EXPERIÊNCIA DO SARAU BILÍNGUE

Daniele Barboza Moura(INES)

O presente estudo investiga os posicionamentos e a agência de participantes de um Sarau Bilíngue. O Sarau é uma proposta didática / pedagógica, desenvolvida no Curso Bilíngue de Pedagogia do Instituto Nacional de Educação de Surdos – INES – e visa integrar surdos e ouvintes, de forma lúdica, proporcionando práticas de letramento que envolvam dramatizações, traduções e adaptações de textos da língua portuguesa para LIBRAS, contribuindo para o acesso à literatura e à música, o rompimento de barreiras e a quebra de preconceitos mediada pela arte. O modelo teórico-metodológico adotado nesta pesquisa é de natureza qualitativa, interpretativa e de cunho etnográfico. Além disso, tem caráter interdisciplinar dialogando com

os campos da Sociologia (GOFFMAN, 2004 [1995]), das Ciências Sociais (DAVID e HARRÉ, 1999; MINAYO, 2010; CASTELLS, 1999), Estudos Culturais (HALL, 1997, 2003; SKLIAR, 2010), Educação (FREIRE, 1996, 2011), Fonoaudiologia (LACERDA, 2004; LODI, 2004) e Surdez (QUADROS, 2004; FERREIRA BRITO, 2010 [1995]; GESSER, 2009; LODI, 2009; PERLIN, 2010). Portanto, localiza-se na área da Linguística Aplicada (CAVALCANTI, 2006, 2003; MOITA LOPES, 2006, 2009), por compreender o sujeito não apenas como um ser que produz língua/linguagem. Na verdade o sujeito é visto como coconstrutor de práticas discursivas que contribuirão para sua construção e para a construção de outros sujeitos (MOITA LOPES, 2006). É realizado a partir de uma entrevista de grupo, analisada qualitativa e interpretativamente, com dois alunos surdos, quatro ouvintes, inspirada na técnica de grupo focal (GASKEL, 2007), atuando como mediadora. Quanto ao viés qualitativo, de acordo com Bogdan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa presume o contato direto do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo investigada. Ao assumir os pressupostos qualitativos, o pesquisador torna-se parte do mundo que a pesquisa acontece, com suas crenças, valores e atitudes. Nesta pesquisa, sinto-me privilegiada por ter investigado minha própria prática pedagógica, tendo a oportunidade de autorreflexão e de ter o feedback dos alunos participantes. A análise é desenvolvida à luz dos conceitos de posicionamento (DAVID e HARRÉ, 1999), agência (AHEARN, 2001) e construções identitárias (HALL, 2006; CASTELLS, 1999) sinalizados por pistas lexicais. A análise mostra os posicionamentos, agência e construções identitárias emergentes durante a entrevista e como contribuem para a construção do letramento (GEE, 1990; KLEIMAN, 2005) dos participantes a partir de sua participação em um Sarau Bilíngue. A partir da conversa com os dados, tive a oportunidade de compreender que reflexões a respeito do letramento de surdos ainda são motivos de muitos debates e controvérsias. Talvez pelo fato de ser um campo ainda recente de investigações e que vem lutando para distanciar-se da visão patológica, cause tanta controvérsia. Além de constatar que o Sarau mostrou ser um espaço que propicia debates acerca de questões socioculturais, linguísticas e educacionais: práticas de letramento que nos permitem compreender a língua para além da sala de aula, podendo ser caracterizado como um artefato cultural que favorece a construção e reconstrução de identidades e contribuindo para conscientização do nosso papel como agente transformador.

4) REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DA LÍNGUA DE SINAIS E DOS SURDOS POR ALUNOS DA DISCIPLINA LIBRAS

Elissandra Lourenço Perse (PMAR/UERJ)

A Língua Brasileira de Sinais (Libras) teve seu reconhecimento como meio legal de comunicação e expressão dos surdos pela Lei nº 10.436 de 22 de abril de 2002 e foi regulamentada pelo Decreto 5626 de 22 de dezembro de 2005, fruto da luta da comunidade surda brasileira. No Artigo 3º desse Decreto está estabelecida para o Ensino Superior, a inserção da disciplina de Libras,

obrigatoriamente, nos cursos de Pedagogia, Educação Especial, nas diversas Licenciaturas e no curso de Fonoaudiologia. Ao direcionar a disciplina aos cursos de formação de professores, com exceção ao de Fonoaudiologia, compreende-se que o objetivo seja preparar futuros professores para receber alunos surdos nas classes regulares, em consonância com a Legislação referente à inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais. Assim, temos na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) as primeiras turmas de Libras para os cursos de licenciaturas no primeiro semestre do ano de 2014. O presente trabalho constitui-se de um recorte de uma pesquisa mais ampla que objetivou analisar o processo de implantação da disciplina de Libras nos cursos de licenciatura da referida Instituição de Ensino Superior (IES). Esta pesquisa enfoca as representações dos surdos e da Libras por meio da análise dos discursos dos primeiros alunos de licenciaturas da disciplina de Libras na UERJ, identificando quais crenças sobre a Libras e sobre o surdo atravessam seus discursos, pois nenhum discurso pode ser considerado neutro, uma vez que é carregado pelas ideologias e crenças de quem o produz (BRANDÃO, 2009). A coleta de dados se deu por meio da aplicação de um questionário no início do primeiro semestre de 2014 para as duas turmas, totalizando vinte e um (21) entrevistados, sendo estes, alunos de graduação das seguintes licenciaturas: Geografia (16 alunos), Ciências Biológicas (4 alunos) e História (1 aluno). Os dados foram obtidos por meio de um questionário composto por 20 perguntas, subdivididas em três blocos que compreenderam questões referentes à identificação do sujeito da pesquisa, à disciplina de Libras e aos mitos e crenças sobre a Libras e a realidade dos surdos. Os principais resultados da análise dos dados compreendem as considerações dos graduandos acerca da obrigatoriedade da disciplina em seu curso, dos conteúdos das disciplinas, dos saberes necessários à futura atuação com alunos surdos e seus discursos sobre a inclusão de alunos surdos em escolas regulares de ensino. Nesse contexto insere-se a disciplina Libras, visando possibilitar a inclusão efetiva do aluno surdo nas salas de aula do ensino regular, requerendo professores com formação adequada para o trabalho pedagógico, o qual possui como condição básica, a comunicação. A Análise do Discurso francesa constitui o quadro teórico que nos permite destecer os fios que se emaranham nos discursos de nossos sujeitos de pesquisa. Ao falar sobre o tema, notamos embates sobre a surdez, a língua de sinais e educação inclusiva dos futuros professores que podem orientar de maneira equivocada seus trabalhos pedagógicos com alunos surdos. Conhecer-los nos permitem repensar a formação desses professores, que poderão atuar com alunos surdos e refletir o quanto as ementas e o planejamento da disciplina contribuem para essa desconstrução.

SESSÃO 17 - LINGUÍSTICA COGNITIVA I

Coordenadora: Neusa Salim Miranda (UFJF)

1) MUDANÇA FICTIVA EM *CORPUS* DE FALA ESPONTÂNEA DO PB

Luciana Andrade Paula (UFJF/BIC)

Márcia de Paula Andrade (UFJF/BIC)

Carolina Otaviano do Carmo (UFJF)

Luiz Fernando Matos Rocha (UFJF)

Este trabalho investiga construções linguísticas de mudança fictiva em *corpus* de fala espontânea do Português Brasileiro, mais precisamente da diatopia mineira, sobretudo da região metropolitana de Belo Horizonte. Tais construções se instanciam em exemplos como “O quarto ficou muito maior depois que retiraram os móveis de dentro dele”, nos quais uma mudança expressa no predicado ocorre apenas em função da percepção/concepção do conceptualizador, sem a contrapartida direta do cenário efetivo. Em outros termos, o quarto, de fato, não tem suas dimensões concretamente ampliadas, porém o caráter resultativo dessa mudança se dá no plano subjetivo. Alguns autores em Linguística Cognitiva (LC) vêm tratando desse fenômeno, como Sweetser (1990) e Matsumoto (1996), os quais basicamente fundamentam teoricamente este estudo e mostram que a visão de um dado objeto, este com sua historicidade e a com propriedades pré-estabelecidas e conhecidas pelo conceptualizador, passa a assumir outra dimensão, forma ou estado quando ocorre uma mudança na percepção do conceptualizador. Outras instâncias de natureza fictiva vêm sendo estudadas por autores em LC. De acordo com Talmy (1996, 2000), a fictividade, como parte da cognição linguisticamente manifesta, é uma atividade cognitiva abrangente que se instancia por meio de elaborações específicas do modelo “X Fictivo(a)”, a saber: entidade fictiva (TALMY, 1996, 2000; FAUCONNIER, 1994, 1997; LANGACKER, 1999, 2008; ROCHA et al., 2013), vinculada a nomes empregados em afirmações genéricas (e.g. “Leões são animais fortes”), como entidades mais abstratas, desengajadas de instâncias particulares; movimento fictivo (LANGACKER, 2008; MATSUMOTO, 1996; TALMY, 1996, 2000; MATLOCK, 2001; MATLOCK et al., 2004; DORNELAS e ROCHA, 2014), em que entidades estáticas são aparentemente movidas via projeção do conceptualizador (e.g. “A estrada vai de Juiz de Fora ao Rio de Janeiro”); ato de fala fictivo (LANGACKER, 1999, 2008), como o uso de ironia, em que um aparente elogio é uma crítica; e perguntas retóricas, em que uma aparente pergunta é um comentário — sendo este último tratado por Pascual (2003) como um caso de interação fictiva. Tais aspectos teóricos lançam as bases de um desafio para este trabalho, que é a verificação da plausibilidade empírica da categoria mudança fictiva em dados reais de fala do Português Brasileiro. Acomodar exemplos inventados ou artificiais à sedimentação de hipóteses

é, de fato, uma etapa pioneira e importante – procedimento este comum a estudiosos de LC nas fases iniciais. Todavia isso nos impele a um árduo compromisso com a empiria, no sentido de testar no uso real da linguagem os postulados oriundos de induções simuladas. Para tanto, a contraparte metodológica se alinha à busca de ocorrências de verbos de mudança de estado (e.g. “ficar”, “virar”, “transformar”, “tornar”) na parte informal do *corpus* C-ORAL-BRASIL (RASO e MELLO, 2012), associada à oitava dos arquivos em áudio e, concomitantemente, ao estudo das respectivas transcrições. Foram elencados os casos em que a mudança é de caráter subjetivo ou fictivo para análise qualitativa. Os resultados apontam para o fato de que a construção referida se relaciona a uma quebra da expectativa *default* (ou seja, a construção estativa em que o quarto não alteraria suas dimensões por conta da retirada dos móveis) à medida que a mudança resulta em algo que só existe conceptualmente (ou seja, ocorre uma construção resultativa, em que o quarto se torna subjetivamente maior).

2) NEOLOGISMO E COGNIÇÃO: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO LEXICAL DE ADOLESCENTES

Ana Paula Ferreira

Este estudo teve como objetivo investigar o processo de formação de neologismos na mídia impressa voltada ao público adolescente, através de uma perspectiva cognitiva. Para tanto, utiliza como base teórica a Linguística Cognitiva, em especial, as Teorias dos Espaços Mentais (Fauconnier, 1994) e da Mesclagem Conceptual (Fauconnier e Turner, 2002), a fim de examinar quais tipos de conexões nossas mentes tendem a fazer e quais as informações processadas cognitivamente no processamento discursivo. A Linguística Cognitiva tem como um dos seus pressupostos básicos a noção de que a linguagem humana não é um fenômeno desvinculado dos demais processos cognitivos. Segundo Salomão (1999, p. 12), “as razões para as construções se apresentarem como são e funcionarem como funcionam podem ser encontradas na cognição e na interação social”. Chiavegatto (2002) complementa que as estruturas linguísticas são flexíveis e se moldam às necessidades de representação de pensamentos e de interação entre os membros das comunidades socioculturais que delas se utilizam para a comunicação. Desse modo, os significados não são intrínsecos às palavras; eles se desenvolvem a partir das correlações estabelecidas entre forma linguística e os contextos nos quais a interação ocorre. O mesmo posicionamento é defendido por Turner (1996), que também ressalta a dinamicidade dos significados, os quais são apresentados como complexas operações de projeção, ligação, conexão, mesclagem e integração de múltiplos espaços conceituais. Como o vocabulário dos adolescentes é o foco de estudo desta pesquisa, o *corpus* foi constituído por 12 edições da revista *Capricho*, sendo sua escolha justificada pelo fato de esta ser a revista de maior circulação entre o público adolescente do sexo feminino. Após a constituição do *corpus* de extração, os termos selecionados foram submetidos ao *corpus* de exclusão, a fim de verificar seu caráter

neológico. Os que não se encontraram registrados nos dicionários, ou cujos sentidos atribuídos pelo contexto apresentaram-se diferentes dos dicionarizados, foram considerados neologismos. Os dicionários *Aurélio* (Positivo, 2010) e *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* (Objetiva, 2009) foram utilizados como *corpus* de exclusão. Em seguida, os neologismos confirmados foram registrados, com a respectiva forma lematizada e classificação. Na última etapa, efetuou-se a análise do processo de construção dos neologismos, valendo-se, conforme mencionado, dos pressupostos da Linguística Cognitiva. A eficiência dos adolescentes na produção lexical, seja pela busca de identidade, de pertencimento a um determinado grupo, ou pela necessidade de denominar situações atuais, pôde ser verificada. Considerando que “as palavras da língua são [...] instrumentos de construção de sentidos, guias linguísticos para o processamento de significados na mente de seus usuários” (Chiavegatto, 2002, p. 134), foi possível compreender o “deslizamento” de significados, o que permitiu o surgimento de extensões semânticas, originando a criação vocabular. A análise dos neologismos permitiu a confirmação que, do pensamento mais simples aos mais complexos e imaginativos, a forma como raciocinamos, ao processar informações e conhecimentos de todos os tipos, deve-se, em muitos casos, à mesclagem conceptual, sendo o sistema conceptualizador humano dotado de grande potencial simbólico para construir significados. Conclui-se, assim, que a visão cognitiva não só elimina a dificuldade de se abordar a questão semântica nos processos de formação de palavras, como permite uma abordagem mais abrangente das construções lexicais como constituintes de significados. Conforme esclarece Basílio (2010, p. 6), “a inclusão do conhecimento do mundo na noção de significado leva a uma interpretação mais adequada de construções lexicais”.

3) UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA DE LEITURA EM LÍNGUA INGLESA – APORTES DE UMA TEORIA DA LEITURA E DA LINGUAGEM

Cibele Daher Botelho Monteiro (IFF)

O objeto da pesquisa é a aprendizagem significativa da leitura em inglês, de forma a torná-la mais eficiente, ultrapassando o modelo da leitura compreendida como uma simples decodificação de sinais e ampliando o entendimento de que esta, quando significativa, pode promover uma verdadeira compreensão da cultura, pois defendemos, assim como Bakhtin, o preceito de que a palavra tem um valor semiótico e ideológico. Portanto, para nós, a aprendizagem significativa da leitura em língua inglesa é possível, desde que considerada, como observa a Fenomenologia, um fenômeno profundamente humano e complexo, formador da consciência individual e coletiva, e que se opera, por meio deste, também o fenômeno que é a Linguagem, elemento preponderante na humanização dos seres humanos. O referencial teórico com o qual trabalhamos está principalmente focado na Filosofia da Linguagem de Bakhtin, destacando a importância do ato de ler e da linguagem na construção dos significados da consciência e da existência humanas, considerando que “a palavra é o modo mais puro e sensível da relação

social." Destacamos ainda os estudos relacionados à "Englishation"/Nativização pela influência do inglês no contexto linguístico e cultural brasileiro, de acordo com o sociolinguista indiano Kachru, e, por fim, os estudos da leitura na perspectiva cognitiva, segundo David Ausubel, e os princípios da Aprendizagem Significativa. A metodologia usada foi uma pesquisa quantitativa e qualitativa com estudantes de Ensino Médio do antigo CEFET Campos, hoje, Instituto Federal Fluminense, cujos principais pontos foram: os aspectos relacionados aos conhecimentos anteriores por eles/elas trazidos de outras instituições e da vida, suas preferências culturais e, em especial, a motivação diante da leitura, considerando a língua materna e a língua estrangeira Inglês. A pesquisa representou uma amostra de 25% do universo de estudantes, 124 estudantes, com os quais foi feita uma pesquisa de caracterização dos perfis socioculturais. Após a elaboração destes perfis, destacamos 52 estudantes, 42% da amostra, e com eles testamos: a influência do conhecimento prévio nas duas línguas (materna e inglesa), as relações feitas pelos alunos(as) com outros conhecimentos e com as outras linguagens, em especial, a linguagem não verbal e ainda se a utilização do computador como suporte ativar a motivação, tornando a aprendizagem ainda mais significativa. Como principais resultados, há que se destacar que quanto mais a leitura em língua inglesa se apropriar da compreensão de que a palavra é um signo semiótico e, portanto, ideológico, mais beneficiará a formação da consciência destes estudantes. Com relação aos sujeitos da aprendizagem, há que se buscar a Motivação Intrínseca (Instrumental ou Integrativa) e também uma articulação do conhecimento novo a ser adquirido com os conhecimentos pré-existentes na estrutura cognitiva destes sujeitos. E, quanto ao material utilizado, há a necessidade de se afastar do estudo da leitura apenas como uma forma de aprendizagem das estruturas linguísticas, pois o objetivo de cada pessoa e a sua formação de consciência são preponderantes. Finalmente, quanto ao suporte utilizado, também foi demonstrada uma tendência forte de uso do computador tanto para a leitura em geral como para a aprendizagem significativa, para além dos demais suportes (livros e apostilas).

4) UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONISTA DA MORFOLOGIA DERIVACIONAL: O CASO DA CONSTRUÇÃO SUPERLATIVA PREFIXAL

Anna Carolina Ferreira Carrara (UFJF/FAPEMIG)

Neusa Salim Miranda (UFJF)

O presente trabalho pertence ao macroprojeto "Construções Superlativas do Português" vinculado à linha de pesquisa Linguística e Cognição do PPG Linguística-UFJF e à FrameNet Brasil, em sua linha Frames e Construções. O objetivo é descrever, organizar em tipos e explicar uma rede de construções superlativas postas à margem das descrições da gramática e do léxico do Português (MIRANDA, 2010). O estudo de tal rede encontra eco na visão filosófica da Hipermmodernidade (LIPOVETSKY, 2004), em que a cultura do excesso favorece o aparecimento de uma visão hiperbólica sobre as coisas do mundo, materializadas, dentre outras coisas, em

expressões linguísticas superlativas. A Construção Superlativa Prefixal – exemplificada por ocorrências como (1) Aparecendo cada vez maiores, os **maxi acessórios** estão com tudo!; (2) Eu estava numa festa da minha prima. Me sentindo **super!**; (3) Eu **super curti** o look dela na festa... incrível! - é um dos nódulos dessa rede de construções superlativas e, para descrevê-la, lançou-se mão dos pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva (CROFT e CRUSE, 2004; FAUCONNIER e TURNER, 2002; JOHNSON, 1987; LAKOFF, 1987; LAKOFF e JOHNSON, 1980, 1999; MIRANDA e SALOMÃO, 2009; SALOMÃO, 1997, 2005, 2006; dentre outros). Dentro desse paradigma, a Gramática das Construções Cognitiva (GOLDBERG, 1995, 2006; BOAS, 2013), a Semântica de Frames (FILLMORE, 1977, 1982, 2008) e o projeto lexicográfico FrameNet são os principais constructos teóricos. Na busca por uma interface entre tais pressupostos, assume-se também o modelo do Constructicon, postulado para o trato de construções na FrameNet (FILLMORE, LEE-GOLDMAN, RHODES, 2010). Ao elegermos, como proposta de trabalho o estudo de uma construção mórfica superlativa, abordagens a respeito da Morfologia Derivacional tornaram-se essenciais (BASÍLIO, 2007, 2011; LAROCA, 2011; GONÇALVES, 2002, 2003, 2011), além de adotarmos o modelo da Morfologia Construcional (ConstructionMorphology) desenvolvido por Booij (2010). A escolha metodológica, ditada pelo compromisso com a empiria, recai em uma Linguística Cognitiva baseada em corpus, o que implica o uso de corpora eletrônicos e de ferramentas computacionais, neste caso o concordanciador Web Concordancer. O desenvolvimento da análise da Construção Superlativa Prefixal contou, portanto, com um corpus formado por 1.628 ocorrências, divididas entre as três instâncias da construção: (1) o padrão prototípico; (2) os prefixos superlativos antecedendo formas verbais e (3) os prefixos superlativos como formas livres. O padrão prototípico representa 66% das ocorrências do corpus e consiste em uma estrutura produtiva que irradia o seguinte padrão construcional: XY, em que X é um prefixo (super-, mega-, hiper-, ultra-, maxi-, micro-, mini-) e Y é um adjetivo ou um substantivo. A segunda instância da construção – os prefixos superlativos antecedendo verbos – representam 23% das ocorrências do corpus e, fugindo ao padrão descrito pela Tradição Gramatical de que os verbos só podem ser intensificados de forma analítica, os dados apontam para construções como **super adorei**, **hiper gostei**, **mega curti** e **ultra amei**, verbos que evocam um frame de Avaliação. Além de construções como os verbos de ação recomendar, fazer e querer: **super recomendo**, **super fiz**, **super quis**. A terceira instância da construção, que representa 11% das ocorrências do corpus, por sua vez, consiste nos prefixos superlativos como formas livres, em construções como: Estou me sentindo **super!** As instâncias emergentes da construção – prefixos superlativos antecedendo verbos e prefixos como formas livres – são uma evidência da autonomia da construção.

5) PONTO DE VISTA E *CONSTRUAL*: UMA ABORDAGEM COGNITIVISTA DOS DÊITICOS “NÓS” E “A GENTE”

Viviane da Fonseca Moura Fontes (UFRJ)

Orientadora: Lilian Vieira Ferrari (UFRJ)

Esta pesquisa tem como objetivo principal identificar os diferentes sentidos que compõem a categoria dêitica formada pelas estruturas semânticas “nós” e “a gente”, detalhando os seus respectivos processos cognitivos com base nas noções de ponto de vista e *construal* (Langacker, 2008). Numa visão langackeriana, a construção do significado decorre do fenômeno da conceptualização que alinha o conteúdo conceptual ao ponto de vista do falante. Ou seja, ela configura uma experiência mental que possibilita a elaboração de estratégias cognitivas diferentes de construção do significado linguístico. Assim, embora alguns estudos sociolinguísticos considerem que a diferença entre as formas dêiticas “nós” e “a gente” resida numa variação linguística e social, o aparato teórico da Linguística Cognitiva nos oferece fundamentos para a defesa de que essas construções gramaticais distintas evidenciam mapeamentos cognitivos de natureza diversa e bastante sofisticada. Na verdade, as formas “nós” e “a gente” se organizam como uma categoria radial da dêixis, da qual fazem parte um núcleo prototípico e elementos que se afastam do protótipo. Esses outros elementos apontam significados diferentes que resultam de processos de mesclagem conceptual e refletem *construals* distintos sobre uma mesma base conceptual. Prototipicamente, a base conceptual da dêixis envolve falante e ouvinte(s), além das noções de tempo e espaço referentes à cena comunicativa. Tendo como objeto de estudo as expressões “nós” e “a gente”, busca-se uma análise contextualizada desses dêiticos em dados de fala espontânea de origem midiática. O *corpus* desta pesquisa enfatiza assuntos políticos discutidos em debates televisionados entre candidatos à prefeitura do município do Rio de Janeiro no ano de 2012. Numa análise preliminar, verificou-se que o uso de “nós” torna mais saliente a identificação individual dos participantes da cena comunicativa, destacando falante e seu(s) interlocutor(es) como figura na interação. A percepção dessas entidades dêiticas é mais transparente. Já com relação ao uso de “a gente”, percebeu-se que essa expressão coloca em proeminência a relação que se estabelece entre os participantes, deixando as informações sobre os interlocutores relegadas ao fundo da cena comunicativa. Com isso, a percepção das entidades dêiticas fica embaçada. Por fim, propõe-se uma análise cognitiva das diferenças e semelhanças que caracterizam a construção do significado para os usos dêiticos de primeira pessoa do plural “nós” e “a gente”. A investigação desse fenômeno linguístico envereda pelos caminhos da Linguística Cognitiva, mais precisamente no que tange aos estudos sobre a construção do significado dêitico, envolvendo as noções de categorização radial, mesclagem conceptual, *construal* e ponto de vista.

SESSÃO 18 - ESTUDOS FONÉTICOS

Coordenadora: Tânia Clemente de Souza (UFRJ)

1) PISTAS DURACIONAIS PARA O FRASEAMENTO PROSÓDICO DAS PERGUNTAS DE CONFIRMAÇÃO (“NÉ?/NÃO É?”) NO PB

Alan de Sousa Motta (UFRJ/CNPq)

Este trabalho tem por finalidade observar o fraseamento prosódico das perguntas de confirmação (“né?/não é?”) no Português brasileiro a fim de verificar: (i) se essas perguntas (*tagquestion*) são produzidas em um único sintagma entoacional (IP), juntamente com o IP precedente, ou se os IPs são produzidos separadamente (PIERREHUMBERT, 1980; LADD 1996; SOSA, 1999; SERRA, 2009) e (ii) quais são as pistas duracionais envolvidas nessa prosodização, isto é, a ocorrência e a duração da pausa silenciosa entre o IP precedente e o IP da pergunta de confirmação e o alongamento silábico em final de IP. É observada a duração das sílabas pretônica, tônica e postônica que antecedem a pergunta de confirmação, bem como será analisada a duração da própria pergunta de confirmação. Apesar de não haver isomorfismo entre a estrutura prosódica e qualquer outra estrutura da gramática (Nespor&Vogel, 1986/2007, i.a.), sabemos que a localização de fronteiras prosódicas está, em alguma medida, relacionada com a localização de fronteiras sintáticas. Muitas pesquisas têm demonstrado, entretanto, que o peso/tamanho dos constituintes afeta o fraseamento prosódico (SELKIRK, 2000; GUINI, 1993; FROTA *et al.*, 2007; SERRA, 2009), ou seja, a realização de uma fronteira prosódica. De acordo com a perspectiva mais tradicional da teoria da hierarquia prosódica, as perguntas de confirmação (“né?/não é?”) deveriam ser fraseadas separadamente em relação ao IP que as precede, em função de serem geradas fora da sentença raiz. A formação de um IP, no entanto, é afetada por condições de tamanho: frases longas (em número de sílabas e/ou de palavras prosódicas) tendem a ser divididas, bem como frases curtas tendem a formar um único IP com o IP adjacente, o que leva à formação de constituintes equilibrados em termos de peso fonológico (NESPOR & VOGEL, 1986/2007; FROTA, 2000; SERRA, 2009). Nosso objetivo é investigar se, na produção da fala, há a preferência de realização de um único IP (*IP+né*) ou se, ao contrário, ambos os IPs são realizados como tal na produção; para tanto, é fundamental a observação das pistas acústicas duracionais envolvidas no fraseamento dos constituintes. O *corpus* de análise é constituído por amostras de fala espontânea (Projeto Concordância - www.concordancia.lettras.ufrj.br), de indivíduos cultos, nascidos no Rio de Janeiro e em Nova Iguaçu, do gênero feminino. O aparato teórico-metodológico a ser utilizado contempla os pressupostos da Teoria da Hierarquia Prosódica (SELKIRK, 1984; NESPOR & VOGEL, 1986/2007) e conta com o instrumental de análise da Fonética Acústica. A análise acústica será realizada com o aplicativo Praat versão 5.3.56. A

partir de uma verificação ainda preliminar (259 dados), podem-se tecer algumas considerações sobre a prosodização das perguntas de confirmação no português brasileiro: (i) a pergunta de confirmação tende a ser realizada dentro de um sintagma entoacional composto (Frota, 2000) e não isolada e (ii) a verificação da ocorrência e da duração da pausa é fundamental para o entendimento de como se realiza o fraseamento prosódico dos constituintes em questão, na produção, visto que os “né?” tendem a ser realizados juntamente com o IP precedente, normalmente sem a ocorrência de pausa, e sofrem um alongamento silábico típico do final de IP. Com esta pesquisa, pretende-se contribuir para o conhecimento linguístico sobre a localização e a forma como são realizadas as fronteiras prosódicas no Português brasileiro, mas especificamente, no que se refere à prosodização de itens que se localizam à margem da frase, como as perguntas de confirmação.

2) QUALIDADE VOCÁLICA E COARTICULAÇÃO PERSEVERATÓRIA: UMA INVESTIGAÇÃO ACÚSTICA

Dyuana Darck Santos Brito (UESB/CNPq)

Maria das Graças Amaral de Souza (UESB)

Vera Pacheco (UESB)

Marian Oliveira (UESB)

De acordo com Ladefoged e Johnson (2011), a avaliação da estrutura dos formantes de um segmento sonoro é um procedimento eficaz na análise acústica. De acordo com o modelo fonte-filtro de produção da fala, proposta por Fry (1979), a qualidade vocálica diz respeito ao padrão acústico em que os seguimentos vocálicos são produzidos, considerando-se o modo natural de vibração das fontes de ruído do trato vocal (KENT; READ, 2001). A fala é um contínuo sonoro em que os segmentos produzidos sobrepõem-se uns aos outros. Desse modo, os segmentos adjacentes podem interferir no padrão formântico das vogais. Para Kent e Read (2002), a rapidez com que os sons são proferidos faz com que os segmentos (sons vocálicos ou consonantais) percam algumas de suas características articulatórias e podem assumir algumas propriedades do segmento adjacente. Assim, segundo os autores, os limites entre os sons são ultrapassados e as características dos segmentos se misturam, de modo que os articuladores do trato vocal se ajustam para os segmentos que os cercam à medida que os mesmos se interagem. Para Ladefoged e Johnson (2011, p. 71) “Coarticulation between sounds will always result in the positions of some parts of the vocal tract being influenced quite a lot, whereas others will not be so much affected by neighboring targets”. Partindo desses pressupostos, o objetivo deste trabalho é avaliar a qualidade vocálica das vogais médias em ambiência de coarticulação oclusiva, focando a influência da coarticulação perseveratória sobre essas vogais. Para tanto, foi levantado um *corpus* com base nas estruturas silábicas dissílabas, ‘CV. CV; CV.’CV; ‘V.CV; V.’CV, tônicas e pretônicas, afim de investigar qual é a relação entre as consoantes oclusivas e

a realização das vogais médias em posição pretônica no falar conquistense. Assim, pretende-se estudar a qualidade vocálica (frequências de F1, F2 e F3), e em que medida a proximidade das consoantes oclusivas podem afetar a configuração formântica dessas vogais, tanto em posição tônica quanto pretônica. As palavras formadas foram inseridas na frase veículo “digo palavra baixinho” e apresentadas a três informantes naturais de Vitória da Conquista - Ba. As gravações foram realizadas em cabine acústica do Laboratório de Pesquisa e Estudo em Fonética e Fonologia (LAPEFF) da UESB. Foram mensurados, por meio do Praat, os valores de F1, F2 e F3 em três porções ao longo do segmento vocálico. A análise estatística dos valores das frequências se deu por meio do teste não paramétrico Kruskal-Wallis, com nível de significância igual a 0.05. Os resultados encontrados mostram que as diferenças significativas se encontram no primeiro formante (F1), na primeira porção das vogais médias, e, em alguns casos, na última, tanto em sílaba tônica quanto em sílaba pretônica. Apenas na vogal arredondada fechada se percebeu diferenças no valor de F3. Comparando-se as estruturas CV. CV e V. CV, tanto em sílaba tônica quanto em sílaba pretônica, os valores dos formantes da estrutura silábica V. CV estão mais altos, de modo que se pode concluir que a presença das consoantes oclusivas altera os valores dos formantes das vogais médias, com dados da comunidade de fala de Vitória da Conquista - BA.

3) ANÁLISE SOCIOLINGUÍSTICA DO R EM CODA SILÁBICA EXTERNA: CONFRONTANDO VOZES MASCULINAS E FEMININAS NA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA

Karilene da Silva Xavier (UFRJ/CAPES)

Este trabalho focaliza o processo de variação na realização dos róticos, em posição de coda silábica final, no decorrer das quatro primeiras décadas do século XX (de 1902 a 1940). Seu objetivo principal é confrontar o comportamento linguístico de homens/cantores e mulheres/cantoras no que se refere à pronúncia do rótico a fim de checar a tese de que nos processos de mudança sonora, as mulheres estão, em geral, uma geração à frente dos homens (GAUCHAT, 1905; LABOV, 2001). Apesar de haver inúmeros estudos sobre o tema em questão no Português do Brasil, a proposta deste trabalho é inovadora, uma vez que a amostra é constituída de gravações musicais (Instituto Moreira Salles, <http://acervo.ims.uol.com.br/>). Apesar de esse acervo sonoro representar um registro no tempo de valor histórico e linguístico incalculável, ainda não foram desenvolvidos estudos sistemáticos sobre a língua encontrada nessas canções. No início do século XX, o registro de voz praticamente restringia-se a gravações musicais e à comunicação nos rádios; pretende-se, então, tomando como base a fala cantada, capturar o processo gradual de diferenciação do rótico, a fim de verificar a atuação da (possível) regra de posteriorização aliada à passagem de vibrante à fricativa, passando progressivamente a zero fonético (CALLOU, 1987; CALLOU, MORAES & LEITE, 1998). Recuando no tempo, pretende-se intuir algumas tendências da língua falada daquela época, mesmo que a fala cantada

não seja um reflexo direto da fala espontânea. Esta pesquisa tem como respaldo o aparato teórico-metodológico da Sociolinguística Quantitativa Laboviana (LABOV, 1994), aliando a observação do comportamento estrutural da língua aos aspectos sociais que interferem na variação/mudança linguística. Com isso, pretende-se sistematizar a pluralidade de realizações do rótico, a depender do sexo dos intérpretes de música popular brasileira. A coleta dos dados para esta pesquisa compreende cinco etapas principais: 1) selecionar os principais intérpretes da música da época com o recurso de biografias dos artistas do período; 2) obter dos acervos as gravações musicais dos intérpretes selecionados; 3) analisar e transcrever foneticamente as ocorrências de *R* em coda silábica final; 4) fazer a análise segundo o modelo da sociolinguística quantitativa laboviana a fim de verificar o condicionamento do sexo dos intérpretes nos dados (GOLDVARB, 2001); e 5) verificar a atuação da regra de posteriorização e o processo de apagamento do rótico no decorrer das décadas. A partir de uma observação ainda assistemática da amostra, obtiveram-se alguns resultados preliminares a partir de 790 dados: 1) a vibrante áptico-alveolar múltipla, a variante de prestígio, considerada a norma de pronúncia prescrita, ocorreu em percentual relativamente baixo e se encontra concentrada no canto de homens, ou seja, 91% das ocorrências foram realizadas por homens; 2) a vibrante áptico-alveolar simples é uma pronúncia muito utilizada pelos intérpretes em geral: parece ser a norma de uso; 3) não foi verificada ainda a vibrante uvular, realização mais posterior; 4) por outro lado, a realização do rótico como fricativa [+post] já aparece timidamente na fala cantada dos intérpretes; e 5) o apagamento do segmento em questão ocorreu num percentual de 10% na fala cantada dos homens e de 24%, na de mulheres. Esses resultados preliminares dialogam com o estudo de mudança linguística de Labov (2001), em que as mulheres registram frequências maiores das formas inovadoras que os homens.

4) DITONGOS FONÉTICOS LEXICAIS DO PORTUGUÊS INDÍGENA MBYÁ GUARANÍ SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA DA OTIMALIDADE

Lilian Cid Nelson Ribeiro da Silva (UFRJ)

Jaqueline dos Santos Peixoto (UFRJ)

O objetivo de nossa comunicação é interpretar os resultados de nossa investigação sobre os ditongos fonéticos lexicais do português de falantes nativos do Mbyá Guaraní à luz da Teoria da Otimalidade. Os ditongos lexicais fonéticos do português do Brasil são encontros vocálicos decrescentes, isto é, encontros vocálicos em que o segundo membro do encontro é a semivogal alta anterior ou a semivogal alta posterior, que ocorrem no interior das palavras da língua. Sua natureza fonética é revelada pela previsibilidade com que ocorrem nas palavras do português do Brasil, podendo, inclusive, variar livremente com o hiato ou com monotongos, e por não criarem, conseqüentemente, distinções lexicais na língua (CÂMARA, 2001; BISOL, 1989; GONÇALVES & COSTA, 1995). Daí os ditongos fonéticos lexicais do português do Brasil serem classificados

como ditongos lexicais pós-cíclicos (PEIXOTO, 2011). Os dados de nossa pesquisa são de natureza primária, coletados junto a comunidades indígenas Guarani, situadas em municípios da Costa Verde do estado do Rio de Janeiro, em especial a aldeia Itati, localizada em Paraty Mirim (Paraty) e a aldeia de Bracuí, localizada em Angra dos Reis. Os consultores de nossa amostra são falantes nativos do Mbyá Guarani que possuem o português como segunda língua. O Mbyá Guarani é uma variedade linguística da língua indígena Guarani, pertencente à família Tupi-guarani (Tronco Tupi). Os resultados de nossa investigação sobre os ditongos fonéticos lexicais do português Mbyá Guarani são explicados à luz da Teoria da Otimidade, uma teoria que, nascida na Gramática Gerativa, teve seu principal desenvolvimento na fonologia (KAGER, 1999). Diferentemente de outras teorias da Gramática Gerativa, a Otimidade possui, entre os seus axiomas, a ideia de que as gramáticas das línguas naturais sejam o resultado da hierarquização de restrições universalmente disponíveis na Faculdade da Linguagem. Justificamos a escolha pela Otimidade pelo fato de estarmos lidando com a variação linguística e interlinguística. A variação intralinguística é identificada com a competição entre formas linguísticas variáveis do próprio português do Brasil, e a variação interlinguística está presente nas diferenças existentes entre o português do Brasil e o Mbyá Guarani. Assim, lidamos com a ideia de que tanto a variação linguística quanto a variação interlinguística sejam o resultado da competição entre restrições com pesos diferentes na gramática. Particularmente, em nossa comunicação, observamos os efeitos intralinguísticos da competição entre restrições na produção dos encontros vocálicos fonéticos lexicais dos consultores de nossa amostra. O português do Brasil é uma língua em que a preferência é tratar os encontros vocálicos lexicais que não interagem com o acento como ditongos fonéticos. Essa preferência explica o fato de restrições de caráter estrutural que militam em prol da silabificação de vogais contíguas em hiato ocuparem posições mais baixas na hierarquia de restrições. Os dados dos consultores nativos de nossa pesquisa confirmam essa preferência em sua variedade linguística do português. Diferentemente disso, os casos em que um contexto circunvizinho (pesso[u]a, bo[u]a) ou subsequente (be[i]ljo, ca[i]xa) favorecem a ditongação fonética em variedades do português, especialmente a carioca, não contribuem da mesma forma para a presença do glide homorgânico com a vogal no português Mbyá Guarani.

5) ASPECTOS DA VARIAÇÃO INTRALINGUÍSTICA NA PRODUÇÃO DO -S EM CODA DE FALANTES DE CAMPOS DOS GOYTACAZES

Eduarda Araújo da Silva (UFRJ)

Jaqueline dos Santos Peixoto (UFRJ)

Nossa comunicação tem como objetivo apresentar os resultados de uma pesquisa que visa a identificar as variáveis linguísticas e extralinguísticas que condicionam as diferentes realizações do -s em posição final de sílaba na produção linguística de falantes de Campos dos Goytacazes, município localizado na região norte do estado do Rio de Janeiro. No português do Brasil, a

consoante fricativa canelada possui como realizações a sibilante surda ou sonora e a chiante surda ou sonora. Interessa-nos, particularmente, investigar as ocorrências das consoantes fricativas chiantes em posição de coda silábica, característica da variedade carioca do português do Brasil, na produção linguística de falantes que não pertencem à região metropolitana do Estado do Rio de Janeiro. Para tanto, constituímos uma amostra formada por dados primários de doze consultores, com idades entre catorze e sessenta e nove anos, assim identificados: **(i)** três homens com escolaridade superior completa; **(ii)** três mulheres com escolaridade superior completa; **(iii)** três jovens adolescentes do gênero masculino cursando ou recém concluintes do ensino médio; **(iv)** três jovens adolescentes do gênero feminino cursando ou recém concluintes do ensino médio. Para garantirmos a ocorrência das consoantes fricativas caneladas pós-vocálicas na fala de nossos consultores utilizamos a leitura de frases e de uma lista de palavras. A leitura de frases representa nossa tentativa de obter o estilo mais formal do falante, induzindo que ele produza as normas de pronúncia de sua variedade linguística. Já a leitura de palavras não relacionadas entre si em uma lista desvia a atenção do indivíduo de sua produção linguística (LABOV, 1972). A constituição de nossos *corpora* levou em consideração a metodologia de coleta de dados de fenômenos linguísticos variáveis empregada pela Sociolinguística Variacionista. A razão de empregarmos a metodologia da sociolinguística na coleta de dados de fenômenos variáveis é a identificação dos contextos linguísticos fonético-fonológicos e dos fatores extralinguísticos que possam estar influenciado a escolha da variante da consoante –s em coda pelos consultores de nossa amostra. Aliamos, em nosso trabalho, a metodologia sociolinguística de coleta de dados, assim como a explicação de fenômenos linguísticos variáveis oferecida por Labov e seus associados, ao formalismo linguístico presente na fonologia desenvolvida pela Gramática Gerativa. A associação entre as duas teorias linguísticas justifica-se naturalmente em nossa pesquisa pela necessidade de controlarmos os aspectos sociais que possam atuar sobre a estrutura linguística. A dissociação entre o ato de fala e o contexto responsável pela sua produção também permite que casemos a explicação sociolinguística ao aparato tecnológico da Gramática Gerativa. Especialmente, interessamos os avanços tecnológicos mais recentes sobre a organização interna dos constituintes que integram a categoria sílaba, alcançados pela Gramática Gerativa. Tais avanços permitem tratarmos a sílaba, assim como seus constituintes internos, como partes (planos ou camadas) de uma geometria hierárquica que constitui os elementos do plano da expressão das línguas naturais. A produção linguística dos consultores que forneceram os dados para a constituição de nossos *corpora* possui como variante *default* a fricativa sibilante. A produção das fricativas caneladas como chiantes é condicionada por fatores linguísticos e extralinguísticos. Entre os fatores linguísticos que condicionam o aparecimento de fricativas chiantes estão o contexto linguístico circunvizinho e a posição na palavra. Já idade, escolaridade e gênero são fatores de ordem extralinguística que atuam na escolha da variante dependente.

SESSÃO 19 - ESTUDOS DO TEXTO II

Coordenadora: Ilana da Silva Rebello Viegas (UFF)

1) A ARQUITETURA DAS POLÍTICAS DE ESCRITA NA ESCOLA: PORTAS-ONDE OU PORTAS-CONTRA?

Keyla Silva Rabêlo (IFBA)

Nosso objetivo principal, com o estudo *A arquitetura das políticas de escrita na escola: portas-onde ou portas-contras?* foi ampliar a discussão sobre políticas de escrita de texto no Ensino Médio do Instituto Federal da Bahia (IFBA), Campus Eunápolis, sobre os reflexos que elas produziram no desenvolvimento dos alunos com relação a essa unidade do ensino de Língua Portuguesa, tendo em vista suas demandas futuras, quer em atividades profissionais, quer em atividades acadêmicas. Esse objetivo se desdobrou na questão da pesquisa relativa às políticas de escrita voltadas para a produção de textos adotadas pelo IFBA, considerando os documentos oficiais (LDB, PCN, PPI do IFBA e Programa de Língua Portuguesa – LP - do Curso Integrado de Informática) nas práticas de ensino realizadas. Na procura por respostas a essa indagação que se configurou a pesquisa em forma de metáfora – portas-contras ou portas-onde? – optamos, através da abordagem qualitativa, pelo método da pesquisa bibliográfica a fim de que pudéssemos compor o estado da arte sobre o objeto de nosso estudo (a escrita) e pela pesquisa exploratória com análises documentais e das produções escritas dos alunos (turmas de 2º e 4º anos) a fim de que pudéssemos chegar aos objetivos já descritos aqui. A partir de tal perspectiva, analisamos os documentos oficiais e as produções escritas dos alunos tomando por base as condições de produção, no que se incluem quem escreve, o que escreve, para quem escreve, quando escreve, como escreve e confrontar práticas de produção escrita de textos analisadas com o que propõem os documentos oficiais, considerando a metáfora orientadora da pesquisa. Destaco, também, nesta proposta produzida à luz do pensamento da escola genebriana, leia-se Bronckart, Schneuwly e Dolz, o uso da sequência didática como ferramenta para aprendizagem da escrita e como ela se configura como um meio eficaz para que o professor conduza as atividades voltadas para o estudo de cada gênero textual na sala de aula. Na análise de dados, apoiamos-nos em discussões realizadas no âmbito interacionista da linguagem em relação ao tratamento destinado ao texto (KOCH, 2006, 2007, 2010; BELTRÃO, 2006; BRONCKART, 1999; ORLANDI, 1996, 2012; GERALDI, 1984, 1994, 1997, 2010), estudos sobre Gêneros Textuais (BAKHTIN, 1997, 2007; MARCUSCHI, 2002, 2008, 2011; GONÇALVES & BANZARIM, 2013; SCHNEUWLY & DOLZ, 2004), ensino de Língua Portuguesa (ANTUNES, 2003; BRITTO, 1997; GERALDI, 2010; MARTINS, 2001) e retextualização (MARCUSCHI, 2007; DELL'ISOLA, 2007). Os resultados nos mostram que a escola está vulnerável a ser portas-onde ou portas-

contra, dependendo da atualização - repertório teórico/metodológico e da atitude política do professor, agente responsável em promover situações de prática de produção de texto na sala de aula, e de sua compreensão em torno do objeto, considerando que o mundo continua se organizando pela escrita. Sob esse ponto de vista, reiteramos o quão é importante que a escola se reconheça como lugar onde, imprescindivelmente, a escrita possa movimentar-se, circular, ser potente; possuir, pois, “vida social”, ainda que alguns documentos ou alguns movimentos vindos de fora para dentro da escola, como pudemos constatar, insistam em sugerir o contrário.

2) O TEXTO E SUAS MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES DE LEITURA: PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS

Ilana da Silva Rebello Viegas (UFF)

Para que os sujeitos falantes possam comunicar-se eficazmente, é preciso que utilizem um mesmo código linguístico, um mesmo conjunto de significantes e significados. E, mesmo assim, ainda é possível ocorrerem mal-entendidos, tendo em vista que, em uma língua qualquer, é comum que um plano da expressão (um significante) seja suporte para mais de um plano de conteúdo (significado), ou seja, que um mesmo termo tenha vários significados. Trabalhar essa polissemia das palavras com os alunos é de fundamental importância quando se fala em interpretação. Às vezes, a dificuldade de interpretar o que se lê, o que se ouve ou o que se vê tem como um dos motivos o não conhecimento da plurissignificação da linguagem. Por exemplo, é com essa polissemia que os textos humorísticos são construídos. Para provocar o riso, alguns termos são usados com ambiguidade, dada a possibilidade de polissemia; muitas informações ou se encontram pressupostas, ou se encontram subentendidas, cabendo ao leitor desvendá-las. Nesse sentido, ao trabalhar com uma variedade de textos, o professor poderá mostrar que, dependendo dos objetivos visados, um texto pode ser estruturado de formas diversas. Atividades, a partir da interação com o texto, possibilitam o desenvolvimento de habilidades de reflexão, interpretação, análise, síntese e avaliação. Ao interagir com o texto, o aluno terá a possibilidade de articular seus conhecimentos de mundo com as informações presentes no texto; estabelecer relações não só entre as partes desse texto, como também estabelecer relações com outros textos; identificar relações linguísticas e extralinguísticas entre fatos e ideias; interpretar comparações, metáforas, ironias etc.; realizar inferências, relacionando-as ao seu conhecimento de mundo e/ou partilhado; em suma, reconhecer fatores fundamentais da textualidade e as marcas linguísticas que a estabelecem. Se o aluno for habituado à prática da leitura, estará não só desenvolvendo a habilidade de apreensão do(s) sentido(s) dos textos, assim como percebendo que podemos nos expressar de várias formas e, com isso, obtermos efeitos de sentido diferentes. Nesse sentido, este trabalho tem por objetivo não só apresentar um breve estudo sobre denotação e conotação; pressupostos e inferências, baseando-se, dentre outros, em Mira Ariel (2002) *apud* Marcuschi (2008), Ilari (2001); Ducrot (1987) e Kerbrat-

Orecchioni (1986), como também mostrar a relevância do domínio desses conceitos para o processo de leitura e interpretação de textos. Os conceitos de “sentido de língua” e “sentido de discurso”/compreensão e interpretação da teoria Semiolinguística de Charaudeau (1999, 1995) são relacionados aos níveis de estruturação da linguagem propostos por Coseriu (1980). Os pressupostos e subentendidos são utilizados em diferentes textos, servindo, em muitos casos, para o falante proteger-se diante de uma informação que quer transmitir para o ouvinte sem se comprometer com ela. O texto é a manifestação material (verbal, gestual, icônica etc.) da *mise em scène* de um ato de comunicação, em uma situação dada, para servir ao Projeto de fala de um *sujeito comunicante*. Os textos dão testemunho das escolhas conscientes ou inconscientes que o sujeito realiza dentro das categorias de língua e dos modos de organização do discurso – narrar, descrever, argumentar..., tendo em vista as restrições impostas pelo quadro físico e mental da situação. Por fim, com este breve estudo pretende-se mostrar que é papel do professor de língua levar o aluno a não apenas decodificar um texto, mas a interpretá-lo.

3) PRODUÇÃO DE SENTIDOS A PARTIR DA SELEÇÃO LEXICAL EM CAPAS DE JORNAIS

Gesseldo de Brito Freire (UERJ)

Diariamente, a mídia oferece um conjunto de textos que, conforme Valente (2011), constituem importante objeto de pesquisa por apresentarem um padrão médio de linguagem de nossa sociedade. Entre esses textos estão os oferecidos nas capas de diferentes jornais ao longo do território nacional. Para a análise desse material linguístico, é importante levar em consideração que recursos linguístico-discursivos são lançados, assim como tais instrumentos são relevantes para a construção de sentidos pretendidos por seus produtores textuais. Entre esses recursos, há um que merece destaque: a *seleção lexical*. Esse procedimento possibilita ao redator deixar ora mais explícita, ora nem tanto, sua visão a respeito daquilo que se propõe a discorrer ao longo das páginas do jornal. Assim, podemos pensar que tais escolhas não estão dissociadas dos aspectos ideológicos e crenças de seus interlocutores. Isso porque o ato de selecionar palavras para a construção de um texto está diretamente relacionado com a realidade de seus interlocutores, a como essa realidade é vista e vivenciada por eles. Além disso, esse mecanismo permite revelar estruturas sociais de dominação que se valem dos discursos cotidianamente veiculados. Que marcas seus produtores pretendem imprimir nos leitores dessas capas? Esses textos apresentam uma falsa neutralidade e, é por meio deles que seus produtores tentam estabelecer com seu público um diálogo sobre os fatos ocorridos, além de construir um maior interesse pela leitura daquilo que a manchete apresenta. Vale, nesse caso, a recorrência a Van Dijk (1997), no propósito de refletir sobre o fato de que não há uma linguagem ‘privada’, assim como ideologias pessoais. Nesse sentido, podemos pensar como Bakhtin (2003), ao afirmar que não ocorre enunciado na língua que possa revelar significado ou que represente alguma

ideia sem a avaliação social que o traz a público. Em outras palavras, devemos considerar que o enunciado concreto, e não a abstração linguística, nasce e morre no processo de interação social entre os participantes do enunciado (BRAIT, 2011). Essa observação nos permite pensar que o texto oferecido na capa de jornal é como um espaço de interação entre os sujeitos que, de modo dialógico e mútuo, realizam a produção dos seus discursos, assim como são por eles construídos, como afirma Corado (2010). Isso se ancora na ideia bakhtiniana de que se a concepção de linguagem é dialógica, e, se a ciência humana tem método e objeto dialógicos (BARROS, 1997), há ainda que se considerar que suas ideias sobre o homem e a vida são marcadas pelo princípio da alteridade. Considerando, portanto, esse percurso teórico, para esta pesquisa será tomado como *corpus* às capas oferecidas pelos jornais *O Globo*, *O Lance*, *Meia Hora* e *Expresso* (do Rio de Janeiro-RJ), *O Sul* (de Porto Alegre-RS) e *Jornal do Commercio* (de Recife-PE), veiculadas no dia 09.07.2014, dia posterior à partida de futebol disputada pelas seleções de Brasil e Alemanha, em uma das semifinais da Copa do Mundo FIFA do mesmo ano. De posse desse material, analisar-se-á as escolhas lexicais e, como esse recurso possibilita a construção de um material linguístico em que seus enunciadores imprimem sua ideologia, dialogam com seus leitores, constroem seus sentidos pretendidos.

4) O CONHECIMENTO DE MUNDO E O NÃO VERBAL NA LEITURA DE CHARGES NAS AULAS DE LÍNGUA ESTRANGEIRA

Andrea Galvão de Carvalho (UFRJ/UERJ/Estácio de Sá/EPS)

O gênero discursivo charge se caracteriza por abordar temas da atualidade em um único quadro e com um tom humorístico e crítico. É principalmente imagético, mas também pode coadunar o não verbal e o verbal em uma relação ao mesmo tempo de independência e interdependência em virtude das linguagens apresentarem significações individuais e também se complementarem. Por apresentar uma crítica a acontecimentos atuais, a leitura da charge exige do leitor um abrangente conhecimento de mundo. Assim, no que se refere ao processo leitor em língua estrangeira, é comum o leitor não conseguir uma leitura de fato compreensiva por desconhecer informações que não fazem parte do seu cotidiano político, econômico e/ou social. A comunicação proposta por este documento divide-se em dois momentos. No primeiro, propõe-se a discutir o papel do conhecimento de mundo e do não verbal na leitura de charges em língua estrangeira. No segundo, pretende apresentar estratégias de trabalho para o uso docente em sala de aula, visando ampliar e estimular o desenvolvimento das habilidades do discente no contexto das aulas de leitura do gênero discursivo charge. O estudo a ser apresentado é resultado de um trabalho, ainda em processo, que está sendo realizado em sala de aula com um grupo de 20 alunos, do 1º ano do ensino médio, de uma escola particular localizada no bairro do Maracanã, no Rio de Janeiro, em aulas de espanhol como língua estrangeira. A partir de aulas de leitura com o grupo supracitado, são estabelecidas estratégias de trabalho com o

gênero textual charge objetivando uma sensibilização para o aspecto não verbal do gênero e a ampliação do conhecimento de mundo dos alunos. Os trabalhos iniciais já nos permitem identificar a dificuldade que os alunos têm de associar o não verbal ao verbal. Há quase sempre uma priorização do verbal em detrimento do conteúdo imagético quando estão diante das duas linguagens. Para ampliação do conhecimento de mundo estão sendo realizadas atividades com distintas charges que se complementam ao focalizarem um mesmo tema da atualidade. O ponto de partida do trabalho de leitura é sempre o conhecimento de mundo trazido pelo discente que, muitas vezes, tem dificuldade de vincular o seu saber a informação fornecida pelo texto. Os exemplos e as atividades a serem discutidas na comunicação priorizarão as charges em língua espanhola em virtude do contexto de trabalho da pesquisadora, entretanto, o foco é suscitar análises e debates pertinentes também ao ensino de leitura em língua materna e as demais línguas estrangeiras. No que se refere ao aporte teórico no âmbito da leitura, temos como principais bases a Linguística Textual (KOCH, 2009, 2002, 2007; KOCH & TRAVAGLIA, 1996, 2000) e a leitura sociointeracional (KATO, 1986, 2007; KLEIMAN, 1996, 2008; NUNES, 2005; VERGNANO-JUNGER, 2010, 2009). Também utilizamos alguns elementos da Análise do Discurso de Linha Francesa em pontos nos quais ela dialoga com a perspectiva sociointeracional do processo leitor, como, por exemplo, na noção de gênero do discurso, enunciador e co-enunciador e cenário (MAINGUENEAU, 1996, 2001; BAKTHIN, 2003). Ao discutir a importância da imagem temos como principais teóricos SOUZA (2001, 2013) e GOMES (2009).

5) O QUE DIZEM OS ASTROS? UMA ANÁLISE DA MODALIZAÇÃO EPISTÊMICA DO GÊNERO HORÓSCOPO

Tatiana Jardim Gonçalves (SEEDUC-RJ/UFF)

Analisar um fenômeno linguístico de qualquer natureza depende, inevitavelmente, da forma como a língua é vista. Conceber a língua como forma de ação, como lugar de interação em que são compartilhados sentidos oriundos da intersubjetividade é entender que há, em todo enunciado, marcas linguísticas que denunciam a presença do locutor. Entre as marcas linguísticas que viabilizam isso está a modalização, que, *lato sensu*, indica o grau de comprometimento do locutor com seu enunciado ou com o conteúdo deste. É dividida em tipologias e entre elas está a denominada modalização epistêmica que se relaciona ao eixo do conhecimento, das crenças e saberes e expressa noções como dúvida, certeza, possibilidade ou probabilidade. Nesse sentido, é possível dizer que um locutor projeta no enunciado suas intenções e orienta o interlocutor para determinadas conclusões, isto é, constrói eixos argumentativos distintos. Assim, neste trabalho, analisamos a manifestação da modalização epistêmica no gênero textual horóscopo. Com esta análise, verificamos como essa categoria discursiva possibilitou para a construção do sentido e a orientação argumentativa no gênero textual em questão. Para fundamentar a análise, de natureza bibliográfica e descritiva, adotamos uma concepção

de língua enquanto discurso decorrente de uma prática, como assevera Benveniste (2005). No que se refere à língua enquanto ação, recorreremos às noções da pragmática com base em Austin (1962), Marcondes (2005) e Brandão (2001). No que concerne à argumentação, já que a marca linguística analisada orienta um enunciado para determinadas conclusões, nos baseamos em Ducrot (1984, 1987 e 1989) para quem a argumentação é a atividade básica da língua. No que tange à modalização, nos basearemos em Koch (2009) e Pinto (1994), pois estes autores tratam a modalização em suas obras sob a perspectiva semântico-pragmática. Em se tratando da noção de gênero textual, recorreremos a Bazerman (2006), cuja perspectiva sociorretórica aborda os gêneros como reguladores de práticas sociais. O critério usado para escolher os textos que compõem este trabalho foi estabelecido com base na ocorrência do fenômeno linguístico (modalização epistêmica), bem como da relação deste com a situação enunciativa. Escolhemos três exemplares do gênero horóscopo para análise, verificamos a ocorrência da categoria discursiva e descrevemos as noções expressas, bem como os eixos argumentativos desencadeados pela mesma. Verificamos que no gênero textual em questão, cuja função é fazer previsões acerca da vida dos indivíduos com base nos astros, a modalização epistêmica funciona como um atenuador do conteúdo do enunciado e do conteúdo de todo o texto. A marca linguística orienta os enunciados para determinados sentidos e respalda os enunciados seguintes que dão ao texto os tons de conselho, alerta entre outros. Observamos também que a modalização é um processo, ou seja, é uma categoria discursiva que atua no enunciado e corrobora, confirma a enunciação. Com isso, é possível afirmar que a categoria discursiva colabora para o funcionamento do gênero, pois a modalização epistêmica expressa noções inerentes ao conhecimento, à crença do locutor em relação a certo conteúdo, e o gênero textual analisado só o é, porque está baseado no que determinado indivíduo conhece ou acredita conhecer acerca dos astros. Tal conhecimento, por mais que seja revisado, reestudado, não está sob o total domínio do ser humano, por isso o uso da modalização epistêmica no campo das hipóteses, das possibilidades e das probabilidades, pois o grau de comprometimento do locutor deste gênero não pode abarcar a certeza.

SESSÃO 20 - LINGUÍSTICA APLICADA: QUESTÕES DE ENSINO

Coordenadora: Poliana Arantes (UERJ)

1) ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: DAS PRÁTICAS COM A LINGUAGEM À REFLEXÃO SOBRE A LINGUAGEM

Marcus Vinicius Brotto de Almeida (IFRJ / UFRJ)

A leitura de composições de alunos do Ensino Médio normalmente revela a produção de textos escritos fortemente influenciados pela oralidade. Tal falha decorre do fato de os redatores imaturos transferirem, para a comunicação por meio de textos escritos, os comportamentos cognitivos similares aos que executam durante as interações orais. Trata-se, portanto, de um problema relacionado a um letramento insuficiente. Mesmo reconhecendo que o letramento é um fenômeno complexo (SOARES, 2013), neste trabalho, restringimo-nos à faceta psicolinguística do fenômeno. Buscando contribuir para a superação de algumas das dificuldades enfrentadas pelos alunos, o presente artigo objetiva discutir as bases de uma metodologia de ensino de leitura e produção de textos argumentativos escritos. A fim de evidenciar o abandono da abordagem do texto meramente a partir das tipologias textuais em favor de uma abordagem que considere as variáveis que circunscrevem a situação comunicativa, adotaremos o termo “ensaio escolar” (ROSENBLAT, 2000). Entendemos que parte do problema decorre do fato de termos, no Brasil, um ensino que enfoca os conteúdos, mas que ignora o conhecimento prévio do aluno e a forma como ele cogniza para construir significados. Estamos convencidos de que esse problema pode ser dirimido quando o ensino desenvolver habilidades metacognitivas nos estudantes, desenvolvendo não apenas *práticas* com a linguagem, mas também a *reflexão* sobre a linguagem (GERHARDT, 2013). Em nossa proposta didática, essa reflexão sobre a linguagem está vinculada ao desenvolvimento da consciência metalinguística (GOMBERT, 1992) do redator. Defendemos que o aprimoramento da consciência metalinguística nos discentes, entendida, a partir da perspectiva da Psicologia Cognitiva, como uma tomada de consciência da linguagem como um artefato que pode ser analisado e manipulado, tornando-se foco de atenção intencional e deliberada é um caminho promissor para a promoção do letramento linguístico (RAVID; TOLCHINSKY, 2002). Apesar de os PCNs sequer reconhecerem a reflexão metalinguística como a concebemos neste trabalho, entendemos que nossa proposta se adapta às recomendações dos Parâmetros Curriculares de que os conteúdos de Língua Portuguesa se articulem em torno de dois eixos básicos: o uso da língua oral e escrita, e a reflexão sobre a língua e a linguagem (BRASIL, 1998). Como estamos interessados na apreensão global do texto, voltaremos nossa atenção para a consciência metatextual, que concerne à atividade metacognitiva que toma as propriedades

específicas do nível do texto como objeto de reflexão. O letramento linguístico é definido como o controle sobre a variação linguística, seja em relação às variantes centradas no usuário, seja em relação às variantes definidas situacionalmente (gênero textual, registro e modalidade) por meio da crescente familiaridade com a linguagem escrita. Nesse sentido, letrar-se implica administrar o material linguístico, buscando adequação aos contextos de uso da linguagem escrita. No caso específico do ensaio escolar, interessa perceber, por exemplo, os seguintes aspectos: a norma culta se afasta em alguns pontos do idioleto do usuário; o texto escrito, em função das suas condições de produção, diferencia-se do texto oral (normalmente configuram a comunicação escrita: ausência dos interlocutores, impossibilidade de apoio no contexto imediato, maior probabilidade de redator e leitor não compartilharem o mesmo quadro de referências etc.); o ensaio escolar apresenta pontos de diferença em relação à argumentação oral empreendida em conversações informais em termos de configuração de registro, estrutura esquemática e padrões realizacionais (EGGINS, 2004). Assim, apresentaremos propostas que visem ao desenvolvimento da consciência metatextual acerca de recursos linguístico-textuais relevantes para a produção do ensaio escolar.

2) O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO: PRESCRITIVO OU PRODUTIVO?

Vanessa Souza da Silva (UERJ)

A presente pesquisa faz parte da *Linha de Pesquisa Ensino da língua portuguesa: história, políticas, sentido social, metodologias e pesquisa*, do Curso de Doutorado em Língua Portuguesa da UERJ, e tem por objetivo compreender como tem sido o ensino de Língua Portuguesa na Rede Pública de Ensino do Estado do Rio de Janeiro, no século XXI, a partir das orientações curriculares prescritas pela Secretaria de Estado de Educação, tomando como base a *Análise do discurso* dos documentos, com base na teoria enunciativa de Bakhtin. Para tanto, utiliza como objeto de análise a proposta curricular para o ensino de Língua Portuguesa, produzida no documento de Reorientação Curricular entregue às escolas em 2006 e o documento atual, conhecido como Currículo Mínimo. Nessa proposta, é objeto de análise o discurso do documento oficial no que tange à concepção de *linguagem* priorizada e ao objetivo do ensino da língua materializado através do que ele apresenta como objeto de ensino das aulas de Língua Portuguesa. Esta pesquisa toma como estratégia metodológica a análise documental, utilizando a abordagem sócio-histórica na pesquisa qualitativa de inspiração bakhtiniana. A base teórica que sustenta esta pesquisa é a teoria da enunciação de Mikhail Bakhtin (1979, 1993 e 2003) e postulados de Halliday, McIntosh e Strevens (1974) acerca do ensino prescritivo e produtivo da língua. Os resultados revelam que os documentos em análise apostam na concepção da linguagem enquanto interação, na qual os sujeitos estão envolvidos como produtores de sentido e sócio-historicamente determinados e construídos, e apresentam, basicamente, dois objetivos principais. O primeiro consiste em ampliar a competência discursiva dos alunos por meio de

atividades de leitura e produção de textos orais e escritos, adequando-se às diferentes situações de interlocução, no qual se ressalta a valorização da interação dos alunos com diversos gêneros textuais, priorizando sua competência discursiva. Para isso, todas as unidades são compostas de vários gêneros. O segundo objetivo principal é desenvolver o domínio de aspectos discursivos e gramaticais da língua em uso como suporte para o desenvolvimento das habilidades de leitura e produção. A reflexão sobre as questões gramaticais está vinculada aos objetivos de leitura e produção de textos orais e escritos, não se configurando como um momento à parte das aulas de Língua Portuguesa. Caso contrário, segundo os documentos, ela estaria desvinculada dos reais objetivos do ensino da língua materna na escola pública estadual. São documentos que buscam um redimensionamento do trabalho pedagógico com a linguagem. A concepção de linguagem valorizada nos documentos abarca as relações da língua com os falantes em suas práticas sociais, com o contexto e com as condições sociais de sua utilização, sendo a interação verbal o seu lócus de realização. Nesse processo de interlocução, entra em cena o texto (oral e escrito) como unidade de ensino/aprendizagem, o que implica entendê-lo como o espaço de interação, levando a redefinir os objetivos educacionais: mais do que ensino de itens normativos da língua, há um deslocamento epistemológico. Interessa aprender e ensinar com textos. Apostando no trabalho interativo, alunos e professores devem aprender e ensinar com textos, dos quais se tecerão novos textos e sentidos socialmente construídos. Os documentos representam um avanço nas políticas educacionais e linguísticas em busca do letramento e em favor da cidadania crítica e consciente, fomentando a reflexão sobre os diferentes gêneros que atravessam a vida em sociedade.

3) CRIAÇÃO E CRÍTICA DE MATERIAIS DIDÁTICOS DE ITALIANO: (RE)SIGNIFICAÇÃO E (RE)CONSTRUÇÃO DA ABORDAGEM COMUNICATIVA

Jefferson Evaristo do Nascimento Silva (UFRJ/CNPq)

Diversas foram as mudanças ocorridas nos processos de ensino e aprendizagem de línguas estrangeiras nos últimos anos. Em especial, a partir do surgimento e difusão dos chamados “métodos comunicativos”, é possível perceber uma grande revolução nesse processo, seja ela didático-pedagógica ou comercial. “Comunicativo” passa então a ser a expectativa e finalidade dos cursos de línguas, materiais, metodologias e direcionamento pedagógico, em detrimento dos métodos antigos, ditos ultrapassados. Ainda assim, quando retomamos as ideias iniciais dos métodos comunicativos e confrontamos com a constituição dos atuais materiais didáticos de italiano como língua estrangeira, percebemos haver ainda uma incoerência teórico-prática, o que nos faz pensar que algo se perdeu – ou se reconstruiu, ressignificou-se – na passagem da teoria à prática. Esta pesquisa, portanto, abordará o entendimento de alguns tópicos caros à linguística aplicada e à abordagem comunicativa de línguas estrangeiras, como *abordagem, método, ensino comunicativo e estratégias de ensino*, observando ainda como se

dá a construção do conceito de língua apresentado nos manuais. Buscaremos refletir sobre se ela é vista como uma língua de fato social, dinâmica, contextualizada (como entendida na abordagem comunicativa) ou se ainda é vista como um modelo, com estruturas a serem aprendidas e memorizadas (como na maior parte dos métodos “pré-comunicativos”). O que é possível perceber e que será discutido e posteriormente analisado é a possibilidade de que atualmente, nos livros didáticos de italiano LE, perceba-se um novo entendimento da *abordagem comunicativa*, que se difere das propostas iniciais e implica mudanças no processo de ensino-aprendizagem. A intenção desta pesquisa é, portanto, analisar se assim acontece de fato e quais as suas possíveis implicações práticas. A partir da exposição de nosso problema, podemos elencar algumas perguntas que deverão ser respondidas no decorrer das investigações, de forma a colaborar com o entendimento do ensino de italiano como LE. Dentre as possíveis questões a serem investigadas, podemos citar: (i) De que maneira se constroem os materiais didáticos de língua italiana para estrangeiros que se autointitulam comunicativos?; (ii) De que modo a língua se constrói e é representada e entendida nestes livros?; (iii) É possível identificar uma nova “teoria comunicativa” sendo utilizada? (iv) Se sim, ela modifica de alguma forma o processo de ensino-aprendizagem? Todas essas perguntas são caras para o entendimento do ensino de LE e para a criação e crítica de materiais didáticos e cursos. Pretendemos que, a partir dos caminhos apontados por esta pesquisa, novas discussões possam ser travadas, a fim de que se possa observar com mais profundidade a complexidade e a importância de livros didáticos no ensino de LE. Para as análises, diversos autores serão utilizados e confrontados. Dentre eles: RICHARDS e RODGERS, (2003), para a visão histórica do ensino de língua estrangeira; ALMEIDA FILHO (2010), CAON e RUTKA (2004), MARTINEZ (2009) e RICHARDS (2006) para a abordagem comunicativa do ensino de línguas e BAKHTIN (2011) e MAINGUENEAU (2004) para a visão discursiva da língua e dos estudos linguísticos – bem como da definição do ensino como comunidade de interação. Como *corpus* de análise, serão utilizados os livros Nuovo Progetto Italiano e Chiaro A1, escolhidos por serem alguns dos livros de italiano LE mais utilizados nas universidades públicas do Rio de Janeiro, bem como da representação italiana oficial para o ensino da língua, o Istituto Italiano de Cultura (IIC). Este trabalho é um recorte de minha pesquisa de mestrado em desenvolvimento na UFRJ, contemplada com financiamento do CNPq.

4) O AFETO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Juliana Gomes Miranda (UERJ-FFP)

Tatiane Alves Pereira dos Santos (UERJ-FFP)

Viviane dos Santos Cavalcanti (UERJ-FFP)

Neste trabalho, refletimos sobre a construção de conhecimento no contexto de ensino-aprendizagem através da interação professor e alunos, ambos como agentes nesse processo (Vygotsky, 1998; Moraes Bezerra, 2013; Nunes, 2013). Para isso, buscamos compreender a

influência do afeto no processo de ensino-aprendizagem como uma forma de envolvimento de todos os participantes da comunidade de aprendizagem (Miller, 2008; Moraes Bezerra, 2013). Estas relações estão tão intrínsecas à construção de conhecimento que elas podem facilitar ou interromper esse processo, dependendo do tipo de relação que o professor estabeleça com os seus alunos. Para Rosiek (2003), a experiência humana é fundamentada no emocional e isso também fundamenta a experiência educacional como qualquer outro aspecto de nossas vidas. O aprendizado não é somente a compreensão de ideias de conteúdos abstratos, mas a nossa própria descoberta em relação às novas ideias e, muitas vezes, envolve riscos ou mudanças de crenças. Segundo Mercer (1995), a sala de aula segue um formato de acordo com muitos fatores e mudanças em alguns aspectos de sua organização, que podem ter efeitos inesperados sob os alunos que podem contribuir de modo significativo para a sua própria aprendizagem e também para a construção dessa aprendizagem com os outros agentes desse processo. No caso do presente estudo, mais especificamente, tendo por base os princípios da Prática Exploratória da Linguística Aplicada (Miller, 2008; Moraes Bezerra, 2013), focamos em refletir sobre a experiência de uma professora mostrada nas cenas do filme *Beyond the Blackboard*, baseado em fatos reais e traduzido como *Além da Sala de Aula*. Partindo da análise do filme em questão, pretendemos traçar um paralelo entre os conceitos da prática exploratória e da afetividade com a nossa própria prática enquanto professoras de língua estrangeira (Língua Inglesa). Partindo dos princípios da Prática Exploratória e trabalhando com o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal de Vygotsky e a obra de Paulo Freire, acreditamos que a aprendizagem ocorra na interação com o outro, um indivíduo não se educa sozinho e nem é transformado pelo outro, ele transforma-se na interação com a sociedade na qual está inserido. Usamos o ambiente comum para nós professoras e para os alunos – a sala de aula – como local de nossa pesquisa. Além de um local facilitador para a espontaneidade (a turma em questão, de um modo geral, já está trabalhando junta há mais de dois anos em uma unidade escolar pública), não apresentamos nossos alunos como objetos de pesquisa e sim, como agentes, ambos, professora e alunos; como sujeitos participativos em um único processo. A presente pesquisa está sendo construída concomitantemente com a realização do trabalho na unidade escolar pública no estado do Rio de Janeiro. Através das narrativas dos alunos, os resultados parciais nos apontam que a dimensão afetiva é crucial, não podendo ser descartada nos planejamentos, no preparo e na implementação das atividades. O interesse dos alunos pela Língua Inglesa aumentou, na medida em que eles passaram a se ver como peças fundamentais durante as aulas e passaram a reconhecer a importância e utilidade da uma Língua Estrangeira fora dos muros da escola.

5) AS DIFICULDADES LINGUÍSTICAS E CULTURAIS SEGUNDO GRADUANDOS DO CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS EM CONTEXTO DE IMERSÃO

Ana Cecília Fernández dos Santos (UFSCAR/PIBIC/CNPq)

Rita de Cássia Barbirato Thomaz de Moraes (UFSCAR).

Atualmente, com o aparecimento das novas políticas de intercâmbio, o número de brasileiros no exterior só tende a crescer, e um programa, dentre os existentes, se destaca pela sua abrangência nacional e pelo grande potencial educacional e econômico que apresenta: o *Ciência sem Fronteiras* (CsF). Apesar da grande oportunidade de intercâmbio, a maioria dos alunos, que procuram participar do programa, ainda não possui um nível satisfatório de língua para atingir a pontuação esperada nos exames de proficiência. Essa falta de proficiência em línguas estrangeiras, mais especificamente em Inglês, reflete-se, principalmente, através dos dados jornalísticos. Segundo o site *Terra* de notícias, em março de 2013, 2.935 bolsistas, de um total de 22.885 que estudavam no exterior por meio do CsF, estavam em Portugal, o que corresponde a praticamente 13% do total. Motivada pelos pontos levantados acima, esta pesquisa procurou levantar e sondar aspectos linguísticos e até mesmo culturais de cinco alunos participantes do programa *Ciência sem Fronteiras*. Levantaram-se as informações relacionadas à Língua Inglesa desses indivíduos (por quanto tempo estudaram Inglês; como eram suas aulas; qual foi a pontuação obtida nos exames de proficiência etc.) para relacionar suas possíveis dificuldades linguísticas e culturais ao perfil de cada um. Os participantes que eram alunos da mesma universidade federal localizada no interior de São Paulo participaram do intercâmbio em diferentes lugares: uma aluna estava no Canadá (Alberta – Edmonton); um aluno na Austrália (Victoria – Melbourne) e uma aluna e dois alunos nos Estados Unidos (Alabama – Auburn; Indiana – Fort Wayne – e Rhode Island – Newport). Esses participantes responderam a um questionário misto, utilizado para levantar o perfil dos alunos, e a duas entrevistas orais, sendo uma não-estruturada e outra estruturada (Ludke & André, 1986), já que a primeira buscava levantar aspectos gerais de suas experiências que os indivíduos acreditavam serem importantes e a segunda originou-se para preencher lacunas com relação às dificuldades relatadas por alguns participantes e que os demais não haviam comentado a respeito em um primeiro momento. Uma terceira entrevista estruturada foi aplicada a dois estrangeiros, colegas de dois dos participantes da presente pesquisa (o de Auburn – EUA – e o da Austrália). O objetivo da pesquisa foi comparar as respostas fornecidas pelos participantes brasileiros com as de seus colegas estrangeiros que acompanharam as experiências desses primeiros no intercâmbio. Como os outros colegas dos demais participantes estavam em período ou de provas ou de férias, não foi possível conseguir desenvolver outras entrevistas com outros estrangeiros. Entretanto, a partir da triangulação desses dados, foi possível levantar as dificuldades linguísticas desses participantes de acordo com seus relatos, tais como vocabulário, sotaque (e ressalta-se aqui o sotaque dos não-nativos especialmente), gírias, pronúncia, *listening*, *speaking* e até mesmo questões gramaticais ligadas

ao uso e não classificação ou a forma das palavras. Além dessas dificuldades linguísticas, eles apontaram também para as seguintes dificuldades culturais: o Trabalho em grupo, a Recepção e preconceito racial, a Imersão na Cultura, os Cumprimentos, as Situações Inusitadas e a Relação e apoio dos professores. Apesar da distinção entre essas dificuldades, não ignoramos, no entanto, a relação língua-cultura (BOLOGNINI, 1998). É importante ressaltar que cada método e abordagem (ALMEIDA FILHO, 1993; LARSEN-FREEMAN, 2000) encaram a cultura de formas diferentes, e isso interfere diretamente no ensino de Língua Inglesa dos participantes anterior ao intercâmbio (SALOMÃO, 2010). Os resultados desta pesquisa exploratória e qualitativa (SELIGER; SHOHAMY, 1989) são relevantes para refletirmos sobre a condição da educação brasileira frente às novas mudanças econômicas e sociais, além de servir como base de dados para fortalecer programas como o *Inglês sem Fronteiras* e demais programas e políticas de intercâmbio.

SESSÃO 21 - INTERAÇÃO EM CONTEXTOS INSTITUCIONAIS I

Coordenador: Paulo Cortes Gago (UFJF)

1) OS PAPÉIS HÍBRIDOS DESEMPENHADOS PELO INSPETOR DE POLÍCIA NOS INTERROGATÓRIOS POLICIAIS DA DELEGACIA DE REPRESSÃO A CRIMES CONTRA A MULHER

Priscila Júlio Guedes Pinto (UFJF)

Coautor: Paulo Cortes Gago (UFJF)

O presente trabalho tratar-se-á dos papéis híbridos desempenhados pelo inspetor de polícia no interior dos interrogatórios policiais da Delegacia de Repressão a Crimes Contra a Mulher, onde a violência contra a mulher é tratada como um problema social. Considerando que o inspetor de polícia executa diversas atividades que extrapolam a sua tarefa principal *stricto sensu* de interrogar as partes - como dar esclarecimentos legais às partes, realizar avaliações, falar do papel institucional e propor negociações entre as partes em conflito -, a presente análise parte da apresentação dos papéis que ele desempenha na execução de tarefas ligadas a sua profissão no ambiente da Delegacia de Repressão a Crimes Contra a Mulher. Esta pesquisa configura-se como qualitativa e baseia-se na Etnografia, com coleta de dados e anotações de campo, bem como nos pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Interacional, com a utilização de alguns recursos advindos da Análise da Conversa Etnometodológica. Para a realização deste estudo, apresentar-se-á a discussão apontada por Sarangi (2010; 2011) com relação às noções de status e papel, mostrando o caráter dinâmico dos papéis no âmbito profissional. Os papéis,

diferentemente do status (definido como a posição hierárquica que alguém assume em um ambiente institucional), são mobilizados na interação entre profissionais engajados na realização de suas tarefas institucionais específicas. Além dessa discussão, aponta-se a distinção, retomada também por Sarangi (2010; 2011), entre conjunto de papéis, entendido “como complemento de relações sociais em que as pessoas estão envolvidas porque ocupam um status particular social” (MERTON 1968 *apud* SARANGI, 2010; 2011, p.03, 82), e múltiplos papéis, os quais se referem à complexa associação de papéis ligados, não a um status social, mas a vários status pertencentes a diferentes ambientes institucionais. Seguindo a afirmação feita por Sarangi (2010; 2011) que, no conjunto de papéis, os papéis não só podem entrar em conflito, mas também podem estabelecer uma relação complementar, sendo vistos, portanto, como papéis híbridos, mostrar-se-á, no presente estudo, os papéis que são complementares na prática profissional do policial (os papéis híbridos). É relevante pontuar que o desempenho de papéis híbridos pelo policial está associado também às mudanças de enquadres mobilizadas por ele, já que o inspetor de polícia se alinha e realinha com o que é dito ou feito pelas partes, bem como ele as realinham com o seu discurso proferido. Neste estudo, apresentar-se-á a definição de enquadre proposta inicialmente por Goffman ([1979], 1998), bem como apontar-se-á a noção interativa de enquadre sugerida por Tannen e Wallat ([1987], 1998). Nas interações dos interrogatórios policiais, será mostrada a mudança de enquadre do policial concomitantemente com a mudança de papéis que ele assume no desenvolvimento de suas atividades. A análise de dados evidencia que o inspetor de polícia, ao desempenhar papéis distintos, tenta investigar melhor os fatos criminais na busca de um depoimento que confirme ou não a ocorrência do delito, bem como tenta mostrar para as partes o que contribuiu para o surgimento do conflito entre elas, além de propor negociações que possam resolver os seus problemas familiares. A partir da análise de dados, percebe-se que os enquadres mobilizados pelo policial ligados ao desempenho de diferentes papéis contribuem para que um melhor atendimento seja oferecido à população.

2) PROXIMIDADE E DISTANCIAMENTO NO TRABALHO POLICIAL EM UMA COMUNIDADE PACIFICADA

Amanda Dinucci Almeida (PUC-Rio/CAPES)

O programa de recuperação de territórios ocupados por traficantes no Rio de Janeiro tem como um dos seus pilares o estabelecimento de Unidades de Polícia Pacificadora (UPPs). Um dos desafios enfrentados pelos policiais que fazem parte desse projeto é o de conciliar dois modelos de policiamento: um voltado para o cumprimento da lei e da repressão ao crime, e outro para a busca de uma aproximação com a comunidade cujo apoio é fundamental para a prevenção do crime. Neste trabalho, buscamos investigar como membros da nova geração de policiais, formada para atuar em UPPs, percebem e avaliam a sua prática profissional nesse contexto. Para tal, analisamos a fala de policiais que atuam numa das grandes favelas pacificadas

da zona sul do Rio de Janeiro. O corpus é constituído de dez entrevistas de pesquisa nas quais se mostrou relevante o uso retórico de categorias por meio das quais foram colocados em contraste policiais e moradores bem como “policiais novos” – inseridos no novo projeto – e “policiais antigos”. As perguntas que nortearam esta pesquisa foram: i) Como o papel social de policial é construído e negociado nas entrevistas?; e ii) Como o policial percebe o olhar do(s) outro(s) sobre esse papel? O objetivo geral deste trabalho é o de contribuir para o entendimento desse novo modelo de policiamento, a partir da percepção do próprio policial. Para isso, nossos objetivos intermediários foram: i) Identificar os atributos reivindicados pelos policiais para caracterizarem seu papel como policiais de UPPs; e ii) Descrever o modo como os policiais veem o olhar do(s) outro(s) sobre seu papel. Dentre as principais categorias analíticas consideradas relevantes para a análise dos dados, estão: o conceito de papel (SARANGI, 2010; 2011), a noção de posicionamento (LANGENHOVE & HARRÉ, 1999) e os recursos retóricos apontados por Arribas-Ayllon (2011). A análise dos recursos retóricos contribui para o entendimento da função dos *accounts* (explicações) na sustentação de posições, produções discursivas dos *selves* segundo Davis e Harré (1990). A metodologia de pesquisa escolhida para tratamento dos dados situa-se dentro de uma abordagem qualitativa e interpretativista (Denzin e Lincoln, 2006) no âmbito da entrevista de pesquisa (MISHLER, 1986), o que se entende como um encontro em que as pessoas constroem os mundos sobre os quais falam, negociando identidades, ao invés de uma situação em que o pesquisador extrai informações objetivas dos participantes. Afirmamos aqui, com base na análise dos *accounts* produzidos pelos entrevistados, que esse novo modelo de policiamento restringe-se a uma proximidade física que se contrapõe a um distanciamento psicológico entre polícia e comunidade. Por um lado, os policiais reconhecem que a presença física, o contato direto e cotidiano com a comunidade favorece o trabalho efetivo da polícia na inibição de delitos e na mediação de conflitos entre moradores. Por outro lado, os policiais não se veem inseridos num projeto de policiamento comunitário comprometido com a construção de laços sociais. Quanto ao olhar do outro sobre o policial, a percepção geral que se projeta nas entrevistas é de que as pessoas não gostam de policial, apenas precisam deles. Trazer a voz dos profissionais que protagonizam as UPPs é absolutamente necessário para a compreensão das ações do estado e da população em detrimento tanto dos estigmas, de ambos os lados, que vão se consolidando no senso comum, quanto das pesquisas acadêmicas, que constroem sentido, muitas vezes, de cima para baixo, a partir do olhar do pesquisador e raramente do participante quando esse universo é focalizado. Nesse sentido, é inegável a contribuição deste trabalho.

3) A FALA-EM-INTERAÇÃO INSTITUCIONAL DE REPÓRTERES AÉREOS E LOCUTORES DE RÁDIO DO RIO DE JANEIRO

Marco Aurélio Silva Souza (PUC-Rio)

Liliana Cabral Bastos (PUC-Rio)

Maria das Graças Dias Pereira (PUC-Rio)

Neste estudo, realizamos um exame da fala-em-interação de dois repórteres aéreos e de quatro locutores em quatro rádios durante os serviços de transmissão em tempo real de reportagens aéreas sobre o trânsito, na cidade do Rio de Janeiro. Verificamos como se caracterizam as interações entre os repórteres aéreos e os locutores de rádio a partir dos conceitos teóricos da sociolinguística interacional (SCHIFFRIN, 1994), da análise da conversa (PSATHAS, 1995; ANTAKI; DÍAZ, 2004; WEST; ZIMMERMAN, 2010), de enquadre e *footing* (GOFFMAN, ([1964] 2002; BATESON, [1972] 2002; GOFFMAN, ([1979] 2002; RIBEIRO; HOYLE, 2002; TANNEN; WALLAT, ([1987] 2002), de pistas de contextualização (GUMPERZ, [1982] 2002), da fala-em-interação institucional (GARCEZ, 2002; DEL CORONA, 2009) e da conversa cotidiana (COATES, 1997; CAMERON, 1997). A metodologia da pesquisa é de natureza qualitativa e interpretativa, com sujeitos situados em seus respectivos contextos (DENZIN; LINCOLN, 2006). Baseamos a análise nos dados gerados mediante a observação empírica, na perspectiva interacionista, com a gravação em áudio das interações que ocorreram durante as transmissões das cinco reportagens aéreas selecionadas para este estudo. Analisamos duas interações do repórter aéreo Carlos Eduardo Cardoso, uma interação com o locutor Iseumar Pereira, na rádio JB FM, e uma interação com o locutor Alan Oliveira, na rádio FM O Dia; e três interações do repórter aéreo Genilson Araújo, uma interação com a locutora Lilian Ribeiro, na rádio CBN FM, e duas interações com o locutor Paulo Beto, na rádio Beat 98 FM. As interações verbais gravadas foram transcritas a partir das convenções da análise da conversa (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, [1974] 2003). Os resultados mostram que as reportagens aéreas apresentam diferenças em suas características de fala-em-interação institucional, mostrando-se mais restritas ou se configurando por uma linguagem mais espontânea e informal. Em nossas análises, percebemos que as informações sobre as condições do trânsito e meteorológicas têm seu foco mais restrito nas reportagens aéreas transmitidas nas rádios JB FM e CBN FM, que têm maior presença de conteúdo jornalístico, e onde o enquadre predominante dos participantes é voltado para a transmissão das notícias, com piso conversacional fala-um-de-cada-vez e avaliações das situações meteorológicas e do trânsito. Nas rádios FM O Dia e Beat 98 FM, com conteúdo voltado para músicas, surge, dentro da fala-em-interação institucional, a conversa cotidiana, durante a transmissão de informações sobre o trânsito e sobre o tempo, que permanecem como focos principais da atividade. Ocorrem enquadres de conversa entre amigos, exceto na fase informativa, com maior aproximação entre repórteres aéreos e locutores, a partir de enquadres de brincadeira e demonstrações de amizade. Nestes enquadres, o piso conversacional é colaborativo, com grande ocorrência de sobreposições e introdução de tópicos pessoais, além dos institucionais. Verificamos,

no entanto, que o hibridismo presente nas rádios FM O Dia e Beat 98 FM não interfere no mandato institucional. Ainda que os participantes negociadores possam se considerar um ao outro como amigos na interação e produzirem certos momentos uma conversa informal que pouco ou nada difere da conversa cotidiana, apresentam aspectos que são subordinados à maximização da eficácia de suas relações comerciais.

4) CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS EM CONTEXTOS INSTITUCIONAIS – O CASO DE UMA INTERAÇÃO MÉDICO-PACIENTE EM UM AMBULATÓRIO DE ATENDIMENTO A ADOLESCENTES

Etyelle Pinheiro de Araújo (PUC-RIO/CAPES)

O presente estudo tem como objetivo buscar entendimentos sobre a forma como os participantes de uma interação médico-paciente em um ambulatório de adolescentes constroem suas identidades, significando suas ações nesse contexto. Buscamos observar a importância da construção de imagens favoráveis para o bom andamento dessa interação. O arcabouço teórico partiu de uma perspectiva sociointeracional do discurso, compreendendo que a fala-em-interação conta não só com os indivíduos que dela participam, mas com o cenário (local em que acontece) e com o propósito desta interação (o motivo pelo qual as pessoas estão se relacionando umas com as outras). Dessa forma, o entendimento do que acontece em uma interação médico-paciente leva em consideração a situação social que ali é construída, seu cenário (nesse caso, o ambulatório), seus participantes (a médica, a adolescente, a mãe e eu, a pesquisadora) e o motivo pelo qual acontece (a consulta médica) (GOFFMAN, [1964] 2002). No curso das interações na sociedade, os indivíduos coconstroem suas identidades por meio do discurso (MOITA LOPES, 2003); possuem, portanto, caráter dialógico. Sendo tais identidades mutáveis em função do tipo de interação da qual o indivíduo está participando (BAUMAN, 2007) e do tipo de imagem de si mesmo que ele quer projetar. Em um contexto de consulta médica, as identidades coconstruídas partem não só das questões colocadas, mas também do que é relevante para aquele momento da consulta (ALMEIDA, 2009) e da busca por uma construção numa luz favorável, ou seja, quando a pessoa visa à proteção de sua própria face (GOFFMAN, 1967). Sendo o atendimento médico uma interação de caráter institucional, possui alguns aspectos que o diferem de uma conversa cotidiana (Del Corona, 2009), que, dentre outras características, conta com certa flexibilidade na troca de turnos (SCHEGLOFF, 1987). Tais aspectos se configuram no cumprimento do mandato institucional (MAYNARD, 1985), isto é, nas metas estabelecidas para esse tipo de interação. No caso dessa pesquisa, o cumprimento desse mandato se configurou na busca de um diagnóstico da adolescente. Para o entendimento da forma como as participantes da pesquisa organizam seus discursos e se orientam em relação à situação interacional ali construída, isto é, para o cumprimento das metas estabelecidas para aquela interação, partimos das noções de enquadre e alinhamento de Goffman. Para o desenvolvimento da pesquisa, contamos com uma metodologia qualitativa-interpretativa

(DENZIN & LINCOLN, 2000), com observação-participante (VALLADARES, 2000). Os dados foram gerados durante a consulta médica e transcritos segundo o modelo de transcrição de Jefferson (cf. LORDER, 2008). A análise dos dados nos possibilitou perceber a adolescente se construindo como uma pessoa responsável no primeiro momento da consulta e se alinhando ao enquadre de humor (GOFFMAN, 2002) proposto pela médica. Num segundo momento, observamos a tentativa da mãe de proteção de sua própria face (GOFFMAN, 1967) e de construção de uma identidade de mãe responsável e cuidadora da saúde da filha realizando um movimento de desconstrução da imagem de adolescente responsável, construída por sua filha e tentando se alinhar à médica. Por fim, temos a atuação da médica ao construir sua identidade como representante da instituição na realização dos procedimentos para o cumprimento das metas estabelecidas para esse tipo de interação (MAYNARD, 1985; DEL CORONA, 2009) e ao mudar de enquadre e alinhamento no decorrer do atendimento à adolescente.

SESSÃO 22 - ESTUDOS DIACRÔNICOS I

Coordenador: Ricardo Lima (UERJ)

1) A ORDEM VS/SV EM INTERROGATIVAS-Q: UM ESTUDO DIACRÔNICO EM PEÇAS TEATRAIS BRASILEIRAS E PORTUGUESAS

Mayara Nicolau de Paula – (UFRJ/CNPq)

O presente trabalho tem como objetivos principais traçar o perfil da ordem dos constituintes (V) erbo (S)ujeito em sentenças interrogativas-Q do Português Europeu e elaborar uma comparação com os resultados já existentes para as mesmas estruturas do Português Brasileiro (cf. Duarte 1992), em que a implementação da mudança de VS para SV coincide com a entrada da clivagem. As interrogativas-Q com sujeitos nulos farão parte da análise, a fim de testar a hipótese de Kato e Duarte (2002), para quem o aumento de sujeitos expressos no segundo quartel do século XX teria provocado a mudança em favor da ordem SV que aconteceu no PB. Com base nas descrições para o PE (cf. AMBAR, 1993 e BRITO, DUARTE e MATOS, 2003), que apresenta um sistema de sujeitos nulos estável, acredita-se que essa gramática deve apresentar a ordem VS ativa e a ocorrência de SV condicionada à presença da clivagem. Tendo como aparato teórico o modelo de mudança de Competição de Gramáticas (KROCH, 1989, 2001), elaborado dentro do modelo de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1995), o trabalho apresentará (i) uma investigação diacrônica das interrogativas-Q do PE com base em uma amostra constituída de dados coletados em peças teatrais portuguesas escritas ao longo dos séculos XIX e XX e (ii) uma comparação dos resultados obtidos para o PE com os já existentes para o PB. Essa comparação

se faz possível já que ambas as pesquisas foram conduzidas com base em grupos de fatores semelhantes e utilizam amostras comparáveis distribuídas ao longo do tempo de forma similar. Resultados preliminares confirmam a hipótese da prevalência de sujeitos nulos (1) e ordem VS (2) até um determinado período de tempo no PE. A ordem SV aparece na presença de clivagem (3) e se torna cada vez mais frequente. Foram atestados alguns poucos casos de ordem SV sem a clivagem no século XIX e inícios do século XX (4):

- a) Como vais modificar a peça? (João Pedro de Andrade, Continuação de comédia – 1931)
- b) Que barulho temos por cá? (Pinheiro Chagas, Quem desdenha... – 1874)
- a) Que resposta deu o barão à minha carta? (Antonio Pedro Lopes de Mendonça, Casar ou meter freira – 1848)
- b) Que tinhas tu com isso? (Luís Francisco Rebello, A lei é a lei – 1977)
- a) Como é que você veio dar consigo neste clima? (Pinheiro Chagas, Quem desdenha... – 1874)
- b) O que foi que tu disseste? (Luís Francisco Rebello, Alguém terá que morrer – 1954)
- a) Quem nós temos por aí apresentável? (Pinheiro Chagas, Quem desdenha – 1874)

Foi possível observar que o sujeito nulo é a opção preferencial em contextos com referentes velhos ou evocados, enquanto o sujeito lexical aparece com referentes novos, possibilitando a ocorrência da ordem SV em contextos de clivagem. O PE apresenta, ao longo do tempo, um expressivo crescimento da estrutura clivada tanto com sujeitos expressos quanto com nulos, um ponto que distancia esse sistema do PB. Com nossos resultados, espera-se contribuir com evidências empíricas que deem suporte às diferentes gramáticas do PE e PB.

2) UMA VIAGEM NO TEMPO: O ESTUDO DA ORDEM DO SUJEITO NAS PASSIVAS EM TEXTOS DE PORTUGUESES NASCIDOS ENTRE OS SÉCULOS XVI E XIX

Elaine Alves Santos Melo (UFRJ/CNPq/CAPES)

Neste trabalho, procuramos investigar a posição do sujeito com relação ao verbo flexionado nas construções passivas analíticas e adjetivas na história do português. O *corpus* é constituído de textos de autores portugueses nascidos entre os séculos XVI e XIX que compõem o *Corpus Anotado do Português Histórico – Corpus TychoBrahe*. O objetivo principal do trabalho é observar se é possível detectar um determinado padrão de ordem do sujeito em relação ao verbo nessas construções ao longo da história. Ao tratar de ordenamento de constituintes nas sentenças, a verdade é que pouco se sabe sobre o ordenamento dos constituintes nas construções passivas em estudo. Dessa forma, justificamos o interesse em observar o padrão de ordenamento dessas sentenças para detectar se os mesmos fatores operam, ou operavam, para determinar a anteposição ou posposição do sujeito em relação ao verbo. Nossa hipótese é a de que as passivas analíticas devam se comportar de forma distinta das adjetivas, visto se tratarem de construções “inacusativas”. Os resultados obtidos refutam a hipótese de que passivas analíticas e adjetivas têm um comportamento distinto no que concerne à ordem dos constituintes. Nos

dois tipos de estrutura, há preferência pela ordem SV, ou seja, ainda que as passivas analíticas sejam construções inacusativas, não há favorecimento para a ordem VS. Há, na amostra, 37% de passivas analíticas com ordem VS e, em uma frequência muito próxima, 39% de passivas adjetivas com sujeito posposto ao verbo flexionado. Na verdade, três fatores se mostraram extremamente relevantes no padrão de ordem do sujeito em sentenças passivas analíticas e adjetivas: o peso do sintagma, o tipo de sujeito e a presença ou ausência do sintagma genitivo. O primeiro fator destacado, o peso do sintagma, ou seja, se ele é grande ou pequeno, influencia na ordem dos constituintes na medida em que sintagmas pesados tendem a ser superficializados em posição pós-verbal, enquanto que sintagmas mais leves tendem a se realizar antes do verbo. O segundo fator, o tipo de sujeito, está relacionado ao estatuto informacional. Sujeitos pronominais codificam somente informações dadas, enquanto que sujeitos na forma de sintagmas nominais podem codificar informações velhas e novas. Segundo Duarte (2003) e Paixão de Sousa (2004), VS no português clássico e no português europeu é condicionada por fatores discursivos como o estatuto informacional. O condicionamento atua no sentido de que se a informação é nova o sujeito tende a ficar posposto, por outro lado se a informação é dada o sujeito tende a ser anteposto. A razão para esse padrão de ordem está na codificação dos traços semânticos de foco e pressuposição. No português clássico (Paixão de Sousa, 2004) e no português europeu (Duarte, 2003 e Paixão de Sousa, 2004), o foco que é a informação nova é checado no final da sentença. Por outro lado, a pressuposição que é a informação velha é checada em posição inicial. Por fim, o terceiro fator é a presença ou ausência do sintagma agente. A maior frequência de VS se dá quando o agente da passiva não está foneticamente realizado. Em 40% das ocorrências de ordem VS, não há o sintagma agente. Por outro lado, a presença desse sintagma propicia que em apenas 23% das ocorrências haja VS. A explicação para essa frequência de VS reside na estrutura da sentença: quando se dá a ausência do agente da passiva, há uma posição pós-verbal disponível que pode ser preenchida pelo sujeito. Este trabalho segue a linha de investigação da variação paramétrica, tendo como base uma pesquisa empírica que busca entender o que são as “gramáticas do português” (Galves, 2001).

3) PARA ALÉM DO LINGUÍSTICO: UMA ANÁLISE SOCIAL DA POSIÇÃO DO SUJEITO EM CARTAS PESSOAIS DOS SÉCULOS XIX E XX

Stephanie Valle de Souza (UFRJ/CAPES)

O Português Brasileiro tem sido descrito como uma gramática com ordem SV rígida e VS restrita a construções inacusativas e algumas apresentativas (TARALLO, 1993; KATO, CYRINO, DUARTE, BERLINCK, 2006), o que o separa do Português Europeu pelo menos em termos microparamétricos. De acordo com Tarallo (1993), essa diferença entre PB e PE, juntamente com outras diferenças que afetam o sistema pronominal como um todo, pode ser captada em textos escritos ao longo dos séculos XIX e XX, o que o faz propor a emergência de uma

gramática brasileira na virada do século XIX para o século XX. O presente trabalho analisa a posição do sujeito (pré-verbal e pós-verbal) e procura detectar essa mudança linguística em uma amostra de cartas pessoais da família Pedreira Ferraz Magalhães, pertencentes ao Corpus Compartilhado Diacrônico, escritas entre fins do século XIX e meados do século XX, em continuidade com trabalhos anteriores considerando o mesmo tipo de texto. Valle de Souza (2012) e Cavalcante (2014), analisando a posição do sujeito em cartas pessoais, têm observado uma diferença significativa do comportamento linguístico entre os missivistas homens e as missivistas mulheres: os homens, por um lado, apresentam um padrão de posição do sujeito mais próximo da gramática do Português Europeu, com ordem VS sendo condicionada tanto por fatores linguísticos tais como o tipo de sentença, tipo de verbo; as mulheres, por outro lado, apresentam um padrão de posição do sujeito mais próximo da gramática do Português Brasileiro, com ordem VS sendo condicionada por construções com verbos inacusativos. Desse modo, neste trabalho, damos continuidade ao trabalho com cartas pessoais, a fim de observar os contextos que condicionam a ordem Verbo-Sujeito e a sua substituição pela ordem Sujeito-Verbo, considerando não só fatores linguísticos (como tipo de sentença, tipo de verbo, estatuto informacional do sujeito, natureza do sujeito, traço semântico do sujeito), mas também fatores extralinguísticos (como o missivista, identificação da amostra). Os nossos objetivos específicos resumem-se em detectar (i) aspectos da gramática brasileira, (ii) padrões sociais que possam interferir na ordem da posição do sujeito e (iii) um caso de competição entre gramáticas (Kroch, 1989) nas referidas cartas. A amostra constitui-se de 42 cartas pessoais, enviadas entre os séculos XIX e XX pela família Pedreira Ferraz Magalhães: 11 cartas escritas pelos pais Jerônimo de Castro Abreu Magalhães (engenheiro civil, nascido em 1851) e Zélia Pedreira Abreu Magalhães (esposa de Jerônimo, nascida em 1857) e 31 cartas escritas pelos filhos Fernando Pedreira de Abreu Magalhães (professor, nascido em 1893) e Maria Elisa Pedreira de Abreu Magalhães (Irmã da Congregação Santa Dorotéia, nascida em 1877), pertencentes ao Corpus Compartilhado Diacrônico, disponível em: <http://www.letas.ufrj.br/laborhistorico/>. Utilizamos a metodologia da sociolinguística quantitativa e o programa Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) para análises estatísticas. A análise da relação entre a posição do sujeito e a posição social dos indivíduos nessa amostra específica de duas gerações (pais e filhos), permite, para além da observação do padrão de ordem do sujeito e da possível emergência de uma gramática brasileira, observar como essa mudança pode ter sido implantada ao longo do século XX, na medida em que estamos levando em consideração a posição social dos missivistas.

4) A 1ª PESSOA DO PLURAL DO PB EM CARTAS DA DÉCADA DE 1930

Karen Pereira Fernandes de Souza (UFRJ/ CNPq)

Este trabalho tem como tema a representação da 1ª pessoa do plural no Português Brasileiro (PB) na primeira metade do século XX (década de 30). Para tanto, utilizamos um *corpus*

constituído de cartas pessoais escritas por um casal de noivos não-ilustres, que apresentam diferença de escolarização, situados no Rio de Janeiro. Como aparato teórico-metodológico, utilizamos a Sociolinguística Histórica (Conde Silvestre, 2007; Hernández-Campoy & Schilling, 2012) e analisamos os dados qualitativamente. Como referencial teórico, utilizamos os trabalhos sobre gramaticalização de Lopes (2007), sobre colocação pronominal de Vieira (2007), e de mudança paramétrica do sujeito nulo de Duarte (1995). Já foi atestado por Lopes (2003) que o processo gradual de pronominalização de *a gente* se mostrou incipiente por volta do século XVI, consolidou-se no século XVIII e só se intensificou no século XIX. Deste modo, uma pergunta se faz necessária: será que já podemos ver, no início do século XX, a inserção das formas derivadas de *a gente* nos quadros pronominais, tendo em vista que o processo de gramaticalização já foi finalizado como pronome pessoal do caso reto? Destaca-se também para este trabalho a questão do preenchimento do sujeito. Trata-se de uma mudança encaixada com perdas e ganhos morfo-sintáticos em que o quadro pronominal do PB, ao longo dos séculos, passou por uma transformação em seu paradigma, se compararmos com o quadro do Português Europeu (PE). Assim, uma segunda questão é levantada: qual a preferência dos missivistas para o fenômeno do preenchimento do sujeito no início do século XX? Podemos ver traços de oralidade nas cartas? Será que respeitam às normas gramaticais espelhadas em um uso lusitano? Outra pergunta que motiva este trabalho é: como se dá a questão da colocação pronominal no nosso *corpus*, já que no início do século XX já tinham percebido as diferenças de colocação pronominal entre PE e PB (FIGUEIREDO, 1917)? Temos como objetivos: (a) analisar quantitativo e qualitativamente os pronomes representativos da 1ª pessoa do plural, atentando para a alternância entre os paradigmas no mesmo missivista, além da expansão de contexto da variante *a gente*, realizando-se não só com a função de NOMINATIVO, mas também nos demais casos ACUSATIVO, DATIVO, OBLÍQUO e principalmente o GENITIVO de posse; (b) descrever como se realiza o preenchimento do sujeito nas cartas desses missivistas; e (c) analisar a colocação pronominal em ambas as cartas. Após a leitura, submetemos as cartas transcritas segundo a *escrita original* e também as cartas com a *escrita modernizada* no programa AntConc (2011) para localização e contagem dos dados. De modo geral, obtivemos como resultados: (a) o início da expansão de *a gente* na modalidade escrita apenas no caso nominativo e a variante conservadora dominando ainda todos os demais casos sintáticos; (b) observamos que o noivo, por ser mais letrado que sua noiva, apresenta uma escrita muito mais próxima da lusitana, revelando um elevado número de sujeito nulo, enquanto sua noiva, que apresenta traços de oralidade fortes, emprega apenas dois casos de sujeito nulo, neste período, já podemos ver o início da mudança paramétrica, mesmo que muito incipiente; (c) com relação à colocação pronominal, MRC e JOS empregam a próclise para a colocação de seus clíticos de 1ª p.p., o que coincide com a preferência do PB, mudança já ocorrida e consolidada no sistema.

SESSÃO 23 - ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO

Coordenadora: Tania Shepherd (UERJ)

1) CONSTRUÇÕES IDEOLÓGICAS NA ESCRITA ESCOLAR: HEGEMONIAS E APAGAMENTOS

Adriana Nogueira Accioly Nóbrega (PUC-Rio)

Adriana Rodrigues de Abreu (PUC-Rio/CNPq)

Estudar o discurso escrito no contexto educacional é fundamental para que possamos compreender as relações hegemônicas de poder, controle e dominação que constituem as práticas sociais no ambiente escolar. Assim, o objetivo deste trabalho é investigar a construção do discurso ideológico e hegemônico em redações escolares produzidas por alunos do Ensino Médio de uma escola pública do estado do Rio de Janeiro. Ao voltarmos nossa análise para a produção textual discente, estamos interessadas em discutir, sobretudo, as relações hegemônicas de poder que perpassam os discursos investigados, bem como as construções ideológicas dos grupos de alunos engajados na discussão sobre a importância (ou não) da escrita para a inclusão social. Inserido na área da Linguística Aplicada (MOITA LOPES, 2013), o estudo também pretende observar que perspectivas políticas, culturais e econômicas compõem a escrita escolar e os consequentes apagamentos trazidos por tal discurso dominante. A arquitetura teórica fundamenta-se na abordagem sociosemiótica de linguagem proposta pela Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 1994; HALLIDAY e MATTHIESSEN, 2004; EGGINS, 2004), com foco na metafunção interpessoal para a análise da modalidade como elemento de reforço na construção da hegemonia discursiva. A Análise Crítica do Discurso (FAIRCLOUGH, 1992, 2003; WODAK e MAYER, 2003; VAN DIJK, 2001) também constitui um aporte teórico importante, principalmente o modelo tridimensional, pois será base para o mapeamento das relações entre o micro (uso da linguagem, interação verbal e comunicação) e o macro (poder, domínio, desigualdade social) presentes nas redações produzidas. Um dos fatores basilares para o desenvolvimento deste trabalho concentra-se na busca pela realização de um estudo que vai além do domínio estrito da linguística, com intuito de examinar as relações ideológicas, hegemônicas e de poder que estão imbricadas em todo o discurso, especialmente o escolar. Esta pesquisa, então, pode contribuir para o entendimento da discursividade que compõe a escrita discente, permitindo-nos entender como os enunciados são criados e para quem eles são dirigidos, tendo em vista a presença de inúmeros discursos que dialogam e/ou se distanciam daqueles criados pelos alunos. Para a realização da presente análise, propomos as seguintes perguntas: (i) Como se dá a construção do discurso hegemônico e que relações de poder são nele sugeridas?; (ii) De que forma os sentidos ideológicos são textualmente realizados?; e (iii) De

que maneira a modalidade contribui para a criação dos possíveis apagamentos presentes nos textos? A metodologia toma por base a perspectiva qualitativa de pesquisa (DENZIN e LINCOLN, 2006) para a análise de cinco textos retirados de um *corpus* de 50 redações, redigidas por um grupo de alunos de duas turmas de 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública situada em São Gonçalo. Uma proposta de redação com o tema “a importância da escrita para a inclusão social” foi aplicada como atividade motivadora para a geração dos dados. Resultados parciais sugerem que o discurso discente cria, reproduz e mantém um discurso hegemônico quanto à importância do ensino da língua portuguesa para a inclusão social, causando apagamentos reforçados pelo uso de elementos modalizadores que: (i) contribuem para criação de um posicionamento ideológico que parece privilegiar uma “purificação” da língua e (ii) valorizam determinados conhecimentos em detrimento de outros, estabelecendo uma verdade única.

2) DISCURSO DA EDUCAÇÃO FISCAL: UMA MUDANÇA SOCIAL?

Ismael Andrade Santos (UERJ)

A relação entre o Estado brasileiro e a sociedade, especialmente quando se trata de questões tributárias, é marcada por um desgaste histórico: paga-se uma carga tributária considerada excessiva, ao passo que o retorno em benefícios sociais não é compatível ao esforço. Diante dessa realidade, a Educação Fiscal surgiu como um instrumento para renovar o voto de confiança e defende, não apenas que todos paguem os tributos, mas que o façam consciente e ativamente e estabelece, para isso, um diálogo profícuo com as noções de democracia, cidadania, ética, responsabilidade social. A Educação Fiscal constitui-se, enfim, como uma construção de saber interdisciplinar. Para os fins desta pesquisa, a EF será analisada consoante os pressupostos teóricos da Análise Crítica do Discurso (ACD), tal como compreendido por Fairclough (1999, 2001, 2003 e 2010). Por ser uma abordagem do discurso eminentemente interdisciplinar, construída sobre o legado de diversos pensadores e, devido à amplitude da sua teoria tridimensional do discurso, escolheu-se delimitar a discussão sobre um ponto que constitui o eixo central da abordagem faircloughiana: o discurso como prática social e, principalmente, ensejando uma mudança social. O discurso é entendido por Fairclough (2001) como um momento da prática social que, além de compor a estrutura social deixa-se, concomitantemente, ser composto por ela. Defende também que as rotinas sociais e o discurso – enquanto visto como uma dimensão das práticas sociais –, deixam suas marcas no texto, fornecendo informações sobre a formação dos sistemas sociais e dando evidências de uma possível mudança social. Nesse diapasão, se o analista do discurso consegue identificar a proficuidade interdiscursiva e pontuar qual o discurso prevalecente na ordem do discurso do material em análise, pode descobrir relações de poder existentes nas práticas sociais e, mais especificamente, qual o discurso hegemônico presente na sociedade. Além disso, pode encontrar indícios que apontem para a continuidade da hegemonia ou, até mesmo, para uma mudança social. Para o tema em questão, muitos são os discursos que se entrecruzam para formar o discurso da Educação Fiscal (DEF): a democracia,

cidadania, primado do interesse público, minimização do Estado (negação de seu poder em face da superioridade do cidadão), ética, e a parceria ou aliança de interesses entre o Estado e a sociedade e direito tributário. Esses discursos, por sua vez, entrecruzam-se num profícuo diálogo de forma que conseguem não apenas consolidar o DEF, como também contribuir para demarcar sua formação discursiva (Foucault, 2009b). Além disso, o DEF está inserido no evento maior chamado de modernidade tardia (Giddens, 1991 2002), principalmente quando se considera a sua conexão com o fenômeno do aprofundamento dos processos democráticos (GIDDENS, 2002). O que se pretende, contudo – além de estudar a composição interdiscursiva do DEF e sua inserção na modernidade tardia – é discutir sobre a tentativa do DEF de ensejar uma mudança social. Um percurso possível para se pensar sobre essa questão é pontuar como o DEF se insere nos tipos de estruturas, as quais estão presentes em todo sistema social. Giddens (2010) identifica três: a significação, que são ordens simbólicas, a exemplo das práticas discursivas; a dominação, que se refere aos recursos (trabalho, capital, tecnologia, riquezas da terra) e se repercute na política e economia; e a legitimação, que diz respeito às regulações normativas e estão vinculadas às instituições legais (Parlamento, autarquias etc.). Seguindo essa mesma trilha, serão averiguados tanto os obstáculos existentes na própria estrutura social que dificultam a mudança pretendida pelo DEF, quanto os fatores que contribuem para a sua ocorrência.

3) FICÇÃO CIENTÍFICA NACIONAL NO BRASIL PÓS-DITADURA: O DISCURSO DISTÓPICO EM *FELIZ NATAL, VINTE BILHÕES* (1989) DE H. V. FLORY

Vitor Vieira Ferreira (UFRJ/CAPES)

O presente trabalho tem como objeto de análise o conto “Feliz Natal, vinte bilhões” de H. V. Flory, publicado na coletânea “Enquanto houver natal (oito estórias de ficção científica)” em 1989. O conto, juntamente com outros três, constitui o *corpus* de um projeto maior de pesquisa e cujos resultados se concretizarão sob a forma de uma dissertação de mestrado. Dito em linhas gerais, busca-se fazer uma análise discursiva do conceito de distopia – conceito que se contrapõe ao de utopia, entendida como uma superação positiva de um determinado *status quo* – e suas apropriações por textos literários de autores brasileiros. Mais especificamente, e levando em consideração a estreita relação entre tal conceito e este tipo de literatura, foram selecionadas obras pertencentes ao gênero da Ficção Científica. O referencial teórico aqui utilizado é o da Análise Crítica do Discurso, dados os seus pressupostos quanto à natureza da linguagem. Em sua perspectiva analítica, não há separação entre a linguagem em seus usos reais e concretos dos constrangimentos históricos, políticos, sociais, culturais e ideológicos que inexoravelmente a atravessam. O discurso é visto não como uma unidade textual mínima encerrada em si mesma, mas sim como se realizando historicamente a partir de elementos anteriores que o engendram e que ultrapassam o domínio do linguístico e verbal. Neste sentido, nosso trabalho pressupõe um estudo interdisciplinar considerando o contexto histórico do Brasil pós-ditadura e em que medida este se vê representado no texto ficcional em questão. Destacam-se aí o considerável

aumento da população urbana das grandes capitais do país ocorrida ao longo da segunda metade do século XX, bem como, e podemos dizer que graças a isto, da desigualdade social crescente e seus problemas daí decorrentes. Partindo da tensão entre a extrapolação ficcional e o que sabemos quanto à época do autor, podemos ainda tentar localizar as forças discursivas que subjazem o posicionamento deste diante da realidade histórica que o cercava quando do momento da produção de sua obra, dado que, enquanto prática social, um texto atua inexoravelmente tanto no sentido de legitimar, quanto no de colocar em cheque os discursos com os quais se relaciona. Todo nosso trabalho de pesquisa assume a posição de que o exercício especulativo distópico e sua posterior concretização textual, especificamente a literária, atuam como forças de contestação a uma ordem social-histórica vigente. Mais do que isto, percebemos no gênero da Ficção Científica – como dito, ambiente profícuo para o imaginário distópico – um espaço privilegiado para a reflexão sobre as relações entre o homem, o conhecimento científico por ele produzido e as implicações sociais de seu desenvolvimento tecnológico por este último propiciado. Tal temática, a nosso ver, coloca-se como central em nossa contemporaneidade, ainda muito marcada pela descrença no projeto racionalista e seus usos instrumentalizados da razão; sem que se vislumbre no horizonte pós-moderno um direcionamento preciso para as principais questões políticas e sociais com as quais a humanidade atualmente se depara. Por fim, cabe também reafirmar a relevância dos textos literários enquanto fontes para a historiografia, cuja tradição de valorização do documento abre-se aos poucos para outros objetos de análise que em muito contribuem para a compreensão de um dado momento histórico – e ainda para contribuir com nossos posicionamentos e ações enquanto sujeitos históricos.

4) VÍDEO GAMES, APRENDIZAGEM, GÊNERO E RAÇA

Daniel de Augustinis Silva (UFRJ/UFRJ-Macaé)

Este trabalho foca dois pontos: a construção do conhecimento durante o *game Quest Atlantis (QA)*, mais especificamente na missão da peste que ocorre na cidade imaginária de Ingolstadt, e na forma como essa missão é narrada. Para tanto, reviso trabalhos que lidam com a interseção entre *games* e aprendizagem e também entre *games* e estudos de minorias. Explorando o Princípio da Identidade de Gee (2003), Barab *et al* (2012) concluem que a aprendizagem através dos jogos eletrônicos oferece resultados melhores porque os seus participantes são posicionados em relação às identidades necessárias para aprender um determinado conteúdo. Seguindo uma abordagem similar, Siyahhan *et al* (2011) observam que quanto maior o envolvimento na representação de um papel, mais os participantes se demonstravam reflexivos e cuidadosos, ao passo que, em uma situação retirada de seu contexto, como na sala de aula, os participantes apresentavam uma atitude muito mais absolutista e categórica. Ambas as pesquisas acima são dedicadas ao estudo de interações de aprendizagem com o jogo *Quest Atlantis*, e, portanto, focalizam questões de aprendizagem. Na interseção entre tecnologia e estudos de minorias, Pulos (2013) examina 400 mensagens de fórum relacionadas aos tópicos “jogadores LGBT e a comunidade WoW”, com o

objetivo de desestabilizar noções de heteronormatividade. Alexander (2007) discute as interseções entre jogos eletrônicos, sexualidade e letramentos, argumentando que a maioria dos *games* disponíveis privilegia narrativas heteronormativas e masculinas, e foca na utilização de fóruns de discussão como uma ferramenta para que jogadores gays possam refletir criticamente sobre essas questões. Takayoshi (2007) foca, mais especificamente, na construção discursiva dos jogos eletrônicos e das pesquisas sobre jogos. Sua pesquisa foca nas narrativas de meninas, revelando que as participantes tinham consciência de que a maior parte das narrativas de jogos é desenhada para meninos, levando a autora a levantar uma série de questões sobre a forma como os jogos vêm sendo narrados, de forma aparentemente já naturalizada, para meninos. Para abordar a trajetória de uma experiência tradicionalmente concebida na sala de aula (i.e., escrever um ensaio de cinco parágrafos) para o ambiente digital, utilizamos as categorias de Halliday (2014) de “campo”, “relação”, e “modo”. Podemos observar, portanto, uma mudança na forma como a experiência de escrever um ensaio é entextualizada. Ao invés de receber instruções faladas ou escritas no quadro, o aprendiz lê as instruções na tela no seu tempo. Além disto, há diferenças nas relações interpessoais também. Ao mudar a relação da díade professor X aluno para jogador/aprendiz X personagem/editor de jornal, podemos observar um registro híbrido em que ele se revela pouco formal, mas mantendo sua característica diretiva, revelado pela presença de expressões amigáveis e de imperativos. Nesta trajetória, alguns ganhos são observados. Em primeiro lugar, o jogador é posicionado como sendo um aprendiz de jornalista, e sua contribuição vai salvar uma cidade assolada pela peste, ao invés de ser apenas um aluno escrevendo uma redação para receber uma nota do professor. Além disto, o jogo progressivamente apresenta tarefas mais complexas, partindo de uma tarefa que exige que o jogador termine um artigo que já está pela metade para que depois tenha que escrever seu artigo persuasivo sozinho (cf. Vygotsky, 1930). No entanto, apesar desses ganhos pedagógicos, a narrativa da missão se revela problemática ao apagar mulheres e negros da cidade de Ingolstadt, perpetuando grandes narrativas em que homens brancos são a norma. Desta forma, defendo que a missão precisa ser re-escrita para incluir esses sujeitos sociais que foram tornados invisíveis, ou que precisa ser acompanhada por uma discussão que problematize a ausência desses sujeitos na missão.

5) UM HOMEM GAY, UMA MULHER LÉSBICA E A FÉ CRISTÃ: CONFLITOS E NEGOCIAÇÕES DE IDENTIDADE EM NARRATIVAS DE VIDA DE MEMBROS DO GRUPO DIVERSIDADE CATÓLICA

Murilo Silva de Araújo (UFRJ)

A existência de homossexuais que vivem a fé católica é uma realidade. Não costuma ser difícil encontrar indivíduos que, com ou sem crises, praticam uma experiência de fé vinculada ao catolicismo, ao mesmo tempo em que vivem uma sexualidade não-heterossexual. Não obstante, religiões cristãs tradicionais comumente lidam com a homossexualidade de maneira conflituosa, de modo que as identidades destes sujeitos permanecem ainda submetidas a um

jogo de invisibilidades e *armários*, numa conjuntura em que homossexualidade e catolicismo são experiências que costumam ser vistas como incompatíveis. Nesse contexto de conflitos, é curioso observar o surgimento e a consolidação de vozes dissidentes que têm se proliferado, afirmando a possibilidade da vivência simultânea de uma fé cristã e de sexualidades não heterossexuais, em movimentos como o grupo *Diversidade Católica*, do Rio de Janeiro, e o *Grupo de Ação Pastoral da Diversidade*, de São Paulo, além de uma série de outros movimentos que desde junho de 2014 integram a *Rede Nacional de Grupos Católicos LGBT*, acolhendo a experiência de pessoas LGBT e buscando a superação dos discursos tradicionais da Igreja a respeito da sexualidade. A fim de entender os processos de negociação de identidades que surgem neste contexto de certa disputa de significados, investigamos, neste trabalho, como se dão alguns processos de construção identitária nas narrativas de vida de Ezequiel, um homem gay, e de Ester (nomes fictícios), uma mulher lésbica, ambos cristãos católicos, que participam do grupo *Diversidade Católica*. Para atender a tais objetivos, nos apoiamos a uma análise linguístico-discursiva cuja base está nas categorias teórico-metodológicas da Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH 2001 [1992], 2003; CHOULIARAKI & FAIRCLOUGH, 1999), buscando diálogos transdisciplinares com a Teoria Queer (BUTLER, 2003) e com a Teologia Queer (MUSSKOPF, 2003, 2005, 2008). Com a análise, pudemos observar que os narradores representam suas identidades de modo relativamente ambíguo: a dimensão da fé é representada a partir de uma série de *performances*, ligadas a uma rede particular de práticas no campo do catolicismo; e a dimensão da *sexualidade* de modo mais ou menos “essencialista”, tomada como realidade preexistente e fixa. O que vincula tais características é que, de certo modo, ambos os traços são tomados como inegociáveis, de modo que não podem ser abandonados. Inicialmente, em ambas as narrativas, tal “inegociabilidade” se articula em forma de um conflito. No decorrer dos relatos, porém, as trajetórias seguem caminhos distintos: Ezequiel relata não ter superado seus conflitos em definitivo; enquanto Ester afirma ter vivido um processo de reconciliação entre suas identidades gay e cristã. Associando tal observação a uma análise de categorias linguísticas, especialmente em relação ao *sistema de transitividade* (HALLIDAY, 2004), percebemos que, por um lado, Ezequiel usa poucos *processos materiais*, poucas vezes se representando como *ator*; usa *processos mentais* recorrentemente *afetivos*, sempre ligados ao campo semântico do sofrimento; usa *processos verbais* em que ocupa sempre a posição passiva de *receptor*, nunca de *dizente* – sendo que, o dizente, em quase todos os casos, é uma autoridade religiosa. Aqui, problematizamos a maneira como o *conflito* aparece representado como consequência direta de uma tutela institucional conservadora, que impede a abertura a novas compreensões. Por outro lado, a narrativa de Ester possui grande recorrência de *processos materiais*; uso predominante de *processos mentais cognitivos* e *perceptivos*, apontando para movimentos de racionalização e reflexão; e *processos verbais* em que ela ocupa mais recorrentemente a função de *dizente*. Trata-se de representações significativamente opostas, que apontam para os processos de reflexão e agência como eixos de uma abertura para novos significados sobre Deus, fé ou religião.

28 de novembro - 14h15 – 16h 15

SESSÃO 24 - ANÁLISE DO DISCURSO I

Coordenador: Décio Rocha (UERJ)

1) FORMAS DA SEXUALIDADE EM CONTRAPONTO: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NORMAL E ANORMAL NA IMPRENSA FEMINISTA

Juliane de Araujo Gonzaga (UNESP Araraquara)

Nesta comunicação, propomos analisar discursivamente o artigo publicado pelo jornal feminista *Mulherio* (CÔRREA, 1981), que questiona como a revista *Capricho* legitima padrões de normalidade e anormalidade para as formas do órgão sexual feminino. Publicado em São Paulo, de 1981 até 1988, esse jornal foi escrito e editado por jornalistas, historiadoras e sociólogas feministas a partir de um lugar acadêmico e institucionalizado, o que lhe conferiu mais possibilidades de questionar os discursos do Estado, da Igreja, da medicina e da grande mídia no que concerne ao exercício da sexualidade e às decisões sobre o corpo da mulher. Considerando o contexto histórico de emergência desses discursos – a década de 1980 e o processo de abertura política no país – lançamos a hipótese de que os dois jornais, embora apresentem posições enunciativas distintas, materializam na linguagem a proliferação de saberes da sexualidade feminina na mídia impressa da época. Assim, nossos objetivos específicos são i) analisar as posições-sujeito do *Mulherio* e da *Capricho* e seus efeitos de sentido; ii) descrever os processos de constituição do sujeito na e pela linguagem e interpretá-los por viés sócio-histórico; iii) compreender como se constituem a normalidade e a anormalidade sexuais e como a formação desses objetos contribui para determinadas relações de poder. O aparato-teórico que conduz esta pesquisa é o da Análise do Discurso francesa de vertente foucaultiana. Adotamos o método arqueológico de Michel Foucault (2012) que busca descrever, a partir das condições históricas de emergência, as regras de formação dos discursos, bem como as regularidades e as dispersões dos dizeres. Nesse sentido, assumimos a concepção de enunciado como toda materialidade que produz significados conforme condições históricas específicas, e que estabelece relações com enunciados anteriores instaurando uma rede de memória (FOUCAULT, 2012). Visto que a exterioridade determina a formação dos discursos, destacamos também o conceito de posição-sujeito. Os efeitos de sentido são dados pelo lugar ocupado socialmente pelo sujeito, logo, a depender da posição assumida na enunciação e na história, o enunciado pode desencadear relações de poder, isto é, embates e refutações a dizeres outros (FOUCAULT, 1995). A posição-sujeito implica, consequentemente, a subjetividade, pois, em função do lugar ocupado pelo sujeito, das possibilidades que lhes são dadas e da alteridade

com o outro temos processos de constituição do sujeito (FERNANDES, 2012). Interessa-nos, ainda, pensar a *vontade de saber* na sociedade, especificamente no que tange à sexualidade, como movimento histórico e discursivo que distribui posições e poderes, estabelece normas e condutas, regula as formas de ser e exercer a sexualidade socialmente (FOUCAULT, 1999). Em nosso *corpus*, verificamos que, ao assumir a posição-sujeito feminista, o *Mulherio*, em relação de alteridade com a *Capricho*, opõe-se a toda norma que classifica como desviante e anormal as diversas formas do órgão sexual feminino. Portanto, ao se constituir como sujeito de uma sexualidade que refuta padrões de anormalidade, o jornal se opõe à posição-sujeito da revista, a qual atualiza dizeres tradicionais e se constitui em conformidade a práticas disciplinares e normativas sobre o corpo da mulher. Por fim, compreendemos a emergência desses enunciados como acontecimento discursivo singular, pois, na conjuntura da década de 1980, ao atualizar e refutar regras discursivas anteriores, esses enunciados instauram a possibilidade de falar abertamente sobre especificidades da sexualidade da mulher na imprensa.

2) PRESSUPOSIÇÃO E DISPOSITIVO DE NORMALIZAÇÃO NO DISCURSO HETEROSSEXUAL MASCULINO

Luiz Felipe Andrade Silva (UERJ/CAPES)

Ao falar da sociedade do disciplinamento, Foucault chama atenção para o fato de que o desviante, o anormal e o marginal são assuntos muito frequentes e cobertos por um maior sistema de vigilância do que aqueles que representam o ideal almejado (ou os normais). Em suas próprias pesquisas, o filósofo dedica-se muito mais aos dispositivos que cercam e cerceiam o anormal do que, propriamente, ao modo como a norma é estabelecida. Ao tratar do grande enclausuramento do século XVII, o autor fala de um conhecimento tácito da norma, algo semelhante ao que chama de “já-dito” (jamais dito). Mas o que torna possível o reconhecimento daquilo que não é explícito, do não-dito, do silenciado? O que o torna estabelecido permite que a norma seja algo conhecido por todos quando não se pergunta o que ela é? Considerando-se o papel privilegiado que as normas relacionadas à sexualidade e à identidade de gênero recebem em nossa sociedade e do modo como o discurso, considerado como uma prática de engendramento recíproco de uma dada comunidade e os enunciados que produz e são por eles produzidos (Maingueneau, 1997), tomamos como objeto textos de uma seção semelhante a um “correio sentimental” que compõe a revista masculina *Men’shealth* para tentar responder às questões que norteiam esse trabalho. Ali, por meio da cena engendradora pelos embreantes discursivos, se dá um diálogo entre os leitores e uma “autoridade” no assunto que visa a esclarecer e orientar suas dúvidas. É a fala desses especialistas que analisamos de modo a observar como se estabelecem discursivamente as normas a que deve seguir o homem heterossexual, personagem sobre o qual se fala tão pouco, mas que se toma como metro-padrão (DELEUZE, GUATTARI, 1981) pelos dispositivos de normalização sexual. De acordo com Butler (2013), o

comportamento de gênero é um performativo e sua identificação se baseia no cumprimento de determinadas condições de sucesso. Além disso, é ponto comum entre os teóricos que o gênero é um conceito relacional – e, portanto, polêmico, uma vez que se constrói a partir das relações interdiscursivas, das relações entre um Mesmo e um Outro (MAINGUENEAU, 2008). No caso particular dessa revista, sempre é construído a partir da oposição entre o homem e a mulher heterossexuais e do apagamento dos rastros de todos os “desvios” de gênero. Nesses enunciados, o uso do pressuposto (DUCROT, 1972) sobressai como um recurso linguístico-discursivo crucial para a apresentação da norma sexual como algo prévio, compartilhado e protegido de questionamentos. O pressuposto é apresentado como uma evidência, um elemento incontestável do universo discursivo. O não-dito, que se faz presente no enunciado, produz efeitos de sentido e explícita (ainda que de modo tácito) as regras de comportamento de gênero compartilhadas por dada comunidade discursiva. Assim, uma série de estruturas sintáticas é acionada para desenhar essa espécie de pano de fundo comum a partir do qual se constrói a cena enunciativa. Os pressupostos linguísticos trazem à tona um “discurso anterior” que veicula noções acerca dos papéis de gênero e de seu comportamento. A análise dos pressupostos nos faz depreender não apenas os conteúdos implícitos que fortalecem e gerenciam as relações de gênero, como também desenhar as relações interdiscursivas que atravessam esses enunciados, muitas vezes gerando construções ambíguas e incoerentes que deixam à mostra a tensa realização entre o dizível e o tabu, entre o dito e o não-dito.

3) A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO BRASIL NAS NARRATIVAS PORTUGUESAS PUBLICADAS NAS COLETÂNEAS *THE PRINCIPAL NAVIGATIONS* E *PURCHAS HIS PILGRIMES*

Bianca Dorothéa Batista (UFRJ)

Esta pesquisa pretende analisar as narrativas portuguesas sobre o Brasil publicadas nas coletâneas de viagens dos clérigos-editores Richard Hakluyt, *The Principal Navigations, Voyages, Traffiques and Discoveries of the English Nation* (1600), e Samuel Purchas *Hakluyt Posthumus or Purchas his Pilgrimes* (1625) que contribuíram para ampliar o conhecimento dos navegantes ingleses sobre o território brasileiro e povos indígenas. O *corpus* da pesquisa é composto pela carta do governador da Paraíba, Feliciano de Carvalho, a narrativa do navegante Lopes Vaz e o tratado do jesuíta Fernão Cardim. À luz dos estudos de Lisa Voigt (2009), Sheila Hue (2007) e Mary Fuller (1999) se compreende que a publicação destas narrativas estava diretamente vinculada ao escasso conhecimento empírico inglês sobre a arte da navegação e viagens às Américas, o que desencadeou uma dependência editorial dos “sujeitos, textos e discursos espanhóis e portugueses” (VOIGT, 2009, p.263). Estas narrativas foram adquiridas mediante a atuação de corsários ingleses, o que validava a relevância do curso para o projeto editorial de Hakluyt e Purchas de promover a expansão marítima inglesa, ao mesmo tempo em que reformulava o valor dessas ações, construindo verdades acerca dessas práticas que satisfaziam os anseios

dos editores e comerciantes ingleses. A promoção dos segredos ibéricos nas coletâneas de viagens inglesas tornou o livro impresso um espaço textual marcado por disputas político-expansionistas e ideológicas. A imprensa desarticulou o direito de posse das Coroas ibéricas sobre as narrativas dos seus súditos, desafiou a soberania ibérica sobre o Novo Mundo e construiu novos valores socio-culturais ao segredos ibéricos. Como afirma Villas Bôas, o livro impresso tornou este artefato um “palco” de disputas entre atores europeus pela posse do Novo Mundo” (VILLAS BÔAS, 2012, p. 734). *O livro impresso trazia às mãos dos leitores informações sobre os povos e terras das Américas, encurtando, assim, a distância entre o leitor europeu e o Novo Mundo.* A publicação destas narrativas portuguesas em coletâneas de viagem também permite trazer à tona as teorias de Roger Chartier (1996, 1998 e 2002), Donald Mckenzie (1999), Elizabeth Eisenstein (1998) e Gérard Genette (1999) acerca da forma material do texto. A materialidade do texto não envolve apenas a forma como um texto é dado a ler, mas os valores históricos e sociais do período no qual o texto foi escrito, traduzido e publicado. Os dispositivos materiais pelos quais o texto se apresenta a um dado público leitor contêm indícios dos diferentes contextos sócio-culturais e ideológicos que o condicionaram. A “viagem” do texto de uma localidade a outra envolve um encontro com diferentes repertórios culturais e interlocutores/leitores. A circulação do texto em outras localidades também envolve novas formas de valoração e mecanismos de ressignificação do texto por parte dos sujeitos que com ele interagem. Por fim, também elencamos outros aspectos na análise das narrativas, o discurso da descoberta. Pautados na noção bakhtiniana de que os textos são carregados de sentido ideológico, de Blommaert (2006) de que os textos exprimem uma posição do sujeito em relação a um dado tópico num dado contexto comunicativo e de Greenblatt (1996) quanto à simbologia do poder vinculado a ação discursiva de escrever sobre as terras descobertas ao soberano acreditamos que o discurso religioso, político e geográfico das narrativas portuguesas apontam para um discurso de posse sobre o território e sobre os indígenas.

4) FORMAS LINGUÍSTICAS E ESTEREÓTIPOS: O BRASIL EM GUIAS DE VIAGEM EM LÍNGUA ALEMÃ

Pedro Junqueira de Figueiredo (USP/CAPES)

Este trabalho teve como objetivo identificar as formas linguísticas potencialmente estereotipadoras, relacionadas ao Brasil, em guias de viagem em língua alemã e verificar, dentre as mais recorrentes, quais contribuem mais fortemente para a construção de estereótipos sobre o país no contexto dos países de língua alemã. Por tratarmos de estereótipos como instâncias mentais ativadas a partir do processo de leitura e de crenças sociais que grupos têm de outros, partimos de duas vertentes complementares: a *cognitiva* que o concebe como “esquema” (LIPPMAN, 1943, p.59 *apud* ARRAS, 1998, p. 259) e a *psicossocial* que o define como “uma imagem mental padronizada, tida coletivamente por um grupo e que reflete uma opinião

simplificada”(ARRAS, 1998, p. 258) . Dentro da esfera da compreensão do real, a estereotipia cognitivo-social também está relacionada ao processo de leitura, tocando na questão central do nosso trabalho: a relação entre Estereótipo e Texto (AMOSSY, PIERROT, 2010, p. 79, FANDRYCH, 2011), a partir da qual contemplamos a observação de Fandrych de que nesses gêneros textuais existe “a possibilidade de se condensar estereótipos através de atributos linguísticos” (FANDRYCH, 2011, p. 56). Expandindo essa idéia em nosso trabalho para outras formas linguísticas (PERELMAN, 2005, p. 190), identificamos aquelas formas que têm potencial estereotipizador ao relacioná-las com duas características do estereótipo psicossocial (SIMÕES, 1985, p. 207 apud LIMA, 1997, p. 177) que denominamos *Exacerbação* e *Generalização*. A elaboração do corpus iniciou-se com a varredura de 16 guias de viagem em língua alemã de grande popularidade a partir de sugestões de um site de vendas na Internet (Amazon.de), seguida da constatação da grande recorrência de temas entre eles e do fato de estarem semelhantemente divididos em subtipos textuais que se aproximam da classificação de Fandrych (2011) com funções pragmáticas: “Textos Introdutórios” (mistura de funções constativa-assertiva e apelativa, “Textos de Noções Gerais” (função predominantemente informativa), “Textos de Sightseeing” (função predominantemente constativa-assertiva) e Textos de Aconselhamento” (função instrutiva). A partir desses critérios chegamos a um corpus formado por quatro guias de viagem de grande representatividade. Para classificação das formas linguísticas associadas a tópicos sobre o Brasil criaram-se Blocos, Temas e Subtemas para elaboração de tabelas com o objetivo de verificar as predominâncias da característica do estereótipo em cada uma dessas seções, em cada subtipo textual e nos guias de viagem em geral. Os resultados mostraram que as características do estereótipo têm ligações estreitas com os subtipos textuais dos guias de viagem analisados e suas funções pragmáticas. Foi possível chegar a um padrão sobre como os temas se distribuem em todos os guias de acordo com os subtipos textuais em questão, envolvendo os interesses dos produtores do texto na escolha de tópicos que objetivam informar (de forma generalizante) ou promover (de forma apelativa, publicitária). Os temas associados à característica de Exacerbação foram encarados como as maiores estratégias para promover turisticamente o Brasil, motivando o leitor cognitiva e emocionalmente e delineando os principais interesses dos alemães em viajar para o Brasil: Geografia e Natureza e Calor Humano. Também se constatou forte potencial de estereotipização nos textos de Noções Gerais e sua função informativa, pois as características dos guias de viagem levam, forçosamente, à generalizações. Deparamo-nos também com a presença de alguns temas negativos que, em contrapartida, estão em menor quantidade e foram abordados por meio da característica de Generalização, considerada, por nós, como uma forma mais “neutra” do estereótipo. Por fim, detectamos os subtemas que mais provavelmente ativaram estereótipos nos leitores que percorreram os guias do começo ao fim: Brasil = Geografia e Natureza, Calor Humano, Carnaval e Música. O trabalho apresenta contribuições para áreas de Linguística, Turismo e Comunicação.

5) OS MANUAIS DO PROFESSOR DE ELE NO BRASIL

Raabe Costa Alves Oliveira (IFRJ)

Observamos que o manual do professor na atualidade pouco tem sido objeto de investigações. Pensamos que nossos questionamentos pudessem trazer alguma contribuição a respeito do objeto de estudo ou de um aspecto não ou pouco estudado e que, por sua vez, estivesse relacionado à nossa prática profissional como educadora de Espanhol língua estrangeira (ELE). Dessa maneira, considerando que queríamos estudar os documentos orientadores do trabalho docente, decidimos escolher o manual por acreditar que ele é um prescrito que sistematiza o trabalho docente junto ao LD. O estudo situa-se no âmbito das investigações voltadas para documentos, que sistematizam o trabalho do professor, dentre eles, o manual do professor que organiza a atividade docente junto ao livro didático. Nosso trabalho analisa os manuais do professor dos livros de espanhol selecionados pelo MEC que foram distribuídos a professores, em 2005, em função da lei 11161 da obrigatoriedade do ensino da língua espanhola para o ensino médio em todo o território nacional. O objetivo foi identificar imagens discursivas de docente e de ensino de espanhol como língua estrangeira neles construídos. Os fundamentos teóricos adotados advêm da Análise do Discurso de base enunciativa, por isso nos pautamos no pressuposto de que a linguagem integra o conjunto das práticas sociais por meio das quais se estabelecem sentidos e valores que circulam em nossa sociedade. Assim, recorremos aos conceitos de dialogismo (BAKHTIN, 1979) e de polifonia (BAKHTIN, 1979; DUCROT, 1987). Nosso primeiro passo de investigação foi a busca de definição do objeto de estudo. Tentamos aproximar nossa realidade profissional com o objetivo acadêmico, por isso buscamos um objeto que propiciasse essa conexão. Optamos por trabalhar com os manuais do professor de livros didáticos destinados ao ensino médio. Assim, decidimos utilizar como critério de recorte trechos que faziam referência a alguma diretriz do trabalho do professor e ao ensino-aprendizagem do espanhol já que nossas perguntas de pesquisa eram: *Que imagens discursivas de professor de ELE são construídas por esses manuais do professor? Qual é a imagem do ensino-aprendizagem de ELE.* Dessa maneira, escolhemos amostras que procurassem responder a nossas perguntas investigativas. Para essa investigação, consideramos manual do professor como um gênero pouco estável que abarca enunciados destinados ao professor e ao aluno. Por uma questão operacional, selecionamos para análise apenas os enunciados que se dirigiam ao professor, os quais abrangem a presença das respostas das atividades, pequenos diálogos estabelecidos com o docente em tamanho menor e de outra cor e uma parte anexa, denominada pela maioria dos autores, de manual do professor. Cabe dizer que, em alguns momentos da análise, nos referimos a essa parte que se encontra ao final do livro do aluno como sendo a parte anexa ao manual. Os resultados encontrados nesses manuais apontam para a construção de imagens de professor como aquele que necessita ser guiado em sua tarefa, incapaz de realizar suas escolhas em sala de aula, recebedor de ordens; desatualizado com as metodologias de ensino

atuais, necessitando, portanto, de atualização profissional ou, ainda, em busca de instruções facilitadoras para seu trabalho. Já no que se refere à visão de língua, deparamo-nos com um manual que dá ênfase ao trabalho com a leitura, voltado para uma concepção que valoriza aspectos discursivos; outros que afirmam seguir a abordagem comunicativa, com um olhar para a língua em uso, porém adotam procedimentos pautados numa concepção de língua como estrutura e/ou misturam ambas as perspectivas.

SESSÃO 25 - DISCURSO, MÍDIA E GRAMÁTICA

Coordenadora: Eliana de Almeida (UNEMAT/UFF)

1) O CONCEITO DE FORMAÇÃO DISCURSIVA PARA A ANÁLISE DO DISCURSO SOBRE O ENSINO DE LÍNGUAMATERNA

Ronaldo Adriano de Freitas (IFF/UFF)

Esse trabalho é parte de uma pesquisa sobre o Discurso Midiático-Artístico sobre Sociolinguística no Ensino de Língua Materna realizada a partir da visada teórica da Análise do Discurso no âmbito da História das Ideias Linguísticas. A pesquisa propõe que, a partir do conceito de Formação Discursiva, se analise a produção discursiva de jornalistas e artistas acerca da polêmica sobre a utilização de conceitos da sociolinguística, mais especificamente da variação linguística e do reconhecimento da legitimidade das variantes não padrão no ensino de língua portuguesa. A análise de textos de circulação midiático-artística demonstra a produção de um discurso revelador sobre a memória discursiva a respeito do conceito de língua e de suas políticas de ensino, e nela podemos identificar a presença de Formações Discursivas distintas: a que pressupõe que os avanços da Sociolinguística representam melhorias nas práticas de ensino; e a que considera que a incorporação desses avanços são na verdade deturpações do verdadeiro objetivo do ensino de Língua Materna. No presente trabalho, parte-se do princípio de que a utilização do conceito de Formação Discursiva não é trivial, uma vez que a constituição heterogênea da Análise do Discurso Francesa e o constante refinamento teórico a que se propõe essa disciplina faz com que a definição de Formação Discursiva venha sofrendo alterações ao longo do tempo, mesmo dentro de uma mesma corrente de análise. Em virtude disso, far-se-á aqui um breve levantamento do conceito de Formação Discursiva em Foucault, Pêcheux, Courtine e Maingueneau, verificando sua inter-relação com outros termos chave da análise do discurso, como interdiscurso, interincompreensão e assujeitamento, bem como se analisará a pertinência de tais refinamentos teóricos para a análise dos posicionamentos no discurso midiático-artístico sobre sociolinguística no ensino de língua materna. O conceito de

Formação Discursiva, em Foucault, pode ser definido como um sistema de relações entre objetos, tipos enunciativos e conceitos que possibilitam a passagem da dispersão para a regularidade. Não há para ele nenhuma relação com a noção de ideologia, elemento fundamental para Pêcheux, que retoma o conceito de Foucault para aproximá-lo do de formação ideológica, desenvolvido por Althusser. Formação Discursiva é inicialmente para Pêcheux algo que, numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito. Esse conceito passa a ter, assim, relação fundamental com o conceito de sujeito que será constituído a partir de uma Formação Discursiva. Em Maingueneau, o conceito de formação discursiva deriva diretamente do de Foucault, mas ao relacioná-lo aos conceitos de interdiscurso e interincompreensão, o conceito é definido como um conjunto de regras que permitem dizer ou interpretar, o que acaba por aproximá-lo da ideia pecheutiana de Formação Discursiva. Por sua vez, Courtine irá aproximar os conceitos de Foucault e de Pêcheux, a partir da leitura da evolução das ideias do segundo, que acaba reconhecendo o lugar dos acontecimentos em detrimento da centralidade da estrutura, o que modifica a noção de formação discursiva, que passa a ser entendida a partir do papel da memória e das práticas discursivas. Diante de tais posicionamentos teóricos o uso do conceito de Formação Discursiva para a análise do posicionamento em relação ao ensino de línguas se mostra promissor, já que podemos dele explorar tanto os aspectos ideológicos, quanto a forma de estruturação da polêmica, compreendendo sempre que se trata de buscar regularidades que permitem compreender o funcionamento discursivo.

2) AMOR E ARTE: DO TEMA AO ACONTECIMENTO DISCURSIVO

Atilio Catosso Salles (PG/UNIVÁS/FAPEMIG)

Orientadora: Eni Puccinelli Orlandi (PG/UNIVÁS)

Esta comunicação visa à apresentação e compreensão de algumas noções presentes em *Análise de Discurso*, entre elas, a de 'tema' e 'acontecimento discursivo'. Os fundamentos teóricos desse trabalho norteiam-se a partir de Pêcheux (2002; 2010), Orlandi (1995; 2012) Guilhaumou & Maldidier (2010), Lacan (1959, 1960, 1997) e Badiou (2010), cujas leituras serão discutidas e movimentadas em gestos de análise, por meio de produções audiovisuais. Nessa perspectiva, pensando a relação do discurso amoroso e arte, lemos os movimentos denominados instalações, intervenções, performances e flash-mobs como acontecimentos discursivos, em que buscaremos compreender os movimentos de sentido instalados, entre o eu e o outro, entre os sujeitos escapantes e seus espaços de ocupação e, por conseguinte, os modos de produção de vida material. É a partir do recorte de algumas imagens de uma *performance* realizada em 2010, pela artista Marina Abramovich, no *MoMA*, em Nova Iorque, chamada "The Artist Is Present", que traçamos apontamentos sobre o modo como o amor é discursivizada na arte, compreendendo 'discursividade' como *inscrição de efeitos materiais*

na história. Pois bem, a denominação de um acontecimento, e na arte estamos diante de um acontecimento discursivo - *tende a prefigurar discursivamente o acontecimento*, diz M. Pêcheux (1990, p20), a dar-lhe significação, buscando preencher os furos, tamponá-los. Mas este movimento não tira a opacidade do acontecimento na obra de arte. Afinal, de acordo com Lacan (1959-60/1997), a partir da metáfora do pote, o que garante “vida eterna” à Coisa, aqui *parafrasticamente* pensando a *performance* enquanto o pote, sua ‘dignidade de Coisa’, é o buraco. E é nesse lugar que nos apoiamos para pensar o acontecimento discursivo do canto de amor em diferentes matérias significantes da arte, que não cessam de não se inscrever aos pedaços com um *impossível* (epistemológico, do saber) e com um *incontível* (histórico do saber). O funcionamento da instância ideológica, de acordo com Pêcheux (1997), produz, pelo próprio processo de interpelação ideológica, um assujeitamento que, por sua vez, constitui o sujeito enquanto forma-sujeito, àquele agente das práticas sociais. Para o autor, através da submissão aos significantes da língua (o já-lá, o pré-construído), *essa identificação, fundadora de unidade (imaginária) do sujeito apoia-se no fato de que elementos do interdiscurso [...], são re-inscritos no discurso do próprio sujeito* (PÊCHEUX, 1997: p.163). Davallon (1999) afirma que para que algo fique na memória é preciso que o saber registrado ‘toque’ o sujeito, o ‘cause’, seja significativa para ele; o que, para Pêcheux, estaria na ordem do acontecimento discursivo. Segundo Pêcheux (1999), a memória tende a absorver os acontecimentos como uma série matemática em que é possível presumir o próximo número, mas quando algo rompe essa série, fura a sequência, é o acontecimento discursivo desmanchando esta “regularização”. É a desregulação dos sentidos produzindo abertura. Ao percorrer os corredores da discursividade do amor na obra de arte, nos perguntamos: como o artista provoca uma “sensação” estranha no modo como ele apresenta o objeto (arte) e, também, como o vazio exposto a partir desse objeto pode expor a opacidade de um “tema” (possibilidade *de dizeres* em uma situação histórica dada) como o amor, sob uma nova perspectiva, incapaz de representá-lo? Essa característica, talvez, é o que confere à arte o seu caráter de eternidade por nunca se poder dizer tudo sobre ela, por sempre haver um ponto inabordável. O tema amor, no acontecimento da arte, apresenta-se sempre aberto a inesgotáveis interpretações, deixa a interrogação de um vazio. Vazio, lugar do possível, que significa historicamente.

3) A IMAGEM NO DISCURSO JORNALÍSTICO

Fernanda Luzia Lunkes (UFF/PNPD-CAPES)

Esta apresentação compõe uma pesquisa preliminar que concerne ao projeto de pós-doutoramento (UFF), sob supervisão de Bethania Mariani. A pesquisa, filiada à Análise de Discurso francesa (PÊCHEUX, [1969] 1997, [1975] 2009, [1983] 1990, [1983] 2010), objetiva ampliar e aprofundar alguns dos conceitos e das noções estudados no doutorado em relação à análise discursiva da imagem (PÊCHEUX, [1983] 2010; LAGAZZI, 2009). A partir do levantamento

de imagens que circulam na mídia tradicional e alternativa, daremos continuidade ao arquivo de imagens já construído pelo *Laboratório Arquivos do Sujeito* (LAS/UFF), sob coordenação geral de Bethania Mariani, atuando em duas frentes: 1) organização de um arquivo das imagens analisadas em pesquisas anteriores pelos integrantes do LAS (UFF); 2) acrescentar imagens ao arquivo do LAS a partir daquelas que serão analisadas no percurso de pós-doutorado. A análise que desenvolvemos visa situar as produções de sentidos das imagens no discurso jornalístico atentando-se às regularidades e aos deslocamentos que estão em jogo, ou seja, o que insiste em comparecer, e aos processos de silenciamento produzidos no enquadramento da imagem. Também buscamos analisar os modos pelos quais o corpo discursivo comparece na imagem, desenvolvendo o que em nossa pesquisa de doutorado designamos como *traços do imaginário*, e que permite empreender recortes e analisar alguns dos efeitos de sentidos produzidos no enquadramento do corpo na imagem do discurso jornalístico. Todos os elementos até aqui apresentados tocam em um objetivo mais geral de nossa pesquisa, que visa analisar o funcionamento das relações sociais no espaço urbano a partir da imagem do discurso jornalístico, posto que a imagem produz o efeito de sentido de ser o possível e o necessário de se mostrar de uma determinada formação social. Desta maneira, é possível afirmar que toda imagem comporta o que é da ordem do político, daí propormos e desenvolvermos em nossa pesquisa a noção do “político da imagem”. Esta expressão tem como base o trabalho de Orlandi (2001), que postula que toda produção de sentidos é dividida e está relacionada à tomada de poder. Desta maneira, o discurso é um palco de tensões, visto que os sentidos não estão à deriva, mas são calcados em uma sociedade que produz vestígios discursivos das relações de poder em jogo em uma dada época. O fato de uma sociedade simbolizar permite, ainda que sob a sombra do equívoco, apontar para determinadas direções de sentido vigentes, assim como para gestos de resistência. Desta maneira, é do político o modo como a imagem é enquadrada. Ao utilizarmos o termo ‘enquadramento’ buscamos mobilizar alguns dos sentidos que produz: a) característica da fotografia – plana e enquadrada (AUMONT, 2006); b) noção que permite compreender o espaço urbano enquanto “espaço significativo” (ORLANDI, 2009, p. 16); c) modo de designar nosso gesto de leitura do que é possível e necessário de se mostrar no discurso jornalístico. No presente trabalho pretendemos desenvolver alguns pontos referentes aos objetivos propostos na pesquisa e, pelo recorte de imagens que circulam na mídia tradicional e alternativa, objetivamos debater sobre um determinado funcionamento que tem sido regular no discurso jornalístico: o comparecimento de imagens que produzem o gesto de enquadramento da violência no espaço urbano.

4) SOBRE O EFEITO DE PRÉ-CONSTRUÍDO DO NOME GRAMÁTICA: UMA TENSÃO ENTRE MEMÓRIA E ATUALIDADE

Juciele Pereira Dias (UFF/LAS/CAPE-S-PNPD)

Filiada às perspectivas teórico-metodológicas da História das Ideias Linguísticas e da Análise de Discurso, segundo os autores Michel Pêcheux (2010), Sylvain Auroux (2001) na França e Eni Orlandi (2002), Bethania Mariani (2004) e Amanda Scherer (2005) no Brasil, a comunicação deste trabalho tem como objetivo propor um momento de apresentação e de discussão sobre o conceito de tecnologia de linguagem na sua relação com as ciências da linguagem, tendo como base a análise de definições do nome *gramática* na produção do conhecimento sobre a língua no Brasil, mais especificamente, em manuais de ensino de *língua portuguesa* do século XVI até a contemporaneidade. Com base nas pesquisas que desenvolvemos no doutorado e que estamos dando continuidade no pós-doutoramento – com vistas a uma compreensão da constituição do sujeito brasileiro pela língua e determinado pelas (novas) tecnologias –, compreendemos que a ideia de gramática, na história do conhecimento linguístico brasileiro, constitui-se por efeitos de sentidos de um imaginário de unidade na relação língua (portuguesa)/estado-nação(brasileira) (Orlandi, 2002), que se sustenta em uma memória institucionalizada da língua do Brasil como advinda da metrópole portuguesa do século XVI. Essa memória de colonização (Mariani, 2004), sintomática, tem atualizado, ao longo de séculos, uma definição do nome *gramática* (n) a qual (se) atualiza o efeito de pré-construído *arte de falar e escrever corretamente*, enunciado que se repete, historicamente, inscrevendo-se em diferentes formas de representação do saber sobre a língua, da Antiguidade até atualidade. Dos projetos de expansão ocidental econômica e religiosa, das tentativas de apreensão de um sentido unívoco ao trabalho sobre a plurivocidade do sentido na divisão social do trabalho da leitura (cf. Pêcheux, 2010), as definições do nome *gramática*, designadas enquanto arte, estão em um horizonte de retrospectiva tanto de um ensino escolarizado de *língua portuguesa* quanto o da institucionalização da Linguística como ciência no Brasil (Dias, 2009), o que nos leva a acordar com a noção de Auroux (2001), de saber linguístico como um ato contínuo, múltiplo, que se constitui por uma temporalidade ramificada. Dessa maneira, os modos de institucionalização (compêndio, disciplina, ciência) das diferentes formas de representação do saber (gramática, Linguística) são determinados por políticas linguísticas acerca do processo de produção do conhecimento em certa ordem e época, bem como pelas diferentes posições sujeito de um autor ao definir um nome, nesse caso, o de *gramática*. Considerando que uma possível maneira de se compreender os modos de institucionalização do enunciado supracitado em suas repetições na definição de *gramática* é trabalhar no entremeio da memória institucionalizada e dos efeitos de sentidos dessa memória pelos gestos de leitura do arquivo. Desse modo, desenvolveremos uma análise sobre os efeitos de sentido desse nome a partir de alguns manuais de ensino de língua da contemporaneidade até o período colonial, a saber as definições de *gramática* em: **Grammatica da lingoagem**

portuguesa em Fernão de Oliveira (1536), **Grammatica da lingua portuguesa** em João de Barros (1540) e na *cartinha* de João de Barros (1539), **Arte da grammatica portuguesa** em Reis Lobato (1771), **Compendio Grammatica da lingua nacional** em Antonio Alvares Pereira Coruja (1835), Julio **Grammatica Portugeueza** em Julio Ribeiro (1881), **Grammatica Portugeueza** em João Ribeiro (1889), **Grammatica Expositiva** em Eduardo Pereira (1907) e **Moderna Gramática Portuguêsa** em Evanildo Bechara (1961).

SESSÃO 26 - VARIAÇÃO E MUDANÇA II

Coordenadora: Valéria Chiavegatto (UERJ)

1) A VOCALIZAÇÃO DA LATERAL PALATAL [ʎ] > [j] NO FALAR DA COMUNIDADE DE CÁCERES NO ALTO PANTANAL DE MATO GROSSO

Jocineide Macedo Karim (UNEMAT/FAPEMAT)

Taisir Mahmudo Karim (UNEMAT/FAPEMAT)

Este artigo tem como base teórica a Sociolinguística e trata da vocalização da lateral palatal [ʎ] > [j] uso linguístico frequente no falar dos informantes mais velhos da cidade de Cáceres localizada a 240 km da capital do Estado de Mato Grosso, Cuiabá, e a 80 km da fronteira do Brasil com a cidade boliviana de San Mathias. Sua extensão territorial é de 24.965,94 Km²; situa-se na Mesorregião Centro-sul mato-grossense na Microrregião do Alto Pantanal, com a área sul do município fazendo parte do Alto Pantanal de Mato Grosso. Nosso objetivo é mostrar a atuação desse uso na comunidade cacerense e, assim, trazer uma contribuição para o conhecimento da variação dialetal no português do Brasil. O *corpus* analisado neste estudo foi constituído a partir de entrevistas realizadas conforme sugestões de Labov (1972) e Tarallo (1997). Foram entrevistados doze informantes nativos da cidade de Cáceres, que fazem parte da comunidade São Lourenço. Os informantes, com linguagem estabilizada, se distribuem em duas faixas-etárias: a primeira, de 42 a 51 anos (adultos mais novos) e a segunda de 59 a 91 anos (adultos mais velhos). Essa escolha se justifica pelo fato de que nessas faixas-etárias os falantes apresentam um comportamento definido em relação à linguagem. Foram entrevistados seis informantes de cada faixa etária, sendo três do sexo masculino e três do sexo feminino. Os resultados apontam uma diferença no uso desse fenômeno linguístico entre as duas faixas etárias: os adultos mais novos usam [ʎ], mas mostram pouca adesão ao uso, revelando maior identificação com as [j]. Já os mais velhos de ambos os sexos mostram uma fala marcada pelo uso da vocalização da lateral palatal [ʎ]. Os resultados alcançados neste estudo seguem na direção dos resultados atestados em outros estudos que tratam de variação linguística no Estado de Mato Grosso, na

Baixada Cuiabana por Palma (1980), Dettoni (2005) e Lima (2006) e na cidade de Cáceres por Silva (2000) e Macedo-Karim (2004 e 2012). Essas variantes foram atestadas nos informantes das duas faixas etárias e de ambos os sexos e mostram que os nativos da comunidade cacerense usam as variantes linguísticas que identificam o seu falar. Desse modo, é possível perceber que eles se mostram seguros em relação a sua prática linguística, não policiam sua fala; eles têm atitudes positivas em relação ao seu falar; ou seja, não demonstram preocupação com sua norma linguística, ao contrário, manifestam satisfação em relação a sua maneira de falar.

2) ALTEAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS

Silvia Carolina Gomes de Souza (UFRJ)

O presente trabalho tem como objetivo descrever o comportamento das vogais médias seguidas de consoante nasal, com base em dados orais coletados em entrevistas realizadas na cidade do Rio de Janeiro nas décadas de 70, 90 e 2010. Para tanto, utilizam-se seis informantes, estes pertencentes a três faixas etárias (25-35a; 36-55a; 56 em diante) e nos dois gêneros (masculino e feminino), disponibilizados no endereço eletrônico dos projetos *Norma Linguística Urbana Culta – RJ* (NURC) e no *Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias*. Verifica-se a possibilidade de estas vogais altearem de [e] ~ [i] e de [o] ~ [u], por exemplo, [en]volver X [in]volver, [com]prido X [cum]prido. O alteamento das vogais médias pretônicas é objeto de estudo de muitos autores como Castro e Viegas. Castro (1991, p.20) afirma que a elevação das pretônicas se tenha generalizado no português durante a primeira metade do século XVIII, destacando que deva ter se iniciado no século anterior. Viegas (1987: 163-168) defende que a variação ocorre em contextos específicos, sendo possível descrever o fenômeno através de uma regra fonológica variável. No entanto, destaca que há itens lexicais que sempre alteiam e outros que não sofrem o processo, apresentando ou não contextos fonéticos favorecedores, o que permite afirmar que a regra de alçamento atua primeiramente nos itens lexicais mais frequentes e mais comuns. Através de uma análise qualitativa e quantitativa, observou: (i) o processo de alteamento durante as décadas 70, 90 e 2000; (ii) os fatores sociais e linguísticos que propiciaram o fenômeno de acordo com os subsídios teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista (LABOV, 1972/2008; 1994/2001, WEINRICH, LABOV, HERZOG, 1968/2006); (iii) o alteamento em uma análise em tempo real de curta duração (Paiva e Duarte, 2003); (iv) se há um condicionamento de base difusionista no alteamento. Foram encontrados 1448 dados: 698 ocorrências da vogal média anterior e 750 ocorrências da vogal média posterior. O alteamento ocorreu 367 vezes no conjunto das vogais pretônicas médias anteriores e 110 vezes nas vogais pretônicas médias posteriores. Portanto, constatou-se que há uma diferença quantitativa entre o alteamento de (o) e de (e), comprovando-se as hipóteses de que: (i) há uma maior frequência do alteamento das vogais médias anteriores; (ii) o alteamento da posterior, por se tratar das pretônicas seguidas de consoante nasal, é menos cômodo articulatoriamente

ao falante, visto que a vogal [u] é a mais posterior da série e a consoante nasal articula-se na parte anterior do trato vocal. Tais resultados também foram encontrados nos estudos de Viegas (1987) e Lemos (2003). Em Viegas (1987), tem-se 2190 dados de vogal pretônicas anterior [e] contra 1741 de vogal posterior [o]. Em Lemos (2003), verificou-se 614 dados de vogal anterior contra 540 dados da posterior. Além disso, em uma análise de tempo real de curta de curta duração, verificou-se uma estabilidade do processo de alteamento com redução do fenômeno nas três décadas consideradas. Pretende-se, com o estudo do alteamento das vogais médias pretônicas, contribuir para a descrição do português brasileiro.

3) ANÁLISE LEXICAL DO PROCESSO DE ALTEAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS: UM OLHAR SOBRE NOVA IGUAÇU

Anna Carolina da Costa Avelheda (UFRJ)

Tratando-se do estudo da variação linguística, sobretudo no que tange ao nível fonético-fonológico da língua, duas são as abordagens propostas: a neogramática, que considera que o único condicionamento atuante é o fonético, e a difusionista, que considera que o condicionamento lexical é mais atuante, tendo em vista que há processos fonológicos que não são explicados somente por condicionamentos sonoros. O processo de alteamento, que faz as vogais médias de segundo grau [e, o] passarem a vogais altas [i, u] na pauta pretônica, é geralmente descrito como um fenômeno de harmonização vocálica. Segundo Camara Jr. (2006: 44), “as oposições entre /o/ e /u/, de um lado, e, de outro lado, /e/ e /i/, ficam prejudicadas pela tendência a harmonizar a altura da vogal pretônica com a da vogal tônica”. Para Abaurre-Gnerre (1981), considerando que o alteamento de uma vogal pretônica nem sempre se justifica em virtude da harmonização vocálica, sugere outra abordagem para a análise do fenômeno: o processo de redução vocálica, segundo o qual se reduz a diferença articulatória entre a vogal pretônica e as consoantes que lhe são adjacentes. Ao lado dessa abordagem de cunho neogramático, Viegas (2001) aponta que há itens que possuem contexto, mas não são atingidos pela regra de alteamento, enquanto outros há que não o possuem e são atingidos. Oliveira (1991) afirma que o contexto fonético não garante que o processo se aplique ou não aos itens sob análise, de modo que uma abordagem de natureza difusionista melhor poderia explicar seu funcionamento, tendo em vista que o processo atingiria primeiramente os itens utilizados em situações mais familiares ou menos prestigiadas. Com base no *corpus* constituído por meio de entrevistas com informantes de Nova Iguaçu, disponíveis no sítio eletrônico do Projeto *Estudo Comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias*, o presente trabalho, inserido na análise sociolinguística variacionista de orientação laboviana (WEINREICH, LABOV & HERZOG, 1968), a ser apresentado sob forma de Comunicação, pretende elaborar uma análise que considerará cinco casos de especialização semântica encontrados entre os que foram submetidos à análise sociolinguística. Tratam-se como especialização semântica os dados de pares homônimos – como *concerto* vs. *cunserto*,

Senhor vs. sinhor, porção vs. purção, nos quais o alçamento se relaciona ao desprestígio do item ou à intimidade do informante com ele. Segundo Labov (2008: 290), “os falantes não aceitam de imediato o fato de que duas expressões diferentes ‘têm o mesmo significado’ e existe uma forte tendência a atribuir significados diferentes a elas”. Para Cristófaros-Silva (2001), “o falante faz escolhas lexicais específicas em situações específicas”. A análise se dividirá em duas partes: inicialmente, será realizada uma revisão teórica de tudo o que se diz a respeito da atuação lexical no condicionamento de um fenômeno e da especialização semântica das variantes nele envolvidas; em seguida, serão levados em consideração os dados de especialização semântica identificados no *corpus* supracitado, com vistas a observar como o critério do prestígio social determina as escolhas específicas para cada situação.

4) ESTUDO COMPARATIVO DO VOCALISMO PRÊTÔNICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E EUROPEU: AS POSTERIORES

Eliete Figueira Batista da Silveira (UFRJ)

Os estudos acerca do vocalismo átono prêtonico mencionam que o Português Brasileiro (PB) e o Português Europeu (PE) distinguem-se pela manutenção das médias /e/ e /o/, no primeiro, e pela preferência quase-categórica das variantes altas /i/ e /u/, no segundo. As prêtonicas no PB indiciam uma retração do fenômeno, ou seja, ao longo do tempo o alteamento se mostra um fenômeno menos produtivo e conservador. Os dados de prêtonicas posteriores revelam um estágio de variação no PE, mostrando-se tanto quanto no PB, contexto de maior resistência ao alteamento. O presente trabalho, baseado em dados do PE, revela a progressão do fenômeno, com resultados indicando uma mudança em curso: o cancelamento de vogais em posição prêtonica (pr[Ø]v[Ø]cava; nam[Ø]rar; c[Ø]legas). Os objetivos do presente estudo centram-se na comparação dos dois sistemas, verificando: i) as variantes detectadas para o PE em relação a /o/ ([ɔ], [o], [u] e [Ø]); ii) os fatores condicionantes do alteamento nos dois sistemas linguísticos; iii) a atuação de variáveis de ordem linguística e social; e iv) o estágio do processo de apagamento de prêtonicas no Português Europeu. Consideram-se os resultados encontrados para a variedade do Rio de Janeiro (Nova Iguaçu). A análise do PE, considerou as localidades de Cacém, Oeiras e Funchal. Contemplam-se, assim, regiões mais e menos próximas do polo cultural (Lisboa), assegurando-se a descrição dos dialetos padrão do PB e PE. Analisou-se um total de 4.107 dados (3.162 de variante alteada [u ũ]; 945, não alteada [o õ]). Como hipótese geral, entende-se que PB e PE estão em caminhos diferentes no que tange ao quadro das prêtonicas; no entanto, os mesmos condicionamentos estruturais e não-estruturais estão atuando sobre os dois sistemas. Os resultados gerais indicam que o alteamento no PB é favorecido por contexto de hiato e travamento por nasal; já no PE, são as sílabas livres (CV e CCV) e a travada por /R/. Este é contexto categórico de não alteamento no PB. O alteamento da prêtonica posterior está condicionado à contiguidade à vogal alta tônica, no PB, e a qualquer

vogal tônica no PE, destacando-se a posição medial como contexto favorecedor. No contexto antecedente, as consoantes velar/uvular (dorso da língua levantado) e labial (baixa o F2 de [o] aproximando-o de [u]) condicionam igualmente o alteamento da posterior no PB e no PE. No PB, labiais (baixa o F2 de [o] aproximando-o de [u]) e palatais (corpo da língua levantado) atuam para o alteamento de [o]. No PE, pós-alveolares e alveolares favorecem o alteamento da posterior, resultado diferente do encontrado para esse contexto no PB. Nas duas variedades, é o contexto permanentemente átono o favorecedor do alteamento. Para o PB, a elevação da posterior está produtiva entre os homens, ao passo que, no PE, são as mulheres as mais produtivas. Parece ser o verbo (forma nominal ou finita) a classe em que o alteamento mais se processa. As variáveis grau de *escolaridade* e *faixa etária* dão conta de que, no PB, a elevação da posterior está em variação estável e de que tende a estar presente entre falantes mais jovens. A variável *natureza da vogal da sílaba seguinte* (PE) mostra que o alçamento se dá com diferentes vogais na sílaba seguinte. Chama a atenção o fato de o cancelamento da pretônica medial condicionar o alteamento da pré-pretônica, num processo semelhante ao que já ocorreu com a pretônica anterior que ora já tende ao cancelamento. A variável localidade revela que o padrão ainda é a média fechada [o], uma vez que se nota uma escalaridade de maior produtividade em Funchal (mais distante do centro irradiador), decrescendo em Oeiras e Cacém (localidades mais próximas a Lisboa).

SESSÃO 27 - LINGUÍSTICA COGNITIVA II

Coordenadora: Janine Pimentel (PUC-RIO)

1) DUAS METODOLOGIAS NO TRABALHO TERMINOLÓGICO: ESTUDO CONTRASTIVO COM BASE NO CONCEITO DE *CESSAR-FOGO*

Sérgio Barros (Universidade Nova de Lisboa)

Janine Pimentel (PUC-RIO/ PNPd-CAPES)

Nos últimos tempos, no contexto do conflito entre Israel e o grupo armado *Hamas*, os sucessivos acordos de cessar-fogo entre ambas as partes foram objeto de debate na mídia. Estes eventos motivaram dois terminólogos a aplicarem cada um a sua metodologia na análise e descrição terminológicas do conceito de *cessar-fogo*. Deste desafio inicial resultou um estudo empírico para compreender e contrastar os princípios e métodos que orientam cada uma das metodologias nas vertentes conceptual e léxico-semântica. O principal objetivo do estudo é contribuir para a discussão em torno da pluralidade de abordagens ao trabalho terminológico (PICHT, 2006), com particular enfoque na discussão de dicotomias inerentes à área da terminologia (MYKING, 2007). A vertente prática da terminologia pode se revestir das mais variadas formas dependendo

dos princípios teóricos subjacentes e dos objetivos da pesquisa e/ou tarefas pretendidos, o que dá origem a uma pluralidade de abordagens metodológicas. Neste artigo, são descritas duas metodologias que dão primazia à vertente conceptual da terminologia sem ignorar o auxílio de uma abordagem lexical e semântica.

A primeira abordagem baseia-se numa perspetiva que tem como objetivo estabelecer a interação entre a teoria terminológica wüsteriana e a descrição de formas linguísticas que facilitam a análise e organização de conceitos em mapas conceptuais. Por um lado, faz uso da tipologia de relações conceptuais desenvolvida por Nuopponen (2005, 2011). Por outro lado, baseia-se no trabalho de Meyer (2001) e outros que estudaram o comportamento de marcadores lexicais em *corpora*. Enquanto a primeira componente fornece o modelo para uma análise de conceitos com pressupostos terminológicos, a segunda serve o propósito de identificar relações entre conceitos em textos de especialidade. A segunda abordagem baseia-se na teoria da semântica de quadros (FILLMORE & ATKINS, 1992; FILLMORE, 1977, 1982, 1985) e na metodologia subjacente ao projeto FrameNet (RUPPENHOFER, ELLSWORTH, PETRUCK, JOHNSON, & SCHEFFCZYK, 2010). A semântica de quadros tem como objetivo estudar e definir os significados das unidades lexicais tendo em conta o seu comportamento em *corpora* e em função do conjunto de quadros (ou cenários conceptuais) evocados por elas. Os recursos obtidos com ambas as metodologias, num caso um mapa conceptual e noutra uma entrada lexicográfica, permitem-nos verificar em que aspetos elas se diferenciam ou se aproximam. Sendo um dado adquirido *a priori* que ambas se focalizam no conceito e que ambas utilizam *corpora*, os resultados deste estudo refletem perspetivas diferentes, porventura complementares, sobre os pares dicotómicos conceito/significado, termo/unidade lexical e relação conceptual/relação semântica. A apresentação está organizada da seguinte maneira: primeiramente, de modo a situarmos a contribuição deste estudo, apresentamos uma síntese dos estudos em que a abordagem “tradicional” da terminologia foi objeto de contraste com abordagens mais recentes; na segunda parte da apresentação, expomos e explicamos os princípios de seleção do conceito de *cessar-fogo*, após o que descrevemos ambas as abordagens utilizadas na análise deste conceito, incluindo as suas aplicações, bem como os princípios que lhes subjazem; e, finalmente, após a ilustração das semelhanças e diferenças entre as duas abordagens bem como das ilações retiradas, apresentamos as nossas conclusões.

2) O TRATAMENTO DE METONÍMIAS EM RECURSOS LEXICAIS ELETRÔNICOS: UMA ABORDAGEM À LUZ DA SEMÂNTICA DE FRAMES

Maucha Andrade Gamonal (UFJF/CAPES)

Tiago TimponiTorrent(UFJF/CAPES)

Este trabalho insere o objeto de estudo de doutorado que vem sendo desenvolvido dentro do projeto FrameNet Brasil, rede semântico-lexical para o português do Brasil baseada na FrameNet (FILLMORE *et al.*, 2003, RUPPENHOFER ET AL., 2010). A FrameNet é um projeto em

desenvolvimento desde o ano de 1997 no International Computer Science Institute (ICSI), em Berkeley, Califórnia. Em linhas gerais, a rede constrói recurso lexical online, explorando as ferramentas oferecidas pela Linguística de Corpus, e nos moldes da teoria da Semântica de *Frames* (FILLMORE, 1982). O intuito é pesquisar a linguagem a partir da intrínseca relação que esta estabelece com a experiência humana, para assim poder modelar, a partir de frames, os eventos e as situações e, conseqüentemente, descrever o léxico. Com o desenvolvimento do dicionário eletrônico trilingue - Português, Inglês, Espanhol - Copa 2014, <http://dicionariodacopa.com.br/>, pela FrameNet Brasil (UFJF) em parceria com o ICSI e com o grupo de pesquisa FrameCorp (UNISINOS), foi possível registrar as contribuições desse aporte teórico-metodológico no processamento de linguagem natural. Para dar continuidade a esse trabalho, já que aplicações como tradutores automáticos requerem ferramentas e processos computacionais capazes de manipular informação apresentada em linguagem natural, e assumindo que as informações de caráter morfossintático estejam em nível mais consolidado de manipulação computacional, o projeto de doutoramento vem desenvolvendo modelo linguístico-computacional capaz de desambiguar casos de polissemia mediada por metonímia em recursos lexicais, pois seu processamento depende do tratamento de informações de cunho semântico-pragmático. Para ilustrar esta questão, as sentenças de (1) a (3) trazem exemplos nos quais o sujeito gramatical Brasil apresenta polissemia mediada por metonímia: (1) O BRASIL ocupa quase a metade do continente. Com o Oceano Atlântico banhando a costa leste, o país faz fronteira, ao norte, com Venezuela, Guiana, Guiana Francesa e Suriname. Os vizinhos a oeste são Argentina, Paraguai, Bolívia e Peru. A noroeste, Colômbia, e diretamente ao sul, Uruguai. (FIFA – FN.Br); (2) O BRASIL aderiu à Convenção do Patrimônio Mundial em setembro de 1977 e atualmente comporta 17 bens inscritos na Lista do Patrimônio Mundial, sendo dez Patrimônios Culturais e sete Naturais. (BrasilTour – FN.Br); (3) O BRASIL não parece disposto a promover apenas mais uma Copa. Ser original e pioneiro também está na agenda do Comitê Organizador da Copa. A direção de operações já está trabalhando neste sentido. (FIFA – FN.Br). A sequência de letras B-R-A-S-I-L, em cada uma das orações, não suscita dificuldades de interpretação para seres humanos. Todos compreendem que ela se refere a, respectivamente, um território (1), uma seleção de futebol (2) e a um Estado (3). Entretanto, para uma máquina, essa sequência de letras não inclui tais interpretações, desse modo, é preciso mapear os possíveis sentidos a que o termo faz referência a fim de desenvolver inteligência suficiente para as máquinas realizarem essas interpretações. Para criar mecanismos de desambiguação, o suporte teórico-metodológico a ser desenvolvido pretende aperfeiçoar o software de análise sintático-semântico desenvolvido no ICSI, o qual é utilizado gratuitamente pela FN.Br. Os resultados, certamente, contribuirão para a criação de tecnologia em PLN e serão explorados em outros produtos a serem desenvolvidos pela FrameNet Brasil.

3) AS RELAÇÕES SEMÂNTICAS NO DICIONÁRIO COPA_2014 FRAMENET BRASIL

Daniela Simões Gomes (UFJF)

Maucha Andrade Gamonal (UFJF/CAPES)

O presente trabalho pretende apresentar um recorte do dicionário *Copa_2014 FrameNet Brasil*, demonstrando como as relações semânticas entre *frames*, sistematizadas pela *FrameNet*, em especial a relação de *Perspectiva*, contribuíram para a modelagem deste dicionário. No domínio do Turismo, a relação *Perspectiva* é percebida pelas Unidades Lexicais (UL), as quais são entendidas por um pareamento de um lexema com um *frame*. As Unidades Lexicais *visitar*, *atrair* e *possuir*, por exemplo, perfilam Elementos de Frames distintos para retomar um mesmo evento. Enquanto a UL *visitar* perfila o **Turista**, como em *os torcedores visitaram o Pão de Açúcar*, a UL *atrair*, em *a paisagem belíssima atrai turistas de todo o mundo*, focaliza a **Atração Turística**, já *possuir* assume a perspectiva do **Lugar** como em *Ouro Preto possui igrejas fascinantes*. No domínio do evento da Copa do Mundo, a mesma relação demonstra duas perspectivas do *frame* de *EVENTO_TURÍSTICO*, a saber, a perspectiva de quem vai jogar o mundial com o *frame* de *COPA_DO_MUNDO_JOGAR* e a perspectiva de quem vai assistir o torneio com o *frame* de *COPA_DO_MUNDO_EVENTO*. Tais relações, juntamente com a anotação lexicográfica de sentenças, que foi feita a partir da postulação de três camadas principais: Elemento do Frame, ou EF, que corresponde a uma função semântica microtemática, e também a Função Gramatical e o Tipo de Sintagma da realização linguística do EF, compõem a estruturação do *software* responsável por responder às buscas feitas no dicionário. O *Copa_2014 FrameNet Brasil* é um dicionário trilingue (Português – Inglês –Espanhol), em meio eletrônico, que engloba os domínios do Futebol e do Turismo estruturados em *frames*. Tal projeto é uma parceria entre a *FrameNet Brasil* (UFJF), o *International ComputerScienceInstitute* (EUA) e o *FrameCorp* (UNISINOS). A proposta é criar um recurso lexical baseado na Semântica de *Frames* (FILLMORE, 1982) e sustentado por evidência baseada em *corpus*. De acordo com Salomão et al (2011), o dicionário *Copa 2014*, tendo foco no uso humano, foi criado para atender um público alvo específico, por exemplo, a imprensa esportiva internacional, pessoas envolvidas na organização da Copa do Mundo FIFA 2014 e os turistas estrangeiros que vieram participar do evento. Em sintonia com as mudanças correntes na área das Tecnologias da Informação, o dicionário foi concebido para ser um recurso lexical acessível eletronicamente de qualquer parte do mundo. Esse dicionário propõe organização do léxico em verbetes e um sistema de consulta diferente daquele usado pelos dicionários comuns, mesmo os eletrônicos. Por ser baseado na Semântica de *Frames*, possibilitará uma consulta por cenas relevantes dos domínios do Futebol e do Turismo. A noção de *frame* aqui utilizada parte do conceito de Fillmore de que “os significados são ligados a um conjunto estruturado de experiências, crenças ou práticas que constituem um tipo de pré-requisito para a compreensão do sentido”. Nesses termos, a construção do significado estabelece uma relação intrínseca com a experiência humana e a organização das

instituições sociais, como o Turismo (GAMONAL, 2013) e a Copa do Mundo (GOMES, 2014). Na construção dos *frames* deste dicionário é utilizada a metodologia *top-down*, a qual se caracteriza pela busca na FrameNet Americana de frames que atendem à temática proposta pelo mesmo, em conjunto com a metodologia *bottom-up* do projeto **Kicktionary**, na qual primeiramente as unidades lexicais (ULs) são identificadas nos corpora e em seguida atribuem-se funções microtemáticas aos elementos sintáticos relacionados e definem-se os frames evocados por aquelas ULs. As relações interframes, assim como a modelagem dos *frames* na rede semântica, corroboram o objetivo final do dicionário Copa_2014 de apresentar um diferenciado sistema de consultas baseado na Semântica de Frames.

4) A CONCEPTUALIZAÇÃO DA ANSIEDADE ANALISADA PELA DESCRIÇÃO DE MODELOS COGNITIVOS

Daniel Felix da Costa Júnior (UFF)

A ansiedade é um dos males em maior evidência nas economias globalizadas deste século, sua nocividade é refletida na saúde fisiológica, nas relações comportamentais e na própria sociedade econômica que envolve o ser-que-sente. Partindo do interesse popular pelo tema, este estudo motivou-se pelo objetivo de investigar a conceptualização da ansiedade em nossa cultura, evidenciada por textos escritos em língua portuguesa. Para tal, insere-se no crivo teórico da Linguística Cognitiva com investigação direcionada à descrição do *modelo cognitivo idealizado* (MCI) da ansiedade. A abordagem do MCI foi introduzida por Lakoff (1987) e traduziu-se, neste estudo, em mapeamentos metafóricos, em mapeamentos metonímicos e em conceitos relacionados que estruturam o espaço mental (FAUCONNIER, 1985 [1994]) do MCI da ansiedade. As emoções ansiosas, como tema recorrente nos debates atuais, fornecem um amplo número de exemplos linguísticos que servem de indícios para os modelos cognitivos formulados em torno de suas possibilidades semânticas. Grande parte desses exemplos é de origem metafórica, ora expondo o fenômeno emocional: “ansiedade aumentou” e “cheio de ansiedade”; ora expondo o processo de patologização da ansiedade: “curado”, “combatido”, “controlado”, “acalmado”. As hipóteses que orientam a pesquisa dividem-se em: a) a *crença* e o *desejo* seriam estados mentais relevantes para compreensão de emoções ansiosas, e b) a emoção da ansiedade não seria ressignificada quando se realiza no domínio da doença, apenas, passaria por uma ampliação do seu sentido. A predisposição a essas hipóteses levou a três eixos teóricos principais: a teoria da metáfora conceptual, de Lakoff e Johnson (1980 [2002]), a teoria de conceitos emocionais de Kövecses (2000, 2008) e a teoria de estados mentais intencionais de Searle (1983 [2002]). Como parte dos procedimentos metodológicos, dois *corpora* foram trabalhados: o primeiro foi composto por reportagens de jornais eletrônicos enfatizando o tema da ansiedade; o segundo, composto por uma centena de frases colhidas de mecanismos de buscas da internet que resultam de termos isolados como “ansiedade + de”, “ansioso + para” etc. A delimitação dos *corpora* foi constituída

pela necessidade de caracterizar a ansiedade que se realiza tanto no *frame* da emoção, quanto no *frame* da doença. Por esse motivo, um *corpus* centrou-se na doença, enquanto o outro *corpus* centrou-se na emoção. A análise desses dados foi facilitada pelo método MIP, desenvolvido pelo grupo Pragglejaz (2007), que consiste em identificar unidades lexicais metafóricas pela comparação entre o significado mais concreto e o significado contextual de um lexema. Um repertório superior a oitenta metáforas subjacentes ao tema da ansiedade foi identificado nos *corpora*. Tal repertório não limita a possibilidade de identificação de outras metáforas, tampouco a possibilidade de várias delas serem derivações de metáforas já identificadas em pesquisas anteriores. A identificação dessas metáforas e de algumas metonímias revelou-se crucial para sistematização de dois submodelos do MCI: ansiedade como estado de almejo e ansiedade como estado de preocupação. Esses submodelos formam-se pela causalidade da combinação dos estados mentais de almejo, de expectativa e de temor. A combinação alternada desses estados mentais define a compreensão prototípica de cada *frame* da ansiedade. Por fim, propõe-se a METÁFORA DA ENCOMENDA como elemento norteador do MCI da ansiedade. Metáfora que é fundamentada pelo conceito de expectativa e por materializações linguísticas que sugerem as metáforas conceptuais de TEMPO É ESPAÇO e EVENTO É OBJETO. A maior parte dos resultados desta pesquisa foi recentemente defendida em dissertação de mestrado. Os resultados obtidos, aqui, revelaram o papel da metáfora na patologização de emoções, bem como a complexidade do conceito de ansiedade em nossa língua e cultura.

5) A CONSTRUÇÃO BINOMINAL DE QUANTIFICAÇÃO INDEFINIDA: UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONISTA

Tatiane Silva Tavares (UFJF)

Thais Fernandes Sampaio (UFJF)

Este trabalho vincula-se ao macro projeto *FrameNet Brasil* e, mais especificamente, ao *Frames e Construções*, projeto dedicado à implementação de um **Constructicon** (FILLMORE, 2008) para o Português do Brasil. O objetivo deste estudo é analisar e descrever a **Construção Binominal de Quantificação Indefinida (CBQI)**, uma estrutura produtiva de quantificação do PB, a qual pode ser ilustrada pelos seguintes exemplos: (i) *uma avalanche de denúncias*; (ii) *um bocado de gente*; (iii) *um bando de estudantes*; (iv) *uma ponta de ironia*; (v) *um pingo de modéstia*. Nossa proposta de análise baseia-se no princípio goldbergiano de que construções são pareamento forma-sentido (GOLDBERG, 1995, 2006) e, por isso, nossa tarefa analítica principal consiste em descrever as propriedades específicas do padrão sintático da construção (N1 de N2), bem como as dimensões semântico-pragmáticas que a envolvem. Além disso, temos por objetivo ampliar a base de dados da *FrameNet Brasil*, por meio da anotação da CBQI no âmbito *Constructicon* - ferramenta computacional empregada em tarefas de Processamento de Linguagem Natural (PLN), através da qual se busca constituir um repertório de construções do PB. A pesquisa se

baseia nos pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva (GRADY, 2005; JOHNSON, 1987, 2005; LAKOFF, 1987, 2007), a partir dos quais se discute a participação de instrumentos de organização, processamento e construção de sentido, provenientes de nossa experiência sensorial com o mundo, e a motivação conceptual da CBQI. E, mais especificamente, a Gramática das Construções (CROFT, 2007; GOLDBERG, 1995, 2006) nos oferece o instrumental teórico central para a análise de nosso objeto investigativo, juntamente com a Semântica de Frames (FILLMORE, 1982; 2008; PETRUCK, 1996), uma vez que, nas abordagens construcionistas da linguagem, a estrutura semântica da construção é descrita em termos do *frame* que esta evoca. A escolha metodológica recai sobre a *Linguística de Corpus* (SARDINHA, 2004), acompanhando o forte compromisso da Linguística Cognitiva com a empiria e tendo em vista a relevância da dimensão do uso nesta investigação. Dentro dessa abordagem, buscou-se constituir um banco de dados específico, baseado no uso linguístico. Para tanto, empregou-se inicialmente a introspecção dos pesquisadores do grupo e realizou-se um levantamento dos lexemas que poderiam preencher a posição de N1, no padrão N1 de N2. A partir daí, utilizou-se como fonte de dados o *corpus* Cetenfolha e como ferramenta de busca o *software* Sketch Engine (www.sketchengine.co.uk), obtendo como resultado 36 tipos e 756 ocorrências da CBQI. A construção, entendida como um pareamento forma-sentido, resulta da associação entre a estrutura N1 de N2 e o frame de Quantidade Indefinida. Neste esquema, N1 representa o Quantificador da construção (*enxurrada, pilha, punhado, porrada* etc.), enquanto N2 representa a Entidade quantificada (*críticas, problemas, reclamações, gente* etc.). Nossa hipótese inicial é de que tal construção é fortemente motivada por domínios elementares da experiência, tais como os esquemas imagéticos. A proposta de análise da CBQI a partir de tais domínios pode enriquecer, consideravelmente, as discussões a respeito do polo conceptual da construção, além de ser um avanço, no sentido de reconhecer um sistema coerente e fortemente motivado.

SESSÃO 28 - NÍVEIS DE ANÁLISE LINGUÍSTICA

Coordenadora: Vânia Dutra (UERJ)

1) USO VARIÁVEL DO PRESENTE DO SUBJUNTIVO: ANÁLISE DE TESTES SOCIOLINGUÍSTICOS REALIZADOS COM ALUNOS DOS ENSINOS FUNDAMENTAL II E MÉDIO

Idrissa Ribeiro Novo (UFF)

De maneira geral, as Gramáticas Normativas apresentam certa uniformidade quanto à distribuição dos modos verbais do português: indicativo, subjuntivo e imperativo. Em especial,

verifica-se a necessidade de demarcar uma oposição entre o indicativo e o subjuntivo, uma vez que um define-se pelo que o outro não representa. Assim, se o indicativo é o modo da certeza, o subjuntivo é o da incerteza, da hipótese. Entretanto, essa diferenciação pode não ser tão segura quanto parece ser. PERINI (2010) destaca que, nas orações factuais, não é sempre que se verifica o uso do modo indicativo. O linguista observa que o subjuntivo também pode ser usado na expressão de fatos, como se constata nos exemplos: 1) *É evidente que ele está bêbado* e 2) *É uma pena que ele esteja bêbado*. Ambas as frases apresentam certeza, mesmo que a primeira apresente uma certeza afirmativa e a segunda, uma certeza pressuposta. PERINI (2009) assevera ainda que os dois modos podem expressar uma falta de certeza, como nos exemplos a seguir: 1) *Eu sonhei que Selma fumava cachimbo* e 2) *Eu duvido que Selma fume cachimbo*. Além disso, CAMARA JR. (2009: 280-281) assevera que “em português, como nas demais línguas românicas, o subjuntivo sofreu a interferência do indicativo e só aparece em determinados tipos frasais, por uma servidão gramatical”, usado em contextos bem específicos: em oração independente depois do advérbio de dúvida talvez; em oração integrante subordinada a verbos de significação volitiva ou optativa; em oração relativa, para expressar apenas a possibilidade da qualificação expressa; em orações subordinadas finais; numa oração modal que desenvolve uma concessão. Nossa pesquisa pretende investigar a variação entre o presente do indicativo e o presente do subjuntivo, nos contextos em que a prescrição gramatical considera ser obrigatório o uso do modo subjuntivo. Então, consideramos casos em que, em maior ou menor grau, a expectativa de emprego do subjuntivo é contrariada, gerando enunciados de aceitabilidade duvidosa no âmbito da variante padrão do português. A flutuação modal não é um assunto novo, porquanto já tenha despertado o interesse de diversos pesquisadores, dentre os quais: GONÇALVES (2003), PIMPÃO (1999), PIMPÃO (2012), VIEIRA (2007). Em nosso caso, já que manipulamos certas variáveis linguísticas e extralinguísticas, escolhemos como orientação teórica a Sociolinguística Variacionista, considerando os padrões sociolinguísticos apresentados em LABOV (2008). Para constituição do *corpus*, realizamos testes de percepção e produção com alunos do segundo segmento do Ensino Fundamental e do Ensino Médio, em duas escolas públicas e uma escola particular do município de Itaboraí (RJ). No primeiro teste, havia duas variantes (presente do indicativo / presente do subjuntivo) e os alunos precisavam escolher a que julgavam mais aceitável. Já o segundo era um teste de produção e requeria dos alunos o preenchimento da lacuna com a variante que julgavam mais adequada, a partir de seu próprio conhecimento enquanto falantes. Uma análise geral dos resultados indicou que as variáveis linguísticas estatisticamente mais significativas foram *contexto sintático*, *morfologia verbal* e *pessoa gramatical*. Assim como PIMPÃO (2012), verificamos que o presente do subjuntivo é mais relevante para as 2ª e 3ª pessoas gramaticais. Em relação às variáveis extralinguísticas, mostraram-se mais significativas: *escolaridade*, *modalidade escolar (pública ou particular)* e *faixa etária*. Quanto à última variável, os dados tiveram relevância quando associados à escolaridade.

2) A ATUAÇÃO DE PRINCÍPIOS FUNCIONALISTAS NO FENÔMENO DA CONCORDÂNCIA NOMINAL

Mara Pereira Mariano (UFRJ)

A concordância nominal é um fenômeno variável de realização *versus* não realização da regra, em que a variante plural [s] é considerada de prestígio, enquanto a variante [0] é estigmatizada. O presente trabalho analisou o fenômeno da concordância nominal entre os constituintes do sintagma nominal em redações escolares de alunos do Ensino Fundamental II de escolas públicas e privadas em quatro bairros diferentes da cidade do Rio de Janeiro (Jardim Guanabara, Vila da Penha, Quintino e Santa Cruz). Utilizando do escopo teórico-metodológico da Sociolinguística laboviana, submeteram-se os dados ao programa variacionista GoldVarb-X. Encontraram-se 2.659 ocorrências e apenas 150 não apresentaram a marca formal de número (5,5%). Para este resultado, foi possível observar que atuam sobre o fenômeno da concordância nominal fatores linguísticos e sociais. As variantes sociais estudadas foram: *ano de escolaridade, gênero/sexo, localidade, natureza da instituição e faixa etária*. Dentre tais variantes, duas se mostraram importantes: *localidade* e *ano de escolaridade*. A primeira mostrou que as escolas públicas que ficam em Quintino e Santa Cruz desfavoreceram a regra padrão, enquanto as particulares da Vila da Penha e do Jardim Guanabara – Ilha do Governador – favoreceram a variante de prestígio. Apesar da correlação entre as variantes *natureza da instituição* e *localidade*, não se pode afirmar, categoricamente, que esse resultado advenha da natureza da instituição (pública x privada), já que não foi possível controlar a ação dessa variável. Dessa maneira, o resultado aqui encontrado é uma questão relacionada aos bairros estudados, com suas especificidades sociais, econômicas e culturais. Já a variante *ano de escolarização* mostrou o condicionamento relacionado às séries escolares para o fenômeno. Desse modo, foi possível perceber que o 6º e o 7º anos desfavorecem a regra, enquanto o 8º ano favorece. Já o 9º ano apresentou um comportamento neutro, com um discreto desfavorecimento da regra de concordância padrão. O resultado relativo ao 8º ano chamou a atenção e foi necessário averiguar o comportamento dessa variante. Assim, alguns cruzamentos foram feitos e foi possível encontrar um resultado relevante, pois nesse ano escolar havia o maior número de textos argumentativos. Dos 507 trechos argumentativos presentes no *corpus* como um todo, 377 (74%) estavam nas produções do 8º ano e apenas 9 deles (2%) não exibiram a variante padrão. Já os outros anos de escolaridade apresentavam, em grande número, fragmentos narrativos, enquanto o 8º ano apresentava apenas 23% de narração. Nas narrações presentes nos textos dos alunos, havia o uso de diálogos entre os personagens, escrita em 1ª pessoa, de modo subjetivo e, por isso, pode apresentar traços mais informais. Por outro lado, a argumentação é um tipo de texto em que se exige a impessoalidade, a objetividade e em que não há diálogo, mas uma tese que deve ser defendida com argumentos. Assim, o uso dessa tipologia exige mais formalidade, pois requer maior monitoramento por parte daquele que o produz. Portanto, acredita-se que esta pesquisa pôde contribuir com uma descrição e

explicação do fenômeno da concordância nominal na modalidade escrita, provando que fatores extralinguísticos também influenciam em fenômenos linguísticos. Além disso, pôde-se notar que a variação da concordância é realmente um fenômeno inerente aos falantes, já que está presente em indivíduos de diferentes localidades, gênero e ano escolar.

3) DISCUTINDO O ESTATUTO MORFOLÓGICO DO FORMATIVO AGRO-

Neide Higino da Silva (UFRJ)

O objetivo deste trabalho é analisar o estatuto morfológico do formativo *agro-* no *continuum* composição e derivação, tal como proposto por Bauer (2005), Petropoulou (2009) e Ralli (2008). Procuraremos verificar as características do formativo, a fim de encontrar seu posicionamento no referido *continuum*. Para tanto, esta pesquisa fundamentar-se-á nas questões propostas por Gonçalves (2011a, 2011b, 2012). Essa abordagem origina-se no comportamento de elementos que não se enquadram perfeitamente nas características prototípicas dos formativos que constituem a composição e a derivação, respectivamente, radicais e afixos. O *corpus* aqui analisado é formado de verbetes do *Dicionário Eletrônico Houaiss*, do *Novo Dicionário Eletrônico Aurélio da Língua Portuguesa* e de informações recolhidas por meio da *Internet*, sobretudo a ferramenta eletrônica de busca *Google*. As duas primeiras fontes serviram como recurso para observar formas já consagradas na língua; a última, por sua vez, funcionou para verificar novas formações *agro-X* e o grau de produtividade do elemento à esquerda. Na pesquisa realizada por meio do *Google*, foram excluídas palavras com *agro-* em que o formativo aparece exclusivamente como designação de empresas, ou seja, formas em que o significado possui a função de relacionar a empresa à agricultura como em “Agro Ramoa Indústria”, “Agro Química Maringá”, “Timac Agro Brasil”. No entanto, foram consideradas palavras que, embora nomeassem empresas, apresentavam, na própria ferramenta eletrônica de busca, uma definição, a exemplo “agroveterinária”. As palavras construídas com essas formas presas, no *corpus* analisado, apresentam estruturas morfológicas heterogêneas. *Agro-* pode adjungir-se a palavras do vernáculo, a formativos de origem erudita e ainda a estrangeirismos. Unem-se a *agri-* elementos de origem erudita, embora, entre os itens arrolados, as palavras que apresentam essa feição sejam latinismos, e, para reconhecimento desse segundo elemento como forma presa, faz-se necessária uma comparação com outras formas que possuem o mesmo formativo (*agrícola/vinícola*). Os formativos *agro-* e *agri-*, por não possuírem livre curso na língua, são categorizados como formas presas, aproximando-se dos prefixos. No entanto, diferenciam-se destes por aceitarem combinações com sufixos, como em *agrômetro*, o que não acontece nas formações de compostos vernáculos. Na análise semântica, observou-se uma gradação entre os elementos semanticamente mais transparentes, formações mais composicionais, e os mais opacos, menos composicionais. Essa gradação correlacionada a polo significante pode criar uma proporcionalidade em que formas mais transparentes estão para *agro-* + base livre, assim como

formas mais opacas estão para *agro-* + base presa. Notou-se também que nas novas formações com *agro-*, como indica Gonçalves (2011b: 12 e 19), o formativo vem assumindo novo significado, o que pode caracterizá-lo como afixoide. Sintaticamente, a relação de subordinação entre os constituintes mostrou-se diferente do padrão geral dos compostos vernáculos, determinado + determinante, pois nos compostos formados por *agro-* e *agri-* os determinantes mantêm-se à esquerda. Ao longo da análise, evitamos categorizar os formativos, embora o comportamento dos dados analisados, principalmente o de *agro-*, levem-nos a classificá-los como prefixos, em função das semelhanças dos formativos com esses elementos morfológicos: forma presa, posição fixa, combinação em sua maioria com forma livre, relação de subordinação, flexão periférica, produção de palavras em série (cf. GONÇALVES, 2011b: 7). No entanto, a transparência semântica de *agro-*, uma nova significação para o formativo e até uma possível utilização do formativo como forma livre parecem indicar um processo de mudança que poderá levá-lo a uma posição intermediária entre forma presa e forma livre. Em relação a *agri-*, faltou-nos um número maior de dados para uma análise mais contundente.

4) BREVÍSSIMO ESTUDO SOBRE FLUTUAÇÃO DOS MODOS INDICATIVO E SUBJUNTIVO EM ORAÇÕES INICIADAS PELO ADVÉRBIO TALVEZ

Juliana da Silva Neto (PUC-Rio/CAPES/PROSUP)

Maria Claudia de Freitas (PUC-Rio/CAPES/PROSUP)

Este trabalho insere-se no âmbito da disciplina de mestrado *Introdução à Linguística de Corpus*, do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da PUC-Rio, ministrada pela professora Maria Claudia de Freitas, e visa a contribuir para a descrição do português para a área de ensino de português como segunda língua para estrangeiros, tendo a pesquisa em *corpus* como instrumento (ANTHONY, 2013; SAMPSON, 2002; SANTOS, 2008, 2014). O objetivo do trabalho foi estudar a flutuação dos modos indicativo e subjuntivo em orações introduzidas pelo advérbio de dúvida *talvez*. Verificou-se que, embora as orações desenvolvidas iniciadas por esse advérbio constituam um contexto gramatical que impõe o uso do modo subjuntivo, é notável a ocorrência de tempos do modo indicativo nessa estrutura. Questões sobre o uso do modo subjuntivo oferecem dificuldades tanto para os professores de português para estrangeiros como para esses aprendizes e são importantes objetos de pesquisa, tendo em vista a complexidade de realização desse modo (GONÇALVES, 2003; MEDEIROS, 1996). Pesquisa preliminar foi desenvolvida em dois *corpora* de língua portuguesa, a saber, no CHAVE (jornalístico, representando o registro formal) e no Museu da Pessoa (de fala, representando o registro informal). Ambos os *corpora* pertencem ao projeto AC/DC e estão disponíveis na internet através do site da Linguateca (cf. <http://www.linguateca.pt/ACDC/>). A pesquisa foi norteada pelas seguintes perguntas: i) em qual dos *corpora* a flutuação entre os dois modos é maior?; ii) quais os tempos do subjuntivo são mais usados na estrutura talvez+subjuntivo?; iii) quais os tempos do indicativo são mais

usados na estrutura talvez+indicativo?; iv) na estrutura talvez+subjuntivo, utilizam-se tempos do modo subjuntivo para os quais não há expectativa?, e v) as orações principiadas por *talvez* realizam-se mais com talvez+indicativo, com talvez+subjuntivo ou com outras formas verbais (formas nominais)? Obtiveram-se resultados preliminares que indicam alguns comportamentos da estrutura examinada. Em ambos os corpora, os tempos mais frequentes são presente e imperfeito do subjuntivo e, em ordem decrescente, presente, futuro do pretérito, futuro do presente e pretérito perfeito do indicativo. Não houve ocorrências dos tempos futuro simples e composto do subjuntivo, inesperáveis em orações introduzidas por talvez. Com relação ao percentual do total de ocorrências dos modos subjuntivo e indicativo nesse tipo de oração, em ambos os corpora confirmou-se o resultado mais previsível: a estrutura talvez+subjuntivo é mais utilizada do que a talvez+indicativo. Entretanto, a ocorrência de talvez+indicativo no *corpus* CHAVE mostra que alguns tempos do modo indicativo em orações que começam com *talvez* são amplamente usados pelos falantes. A estrutura talvez+indicativo apresenta maior percentual de ocorrência no *corpus* Museu da Pessoa, confirmando essa conclusão. Esta pesquisa permitiu a observação de diferentes realizações das orações iniciadas por talvez. A busca por todas as ocorrências do advérbio nos dois corpora mostrou que as orações iniciadas por ele têm quatro formas de realização, quais sejam: 1- com o modo subjuntivo; 2- com o modo indicativo; 3- com formas nominais dos verbos empregados, e 4- com o advérbio talvez isolado, constituindo ele uma oração em si. Entretanto, o maior percentual de realização de orações iniciadas por *talvez* não foi para as duas primeiras formas de realização acima, mas para as duas últimas. Resta investigar, entre outras questões, qual das duas últimas formas de realização é mais frequente.

5) DIFUSÃO E CONDICIONAMENTO NEOGRAMÁTICO EM VERBOS: DADOS DO RIO DE JANEIRO

Bruna Guimarães Carpinteiro (UFRJ)

A presente pesquisa versa sobre o alteamento das vogais médias pretônicas [e] e [o], com base em dados do Rio de Janeiro, especificamente do município de Nova Iguaçu, estratificados sociolinguisticamente em faixa etária, gênero biológico e escolaridade. Destaque-se que se focalizam os verbos pelo fato de que, em estudo relacionado ao fenômeno, Avelleda (2013) observou que nomes e verbos apresentam comportamento diferenciado. Assim, enveredou-se pela investigação dessa categoria, a fim de descrever os condicionamentos estruturais e não estruturais que o regulam, bem como discutir se o que atua é uma regra do tipo neogramática ou do tipo difusionista. Em estudo anterior, Carpinteiro (2013) aponta para um possível condicionamento lexical, tendo em vista o fato de o fenômeno apresentar maior incidência sobre a palavra (ou parte dela) e não sobre o traço fonético, ainda que este último contribua para o fenômeno do alteamento. Em estudo sobre o alteamento, Viegas (2001), citando Phillips (1984), sustenta que, “*para as mudanças fisiologicamente motivadas*”,

ou seja, com ambiente favorecedor – lê-se vogal alta na sílaba seguinte ou ataque silábico não preenchido, por exemplo – “as primeiras a serem atingidas são as palavras mais frequentes e, para as mudanças não fisiologicamente motivadas”, logo, sem ambiente favorecedor – lê-se vogal média ou baixa na sílaba seguinte ou ataque preenchido, por exemplo – “as primeiras a serem atingidas são as palavras menos frequentes”. Ainda, Viegas (2001) relaciona o alçamento pretônico a um fenômeno do tipo Neogramático, visto que os itens que passam pelo processo são condicionados pela harmonização vocálica – vogal alta na sílaba seguinte, principalmente em se tratando de alteamento de vogal anterior. No entanto, destaca que nem todos os itens com o mesmo tipo de condicionamento alteiam e, ainda, o alçamento pretônico pode ocorrer em palavras que nenhum contexto fonético apresenta. Essa aparente contradição leva ao posicionamento de que o alteamento não é um fenômeno “foneticamente lento e lexicalmente abrupto”, de acordo com as premissas da Teoria Neogramática, mas “lexicalmente lento e foneticamente abrupto”, conforme postula a Teoria da Difusão Lexical. Nesta vertente, Oliveira (1991) propõe que para o alçamento é preciso: “*X ocorrer num nome comum, Z oferecer um contexto fonético natural para Y; X ser parte de uma palavra que ocorre em contextos informais de fala*”. Em estudo sobre a variedade do Rio de Janeiro, Carpinteiro (2013) verificou que o alçamento é favorecido em sílabas com ataque não preenchido, principalmente quando a vogal constituir início de vocábulo e/ou se encontrar no prefixo, como em *envolver*. Com base nessas discussões e premissas, pretende-se averiguar: i) a frequência dos itens, a fim de estabelecer se se trata de vocábulos de um mesmo paradigma que passam pelo processo; ii) se o condicionamento fonético atua nesses itens, iii) se os parâmetros de Oliveira (1991) se aplicam aos dados; iv) se há um ambiente silábico mais propício (pretônicas com e sem travamento); e v) se há casos de especialização semântica, como ocorre entre os nomes. O estudo baseia-se nos conhecimentos da Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972/2008; LABOV, 1994), segundo a qual, “a variação está presente no sistema linguístico e, por isso, as línguas mudam e a compreensão se mantém e a variação não é aleatória, mas ordenada por fatores condicionadores de ordem linguística e social”, e nos postulados da Teoria Neogramática (apud OSTHOFF; BRUGMANN, 1969) e da Difusão Lexical (OLIVEIRA, 1991). Conta-se com 2937 dados de média pretônica <e>, dos quais 1576 apresentam a variante alteada, e com 2019 ocorrências de média posterior <o>, sendo 1503 delas concretizadas pela vogal alta [u]. Dessa forma, caracteriza-se o comportamento das vogais médias em verbos, conhecendo os condicionamentos sociais e linguísticos que permeiam a questão.

SESSÃO 29 - PRÁTICAS SOCIOCULTURAIS E SOCIOLINGÜÍSTICAS – NOVOS ESTUDOS DE LETRAMENTO

Coordenador: Marcos Luiz Wiedemer (UERJ-FFP)

1) DA COMUNIDADE DE FALA À COMUNIDADE DE PRÁTICA (DISCURSIVA): EXPLORANDO A RELAÇÃO ENTRE AS PRÁTICAS SOCIOLINGÜÍSTICAS, SOCIOCULTURAIS E OS NOVOS ESTUDOS DE LETRAMENTO

Marcos Luiz Wiedemer (UERJ)

Nesta comunicação, esboçamos uma perspectiva de pesquisa sobre letramento que envolve práticas socioculturais e práticas sociolinguísticas, com base em estudos que integram a área dos Novos Estudos de Letramento (STREET, 1995; STREET e LEUNG, 2010; BARTON, 1994; GEE, 2008), e estudos das comunidades de práticas (ECKERT, 2005, 2012). Argumentamos que os Novos Estudos de Letramento (NEL) podem ganhar novas interpretações a partir das ideias oferecidas por trabalhos recentes na Sociolinguística, mais especificamente, a partir da noção de comunidade de prática. Tal linha de trabalho orienta os estudos desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa “Linguagem e Sociedade” (FFP-UERJ - <http://sociedadelingaugem.wix.com/sociedadelinguagem>), intrinsecamente interdisciplinar, com interesse de investigação de padrões sociais estabelecidos por comunidades de práticas no português brasileiro, que são refletidos nos níveis da estrutura linguística. Assim, a abordagem dos NEL propõe que as práticas de letramento, como práticas sociais, têm significados específicos em diferentes instituições e grupos sociais e, com isso, assumimos que as práticas discursivas são diferentes a depender das esferas e dos grupos sociais: escolar, religioso, familiar, entre outros, que posicionam o sujeito por relação à forma de aceder, tratar ou usar os textos. Portanto, é possível perceber que há usos específicos da escrita, de um conjunto de regras linguísticas, que diferem entre os contextos sociais de usos, por meio do qual os indivíduos e os grupos se relacionam e realizam seus objetivos. Além disso, ao tomarmos o conceito de letramento, considerando os NEL, pode-se pensar que há uma relação de uso que um indivíduo ou uma comunidade estabelece com a escrita, e que tais usos discursivos são sustentados por instituições, as quais sustentam “padrões”, ou seja, determinadas configurações particulares de usos e modos regulares de falar/escrever. Neste sentido, como a prática discursiva está associada a outras práticas sociais, diferentes padrões de linguagens especializadas podem ser combinados para ativar uma determinada identidade particular ou determinada comunidade de prática (ECKERT, 2012). Destarte, nesta proposta, procuramos evidenciar que os usos de diferentes linguagens sociais envolvem mais do que aprender a linguagem como estrutura ou como conjunto de competências e habilidades, e que o engajamento em múltiplos letramentos emana da incorporação de diferentes discursos que são refletidos em demarcações

em comunidades de práticas. No plano teórico, o principal ponto desta abordagem é a afirmação de que letramento é uma prática sociocultural e sociolinguística, e que a variedade da linguagem e estilo podem ser salientes em contextos particulares de usos. Partindo da ideia de Eckert (2000), a identidade individual e de grupo estão sendo constantemente negociadas e renegociadas através de interações sociais, ambas expressas e construídas por meio do diálogo. Neste sentido, a identidade não é fixa e unitária, pois diferentes tipos de identidades podem ser experimentados, em contextos diferentes, em diferentes comunidades e em diferentes comunidades de práticas (discursivas). Portanto, as questões que se colocam, nesta comunicação, são: i) como a imersão em determinada comunidade de prática faz com que a pessoa aprenda certos conhecimentos discursivos, concebendo-se conhecimento aqui como resolução de problema; e ii) como padrões sociais e discursivos estabelecidos por comunidades de práticas no português brasileiro, que são refletidos nos níveis da estrutura linguística.

2) LER E ESCREVER PARA QUÊ? SENTIDOS DO LETRAMENTO ESCOLAR PARA ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI

Marcia Lisbôa Costa de Oliveira (UERJ)

O trabalho tem por objetivo refletir acerca das relações entre língua, cultura e sociedade na construção de identidades, sob a perspectiva dos “Novos estudos sobre o letramento”. Partindo da ideia de que as práticas letradas são múltiplas e correspondem a contextos sociais e ideológicos específicos, analisaremos dez textos escritos por adolescentes que cumprem medida socioeducativa no CRIAAD/SG e participam das Oficinas de Língua Portuguesa desenvolvidas pelo Projeto de Extensão Letrajovem (UERJ – FFP/SG), para compreender as concepções de letramento que circulam nesse espaço, que se caracteriza como uma comunidade de práticas. A concepção corrente de letramento constitui uma “teoria tácita” que configura o modelo cultural cotidiano (GEE, 2012). Esse modelo cultural tende a validar somente os usos e as práticas de leitura e escrita que acontecem na escola e estão associadas às classes dominantes, desconsiderando a diversidade e a riqueza das formas como a escrita é usada por diferentes grupos sociais (STREET, 2014). Essa redução de sentido também opera um processo desilenciamento das inúmeras concepções de escrita que se configuram no mosaico social, uniformizando uma visão iluminista que defende a superioridade cultural associada ao domínio do sistema da escrita e de seus usos. Nesse contexto, o significado tradicionalmente aceito de letramento o concebe como uma habilidade individual para ler e escrever, o que colabora para o apagamento das relações de poder que estão implicadas nesse conceito. Ao assumir essa concepção cognitivista do letramento, recusando a perspectiva social e culturalmente situada, a escola reforça as estruturas de poder e contribui para a exclusão de crianças e jovens oriundos de comunidades cujas práticas divergem do padrão por ela assumido, que é tomado como “normal” ou “correto”. O grupo cujas produções analisamos pertence a uma das parcelas mais excluídas da sociedade, sendo composto por jovens de quatorze a dezoito

anos, quase todos negros e mestiços, oriundos de comunidades de baixa renda, com histórias de insucesso ou abandono escolar. A medida socioeducativa deveria dar-lhes a possibilidade de reintegrar-se de forma qualificada à sociedade, e a escolarização formal seria uma parte fundamental nesse processo, no entanto a rede escolar não os recebe sem tensões e embates. Mesmo nos casos em que a equipe do CRIAAD consegue a matrícula escolar, é comum que eles permaneçam numa espécie de “limbo” dentro do ambiente escolar. Como pertencem a grupos cujos referenciais culturais divergem daqueles exigidos pela escola, a falta dos conhecimentos prévios exigidos pelos textos escolares dificulta-lhes ainda mais a compreensão. Por outro lado, sua língua, suas leituras, seus gostos musicais, suas concepções estéticas e seus valores são ignorados pela escola. Diante dessas circunstâncias, compreende-se porque o discurso desse grupo revela uma aparente irrelevância atribuída à escola, que deixa transparecer um sentimento de inadequação àquele espaço. No projeto Letrajovem, um dado que nos chama à atenção é o fato de que, nas atividades de leitura e produção de textos escritos, constatamos uma grande defasagem competência/série, já que, em geral, o nível de competência que apresentam corresponde às expectativas de aprendizagem para os anos iniciais do ensino fundamental, embora estejam matriculados ou tenham abandonado a escola nos anos finais ou no ensino médio. Por tudo isso, pretende-se investigar o papel da escrita e da leitura na experiência social desses indivíduos, enfocando especialmente os sentidos que esses adolescentes em situação de conflito com a lei atribuem ao processo de escolarização e ao discurso escolar, buscando caminhos para a elaboração de letramento ideológico que possam colaborar para a reinserção dos adolescentes no sistema escolar formal.

3) SENTIDOS DO LETRAMENTO ESCOLAR: PADRÕES INSTITUCIONAIS DA ESCRITA EM REDAÇÕES DE VESTIBULAR

Victoria Wilson (UERJ/FFP)

A pesquisa insere-se nos estudos da Linguística Aplicada, com uma abordagem discursiva, seguindo a tendência dos Novos Estudos do Letramento (STREET). Tem como foco padrões linguísticos escritos em redações de vestibular oriundos do processo de escolarização com o objetivo de compreender o que significa ser aprendiz e o que os sujeitos fazem quando constroem significados, especialmente, como dão sentido ao que escrevem. O que é específico à língua usada na instituição social escola (e no letramento escolar) que ecoa nas redações do vestibular é uma das questões que movem essa pesquisa, isto é, como os diferentes saberes/conhecimentos foram apropriados pelos sujeitos e ajustados na forma (gênero) redação de vestibular, ampliando seu universo de saberes e modos de agir a partir desses saberes (Cf. GOULART, 2011). No percurso de nossos estudos, detivemo-nos nas questões bakhtinianas sobre gênero e seus desdobramentos tais como o estilo como um componente importante para compreender os usos da linguagem nas redações, partindo do pressuposto de que “a escolha de todos os recursos linguísticos é

feita pelo falante sob maior ou menor influência do destinatário e da sua resposta antecipada” (BAKHHTIN, 2003, p.305-6). Ao refletirmos sobre a citação, intencionamos compreender como o estilo do enunciado em redações de vestibular está comprometido com o destinatário imediato, bem como é uma resposta a enunciados anteriores (imediatos como a coletânea ou adquiridos ao longo do letramento escolar) e são transformados em conhecimento. Estamos diante de um circuito dialógico que engloba o gênero discursivo, a relação entre interlocutores e um projeto enunciativo (a constituição de “subjeticidades diferentemente situadas”, SHINA, 1999), todos esses elementos constituídos no âmbito de uma comunidade de prática. A redação de vestibular caracterizaria um tipo de gênero específico, talvez prototípico, que se situa na tensão ou na associação entre a diversidade de conhecimentos de diferentes esferas e a pluralidade de linguagens, que caracterizam a escrita como heterogênea (CORRÊA, 2004), como também explicita usos escolares da escrita que refletem a apropriação dos saberes e argumentações escolares. Com ênfase no modelo ideológico é que pretendemos inserir o letramento escolar, entendendo-o não de modo restritivo e localizado, mas alargado e atravessado por outras formas de conhecimento (Lopes, 1999, 2008; Arnay, Pozo, García, Lacasa e Rodrigo, 1999), já que também a experiência, a vivência, o cotidiano estão a serviço da epistemologia escolar, comprometidas com as crenças valorizadas na e pela escola. Diante do já conhecido no campo da experiência e do cotidiano dos alunos-escreventes, por que todos tendem a reproduzir valores da coletânea da prova de redação? Os sujeitos estariam usando velhas formas (usos) para um propósito novo, imediato? Tais usos corresponderiam à epistemologia escolar? Nesse caso, a redação poderia ser pensada como um modo de existência “virtual” ou “potencial”; como modelo ou imagem do objetivo moldando a atividade dos participantes (Cf. SHINA, 1999, p. 16). Tendemos a acreditar com Street (2014, p. 143/ 201) que: “quando participamos da linguagem de uma instituição, seja como falantes, ouvintes, escreventes, ficamos posicionados por essa linguagem”; e o modo como as pessoas ‘se apropriam’ do letramento é uma contingência de práticas sociais e culturais ...”. Busca-se, assim, poder contribuir para uma reflexão sobre o modo como a língua produz os diferentes modos de recontextualização de saberes; como os alunos ressignificam aquilo que é familiar no processo de aprendizagem; como criam e recriam a si próprios como aprendizes e como, enfim, podem adquirir consciência da natureza social e ideologicamente construída da língua(gem) nos espaços escolares se privilegiarmos na escola o modelo ideológico de letramento.

4) O PAPEL DE UMA ESCOLA ESPECIAL EM RELAÇÃO AO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS SURDOS NO ENSINO FUNDAMENTAL

Valéria Campos Muniz (INES)

Em virtude de a apropriação do sistema alfabético ocorrer por intermédio de elementos semióticos de natureza visual e de aspectos fônicos/fonológicos, almeja-se, neste trabalho, refletir sobre o planejamento de atividades que concorram para o letramento do aluno

surdo. Sabe-se que esse aluno utiliza Libras como L1, responsável pelo seu desenvolvimento linguístico, cognitivo e social (QUADROS, 1997). Essa língua representa o elemento fundador de sua subjetividade e identidade na constituição de sentidos sobre o mundo e no acesso ao conhecimento (KLEIMAN (1998), MAHER (1998, 2007) e CAVALCANTI (2007), e, ao assegurar o conteúdo semântico, a aprendizagem significativa será decorrente da função atribuída à Língua Portuguesa, segunda língua, nas relações cotidianas do aluno, não sendo fruto de imposição proveniente de uma proposta curricular. Apesar de as diferentes abordagens educacionais implementadas ao longo da história terem como foco o domínio da Língua Portuguesa, as estratégias metodológicas utilizadas no processo de letramento para alunos surdos em escolas inclusivas não consideram as especificidades de sua diferença, pressupondo a oralidade e a audição como requisitos fundamentais à apropriação da leitura e da escrita (ALPENDRE, e AZEVEDO, 2008). Diante dessa lacuna teórico-metodológica, vários autores sustentam que os surdos seguem excluídos do processo educacional e acabam encontrando na Língua Portuguesa o principal condicionante do seu processo de exclusão/inclusão escolar e social. Assim, buscase, nesta pesquisa, abordar as práticas de letramento escolar baseadas nos Novos Estudos de Letramento (GEE, 1990), a fim de verificar a atuação do professor como agente que possibilita a inserção do aluno no mundo da escrita. O termo letramento não significa simplesmente a apreensão de conteúdo, mas considera o aprendizado um processo, em que o aluno “aprende modelos culturais de identidade e personalidade”, o que significa introduzir em sala de aula a “Consciência Linguística Crítica e do letramento como prática social crítica” (STREET, 2014, p.148). Só assim, segundo o mesmo autor, quando se evidenciarem as relações de poder embutidas nos modelos de letramento, será possível a “socialização numa perspectiva crítica”. Portanto, é importante averiguar como se dá a apropriação da escrita pelo surdo e como ele constrói sua identidade, a fim de investigar a forma que esse aluno apreende os conteúdos das diferentes disciplinas, ampliando as situações de letramento. Tomando como pressupostos essas concepções, pretende-se neste artigo analisar as atividades práticas desenvolvidas pelos professores dessa modalidade bilíngue de ensino de língua portuguesa como L2, em duas turmas do nível fundamental, acrescidas de informações advindas da coleta de dados realizada por intermédio de entrevistas realizadas com os respectivos docentes, de modo a contribuir para a ação dos novos docentes contratados pela Instituição. A pesquisa se embasa nas atividades de leitura e escrita como eixo estruturador no ensino das diferentes disciplinas. Dessa forma, em que medida uma escola especial, que oferece um ambiente bilíngue, possibilita aos alunos a ampliação das condições de sujeitos singulares e plurais no convívio social, possibilitando-os construir uma teoria de mundo, oportunizando o acesso à informação curricular e cultural, preparando os alunos não só para o mercado de trabalho, como também para tornarem-se donos de seus próprios discursos?

5) QUESTÕES DE LEITURA DE LÍNGUA INGLESA: CONSIDERAÇÕES ACERCA DA MULTIMODALIDADE NO ENEM E EM DOIS LIVROS DIDÁTICOS

Anna Raphaella de Lima Marengo (UFMG)

Marco Antonio Margarido Costa (UFMG)

Este artigo é um recorte de uma pesquisa maior e visa a delinear algumas considerações alcançadas a partir da pesquisa documental de mestrado intitulada: Questões de leitura multimodal no ensino de língua inglesa: paralelo entre o livro didático e o exame nacional de ensino médio – ENEM. Tal pesquisa possui caráter descritivo-interpretativo, com proposta de análise qualitativa e foi realizada com dois livros didáticos de Língua Inglesa (LDLI) para o 3º ano do Ensino Médio, adotados em escolas da rede estadual da Paraíba nos anos de 2009 a 2014 e 25 questões de Língua Inglesa do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM 2010, 2011, 2012 e 2013), sendo esses objetos fontes dos nossos dados posteriormente categorizados. A importância de tal pesquisa está em estabelecer um modo de operação eficaz para a abordagem da multimodalidade em aulas de Língua Inglesa no Ensino Médio, através do material didático disponibilizado para o educador da área de Língua Inglesa, ação esta recente no cenário educacional brasileiro, com a implantação do Programa Nacional do Livro Didático de Língua Estrangeira Moderna (PNLD-LEM); e em momento de avaliação, a partir do ENEM. Com o intuito de estabelecer um paralelo entre esses objetos, visando ao surgimento de parâmetros para o tratamento de questões de leitura multimodal, tentamos responder ao seguinte questionamento que norteou a pesquisa: que relação há entre as atividades de leitura multimodal contidas em dois LDLI e as questões de Língua Inglesa propostas no ENEM (2010 a 2013)? Assim, procedemos à categorização dos dados, chegando ao seguinte número de questões de leitura multimodal para cada fonte: 11 para o ENEM, 14 para o livro *English in a globalized world* – v. 3 e 60 para o livro *Onstage* – v.3, totalizando 85 questões que fazem parte do nosso *corpus* ampliado. Em seguida, separamos essas questões de acordo com a função, qual seja função multimodal ou função ilustrativa e analisamos apenas as questões que possuíam a função multimodal. Então, o nosso *corpus* restrito é composto por 39 questões de leitura com função multimodal (8 para o ENEM, 6 para o livro *English in a globalized world* – v. 3 e 25 para o livro *Onstage* – v.3). Logo, duas categorias nasceram desse processo de categorização, sendo aplicáveis às questões de leitura com função multimodal, são elas: Harmonia na exploração dos modos e Desarmônia na exploração dos modos. A primeira categoria diz respeito ao tratamento da multimodalidade de forma equilibrada, sem desmerecer nenhum modo para a compreensão de leitura. O oposto, portanto, acontece com a segunda categoria que apresentou questões de leitura que só focalizavam o modo escrito ou o modo visual, mesmo possuindo função inerentemente multimodal. Como aporte teórico para a análise dos dados, utilizamos os estudos sobre multimodalidade, principalmente propostos por Kress (2000; 2003; 2010); Dionísio (2005) e sobre leitura, a partir das considerações de Luke e Freebody (1997); Kress

(2003). A análise nos permitiu constatar que a multimodalidade ainda não é considerada importante para a compreensão de textos em Língua Inglesa. Portanto, o foco das questões de leitura está voltado apenas para o modo escrito e não para a junção dos diversos modos semióticos presentes nas questões. Os resultados nos levaram a considerar que a leitura de textos multimodais, é ainda recente no processo de ensino-aprendizagem e, talvez, não seja considerada como critério para a avaliação de coleções pelo PNLD. Acreditamos que há uma crescente tendência de valorização da multimodalidade como aspecto constituinte dos textos, por parte da academia, que deve ser estendido também ao ensino-aprendizagem de línguas no ensino básico, uma vez que a multimodalidade deve ser vista como teoria relevante que impulsiona o processo de compreensão leitora.

SESSÃO 30 - LINGÜÍSTICA APLICADA: QUESTÕES DO ENSINO DE LE

Coordenadora: Janaina Cardoso (UERJ)

1) INGLÊS EM ESCOLAS PÚBLICAS DE JUIZ DE FORA - MG: INVESTIGAÇÃO EM DOIS CENÁRIOS

Marina Silva Maximiano (UFJF)

Ana Cláudia Peters Salgado (UFJF)

A partir de pesquisa realizada em duas escolas públicas de educação básica na cidade de Juiz de Fora - MG, analisamos o que alunos, professores, funcionários e gestores pensam em relação ao que envolve, direta ou indiretamente, o processo de ensino e aprendizagem de língua inglesa na escola pública. O motivo que nos leva a esse estudo é o desejo de compreender melhor esse ensino e como ele se dá diante das demandas do mundo atual e do aluno nesse contexto. Esta investigação se desenvolveu a partir do seguinte questionamento: "Inglês na escola pública (não) funciona?". A questão é, inclusive, o título do livro organizado por Lima (2011), no qual formadores de professores de línguas e linguistas refletem sobre o que possibilita ou dificulta o ensino de língua estrangeira – doravante LE – na rede pública. Analisamos dois cenários de escolas públicas de Juiz de Fora - MG: o primeiro apresenta o contexto de turmas de 9º ano do Ensino Fundamental e de 1º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Delfim Moreira da região central da cidade; o segundo apresenta turmas de Ensino Fundamental, segmento 1, de período integral da Escola Municipal José Calil Ahouagi, localizada no bairro Marilândia, região afastada do centro (cerca de 10,5 km). Na escola estadual, atuo como professora de inglês nas turmas mencionadas desde 22 de abril de 2013. Já na escola municipal, atuei como bolsista de uma

pesquisa-ação intitulada “Ensino de inglês para crianças na escola pública: abordagem CLIL”, com financiamento da FAPEMIG, cuja proposta era oferecer o ensino de inglês através da abordagem CLIL (Content and Language Integrated Learning) (MEHISTO, MARSH e FRÍGOLS, 2008). Em ambos os ambientes pesquisados, desenvolvemos pesquisas qualitativas, de cunho etnográfico (ERICKSON, 1984; 1985). Escolhemos a abordagem qualitativa pelo fato de ter a interação como perspectiva central, isto é, o pesquisador quer compreender o mundo através da interação social. Assim, é considerado o ponto de vista do observador, levando-se em conta suas experiências pessoais, culturais e históricas. Os significados são subjetivos e coconstruídos, portanto, o foco da abordagem qualitativa está no processo, e não em um resultado esperado (DENZIN e LINCOLN, 2000). Para esta pesquisa, adotamos os seguintes procedimentos: entrevistas com pessoas relacionadas ao ambiente escolar (professores, alunos, funcionários e gestores) e anotações de aula da professora-pesquisadora e, a partir desses dados, analisamos opiniões dos entrevistados sobre a escola, os colegas, a língua inglesa e outros aspectos relacionados ao ensino de inglês na escola pública, a partir dos estudos de Gee (1999) sobre reconhecimento de discursos. Além de fazermos esse reconhecimento, pretendemos também observar de que maneira os discursos influenciam ou não o processo de ensino-aprendizagem de inglês dos alunos; compreender, através dos discursos, como os alunos constroem seu conhecimento e seu aprendizado de língua inglesa; e, conseqüentemente, pensar em uma possível proposta para o ensino de inglês na escola pública. Acreditamos que um benefício imediato seja a oportunidade de os entrevistados se expressarem em relação ao ensino, ao ambiente escolar e ao que o envolve. Como benefício a longo prazo, consideramos a possibilidade de uma melhoria do ensino de inglês na escola pública a partir do que foi verificado nesta pesquisa, uma vez que o maior conhecimento sobre esses cenários nos ajudam a perceber suas necessidades e a pensar em novas propostas.

2) “SOMETIMES IT’S HARD TO FIND THE WORDS TO SAY”: ESTIMULANDO O PENSAMENTO CRÍTICO E A RESPONSABILIDADE DEMOCRÁTICA EM SALA DE AULA DE LÍNGUA ADICIONAL

Aline de Mattos Esteves (UFRJ)

Flavia Moreno de Marco (UFRJ/CAPES)

Daniela Cid de Garcia (UFRJ)

Esse trabalho tem por objetivo discutir a inserção de temas em sala de aula de língua adicional que tem possibilidade de estimular o pensamento crítico d@s alun@s, potencializando o aprendizado da língua-alvo. O mundo globalizado comprime o tempo e o espaço e põe em contato diferentes formas de pensar, agir, viver (Moita Lopes, 2010). Esse contato com a outridade possibilita que discursos e contradiscursos entrem em choque, o que provoca destabilizações e abala certezas fixas e imutáveis. A sala de aula de línguas constitui ambiente propício para

que questões polêmicas sejam postas em discussão, a fim de levar @s alun@s a refletirem não apenas sobre o papel da linguagem no mundo, mas também sobre a própria língua-alvo e os efeitos de sentido construídos por ela, visando a contribuir, assim, para a formação de cidadãos/cidadãs mais responsáveis em uma democracia, capazes de se expressar e de ver o mundo de maneira mais crítico-reflexiva (Fabrício, 2007). Desse modo, a visão de linguagem e de discurso apresentada nesse trabalho é a socioconstrucionista, que entende que o discurso, ao mesmo tempo que constrói a realidade, é construído por ela (Moita Lopes, 2003). Além disso, linguagem e discurso são ideologicamente carregad@s, o que leva a entender que as realidades construídas na/pela linguagem o são a partir de interesses políticos, econômicos, ou mesmo particulares (Woolard, 1998). Essa visão de linguagem e discurso pode figurar em sala de aula por meio da abordagem de temas que circulam pelo mundo, seja através da internet, da televisão, dos jornais. O tema escolhido para o presente trabalho foi a representação da mulher na cultura pop. Essa questão é amplamente veiculada por diferentes mídias, mas não é muito contemplada. Discute-se que é importante abordar tais questões em sala tanto para contribuir para a aprendizagem d@s alun@s que, confrontad@s com situações em que suas vozes precisam fazer-se ouvidas, acabam usando a língua-alvo de maneira menos controlada, quanto para contribuir para que certos tabus sejam questionados, a fim de colaborar para a formação de cidadãos/cidadãs mais crític@s e reflexiv@s acerca do papel do discurso na construção de significados ideologicamente carregados. Esse trabalho foi realizado com uma turma de Inglês II (antigo Inglês I) do projeto CLAC - UFRJ. Os textos utilizados para as atividades foram os videoclipes das músicas “*Hard out here*”, da cantora Lily Allen, e “*Beijinho no ombro*”, da cantora Valesca Popozuda. Em um primeiro momento, @s alun@s receberam um *handout* que visava a aprofundar a compreensão das letras das músicas, bem como os vídeos e sua relação com a letra. Em um segundo momento, foi proposta uma atividade de escrita e sua apresentação para a turma, para que @s alun@s pudessem expor suas opiniões sobre assuntos como o papel e a representação da mulher na sociedade pelas lentes das próprias mulheres. Essas atividades foram propostas a fim de diminuir a distância entre sala de aula e sociedade, instigando @s alun@s a refletir sobre questões de gênero presentes em materiais que fazem parte do cotidiano. Constatou-se, através de análises das produções d@s alun@s, que o uso da língua-alvo e a capacidade de refletir criticamente sobre os assuntos propostos foram potencializad@s.

3) INGLÊS PARA TERCEIRA IDADE: INVESTIGANDO O CONTEXTO UNATI/UERJ

Paulo Roberto de Lima Lopes (UERJ)

Apesar de ter produzido incansavelmente na área de ensino e aprendizagem de língua adicional com crianças, adolescentes e jovens adultos, a Linguística Aplicada (LA) ainda não desenvolveu um acervo que ilumine os diferentes aspectos do processo de ensino e aprendizagem de

segunda língua para adultos da terceira idade. Entre os poucos estudos desenvolvidos na área, destacam-se as pesquisas de Pizzolatto (1995), sobre as características do processo de ensino e aprendizagem de segunda língua com adultos da terceira idade; de Conceição (1999), sobre as estratégias de aprendizagem utilizadas por idosos; de Scopinho (2009), acerca dos subsídios para elaboração e utilização de materiais didáticos desenhados para a terceira idade; e de Oliveira (2010), sobre as crenças e experiências de idosas aprendendo inglês em uma escola pública. Como forma de contribuir para o preenchimento dessa lacuna e concretizar um desejo pessoal, surgido a partir dos desafios experienciados enquanto estagiário de iniciação à docência de inglês nos anos de 2008 e 2009, esta pesquisa almeja entender o processo de ensino e aprendizagem de inglês com adultos da terceira idade a partir de três perspectivas: a das professoras, a dos alunos e a minha, enquanto pesquisador. Para tanto, três perguntas de pesquisa foram estabelecidas: (1) como os participantes do contexto (professoras, alunos e pesquisador) entendem o papel do curso e o processo de ensino e aprendizagem de inglês?; (2) Que práticas pedagógicas são apreciadas pelos alunos?; e (3) De que forma os materiais existentes se relacionam com as preferências dos alunos? Compartilhando com Richardson (1994) o conceito de cristalização, intenciono compreender diferentes aspectos do contexto investigado, a saber, as aulas de inglês do projeto Línguas Estrangeiras para Terceira Idade (LETI) da Universidade Aberta da Terceira Idade da UERJ (UnATI/UERJ), encarando-o como um cristal multifacetado. Para gerar dados, utilizei quatro instrumentos de pesquisa: um questionário socioeconômico e cultural, duas entrevistas inspiradas no conceito de grupos focais (GASKELL, 2002), uma realizada com as professoras e outra com cinco alunos, e observações de aulas com notas de campo. Este estudo conjuga conhecimentos de Aquisição de Segunda Língua (ELLIS, 1997; LIGHTBOWN, 2000), condição Pós-método (KUMARAVADIVELU, 1994; 2006), ensino e aprendizagem de línguas sob a ótica da teoria da complexidade (LARSEN-FREEMAN, 2002; PAIVA, 2009; AUGUSTO, 2009; SADE, 2009), teoria dos posicionamentos (LANGENHOVE & HARRÉ, 1999; DAVIES & HARRÉ, 1990) e ensino e aprendizagem de inglês com adultos da terceira idade (PIZZOLATTO, 1995; CONCEIÇÃO, 1999; SCOPINHO, 2009 e OLIVEIRA, 2010). Os fios temáticos emergentes das práticas discursivas dos participantes são (1) memória, (2) afeto e emoções, (3) socialização, (4) conversação, música e tradução, (5) dedicação ao estudo, (6) heterogeneidade dos grupos, (7) uso de novas tecnologias e (8) material didático. As categorias de análise são memória (MARTIN & ELLIS, 2012; OKANO, HIRANO & BALABAN, 2000) e afetividade (ARAGÃO, 2011; WELP, 2009) na aprendizagem de língua estrangeira, teoria dos posicionamentos e macroestratégias da condição Pós-método. Entre os achados estão a importância da memória e da afetividade na aprendizagem de inglês, o desejo dos alunos por atividades de conversação, o apreço que eles têm pela música e a inexistência de materiais desenhados para o público da terceira idade. As práticas discursivas são analisadas e discutidas com vistas à elaboração de materiais didáticos para o público da terceira idade.

4) UMA AÇÃO POLÍTICO-LINGUÍSTICA PARA O ENSINO DE LE: EDUCAÇÃO BILÍNGUE NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO

Carla Mirelle de Oliveira Matos Lisboa (UFF)

Marina Mello de M. Felix de Souza (UFF)

De um lado, escolas bilíngues particulares que já existem há muito tempo no Brasil. De outro, a novidade: Programa Bilíngue da rede municipal de ensino do Rio de Janeiro. Neste trabalho, pretendemos refletir sobre esse Programa Bilíngue (Português-Inglês) da rede municipal do Rio de Janeiro, que propõe o ensino de língua estrangeira (LE) em um quadro de ensino bilíngue, e avaliar, sob a ótica de Cooper (1997), a política linguística implementada para sua concretização, buscando responder às questões lançadas pelo autor para avaliação de todo planejamento linguístico: Quem planeja? O quê? Para quem? e Como? Para isso, do ponto de vista metodológico, primeiro fizemos um levantamento bibliográfico sobre o assunto; em seguida submetemos o projeto ao Comitê de Ética através da Plataforma Brasil; depois entramos com a solicitação na Secretaria Municipal de ensino do Rio de Janeiro para o desenvolvimento da pesquisa de campo nas escolas envolvidas, no intuito de aplicar questionários aos professores e alunos, além de entrevistar os gestores das escolas que fazem parte do projeto: Escola Municipal Professor Afonso Várzea e CIEP Glauber Rocha, ambas localizadas na região Norte do Rio de Janeiro; buscamos, ainda, informações sobre o Programa em documentos oficiais e, nesta última fase, estamos analisando os dados obtidos. O trabalho foi dividido em três partes: a primeira trata de uma breve revisão bibliográfica acerca de política linguística e da situação da língua inglesa no mundo atual, além de uma análise da legislação e das políticas linguísticas em vigor para o ensino de língua estrangeira no Brasil; a segunda contextualiza a etapa anterior com o quadro da realidade do novo Programa Bilíngue das Escolas municipais do Rio de Janeiro, procurando dialogar com a avaliação proposta por Cooper (1997); e a última tece algumas considerações finais, que, longe de encerrar o assunto, ratificam algumas reflexões feitas ao longo desse percurso e instigam pesquisas complementares. Nosso referencial teórico encontra suporte em Biplan (2005); Bortobi-Ricardo (2011); Calvet (2002, 2007, 2012); Cooper (1997); Diniz (2012); Ilari (2003); Lacoste (2005); PCN (1998); OCEM (2006); OCLI (2012); Oliveira (2007); Orlandi (2007); Pereira e Costa (2012); Rajagopalan (2003, 2005, 2011); Savedra (2003a, 2003b, 2004); Savedra e Lagares (2012). Nota-se, pois, que política e planejamento linguístico são assuntos muito amplos e importantes para as nossas vidas, pois envolvem decisões relacionadas a questões linguísticas/sociais que devem ser pesquisadas e discutidas. Isso porque, como defende Rajagopalan (2005, p.138), “O que se deve ou não se deve fazer com o destino de uma língua nacional é assunto que pertence a áreas como a política linguística e o planejamento linguístico.” Desse modo, não só os estudiosos, mas toda a população tem interesse quando se trata de decisões que envolvem a(s) língua(s) de um povo. A principal justificativa deste trabalho se pauta no fato do Programa Bilíngue na rede municipal de ensino constituir um

planejamento linguístico de status e por ser uma novidade o ensino público no Brasil. Assim, torna-se interessante pensarmos e observarmos a maneira como essa política está acontecendo, refletirmos sobre projetos com a mesma temática e, claro, estudá-los e analisá-los para que possamos avaliar essa política, bem como dar sugestões.

5) ENSINO DE LEITURA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA: UMA PERSPECTIVA SOCIOINTERACIONISTA

Danielle Marques de Lima (CMRJ)

Rafaela Tuyane Pereira Pinheiro (UERJ)

O presente estudo visa a investigar o ensino de leitura em língua estrangeira (doravante LE) na abordagem sociointeracionista da linguagem. O processo de aprendizagem de LE observado se caracteriza, em sua manifestação mais completa, pela aprendizagem contínua e assistida de quatro habilidades básicas: a escrita, a conversação, a compreensão auditiva e a leitura. No contexto do Ensino Fundamental brasileiro, no qual as duas pesquisadoras se inserem como docentes de língua inglesa, a leitura é uma das habilidades mais privilegiadas, mesmo porque é enfatizada nas orientações dos PCN de línguas estrangeiras. O ensino de leitura é uma estratégia pedagógica que reforça a necessidade de os alunos desenvolverem a capacidade crítico-reflexiva em um mundo cada vez mais globalizado. No caso da sociedade brasileira, mais especificamente, a influência da cultura norte-americana, por exemplo, é notória em diversos domínios, sobretudo na indústria do entretenimento e na internet, e esta é uma das ferramentas de estudo mais utilizadas por estudantes. É preciso que a sala de aula de inglês aborde esses assuntos de forma relevante para os alunos, levando-os a compreenderem que a aprendizagem de uma língua muito tem a ver com relações de poder e que o conhecimento é um instrumento de emancipação e empoderamento. De acordo com Bruner (1977: 17), “a aprendizagem não deve só nos conduzir a algum lugar; ela deve nos permitir prosseguir mais facilmente”. Todas essas questões suscitam a importância de uma abordagem que considera não apenas o aspecto textual do discurso, mas também suas referências a aspectos socioculturais. Assim, surgiu a necessidade de melhor compreendermos nossa prática docente e buscarmos refletir sobre como o ensino de leitura pode ser mais eficaz mediante uma abordagem que incluisse o conhecimento de mundo dos alunos e sua reflexão crítica sobre os textos utilizados nas aulas de leitura. Dessa forma, elaboramos um experimento em que dois testes de leitura e interpretação diferentes foram aplicados em turmas de 7º e 8º ano de duas escolas do Rio de Janeiro, uma particular e uma pública federal. Antes da realização de um dos testes havia a apresentação de uma atividade motivadora (pre-reading) que discutia o tema do texto; antes do outro teste, essa atividade não era apresentada, os alunos apenas realizavam os exercícios sem qualquer discussão. Esperava-se que os resultados dos testes realizados após a atividade motivadora apresentassem *scores* melhores, uma vez que os alunos teriam tido a oportunidade de ativar conhecimentos prévios sobre o tema do texto que os ajudariam a

executar a tarefa. Os resultados dos alunos da escola pública federal foram submetidos a uma ANOVA (2x2) e os dos alunos da escola particular a uma ANOVA simples. Obteve-se um efeito principal de grau de dificuldade no grupo da escola pública, mas não se obteve efeito significativo no uso do pre-reading. Os resultados para a escola particular mostraram-se marginais ($p < 0,08$). Uma observação dos dados individuais de ambas as escolas, no entanto, sugerem que os alunos com mais dificuldade se beneficiam mais da atividade motivadora do que aqueles que já estão em níveis mais avançados de conhecimento da língua. Os resultados, um tanto surpreendentes, motivaram uma reflexão sobre o ensino de leitura que pode contribuir com a prática pedagógica de outros professores que também se encontram desafiados pela educação de língua estrangeira.

SESSÃO 31 - ESTUDOS DIACRÔNICOS II

Coordenadora: Mônica Tavares Orsini (UFRJ)

1) A REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO DE REFERÊNCIA DEFINIDA EM PEÇAS BRASILEIRAS E PORTUGUESAS: UM ESTUDO DIACRÔNICO

Gabriela Costa Mourão (UFRJ)

O objetivo do presente trabalho é analisar a representação do sujeito de referência definida no Português Europeu (PE), utilizando uma amostra de peças de teatro comparável com as utilizadas na análise de Duarte (1993) para o Português Brasileiro (PB), e comparar os resultados para o PE com os encontrados pela autora neste trabalho sobre o PB. Na análise de Duarte (1993), a autora investigou a representação do sujeito pronominal de referência definida em peças brasileiras, escritas no Rio de Janeiro entre 1845 e 1992 e concluiu que a implementação da mudança na representação do sujeito não se dá da mesma forma nas três pessoas do discurso: o preenchimento dos sujeitos é mais acelerado na primeira e segunda pessoas, enquanto que na terceira pessoa, embora os índices de sujeitos expressos, de fato, tenham triplicado entre o primeiro e o último período de tempo analisados, o aumento pode ser considerado menos expressivo se comparado aos índices da primeira e segunda pessoas. Através da análise dos dados das peças de teatro portuguesas, procurei observar se houve alguma mudança na representação do sujeito no PE assim como houve mudança no PB ou se o PE continua a ser uma língua prototípica de sujeito nulo. Como base teórica, foi utilizado o modelo de estudo da mudança apresentado por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), conhecido como Teoria da Variação e Mudança Linguística, associado com a Teoria de Princípios e Parâmetros de Chomsky (1981). A partir deste casamento de um modelo de mudança com uma teoria linguística, levanto as seguintes hipóteses para o trabalho: (i) diferentemente do PB, espera-se que o PE apresente uma regularidade na representação do sujeito nas três

pessoas do discurso ao longo do tempo; (ii) também ao contrário do PB, espera-se que haja o predomínio de sujeitos nulos, independentemente do período de tempo. Ambas as hipóteses se justificam pelo fato de o PE não apresentar redução do paradigma verbal, fenômeno que já foi atestado no PB. Os dados para este trabalho foram coletados de peças portuguesas escritas entre os séculos XIX e XX. Todas as peças são comédias de costume e foram divididas em sete períodos de tempo de acordo com o ano em que foram escritas. Os dados foram coletados através da leitura das peças e, em seguida, codificados e processados seguindo os passos da metodologia variacionista (MOLLICA & BRAGA, 2003; TAGLIAMONTE, 2006; GUY & ZILLES, 2007). Ainda sobre os dados, foram consideradas apenas sentenças finitas e foram excluídas sentenças em que o sujeito é categoricamente expresso. Visto que o comportamento da 3ª pessoa era diferente das demais, foram necessárias duas rodadas diferentes com o programa Goldvarb X. A primeira rodada levou em conta apenas os dados de 1ª e 2ª pessoas. Para estas pessoas, o programa selecionou grupos de fatores diferentes dos selecionados para a 3ª pessoa na segunda rodada, o que comprovou a necessidade de uma análise em separado. Ao fim da análise, a hipótese de que o PE apresentaria uma regularidade na representação do sujeito foi confirmada. Ao longo do tempo, os percentuais gerais mostraram que, apesar das oscilações, o índice de sujeitos nulos se manteve constante. Daí conclui-se que, diferentemente do PB, o PE não parece se encontrar em processo de mudança na representação de seus sujeitos, mantendo a preferência pelo sujeito nulo.

2) AS CONSTRUÇÕES DE TÓPICO MARCADO NO PORTUGUÊS EUROPEU: UM ESTUDO DIACRÔNICO

Mônica Tavares Orsini (UFRJ)

O presente estudo investiga a trajetória das construções de tópico marcado, no decorrer dos séculos XIX e XX, tendo em vista o fato de estas refletirem as características morfossintáticas do Português Europeu (PE): se por um lado, prefere deixar vazia a posição sintática de sujeito; por outro, preenche a de objeto, revelando-se um sistema de concordância rica e produtivo no que se refere ao emprego dos clíticos. As construções de tópico marcado apresentam, na periferia esquerda da sentença, um sintagma sobre o qual se faz uma proposição por meio de um comentário. Segundo Raposo *et alii* (2013), há no PE diferentes estruturas de tópico marcado. Este trabalho analisa aquelas em que se estabelece correferencialidade entre o tópico e um constituinte no comentário. Há dois tipos básicos de estruturas, a saber: (a) as construções de **deslocamento à esquerda**, em que o tópico é retomado no comentário, por meio de um pronome ou epíteto (**deslocamento à esquerda de tópico pendente**), exemplificado em (1) “[*sombbrero, sol, papo para o ar*]_i, não sei se estás a ver...[*isso*]_i é para os velhos como nós...os jovens têm de exercitar os músculos.” (Filho, Luísa Costa Gomes, 1985), ou de um clítico, em função acusativa ou dativa (**deslocamento à esquerda clítico**), exemplificado em (2) “[*A sua presença daqui em diante*]

recebo-[a], como uma afronta.” (*Espinhos e Flores*, Camilo Castelo Branco, 1857) e (b) as construções de **topicalização** em que o tópico corresponde a um constituinte interno ao comentário sem retomada lexical. Para os autores, em se tratando deste último tipo, há construções em que o tópico respeita integralmente as propriedades seletivas do predicador verbal, como se verifica em (3) “[*De outras preocupações*], vos quero também aliviar []”, (*Viagem a Damasco*, Noberto Ávila, 1980), e outras em que essa subcategorização é parcial (**topicalização não canônica**), como em (4) “[*isso*], até gostava []”, (*A menina feia*, Manuel Francisco Pressler, 1954), em que a preposição é suprimida. O trabalho utiliza o quadro teórico do estudo da mudança descrito por Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]), evidenciando, de forma particular, a questão do encaixamento, e a Teoria de Princípios e Parâmetros proposta por Chomsky (1981) e se desenvolve em conformidade com os pressupostos metodológicos da Sociolinguística Variacionista (LABOV 1972, 1994). Esta associação tem se revelado bastante frutífera já que, por meio da sistematicidade quantitativamente demonstrada de um fenômeno variável, é possível detectar propriedades da gramática de uma língua. O *corpus* constitui-se de 74 peças teatrais portuguesas, distribuídas por quatro períodos. Pretende-se, assim, (a) apresentar a distribuição e as características estruturais das estratégias de topicalização e de deslocamento à esquerda nos períodos focalizados e (b) analisar as ocorrências de topicalização de oblíquo com e sem preposição, já que estas são toleradas pelo letrado português apenas na modalidade oral, revelando *a priori* restrições sintáticas e semânticas. Desta forma, numa perspectiva inter-linguística, pretende-se confirmar a tese de que o PE reúne características de língua de proeminência de sujeito, segundo tipologia apresentada por Li e Thompson (1976), conforme descrição das gramáticas portuguesas, diferentemente do PB, que, ao contrário, tem revelado comportamento morfossintático que o aproxima das línguas de tópico. Resultados preliminares apontam que as topicalizações são mais recorrentes em contexto raiz e o SN tópico é preferencialmente [-animado; +específico]. Em relação às construções de topicalização de oblíquo nuclear, percebe-se a preferência pela manutenção da preposição. Quanto às construções de deslocamento à esquerda, há mais ocorrências de DE clítico que de DE tópico pendente.

3) VERBOS AUXILIARES DO TEMPO COMPOSTO EM PEÇAS CARIOCAS: UM ESTUDO DIACRÔNICO

Mônica de Azevedo Rodrigues Paulo (UERJ/CAPES)

O presente trabalho se propõe à investigação da formação dos verbos compostos no Português do Brasil (PB). Apesar de as gramáticas normativas defenderem a possibilidade de dois auxiliares – “ter” e “haver” – compõem a formação dos tempos compostos, a fala espontânea nos dá pistas para acreditarmos que o uso de “haver” como auxiliar está cada vez mais ausente no nosso PB como, aliás, ocorre com seu uso como verbo pleno existencial, igualmente substituído por “ter”. No entanto, parece que as variedades de fala mais monitoradas e a escrita formal preservam essa

forma. O nosso objetivo foi realizar um estudo de mudança em tempo real a fim de verificar se há uma tendência ao desaparecimento do verbo “haver” como auxiliar de tempos compostos. Para tanto, foram analisadas sete peças de teatro escritas por autores brasileiros, distribuídas ao longo de sete períodos: I. *O noviço* (1845), II. *Caiu o ministério* (1883), III. *O simpático Jeremias* (1918), IV. *O hóspede do quarto nº 2* (1937), V. *Um elefante no caos* (1955), VI. *A mulher integral* (1975), VII. *No coração do Brasil* (1992). A distribuição, devido à falta de autores populares no século XIX, não é regular. Entretanto, estudos sobre outros fenômenos (cf. Duarte, 2012) revelam que não houve mudanças substanciais na gramática do PB ao longo do século XIX. Ao longo de nosso estudo, fez-se necessária a formulação de uma hipótese, estimulada pela reflexão da linguista portuguesa Fátima Oliveira (2013) que considera que o tempo composto formado pelo auxiliar “haver” representa uma forma arcaizante, sendo raramente utilizada no Português Europeu (PE), enquanto tal forma seria comum no Português do Brasil. Com isso em mente, criamos nossa hipótese: **O Português Brasileiro seria mais conservador do que o Português Europeu já que preservou uma forma arcaizante, ou seja, o uso do verbo (haver) como auxiliar?** Estipulamos como pressuposto que as peças representam um registro próximo da fala corrente do período em que foram escritas, por isso utilizamos esses textos para tentar confirmar a nossa hipótese. Caso a frequência do auxiliar “haver” se aproximasse da frequência do uso de “ter” ou a superasse, poderíamos comprovar a afirmação da autora portuguesa. Além do aspecto quantitativo, foram considerados fatores qualitativos que poderiam influenciar na escolha do uso de cada verbo auxiliar. Após a análise das sete peças teatrais, foram computados 174 dados com o tempo composto. Em 164 destes, figura o verbo “ter”; enquanto apenas em 9 sentenças é empregado o verbo “haver” como auxiliar. A discrepância entre a quantidade de dados com o auxiliar “ter” e o “haver” nos conduziu a uma resposta para a nossa hipótese: o Português Brasileiro **não** seria mais conservador que o Português Europeu no que diz respeito à fala. Isto porque, na fala espontânea, a forma composta com o verbo auxiliar “haver”, praticamente desapareceu. O que faz com que o auxiliar “haver” ainda seja preservado nos registros mais formais da nossa língua é, provavelmente, uma certa pressão normativista que insiste no uso de “haver” como verbo existencial e, com isso, produz um efeito na sua utilização como auxiliar. Confirmamos, ainda, que as peças são bastante confiáveis no sentido de nos oferecer uma gramática mais próxima da fala de seu tempo.

4) A ORDEM VS EM SENTENÇAS COM VERBOS NÃO INACUSATIVOS EM PEÇAS CARIOCAS: UM ESTUDO DIACRÔNICO

Thayane Santos Antunes (UERJ)

Este trabalho tratou de um estudo sobre a ordem verbo-sujeito (VS) em sentenças com verbos não inacusativos no Português Brasileiro (PB) em tempo real, de longa duração, com base em sete peças de teatro brasileiras de períodos distintos (1845 a 1992). Nosso estudo se insere no

quadro teórico da Sociolinguística Paramétrica (Tarallo & Kato, 1989), no qual são utilizados os pressupostos da Sociolinguística Variacionista aliados à teoria de Princípios e Parâmetros. O modelo de mudança em que nos baseamos foi o proposto por Weinreich, Labov & Herzog (2006 [1968]). Segundo os autores, uma mudança linguística sempre estará relacionada a outras que aconteceram antes ou que acontecerão depois, o que é chamado de encaixamento da mudança. Nosso pressuposto para a realização deste trabalho foi o de que o fenômeno que estudamos poderia ser consequência da mudança na remarcação do parâmetro do sujeito nulo no PB. A respeito da ordem VS, temos como base o texto de Kato, Duarte, Cyrino & Berlinck (2006), que apresenta uma compilação de estudos sobre a ordem VS e sua relação com outras mudanças atestadas no PB. Berlinck (1989, 1995, 2000) e Kato et al (1996), demonstraram em seus estudos que apenas os verbos inacusativos ainda mantêm esta ordem de maneira irrestrita. Ainda como base de nosso trabalho, temos Santos & Soares da Silva (2012), que trataram da ordem V-DP/DP-V com verbos inacusativos e cujos resultados mostraram que os fatores discursivos que antes influenciavam a ordem V-DP ou DP-V foram superados por fatores sintáticos (a transitividade verbal) a partir da mudança na marcação do parâmetro do sujeito nulo. Foi observado pelos autores, ainda, que em alguns grupos de verbo cujo argumento interno tem os traços [+humano/+específico], como morrer/nascer/envelhecer, a ocorrência de ordem V-DP diminuiu, o que nos indica que a mudança logo poderá atingir também outros verbos inacusativos que selecionam argumentos com o traço [-humano]. Nossa hipótese inicial era a de que a ordem VS com verbos não inacusativos teria um decréscimo na linha do tempo analisada, sendo sua ocorrência mais forte nos primeiros períodos e decrescendo continuamente até o último e a tendência à ordem SV, com o preenchimento da posição canônica do sujeito competiria com o uso de alguma outra estratégia de preenchimento, o que nos levou à segunda hipótese: a de que teríamos porcentagens maiores em casos em que há algum elemento inicial na sentença que não o sujeito. A partir da coleta de dados das sete peças selecionadas, pudemos observar que essa diminuição de ocorrências é real, tendo no primeiro período estudado um total de 54 dados de ordem VS, enquanto no último, apenas 4. Além disso, observamos também alguns fatores a respeito deste fenômeno: i. A força ilocucionária: encontramos mais dados de ordem VS nas declarativas, em comparação com as exclamativas e interrogativas. ii. No caso da ordem (X) VS, na qual há um elemento não-sujeito iniciando a sentença, esse elemento possui, na maioria dos casos, função de objeto direto, nos fazendo inferir que esse tipo de complemento seria o mais utilizado para início de sentenças, mesmo quando a ordem é VS. iii. Os complementos dos verbos transitivos foram, em sua maioria, representados como DPs plenos, o que confirma o que foi dito por Kato, Duarte, Cyrino & Berlinck (2006), em relação à ordem VOS: esta seria facilitada em casos de clíticos e nulos, que pouco apareceram nos dados, o que explicaria o fato de ser a ordem com menor ocorrência de dados.

5) A EXPRESSÃO DA MODALIDADE EM PEÇAS CARIOCAS: UM ESTUDO DIACRÔNICO

Evelin Azambuja Augusto (UFRJ/CNPq)

Este trabalho tem como tema a expressão da modalidade dentro de uma perspectiva que analisa a preferência por algumas formas em detrimento de outras, levando em conta uma importante mudança que se dá no português do Brasil: a preferência por sentenças com sujeito preenchido, em vez das sentenças impessoais. A categoria modalidade recebe, de forma geral, duas classificações: a) deôntica (quando indica obrigação ou permissão) e b) epistêmica (quando está ligada às crenças e opiniões do falante, indicando possibilidade/probabilidade). Há diversas formas de expressá-la. O presente trabalho focalizará os verbos auxiliares modais (como *poder*, *dever* e *ter de/ter que*), verbos predicadores (como *cumprir* e *convir*) e predicadores adjetivais (como *possível*, *preciso*, *necessário*, *obrigatório*). **Como base teórica, utilizou-se** o modelo de estudo da variação e mudança proposto por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), associado à Teoria de Princípios e Parâmetros. O meu objetivo principal foi analisar **como as formas de expressão de modalidade se comportam ao longo do tempo no Português Brasileiro**. Para isso, foram analisadas sete peças de teatro escritas por autores brasileiros, distribuídas ao longo de sete períodos entre os séculos XIX e XX. Segundo Duarte (2012), a partir de análise da fala culta carioca e da escrita veiculada em jornais do Rio de Janeiro, é cada vez menos frequente o uso de verbos plenos para a expressão da modalidade deôntica e epistêmica. O uso de predicadores adjetivais, ainda presentes na fala e na escrita - embora o leque de adjetivos seja muito restrito -, é amplamente superado pelo uso de verbos auxiliares. E é justamente o fato de que o uso de auxiliares facilita a projeção de um sujeito que parece constituir um dos fatores a favorecer sua ampla utilização. De acordo com a autora, os únicos verbos plenos que aparecem na fala para veicular as noções de obrigação e possibilidade constituem estruturas inovadoras: trata-se dos verbos “ser” e “dar” seguidos de uma oração infinitiva regida de preposição, como em: a. Ø_{expl} Era [pra eu ter chegado mais cedo] (obrigação); b. Ø_{expl} Dava [pra você chegar mais cedo?] (possibilidade). Para a autora, essas duas formas, que, em princípio, iriam contra sua hipótese, permitem o alçamento do sujeito da encaixada para a posição do sujeito da matriz: Eu_i era [pra t_i ter chegado mais cedo]. Baseando-se no estudo de Duarte (2012), **esperava-se que o número de construções com verbos plenos e predicadores adjetivais diminuísse ao longo do tempo. Já em relação às construções com verbos auxiliares, a hipótese era de que seriam cada vez mais utilizadas, justamente por projetarem um sujeito**. Além do aspecto quantitativo, consideraram-se fatores qualitativos que poderiam influenciar na escolha do uso de uma das formas de expressão da modalidade analisadas (verbo predicador, verbo auxiliar e predicador adjetival). Após a análise das sete peças teatrais, foram computados 581 dados de expressão da modalidade. Em 519 destes, temos construções com verbos auxiliares, enquanto as construções com predicadores adjetivais correspondem a apenas 55 dados e as construções

com verbos predicadores correspondem a apenas 7 dados. A grande diferença entre a quantidade de dados como uso de auxiliares e com o uso das outras formas de expressão da modalidade analisadas nos levou à confirmação da nossa hipótese de que, para a expressão dessa categoria, as construções com verbos auxiliares são as preferidas no Português Brasileiro, em detrimento das construções com verbos predicadores e predicadores adjetivais. Além disso, pôde-se, através de estudo Variacionista como este, refletir sobre a implementação e encaixamento de uma mudança, quais consequências ela acarreta na língua, por exemplo.

SESSÃO 32 - FUNCIONALISMO II

Coordenador: Ebal Bolacio (UERJ)

1) ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DA GRAMATICALIZAÇÃO DE ORAÇÕES ENCAIXADAS SUBJETIVAS

Marcela Zambolim de Moura (UFJF)

Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda (UFJF)

O presente trabalho objetiva analisar, à luz da abordagem construcional (TRAUGOTT 2003, 2008a, 2008b, 2009, 2011a, 2011b; NOËL, 2007; TRAUGOTT & TROUSDALE 2013), o processo de gramaticalização das orações encaixadas subjetivas, que, na tradição gramatical, são comumente classificadas por sua função sintática. Em uma abordagem sincrônica e diacrônica, observa-se, no entanto, que tais orações podem ser categorizadas em outras funções, como apresentou a pesquisa de mestrado de Moura (2009), que analisa a ligação entre orações matrizes do tipo [verbo *ser* + predicativo] e suas encaixadas subjetivas na escrita mineira a partir do uso do português brasileiro contemporâneo em uma análise sincrônica. Os dados mostram que algumas encaixadas subjetivas estão a caminho de uma independência sintática, visto que suas matrizes estão funcionando como *quase-satélites*. Propôs-se uma escala semântica que hierarquiza os usos das matrizes em relação ao grau de encaixamento: modalidade deôntica > avaliação > modalidade epistêmica. O cline, da esquerda para direita, apresenta orações menos encaixadas a mais encaixadas. Na pesquisa de doutorado, em andamento, tenciona-se esquematizar o encaixamento das subjetivas em micro, meso e macroconstruções, conforme proposta de Traugott (2008a, 2008b), pautando-se nas crenças de que a gramaticalização atua em todos os níveis da gramática e de que existe um pareamento entre forma/sentido nas construções linguísticas. Verifica-se ainda a possível abstratização que leva as encaixadas subjetivas a apresentarem, sincronicamente, desvinculação sintático-semântica e, diacronicamente, um cline através do tempo que, possivelmente, foi instanciado quando os sentidos subjetivos/mais

subjativos passaram a concorrer no mesmo domínio funcional dos sentidos menos subjativos. Nessa perspectiva, foram selecionados e analisados os padrões construcionais das orações encaixadas subjetivas, encontrados em textos que recobrem o período compreendido entre os séculos XIII e XXI. Os dados sincrônicos foram coletados nos seguintes *corpora*: *corpus* do “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”, *corpus* do projeto “PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua” e *corpus* do projeto “NURC/RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro”. Por sua vez, os dados diacrônicos foram coletados no *corpus* do projeto “CIPM – Corpus Informatizado do Português Medieval” e no *corpus* do projeto “TychoBrahe”. Até o momento, os resultados apontam que: a) o esquema construcional [verbo *ser* + predicativo], que expressa a atitude do falante, configura a macroconstrução; b) a instanciação das modalidades deôntica e epistêmica e da avaliação, que ocorrem, respectivamente, em contextos de relato e de argumentação, configura as mesoconstruções; c) as microconstruções apresentam padrões construcionais específicos na expressão de necessidade e obrigação, sendo instanciadas por agentes diferentes – asseveração e relatividade, afetividade, apreciação e julgamento. Dessa forma, a pesquisa de doutorado, a partir de um olhar quantitativo e qualitativo, pretende responder: (i) a partir de uma análise diacrônica, as características morfossintáticas e funcionais seriam as mesmas encontradas na análise sincrônica das orações encaixadas subjetivas?; (ii) existe um alinhamento forma/sentido, a partir da observação diacrônica, que comprove a desvinculação sintático-semântica encontrada em dados sincrônicos?; (iii) quais construções se aproximam e quais construções inovam a esquematicidade das orações encaixadas subjetivas?; (iv) existe uma rede construcional para as encaixadas subjetivas no português brasileiro?

2) CONSTRUCIONALIZAÇÃO GRAMATICAL DE “FOI QUANDO” COMO CONECTOR

Alexsandra Ferreira da Silva (UFF)

O trabalho que propomos investiga usos da expressão “foi quando” em uma perspectiva diacrônica. Por meio da análise de amostras de uso que remontam ao século XIII, observamos um processo de mudança gradual que conduziu ao uso de “foi quando” como conector em sincronias mais recentes. O resultado desse processo de mudança é analisado na perspectiva de Construcionalização Gramatical, proposta por Traugott e Trousdale (2013). Para esse estudo, adotamos como referencial teórico os pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso – LFCU. Trata-se de uma abordagem resultante da união do Funcionalismo Linguístico norte-americano – na linha de Givón, Hopper, Bybee, Traugott, entre outros – com contribuições da Linguística Cognitiva, principalmente no que se refere à Gramática de Construções – na linha de Goldberg, Croft, entre outros. Desse modo, com base no reconhecimento da importância de se abordar os fenômenos linguísticos em seu contexto efetivo de uso, procedemos, inicialmente, a uma pesquisa sincrônica na qual são analisadas notícias publicadas nos sites: www.g1.globo.com e www.odia.ig.com.br, tendo em vista a recorrência de uso da expressão “foi quando”

nesse gênero textual. Posteriormente, pesquisamos dados diacrônicos através do *Corpus* do Português, em www.corpusdoportugues.org. Partimos da hipótese de que a expressão “foi quando”, em viés sincrônico, apresenta graus distintos de gramaticalidade em que o uso mais gramatical dessa expressão se configura de maneira bastante integrada na língua, como uma microconstrução, nos termos de Traugott (2008). Hipotetizamos, ainda, de acordo com Traugott (2010), que os diferentes graus de gramaticalidade da expressão “foi quando” sejam decorrentes de um processo de gramaticalização, como resultado de mudança diacrônica. O processo de gramaticalização é observado a partir do estudo dos Contextos que conduzem a mudança, conforme Heine (2002). A interpretação induzida pelo contexto nos permite analisar a mudança em pequenos passos, os reajustamentos morfossintáticos e semânticos que levaram à emergência potencial de “foi quando” como uma microconstrução que atua como conector, um mecanismo de coesão no texto. Neste sentido, verificamos que os usos de “foi quando” se apresentam, basicamente, em três tipos de Contextos, conforme Heine (2002): I – Contexto Inicial: Os itens “foi” e “quando” são interpretados como elementos independentes, conforme a seguinte representação: [foi_{verb.ligação}] e [quando_{adv.integrante}]. Ex.: “Um dos pontos altos da apresentação foi quando cantou em árabe”. II – Contexto-ponte: Verificamos certa ambiguidade estrutural que permite dupla leitura dos itens “foi” e “quando” – uma não integrada e uma holística. Representamos o padrão da seguinte forma: [foi_{verb.copulativo}] [quando_{adv.relativo}]. Ex.: “A doutora Mery Gonzaga De Oliveira se lembra bem daquele *Dia das Mães do ano de 2005*. Foi quando chegou a notícia de que a filha estava com uma doença grave”. III – Contexto de Mudança: Os itens “foi” e “quando” são lidos de maneira holística, como uma microconstrução que funciona como conector. Temos a seguinte representação: [foi quando_{conector}]. Ex.: “Um tiro foi disparado e o pai caiu no chão. O jovem pensou que o homem havia sido baleado, e reagiu. Foi quando ele foi atingido por um tiro”. O estudo de “foi quando” nesses contextos nos permite observar neanálises de forma morfossintática e significado semântico/pragmático que levaram ao uso de “foi quando” em perspectiva construcional, um pareamento forma_{nova}-significado_{novo}. A consequência de uma série de reajustes que ocorre nesses contextos é a Construcionalização Gramatical de “foi quando” como um conector, uma microconstrução que apresenta significado abstrato e procedural, no sentido de que é utilizada para estabelecer relações linguísticas entre porções textuais como um mecanismo de coesão.

3) A CONSTRUCIONALIZAÇÃO LEXICAL DE SNLOC NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

Milena Torres de Aguiar (UFF/CNPq)

Baseados na Linguística Funcional Centrada no Uso, estudamos os quatro mais frequentes pronomes locativos de nossa língua – *ai, lá, aqui e ali* – na posição pós Sintagma Nominal, constituindo a macro-construção SNloc, uma construção fixa e cristalizada na língua, segundo

Traugott (2003, 2005, 2007). Tal construção possui realizações como construtos bastante recorrentes na interação entre os falantes da língua, conforme observamos em: “apareceu um... um... negócio nas costas dele que ele não sabia o que que era... aí ele foi ao médico... aí o médico olhou e falou que era **uma doença lá**...” em que nela não podemos perceber tão claramente a ideia de lugar própria do pronome locativo em seu uso primitivo e original como um item lexical. Desta forma, o locativo unido ao SN na construção assume um sentido diferenciado, sem, contudo, despojar-se completamente da referência locativa da qual deriva. Assumimos a hipótese que SNLoc é um membro marginal da classe dos nomes do português, resultante de construcionalização lexical. A mudança linguística de que resulta tal esquema se inicia nos usos dêiticos ou mais referenciais, de Loc pós SN – “fico entre a rede e **essa cadeira aqui**” – se incrementa nos padrões fóricos de Loc nessa ordenação, como advérbio catafórico – “**um cara lá em Friburgo**” – e, anafórico – “**minha escola** é legal... eu gosto de alguns professores... [...] porque **a diretora dali** é muito rígida” – e culmina com a cliticização de Loc, que se entrincheira ao SN, formando um novo esquema construcional da língua, no nível do léxico, com função específica atributiva – “a reunião estava marcada às sete e meia... eu fui convidado e tinha um... um rapaz... que... saiu devido a **uns problemas lá**... questão de disciplina... não sei que questão...” Assim organizado, consideramos que SNLoc constitui um padrão altamente esquemático, com produtividade maior na modalidade falada, em registros mais informais e em sequências de fundo narrativo. Acreditamos que SNloc seja uma virtualidade, uma macro-construção, nos termos de Traugott (2008), e que haja usos mais prototípicos dessa construção. Assim, devido à recorrência com que esses construtos aparecem no discurso para atender a propósitos comunicativos em contextos pragmáticos específicos, há a neoanálise que permite a fixação da estrutura. Por analogia, novas constituições da construção SNloc surgem. Enquanto macro-construção do português, interpretamos SNLoc conforme Croft (2001), como um pareamento de forma_{nova} – sentido_{novo}, em que o polo do sentido está associado principalmente com a semântica concreta do SN e o polo da forma com a categoria dos nomes, situada no léxico. Estamos diante de um caso de construcionalização lexical, pois com SNloc se depreende um novo sentido, diferente do sentido composicional de cada item. Trata-se de uma macro-construção altamente esquemática, de nível lexical não-prototípico, motivada por inferência sugerida, pela qual o locutor marca (inter)subjetivamente crenças e valores que comunica ao interlocutor. Assim, o esquema se torna progressivamente mais fixado ou fossilizado, entrando para o léxico da língua portuguesa, sendo processado e interpretado holisticamente e disponível para uso dos falantes. Para essa pesquisa, tomamos como base o *Corpus Discurso & Gramática* e realizamos um levantamento qualitativo e quantitativo em cinco tipos de textos orais e seus correspondentes escritos: Narrativa de Experiência Pessoal e Recontada, Descrição de Local, Relato de Procedimento e de Opinião. São textos produzidos por estudantes das cidades do Rio de Janeiro, Niterói, Juiz de Fora, Natal e Rio Grande.

4) PROCESSOS DE CRIAÇÃO LEXICAL NA GÍRIA JUVENIL DO PERU: UMA ABORDAGEM MULTISSISTÊMICA

Thayssa Taranto Ramírez (UFF)

Este artigo visa a abordar, à luz dos pressupostos da Gramática Multissistêmica (CASTILHO, 2010), algumas das formas empregadas por falantes da *jeringa*, gíria de caráter juvenil altamente difundida entre os habitantes da capital peruana. A Gramática Multissistêmica é um quadro teórico de inspiração funcionalista-cognitivista que entende a língua como um sistema dinâmico e complexo. Segundo essa teoria, a língua está composta de quatro diferentes sistemas (léxico, semântica, gramática e discurso) que, ao serem governados por um dispositivo sócio-cognitivo, atuam simultaneamente na criação das estruturas linguísticas. A fim de ampliar seu vocabulário, os usuários desse socioleto costumam recorrer aos princípios da ativação, reativação e desativação de categorias cognitivas e traços derivados, que poderão atuar na criação de estruturas novas, na recriação de itens linguísticos ou na resignificação de um item pré-existente através do apagamento de traços. De acordo com Castilho (2010), esses princípios atuam de forma não sequencial, o que explica a existência, na língua, de estruturas novas convivendo com antigas. No presente trabalho, caracterizaremos dois desses quatro sistemas, a saber, o léxico e a semântica, bem como seus mecanismos de lexicalização, relexicalização e dessemantização, respectivamente. Segundo Castilho (2010), o léxico pode ser definido como um inventário pré-verbal de categorias e subcategorias cognitivas associadas a um conjunto de traços semânticos. Durante o processo de criação das palavras, a chamada lexicalização, tanto as categorias quanto as propriedades a elas relacionadas são ativadas, passando a serem representadas linguisticamente. A lexicalização pode ocorrer por etimologia, por neologia ou por empréstimo. A relexicalização, por sua vez, é o rearranjo de categorias cognitivas e traços semânticos nas palavras, cujo resultado é a recriação de itens linguísticos, como é o caso dos processos de composição e derivação. Já a dessemantização é o “desbotamento” do sentido de uma palavra simultaneamente à criação de novos sentidos, a exemplo do que ocorre nas metáforas e metonímias. Ao criarmos sentidos, são ativadas propriedades que resultam nas chamadas categorias semânticas (dêixis, referência, predicação etc.). A alteração de sentidos, por outro lado, implica na desativação de certas propriedades, podendo incidir sobre as próprias categorias semânticas ou, ainda, sobre itens lexicais, modificando sua intenção. Com o objetivo de demonstrarmos de que forma esses mecanismos operam no referido socioleto, trataremos de ilustrar com itens lexicais extraídos de uma “coluna de fofocas” de um jornal peruano de caráter popular durante o período de um mês. Após analisarmos cada edição, coletamos alguns exemplos que caracterizam cada um desses processos, tratando de explicitar de que maneira a ativação, a reativação ou a desativação de propriedades ocorrem em cada caso em particular. Quanto ao mecanismo da lexicalização, observamos ser ele bastante frequente na *jeringa*, a julgar pelo grande número de neologismos, cuja principal característica, segundo Castilho, é

o fato de serem criados por meio da aplicação de uma regra morfológica da língua comum (como é o caso de “codearse” e “chalequear”, exemplos de sufixação). Apresenta, também, um número significativo de empréstimos, como é o caso de itens lexicais oriundos do quéchuá ou do aimará (configurando casos de empréstimo de substrato), como “paltearse” e “calatearse” ou aqueles provenientes do inglês e de outras línguas (configurando casos de estrangeirismos), como, por exemplo, “[en] guan” e “luquear”. Com relação à relexicalização, pudemos identificá-la em itens como “papieriqui” e “ojiverde” (que configuram casos de composição), bem como na maior parte dos neologismos e empréstimos citados, por terem eles sofrido processos de derivação sufixal. Por último, verificamos que a dessemantização se manifesta também de forma frequente no socioleto estudado, como é o caso dos itens lexicais “mancha” e “chaleco”, que são, respectivamente, exemplos de metáfora e metonímia.

SESSÃO 33 - INTERAÇÃO EM CONTEXTOS INSTITUCIONAIS II

Coordenadora: Amitza Torres Vieira (UFJF)

1) EVIDÊNCIA FORMAL: ESTRATÉGIA ARGUMENTATIVA NA DEFESA DE PONTOS DE VISTA EM AUDIÊNCIAS NO PROCON

Mônika Miranda de Oliveira (UFJF)

Amitza Torres Vieira (UFJF)

A argumentação, segundo Aristóteles, é “um raciocínio em que, estabelecidas duas premissas, deduz-se delas, necessariamente uma conclusão” (ARISTÓTELES, 1978, p. 33). Derivado desse silogismo clássico, o entimema toma uma das premissas como suposta pelos interlocutores e funciona em dois rápidos termos, tal como na forma “Se D, então C”, em que dados do tipo D nos dão o direito de tirar conclusões C (TOULMIN, 1958, p. 141). Analisando dados gerados em entrevistas de consultoria, Vieira (2007) identifica nesse clássico raciocínio de premissa e conclusão uma estratégia argumentativa que opera com a intersubjetividade dos interlocutores, por meio de operações não explícitas no discurso. Esses argumentos de sustentação sinalizados pela forma “Se D, então C” são denominados evidências formais pela autora. Tendo em conta tais fundamentações, este estudo objetiva identificar, caracterizar e analisar evidências formais (VIEIRA, 2007) utilizadas pelos participantes na defesa de pontos de vista em duas audiências no PROCON de uma cidade de Minas Gerais: audiências *Saudeplan* e *Banco Green*. Mais especificamente, pretende-se descrever os tipos de evidências formais e identificar suas funções na argumentação dos participantes das audiências investigadas. As Audiências de Conciliação no PROCON são caracterizadas pela tentativa de resolução de conflito entre consumidores

(reclamantes) e fornecedores de bens e serviços (reclamados), e mediadas por um representante do órgão (mediador). A audiência *Saudeplan* ocorre devido à reclamação do consumidor sobre uma cobrança indevida de um débito referente a prestações em atraso de um contrato de plano de saúde, que, segundo ele, havia sido rescindido de forma verbal. A audiência *Banco Green* acontece em virtude da reclamação da consumidora por estar sendo cobrada por um saque, o qual alega não ter realizado. O estudo é de base qualitativa e interpretativa (DENZIN e LINCOLN, 2005), fazendo uso de dados reais de fala do acervo do Grupo de Pesquisa certificado pelo CNPq “Linguagem e Sociedade: aspectos teóricos e empíricos”. O material linguístico analisado foi gravado em áudio e transcrito de acordo com as convenções propostas pelos analistas da conversa (SACHS, SCHEGLOFF e JEFFERSON, 1974). As análises empreendidas nos permitem observar a coconstrução de evidências formais, sob a forma de entimemas, no discurso argumentativo dos participantes das audiências investigadas, que podem fazer uso, como premissa, da fala anterior de outro participante, ou podem construir individualmente o raciocínio. Em alguns casos, apenas uma premissa é apresentada pelo falante e a conclusão é inferida pelos interlocutores que podem aceitá-la ou refutá-la. Em outros, a conclusão pode ocorrer de forma explícita ou implícita, a partir de premissas inferenciais reconhecidas pelos participantes dos encontros. No contexto dessas audiências no PROCON, caracterizadas pela defesa de pontos de vista conflitantes, as evidências formais funcionam como sustentação dos pontos de vista antagonísticos dos participantes desses encontros institucionais. No caso da audiência *Saudeplan*, os raciocínios silogísticos foram utilizados pela reclamada para defender a obrigatoriedade da rescisão contratual por escrito, enquanto o reclamante utilizou entimemas para defender a possibilidade da rescisão verbal. Na audiência *Banco Green*, as evidências formais atuaram tanto na sustentação do reclamado de que a reclamante era responsável pelo saque quanto na defesa desta de que não o havia realizado.

2) PAPÉIS DE ATIVIDADE EM UMA AUDIÊNCIA DE CONCILIAÇÃO NO PROCON

Ana Paula Cristina da Silva (UFJF)

Amítza Torres Vieira (UFJF)

Neste trabalho, objetiva-se investigar os papéis de atividade desempenhados pela conciliadora em uma audiência de conciliação no PROCON de uma cidade de Minas Gerais. A metodologia é de cunho qualitativo e interpretativo (DENZIN e LINCOLN, 2006; STAKE, 2007), buscando descrever e compreender o significado das ações humanas por meio da investigação para promover a compreensão. Esse tipo de metodologia baseia-se na centralidade da interpretação e tem como foco o processo, além de identificar o que os atores sociais estão fazendo ao utilizarem a linguagem. Os dados foram transcritos de acordo com as convenções propostas pela perspectiva da Análise da Conversa Etnometodológica (SACKS, SCHEGLOFF e JEFFERSON, 1974) e fazem parte do acervo do grupo de pesquisa “Linguagem e Sociedade: aspectos teóricos

e empíricos”, certificado pelo CNPq. Em ambientes institucionais, tais como as audiências de conciliação no PROCON, as atividades e tarefas a serem desempenhadas pelos conciliadores, que coordenam os encontros, são orientadas pelo cumprimento do mandato institucional (MAYNARD, 1984). Nesse cenário, a análise do conjunto de papéis (MERTON, [1949] 1968; GOFFMAN, 1961) do conciliador, negociado entre os participantes, pode contribuir para o entendimento de que os ambientes profissionais são construídos, na interação, por meio de um hibridismo de papéis (COSER, 1975; SARANGI, 2011). A teoria dos papéis foi criada dentro da tradição da antropologia e da sociologia e permite estabelecer uma conexão entre os comportamentos observáveis e as estruturas abstratas, fornecendo aos pesquisadores um suporte micro para uma abordagem macro, tal como proposto pela Sociolinguística Interacional (GUMPERZ, 1972). Embora o conceito de papel tenha sido concebido inicialmente em termos normativos, cobrindo uma mescla de expectativas generalizadas, direitos, deveres e relações, trabalhos contemporâneos, principalmente na vertente da linguística aplicada das profissões (SARANGI, 2010, 2011, 2012; Oliveira, 2012), buscam distinguir entre as variações da prática profissional e explicar essas diferenças em termos de evidência discursiva. Como Goffman (1961) sustenta que, dentro do conjunto de papéis, há alguns latentes, que podem emergir a qualquer momento na interação, Sarangi (2010) define papéis de atividade como aqueles que fazem parte do conjunto de papéis em atividades profissionais, sendo dependentes do tipo de atividade (LEVINSON, 1992) e dos outros participantes (SARANGI, 2010, p. 40). Os resultados mostram que, na audiência investigada, os papéis desempenhados pela conciliadora envolvem, além daqueles de natureza institucional, outros, relacionados ao controle interacional, no sentido de atender às regras de conduta daquele contexto e dar andamento à audiência. No que tange ao cumprimento do mandato institucional, os papéis assumidos pela conciliadora são denominados *especialista*, *negociador* e *conciliador*. As ações empreendidas pela conciliadora no papel de especialista, relacionadas à descrição dos procedimentos do PROCON, citação do Código de Defesa do Consumidor (CDC) e de códigos legais brasileiros. No papel de negociador, a conciliadora solicita aos participantes que apresentem suas propostas, propõe e negocia o acordo. As ações de pedir informações, forçar o acordo, defender a proposta do reclamante e instruir/orientar reclamante e reclamado fazem parte do papel de conciliador. No que diz respeito ao controle da interação, a conciliadora desempenha o papel de orquestrador (KOLB, 1985; LADEIRA, 2005), realizando as ações de distribuir/alocar turnos de fala, controlar a agenda típica e solicitar ações de ordem prática.

3) A FORÇA PERSUASIVA DA AMEAÇA NA DISPUTA ARGUMENTATIVA EM AUDIÊNCIAS DE CONCILIAÇÃO

Rogéria Tarocco dos Santos (UFJF)

Amitza Torres Vieira (UFJF)

A partir das postulações de Salgueiro (2010) sobre as três formalizações de ameaças – prototípica, condicional e diretivo-comissiva –, Santos (2012) identifica, em audiências de conciliação no PROCON, ameaças que podem possuir força persuasiva capaz de influenciar os participantes a estabelecer o acordo. Das três ameaças identificadas por Salgueiro (2010), as prototípicas são aquelas em que o falante se compromete com a realização de uma ação prejudicial ao ouvinte; já as ameaças condicionais são as que a ação futura está sujeita à satisfação da condição expressa, porém, o objetivo não é levar o ouvinte a cumprir a condição, pois seu cumprimento está fora do seu poder; por fim, as ameaças diretivo-comissivas, que recuperam essa nomenclatura da Teoria dos Atos de Fala (AUSTIN, 1990 [1962]; SEARLE, 1981 [1969], 1995 [1979]), são aquelas em que o ouvinte pode cumprir a condição imposta pelo falante. Ao confrontar os resultados de trabalho desenvolvido em 2012 com a Teoria da Argumentação, Santos notou que muitas ameaças eram formatadas como previsto por Aristóteles em sua definição de argumentação: “o raciocínio é um argumento em que, estabelecidas certas coisas se deduzem necessariamente das primeiras” (ARISTÓTELES, 1978, p. 5). Em outras palavras, em muitas das ameaças identificadas nas audiências do PROCON pode ser recuperada a forma silogística clássica em que uma conclusão é deduzida de premissas. Ao se suprimir uma das premissas, tem-se o entimema, tal como representado por Toulmin (2006 [1958]) na forma “Se *D*, então *C*”, em que dados do tipo *D* nos dão o direito de tirar conclusões *C*. Entretanto, das ameaças produzidas nas audiências de conciliação identificadas por Santos (2012), foi observado que nem todas são capazes de persuadir as partes a firmar o acordo. Como no PROCON há papéis diferenciados desempenhados pelos participantes – reclamante (consumidor que busca o órgão para manifestar sua insatisfação com relação a um serviço prestado ou a um produto adquirido), reclamado (fornecedor de bens e serviços que responde pelos danos causados) e mediador (representante do órgão que organiza a interação) –, percebeu-se que o papel do participante que produz a ameaça, nesse contexto institucional, teria relação com a eficiência da ameaça para a formulação do acordo. Nesse sentido, o presente trabalho tem como objetivos descrever o raciocínio subjacente às ameaças produzidas pelos participantes em duas audiências de conciliação no PROCON e identificar o participante que produz a ameaça com efeito persuasivo nesse contexto. O estudo é de natureza qualitativa e interpretativa (DENZIN e LINCOLN, 2000) e com base em dados reais de fala, transcritos segundo as convenções do modelo Jefferson (LODER, 2008). Os dados em estudo fazem parte do acervo do grupo de pesquisa do CNPq “Linguagem e Sociedade: aspectos teóricos e empíricos”. Para esta análise, foram selecionadas duas audiências no PROCON de uma cidade do estado de Minas Gerais: audiência *OK Veículos* e

audiência *Rui Pedreiro*. Os resultados mostram que apenas ameaças do tipo diretivo-comissivas são argumentativas, pois se estruturam como entimemas e encaminham a audiência para a resolução do conflito. Esse tipo de ameaça é formulado pelo mediador, enquanto os demais participantes produzem ameaças prototípicas que não possuem força persuasiva e, portanto, não levam as partes ao acordo.

4) MOVIMENTOS ARGUMENTATIVOS DE AVALIAÇÃO NA FALA DOS PARTICIPANTES EM AUDIÊNCIAS DE CONCILIAÇÃO NO PROCON

Sarah Matos Rocha Mesquita (UFJF)

Antônio Carlos Pereira (UFJF)

Este estudo tem como objetivo identificar e analisar movimentos argumentativos (MA, cf. GILLE, 2001) de avaliação na fala dos participantes em audiências no PROCON, realizadas em uma cidade da Zona da Mata de Minas Gerais. Para tanto, adotamos como arcabouço teórico-metodológico o modelo potencial de argumentação gerado em audiências de conciliação no PROCON (BARLETTA, 2014), com base nas propostas de Vieira (2002, 2007). O modelo de Barletta é constituído pelos componentes: posição, disputa e sustentação (SCHIFFRIN, 1987) e pelos movimentos argumentativos POSIN (posição inicial), POSAS (posição associada), POSRE (posição repetida), RECH (rechaço), REFU (refutação), ACEI (aceite), Justificação e Evidência (exemplo, testemunho, dados, evidência formal e fato) e AVAL (avaliação). Barletta (2014) mostra que os movimentos argumentativos de avaliação ocorrem em todos os componentes da estrutura argumentativa presente na fala dos participantes das audiências por ela investigadas. Como não era objetivo da autora analisar os movimentos argumentativos de avaliação com base em uma perspectiva teórica específica, o presente trabalho pretende contribuir para ampliar esse campo investigativo, assumindo como pressuposto teórico a teoria *Appraisal* (MARTIN, 1999) na análise dos movimentos argumentativos de avaliação de três audiências de conciliação no PROCON. A teoria da valoração de Martin (1999) distingue três categorias avaliativas, classificadas em positivas ou negativas: i) a categoria afeto (*Affect*) diz respeito ao posicionamento emocional do falante a certas situações, subdividindo-se em afeto como qualidade (descreve ou atribui qualidade aos participantes), afeto como processo (afetividade mental e comportamental) e afeto como comentário; ii) a categoria Julgamento (*Judgement*) pode ser entendida como institucionalização de normas sobre como as pessoas deveriam ou não deveriam proceder, dividindo-se em dois campos: honra social e sanção moral; e iii) a categoria apreciação (*Appreciation*) refere-se às afirmações estéticas (forma/aparência), vistas como performance e desempenho. Essa terceira categoria é subdividida em três tipos: reação de impacto ou de qualidade; composição de balanço ou de complexidade; e avaliação. A teoria *Appraisal* propõe organizar esses significados em dois tipos de recursos: engajamento,

que se relaciona à atribuição da avaliação para uma fonte ou para outra e gradação, que diz respeito à modalização das avaliações. O recurso engajamento será interpretado, neste estudo, como envolvendo o alinhamento (GOFFMAN, [1979] 2002) que o falante assume em relação à produção e à recepção de enunciados, e o recurso “gradação” será analisado sob a perspectiva de Gumperz ([1982] 2002), a partir da noção de convenções de contextualização (marcas linguísticas, paralinguísticas, prosódicas e/ou não verbais). A pesquisa é de base qualitativa e interpretativa (DENZIN e LINCOLN, 2006), com a utilização de dados reais de fala do acervo do grupo de pesquisa do CNPq “Trabalhos de face em contextos institucionais: o tipo de atividade como elemento definidor das faces reivindicadas/negociadas”. Os corpora de estudo encontram-se digitalizados e foram transcritos de acordo com as convenções dos analistas da conversa (SACKS, SCHEGLOFF e JEFFERSON, 1974). Os resultados da análise constata a ocorrência, na estrutura argumentativa da fala dos participantes das audiências investigadas, de duas categorias propostas pela teoria *Appraisal*: avaliações de julgamento e de apreciação. As avaliações de julgamento são de honra social e ordem normativa, enquanto as avaliações de apreciação orientam-se para a qualidade positiva dos processos e eventos avaliados.

5) CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO: UMA PROPOSTA PARA A REALIZAÇÃO DE PESQUISA COM DADOS DE FALA-EM-INTERAÇÃO

Thiago Vieira Gomes da Silva (UFJF)

Michele Penna Macedo da Cruz (UFJF)

Ana Carla Machado (UFJF)

Pesquisas empíricas com dados reais de fala-em-interação vêm ampliando seu alcance nos últimos anos, no Brasil, com a contribuição de linguistas que, além de produzir pesquisas na área, promovem a formação de outros pesquisadores nas universidades onde atuam. Entretanto, a maior parte do conhecimento nesse campo ainda é publicada principalmente em língua inglesa, fato que impõe barreiras a estudantes que não dominam o idioma. Esperando contribuir para os estudos na área, este trabalho tem como objetivo apontar procedimentos para a realização de pesquisa com dados de fala em contexto institucional, mais especificamente, em Audiências Preliminares do Juizado Especial Criminal de uma cidade da Zona da Mata de Minas Gerais. O estudo é de cunho qualitativo e interpretativo (DENZIN e LINCOLN, 2000) e são adotados os pressupostos teórico-metodológicos da Análise da Conversa Etnometodológica (ACE), abordagem inicialmente desenvolvida no âmbito da sociologia norte-americana por Harvey Sacks, Emanuel Schegloff e Gail Jefferson (1974), e que atualmente abrange trabalhos em diversas áreas das Ciências Humanas, principalmente nos estudos da linguagem. Um ponto-chave e comum a todos os trabalhos em ACE é o fato de as análises necessariamente se basearem no registro (magnético ou digital) das interações naturalísticas. No entanto, para que se possa trabalhar com os registros das interações de

modo mais sistemático, é preciso representá-las em meio escrito, fixando-as em um “registro que irá perdurar ao momento fugaz da performance na vida real” (DURANTI, 1997, p. 137). Dessa forma, como uma proposta metodológica de viabilizar a análise da ação social, a pesquisa em ACE se ancora na produção de transcrições das interações, a partir das quais as análises podem ser realizadas e posteriormente debatidas. Para atender aos interesses da ACE, surgiu o chamado sistema Jefferson de transcrição, inicialmente desenvolvido pela analista da conversa Gail Jefferson na ordenação dos primeiros materiais de análise de Sacks e Schegloff, e atualmente empregado por analistas da conversa em todo o mundo. Embora o foco da produção intelectual de Jefferson (1973, 1983, 1988, 1996) não tenha sido o desenvolvimento de um conjunto de convenções de transcrições para a ACE (ela própria nunca publicou um trabalho especificamente dedicado à discussão e à apresentação de tais convenções, que eram explicitadas sempre em apêndices, ao final dos trabalhos), a consolidação desse modelo de transcrição foi resultado do crescente desenvolvimento e divulgação dos trabalhos em ACE e, pelo pioneirismo de Jefferson na área, essas convenções foram vinculadas ao seu nome, conforme aponta Loder (2008). Assim, o presente estudo lidará com convenções e questões pertinentes à transcrição da produção oral dos informantes, adotando a descrição de atividades não-vocais entre parênteses duplos, como prevê o modelo Jefferson. São descritos os procedimentos para entrada em campo e geração dos dados, sendo as convenções do modelo Jefferson apresentadas com a indicação do ícone de transcrição, seguido da sua ocorrência nos excertos extraídos de uma Audiência Preliminar do Juizado Especial Criminal, que acontece para apurar o fato descrito no Boletim de Ocorrência de que o condutor dirigia sua motocicleta sem portar a Carteira Nacional de Habilitação. As transcrições da fala-em-interação nessa audiência, realizadas segundo o modelo Jefferson, demonstram que a ACE constitui uma abordagem importante para estudos que pretendem investigar como as pessoas realizam ações por meio da fala-em-interação.

SESSÃO 34 - CRENÇAS E NARRATIVAS II

Coordenadora: Gabriela Marques-Schäfer (UERJ)

1) PAISAGENS IDENTITÁRIAS DE PROFESSORAS DE INGLÊS DA REDE MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO: UM ESTUDO DE PRÁTICAS NARRATIVAS E AVALIATIVAS

Thamiris Oliveira de Araújo (PUC-Rio/CAPES)

O objetivo do meu estudo é buscar entendimentos acerca do processo de (re)construção das identidades de professores de inglês como língua estrangeira e da representação de suas

práticas docentes, em particular, aquelas desenvolvidas em escolas municipais do Rio de Janeiro a partir da efetivação do programa Rio Criança Global. O presente trabalho se insere na área da Linguística Aplicada contemporânea (MOITA LOPES, 2006; FABRÍCIO, 2006), sendo assim, a arquitetura teórica ilustra seu caráter multifacetado e interdisciplinar, tendo como base conceitos e processos identitários (HALL, 2011; BAUMAN, 1998, 2005; MOITA LOPES, 2003; BUCHOLTZ E HALL, 2005; SNOW, 2011; DUSZAK, 2002), práticas narrativas (LABOV, 1972; LINDE, 1993; BRUNER, 2004) e práticas avaliativas (LABOV, 1972; LINDE, 1993; MARTIN E WHITE, 2005). Coaduno com a visão de Coracini (2003) no que tange à importância de desenvolvermos estudos sobre a identidade profissional dos professores: “Pensar a identidade do sujeito-professor numa época em que ela parece perdida, em meio a um contexto de perdas – perda de poder aquisitivo, perda de reconhecimento, perda de respeito, perda de ânimo, é um desafio que estamos enfrentando” (2003, p. 14). As práticas discursivas, onde agem os atores sociais, têm sido vistas como espaços profícuos na teorização sobre o processo de construção das identidades, uma vez que dão acesso “aos significados com os quais [estes] vivem na vida institucional, na cultura e na história, tornando possível entender como se veem e veem os outros a sua volta, ou seja, suas identidades sociais” (MOITA LOPES, 2001, p.59). Dentre as inúmeras práticas discursivas, destaco o papel das narrativas para investigações contemporâneas acerca da identidade social. Assim como explica Bastos (2008, p. 77): “contar histórias é uma ação, é fazer alguma coisa – ou muitas coisas simultaneamente – em uma determinada situação social. Uma dessas coisas é, necessariamente, a construção de nossas identidades”. Além disso, as narrativas são permeadas por avaliações que expressam valores, opiniões e sentimentos do narrador, contribuindo, assim, para maior entendimento do processo identitário. Conduzi esta pesquisa de cunho qualitativo-interpretativo (DENZIN E LINCOLN, 2006) em dois encontros no qual, além de pesquisadora, assumo o papel de participante junto a três professoras de inglês. Os dados analisados são as histórias e relatos de docência contados por nós em uma entrevista não estruturada (FONTANA & FREY, 1994) ou, como venho a nomear, uma *conversa de pesquisa* realizada em nosso primeiro encontro. Alinhada à agenda ética da Linguística Aplicada, convidei as participantes da pesquisa para um segundo encontro, individual, visando um momento de análise e reflexão conjunta sobre os dados gerados na entrevista. Os resultados mostram que avaliações de AFETO, JULGAMENTO e APRECIÇÃO permeiam nosso discurso, atuando como recursos linguísticos que me permitem entrever identidades pessoais, sociais e coletivas do grupo de participantes e de outros atores sociais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Os dados revelam paisagens identitárias complexas, que não podem ser vistas como definitivas na constituição do professor de inglês, mas que viabilizam a percepção de como esse grupo de professoras representa o seu trabalho na rede municipal, através de elogios, críticas e denúncias.

2) TRANSPORTE PÚBLICO: O EXTRAORDINÁRIO NO COTIDIANO DO GRANDE OBESO

Claudia Almada Gavina da Cruz (PUC-Rio)

Em nossas interações cotidianas, um dos mecanismos mais usados para fazer sentido do mundo a nossa volta e do nosso lugar nele é o ato de narrar. Assim, diferentes autores destacam uma “aptidão ou predisposição para organizar a experiência em uma estrutura narrativa, em estruturas de enredo e assim por diante” (BRUNER, 1997:58) a tal ponto que “nos tornamos nossas autobiografias narrativas através das quais contamos nossas vidas” (RIESSMAN, 1993:2). Se as narrativas são de fato centrais na organização da vida social, que perspectiva adotar em seu estudo? Primeiramente, há de se ter em mente que o foco em aspectos formais da organização narrativa como um gênero textual específico provavelmente não dará conta das relações criadas e mantidas quando contamos uma história. Mais do que “envolver-se profundamente em ensaiar ou reviver eventos de seu passado” (LABOV, 1972:154), o que o narrador faz é dialogar com outro(s) indivíduo(s) num lugar e num espaço específicos. Ou seja, trata-se de uma prática discursiva que molda e é moldada pelas circunstâncias socio-históricas em que se dá (MOITA LOPES, 2001). Em segundo lugar, e como corolário da dimensão socioconstruída das narrativas, devemos observar a estreita relação entre o estudo das narrativas e das identidades sociais. Dentro de uma perspectiva de identidades como construção social, “os processos identitários são produzidos em práticas discursivas intersubjetivas e situadas tanto local como sociohistoricamente” (FABRÍCIO E BASTOS, 2009, p. 41), o que inclui as narrativas como aqui compreendidas. Assim, não consideramos que exista identidade prénarrativa, assim como não existe uma verdade prèdiscursiva, mas sim que ambas afloram no uso do discurso. Orientando-me pelas concepções sobre narrativa e identidades acima explicitadas, pretendo aqui analisar narrativas de duas pacientes geradas na ONG GRACO, no Rio de Janeiro, que se destina a dar apoio médico e psicológico a portadores de obesidade mórbida. Embora tais narrativas sejam diferentes em relação ao modo como emergiram – a primeira faz parte de uma entrevista individual, enquanto que a segunda integra uma entrevista com foco no grupo – elas têm em comum o fato de abordarem um mesmo fator de dificuldade para o paciente obeso mórbido: o uso do transporte público. Tal tema surgiu espontaneamente em ambas as situações, o que me sugere que viver essa dificuldade e lidar com ela parece estar na agenda da construção identitária dos pacientes nessa situação. Os dados foram gravados em áudio na sede da ONG e foram transcritos segundo as convenções adaptadas dos estudos da Análise da Conversa (SACKS, SCHEGLOFF E JEFFERSON, 1974). Como ferramentas teórico-metodológicas de análise, uso algumas categorias Labovianas clássicas para o estudo das narrativas, tais como as noções de orientação e avaliação, entre outras. Entretanto, proponho uma ampliação desse modelo a fim de atender à dimensão da narrativa como prática discursiva como propõem, por exemplo, De Fina e Georgakopoulou (2008), Moita Lopes (2001), entre outros. Trata-se de uma

investigação de cunho interpretativista cujo objetivo é gerar maior compreensão sobre o que significa ser um grande obeso no mundo. Nesse sentido, observamos o esforço empreendido pelas duas pacientes para levarem uma vida comum, o que sugere a necessidade de que nos organizemos socialmente para lidarmos com a diferença.

3) 'OFICINA DA BRONCA': EXPLORANDO AFINIDADES ENTRE A PRÁTICA EXPLORATÓRIA E A FILOSOFIA WITTGENSTEINIANA DE LINGUAGEM

Cristiane Pereira Cerdera (CPH/PUC-RIO)

Este trabalho tem como principal objeto de investigação os dados resultantes de uma construção coletiva de atividade por parte dos professores e alunos do Grupo de Prática Exploratória da PUC/RJ, os quais serão analisados à luz das noções centrais da filosofia de linguagem do segundo Wittgenstein. Denominada 'Oficina da Bronca', a atividade em questão se configura em um exercício coletivo de reflexão e foi apresentada em forma de *handout* por um grupo de professoras do grupo de PE da PUC/RJ em uma oficina no 9º Encontro Anual de Prática Exploratória. Esse exercício tem como foco o conceito de 'bronca'. Tanto o *handout* quanto o evento foram preparados em reuniões presenciais e virtuais, das quais participaram alunos e professores. O *puzzle* coconstruído por alunos/professores reflete um questionamento, levantado nas reuniões anteriores ao evento acima mencionado, acerca daquilo que se entende por 'bronca' e a conseqüente diferença entre essa e uma outra modalidade de interação entre alunos e professores, a 'conversa'. Portanto, ao enunciar o *puzzle* "Bronca é conversa?" como tema da oficina, alunos e professores, envolvidos na preparação dessa oficina, engajam-se na tarefa de circunscrever o significado desses dois termos, investigando o uso que fazem dos mesmos. A Prática Exploratória é uma vertente no campo dos estudos sobre ensino de línguas cujo trabalho está assentado no entendimento da vida em sala de aula. Muito mais do que uma 'metodologia' ou uma 'abordagem', a Prática Exploratória é uma forma de estar e trabalhar em sala de aula, cujas reflexões são orientadas por *princípios* que estão em permanente reformulação por seus participantes. Neste trabalho, assumimos a existência de uma consistente afinidade entre o programa da Prática Exploratória e a filosofia de linguagem do segundo Wittgenstein e acreditamos que a análise aqui apresentada poderá lançar luz sobre o discurso da Prática Exploratória, contribuindo, assim, para o aprofundamento de estudos nesse campo. Considerado um divisor de águas na filosofia contemporânea e desafiando séculos de uma tradição filosófica assentada na crença de que o significado linguístico é uma essência a qual ele representa, Wittgenstein irá afirmar em vários momentos de sua obra que o *significado de uma palavra é seu uso na linguagem* (*IF*, §§ 30, 43, 371, 432). Dessa maneira, negando toda a herança essencialista, a filosofia do segundo Wittgenstein vê a linguagem como *práxis social* (BARBOSA FILHO, 1973, p. 87), onde os sentidos são lastreados não mais por uma essência metafísica, mas por estarem

imersos nos inúmeros jogos de linguagem que são jogados nos mais diversos grupos sociais. No decorrer desse trabalho, tentaremos mostrar que, do mesmo modo, a Prática Exploratória aposta também nessa dimensão da linguagem-em-uso sustentada por Wittgenstein. O *corpus* a ser analisado consta de dados obtidos através de conversas pessoais com professores envolvidos no grupo de Prática Exploratória da PUC. Os dados são constituídos de depoimentos de alunos, PEPAS (atividades pedagógicas com potencial exploratório), *puzzles*, assim como pequenos textos extraídos de pôsteres. A análise levará em conta em especial a busca de afinidades entre os temas centrais da perspectiva de linguagem do segundo Wittgenstein e os diversos jogos jogados pelos membros do grupo de Prática Exploratória. Como instrumentos de análise serão usados principalmente os conceitos e linguagem do segundo Wittgenstein. Consoante o programa da Prática Exploratória, não serão apresentados resultados, mas sim entendimentos e desdobramentos à questão inicial.

4) “ACIMA DE TUDO EU SOU PROFESSORA, EDUCADORA, E POSSO MOSTRAR PARA ELES QUE EU FAÇO COM MUITO AMOR”: UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES DO PROFESSOR DE INGLÊS SOBRE SEU FAZER POR MEIO DO SISTEMA DA AVALIATIVIDADE

Viviane Carlos de Oliveira Tavares Campos (UERJ/CPIL)

Este trabalho tem por objetivo investigar as representações de professores de língua inglesa de um curso livre de idiomas na cidade do Rio de Janeiro, acerca de sua própria profissão docente e de outros aspectos relacionados ao ensino desta disciplina, procurando identificar a maneira como o discurso destes profissionais constrói suas identidades. Buscamos apontar como são construídas e negociadas no discurso características identitárias dos professores de inglês a fim de compreender como estes professores se veem ou constroem uma imagem de um bom professor de inglês. Para realizar a análise recorreremos ao Sistema de Avaliatividade proposto por Martin & White (2005), cujos princípios têm origem na metafunção interpessoal da Linguística Sistêmico Funcional (HALLIDAY, 2004), além de algumas importantes noções da Análise do Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2003), especialmente no que diz respeito à concepção de linguagem, discurso e sua relação com as práticas sociais. O conceito de representação utilizado nesta pesquisa foi fundamentado em Minayo (1994) e Fairclough (2003) e a noção de identidade baseia-se em Fairclough (2003) e Hall (2000), observando que as identidades não são apenas representadas no discurso, mas construídas nele, além de terem um caráter instável, mutável, multifacetado e inacabado. O *Corpus* analisado consiste na transcrição de uma discussão entre oito professores de inglês e foi coletado através da técnica de Grupo Focal. Foram selecionados 20 trechos de falas desta discussão e agrupadas em três temas: a) O professor nativo / Experiência no exterior; b) Ser professor de língua inglesa / O valor da profissão; e c) Como me vejo como professor/a de inglês. Analisamos as avaliações feitas segundo os subsistemas de Atitude e Engajamento. Os resultados da análise mostraram que

este grupo de professores utiliza preferencialmente avaliações negativas de julgamento de capacidade quando se trata de avaliar o professor nativo de língua inglesa, avaliações positivas de julgamento de capacidade e tenacidade quando se trata de avaliar o professor de inglês não nativo e, principalmente, avaliações positivas do tipo Afeto quando se trata de avaliar a profissão ou a sua prática diária. Somados a outros itens recorrentes, estes resultados apontam para o perfil de um bom professor na visão do grupo de sujeitos participantes.

5) CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS EM OFICINAS DE PRODUÇÃO TEXTUAL: ESTUDO DE VARIÁVEIS CONTEXTUAIS E TRAÇOS LINGÜÍSTICOS

Douglas Moraes Machado (UFSM-PROBIC/Fapergs)

Cristiane Fuzer (UFSM)

Esta pesquisa, vinculada ao projeto Leitura e Escrita em Língua Portuguesa na Perspectiva Sistêmico-Funcional (GAP/CAL 37375), objetiva investigar aspectos contextuais e estruturas linguísticas que caracterizam o reconto como um tipo do gênero narrativo. O aporte teórico utilizado inclui pressupostos para descrição de variáveis contextuais, com base na Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY e MATTHIESEN, 2014 (ROSE e MARTIN, 2012) e estudos da narrativa (ROSE; MARTIN, 2012). Na perspectiva sistêmico-funcional, texto é concebido tanto como um processo de significados realizados pelo falante/escritor quanto como um produto desses significados advindos de um dado contexto e atuando nele (HALLIDAY, 1989, 1994; Halliday e Matthiesen, 2014). O contexto de situação, por sua vez, é definido como “o ambiente imediato no qual o texto está de fato funcionando (FUZER e CABRAL, 2010, p. 15). A narrativa, na perspectiva de gênero da Linguística Sistêmico-Funcional, envolve uma situação de perturbação que é avaliada (ROSE e MARTIN, 2012). O *corpus* de análise é constituído de quatro textos que recontextualizam o conto Chapeuzinho Vermelho, de Perrault ([1697] 2005), e Patinho Feio, de Andersen ([1943] 2012). Esses textos foram produzidos por estudantes de duas escolas de educação básica, participantes de oficinas de produção textual promovidas pelo projeto de extensão “Ateliê de Textos” (GAP/CAL 29622) em 2012 e 2013, em Santa Maria, RS. Nessas recontextualizações, publicadas em coletâneas, as personagens principais dos contos originais ganham novas personalidades: Chapeuzinho Vermelho ora é roqueira, ora viaja de helicóptero, ora tem os olhos vermelhos por ficar muito tempo em frente ao computador, e o Patinho Feio usa o *facebook*. Os procedimentos de análise foram: a) descrição das variáveis contextuais campo, relações e modo de cada texto; b) análise de estruturas linguísticas de cada texto, com foco no tempo e narrador; c) comparação dos dados contextuais dos textos dos alunos com os contos originais; d) sistematização de traços linguísticos que possam ser considerados caracterizadores da narrativa como reconto. A análise das variáveis contextuais aponta um distanciamento do propósito social entre as recontextualizações e os contos originais, uma vez que os textos dos alunos foram produzidos em um ambiente que visa

aperfeiçoar o seu processo de leitura e escrita. Outro aspecto importante é que o conto de Perrault ([1697] 2005) traz uma lógica intrínseca advinda da tradição oral, o que não acontece na/para produção dos recontos. No início dos contos de fadas, é comum o uso da expressão “era uma vez” demarcando que os acontecimentos narrados ocorreram em algum momento impreciso do passado, ao passo que, nos recontos, há traços linguísticos que demonstram, em dois textos, a presença de um narrador irônico que invalida o uso da expressão, como em 1) “Era uma v... Ah quer saber? Vou contar uma história...” e 2) “Era uma vez... Não! Chega de era uma vez...”. Nos outros textos, essa forma de demarcação temporal é inexistente, em um deles “Em Patolândia, uma cidade alegre e agitada, viviam várias espécies de patos e cisnes” e existente no outro “Era uma vez uma *pop star* adolescente...”. Notou-se também que alguns narradores atribuem juízo de valor aos personagens e fatos nos recontos, como em: “Ah os remédios faixa preta da vovó, *que idiota!*”; “*Coitado*, ficou do mesmo jeito” e “Era uma médica, *renomada*”. Esses dados linguísticos associados ao contexto de produção dos textos possibilitam enquadrar o reconto como um tipo do gênero narrativo, uma vez que esses textos são produzidos em contexto escolar, mais especificamente relacionado com o ensino da leitura e escrita no qual os produtores, no momento em que aprimoram suas habilidades de leitura, mantêm contato com recursos da linguagem escrita visando qualificar seus próprios textos.

Pôsteres

27 de novembro - 18h – 18h45

1ª Sessão de PÔSTERES (1 – 34)

1. LEVANTAMENTO DO PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL E SUAS CRENÇAS E ATITUDES LINGUÍSTICAS: A LINGUAGEM EM USO NOS DIFERENTES TIPOS DE CONTEXTOS E AS VALORAÇÕES REALIZADAS A PARTIR DESSES USOS

Amanda Correia Silva (UERJ/PIBID)

Karoline Fraga de Freitas (UERJ/PIBID)

Paula Karoline Galhardo (UERJ/PIBID)

Priscilla do Nascimento Costa da Silveira (UERJ/PIBID)

Rebeca Venezia Diogo dos Santos (UERJ/PIBID)

O subprojeto de Língua Portuguesa da Universidade do Estado do Rio de Janeiro do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, PIBID, visa a integrar os conhecimentos dos alunos do ensino básico, professores e também alunos da graduação por meio de ações aplicadas, realizadas em grupo, em diferentes níveis de ensino (fundamental e médio). Uma das primeiras ações executadas foi o levantamento do perfil sociolinguístico, que tem como objetivo trazer à tona a realidade linguística de cada um dos participantes envolvidos no processo: de alunos da escola básica, alunos de graduação e professores da escola básica e da universidade. Esse levantamento foi realizado a partir da criação de uma cartilha que continha diferentes tipos de contextos e foi então através dela possível identificar se os alunos sabiam e se conseguiam se expressar respeitando as características determinantes de cada gênero textual como, por exemplo, o facebook (representando as redes sociais), carta, trabalho escolar, e-mail e bilhete. Além da cartilha, para esse levantamento foi realizado um jogo dinâmico da “batata quente” com o qual, por meio de gravações de áudios, pudemos analisar a fala dos alunos através de perguntas relacionadas ao ambiente escolar, filmes, entre outros assuntos que foram abordados. Também foi realizado ainda um levantamento acerca das crenças e atitudes linguísticas desses alunos e, para tal, usou-se um questionário para avaliar essas crenças e atitudes dos estudantes a respeito da fala em determinados contextos: um professor falando “errado” na escola e em casa, o uso de norma não-padrão em entrevistas de emprego; um aluno falando “errado” na escola e em casa; e com isso, foi observado que os alunos apresentaram um estranhamento em relação ao professor falando “errado” e ao uso de norma não-padrão em âmbito profissional. Contudo, para eles era normal que alunos falem “errado” na escola ou em casa. Nota-se, portanto, que os alunos demonstraram atitudes linguísticas valorativas sobre os usos da língua, classificando-os como adequados ou inadequados para os respectivos contextos em que os indivíduos estavam

inseridos. Percebe-se essa atitude no exemplo de uma aluna que responde ao questionário fornecendo sua opinião acerca do professor que fala “errado” na escola e quando fala “errado” em casa: “Eu acho isso errado até porque ele é um professor e tem que dar exemplo aos alunos. (...) Um professor falando errado em casa pode ser normal, pois ele não está em aula.”. Os resultados foram tabulados e isso fez contribuiu para a sistematização dos dados obtidos: desvio da norma padrão, erros ortográficos e marcas da oralidade. A partir dessas atividades está sendo possível realizar o levantamento das realidades linguísticas de cada aluno, e de suas atitudes em relação a seus próprios usos de língua, fazendo com que eles se tornem conscientes de suas identidades linguísticas a cada ação feita pelo subprojeto. Essa primeira atividade foi levada a cabo por conta da sugestão de Bortoni-Ricardo (2004) de que qualquer ação que envolva a variação linguística em sala de aula deve, portanto, ser iniciada pelo levantamento do perfil sociolinguístico dos alunos que estão envolvidos para que o professor tenha a noção do espectro de variação em que seus alunos se encontram, com atenção para os contínuos das normas tal como proposto pela própria autora.

2. O DESEMPENHO DA MEMÓRIA NA RETENÇÃO DE ESTRUTURAS PASSIVAS E ATIVAS EM ADULTOS JOVENS E IDOSOS

Ana Carolina Oliveira Guedes (UERJ)

Hannah Manes e Morais (UERJ)

O objetivo do trabalho consiste em analisar, por meio de teste psicolinguístico, o desempenho da memória na retenção de sentenças estruturadas nas vozes passiva e ativa por adultos jovens, de 18 a 35 anos, adultos idosos, de 60 a 75 anos, e idosos, de 75 a 90 anos. O arcabouço teórico do trabalho teve como base os diferentes tipos de memória: de curto prazo ou curto termo (MCT), longo prazo ou longo termo (MLT) e memória de trabalho (*working memory*) (KOCH, 2002), considerando a afirmativa de Pinker (2002) de que guardamos com mais facilidade o significado do que a estrutura específica de uma sentença, o que ele denomina de “amnésia de forma”. Adicionalmente, é preciso considerar que a memória humana é afetada pela idade. O envelhecimento compromete a atenção, a concentração e a capacidade de inibir informações irrelevantes (CRAIK & SALTHOUSE, 2000). Para a realização do experimento foram realizadas gravações de oito pequenos textos formados, geralmente, por oito sentenças. Para cada um deles havia uma sentença na posição inicial (segunda sentença) ou na final (penúltima sentença), na voz passiva ou na ativa. As gravações foram ouvidas pelos participantes através de um aparelho reproduzidor com fones de ouvido. Para cada história em análise foi apresentada aos participantes uma tira com a mesma sentença estruturada na mesma forma em que aparece no texto, passiva ou ativa, ou com a estrutura oposta. Logo, se era uma sentença passiva era apresentada uma ativa e vice versa. Deste modo, o objetivo do teste era que os participantes, a partir da tira exibida, recordassem se aquela sentença era a mesma que eles tinham ouvido no

texto. As variáveis dependentes consideradas para a análise do experimento foram: a) a idade; b) a posição inicial ou final das sentenças ativas e passivas; e c) apresentação das sentenças em relação às vozes verbais, iguais ou opostas. Partimos de algumas hipóteses para a análise dos resultados que se baseiam em: a) a idade influencia de forma relevante na retenção da memória e na percepção de mudanças na estrutura; b) a posição das sentenças em questão auxilia na memorização da forma da estrutura; e c) o cérebro humano encontra maior facilidade em reter a informação semântica, ou seja, o conteúdo, e não a sintática, que diz respeito à forma. Portanto, prevê-se que: a) o número de acertos será inferior tanto no caso dos adultos idosos quanto dos idosos; b) quanto mais próximas do final as sentenças tendem a ser lembradas com mais clareza; e c) as sentenças, cujas questões apresentadas sofrem mudanças, apresentam maior chance de erro. Os resultados do experimento foram surpreendentes com relação aos adultos idosos de 60 a 75 anos, pois estes contrariaram uma das previsões esperadas, demonstrando uma alta capacidade na retenção da memória, muitas vezes, melhor que o desempenho dos adultos jovens. Já os resultados dos idosos de 75 a 90 anos sustentam a hipótese de que a memória vai se deteriorando com o avanço da idade, visto que a quantidade de acertos foi muito inferior à de erros e, em comparação aos dois outros grupos, demonstraram um desempenho da memória menos capacitado. Já as duas últimas previsões foram confirmadas, sendo mais expressivos os acertos, por todos os participantes, na estrutura em posição final e na estrutura que não sofre mudança. De modo geral, pode-se constatar que o avanço da idade influencia na retenção de informações, visto que idosos entre 75 e 90 anos foram os que apresentaram maior dificuldade na fixação da memória e na percepção de mudança das estruturas.

3. ASPECTOS MORFOLÓGICOS NA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: A CONJUGAÇÃO DOS VERBOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO AOS 3, 5 E 7 ANOS

Bárbara Ferreira Mendes (UERJ)

Daniele Lippert (UERJ)

Fernanda Gappo Lacombe (UERJ)

Gabriela Hasegawa Rodrigues (UERJ)

Luana Goulart (UERJ)

Thayane Verçosa da Silva (UERJ)

Este trabalho tem como objetivo apresentar os resultados de um experimento psicolinguístico realizado com crianças falantes do Português do Brasil (PB), que busca investigar como acontece o processo de aquisição no que consiste à utilização das três conjugações verbais em crianças expostas à norma culta do PB. Buscou-se verificar se (i) as crianças utilizam adequadamente os paradigmas flexionais das distintas conjugações, (ii) se apresentam tendência à regularização para a primeira conjugação, (iii) se a faixa etária influencia no número de acertos e (iv) se as conjugações realizadas por elas indicam a presença de regras internalizadas, ainda que

distintas das preconizadas pela gramática normativa. No experimento, aplicou-se uma metodologia tradicional em pesquisas científicas da área de Linguística. Foram utilizados seis verbos inventados, sendo dois pertencentes a cada conjugação, e um contexto de interação foi criado, para que as crianças pudessem utilizar os verbos, conjugando-os na terceira pessoa do singular. O material usado consistia no desenho de uma pessoa realizando a atividade descrita pelo verbo inventado. Por exemplo, o verbo “pepar”, que possui o significado de “se sujar/mergulhar em uma poça de lama”, trazia a ilustração de alguém todo sujo, brincando na lama. Assim, o entrevistador mostrava a figura e fazia com que a criança utilizasse o verbo inventado também. Entrevistas individuais no ambiente escolar foram realizadas com as crianças para que elas fossem expostas aos estímulos. Foram testadas 16 crianças, sendo 8 de 5 anos e 8 de 7 anos. As respostas dadas pelas crianças foram gravadas e analisadas posteriormente. Dentre as diversas constatações, foi possível notar que a idade não influencia no número de acertos e que a primeira conjugação é a mais utilizada de forma intuitiva; também foi possível observar o quanto as crianças apresentam um conhecimento a respeito de conjugação verbal, visto que, tentaram flexionar verbos com os quais nunca haviam tido contato antes, fato que determina e comprova o domínio natural que o ser humano possui da linguagem. Observa-se também que as crianças de 5 anos são as que apresentam uma maior tendência a regularizar os verbos para a 1ª conjugação. Já as de 7 anos arriscam a regularização para a 2ª e a 3ª conjugações também. Além destes “erros” mais comuns, outros menos recorrentes – como, por exemplo, o uso do infinitivo – indicam que, embora em relação ao número total de acertos, crianças de 5 e 7 anos não mostraram desempenhos tão distintos, a principal diferença é que as crianças de 7 anos transitam pelas três conjugações verbais com maior propriedade. No momento, a pesquisa está sendo ampliada. Crianças de 3 anos de idade estão sendo incorporadas a fim de se traçar um quadro comparativo com as crianças de 5 e 7 anos. Pretende-se também aplicar um teste adicional em que verbos conhecidos das três conjugações existentes no português serão utilizados. Com essa nova etapa da pesquisa em andamento, pretende-se reavaliar as questões anteriores de forma mais ampliada a fim de se obter um quadro mais claro acerca do desempenho das crianças em relação à conjugação dos verbos.

4. DO JOGO PARA A VIDA: TRABALHANDO A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA NO AMBIENTE ESCOLAR

Beatriz da Silva e Silva Ferreira (UERJ/SR3)

O jogo da fala é um projeto que visa levar a Sociolinguística para além do espaço acadêmico. Muito se discute sobre variação linguística dentro das universidades, mas pouco é divulgado para a grande massa e, a partir da falta de conhecimento, surge o preconceito. É nessa perspectiva que surge o projeto, buscando ensinar o que é preconceito linguístico e mostrar que não existe errado na língua, mas sim formas adequadas e inadequadas de se

portar em determinados lugares. Escolhemos as escolas para realizar a atividade porque podemos alcançar um grande público e os alunos dessa faixa etária são mais receptivos a novas propostas. Procuramos, então, apresentar o preconceito linguístico associando a outros tipos de preconceitos mais comuns, destacando o preconceito social e o racial. A atividade foi elaborada para envolver os alunos no tema, com o objetivo de ouvir suas opiniões. Para isto usamos um tema comum a todos, o futebol, e trabalhamos de forma lúdica e interativa. No começo explicamos aos alunos que eles estão em um jogo e precisam responder perguntas para passar de fase, essa é só uma forma de estimular os alunos a participarem das atividades, mas todos os alunos passam de fase, e para isso, eles devem utilizar os cartões como de um árbitro de futebol: vermelho para penalidade máxima, amarela para advertência e é colocado o cartão verde para simbolizar o *fair play* (jogo limpo). Na primeira parte apresentamos uma encenação: em uma entrevista de emprego uma pessoa é eliminada por ser negra e outra por “falar errado”. Logo após, os alunos têm oportunidade de se expressar sobre os tipos de preconceitos e em seguida eles devem dar um cartão para cada personagem e, então, é introduzido o conceito de que não existe certo e errado na língua e que não devemos rir de quem fala diferente. Na segunda fase, os alunos deverão dar um cartão para cada frase falada na peça que não está de acordo com o português padrão e é explicado porque acontece a ocorrência das construções: “menas” e de “pra mim fazer”. Em seguida, associamos algumas regras da língua às regras de uma partida de futebol e para isso um “árbitro” explica que há partidas oficiais e as não-oficiais (pelada) e o que pode ser o errado em uma pode ser o certo em outra e como na fala as regras funcionam a partir da situação que se está inserido. Na terceira fase, os alunos devem dar um cartão para a utilização de sentenças não-padrão em ambientes formais e informais. Com essa última atividade avaliamos se os alunos compreenderam que não devemos julgar alguém por falar de forma inadequada e a utilizar adequadamente as variações linguísticas. O projeto está em fase inicial, tivemos a primeira apresentação em uma escola pública, localizada no Rio de Janeiro, e a partir dessa apresentação avaliamos as atividades, a participação e as reações dos alunos e agora estamos fazendo as adaptações necessárias. Mas o resultado foi satisfatório, os alunos conseguiram fazer uma auto avaliação que possibilitou a reflexão que ao mesmo tempo em que eles têm preconceito linguístico com os outros e acham normal, eles sofrem o preconceito e não acham algo agradável. Como a visita à escola foi feita no primeiro semestre do ano, o tema foi voltado para a Copa do Mundo, mas para o segundo semestre estamos pensando em reelaborar a atividade, trazendo o tema com os times cariocas.

5. ONDE O PRECONCEITO LINGUÍSTICO ESTIVER É PARA LÁ QUE NÓS VAMOS! AS AÇÕES PIBIDIANAS PARA A TENTATIVA DE ERRADICAÇÃO DAS DESIGUALDADES LINGUÍSTICAS NA ESCOLA

Bianca dos Santos Silva Veloso (PIBID-UERJ)

Caroline Teixeira Medeiros Barbosa (PIBID-UERJ)

Hélder Brinate Castro (PIBID-UERJ)

Juliana Marques da Silva Nunes (PIBID-UERJ)

Mariana de Azevedo Graça (PIBID-UERJ)

Este trabalho tem por objetivo descrever as atividades realizadas por cinco bolsistas do PIBID, iniciadas em março desse ano e que se estendem até o momento com resultados positivos. Com o contato semanal com uma turma de oitavo ano da rede municipal de ensino, pudemos analisar seus empreendimentos linguísticos, com a finalidade de minimizar o *Preconceito Linguístico* encontrado, demasiadamente, nas instituições de ensino da modernidade. Segundo Scherre (2009), "preconceito linguístico - o mais sutil de todos eles [os preconceitos] - atinge um dos mais nobres legados do homem, que é o domínio de uma língua. Exercer isso é retirar o direito de fala de milhares de pessoas que se exprimem em formas sem prestígio". É nessa perspectiva que se encaixa esse trabalho, realizado na Escola Municipal Escultor Leão Veloso, situada na Pavuna (RJ) e que abriga um ensino diferenciado, intitulado Ginásio Carioca, cujo modelo de ensino para as escolas de segundo segmento (7º ao 9º Anos) foi implantado pela Secretaria Municipal de Educação em 2011 e possui três eixos: excelência acadêmica, apoio ao projeto de vida do aluno e educação para valores, contando com o uso das novas tecnologias e de materiais didáticos estruturados por apostilas de conteúdo e exercícios. A primeira atividade realizada pelos bolsistas, após o primeiro contato com a turma, foi um *Levantamento do perfil sociolinguístico* dos alunos, objetivando captar as particularidades da fala informal e da sua influência na produção escrita dos discentes. A partir disso, passamos a ter como finalidade a preparação de aulas diferenciadas, cuja pretensão é a exploração dos estudos sociolinguísticos variacionistas da nossa língua e que deveriam fazer parte do plano pedagógico de toda escola, mas não fazem. Sabemos que essas informações podem auxiliar o trabalho do professor de língua portuguesa, que saberá os conhecimentos da língua que seus alunos trazem das experiências orais reflexos da comunidade linguística da qual pertencem. Mollica e Loureiro (2008) afirmam sobre os profissionais que se propõem a ensinar os códigos da língua portuguesa: "Sua formação também não pode dispensar o conhecimento acerca dos princípios da heterogeneidade inerente das línguas naturais humanas, que lhe permite admitir a variação e a mudança, as variedades dos alunos, respeitando-as como legítimas e a identificar os vestígios da fala na escrita". O levantamento da oralidade se deu por meio de um jogo no estilo "batata quente", no qual alunos respondiam com assuntos variados e dentro da realidade deles. Já a investigação da escrita foi capturada por quatro textos elaborados por eles: um bilhete, mensagem no Facebook, carta à diretoria da escola e para um jornal. O resultado

dessa investigação nos mostrou exatamente isso. A fala dos alunos é influenciada pela oralidade informal, como no bilhete à mãe o aluno se expressa da seguinte maneira: “Hoje vou Pro treino”; e na produção de um texto para o jornal, assim: “Eles São Mal Educado”, mostrando, também, a falta do conhecimento de adequações no plano linguístico. Outro procedimento realizado com os discentes do ensino básico foi um *Teste de crenças e atitudes*, em que foram medidos os níveis de conhecimentos dos alunos acerca das variações linguísticas, suas visões críticas sobre esse assunto pouco abordado em sala e suas reações em relação às situações que foram expostas a eles, por meio de histórias em quadrinhos e encenação teatral. Essa atividade, em particular, promoveu o conhecimento das personalidades dos alunos enquanto seres humanos pensantes. Futuramente, iremos apresentar os resultados da análise desta etapa. Estas atividades são apenas o início de um longo caminho que estamos começando a percorrer, um caminho pela busca do fim das desigualdades linguísticas.

6. A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO PROFESSOR PELA MÍDIA EM PERÍODOS DE GREVE: UMA PERSPECTIVA SISTÊMICO-FUNCIONAL

Camila Gomes Pinto Sobrinho (PUC-RJ)

No período de agosto a outubro de 2013 e de maio a junho deste ano, vivenciamos, ou acompanhamos pela mídia, a greve dos professores das redes estadual e municipal do Rio de Janeiro. A extensa pauta de reivindicações traduz o inconformismo de nossa categoria em relação às más condições de trabalho e aos baixos salários que nos são oferecidos. De fato, a desvalorização pela qual o magistério vem passando ao longo dos anos tem sido preocupante – e desanimador – para o profissional que nele atua, desde a educação básica ao ensino superior. Além da exaustiva cobrança de direitos e das dificuldades enfrentadas no cotidiano escolar e universitário, o professor, sobretudo o que leciona na rede pública, ainda tem de lidar com uma série de críticas que partem dos mais diversos segmentos da sociedade e que parecem responsabilizá-lo pela má qualidade da educação no Brasil. Diante desse quadro, as reclamações – feitas também pelos próprios professores – identificam-se com um conjunto de atributos comumente associado a esse profissional: desvalorizado, desestimulado, desqualificado, mal remunerado, dentre outros. Nesse contexto, a questão motivadora para esta pesquisa surge da necessidade de compreender o papel da mídia como difusora dessas representações acerca do professor: em que medida a representação social desse profissional é construída pelo senso comum com base na realidade em que ele atua ou é formada – e/ou reforçada – pelos meios de comunicação? Por entender que a mídia exerce notadamente forte influência na representatividade dos diferentes atores sociais, julgo relevante investigar a construção da identidade do professor pelo discurso da mídia impressa em períodos de greve. Com este objetivo, esta pesquisa propõe a análise de quatro reportagens de dois diferentes jornais (O Globo e O Dia), veiculadas durante os períodos de greve dos professores das redes

estadual e municipal do Rio de Janeiro, já citados anteriormente. Baseada no referencial teórico da Linguística Sistemico-Funcional (HALLIDAY, 1994) e do Sistema de Avaliatividade (Martin e White, 2005), bem como na perspectiva teleolgia de Martin (2005) sobre gêneros discursivos, a análise dos recursos linguísticos – sobretudo interpessoais – presentes nos textos procura mostrar de que modo é construído, por meio de avaliações e escolhas lexicogramaticais, o discurso da mídia acerca do professor em greve e como o propósito social do gênero reportagem serve a essa construção. Os resultados parciais, depreendidos a partir de um *corpus* relativamente pequeno, selecionado para ilustrar a proposta de uma futura dissertação de mestrado, apontaram para identidades marcadamente negativas sobre o professor: agressivo, mal educado, intransigente, antidemocrático, oportunista, grevista (prejudica os alunos com greves longas), utópico. São algumas das identidades que não foram construídas com base nas avaliações do próprio profissional em foco, mas aparentemente produzidas pela mídia e sustentadas por outras vozes – também validadas pela imprensa – como as que possuem conhecimento adequado para opinar sobre o professor (diretores, secretários de educação, ministros, desembargadores, pais de alunos). Ao relacionar esse discurso ao propósito social do gênero reportagem, foi observado ainda que essas construções tornam-se legítimas na medida em que são realizadas em textos que herdaram de seus respectivos suportes (jornais) a reconhecida e importante função social na cultura carioca. Esses resultados sugerem, portanto, a discussão do papel da mídia como construtora de identidades que reproduzem, fortalecem e massificam o desprestígio que os profissionais do magistério vêm adquirindo socialmente, principalmente aqueles envolvidos no cenário de luta pelos seus direitos.

7. PARTIU FERROZ, PEGOU FÁCIL E FEZ GOSTOSO: EM BUSCA DE UMA EXPLICAÇÃO CONSTRUCIONISTA PARA AS RESTRIÇÕES DISTRIBUCIONAIS DOS “ADJETIVOS ADVERBIALIZADOS” NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Victor Virgínio (UFRJ)

Diogo Pinheiro (UFRJ)

Construções gramaticais – pareamentos convencionais de forma e significado – vêm em diferentes variedades, das mais restritivas e idiossincráticas às mais abertas e regulares (CROFT, 2001; GOLDBERG, 2006; 2013). Aquelas que se apresentam como pelo menos parcialmente abertas tipicamente admitem um conjunto mais ou menos limitado de itens lexicais, como se vê em (1). Esse conjunto inclui, ainda, itens que podem sofrer um processo de *coerção* (MICHAELIS, 2004) ou *acomodação* (GOLDBERG, 1995), de maneira a se tornar compatíveis com a construção abstrata, como em (2).

- (1) a. Há três meses (atrás).
- b. Há cinco minutos (atrás).
- (2) a. Há dois quarteirões (atrás).

b. Há cinco cervejas (atrás).

As possibilidades de coerção de um item a uma construção abstrata não são, entretanto, ilimitadas, como os exemplos em (3) sugerem.

(3) a. # Há três futuros (atrás).

b. # Há nove felicidades (atrás).

O português brasileiro (PB) conta, como se sabe, com a possibilidade de emprego adverbial de certos adjetivos, como em (4). No entanto, coerentemente com o que observamos acima, essa possibilidade não é ilimitada, conforme (5).

(4) a. Ele fala grosso.

b. O time jogou bonito.

(5) a. *Ele tentou inútil.

b. *Eles amam louco.

c. ? Ela discursou agressivo.

Este trabalho, ainda em fase inicial, persegue uma explicação para o comportamento aparentemente idiossincrático dos “adjetivos adverbializados” do português brasileiro. Para isso, recorre-se ao modelo da *gramática de construções baseada no uso* (CROFT, 2001; GOLDBERG, 2006; 2013; BYBEE, 2010; 2013). Os dados foram pesquisados por meio do *Corpus do Português* (<http://www.corpusdoportugues.org>) e posteriormente, devido à escassez de dados nas primeiras buscas, por meio ferramenta de buscas Google. Neste estudo, propomos que a gramática do PB inclui duas grandes construções gramaticais abstratas semiproductivas: VERBO + ADJ. ADV. MODO (verbo + adjetivo adverbializado de modo) e VERBO + ADJ. ADV. MODALIZADOR (verbo + adjetivo adverbializado de modo), que contrastam com duas construções próprias do português padrão, as quais podem ser apreendidas sob as fórmulas VERBO + [ADVERBIO PROTOTÍPICO] e VERBO + [MODALIZADOR PROTOTÍPICO]. Referimo-nos a cada uma dessas construções, respectivamente, como ADJ. ADV. MODO, ADJ. ADV. MODALIZADOR, ADV. PROT. e MOD. PROT. Cada construção pode ser ilustrada, respectivamente, pelos exemplos abaixo:

(6) a. O Flamengo jogou fácil ontem. ADJ. ADV. MODO

b. Dá fácil pro Flamengo ganhar. ADJ. ADV. MODALIZADOR

c. O Flamengo jogou lindamente ontem. ADV. PROT.

d. Certamente, dá pro Flamengo ganhar. MOD. PROT.

Sustentamos que as construções ilustradas em (6a) e (6b) são mais recentes e mais restritivas do que aquelas exemplificadas em (6c) e (6d), próprias do português padrão. Enquanto ADJ. ADV. MODO é semanticamente limitada, restringindo-se ao valor de *modo* (definido de forma bastante restritiva), sua “contraparte” padrão, ADV. PROT. é significativamente mais aberta, podendo expressar outros valores, como intensidade e frequência. Algo semelhante pode ser dito em relação à comparação entre a ADJ. ADV. MODALIZADOR e a MOD. PROT.: embora ambas evoquem *perspectiva subjetiva* (LANGACKER, 1990; FERRARI; SWEETSER, 2012), a primeira especializa-se, necessariamente, em *postura epistêmica positiva* (FILLMORE, 1990),

ao passo que a segunda envolve outros valores semântico-pragmáticos. Argumentamos ainda que as construções em (6a) e (6b) são parte de uma rede construcional altamente complexa, que envolve construções com diferentes graus de granularidade e enraizamento (“entrenchment”): uma rede de *representação por exemplares*, tal como reconhecida pela *gramática de construções baseada no uso* (BYBEE, 2010; 2013). Os resultados fornecem evidências em favor da ideia de que o conhecimento linguístico é fragmentado, não podendo ser descrito por meio de um pequeno conjunto de regras maximamente gerais (TOMASELLO, 2003; GOLDBERG, 2006; BYBEE, 2010; 2013).

8. A COLOCAÇÃO PRONOMINAL EM CARTAS DOS SÉCULOS XIX E XX

Diana Silva Thomaz (IC/UFRJ)

Orientadora: Sílvia R. O. Cavalcante (UFRJ)

Segundo Tarallo (*apud* PAGOTTO, 1998), o século XIX foi um período de grandes mudanças na sintaxe do Português do Brasil e, de acordo com Pagotto (1992), ao comparar os textos da Constituição brasileira, um de 1824 e o outro de 1892, os dois textos foram escritos em duas gramáticas distintas, sendo a primeira conhecida como português clássico e a segunda considerada como a atual norma culta do português. O mesmo autor ainda afirma que o século XIX foi o período de estabelecimento de uma nova norma culta escrita gerando muitas polêmicas e mudando o modo com que os sujeitos encaravam as formas que deveriam utilizar na escrita. A partir disso, apresentamos um estudo sobre o padrão de colocação pronominal (que constitui mais uma das marcas diferenciadoras do PB e PE) encontrado em cartas pessoais escritas entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX escritas por Zélia Pedreira de Abreu Magalhães e Jerônimo de Castro Abreu Magalhães, dois falantes cultos que viveram em meio a esse turbilhão de mudanças linguísticas. Pretendemos responder às seguintes perguntas: (1) de que maneira se comportarão os clíticos na escrita de tais indivíduos, considerando que o gênero carta pessoal se caracteriza por um maior nível de informalidade e que os remetentes têm um alto grau de intimidade com os destinatários? (2) há diferença na posição dos clíticos entre Jerônimo e Zélia? (3) quais os contextos de próclise e ênclise encontrados? (4) a partir dos resultados encontrados podemos fazer alguma consideração sobre a relação entre o padrão culto e a gramática do PB? O corpus utilizado para o levantamento de dados consiste em cartas escritas pessoais, de 1896 a 1919, de missivistas nascidos no Rio de Janeiro (Niterói e Magé) e que escreviam para seus filhos. A correspondência de Jerônimo compreende cartas escritas entre 1896 e 1909 e a correspondência de Zélia compreende cartas entre 1912 e 1919. Consideramos para análise, fatores linguísticos, como Posição e Tipo de clítico, Forma verbal e Padrão de colocação, Contexto imediatamente anterior e o Tipo de estrutura da oração com clítico, Tipo sintático da oração, Local da ocorrência na carta, e fatores extralinguísticos, como o

sexo e o ano em que as cartas foram escritas. Utilizamos o programa Goldvarb X (SANKOFF; TAGLIAMONTE; SMITH, 2005) para as análises estatísticas. Os resultados iniciais sugerem um quadro de competição de gramáticas entre os missivistas envolvidos: a missivista apresenta um padrão de próclise mais próximo do da gramática do Português Brasileiro atual; ao passo que o missivista apresenta padrões de próclise e ênclise mais próximos da gramática do Português Clássico.

9. “LINGUISTICA I PEGOU VOCÊ”: UMA ABORDAGEM BASEADA EM PROBLEMAS PARA O ENSINO UNIVERSITÁRIO

Caroline Teixeira Medeiros Barbosa (PIBID/UERJ)

Thainá Amador de Lira (UERJ)

Ricardo Joseh Lima (UERJ)

A disciplina de Linguística I é uma matéria oferecida aos alunos de primeiro período de todos os cursos de Letras e traz uma abordagem da linguagem diferente da visão normativa ministrada nos cursos de Língua Portuguesa. Por isso, o ensino dessa disciplina deve ser motivo da nossa reflexão, pois além de possuir uma grande quantidade de informação e de conceitos teóricos para serem transmitidos, a diferença de enfoque, muitas vezes, causa bastante “estranhamento” por parte dos alunos, que não estudaram Linguística em seu Ensino Fundamental ou Médio. O que fazer para que os alunos se tornem ativos no processo de aprendizado? Como criar metodologias que possibilitem aos discentes “colocar a mão na massa”? Pensando nisso elaboramos um curso baseados na perspectiva da Abordagem Baseada em Problemas (ABP) no qual, através de atividades interativas e recursos de multimídia, os alunos podem participar e construir o conhecimento junto com o professor. De acordo com Sakai e Lima (1996), “esta metodologia é formativa à medida que estimula uma atitude ativa do aluno em busca do conhecimento e não meramente informativa como é o caso da prática pedagógica tradicional”. Essa abordagem, então, é centrada no aluno e funciona da seguinte maneira: os docentes expõem um caso aos estudantes, em seguida, eles se dividem em grupos para identificar o problema, debater, interpretar e produzir possíveis justificações, soluções, resoluções, ou recomendações. Aqui já não se vê mais o professor com único detentor e mediador de conhecimento. Para que essa dinâmica se torne possível, é necessário que entre em cena a figura do monitor. Este, juntamente com o professor orientador, pode auxiliar na seleção e elaboração de materiais, discussão de ideias e também na prática da sala de aula com as atividades propostas. É nessa realidade que se insere a disciplina de Linguística I ministrada em 2014.2 à turma 4, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Com o intuito de unir a teoria com a prática, monitoras e professor elaboraram um curso lúdico e interativo, com referências a filmes como “Matrix” (que justifica a frase inicial do título) para o qual a criatividade tornou-se um atributo indispensável. Neste pôster, apresentaremos os principais pontos que formam a base de uma disciplina que toma a ABP como fonte metodológica. Ilustraremos o trabalho com

o cuidado que se deve ter no primeiro contato dos discentes com esse tipo de disciplina; com a preocupação em transmitir os ideais dessa metodologia de modo que os discentes “comprem” a ideia da disciplina e finalmente com algumas questões que nortearam o trabalho da disciplina Linguística I no segundo semestre de 2014. Enfatizamos a relevância dessa apresentação para que demais docentes e discentes possam travar contato e obter mais conhecimento dessa abordagem metodológica que pode auxiliar na resolução de problemas comuns a disciplinas introdutórias, como a Linguística I, e promover um debate saudável sobre o papel do aluno no processo de aprendizagem no século XXI, um momento em que a interatividade e a obtenção de conhecimento se dão de modo extremamente distinto de que como ocorriam há cerca de vinte anos. Esperamos que esse seja o primeiro de muitos passos no sentido de resolver esses problemas que acompanham o ensino universitário no momento atual.

10. “É MUITO DIFÍCIL ACERTAR DE PRIMEIRA”: O PRIMEIRO BEIJO E O PRIMEIRO AMOR EM NARRATIVAS PRODUZIDAS EM INTERAÇÃO

Daniel Augusto Silva (UERJ)

Paula Carolina da Costa (UERJ)

Alexandre José Cadilhe (UNIFESO)

Nesta pesquisa, tratamos de uma investigação interdisciplinar no campo da Sociolinguística Interacional e os estudos de gênero e sexualidade. Abordamos como tema a construção social de identidades produzidas discursivamente por jovens estudantes universitários do Rio de Janeiro, no que tange às relações de gênero e sexualidade: a experiência do “primeiro beijo” e do “primeiro amor”. Estes momentos são compreendidos como marcantes na construção de identidades sociais, na ótica das feminilidades e masculinidades, no reconhecimento do corpo, nas manifestações de desejo (cf. LOURO, 2013). Portanto, temos como objetivo construir uma compreensão acerca de como identidades sociais de gênero e sexualidade são construídas em *performance* discursiva por jovens universitários do Rio de Janeiro, tendo o discurso produzido em interação como objeto de análise. Parte-se do princípio teórico de que as identidades de gênero e sexualidade não são fixas e imutáveis; são antes construídas socialmente e em *performance*, quando em interação em contextos situados (cf. MOITA LOPES, 2013; LOURO, 2013). Tais contextos são apresentados neste estudo a partir do conceito de comunidades de práticas (cf. ECKERT & MCCONNELL-GINET, 2010; OSTERMANN, 2006), o qual se refere ao conjunto de pessoas engajadas em um empreendimento comum. Deste modo, contextos institucionais ou informais são assim caracterizados a partir das interações dos sujeitos participando de um encontro social. Assim, para compreender como identidades sociais são construídas, torna-se indispensável o acesso ou a instituição de comunidades de práticas para que a *performance* discursiva seja engendrada e as identidades emergem. Como ferramenta teórico-metodológica, consideramos aqui os estudos da Sociolinguística Interacional, a partir dos conceitos de

enquadre e alinhamento (cf. GOFFMAN, 2002), sendo o primeiro compreendido como o modo pelo qual sujeitos em interação constroem contextos em interação; e o segundo, como estes participantes situam-se socialmente nestes contextos. Para que os dados sejam categorizados em enquadres e alinhamentos, outro conceito fundamental é o de pistas de contextualização (cf. GUMPERZ, 2002), que podem ser verbais ou não, e sinalizam os potenciais sentidos atribuídos pelos participantes aos temas discutidos em interação. A análise discursiva sociointeracional pressupõe ainda que os dados analisados sejam produzidos em interação social. Como metodologia, optamos pelo estudo qualitativo, exploratório e de caráter microetnográfico (cf. ANDRÉ, 1995), tendo como estratégia de geração de dados a entrevista em grupo como evento interacional (cf. CAMPOS, 2013) com a participação de dois entrevistadores e dois entrevistados, todos universitários de uma Instituição pública do Rio de Janeiro. A entrevista aberta teve como tema “o primeiro amor” e “o primeiro beijo”, e os entrevistados foram engajados a relatar suas experiências aos entrevistados de modo aberto e informal, no espaço de convivência da Universidade. Os dados foram gravados em áudio e transcritos a partir das orientações dos estudos da Análise da Fala-em-Interação (cf. GARCEZ, 2007; OSTERMANN, 2012), e segmentados a partir de categorias da estrutura narrativa (cf. BASTOS, 2008). Como resultados, observamos o caráter fragmentado e fluido das primeiras experiências amorosas, quando o/a jovem encontra-se engajado a múltiplas experiências sobre a sexualidade. Estas experiências são enquadradas como eventos bem sucedidos no que tange às expectativas sociais, mas ainda infelizes no âmbito da realização pessoal, o que pode ter como efeito uma série de reflexões e engaja a novas experiências, inclusive com parceiros/as do mesmo sexo. Este estudo traz ainda como proposta ilustrar a contribuição dos estudos da Sociolinguística Interacional para a análise discursiva de performances de gênero e sexualidade, demonstrando como um fértil campo a hibridização teórica e metodológica dos estudos da linguagem e da antropologia para a compreensão da vida social.

11. POLÍTICAS DE PRESCRIÇÃO ORTOGRÁFICA E O EFETIVO USO LINGUÍSTICO: O CASO DAS SIBILANTES EM SUPORTES TEXTUAIS

Davidson Martins Viana Alves (UFRJ)

Este trabalho – vinculado ao Departamento de Letras Vernáculas da UFRJ com o projeto de pesquisa “*Processo de ensino-aprendizagem de Línguas: Problemas de sotaque e de pronúncia*” - tem por objetivo analisar o uso de segmentos consonantais sibilantes do português e do espanhol como línguas maternas que ocupam o mesmo enquadre informacional, a saber [s], [z], [ʃ], [θ], depreendendo-se as possíveis realidades de sua multirrepresentação grafemática e de sua correlação com outros segmentos. Ao analisar fenômenos ortográficos presentes em suportes textuais - (mídias imagético-textuais) tais como: anúncios, panfletos, murais, grafites, rótulos, quadro-negro, carteira escolar, cartazes, entre outros – busca-se discutir a questão da

variação linguística, bem como as noções conceituais de norma, padrão, prestígio, estigma, registro e estilo linguísticos. Esta pesquisa baseia-se nos pressupostos teóricos de Labov (2008), que descreve sistematicamente as funções e as construções intra e extralinguísticas de composição de uma língua. Além disso, esses autores discutem a noção de heterogeneidade ordenada como uma característica necessária para se compreender a linguagem como um construto funcional que detém múltiplas possibilidades de uso linguístico. Deste modo, a língua passa a ser concebida como uma estrutura variável e a variação, por sua vez, como fenômeno passível de análise e sistematização linguística. A devida observação de aspectos cognitivos e variacionais que se referem à grafia em suportes textuais permite a reflexão acerca da realidade plural do sistema ortográfica, apontando para possíveis mudanças de normas. Ademais, alguns princípios linguísticos e sociais que assumem um caráter purista e tradicional são relativizados, pois pouco contribuem ao aspecto pedagógico da linguagem. Esses princípios estão marcados pelo preconceito e, desse modo, dificultam a elaboração de produtivas estratégias de ensino. Nesta perspectiva, se faz necessário basear-se em pressupostos teóricos que dialoguem com os mencionados acima, para contribuir efetiva e fidedignamente a este trabalho de pesquisa. Citam-se: (a) Bybee (2001a), que a partir da fonologia de uso estabelece estritamente a produtividade de um padrão linguístico com suas frequências de tipo e de ocorrência, que, por sua vez, estão vinculadas à competência pragmática e aos propósitos comunicativos do falante, devendo a língua ser entendida como uma estrutura remoldada a cada dia pelo uso e pela experiência; (b) Goldberg (1995) nas construções de *frames* alternativos em relação a uma mesma cena, apresentando distinções pragmáticas relevantes e construções gramaticais que podem ativar domínios estáveis por meio de espaços mentais e (c) Peirce (1995, trad. Coelho Neto), cuja compreensão do mundo exterior se faz por meio de uma semiose ilimitada, plural e multifacetada, em que o contato e a experiência linguística promovem a invenção, a criação e o exercício da capacidade de escolhas de itens dentre alternativas. Na esteira desses estudos, o objetivo do presente trabalho é, por fim, avançar na compreensão de fenômenos que ainda não foram alvo de investigação detalhada nos moldes aqui propostos. Os dados para a presente pesquisa foram construídos a partir de suportes textuais reais encontrados no estado do Rio de Janeiro. Verifica-se, como resultado preliminar qualitativo, que os dados analisados apontam para a ratificação de alguns pressupostos dos modelos baseados no uso, como (1) a frequência de ocorrência exerce impacto sobre a mudança sonora (palavras mais frequentes são afetadas primeiro); (2) a mudança está para o uso assim como a variação está para a real prática linguística e (3) o uso linguístico promove a alteração imediata das representações, que são dinâmicas

12. SOMOS TODOS MACACOS: A TRAJETÓRIA TEXTUAL DOS DISCURSOS DE RAÇA NAS REDES SOCIAIS E NA MÍDIA

Érika Pereira Vilela (IFSULDEMINAS/UNIFRAN)

Orientadora: Glenda Cristina Valim de Melo (UNIFRANCA)

É possível perceber que com o advento da internet e surgimento das redes sociais, o sujeito comum descobriu uma nova forma de expressar suas opiniões. Nesse momento de modernidade recente, as redes sociais vêm se tornando um meio de interação sobre muitos assuntos, e de acordo com Castells (2013), elas se constituem em espaços de autonomia, muito além do controle do governo e empresas, que historicamente monopolizaram os canais de comunicação. A sua crescente popularização ampliou a arena de debates, dando visibilidade a movimentos, que antes não saiam das periferias, dessa forma, vozes das minorias ganharam destaque em determinados momentos. Segundo Moita Lopes (2010), esses novos letramentos digitais podem ser vistos como lugar de debate político sobre a vida pública e privada, principalmente, ativismo político, do qual as pessoas podem participar sem sair de casa. Nessa perspectiva, a temática racial, discutida há anos pelo Movimento Negro, ganhou espaço na arena pública, também a partir da campanha “Somos todos Macacos”, lançada por um jogador de futebol em resposta aos atos de racismo praticados nos estádios de futebol europeus. Fato gerador de grande discussão, tanto pela mídia quanto pela rede, a campanha foi a mola propulsora de discursos que vieram a público, inflamados por ideologias defendidas por alguns e contestadas por outros. Diante dessas discussões, questiona-se o discurso construído e divulgado dentro e fora do país, de que o Brasil é um paraíso racial onde não há preconceito, e nem discriminação. Segundo Telles (2003), além das ações políticas do Movimento Negro, os trabalhos de Hasenbalg e Nelson do Vale Silva, baseados em dados estatísticos, contestaram nos anos 80 a ideologia da miscigenação, assinalada como uma metáfora definidora do Brasil, que não reflete o comportamento e as práticas sociais do país. Considerando o histórico racial brasileiro, a concepção de raça como uma construção discursiva amparada pelas Teorias Queer e a concepção dos novos letramentos digitais, esse trabalho analisa a trajetória textual do slogan “Somos Todos Macacos”. Além disso, pretende-se investigar as ordens de indexicalidade mobilizadas nessa trajetória textual. Por último, visa-se identificar os posicionamentos interacionais dos participantes observados na trajetória. Para realizar este estudo, as teorias que o embasam são atos de fala performativos (AUSTIN, 1990 & DERRIDA, 1988), na concepção de raça proposta pelas Teorias Queer (SOMMERVILLE, 2000; SULLIVAN, 2003; BUTLER, 2004; BARNARD, 2004; LOURO, 2004, WILCHINS, 2004), nos construtos teórico-analíticos sobre de trajetória textual e ordem de indexicalidade propostos por Blommaert (2008, 2010) e nas pistas indexicais indicadas por Wortham (2001). Este trabalho se torna relevante na medida em que aborda o racismo, tema de grande interesse social, e relaciona os discursos de raça produzidos pela mídia aos pensamentos e opiniões do sujeito comum, a partir da concepção de raça como construção

social e discursiva, embasada pelas Teorias Queer, num espaço público recente e de grande alcance social. O trabalho pode contribuir para a reflexão sobre o papel da raça na construção discursiva, principalmente, no que se refere ao mito da democracia racial, baseada no conceito de mestiçagem, historicamente defendido no Brasil, questionado e problematizado pelas pesquisas mais recentes que consideram a realidade contemporânea das relações de raça no Brasil. A pesquisa é de caráter etnográfico virtual, de acordo Hine (2000), essa etnografia nos permitiria responder alguns questionamentos ocorridos no ambiente online, tais como: as experiências vivenciadas na rede, como são as performances de identidade neste espaço, entre outras. Os dados serão gerados a partir de matérias publicadas em jornais online sobre o slogan “Somos Todos Macacos”, e postagens sobre a campanha em redes sociais, especificamente, facebook, twitter e instagram. Como a pesquisa está em andamento, não serão apresentados resultados.

13. IGNORAR, SILENCIAR E TERGIVERSAR: REFLEXÕES PRAGMÁTICO-DISCURSIVAS SOBRE A RESPONSABILIDADE INSTITUCIONAL

Fernando Arantes Ferrão (UERJ)

A presente pesquisa em andamento tem como tema uma demanda de interlocução não bem-sucedida e suas articulações com a problemática do silêncio: um aluno matriculado em uma universidade pública nesta unidade federativa veio a solicitar a atenção institucional para o problema das constantes faltas de dois de seus professores, solicitação que, apesar de reiterada, permaneceu objetivamente sem resposta. Referir esse fracassado esforço de comunicação como um experimento linguístico, no qual se possa avaliar se esse “silêncio” é produtor de significação, é o escopo deste estudo. O *corpus* produzido para o trabalho é formado pelos seguintes textos: *e-mails* enviados à direção do referido curso durante o ano de 2013, nos quais se solicitava resposta para o fato mencionado; *e-mails* que o pesquisador recebeu como respostas; duas comunicações dirigidas, uma pela reitoria aos calouros de 2013 e, outra, pela direção da faculdade a seu corpo discente. A simples leitura das respostas oferecidas demonstra que não ocorreram aqueles sinais comunicacionais ordinariamente enviados pelo coenunciador, a fim de assinalar a existência do diálogo. Em outras palavras, as respostas não se referiram às questões que foram colocadas e, usualmente, apresentaram-se como injunções protocolares e impessoais, o que, eventualmente, revelaria o *modus operandi* institucional. Pode-se observar no decurso da correspondência, que a direção da faculdade agravou o problema apontado, uma vez que sua inação autorizou os docentes a seguirem faltando. Dessa maneira, comprometeram-se os cumprimentos da carga horária e dos conteúdos programáticos previstos nas ementas de duas disciplinas. O exame preliminar desse *corpus* permite presumir que o silêncio da instituição expressa o poder factual de não responder, enunciado – ou não enunciado – desde uma instância à qual se atribui responsabilidade. Além disso, é possível conjecturar-se sobre o sentido das práticas de trabalho dos gestores institucionais, isto é, sobre

o que sejam as funções e as responsabilidades prescritas para si mesmos nos manuais e nas cartas de intenções que redigem, o produto real de sua ação e o acordo coletivo que sustenta e naturaliza as singulares adaptações funcionais observadas. Por último, evidencia-se também como necessária uma reflexão (e eventual reinterpretação) sobre o significado de termos como aula, por exemplo, para os quais não se encontram definições precisas em manuais, catálogos, ou em outros contratos acadêmicos, não obstante sejam insistentemente mencionados nos ementários e nos demais documentos instrucionais escolares. Parte-se dessas considerações iniciais para investigar a potência semântica desse tipo de “silêncio”, à luz dos estudos da linguagem, mormente da Análise do Discurso de Pêcheux e de Orlandi, das reflexões sobre Ergologia de Schwartz e do princípio pragmático da cooperação, de Grice. Pelo descrito até o momento, verifica-se que a reunião do *corpus* ocorreu em momento anterior ao início da pesquisa e que, por isso, empreendeu-se primeiramente uma seleção (ou edição) crítica desse material, a fim de refugarem-se de seu “estado bruto” redundâncias que não contribuiriam para a compreensibilidade dos fatos comunicacionais nele constantes. Seguiu-se a isto, a tarefa de, com base nas três diferentes correntes dos estudos de linguagem acima referidas, ponderar sobre o valor a ser atribuído a cada uma delas, para a defesa da proposição de que silêncio e tergiversação instituem significações. Refletir nesse campo teórico sinaliza, efetivamente, que não responder implica sentidos – que muito extrapolam os pressupostos acerca de seu poder comunicativo. Embora não se possam precisar as respostas que “o desconsiderar o diálogo” enuncia, verifica-se, pelo eixo teórico empregado, que ainda assim, o diálogo foi operado nessa correspondência: de alguma forma, algo ainda incompreendido foi efetivamente dito. Isto enseja ideias e anotações, revisões das leituras e o esboço de um artigo que começa a ser redigido.

14. O COMPORTAMENTO DO VERBO *PARECER* EM PEÇAS TEATRAIS PORTUGUESAS OITOCENTISTAS

Gessica Aparecida Botelho dos Santos (UFRJ)

Nathália Vasconcelos Cardoso Rodrigues (UFRJ)

O objeto deste estudo recai sobre os verbos inacusativos que, selecionando como argumento interno um complemento oracional, permitem o movimento de um SN interno ao complemento para a posição de Spec de IP da oração principal. Dito de outra forma, verbos impessoais que têm a posição de sujeito preenchida graças ao “alçamento” de um constituinte interno à oração que funciona como seu complemento. Por essa característica, recebem o nome, na literatura gerativa, de “verbos de alçamento”. Henriques (2013) identifica construções com e sem alçamento em peças teatrais portuguesas e brasileiras, de cunho popular, escritas ao longo dos séculos XIX e XX. Assim, partindo do estudo deste autor, este trabalho analisa as possibilidades estruturais com o verbo *parecer*, em peças portuguesas do século XIX. Tal verbo, considerado prototípico dentre os verbos de alçamento, apresenta, segundo Henriques (*op. cit.*) três possibilidades

estruturais no Português Europeu (PE): (1) sem alçamento (“Parece que o céu lhe ouvira os rogos durante um ano.” *Espinhos e flores*, Camilo Castelo Branco, 1857; “Parece-me que o Sr. Eleutério conhece muito de perto o coração da minha noiva!” *Quem desdenha*, Pinheiro Chagas, 1874); (2) alçamento clássico ou padrão, quando o verbo da encaixada não é capaz de atribuir caso ao sujeito, migrando para a posição à esquerda do verbo da oração matriz (“A sua vinda a esta casa, parece t_i indicar novidade.” *A liberdade eleitoral*, Teixeira de Vasconcelos, 1870) e (3) deslocamento, que ocorre quando o SN, mesmo recebendo caso do verbo da encaixada, se desloca para a posição vazia à esquerda do verbo de alçamento, sem com ele estabelecer concordância (“Tu, parece que t_i não sabes o que é a vida...” *Espinhos e flores*, Camilo Castelo Branco, 1857; Catorze mi réis por hora, não me parece que t_i seja um ganho diminuto!, *Inter duo litigantes*, Eduardo Garrido, 1863, “A mana, parece que t_i não tem olhos”, *O festim de Baltasar*, Gervásio Lobato, 1894). Com a intenção de investigar a ocorrência das estruturas previstas por Henriques (*op. cit.*) no decorrer do século XIX, bem como averiguar a ocorrência de outros tipos possíveis de alçamento, são analisadas 26 peças teatrais oitocentistas, 13 da primeira metade do século XIX e 13 da segunda metade, escritas por diferentes autores. Como aporte teórico, o trabalho utiliza os preceitos minimalistas da Teoria Gerativa, observando a proposta de Soares da Silva (2006, 2011), segundo a qual as línguas se posicionam ao longo de um *continuum*, de acordo com o grau de preenchimento do sujeito, associada ao modelo de estudo da mudança proposto por Weinreich, Labov e Herzog [(2006) 1968]. Sendo o PE uma língua [+ *pro-drop*], ou seja, uma língua que marca positivamente o Parâmetro do Sujeito Nulo (cf. Raposo *et al.*, 2013), a hipótese que sustenta o trabalho é a de que o PE se comporta, em relação ao alçamento de constituintes com verbos inacusativos, de forma distinta do PB, licenciando apenas as construções de alçamento padrão e de deslocamento. Pretende-se, em última instância, com esta análise, contribuir para os estudos que visam comparar as “variedades” brasileira e europeia.

15. TEORIA DA MENTE: EFEITO DA IDADE E DA UTILIZAÇÃO DO ADVÉRBIO ‘PRIMEIRO’

Gianna Lucciola Campolina

Isabela da Silva Nascimento

Larissa de Oliveira Rios Pereira Santos

Mayara Motta Herdy

Virgínia Carollo da Costa Dias

O trabalho em questão, realizado a partir do artigo “O Desenvolvimento do conhecimento da criança sobre a mente”, de Maria da Graça Dias, volta-se para o estudo do desenvolvimento da Teoria da Mente. Dias apresenta pesquisas realizadas com crianças de 4 a 6 anos. Seu objetivo é o de embasar o estudo acerca da Teoria da Mente, a habilidade de predizer ações e emoções de outras pessoas. Por meio da percepção de como essas crenças falsas repercutiam nas crianças

estudadas, elaborou-se a ideia de que a formulação dos enunciados deveria trazer à tona se elas seriam capazes de se colocar no lugar de outra pessoa evidenciando crenças e desejos diferentes dos seus. As respostas dadas resultam nos produtos da pesquisa da acadêmica, que serve de base para o breve estudo apresentado aqui. Além disso, neste trabalho, foi elaborada a hipótese de que o questionamento dirigido à criança poderia favorecer uma resposta que denotaria certo grau de desenvolvimento da habilidade denominada Teoria da Mente. Nesse sentido, o presente estudo foi realizado com dois grupos de 16 crianças em cada conjunto, todas das quais matriculadas e frequentando instituições escolares. Para a realização da pesquisa foram utilizadas histórias ilustradas. No fim de cada narrativa breve, o participante deveria responder a uma pergunta em que expunha o que o personagem deveria esperar, ou seja, onde o personagem procuraria determinado objeto. Todas as histórias possuíam o mesmo modelo: apresentava-se um personagem que utilizava determinado objeto em um ambiente. Na sequência, ele parava de usá-lo por um motivo explicitado e o colocava em algum lugar. Em seguida, surgia outro personagem e alterava a localização do item sem que o primeiro personagem soubesse. Por fim, os participantes da pesquisa eram questionados acerca dos acontecimentos da história. Assim, a resposta que indicasse que o personagem, desconhecendo a nova localização do objeto, procuraria primeiro no lugar em que o deixou, mostraria que a criança teria maior grau de desenvolvimento da teoria da mente. Nesse âmbito, as perguntas também visavam abordar parte importante da pesquisa, pois acreditávamos que o acréscimo do advérbio “primeiro” à pergunta dirigida à criança resultaria numa maior facilidade para uma réplica voltada para o alvo da pesquisa. Para verificar se a construção da frase colaboraria ou não para o entendimento da criança, foram realizados dois tipos de perguntas. O primeiro tipo de premissa com a seguinte estrutura: “Onde o (personagem em questão) irá procurar o (item)?” e a outra formulada da mesma forma, mas acrescida do advérbio primeiro ao final da pergunta. A análise das respostas resultou em uma confirmação de antigos estudos voltados para a ideia de que a Teoria da Mente pode se apresentar de maneira mais aprimorada de acordo com a idade da criança, pois esta estaria vinculada a um desenvolvimento cognitivo que é potencializado a partir das experiências do indivíduo. Isso ficou evidente a partir do número de acertos que cada grupo etário apresentou e também devido à quantidade de acertos que cada criança atingiu. Contudo, a hipótese de que o advérbio resultaria em um maior número de respostas alvo não se concretizou. Acredita-se que devido ao advérbio em questão não estar no tópico frasal da pergunta e a construção produzida não se caracterizar como um enunciado comum no cotidiano das crianças os resultados tenham sido diferentes do esperado, no entanto, isto só poderia ser realmente comprovado mediante a realização de um novo experimento. Pode-se então perceber que, dentro da organização na qual foi colocada, esse termo não apresentou diferença semântica para os participantes e conseqüentemente não alterou os resultados da pesquisa.

16. A APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA EM UMA TURMA DE PRÉ-VESTIBULAR COMUNITÁRIO: ENVOLVENDO OS ALUNOS PARA UMA LEITURA CRÍTICA DO MUNDO SOCIAL

Isabel Cristina Rangel Moraes Bezerra (UERJ)

Leandro Bonin (UERJ)

Bárbara de Almeida Sapucaia (UERJ)

Neste trabalho, relatamos nossa pesquisa em desenvolvimento com foco na habilidade de leitura em Língua Inglesa, bem como no processo de socioconstrução de conhecimentos, envolvendo o acionamento dos conhecimentos sistêmico, de organização textual e, principalmente, de mundo (BRASIL, 1998; GRIGOLETTO, 1995a) em uma turma de alunos de pré-vestibular comunitário, visando não só o exame, voltado para a entrada em universidades, mas também questões relativas ao uso da língua estrangeira em situações reais de interação escrita. Por conseguinte, nesse contexto, as atividades de leitura são centradas no uso da língua em situações de interação social (MOITA LOPES, 1996; KLEIMAN, 1995; MORAES BEZERRA e RODRIGUES, 2012), voltadas para o desenvolvimento de leitura crítica (BRASIL, 1998; GRIGOLETTO, 1995b; SILVA, 2001) de textos de diversos gêneros que circulam no mundo social. De acordo com essa perspectiva, a língua é vista como "(...) uma ferramenta para a ação social. Dessa forma, a construção dialógica de significados dá-se contextualizadamente no espaço social e na história, através das escolhas linguísticas feitas pelos interactantes." (MILLER e MORAES BEZERRA, 2007). Para encaminhar as aulas, são trabalhados gêneros textuais (CRISTÓVÃO, 2009; MARCUSCHI, 2008), tais como, a propaganda, o *e-mail*, a reportagem, por exemplo, em unidades didáticas, no sentido de trazer os temas transversais (BRASIL, 1998) para a interação em aula. Tais temas oferecem ao aluno a oportunidade de refletir sobre o mundo social, de entendê-lo, operando, assim, "(...) como agente na construção de sentidos, implicado em um contexto sócio-histórico." (CRISTÓVÃO, 2009, p. 7). Além disso, buscamos, a partir da utilização dos princípios da Prática Exploratória (MILLER e MORAES BEZERRA, 2007; MORAES BEZERRA, 2003; ALLWRIGHT e HANKS, 2009), agregar a pesquisa às atividades de ensino-aprendizagem, uma vez que dois dos pesquisadores são também os professores da turma. Consequentemente, ao encaminhar a pesquisa, objetiva-se a construção, por parte desses professores em formação (PIETRI, 2007), de uma atitude reflexiva acerca de sua própria prática em sala de aula e sobre como os alunos constroem conhecimento. Por meio de tal abordagem para a pesquisa reflexiva (MILLER e MORAES BEZERRA, 2007), o educador constrói entendimentos locais sobre a vida em sala de aula, sua relação com os alunos, a relação entre alunos e suas histórias, levando em consideração, dessa forma, todos os participantes do discurso. Neste sentido, distanciamos-nos da racionalidade técnica, mas da concretização da formação do docente enquanto agente reflexivo. Para o pôster que propomos, trazemos, portanto, a discussão dos entendimentos que vimos construindo acerca

do processo de ensino-aprendizagem da habilidade de compreensão escrita em Língua Inglesa na turma do pré-vestibular comunitário da Faculdade de Formação de Professores. Vale destacar que, através do encaminhamento do estudo com base na Prática Exploratória, encoraja-se a participação dos alunos para que possam exercer sua agentividade e possam ser coconstrutores da pesquisa. Para a geração dos dados, usamos Atividades Pedagógicas com Potencial Exploratório (MORAES BEZERRA, 2007; ALLWRIGHT e HANKS, 2009), isto é, as unidades didáticas ligeiramente modificadas de forma a trabalhar para entender nossos questionamentos; além disso, gravações são feitas das interações em sala de aula.

17. ENSINO DE INGLÊS PARA CRIANÇAS E FORMAÇÃO DOCENTE: O DESAFIO DE ENSINAR LÍNGUA COMO FERRAMENTA DE AÇÃO SOCIAL

Isabel Cristina Rangel Moraes Bezerra (UERJ)

Thaís Pereira da Silva (UERJ - CETREINA)

Norteadas pelo ensino reflexivo de língua inglesa para crianças, projetamos nossos olhares para a formação integral do aprendiz criança (ROCHA, 2007; SILVA, ROCHA e TONELLI, 2010; SANTOS, 2010). Nesse sentido, entendemos que a língua é uma importante forma de ação social. Logo, aprender uma nova língua é uma forma possível de o sujeito interpretar o mundo multicultural e globalizado em que vive (BRASIL, 1998; MOITA LOPES, 2003). O objetivo desse pôster é apresentar reflexões sobre um projeto de Iniciação à Docência que tem por foco o ensino de inglês para crianças do Ensino Fundamental 1, em uma escola da rede pública de ensino de São Gonçalo, Rio de Janeiro. A escola permitiu que fossem formadas duas turmas de quinze alunos matriculados entre o 3º ano, 4º ano e 5º ano do primeiro ciclo do Ensino Fundamental para a implementação inicial desse projeto. Ademais, objetivamos encaminhar reflexões sobre a formação do professor para esse nível de ensino (LIMA e MARDONARI, 2010; TONELLI, ROCHA e SILVA, 2010; MOREIRA, 2001), considerando o percurso formativo da bolsista do projeto, coautora desse trabalho, tomando por foco [a] o entendimento de língua enquanto ferramenta de ação social e não um conjunto de regras a serem aprendidas e usadas de forma abstrata (MILLER e MORAES BEZERRA, 2007); [b] a proposta reflexiva da Prática Exploratória (MILLER, 2012, 2013); [c] o entendimento de aprendizagem enquanto processo localizado no social, na cultura e na história em que a língua é elemento fundamental no processo de mediação pedagógica (VYGOTSKY, 1998, [1987]2008); [d] bases específicas para o ensino de línguas estrangeiras para crianças, envolvendo não apenas aspectos cognitivos, mas também afetivos (ROCHA, 2007; FIGUEIRA, 2010; MORAES BEZERRA, 2013). Segundo os objetivos do projeto, portanto, construímos uma proposta de ensino e diretrizes que atendam à faixa etária dos alunos inseridos nesse nível escolar, ao mesmo tempo buscando encaminhar o ensino para uma leitura crítica do mundo social. A partir dos conceitos discutidos em nossas reuniões e presentes na teoria sócio-histórica cultural (VYGOTSKY, 1998; OLIVEIRA, 1999; PONTECORVO,

2005), nas considerações de ROCHA (2007), FIGUEIRA (2010), *inter alia*, sobre o ensino de inglês para crianças do ensino fundamental e na Prática Exploratória, uma forma de ensinar-aprender agregada ao fazer docente reflexivo, (ALLWRIGHT e HANKS, 2009; MORAES BEZERRA, MILLER e CUNHA, 2007), projetamos nosso material didático – no que diz respeito aos jogos, aos brinquedos, às canções e atividades lúdicas que envolvam as crianças e as motivem a aprender uma nova língua – bem como refletimos sobre a forma de implementá-los, segundo essas bases teóricas. Para esse fim, elaboramos nove unidades temáticas, envolvendo situações cotidianas que servem como elemento iniciador do processo de ensino e aprendizagem. Esperamos desenvolver um trabalho de qualidade que colabore diretamente no desenvolvimento das crianças envolvidas no projeto. Tendo essas questões em tela, a proposta desse pôster é apresentar as atividades por nós elaboradas, refletir sobre como elas foram conduzidas e ainda apresentar uma análise de como o ensino-aprendizagem de uma nova língua tem sido desenvolvido, observando como a língua é abordada, ou seja, enquanto estrutura apenas ou como uma forma de ação social. Agregaremos, ainda, uma reflexão sobre o processo de formação para a docência que é construída desde a discussão dos textos teóricos à produção e implementação das aulas e do material didático.

18. APRENDIZAGEM DE IDIOMAS NA TERCEIRA IDADE: MUITO ALÉM DE UM PASSATEMPO

Janaina da Silva Cardoso (UERJ)

Ana Karoline de Araújo Gonçalves Ribas (UERJ)

Karen Costa da Silva (UERJ)

Nathalia Araújo Duarte de Gouvea (UERJ)

Soraia Cristiana de Souza Costa (UERJ)

Embora a procura pelos cursos de idiomas oferecidos pelo Instituto de Letras da UERJ à UnATI (Projeto LICOM/LETI) seja bem grande, ainda há pouco estudo sobre o perfil de nossos alunos, dificultando assim o desenvolvimento de uma metodologia adequada às necessidades específicas desse público. Muitas vezes o trabalho realizado ainda é muito empírico, considerando apenas a visão dos professores/estagiários. No caso do curso de inglês para terceira idade, são aplicados questionários no início de cada curso, para o levantamento de suas necessidades, desejos e expectativas. No entanto, nem sempre foi assim. Apenas em 1999, foi realizada uma primeira pesquisa (CARDOSO, 1999), para verificar se as premissas do professor que na época atuava com ensino de inglês na UnATI-UERJ correspondia aos reais desejos, necessidades e expectativas dos alunos. O resultado demonstrou visões bem distintas entre professor e alunos. Enquanto o professor acreditava que os alunos queriam apenas estudar inglês como uma forma de lazer, os alunos tinham diferentes razões para estudarem a língua, tais como: futuras viagens, parentes no exterior, ou aprimoramento linguístico. Este

primeiro estudo serviu como base para a alteração do currículo do curso e da metodologia adotada. Desde então, novos estudos foram realizados, sempre buscando mapear o público que procura os cursos de inglês do Projeto LICOM/LETI. O objetivo principal é fazer com que o curso sirva realmente para melhorar a qualidade de vida de seus participantes e atender às suas expectativas. Por muito tempo acreditou-se que quanto mais jovem o aluno, melhor seria o aprendizado de uma língua estrangeira. As razões geralmente estavam ligadas a fatores biológicos. O argumento mais utilizado, pelos defensores da teoria do período crítico para o aprendizado de idiomas, era que deveríamos aproveitar deste momento em que o cérebro ainda não estava totalmente formado, pois se acreditava que, depois de formado, ele não mais evoluiria. Em oposição à teoria do período crítico, há o resultado das pesquisas mais recentes que demonstram que nosso cérebro tem uma característica importante – a plasticidade cerebral (Relvas 2005, Gonçalves2010). Ou seja, o cérebro está em constante transformação. Gonçalves (2010) aponta como uma das formas de se manter o cérebro em constante transformação nos mantermos atualizado, pois exercícios mentais desempenham um importante papel na plasticidade cerebral. Lima (2001), também abordando a importância do processo de aprendizagem para uma velhice saudável, menciona que em discussões sobre a importância da educação para idosos são vinculadas duas perspectivas teóricas: a primeira a educação vista como socioterapia, “promovendo e estimulando a integração social” (educação como promoção social) e a segunda “concede um envelhecimento melhor para aqueles que mantêm a mente ativa através de atividades educativas.” Neste segundo caso, a educação é vista tanto como “ginástica mental”, quanto “um instrumento de para a aquisição de novos conhecimentos”. Fica claro que a premissa da idade ideal baseada em processos biológicos, pelo menos em relação ao cérebro, não se aplica. Acredita-se agora que não só o adulto tem condições de aprender uma língua estrangeira, como que a atividade de aprendizagem tem um papel essencial na qualidade de vida do idoso. Trata-se de uma pesquisa ação, onde o desafio surgiu da prática e ação é a busca por uma melhor prática. No caso deste grupo, foi utilizar o material e atividades de acordo com as necessidades e preferências dos alunos da terceira idade que tem necessidades bem específicas. Nos estudos, foram utilizados questionários de levantamento de necessidades, respondido por cerca de 50 alunos com mais de 60 anos, do curso de inglês do Projeto LICOM/LETI. Como no primeiro estudo, os alunos apresentaram interesses diversos para estarem estudando inglês e não somente como lazer ou passatempo. Todos os alunos demonstraram possuir grande interesse e compromisso com o desenvolvimento de suas competências linguísticas. Este pôster apresenta o resultado desse estudo, que além de descritivo (pois apresenta a situação atual), é também comparativo (pois considera o estudo anterior), e serve como proposta de melhora de nosso trabalho futuro.

19. AS IMPLICAÇÕES DO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LIBRAS: UM ESTUDO DE CASO

Camila Kate (Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu)

O presente trabalho tem como objetivo demonstrar como se dá a aquisição de língua em sujeito surdo na educação infantil. Isso será realizado por meio de um estudo de caso de aluno surdo inserido em uma escola inclusiva em uma sala de aula regular, tendo como principal ponto de análise verificar como a língua é adquirida por esse indivíduo surdo, considerando que o desenvolvimento do aluno se dê por igual em relação aos demais alunos da classe (LODI & LUCIANO, 2010). Para que esse desenvolvimento seja possível, é fundamental a aplicação dos princípios envolvidos na proposta de ensino escolhida pela instituição de ensino, qual seja a Inclusão, e como aplicar esses princípios de forma a obter sucesso no processo ensino – aprendizagem do educando surdo (LACERDA & LODI, 2010). Para essa análise, a princípio, realizou-se uma pesquisa exploratória, a fim de detalhar os eventos ocorridos durante a atuação conjunta de um intérprete de libras e de um professor de educação infantil para realizar o ensino da língua para o aluno surdo. Buscou-se evidenciar as necessidades específicas que devem ser atendidas para que o indivíduo possa adquirir sua identidade e assim utilizar a língua e fazer parte de um grupo linguístico (SOARES, 2011). Consecutivamente também foi feita uma pesquisa Expost-Facto e Participante, na qual o intérprete teve contato direto com o indivíduo surdo. Pode-se observar que, após a sua contribuição e atuação, alguns aspectos interessantes quanto à aplicação dos princípios de inclusão de alunos surdos, com o auxílio de um intérprete, na educação infantil e quanto aos resultados alcançados, sobretudo quando as teorias são aplicadas (LACERDA, 2009). Por meio da análise das atividades e práticas realizadas em sala de aula pelo intérprete buscou-se o entendimento do processo de aquisição de linguagem do indivíduo surdo, já que é pelo domínio da língua de sinais que o desenvolvimento do indivíduo surdo ocorrerá de forma natural (FERNANDES, 2003). Além disso, foi possível constatar que a linguagem vai muito além de apenas comunicação, atuando como uma função reguladora do pensamento, conforme Vygostky (*apud* GOLDFELD, 1997). A inserção do aluno surdo numa escola inclusiva em sala de aula regular não o faz um indivíduo diferente, mas evidencia a sua forma de perceber o mundo e a necessidade de contato com a língua de sinais o mais cedo possível para garantir futuramente a sua identidade, o seu instrumento de comunicação e o seu acesso à educação (FERNANDES, 2003). Não se tem a pretensão neste trabalho de exaurir todas as teorias a respeito da inclusão de alunos surdos, muito menos exemplificar a aplicação de todos os princípios envolvidos e estudados até o momento. Entretanto, a partir da análise do objeto de estudo, pretende-se sugerir algumas ações que possam corroborar com o trabalho que vem sendo realizado por diversas instituições de ensino inclusivas e sugerir algumas adaptações de práticas já consagradas na educação de surdos no Brasil. Com isso espera-se

contribuir para o êxito no processo de aquisição de língua brasileira de sinais; afinal, como qualquer língua, a aquisição da LIBRAS depende de vários fatores, e neste caso específico, existem vários elementos que podem contribuir significativamente no processo de aquisição linguística do sujeito surdo.

20. O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO – UMA ANÁLISE CRÍTICA DO MATERIAL DIDÁTICO

Jessica Fernandes Natarelli da Cruz (PIBID CAPES/UERJ)

Ana Cecília Trindade Rebelo (PIBID CAPES/UERJ)

Orientadora: Bianca Walsh (PIBID CAPES/UERJ)

O ensino de língua inglesa nos anos iniciais do ensino básico vem tomando maior importância devido à crescente participação do Brasil em grandes eventos internacionais, como a Copa do Mundo e as Olimpíadas, assim como no cenário político-econômico mundial, trazendo investimentos, instituições e pessoas de diferentes nacionalidades para o país. O conhecimento de uma segunda língua proporciona maiores oportunidades de comunicação, emprego e desenvolvimento pessoal, e as políticas educacionais visam, ao menos em teoria, tornar acessível à maioria da população tal conhecimento. O programa Rio Criança Global (decreto nº 31187/09) da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro propõe a prioridade do ensino da Língua Inglesa desde a Educação Infantil, tendo por objetivo possibilitar uma comunicação eficaz entre os alunos e os falantes de outras línguas que virão à cidade para participar das Olimpíadas 2016. Para atingir tal finalidade, em geral recorre-se a uma ferramenta essencial para o aprendizado: o livro didático. Em um cenário ideal, ele não apaga a figura do professor, nem é tomado como fonte única do conhecimento, mas auxilia alcançar os objetivos da escola: o desenvolvimento cognitivo, pessoal e social do alunado. Para isso, é necessário que seu conteúdo seja condizente, o máximo possível, com a realidade da escola e com a proposta de ensino da mesma. O suporte do material didático adotado pela rede de ensino do município do Rio de Janeiro foi realizado através de um convênio com a editora Learning Factory, pertencente à rede de cursos de Inglês Cultura Inglesa. A exclusividade do Inglês como língua estrangeira na rede e a escolha do material didático não obedeceu a dois princípios básicos da educação garantidos por lei, que explicitam que a escolha da língua estrangeira fica a cargo da comunidade escolar, e que a escolha do material é feita pelos professores e equipe. Ademais, o mesmo não faz parte do Plano Nacional do Livro Didático (PNLD), não tendo sido avaliado pela equipe do MEC. Através do projeto PIBID CAPES/UERJ – Língua Inglesa, a proposta do presente trabalho é apresentar dados referentes à avaliação desse material – especificamente os livros Zip from Zog – 4A e Zip from Zog – 5A, adotados para o ensino de língua inglesa no 4º e no 5º ano do ensino fundamental, respectivamente. Esses dados incluem além de critérios baseados no PNLD em conjunto com a perspectiva de Hutchinson e Waters (1987) sobre o ensino de inglês, a relação dos alunos

com o material e as limitações do mesmo, como a falta de gêneros discursivos autênticos e de atividades que promovam o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. O objetivo é a busca pela ressignificação da Língua Inglesa no contexto da escola pública através da integração dos saberes escolares e universitários, considerando que os diferentes processos de letramento são práticas sociais que, através de gêneros discursivos, irão propiciar ao aluno o contato com a língua em uso, o desenvolvimento da consciência crítica e a formação cidadã. Esta apresentação levanta a possibilidade do desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita por intermédio do uso de novas tecnologias como plano de intervenção.

21. REFORMULAR É NECESSÁRIO? UM ESTUDO ACERCA DOS EMENTÁRIOS DOS CURSOS DE LINGUÍSTICA I e II DA UERJ

Jonathan Fragoso Miranda de Oliveira (UERJ)

Este trabalho tem como principal objetivo analisar as ementas dos cursos de Linguística I e II da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) entre os anos de 1999 até 2013, a fim de encontrar possíveis mudanças ou não que aconteceram durante o período. Para fundamentar esta pesquisa, foi estudado o conceito de disciplina desenvolvido por Foucault (2001), as questões que abordam as ideias linguísticas no Brasil desenvolvidas por Orlandi (2002) e os conceitos de sentido e memória desenvolvidos por Scherer (2005). A disciplina de Linguística foi instaurada no Brasil, como disciplina independente no início da década de 1960. Altman (1998) diz que o ano de 1968 é um momento marcante na história da Linguística, pois representa a data em que um grupo de profissionais ligados aos estudos da linguagem reconheceu-se incluso na especialidade chamada Linguística. Pesquisas e análises anteriores defendem que houve muitas alterações e alternâncias nos conteúdos programáticos da disciplina de Linguística. Isto ocorre porque, para Foucault, todas as disciplinas são feitas tanto de erros quanto de verdades; erros que não são com resíduos ou corpos estranhos, mas que tem funções positivas, uma eficácia histórica, um papel muitas vezes indistinto do das verdades. Para o desenvolvimento deste trabalho foi selecionado como *corpus* as ementas das disciplinas de Linguística I e II de 1999 até 2013. Este recorte foi realizado tendo como marco a Reforma Universitária que ocorreu na UERJ, em 2006. Ou melhor, coletamos as ementas anteriores e posteriores à reforma. Embora a linguística tenha sido institucionalizada como uma disciplina independente na década de 1960, se tornando parte do curso de letras a partir de 1968, a disciplina ainda não tinha um programa e uma ementa determinada nas universidades, ou seja, os próprios docentes foram os responsáveis por criar uma ementa. Sendo assim, durante aquela década, por exemplo, um curso de Linguística I de mesma Universidade, mas ministrada por docentes diferentes teriam ementas diferentes. Sobre isto, as autoras Taís Martins Soares e Daniela Zimmermann Machado, que analisaram as ementas e os programas do curso de Linguística da UFSM, afirmam que a construção da Linguística,

como uma disciplina independente no Brasil, foi marcada por uma diversidade de opções em relação à escolha das teorias a serem adotadas, dos métodos e dos objetivos de análise, devido a diferentes estilos pessoais dos docentes e das suas influências acadêmicas. A nossa pergunta de pesquisa foi: as ementas teriam sofrido alguma alteração com a reforma universitária? Analisando as ementas de Linguística I e II do curso de letras da UERJ, entre os anos de 1999 e 2013, não foi encontrada nenhuma mudança, ou seja, a ementa de 1999 não sofreu sérias alterações até o ano de 2013. Ao final desta pesquisa pretende-se obter como resultado a compreensão do motivo da falta de reformulação dos cursos de Linguística I e II da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, porque segundo Foucault no princípio das disciplinas está suposto aquilo que é necessário para construção de novos enunciados. Para que haja disciplina é preciso, por conseguinte que haja a possibilidade de formular, e de reformular indefinidamente novas proposições.

22. O PODER DE MANIPULAÇÃO DO EFEITO DOMINANTE NA NOTÍCIA: O CASO SANTIAGO

Flavia Corrêa Galloulckydio (UERJ)

O objetivo deste trabalho é demonstrar como o estabelecimento predominante e qualitativo de uma ou outra combinação num plano de texto determina, em última instância, o efeito dominante semântico do mesmo. Isso porque narrar, descrever, argumentar e explicar são *macroações sociodiscursivas* e, como tais, constroem representações esquemáticas do mundo e fazem partilhar crenças com a finalidade de induzir comportamentos. Sobre estas combinações, cabe lembrar ainda que elas parecem adotar formas regulares de composição, sobretudo na escrita, e estão a serviço do gênero textual do qual fazem parte. Para tal, utilizamos os pressupostos teóricos de Adam (2011). Segundo o autor, as sequências são unidades textuais complexas, compostas de um número limitado de conjuntos e proposições-enunciados: as *macroproposições*. Estas são uma espécie de período cuja propriedade principal é a de ser uma unidade ligada a outras macroproposições, ocupando posições precisas dentro de um todo ordenado de sequências. Assim, cada macroproposição adquire seu sentido em relação às outras, numa unidade hierárquica complexa da sequência. Tais macroproposições constituem a composição de uma sequência e dependem de combinações pré-formatadas de proposições. Essas diferentes combinações são denominadas *narrativa*, *argumentativa*, *explicativa*, *dialogal* e *descritiva*. Dentro dessa perspectiva, avaliamos de que forma as informações presentes nas sequências narrativas apresentam efeito semântico dominante no gênero notícia - ainda que este apresente outras combinações- e determinam o teor ideológico da mensagem. Trabalhamos, portanto, com a hipótese de que, mesmo sendo a notícia um gênero que prime pela imparcialidade e que, como é o caso, apresente no corpo de seu texto diferentes posicionamentos sobre o mesmo referente, o efeito dominante irá marcar a natureza e interesses

dos participantes do evento comunicativo. Após o exame, verificou-se que a presença das sequências narrativas prototípicas na notícia e de um plano de texto determina o efeito semântico dominante do gênero – ainda que este apresente outras combinações – e definem o teor ideológico da mensagem. Constatou-se, portanto, que, na suposta busca pela objetividade, o efeito dominante funciona como um norteador e revela o discurso e a intencionalidade do enunciador ao produzir a mensagem. Observamos isso na notícia em análise, já que, apesar dela apresentar diversos fragmentos de pronunciamentos da ativista e do deputado, as sequências responsáveis pela informação foram as narrativas. A partir de tal fato, observa-se que o gênero notícia, embora seja caracterizado por muitos – inclusive no espaço escolar – pelo seu caráter informativo e impessoal, possui uma forte relação ideológica com quem o produz. Nesse sentido, uma das mais relevantes funções da notícia, que é trazer informação e, portanto, exercer papel fundamental para o exercício da cidadania e democracia, perde-se. O gênero passa a se tornar instrumento para a formação e manipulação do conhecimento e opinião da sociedade. Assim, esperamos que este trabalho contribua para o estudo dos gêneros nas escolas de Educação Básica, mais especificamente, nas aulas de língua materna; a fim de que o desenvolvimento das habilidades linguísticas possa, de fato, cooperar para o real exercício da cidadania.

23. RESOLUÇÃO DE AMBIGUIDADES POR ALUNOS DO ENSINO MÉDIO

Karen Martins Ferreira

Thayná de Barros Pessanha

O presente trabalho tem por objetivo responder à pergunta de pesquisa: “no âmbito da psicolinguística, de que maneira formamos relações complexas para processar e compreender frases de maneira rápida após a leitura ou audição de cadeias de palavras? E qual caminho de interpretação o processador sintático (parser) opta ao ler ou ouvir uma determinada sentença?”. Para tanto, pretende-se introduzir um pouco as noções da teoria de Garden-Path (TGP) (FRAZIER & FODOR, 1978; FRAZIER, 1979; FRAZIER & RAYNER, 1982), aprofundando-as e em seguida aplicar estes conceitos e noções na análise das sentenças do questionário de nossa pesquisa com foco na convergência de entendimentos que os diversos caminhos de processamento que o falante possa seguir provocam. Pretende-se explicar como 15 alunos do ensino médio resolvem essas ambiguidades presentes no questionário, contendo 7 questões, administrado em duas escolas da cidade do Rio de Janeiro. Uma do setor privado, situada na zona norte do Rio de Janeiro, precisamente no bairro de Cascadura enquanto a outra, do setor público, situa-se na comunidade da Rocinha na Zona Sul da cidade do Rio de Janeiro. A coleta de dados teve como foco, adolescentes e jovens adultos com nível de escolaridade de ensino médio e pré-vestibulandos na faixa etária de 19 a 25 anos. Dos 15 informantes: 60 % (9 informantes) são do sexo masculino, enquanto os outros 40% (6 informantes) são do sexo feminino. Diante dessa estatística e todo o trabalho de coleta de dados, utilizamos o termo “informante” para

designar homens e mulheres pesquisados. A faixa etária dos participantes oscila, como previamente mencionado, entre 19 e 25 anos. Todos os informantes possuem o ensino médio completo (setor público e privado), sendo que aqueles cursando o pré-vestibular possuem idade que varia entre 19 e 21 anos. O estudo pauta-se em um questionário contendo sentenças ambíguas que podem levar o falante a seguir diversos caminhos, isto é, o falante pode buscar informações contidas nos itens lexicais, propriedades categoriais, morfológicas e ortográficas presentes em sua gramática universal ou em algum ponto do processo sintático para processar a informação. Isso se dá pelo fato de os falantes terem entendimentos próprios, assim como, pelo fato de que para compreendermos uma frase, precisamos associar um conjunto complexo de informações - que abrange desde a análise sintática da frase até a informação contida nos itens lexicais. Como presente trabalho, usamos como dados questionários respondidos compreendendo sentenças ambíguas lidas por esses informantes. Esperamos, dessa forma, entender melhor como os respondentes resolveram frases ambíguas à luz da TGP. Nesse viés, essa análise ajudará não somente na compreensão de como ou por que os falantes compreendem diferentes significados em uma mesma sentença, mas também o caminho que seguiram para ter a rápida compreensão delas. Pudemos obter como resultado que os informantes, em sua maioria, parecem aptos a direcionar corretamente a sintaxe para desfazer certas ambiguidades a fim de evitar que entrem no *garden-path*. Vimos também que os informantes marcam uma fronteira de sintagma, alterando o tom de voz para sinalizar a aposição que querem dar a um SN envolvido em uma ambiguidade do tipo *Late Closure*. 90% dos informantes (13 dos 15) conseguiram aplicar essa mudança no tom de voz para demarcar a sentença subordinada. Ou seja, os ouvintes são capazes de identificar particularidades prosódicas e usam o material entoacional na interpretação de sentenças.

24. O QUE VOCÊ ESCREVE NO FACEBOOK? - DISSEMINANDO OS ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS PELA INTERNET

Larissa Pereira de França (SR3/UERJ)

Orientador: Ricardo Joseh Lima (UERJ)

É sabido que poucos são os espaços que abordam as questões da Língua Portuguesa de maneira científica na internet. Ao mesmo tempo, percebe-se as inúmeras páginas, no mesmo ambiente, cujos objetivos estão em ditar o que é certo e errado na nossa língua. O referido trabalho é fruto de um projeto de extensão que se propõe a ensinar às pessoas o que elas não sabem sobre a sua língua sob a visão Sociolinguística. O Projeto Linguagem em Circunstâncias Excepcionais possui suas raízes na Sociolinguística variacionista e, dessa forma, busca conscientizar os falantes nativos do português brasileiro a respeito de variação linguística visando combater o preconceito linguístico. O projeto conta com duas ações: “Os Fundos da Língua” e “Falei errado? O problema não é meu, é seu”. Esta se constitui de uma página da rede social Facebook (encontrada em

<https://www.facebook.com/FaleiErradoOPobremaNaoEMeuESeu>) que dissemina conhecimento sociolinguístico e combate o preconceito linguístico de forma lúdica e informal, pois visa, principalmente, o alcance de um público não-acadêmico. “O pobrema não é meu, é seu” foi a expressão escolhida para mostrar que o preconceito sobre quem fala um português não padrão é apenas de quem julga. Até porque a temática da página é justamente apontar as ocorrências mais comuns da oralidade e mostrar que existem regras para tais. Pela primeira vez, tem-se numa rede social um espaço onde informações sobre as questões variacionistas são divulgadas e debatidas pelos seus seguidores. Em um primeiro momento, os conhecimentos são passados por meio de postagens que se apropriam de uma linguagem simples e humorística que atinja e atraia estudiosos e leigos no assunto. Para fazer essas publicações, os autores se baseiam em estudos de pesquisadores sociolinguistas brasileiros, como, Marcos Bagno, Stella Maris Bortoni-Ricardo, Marta Scherre, Sílvia Brandão, dentre outros, e fazem o que esses estudiosos dizem que deve ser feito: a divulgação dos estudos sociolinguísticos. Esta ação vem sendo desenvolvida há pouco mais de um ano e foi criada por Bianca dos Santos Silva Veloso, bolsista anterior do projeto. A ação vem apresentando resultados cada vez mais satisfatórios. Entre eles está a conquista do IV Prêmio de Extensão na 24ª UERJ sem Muros. “Os Fundos da Língua” intitula uma série de animação (presente no site de compartilhamento de vídeos YouTube) que busca discutir, de maneira lúdica e didática, conceitos linguísticos e as bases teóricas da Sociolinguística tendo como principal público alvo a comunidade não-acadêmica. Isso se dá através de vídeos curtos, divididos em programas, que se comprometem a explicar conceitos e ideias teóricas que permeiam as discussões na área da Sociolinguística através de uma linguagem acessível a qualquer público. Esta ação, criada pela atual bolsista do projeto, iniciou-se em 2014 e ainda está em fase de desenvolvimento. Ambas as ações possuem como personificação de seus objetivos a mascote-personagem Sophia (do grego, sabedoria), uma vez que esta representa uma estudante conhecedora da norma-padrão da língua portuguesa que, no entanto, reconhece a existência das variantes linguísticas e repudia o preconceito linguístico; representando, portanto, o ideal de sabedoria linguística. De forma inédita, se está tentando erradicar o preconceito linguístico da internet!

25. METÁFORAS LITERÁRIAS DE AMOR E VIDA NAS CANÇÕES DE ANA CAROLINA

Jéssica Bárbara Teodoro Neves (UERJ)

Tânia Mara Gastão Saliés (UERJ)

Ao publicar *Metáforas da Vida Cotidiana*, LAKOFF e JOHNSON (1980) revolucionaram os estudos linguísticos sobre as metáforas, ao afirmarem que elas não estão presentes apenas no rebuscado fazer poético, mas também em nossas vidas, na forma de fenômenos sociocognitivos. Desde então, uma série de pesquisas vêm sendo realizadas a fim de encontrar essas metáforas nas produções linguísticas cotidianas, como por exemplo fez FERREIRA (2009) no discurso jornalístico, DA SILVA com o discurso dos blogs (2012) e FARIAS (2006) discorrendo sobre as metáforas das cores na

língua e no pensamento. Dentre os estudos que seguiram a proposta de Lakoff e Johnson, ANDRADE e MARTINS (2011) e LOIOLA (2011) foram os estudos que olharam para ocorrência de metáforas literárias. Andrade e Martins, por exemplo, tomaram dois textos literários e verificaram a ocorrência de metáforas literárias, avançando que há um contínuo entre as metáforas literárias e as metáforas cotidianas. As autoras ainda sinalizaram que mesmo quando muito afastadas das escolhas cotidianas de expressão e do pensamento, as metáforas literárias emergem de mapeamentos criativos e inusitados presentes em nosso sistema conceptual. Dada a escassez de estudos que abordaram as metáforas literárias dentro do paradigma sociocognitivo, nosso objetivo é analisá-las nas canções de Ana Carolina, com base nos postulados de LAKOFF & TURNER (1989). Nesse estudo, os autores afirmam que as metáforas conceptuais presentes na literatura são extensões ou combinações de metáforas mais simples presentes na linguagem cotidiana. Mais especificamente, propõe-se a analisar as metáforas conceptuais de amor e vida presentes nas canções de Ana Carolina, buscando dentre elas as metáforas literárias. Tendo como referência metodológica ANDRADE (2011) e LOIOLA (2011), montou-se um corpus com dez letras de canções de Ana Carolina, escolhidas alheatoriamente e seguiu-se uma metodologia qualitativa-interpretativista. A fim de encontrar as metáforas literárias, fez-se uma leitura das canções e em seguida codificou-se os versos considerados metafóricos. Como, por exemplo, “que a estrada sem você é mais segura”, “e cada vez que eu fujo, eu me aproximo mais/ e te perder de vista assim é ruim demais”, “Mas depois da despedida volto ao ponto de partida para encontrar o amor”. Em um segundo momento, uma análise posterior identificou o grau de metaforicidade dessas metáforas, classificando-as como mais ou menos metafóricas, de modo a diferenciar as metáforas literárias das de linguagem cotidiana, já que uma é continuidade da outra. Dentre outros achados, constatou-se que a maior parte das metáforas conceptuais encontradas são metáforas cotidianas de amor e vida. Como por exemplo, “Quase entrei num beco sem saída/ Quem sabe o amor tenha chegado ao final”. No caso do amor, a metáfora OAMOR É UMA VIAGEM é a mais presente. Essa é uma metáfora que está contida na metáfora VIDA É UMA VIAGEM, também bastante encontrada nos versos de Ana Carolina. Além disso, destacamos a baixa ocorrência de metáforas literárias. Análises preliminares mostram apenas um verso com ocorrência de metáfora conceptual literária: Eu só quero saber em qual rua minha vida vai encostar na tua. Nessa metáfora há uma extensão das metáforas de amor e vida como viagem.

26. O DESAFIO DA NORMA NÃO PADRÃO EM MATERIAIS DIDÁTICOS

Marcela da Silva Abrantes

É preciso reconhecer que a função das aulas de língua portuguesa para os falantes da mesma é o letramento, seu propósito é ensinar a ler e a escrever segundo a norma padrão. Nessa perspectiva, não cabe à escola ignorar as diferenças sociolinguísticas existentes ou, principalmente, reforçar uma desvalorização das variedades usadas pelos estudantes, mas sim o ensino da leitura e escrita,

o acesso à norma padrão. Entretanto, essa é a realidade de inúmeras escolas brasileiras que usam uma abordagem corretiva. Dessa forma, é preciso ir contra esse método, que renega e reprime o valor da norma não padrão e da cultura do próprio falante, o que prolifera o preconceito linguístico e interfere diretamente no aprendizado do aluno – que passa a desmerecer sua própria linguagem e intelecto por causa dos julgamentos de colegas e docentes e se sente menos motivado a participar das aulas. Essa situação recorrente é resultado da pouca discussão em sala de aula em torno da variação linguística, apesar de ser um tema obrigatório de acordo com o MEC. Isso pode ser mudado com um suporte didático mais útil ao professor e ao estudante, e é o que vem sendo feito: a pesquisa apresenta a produção de materiais didáticos que visam ensinar o uso de determinada regra do português padrão a partir do conhecimento não padrão que os estudantes já possuem. Assim, neste ano um material didático específico foi desenvolvido para uma turma de oitavo ano de uma escola municipal da cidade do Rio de Janeiro. Muito do conteúdo gramatical foi adaptado para uma linguagem simples e sem conhecimento sintático aprofundado, pois a turma tinha grande defasagem em relação ao conteúdo em questão, colocação pronominal. Logo, a importância do uso da norma não padrão para explicar a norma padrão fez-se ainda mais importante, pois muitas vezes o próprio livro didático torna-se inacessível para quem está aprendendo, e nossa finalidade era exatamente a oposta. Para atingir essa meta, usou-se a *Contrastive Analysis*, “análise contrastiva” de Rebecca Wheeler e Rachel Swords, que incentiva uma participação mais ativa da turma em sala e em relação ao seu próprio aprendizado, o que gerou positivos resultados nos Estados Unidos nas experiências das duas professoras. Esse método consiste em comparar a norma padrão e a não padrão dos estudantes para que eles compreendam bem a diferença entre elas e também percebam que ambas possuem regras lógicas, sem que nenhuma tenha maior ou menor valor em relação à outra. Assim, eles podem exercer o *code-switching*, uma alternância entre os códigos linguísticos que conhecem de forma adequada, ou seja, de acordo com o exigido pelas situações em que se encontrarem. Em vez de erradicar as variedades, como o que vem acontecendo com o uso de uma abordagem corretiva, a ideia é adicionar a língua materna padrão ao “pacote” linguístico da criança, para um conhecimento pleno e funcional do idioma. Dessa forma, pretende-se que aluno e escola estejam mais próximos linguisticamente e que parte do ciclo do preconceito linguístico, perpetuado em livros didáticos e na postura docente, seja, enfim, quebrado.

27. A VARIAÇÃO LINGUÍSTICA PRESENTE NO FOLHETO DE CORDEL AS DUAS MULHERES VALENTES, DE J. BORGES

Maria Tais Gomes Santiago (UFPE)

Mirandolina Alvares de Deus e Melo Neta (UFPE)

A língua é um dos diversos traços de identificação que uma nação apresenta, podendo variar de acordo com as circunstâncias, tais como o tempo, o espaço, o nível cultural e a situação em que um indivíduo se expressa verbalmente. O português brasileiro (PB) não é uma língua uniforme.

A variação, que é um fenômeno normal, está presente no PB, assim como nas demais línguas vivas que existem no mundo, e suas diferentes modalidades não existem isoladamente, ou seja, há uma inter-relação entre estas variações. Neste trabalho, procuramos discutir os aspectos relacionados à variação linguística através do folheto de cordel *As duas mulheres valentes*, do autor pernambucano José Francisco Borges (mais conhecido como J. Borges), tendo o intuito de retratar a presença da variação linguística na literatura de cordel, refletindo, através da arte, a linguagem que apresenta e os costumes dos povos que compõem o cenário nordestino. Estabelecemos como objetivos para tal discussão: (1) verificar os aspectos relacionados aos tipos e formações das variedades presentes neste cordel; (2) sua diversidade em relação à linguagem abordada no discurso e a aproximação com a cultura e com as diferentes formas de expressões utilizadas pelo povo do Nordeste brasileiro quanto à tonicidade e o significado das palavras nas relações sociais do cotidiano; (3) sua utilização na literatura e sua função enquanto ferramenta pedagógica no que diz respeito ao incentivo à leitura, escrita e memorização. Para isso o texto será analisado em sua totalidade à luz das implicações teóricas de Bakhtin (2000), Ilari e Basso (2006) e Lopes (2006), tendo em vista a grande presença de variações linguísticas na literatura de cordel e que as mesmas são de fundamental importância para este gênero literário. Esperamos com a realização da análise, ser possível constatar a importância e a necessidade do estudo da relação entre variação linguística e literatura de cordel, pois mesmo sabendo da existência de regras e normas para que haja um padrão único de linguagem, deve-se compreender que a língua varia e que ela se desenvolve de forma espontânea e natural no meio social ao qual fazemos parte. A literatura de cordel é um gênero que ainda enfrenta preconceito, talvez pelo fato de apresentar caráter popular, uma vez que o mesmo apresenta frequentes expressões e marcas da oralidade do povo nordestino, mas não deixa de ser uma fonte de informação e de valorização da cultura que faz parte da realidade da região. Dessa forma, o estudo da variação linguística, em relação à literatura de cordel, pode ser considerado muito significativo, já que faz com que possamos compreender melhor o processo de construção da linguagem e como ela se dá em outros meios, observando as trocas comunicativas e a criatividade presente, propondo uma maior reflexão da valorização da cultura popular e da construção de novos conhecimentos de forma crítica e realista, além de nos levar a refletir a finalidade de adequação e de compreensão, uma vez que não existe um jeito errado e/ou inferior de expressão, pois o que está em cheque é a comunicação e fazer-se entender.

28. “TANGO DAS PRESIDÁRIAS” AUTOVITIMIZAÇÃO FEMININA À LUZ DE UMA ABORDAGEM SISTÊMICO-FUNCIONAL

Victor Santiago Sousa (PUC- Rio)

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa realizada para a disciplina “Aspectos Sociosemióticos” (PUC- Rio), sob a orientação da professora Dra. Adriana Nogueira Accioly

Nóbrega. O objetivo primeiro era refletir sobre o lugar da mulher na sociedade, tendo como base o contexto sociocultural norte-americano durante a década de 1920. Ao lançar luz sobre o lugar que mulheres desta época possivelmente ocupavam, foi possível pensar não apenas sobre como as mulheres foram vitimadas pela sociedade, mas também entender se elas se viam como vítimas de tal sociedade, além de poder refletir sobre como elas construíram sua identidade em prol de liberdade. Além disso, ao considerar este período, talvez seja possível entender o lugar da mulher nos dias de hoje, principalmente no que concerne tirá-las de uma posição de marginalização ainda comum, infelizmente, nos dias atuais. Para isso, uma das cenas do filme *Chicago* (2002) – “Tango das presidiárias” (“The Cell Block Tango”) – foi analisada, levando em consideração os jogos de linguagem e sentidos presentes na canção encenada pelas presidiárias. Tal atuação elucida o clima de tensão dos anos 1920, no que diz respeito à posição social da mulher, e, indireta e ironicamente, traz à baila questões femininas que ganharam contornos dignos de nota em um contexto sociocultural patriarcal e machista (RUBIO, 2012). Há na cena, especificamente, cinco mulheres que resolvem contar para o telespectador os detalhes e os porquês de terem matado seus respectivos companheiros. O canto executado-entoado, ora de forma calma e emotiva, ora de forma furiosa, coloca a linguagem em suspensão, pois o tom jocoso das supostas assassinas faz o espectador pensar sobre o real motivo pelos quais os crimes foram cometidos. Afinal, tais atentados foram em legítima defesa ou por pura vontade de matar? Logo, levando em consideração o fato de a língua poder assumir diferentes significados, de acordo com o registro e o contexto sociocultural, uma abordagem sistêmico-funcional, com base na teoria linguística de Halliday (HALLIDAY, 1994), mostrou-se apropriada. Foram consideradas três metafunções postuladas pelo autor, a saber: ideacional, interpessoal e textual, a fim de pensar, respectivamente, sobre o sistema de transitividade, modalidade e tema e rema (BUTT *et al.*, 1995; BLOOR, T. & BLOOR, M, 2004). Em outras palavras: ponderou-se a experiência e as escolhas de palavras por parte do falante e o que tais seleções linguísticas poderiam suscitar acerca das intenções do locutor; o que as modalizações, mais especificamente, o uso de determinados verbos modais poderiam dizer sobre as intenções e desejos do falante diante de seu interlocutor; e, ainda, se a organização de informações, no texto propriamente dito, (tema e rema, para ser mais específico), poderia mudar o tom da informação que se desejava passar (BLOOR, T. & BLOOR, M, 2004). Considerando os aspectos já mencionados, chegou-se à conclusão de que as presidiárias mataram, sim, seus companheiros, mas não viam a si mesmas como culpadas. No entanto, considerando o fato de que as mulheres eram apagadas, marginalizadas por uma sociedade machista, e a década de 1920 foi marcada por uma tentativa de ascensão feminina (RUBIO, 2012), as mulheres dão a si próprias o direito de autodefesa. A cena “O Tango das presidiárias”, do filme *Chicago*, elucida e encena, artística e linguisticamente, esta possível ascensão social das mulheres e uma luta travada contra uma repressão masculina. Em suma, o movimento de saída de um lugar marginal foi feito pelo próprio marginalizado.

29. A IMAGEM COMO RECURSO CENTRAL PARA A ELABORAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS SURDOS

Mariana Schwantes Marinho (UERJ/FAPERJ)

A Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) passa a ser reconhecida a partir da promulgação da Lei nº 10.246, de 24 de abril de 2002, implicando, assim, em mudanças no cenário acadêmico que envolve o aluno surdo. Com isso, há a necessidade de repensar abordagens e metodologias pertinentes ao ensino da Língua Portuguesa (LP), modalidade escrita, para alunos surdos do sistema regular de ensino. De forma a atender às especificidades do processo de ensino-aprendizagem do aluno surdo, novas estratégias começam a ser pensadas a fim de incluí-lo em sala de aula, tomando como base e principal instrumento de ensino sua língua materna, LIBRAS, como meio para se chegar ao ensino de LP como segunda língua (L2). Por ser uma língua visual-gestual, a LIBRAS dispõe de mecanismos que diferem da modalidade oral da LP. Por isso, para que o aluno tenha um ensino eficaz, acredita-se na necessidade de se utilizar recursos visuais que possam auxiliar o aluno a apreender o conteúdo de forma mais efetiva. Nota-se, porém, que a disponibilidade de recursos que atendam às necessidades desse aluno é escassa e quando existentes não dispõem de recursos suficientes que alcancem às necessidades desse aluno. Assim sendo, o presente trabalho busca desenvolver estratégias e ações que possam atender às especificidades do aluno surdo no que diz respeito ao ensino de Língua Portuguesa como Segunda Língua, por meio de elaboração de materiais/recursos que abarquem as necessidades desse alunado. Para tal, buscou-se a adaptação do currículo de Língua Portuguesa do 6º ano do Ensino Fundamental da Rede Pública de Ensino da Prefeitura do Rio de Janeiro. Tomando como ponto de partida os gêneros textuais bilhete e mensagem instantânea, história em quadrinhos e tirinhas, contos de fadas e contos maravilhosos, e poema, foram selecionados os tópicos gramaticais considerados relevantes para a produção desses gêneros, buscando enfatizar particularidades viso-gestuais, utilizando, assim, recursos de imagens e vídeos que pudessem facilitar a assimilação dessa nova língua pelo aluno surdo, de forma que o aprendizado seja mais eficaz e que os resultados sejam satisfatórios, chegando-se à Língua Portuguesa por meio da LIBRAS. Para que os resultados fossem alcançados, foi necessário o contato com pesquisas na área da educação bilingue para surdos e com metodologias visuais com o objetivo de aplicá-las no cotidiano escolar, considerando a importância da inserção do *modus vivendi* (PERLIN, 2002) do surdo ao seu processo de ensino-aprendizagem, a fim de instrumentalizá-los em situações que irão requerer competências e habilidades relativas ao ler e escrever oriundas de diversas esferas sociais, buscando, assim, a efetiva inserção do sujeito surdo da sociedade letrada, por meio de aquisição de segunda língua por via de estratégias de simplificação, hipergeneralização e transferência da sua primeira língua (L1). (FERNANDES, 2006; DECHANDT, 2006). Para atender a seus objetivos, o escopo metodológico do projeto propõe a criação de recursos e metodologias de caráter inovador e experimental visando

às necessidades linguísticas da comunidade surda, promovendo a LIBRAS e a cultura surda no processo de ensino de LP para alunos surdos, trazendo esse aluno para o eixo central do processo, não o deixando marginalizado ao sistema regular de ensino.

30. LINGUÍSTICA COGNITIVA: UMA INTERFACE ENTRE A METÁFORA, A METONÍMIA E A EXTENSÃO DE USO DO VERBO VIRAR NA CONSTRUÇÃO RESULTATIVA DO PORTUGUÊS

Patrícia Oliveira de Freitas (UERJ)

Com base nas ideias exploradas pela Linguística Cognitiva, observações feitas antes da análise proposta por este trabalho (PALOMANES, 2007) demonstraram existir em língua portuguesa um tipo de construção que se aproxima das construções resultativas estudadas por Goldberg e Jackendoff (2004), cuja semântica se apresenta a partir do padrão *X ficar Y*. De acordo com esse estudo, o referido padrão construcional é o que se chama de Resultativa do Português, refutando os estudos translinguísticos quanto ao que se dizia acerca de línguas românicas não possuírem tais construções em suas estruturas. A partir desse estudo, viu-se a necessidade de ampliar o escopo da análise a fim de se verificar a produtividade do padrão construcional resultativo com outros verbos da língua portuguesa, confirmando a existência de tal padrão na língua em questão. Destarte, verificou-se a possibilidade de inserção dos verbos *sair*, *acabar* e *virar* no padrão intransitivo da construção SN V SR, cuja semântica denota *X torna-se Y* e o sintagma resultativo composto por um sintagma adjetival. Considerando-se as análises feitas, percebeu-se que os três verbos estudados apresentam a acepção que se encaixa na semântica construcional de “tornar-se”. Porém, apesar de serem as construções resultativas com os verbos em análise possíveis no português do Brasil, há restrições que não permitem com que eles sejam tão produtivos na língua, tais como a semântica de movimento do verbo *sair*, a tendência à perífrase do verbo *acabar* juntamente com o verbo *ser* (acabou sendo) e a semântica de direcionamento do verbo *virar*. O verbo *virar*, objeto de estudo desta pesquisa, foi o único que apresentou não mais do que um dado em que o sintagma resultativo se apresenta como uma unidade linguística adjetival. Entretanto, percebeu-se que, sem o recurso da classe dos adjetivos no resultado final, há construções que exprimem a semântica de “tornar-se” a partir da ação do referido verbo. Na oração “O príncipe virou um sapo”, o Sintagma Resultativo é formado por um Sintagma Nominal (SN). Muitos gramáticos assinalam a existência de vocábulos que, pertencentes a uma determinada classe, podem funcionar como termos de outras classes. É o caso dos nomes, que possuem a característica de adjetivar, obedecendo a uma semântica de transitoriedade entre substantivos e adjetivos. Conforme as transcrições acima, percebe-se que a classificação das palavras não pode ser rígida, absoluta. As fronteiras que as delimitam são relativas. A mesma palavra pode ser de uma ou outra espécie conforme o contexto. Esse fato evidencia o papel sintático dos substantivos, que se prestam para além de nomear seres.

Eles desempenham os papéis primariamente exercidos pelos adjetivos, como qualificação e especificação de seres. Por conta disso, o sintagma resultativo, que com os demais verbos analisados durante a pesquisa anterior (com os verbos *sair*, *acabar* e *virar*) era composto por uma unidade da classe dos adjetivos, nesta pesquisa, exclusivamente com o verbo *virar*, o resultado expresso se dará a partir de um nome. Ademais, serão levados em conta os processos cognitivos metafóricos e metonímicos enquanto fatores expressivos nos processos de mudança semântica e em termos de interação de diferentes domínios experienciais. Por conta desses processos, que são amplamente inseridos em um contexto discursivo a partir das experiências de mundo do falante, é que o verbo *virar* esvazia-se de seu significado primário e passa a conceber um novo valor na construção.

31. “EU SÓ VENHO POR CAUSA DAS PESSOAS E DA PROFESSORA”: REFLETINDO SOBRE A INFLUÊNCIA DO AFETO NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA

Isabel Cristina Rangel Moraes Bezerra (UERJ)

Camila Souza de Andrade (PIBIC/ UERJ)

Neste trabalho, apresentamos considerações sobre a pesquisa que a bolsista de iniciação científica coautora desse trabalho tem desenvolvido durante a graduação como bolsista de iniciação científica no projeto “Sobre professor e pesquisador: o papel do afeto na mão dupla das narrativas de experiências docentes”. O objetivo desta pesquisa é trazer os entendimentos relacionados ao porquê de a relação afetiva entre professor e aluno parecer influenciar o processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa de alunos do nível intermediário em um curso de inglês do município de São Gonçalo. A princípio, o questionamento que a mobilizava para estudar a questão era negativo, visto que o que a intrigava era o fato de um aluno não participar ativamente das aulas, especialmente, nos momentos em que era encorajado a fazer uso da língua inglesa. Para a condução do estudo, tomou-se por base os princípios da Prática Exploratória (MILLER, *et al.*, 2008; ALLWRIGHT e HANKS, 2009, *inter alia*), com o intuito de envolver todos os participantes da pesquisa no processo pela busca por entendimentos sobre o papel do afeto no ensino e aprendizado de língua inglesa. Isso significa que as questões não eram trazidas apenas pela bolsista, professora-pesquisadora em formação, mas por todos os envolvidos na pesquisa. Sendo assim, esses colegas, os alunos e a professora da turma, também eram praticantes exploratórios, trazendo suas questões, crenças e desejos para as aulas, gerando entendimentos compartilhados. A Prática Exploratória (MILLER *et al.*, 2008; MILLER, 2010), uma abordagem ética inclusiva para a pesquisa, foi articulada aos estudos nos quais as relações afetivas são levadas em consideração (MORAES BEZERRA, 2013; MORAES BEZERRA e NUNES, 2013; SILVA, 2008) para poder refletir melhor sobre o papel que o afeto poderia ter no processo de aquisição de segunda língua. Por ser uma forma híbrida de pesquisar (MILLER,

2010), as atividades que propiciam a reflexão ao mesmo tempo contribuem para a geração de dados que podem alimentar e aprofundar o processo reflexivo. Utilizei ainda os construtos do estudo das narrativas (LABOV, 1972; BASTOS, 2005) geradas em ‘conversas exploratórias’ (MILLER, 2001; MORAES BEZERRA, 2007). A pesquisa tem ainda como fundamentação teórica a teoria sócio-histórica cultural (VYGOTSKY, 1987, 1994), em que as relações sócio-culturais, bem como a mediação discursiva têm grande importância no processo de ensino-aprendizagem. Nas conversas exploratórias nas quais os praticantes se envolveram, os alunos expõem suas crenças, expectativas (BARCELOS, 2006) e emoções positivas e negativas vividas no processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa em escolas e cursos de idiomas. Até o presente momento, as conversas foram transcritas e algumas narrativas identificadas. Nelas, pode-se observar a postura que tais alunos assumem discursivamente em relação ao ensino que tiveram, a influência não apenas positiva, mas também negativa do afeto sócio-construído no processo de ensino-aprendizado por eles vivenciado e a presença importante da motivação e do afeto em suas trajetórias de aprendizes (MORAES BEZERRA, 2011, 2012), os quais podem refletir-se de alguma forma na relação professor-aluno, na aprendizagem de língua inglesa. Esse estudo, embora não tenha a pretensão de ser generalizante, pode ser esclarecedor e contribuir com alguns entendimentos acerca do processo de ensino-aprendizagem de língua inglesa e a influência que o afeto sociodiscursivamente construído pode ter para o envolvimento de alunos nas aulas.

32. ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM E TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO COMO FACILITADORES NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE IDIOMAS

Janaina da Silva Cardoso (UERJ)

Anielle Silva dos Reis Barboza (UERJ/Bolsista EIC)

Denise Soares da Silva (UERJ/Monitora)

Karen Costa da Silva (UERJ/Monitora)

Soraia Cristiana de Souza Costa (UERJ/Monitora)

Suzete Dantas Santos (UERJ/Monitora)

Este estudo de caráter qualitativo visa a um melhor entendimento do processo de aquisição de uma língua estrangeira, ao considerar a influência exercida pelas estratégias de aprendizagem e pelo uso de novas tecnologias sobre esse processo. Acredita-se que, através da intervenção no processo cognitivo, pela utilização de atividades que busquem o desenvolvimento de estratégias de aprendizagem, será possível desenvolver, ao mesmo tempo, competências linguísticas dos alunos, de forma mais reflexiva e autônoma. Esta pesquisa (ainda em andamento), que busca levar seus participantes (futuros professores) a refletirem sobre o processo de aprendizagem, guarda tanto características da prática exploratória, como da pesquisa de ação. Levando-se

em consideração as mudanças nos perfis dos alunos e professores (ou seja, uma geração mais conectada), gostaríamos de responder às seguintes perguntas: a) Que estratégias de aprendizagem podem ser consideradas eficazes no processo de aprendizagem de idiomas, para este público específico (Geração Y)?; b) A utilização de tecnologias educacionais mais modernas pode afetar positivamente no processo de aprendizagem de idiomas?; c) É possível que o aluno com dificuldades se torne o principal ator na busca por uma melhora em seu processo de aprendizagem? Esta pesquisa utiliza tecnologias de informação e comunicação como auxiliares no aprendizado de idiomas para alunos com dificuldades de aprendizagem. O estudo é baseado em duas abordagens que podem parecer contraditórias, mas terão que ser vistos como complementares: **aprendizagem autônoma** (FREIRE, 1998, SCHARLE & SZABÓ, 2000), incluindo a preocupação com os estilos de aprendizagem (LEAVER, 1998; REID 1995) e estratégias de aprendizagem (O'MALLEY & CHAMOT 1990, Oxford 1990) e **aprendizagem colaborativa**, adotando a teoria sociointeracionista como base (DELGADO, 2003; PRADO & ALMEIDA, 2009; VYGOTSKY, 2000; VYGOTSKY, LURIA & LEONTIEV, 1988). O estudo guarda tanto características da prática exploratória (ALLWRIGHT 2002, 2003), como da pesquisa de ação (HADLEY, 2004; THIOLLENT, 2011). O problema, ou melhor, dizendo o desafio (*puzzle*) surge da prática de aula e "a intervenção se confunde com a prática" (CARDOSO 2005, p.84). Os participantes da pesquisa não são simples usuários do conhecimento produzido por um pesquisador externo, mas sim, produtores do conhecimento, que buscam a melhora da prática pedagógica e/ou de seu próprio processo de aprendizagem (BORTONI-RICARDO, 2008). Cerca de quarenta alunos participaram da primeira fase da pesquisa, quando foi realizado um estudo preliminar, para identificar os alunos que apresentavam maior dificuldade no processo de aprendizagem e que consequentemente seriam selecionados como participantes da segunda fase. A escolha para a segunda fase é baseada em um teste de nivelamento, questionários e entrevistas. Durante a segunda fase os alunos participam de encontros mensais presenciais e encontros constantes pelas redes sociais e/ou ambiente virtual de aprendizagem (a distância). Os encontros focam no desenvolvimento de estratégias de aprendizagem eficazes, e adotamos o modelo de Scharle&Szabó (2000) na busca pela autonomia, começa-se com um processo de conscientização, para aos poucos provocar uma mudança de atitude e finalmente a transferência de papéis, quando o aluno se torna responsável por seu próprio processo de aprendizagem. Nesta palestra apresentaremos o resultado da primeira fase (seleção de participantes e e levantamento do perfil destes alunos) e parte da segunda fase, ou seja, os primeiros resultados do processo de intervenção; pois, na realidade, trata-se de uma pesquisa ainda em andamento.

33. UMA NOVA VISÃO DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ROMPENDO OS LIMITES DA SALA DE AULA

Pâmela de Paula da Silva

Uelliton de Souza Santos

Dayane Felipe da Silva

Asafe Lisboa dos Santos

Rodrigo Pereira de Souza

Diversas formas de preconceito têm sido presenciadas na sociedade brasileira. Do preconceito racial ao socioeconômico, muitas atitudes de pessoas mal informadas – ou até mesmo mal intencionadas – acabam por vitimar alguns cidadãos. É pensando nisso que o Subprojeto de Língua Portuguesa do PIBID – projeto de iniciação à docência – vem atuando junto a escolas do Ensino Básico, com o intuito de conscientizar esses alunos quanto à problemática de uma relativamente nova forma de preconceito, a saber, o preconceito linguístico. Essa ação tem sido implementada por nós bolsistas do Grupo Verde, Asafe Lisboa, Dayane Felipe, Pâmela de Paula, Rodrigo de Souza e Uelliton de Souza Santos na Escola Municipal Escultor Leão Veloso, localizada no bairro da Pavuna, Rio de Janeiro, utilizando a metodologia que será descrita a seguir. A partir da disciplina de língua portuguesa, tem sido trabalhada a questão do preconceito linguístico – estimulado pelos diversos tipos de variação da linguagem – e, em momentos oportunos, também são abordadas questões sobre o preconceito racial e sobre valores morais. Utilizamos ainda recursos lúdicos como o teatro do oprimido, confecção de cartazes, vídeos, competições nas quais fosse necessária a aplicação dos valores. Além disso, trabalhamos com a modalidade escrita, que faz com que os alunos precisem desenvolver sua capacidade persuasiva para falar da importância dos valores, produzindo textos que façam associação entre assuntos pessoais com os respectivos valores, exercitando a capacidade de produções textuais coerentes. Além da aplicação de atividades lúdicas e do exercício da modalidade escrita, estimulamos que os alunos também exercitem a modalidade oral, promovendo debates na turma que, além de servir para coletarmos dados para o levantamento do perfil sociolinguístico dos estudantes, serve para abordarmos temas como preconceito social, racial e especificamente o preconceito linguístico. Temos obtido resultados satisfatórios com essas atividades, pois os alunos têm melhorado a qualidade de suas produções escritas e demonstram ter absorvido os conteúdos apresentados, aplicando-os entre si, até mesmo fazendo repreensões quando acontecem situações que remetem a algum tema trabalhado. A língua portuguesa é uma disciplina maleável e abrangente que nos permite abordar inúmeros temas no contexto da sala de aula, e graças a esse trabalho que vem sendo desenvolvido, estamos tendo a oportunidade de ter ciência de que, na maioria dos casos, quando se trata de aulas de português, as classes de palavras, as regências e concordâncias, bem como a famigerada análise sintática são os temas mais recorrentes. Porém isso não impede que a disciplina possa ser utilizada de uma maneira

alternativa, a fim de funcionar como mais do que mera metalinguagem de outros campos do conhecimento. É sob esse enfoque que o grupo verde do Subprojeto de Língua Portuguesa do PIBID desenvolve a sua abordagem da disciplina. Buscamos contextualizar o aprendizado da língua estimulando os alunos a produzirem textos orais e escritos baseados em suas vivências que transcendem o limite da sala de aula. Acreditamos que esta atitude demonstra o caráter funcional e racional da língua portuguesa. Os alunos estão acostumados a uma abordagem formal do português e acabam por não enxergá-lo como uma ferramenta de ação do próprio intelecto. Nossa proposta é sugerir um novo ponto de vista, em que o aluno não seja apenas um indivíduo passivo e inerte dentro da sala de aula, mas que, através de sua língua, ele seja capaz de romper os próprios limites.

34. LETRAMENTOS QUEER, ORDENS DE INDEXICALIDADE E POSICIONAMENTOS INTERACIONAIS EM SALA DE AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Valéria de Rezende Pereira (IFSULDEMINAS/UNIFRAN)

Orientadora: Glenda Cristina Valim de Melo (UNIFRAN)

Nós professores, que convivemos diariamente com adolescentes de origens diversas, percebemos que, por mais singular que possa ser a realidade de cada um, incontestavelmente, um fator aproxima-os de forma bem íntima e coloca-os dentro da mesma realidade, a internet. Nos tempos atuais, conforme Bauman (2001), não há muros ou distâncias que impeçam a comunicação e a interação entre as pessoas, entretanto percebemos nossos alunos dividindo um espaço escolar onde pouco ou quase nada se fala dos temas que realmente afligem a juventude. É também no contexto da sala de aula de Língua Portuguesa, na prática das produções textuais que os alunos poderão expressar, através do seu discurso, suas verdades e sentimentos, transgredindo significados cristalizados (Moita Lopes, 2010). No entanto, a escola impõe, de forma velada, um silêncio que sufoca as dores daqueles que não se encaixam nas regras formalizadas pelas categorias de poder e cria uma cortina de fumaça para demonstrar que tudo vai muito bem. A construção dos sentidos e dos significados relacionados a raça, gênero, sexualidade, classe social, depende de aspectos sociais, culturais, políticos e históricos e isso traz múltiplas implicações para a sociedade de um modo geral e, em especial, para a escola. Segundo Vianna e Silva (2008), a pressão cultural sobre qualquer tipo de manifestação de comportamento distinto dos padrões preestabelecidos muitas vezes restringe o desenvolvimento do adolescente e pode levá-lo à exclusão. Movidos pela necessidade de trazer à tona essa angústia silenciada à força, passamos a ler sobre o assunto e propusemo-nos a desenvolver este estudo dentro da escola onde trabalhamos. Nossa pesquisa advém do propósito de analisar os posicionamentos interacionais de alun@s de terceira série do Ensino Médio de um instituto federal perante temas que permanecem ocultos sob o silêncio da escola, aludindo aos assuntos que corroboram uma formação cidadã. Identificar as ordens de indexicalidade mobilizadas nas produções

textuais dos alunos perante problematização e a discussão dos temas e analisar as crenças de sexualidade, gênero, raça, classe social presentes nos textos produzidos pelos jovens são objetivos norteadores do nosso projeto. Paralelo ao *corpus* da pesquisa, serão desenvolvidas atividades de produção textual, através da leitura, reflexão e debate sobre temas presentes no dia a dia dos jovens de Ensino Médio. Para realizar esta investigação, embasamo-nos nos letramentos queer (ROCHA, 2013, BARNARD, 2004 E WILCHINS, 2004), na concepção de raça, gênero e sexualidade pelas teorias queer (BUTLER, 2004 E LOURO, 2000), linguagem como atos de fala performativos (Austin, 1990 [1962] e Derrida, 1972), concepção de ordem de indexicalidade sugerida por Blommaert (2006, 2010). Esta pesquisa caracteriza-se como etnográfica e os instrumentos de geração de dados serão redações dos alunos, gravações de aula e notas de campo da pesquisadora. e será realizada em um Instituto Federal da região do Sul de Minas, numa turma da terceira série de curso técnico integrado ao ensino médio, com aproximadamente 30 alunos entre 16 e 18 anos, durante as aulas de língua portuguesa. Os posicionamentos interacionais e as ordens de indexicalidade serão analisados por meio de índices linguísticos propostos por Silverstein (1985) que são compreendidos como marcas linguísticas que sinalizam as ações semióticas dos participantes na interação e das quatro modalizações de Bronckart (2007). Os resultados da pesquisa ainda não podem ser apresentados uma vez que a mesma encontra-se em andamento.

28 de novembro - 13h30 – 14h15

2ª Sessão de PÔSTERES (35 - 71)

35. QUANDO O ERRADO ESTÁ CERTO! UM EXPERIMENTO SOCIOLINGUÍSTICO

Thayane Verçosa da Silva (UERJ/SR2)

Em maio de 2011, o preconceito linguístico tornou-se tema de debate na mídia, através da publicação do livro “Por Uma Vida Melhor” que trazia os registros informais da Língua Portuguesa, explicando-os. Com a divulgação do livro e o seu uso nas salas de aula, apoiado pelo MEC, as pessoas começaram a se manifestar sobre a questão do certo e o errado na língua. Diante de todas as falas e posicionamentos, foi possível notar um enorme desconhecimento da população e dos “intelectuais” a respeito do assunto. A autora buscava exemplificar as variantes, os contextos de uso e as causas, porém, foi mal interpretada. A polêmica do livro didático serve para ilustrar a rejeição e a dificuldade das pessoas em aceitar explicações científicas sobre as construções que destoam da Gramática Normativa. Por que a população não consegue ver as explicações linguísticas como científicas? Como elaborar uma demonstração científica de uma tese da sociolinguística, mostrando que toda variação é regular e segue uma lógica? Essas duas perguntas basicamente fundamentam o presente trabalho. Na tentativa de responder a essas questões, o trabalho começou com a leitura de autores clássicos da Linguística, como Ferdinand Saussure e Edward Sapir. Posteriormente, autores mais contemporâneos, como Ingedore Koch e Luiz Antonio Marcuschi, foram estudados e suas opiniões consideradas na fundamentação teórica do projeto. Após as leituras, partiu-se para a parte prática do trabalho. Como a ideia central é entender por que as pessoas não aceitam explicações científicas ligadas à sociolinguística, resolveu-se realizar um questionário sobre língua portuguesa, ciências e crenças em comprovações científicas. Ele continha 13 perguntas, sendo 7 objetivas e 6 discursivas que deixavam o participante completamente livre nas respostas. As questões variavam entre temas simples, como o interesse do participante pela ciência, e assuntos complexos, como a postura da pessoa diante de comprovações científicas que derrubassem o preconceito linguístico em uma fala estereotipada. A primeira fase de testes foi realizada com 32 participantes, que se dividiam da seguinte forma: 8 homens e 8 mulheres do Ensino Superior, que poderiam estar cursando ou já ter concluído, gerando uma amplitude na faixa etária, e 8 rapazes e 8 moças do Ensino Médio, que ainda estivessem cursando, para que a faixa etária fosse limitada. Dessa forma, participaram pessoas desde os 15 até mais de 40 anos. O resultado geral foi muito positivo, pois a maioria dos entrevistados mostra interesse pela ciência; busca saber sobre descobertas científicas com certa frequência, em diferentes meios, e estaria aberta a debates sobre o assunto, desde que fossem bem fundamentados. A segunda fase do teste foi realizada com crianças do

Ensino Fundamental, do 8º e 9º anos. O questionário passou por uma adaptação: ele foi dividido em duas partes, uma sobre ciência e outra sobre português, aplicadas em dias distintos, e as questões discursivas foram simplificadas ou transformadas em objetivas. O resultado também foi positivo, pois a maioria mostrou interesse pela ciência e se dispôs a ouvir explicações que desconstruíssem o preconceito linguístico, alegando que dependeria dos argumentos para que aceitassem a explicação. Posteriormente, alguns alunos, que haviam participado do questionário, foram parte de uma comparação científica. Um experimento químico foi proposto, comprovado e explicado, fazendo com que as crianças aceitassem a explicação. Ao mesmo tempo, uma comprovação de língua portuguesa foi levada, mostrada e explicada. A ideia era fazer com que os jovens notassem o caráter científico de ambas as experiências, porém, eles mostraram um desinteresse pela explicação da língua portuguesa, quase como se não tivessem percebido aquilo como ciência. Agora, novas experiências estão sendo feitas com a mesma finalidade e os resultados serão expostos no pôster.

36. RELAÇÕES SOCIAIS NA LINGÜÍSTICA: UM ESTUDO SOBRE POLÍTICAS EM LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS

Thiago de Souza Andrade (UERJ)

A língua portuguesa é o idioma oficial do Brasil. Entretanto, vivemos em um ambiente de diversidade linguística, onde são faladas aproximadamente 230 línguas diferentes por cerca de 2 milhões de brasileiros que não têm o Português como língua materna. Cerca de 180 línguas são nativas ou autóctones, ou seja, línguas indígenas (SEKI, 1999), como o Guarani, Ticuna, Terena, Kaingang, e cerca de 30 são alóctones, isto é, de imigração, como o Pomerano, o Vestfaliano, o Hunsrückisch, o Talian, às quais se somam ainda a língua de sinais brasileira (Libras), as línguas de fronteira e as práticas linguísticas ligadas às línguas trazidas pelos africanos. A partir desse espaço de enunciação ampliado (GUIMARÃES, 2004), pretendemos tematizar o estado e o funcionamento das políticas linguísticas que regem essas línguas, em especial, às indígenas brasileiras, em relação às quais já observaram algumas ações institucionais (Constituição de 1988; LDB de 1996; referencial Curricular Nacional para Escolas indígenas de 1998, cooficialização de línguas indígenas, entre outros) que buscam manter, desenvolver e revitalizar línguas indígenas. Com intuito de entender o funcionamento atual das políticas, buscamos, inicialmente, contemplar o processo histórico dessas línguas. Nesse movimento, deparamo-nos com a produção de gramática do Tupi no Brasil (durante o período colonial), a entrada da SIL no Brasil (década de 1960), a questão da escrita como estratégia política, a participação e o papel do Estado e da academia na promoção de línguas indígenas. Para fundamentar nosso trabalho, usamos como proposta teórico-metodológica os conceitos advindos da Análise do Discurso proposta por Pêcheux, na França, e posteriormente por Orlandi no Brasil. Ainda utilizamos as contribuições dos trabalhos desenvolvidos no campo da História das Ideias Linguísticas, como

as reflexões sobre gramatização, proposto por Auroux (1992), e sobre a situação da legalização das línguas na América do Sul, estudada por Arnoux (2011). Para concretizar a pesquisa, mobilizamos os conceitos de acontecimento institucional (GUIMARÃES, 2004), o discurso silenciado (ORLANDI, 2002, 1992) as formulações sobre políticas indígenas (ORLANDI, 2007). Através dessa pesquisa, procuramos entender a dinâmica da política das línguas indígenas no nosso território, o estado de tensão entre essas línguas e a oficial (o Português), a relação que o próprio indígena tem com a sua língua. A ideia, portanto, é buscar a compreensão do movimento político que é feito com essas línguas e seus falantes, suscitar o desenvolvimento do papel social das línguas em ambiente acadêmico, contribuindo, assim, com a difusão de saberes sobre comunidades indígenas, aspecto que deveria ter mais relevância linguística e cultural para os brasileiros. Para marcar metodologicamente esse projeto, contamos com a leitura de quatro textos iniciais de pesquisadores renomados na área de línguas indígenas brasileiras (SEKI, 1999 e 2000), (MORI, 2006) e (MONSERRAT, 2001) que traçam uma espécie de panorama, de forma, sincrônica e diacrônica no que vem sendo estudado nessa área e permitem serem feitas reflexões sobre o comportamento histórico, dinâmica de funcionamento das línguas e o estado atual delas no cenário nacional. Ainda, fizemos uma busca significativa de artigos, notícias, sites, documentos e outros materiais que exemplifiquem os processos recorrentes da legitimação das línguas indígenas brasileiras.

37. A SEMÂNTICA DE FRAMES NA ANÁLISE DO DISCURSO DISCENTE – MARCADORES DE SUCESSO EM UM PROJETO ESCOLAR DE DRAMATURGIA

Carolina Alves Fonseca (PPGL – UFJF / CAPES-CNJ)

Carla Dominique Scárdua de Oliveira (UFJF / BIC / FAPEMIG)

Neusa Salim Miranda (Pós-Doutora / PPG Linguística - UFJF)

Este trabalho está ligado ao macroprojeto Práticas de Oralidade e Cidadania (MIRANDA, 2007/2014 - PNP/CAPE) e vinculado à linha de pesquisa Linguística e ensino de línguas do PPG Linguística da UFJF e ao projeto lexicográfico FrameNet (www.framenet.icsi.berkeley.edu), em sua linha de pesquisa Frames e Cidadania. Trata-se de um projeto, cujo objetivo é a investigação de práticas linguísticas e interacionais no ambiente escolar, observando de que maneira os alunos investigados perspectivam, através do discurso, suas vivências neste ambiente. Os estudos de caso já desenvolvidos no seio deste projeto traçaram, de modo contundente, um doloroso “mapa da crise” da sala de aula, trazendo, contudo, alguns indicadores de sucesso. Na etapa presente, a meta consiste em investigar estes indicadores mapeados pela preferência, pela avaliação positiva dos alunos. O presente trabalho parte dos resultados alcançados até o momento pela dissertação de FONSECA (2013/2015), que procura observar, a partir da perspectiva discente, os possíveis indicadores de sucesso de um projeto de teatro, considerado pela comunidade escolar, em foco, como uma prática altamente relevante. O cenário de investigação é uma escola pública

da cidade de Juiz de Fora – MG. Através de entrevistas semiestruturadas (LABOV, 2008 [1972]), sete alunos do 6º ano que participam do projeto de teatro nessa escola, relataram e avaliaram sua experiência, respondendo a um questionário que se divide em duas partes. A primeira parte desse questionário refere-se a um mapeamento socioeconômico dos alunos entrevistados, os quais respondem a perguntas que dizem respeito à sua formação familiar, seus hábitos em relação à escola e ao seu dia-a-dia. Na segunda parte, os discentes entrevistados respondem a perguntas mais específicas em relação aos projetos aos quais eles participam na escola tais como: “Quais atividades oferecidas pela escola você frequenta e de qual você gosta mais?” / “Quais atividades fazem durante os encontros com o grupo de teatro?” / “Houve melhoria no desempenho escolar após a inserção no projeto?”; dentre outras. O aporte analítico central deste trabalho advém da Semântica de Frames (FILLMORE, 1977, 1988, 2007), um modelo teórico da Linguística Cognitiva, que nos fornece a principal categoria analítica – o *frame*. Dentro deste escopo fillmoreano, desenvolve-se o projeto lexicográfico FrameNet (www.framenet.icsi.berkeley.edu) que vem-se configurando como uma importante ferramenta analítica para o discurso dos entrevistados. No presente estágio da pesquisa, estamos desenvolvendo, com sucesso, através de sua plataforma Desktop, uma anotação de texto corrido de modo a obter a rede de frames evocada pela experiência discente. Os resultados desta análise semântica do discurso serão submetidos a um exercício interpretativo com base em um diálogo com subáreas da Linguística, como a Linguística Aplicada, e com a Educação, tendo em vista a relevância desse projeto, o qual contempla a prática oral no ambiente escolar, para a construção de uma educação cidadã. Um marco deste estudo – e de todos os demais estudos de caso desenvolvidos em nosso macroprojeto – tem sido a forte parceria estabelecida entre a pós-graduação e a graduação, envolvendo bolsistas de Iniciação Científica como auxiliares de pesquisa em todas as etapas do processo investigativo.

38. DA PALAVRA PARA IMAGEM: ROTEIRO CINEMATOGRAFICO É LITERATURA?

Francisco Malta (UERJ)

Este trabalho tem como finalidade discutir o valor de um roteiro cinematográfico como texto literário. Partindo do processo de criação em si, sendo o mesmo o elemento que transforma a palavra em imagem. Questões como a estruturação da sua narrativa e as diferenças que permeiam a construção da história para o cinema e a literatura entrarão em pauta. Como corpus para objeto de estudo, será utilizado: *O Invasor*, roteiro escrito por Marçal Aquino, pensado originalmente para o cinema e posteriormente transformado em romance. O objetivo é mesclar teoria e prática na criação de roteiro para o universo cinematográfico, constituindo assim o elo que liga o não verbal ao audiovisual, o leitor ao telespectador. A relação cinema e literatura percorrem décadas. Na França em 1925, surge à revista *Cinário*, cujo intuito era a criação de um gênero misto, a meio caminho do roteiro e do romance, como definiu a pesquisadora Vera Follain de Figueiredo (2010). Segundo Figueiredo o cinema comercial francês nutria-se do sucesso do romance em episódios,

isto é, adaptava-se à técnica popular do folhetim, cujos capítulos foram publicados mensalmente nos jornais. Para a pesquisadora “com o tempo, os termos *roman-cinéma* e *cine-roman* acabaram designando, tanto os filmes, como os folhetins publicados nos jornais, como também os livros em que estes eram posteriormente editados.” (FIGUEIREDO, 2010, p. 23). O resultado foi construção de um texto híbrido que ficou no entre-lugar, nem cidade, nem literatura. Diferente da criação de um romance o roteiro cinematográfico não é considerado texto literário, embora narre uma história, apresenta personagens e diálogos. São diversos os elementos implicadores dessa construção. Tal como um romance, o roteiro narra a história, descreve lugares e ambientes, mas diferente da criação de um romance não se preocupa com a expressão de uma língua, nem com figuras de linguagens, recursos esses destinados a literatura. Por outro lado, a criação de um roteiro apresenta os efeitos visuais, indica trilha sonora, cortes, posição de câmera, elementos estes exclusivos do audiovisual. O parâmetro de discussão da construção do roteiro cinematográfico ser literatura ou não deixa transparecer sempre algum grau de subserviência aos cânones como aponta Stam (2009). É importante observar que o registro escrito seja para o roteiro ou romance e depois o filme, resume-se ao fato que ambos são narrativos. O escopo semântico atende-a necessidade de contar uma história, sugerindo e descrevendo cena a cena. O filme é si é a ampliação do registro dessa leitura e escrita. Na linha de apresentação de um filme, o roteiro é construído para um leitor especializado, visto que é um preparatório antes das filmagens e nesse texto é possível muitas versões até chegar a um resultado satisfatório. Para metodologia será usado o roteiro do filme, o romance, entrevistas divulgadas com Beto Brant (diretor) e o roteirista (Marçal Aquino). No processo de criação de uma história seja ela para o cinema ou a literatura, o que importa é o público a que se destina chegar. Pensando nessa vertente o papel da construção de um romance foca-se na palavra e na trama ao passo que a elaboração da narrativa para o cinema, exigem-se outros elementos para pensar durante sua elaboração. Em um roteiro cada sequência aparece enumerada e com sua descrição de efeitos, indicação de lugar, cenários, trilha e uma formatação muito peculiar, hoje cada vez mais sofisticada com as novas tecnologias. O elo que liga roteiro e literatura é a narrativa. Ambos existem para servirem a melhor forma de contar uma história e isso é o que se pretende discutir.

39. DISSERTAÇÃO NÃO É PSICOGRAFIA. É PRECISO PLANEJAR

Hélia Coelho Mello Cunha (IFF)

O nosso objeto de pesquisa é o ensino de produção de textos dissertativos argumentativos no Ensino Médio e cursos de graduação (períodos iniciais). Considerando a necessidade atual de fazer uso da palavra escrita como forma de persuasão (em dissertações, cartas argumentativas, trabalhos acadêmicos), cremos que a escola deveria responsabilizar-se pelo desenvolvimento da capacidade de argumentação de seus alunos. No ensino de produção de textos dissertativos argumentativos, nas escolas brasileiras, atualmente, percebe-se que não é dada a devida

importância ao planejamento e há pouca preocupação com a estrutura: aos alunos é dito, apenas, que o texto deve ter introdução, desenvolvimento, conclusão. Isso pode ser observado em livros didáticos e na prática docente. Os alunos são “treinados” a produzirem textos que apresentam tese e estruturas semelhantes porque não são convidados a pensar no que vão escrever antes da produção do rascunho e não são bem orientados sobre o conteúdo das partes do texto. Muitos escrevem os textos como se estivessem “psicografando-os” e, depois de prontos, fazem uma revisão rápida para corrigirem problemas linguísticos. A preocupação com uma tese inovadora, com bons argumentos e como fazer uma boa introdução e uma boa conclusão, não há na maioria das vezes. “No lugar dos termos que caracterizam ao menos a tradição greco-cristã-cartesiana como ‘hipótese’, ‘indução’, ‘dedução’, ‘silogismo’, ‘falácia’, ‘sofisma’, ‘dialética’, vemos apenas a paupérrima subdivisão dos modos de escrever em ‘descrição-narração-dissertação’, ao lado, é claro, de algumas ‘orações subordinadas substantivas objetivas indiretas reduzidas de gerúndio’”. (BERNARDO, 2000, p. 12). Nosso objetivo é propor, como primeiro passo no ensino deste tipo textual, a elaboração de um roteiro, de um planejamento. O aluno deveria, antes de escrever, pensar no tema, delimitar muito bem o tema, levantar questionamentos (problemas), respondê-los (hipóteses), definir a sua tese e escolher os argumentos que servirão para a sua defesa. GARCIA (1997, p. 291) afirma que “aprender a escrever é aprender a pensar”. Depois de feito o planejamento, faz-se necessário pensar na estrutura. Como fazer uma introdução criativa que desperte o leitor para o tema? Como criar comunhão com este leitor? Como concluir o seu pensamento? O modelo de estrutura apresentado em nossa prática docente baseia-se no apresentado na segunda parte da Retórica de Aristóteles: a *disposição*, que versa sobre o plano do discurso e sua construção. A partir da proposta aristotélica, pensamos na necessidade de abordarmos melhor a estrutura deste tipo textual, sem “receitas” prontas, mostrando aos alunos estratégias que devem ser utilizadas em cada parte do texto para que se cumpram os objetivos de persuasão e convencimento. Outros autores como Chaïm Perelman e Olivier Reboul, pesquisadores de Retórica, deram embasamento teórico necessário para a apresentação desta proposta. Concordamos com Reboul (1999, p. xxi) ao declarar que “A arte do discurso persuasivo implica a arte de compreender e possibilita a arte de inventar”. Percebemos, com a prática do planejamento e a preocupação com o conteúdo das partes estruturais com nossos alunos, uma melhora significativa nos textos dissertativos argumentativos produzidos nas aulas de Produção Textual.

40. ANÁLISE DA LINGUAGEM VERBO VISUAL DO PORTAL ÍNDIOS ONLINE À LUZ DA TEORIA DA MISTIÇAGEM

Camila Alves Oliveira (UESC/CAPES)

A mestiçagem nunca é uma condição meramente biológica. O conceito transcende esta noção, bem como desmistifica o ideário de pureza, de universalismo embasado em uma

padronização, em uniformidades. Nesse ínterim, se propõe a análise do site “índios on-line”, que é um portal de diálogo intercultural que valoriza a diversidade, facilitando a informação e a comunicação para sete nações indígenas, à luz da teoria da mestiçagem, embasado nos estudos de Laplantine e Nouss (2001). Neste ponto pode-se traçar a relação com supracitada teoria, investigando o que desta se faz presente na análise do produto midiático produzido pelas diferentes tribos indígenas a partir das mídias digitais. Este ensaio também se propõe a investigar como o enunciado verbo-visual na constituição enunciativa do ser indígena é apropriado pelas tribos indígenas interligadas no portal Índios Online, como reforço da identidade a partir de um diálogo com múltiplos traços culturais e indenitários, dentro de um jogo de diferenças. Este trabalho em comentário é uma análise de como o enunciado verbo-visual na constituição enunciativa do ser indígena é apropriado pelas tribos indígenas interligadas no portal Índios Online, a partir de um paralelo com a teoria da mestiçagem. É, em suma, o encontro, o diálogo entre as tribos que integram o portal índios online que caracterizam o processo de mestiçagem a partir da observação dos diversos produtos midiáticos postados no portal. Não há ideia de permanência ou reforço do traço cultural de uma etnia, há o diálogo e a reafirmação da constituição do ser indígena, com todos os traços, com todos os encontros, comum a fusão de todas as tribos, bem como com o diálogo e confronto comum a cultura do chamado homem branco. Além do levantamento teórico, qualitativamente são observados os traços da mestiçagem do corpus em questão, no produto midiático, como os posts verbo visuais, posts do gênero jornalístico, literário, dentre outros, apresentados pelo portal índios online. Não obstante, percebe-se também o dialogismo bakhtiniano, considerando o cronotopo, no processo comunicativo, não apenas entre as tribos que integram a rede, mas também com os leitores (visitantes do portal). Vale ressaltar que, ao aludir aqui a concepção de dialogismo, interação e conceito de linguagem proposta por Bakhtin (2004), este trabalho não se afasta da teoria da mestiçagem, porque a própria mestiçagem propõe esse confronto, esse diálogo, essa constituição do eu pelo outro, pela diferença. Outro ponto relevante nesta análise é o intercâmbio, a troca cultural intensa no produto midiático índios online, onde as identidades, por mais que pensadas pelo viés ético, é, sobretudo fluida, móvel, em constante formação. É possível coadunar com a teoria da mestiçagem, os estudos de Hall (2001) sobre identidade. Em ambos os estudos, a identidade é fluida, marcada pela mobilidade, por trocas, por contatos entre culturas e identidades diferentes, bastante acentuada com a globalização e com o advento da internet e a chamada mídia online. Tem-se aí a reafirmação da mestiçagem no portal índios online. Ressalta-se como resultado a constituição do eu pela linguagem, o respeito à diferença, a incorporação e criação de algo que não é uniforme e não pode ser determinado o que é de um e do outro, algo que é mestiço, que é diálogo.

41. UMA ANÁLISE SEMIOLINGÜÍSTICA DO ENSINO DE LEITURA VEICULADO PELA REVISTA NOVA ESCOLA (2010-2012)

Anabel Medeiros de Azerêdo (UFF)

Essa pesquisa destina-se à análise da atuação da revista *Nova Escola* no campo educacional. *Nova Escola* é um dos periódicos educacionais de circulação nacional mais consumido por professores da Educação Básica; há 28 anos a revista vem conquistando espaço em escolas e universidades e, atualmente, está disponibilizada no portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) como fonte de pesquisa ao aprimoramento à formação docente. *Nova Escola* define-se como a revista de quem educa, ou seja, uma fonte de pesquisa, aprimoramento e atualização à disposição do profissional de educação. No entanto, observa-se que sua produção possui características não condizentes ao perfil de outros periódicos educacionais, por isso pretende-se investigar a revista enquanto recurso dedicado à formação docente para o ensino de leitura, uma vez que a formação continuada e a atualização frequente do professor da Educação Básica são preocupações permanentes dentro e fora da escola que suscitam ações das esferas pública e privada para garantir a sua existência e eficácia. E o ensino de leitura, por sua vez, constitui-se como um dos objetivos prioritários a serem alcançados ainda nos primeiros anos do Ensino Fundamental, além de ser uma necessidade concreta para a aquisição e construção de conhecimento e, conseqüentemente, de experiência nas sociedades onde a escrita se faz presente. Através da teoria Semiolingüística fundada por Patrick Charaudeau, propõe-se uma reflexão acerca do discurso dirigido ao professor pela revista, especificamente, nas reportagens que tratam do ensino de leitura, com o objetivo de identificar as visadas e as estratégias discursivas usadas para captar o público-alvo. As mídias pedagógicas constituem-se de características próprias tanto da área da comunicação quanto da educação, por isso espera-se que periódicos educacionais sejam submetidos às leis do mercado editorial, uma vez que pertencem ao gênero revista. Contudo, a fim de manterem a sua existência no mercado, alguns periódicos educacionais tendem a sobrepor recursos da cultura midiática às questões pedagógicas, fazendo uso de estratégias discursivas que lhes garantam legitimidade e credibilidade junto ao público leitor. Os periódicos educacionais devem permitir, sobretudo, o desvelamento do discurso que articula as práticas e as teorias do sistema educacional, mas ao se observar a referida revista, percebe-se o apagamento de variantes relevantes que constituem o ensino de leitura, além de não ser possível identificar a própria posição político-pedagógica da revista em relação ao trabalho com o ato de ler. A revista *Nova Escola* apresenta concepções híbridas de leitura, algumas dessas em desacordo com as orientações dos Parâmetros Curriculares Nacionais e, enquanto periódico educacional estabelece com o leitor-professor um contrato de comunicação que se assemelha ao contrato midiático ao selecionar visadas de informação e incitação; e dele se distancia, quando seleciona visadas de prescrição e instrução. É utilizada uma abordagem qualitativa, com base em edições

que compreendem os anos 2010, 2011 e 2012. A revista *Nova Escola*, enquanto periódico educacional não responde à demanda dos professores por formação continuada, por apresentar características que a aproximam da cultura midiática e a afastam do propósito pedagógico esperado pela instância de recepção.

42. A SEMÂNTICA DE FRAMES E O PERFIL DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA

Juliana Bitarelli Viana Ponciano (PROBIC/FAPEMIG/UFJF)

Amanda Cristina Testa Siqueira (Mestra/PPG-Linguística/UFJF)

Neusa Salim Miranda (Orientadora/PPG-Linguística/UFJF)

O presente trabalho tem como objetivo apresentar os últimos resultados alcançados pelo macroprojeto “Ensino de Língua Portuguesa – Da Formação Docente à Sala de Aula” (FAPEMIG-CHE-APQ-01864-12), inscrito na linha de Pesquisa Linguística e Ensino de Língua do PPG Linguística/UFJF e no grupo de pesquisa FrameNet Brasil. O projeto tem por objetivo geral a investigação das práticas de sucesso e fracasso no ensino de Português na escola básica e na formação docente para essa disciplina. Nesta apresentação recorta-se, dentre outros três estudos de caso envolvidos (2 dissertações e 1 tese), a investigação do perfil dos docentes de Língua Portuguesa, instaurado a partir de relatos discentes acerca das suas vivências mais marcantes nessa disciplina, realizado por Testa (2013) e tendo a colaboração de bolsistas de Iniciação Científica - da coleta à análise de dados - como pesquisadores auxiliares. Como cenário investigativo, temos 7 escolas estaduais de Juiz de Fora – MG, totalizando 354 sujeitos de pesquisa, do 9º ano do Ensino Fundamental e 2º ano do Ensino Médio. Os procedimentos analíticos basearam-se no aporte teórico da Linguística Cognitiva (LAKOFF, 1987; LAKOFF e JOHNSON, 1999, 2002; FAUCONNIER e TURNER, 2002; FILLMORE, 1979, 1982; CROFT e CRUSE, 2004), e, em especial, na Semântica de Frames (FILLMORE, 1979, 1982; RUPPENHOFER et al, 2011; SALOMÃO, 1999) e em seu projeto lexicográfico FrameNet (www.framenet.icsi.berkeley.edu). Para uma hermenêutica dos dados, utilizaram-se as contribuições da Sociologia (BAUMAN, 2005, 2007, 2008, 2013; ALMEIDA et al, 2009), da Filosofia Educacional (FREIRE, 2011), e dos campos da Ética e da educação cidadã (ARAÚJO, 2000, 2008; LA TAILLE, 2008; TOGNETTA, 2008; ABREU, et al, s.d.; COSTA, 2004; RIBAS, s.d; MORAN, 2007; MIRANDA, 2005, 2007, 2009, 2011, 2012). A análise semântica dos dados permitiu observar que os alunos – a partir da categoria analítica central: o frame – traçam duas redes hierárquicas distintas a partir dos superframes: Avaliação do Comportamento Docente e Sugestão de Comportamento Docente. Cada uma delas apresenta como foco quatro tipos de comportamento docente, quais sejam: Práticas Pedagógicas, Práticas Interacionais, Comprometimento, Práticas Reguladoras e Punitivas. Diante dos resultados alcançados, notou-se que a crise da sala de aula não se cristalizou, na medida em que os discentes desenham como perfil desejado um professor comprometido, competente

e, fundamentalmente, inovador de sua prática, o que implica reconhecer que o mesmo ainda tem assegurado um papel simbólico sólido nas comunidades escolares investigadas. Espera-se, com este trabalho, apontar caminhos para uma possível ação pedagógica que seja capaz de fornecer respostas para a nomeada “crise da sala de aula”, hoje configurada pelo alto índice de desinteresse e fracasso de seus alunos e de adoecimento (tristeza, depressão, stress) e igual desinteresse por parte de seus professores. No que tange ao trabalho dos bolsistas de Iniciação Científica, estes atuam da coleta à análise de dados, dando suporte às mais variadas atividades que envolvem uma pesquisa. O principal conhecimento adquirido pelos bolsistas tem sido o trabalho investigativo em equipe, pois sua atuação se dá em conjunto com mestrandas, doutoranda e orientadora, fazendo com que a sua formação inicial os introduza, de modo efetivo, no mundo da pesquisa acadêmica.

43. O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA SOB O OLHAR DE ALFABETIZADORAS EM PROCESSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA

Carmen R. G. Ferreira (UFPeI/CAPES/OBEDUC/PACTO)

Rosiani Machado (UFPeI)

Durante as últimas décadas, os termos alfabetização e letramento vêm sendo reconceitualizados devido a pesquisas como as de Ferreira e Teberosky (1999), Soares (1998; 2003) e Morais (2012), que têm procurado compreender sobre como o educando se apropria do sistema de escrita e leitura, assim como aspectos relativos ao papel do professor alfabetizador no processo de organização e produção de situações que favoreçam a aprendizagem da leitura e da escrita. Desta forma, o professor alfabetizador é um professor de língua que precisa não só entender como os educandos aprendem como ter clareza das questões que envolvem o ensino da língua nas classes de alfabetização. O presente estudo está vinculado a um projeto de pesquisa desenvolvido no âmbito do Observatório da Educação (OBEDUC- UFPeI), que tem a intenção de acompanhar, monitorar e verificar se o processo de formação continuada via Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC) incidirá na melhoria e no aumento dos índices de alfabetização, especialmente naquelas turmas do ciclo de alfabetização, cujas professoras participam das ações de formação do programa. O projeto de pesquisa do OBEDUC acompanha e monitora a formação conduzida em 20 turmas de OEs. Este trabalho pretende refletir sobre os registros produzidos por professoras Orientadoras de Estudo (OEs) em processo de formação continuada vinculado ao Pacto Nacional Pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC). Este trabalho faz uma análise preliminar da forma como essas docentes conceituaram alfabetização e letramento, tema da primeira formação de 2013. Para tanto, apresentamos resultados de uma turma de 23 docentes que atuam como Orientadoras de Estudo. Os dados foram analisados conforme o procedimento teórico-metodológico do “Paradigma indiciário”, de Ginzburg (1986 e 2002), que consiste num procedimento de investigação eminentemente qualitativo e

interpretativo que prioriza a análise de fatos e/ou dados considerados como indícios, pistas, índices que permitiriam ao pesquisador entender fatos e/ou fenômenos mais gerais. Com base nesse quadro teórico-metodológico, analisaram-se, na escrita produzida pelas OEs, possíveis indícios sobre a forma como a constituição de determinados conceitos vão (re)constituindo-se ao longo de uma formação continuada. Os registros foram coletados em duas etapas: uma durante a primeira formação do ano de 2013 e outra, dois meses depois, com o propósito de verificar a posição dos profissionais sobre os temas alfabetização e letramento através da análise de suas produções textuais. A mobilização para a escrita ocorreu a partir da proposição da questão “O que você entende por alfabetização e letramento?” Como resultados parciais, é possível identificar alguns aspectos importantes a serem considerados no desenvolvimento de processos de formação. Na primeira etapa de coleta, as definições foram vagas e, num segundo, em atividade de (re)escrita, identificou-se definições mais precisas seguidas de exemplos de aplicabilidade em situações reais de uso no contexto social e um maior distanciamento das concepções que vinculavam o conceito de alfabetização aos métodos de ensino tradicionais. Contudo, tais definições ainda aparecem dissociadas de perspectivas que articulem a aquisição do sistema de escrita, através de um ensino direto e sistemático, com o desenvolvimento de habilidades e comportamentos de uso competente da língua em práticas sociais de leitura e de escrita. As respostas demonstram uma série de elementos que merecem atenção e discussão com vistas a repensar os processos de formação continuada de alfabetizadores. Entende-se que são relevantes porque apresentam elementos que tangenciam a prática dessas profissionais e que refletem diretamente no modo como as OEs realizam o trabalho de formação continuada com as alfabetizadoras que, por sua vez, reproduzem os conceitos de alfabetização e letramento na forma de organizar e conduzir o trabalho pedagógico com o sistema de escrita alfabética com as crianças no ciclo de alfabetização.

44. ESPANHOL: LÍNGUA PLURICÊNTRICA?

Thábata Christina Gomes de Lima (UFF/CAPES)

O presente estudo abordará a questão do pluricentrismo linguístico mediante, principalmente, as definições apresentadas em Ammon (2004) e Clyne (2004). Nele serão discutidas as questões referentes às línguas pluricêntricas e as suas principais características. Tendo por base a definição de Kloss (1978), em que a língua pluricêntrica é vista como aquela com mais de um centro normativo, serão analisadas algumas afirmações em que o espanhol é apresentado como uma língua *pluricêntrica*. Para Soares da Silva (2011:13), todas as línguas são, até certo ponto, pluricêntricas, na medida em que contêm variação dialetal e diferentes normas locais. Dessa forma, o “monocentrismo” não deve ser considerado uma atitude comum ou generalizada, pois as línguas apresentam variações, tanto de um lugar para outro, como em uma mesma comunidade de fala. Partindo desse pressuposto, não há como desconsiderar que o espanhol

seja uma língua pluricêntrica. Mas, se pensarmos nas atribuições dadas por Kloss, Ammon e Clyne sobre o pluricentrismo, a situação do espanhol pode apresentar outro rumo. De acordo com Bagno (2011), por estar estreitamente relacionada com a identidade individual, comunitária e nacional, a língua é convertida em poderoso fator de tensão política e de manipulação ideológica, entre outros. No caso da língua espanhola, em especial, para evitar uma possível “destruição” do idioma, criou-se a *Real Academia Española* (RAE), para defendê-la dos “ataques” de seus próprios falantes. Esta instituição funciona como uma espécie de *Centro Normativo* por excelência, que irradia as regras de funcionamento do espanhol para as demais comunidades hispano-falantes. Bernárdez (2011:36) afirma que a RAE funciona como uma espécie de “Banco Central”, que deve ser vigilante contra alguma intrusão externa e estar em constante defesa da pureza linguística. Acredita que a língua espanhola é vista como uma joia preciosa que precisa ser mantida, defendida e constantemente polida. Podemos ver que, desde suas origens, a RAE busca controlar as mudanças pelas quais a língua passa, em um ideal de “*unidad que mantiene todo el mundo hispánico*”. A situação começou a mudar a partir da última década do século XX. Isso se deve a vários fatores e, entre eles, destaca-se o chamado “Boom” da Literatura Hispano-Americana. As variedades hispano-americanas da língua espanhola começaram a ser propagadas e, conseqüentemente, a requisitar seu valor. De grande importância, também, foram as independências das colônias espanholas, que buscaram, além de uma “liberdade” econômica e política, a criação de academias paralelas à RAE. Assim, com o passar dos anos, novas *Academias de la Lengua* surgiram e foi fundada a *Asociación de las Academias de Lengua Española* (ASALE). Partindo do ideal de uma nova visão de norma linguística, passou-se a difundir a ideia de língua espanhola como língua pluricêntrica, em que todas as variedades são dotadas de “igual” prestígio, desde que estejam generalizadas pelos falantes considerados *cultos*. Nesta comunicação, serão analisadas algumas declarações apresentadas pela RAE e por alguns representantes das academias americanas de língua espanhola, nas quais observaremos a visão “*panhispánica*” da língua espanhola propagada. A *Real Academia Española* afirma que a “norma” atual é policêntrica (pluricêntrica). Mas, o título do documento chama-se “*La política linguística panhispánica*”. Será que os adjetivos “pluricêntrico” e “pan-hispânico” podem ser apresentados em um mesmo lugar, de modo que haja coerência? Será possível a língua espanhola ser tomada por ambas as características ao mesmo tempo? Veremos que, se há em todo o momento a busca pela preservação de uma língua que seja compreendida em todo o âmbito hispânico, e que de certa forma tem coerência com a política pan-hispânica, devemos esquecer a ideia de pluricentrismo linguístico, em relação a este idioma.

45. O DESAFIO DA UTILIZAÇÃO DE CORPORA ELETRÔNICOS E FERRAMENTAS COMPUTACIONAIS NA BUSCA DE CONSTRUÇÕES SUPERLATIVAS MORFOLÓGICAS DO PORTUGUÊS

Leila Cruz Magalhães (UFJF/CNPq/PIBIC)

Pilar Silveira Mattos (UFJF/CNPq/PIBIC)

Orientadora: Neusa Salim Miranda (PPG-Linguística/UFJF)

“Construções Superlativas Morfológicas do Português” (MIRANDA- 2012, 2014) é um macroprojeto vinculado à linha de pesquisa Linguística e Cognição do PPG Linguística-UFJF e à FrameNet Brasil, em sua linha Frames e Construções. Tem como escopo teórico a Linguística Cognitiva (LAKOFF & JOHNSON (1980, 1999); LAKOFF (1987); CROFT, W. & CRUSE (2004); SALOMÃO (2009) e MIRANDA (2002, 2008b)) e, em especial, alguns constructos teóricos desse paradigma, como a Teoria da Gramática das Construções e seus Modelos de Uso (GOLDBERG (1995, 2006); TOMASELLO (2003); CROFT, W. & CRUSE (2004);) e a Semântica de Frames (FILLMORE, 1977; FILLMORE, JOHNSON & PETRUCK, 2003). O objetivo deste projeto é trazer para o campo morfológico contribuições analíticas erigidas pelos modelos de Gramática das Construções. No encaixe desta meta, três teses estão em curso, recortando os seguintes objetos: construções com prefixos superlativos (“hiper desconto”, “super indico”, “uber-brega”, etc (CARRARA-2011-2015)); construções superlativas com base de estados absolutos mais sufixos superlativos (“gravidíssima”, “solteiríssima”, forésimo, etc. (MACHADO, 2011-2015)); construções quantificadoras mórnicas (“lixaiada”, “berraria”, “bebedeira” etc. (COSTA, 2011-2015)). O alinhamento de paradigmas construcionistas da gramática e do léxico com os chamados Modelos de Linguagem Baseados no Uso acarretou a necessidade de que os dados a serem analisados adviessem de fontes naturais da linguagem, como os *corpora* eletrônicos. Nessa direção, uma Linguística Cognitiva baseada em Corpus define o caminho metodológico deste estudo, o que nos fornece um instrumental que auxilia na observação das construções em seu habitat discursivo real, com suas configurações probabilísticas de uso. Entretanto, a ausência de *corpora* representativos de Língua Portuguesa, que englobem não apenas a linguagem atual, mas também os mais diversos usos da linguagem, de modo a permitir o estudo tanto de estruturas mais regulares como de fenômenos mais marginais, torna o uso de dados dessa natureza um grande desafio. Em vista desse entrave, o presente trabalho objetiva discutir as diferentes estratégias que têm sido experimentadas para a construção dos *corpora* vinculados aos diferentes estudos de caso deste macroprojeto, pontuando a contribuição da Iniciação Científica nesta busca. O ponto de partida das buscas são os raros *corpora* tratados disponíveis na web, como o Corpus do Português (<http://www.corpusdoportugues.org/>) e os *corpora* do projeto AC/DC (<http://www.linguateca.pt/ACDC/>), vinculados à Linguateca. Resultados de buscas limitados nestes *corpora* conduzem, via de regra, ao um refazer contínuo de metodologias de buscas mediante o uso de ferramentas eletrônicas

como os concordanciadores Web Concordancer (<http://webascorpus.org/searchwac.html>) e WebCorp Live (<http://www.webcorp.org.uk/live/>) que envolvem sites de buscas como Bing e Google. Apesar destes obstáculos, os resultados analíticos alcançados apontam para a clara vantagem de se associarem tais pesquisas a uma abordagem metodológica empirista e coerente com os axiomas básicos das teorias assumidas, fornecendo dados de linguagem como realmente são utilizados pelos usuários da língua e possibilitando, através das análises de frequência de *token* e *type*, um trato probabilístico dos fenômenos mórficos em estudo.

46. ESTRATÉGIAS DE COMPREENSÃO DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS POR NÃO NATIVOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Vicente de Paula da Silva Martins (UVA)

Esta pesquisa teve por objetivo geral investigar táticas e estratégias de compreensão de expressões idiomáticas utilizadas por 20 estudantes universitários africanos lusófonos, oriundos de Cabo Verde e Guiné-Bissau, falantes não nativos do Português Brasileiro (PB). Para a construção das hipóteses da pesquisa, recorreu-se a teorias Psicolinguísticas do processamento fraseológico, nomeadamente Bobrow e Bell (1973), Irujo (1986), Cacciari e Tabossi (1993), Flores d'Arcais (1993), Cresp(1999), Crespo e Caceres (2006) e Detry (2010) e, no campo fraseológico, Casares ([1950] 1969), Gross (1996); Corpas-Pastor (1996), Iñesta Mena e PamiesPertrán (2002), Mellado Blanco (2004), Montoro Del Arco (2006); Garcia-Page Sánchez (2008); Olza Moreno (2011); Alvarado Ortega (2010) e Luque Nadal (2012). A partir de modelos de experimentos desenvolvidos por psicolinguistas foi elaborado e aplicado aos sujeitos da pesquisa um Protocolo Verbal *thinkaloud* através do qual foram realizados três experimentos que contemplaram 18 expressões idiomáticas de uso frequente no Brasil, divididas em três categorias fraseológicas: (1) zoomorfismos; (2) somatismos; e (3) Especiais (botanismos; indumentismos; gastronomismos). Os resultados da pesquisa confirmaram hipóteses de que expressões que designam nomes de animais (zoomorfismos) e partes do corpo (somatismos) favorecem a idiomaticidade fraca (transparência) por sua analisabilidade ou composicionalidade semântica, com exceção da expressão *fazer boca de siri* cuja palavra siri não é encontrada no vocabulário das línguas crioulas (cabo-verdiana e guineense). Entre as expressões especiais, *rasgar seda* foi considerada opaca por os informantes desconheceram o sentido dado pelos brasileiros à expressão. Foi confirmada a hipótese de que estratégias relacionadas ao uso de contexto são as mais utilizadas pelos não nativos do PB, para chegar ao sentido das expressões. Os resultados apontam também que o processamento fraseológico não segue uma única direção ascendente (*bottom-up*) ou descendente (*top-down*), mas que existe uma inter-relação constante entre táticas e estratégias na compreensão das expressões idiomáticas, sequência de uso de estratégias AC (adivinhar o sentido da expressão idiomática a partir do contexto formal), AA (adivinhar o sentido da expressão idiomática a partir de alternativas de múltipla

escolha) e AT (adivinhar o sentido da expressão a partir da contexto informal ou improvisado) no processos de compreensão das expressões confirmam a hipótese de as estratégias top-down, relacionadas ao contexto, influenciam na compreensão das expressões idiomáticas *ir pentear macaco, fazer boca de siri, comer com os olhos, falar pelos cotovelos, pisar em ovos, comer com os olhos e encher linguça*. Os dados dos estudantes africanos lusófonos, relacionados a táticas e estratégias de compreensão, coletados nas diversas tarefas dos três experimentos, sugerem que o processamento fraseológico não segue uma única direção ascendente (táticas bottom-up, centradas no texto lido ou ouvido) ou descendente (estratégias top-down, que vão da mente ao texto), mas que existe uma inter-relação constante entre eles. As estratégias top-down são efetivamente criativas, voltadas à compreensão e, decerto, são responsáveis, na fala espontânea, pela reprodução em bloco coeso da expressão idiomática pelos falantes, sejam eles nativos ou não nativos. Pudemos observar que, ao longo do protocolo verbal, os falantes não nativos ajustaram ou tentaram ajustar, por meio de ajuda técnica, o sentido das expressões idiomáticas isoladamente ou no próprio texto em que elas foram contextualizadas aos seus conhecimentos prévios, sintáticos, linguísticos, metalinguísticos, culturais, históricos, em L1 e em L2 (português na vertente luso-africana); depois voltaram ao texto para confirmar suas expectativas de leitura ou verificar se aparecia uma informação nova.

47. A LINGUAGEM NONSENSE DE EDWARD GOREY EM SEU POEMA: *THE WUGGLY UMP* (1972)

Angelica Micoanski (UFSC)

O escritor norte-americano Edward Gorey (1925-2000) escreveu uma obra *nonsense*, influenciado principalmente pelo escritor inglês Edward Lear, um dos pais do nonsense vitoriano. Assim como Lear, Gorey era desenhista, tendo ilustrado a grande maioria de sua obra, além da obra de outros escritores. Pretendo discutir na minha comunicação o nonsense na obra de Gorey, principalmente no poema *the wuggly ump* (1972), a partir da influência de Lear. O gênero *nonsense*, conforme afirma Wim Tigges, surge na Era Vitoriana e é representado principalmente por Edward Lear e Lewis Carroll. O *nonsense* é composto por uma tensão entre a presença e a ausência de sentido em um texto, utilizando uma linguagem cômica, satírica, com brincadeiras, jogos e invenções de palavras, e piadas que nem sempre fazem sentido. Para Myriam Ávila, uma característica a ser destacada é a imprevisibilidade, e temas do cotidiano como vestuários e alimentos são comuns. O tema da morte também aparece no *nonsense*, embora Tigges defenda que este seja evitado. Alguns temas são, de fato, evitados, como religião e amor provavelmente por serem assuntos abstratos. Também é característico do *nonsense*, causar um afastamento no leitor a fim de não permitir que o *pathos* se estabeleça. A presente pesquisa visa verificar algumas características da linguagem *nonsense* presentes no poema *The wuggly ump* (1972), de Edward Gorey. Primeiramente pretende-se observar o poema identificando temas comuns do

nonsense, se há presença de jogos e invenções de palavras, se o poema é imprevisível e como o autor trabalha essa imprevisibilidade. Se o tema relacionado à morte se faz presente, e como este é apresentado. Para relatar informações sobre a obra específica de Gorey, os pesquisadores Karen Wilkin e Alexander Theroux são estudados. O *nonsense*, suas características, temas comuns, e precursores, são embasados em teóricos como Wim Tigges, Myriam Ávila, e Jean-Jacques Lacerle e, o poema *The Wuggly Ump*, objeto de estudo desta pesquisa, encontra-se em uma coletânea de obras de Edward Gorey nomeada: *Amphigorey* (1972). O poema a ser analisado narra uma breve história de um monstro chamado *Wuggly Ump*, que come objetos como guarda-chuvas, que mora em um lugar longe, que tem hábitos obscuros, como o de devorar crianças. O poema é composto num tom agradável e feliz, ao mesmo tempo que apresenta uma sensação de insegurança e perigo. O texto apresenta invenções de palavras, que colaboram com a sonoridade do poema, como em: *Sing jigglepin, sing jogglepen*. Além disso, o poema se torna imprevisível, pois embora esse monstro seja um risco para as crianças, o leitor não espera que as crianças sejam realmente devoradas. A morte também se faz presente, de forma indireta, sendo esta uma característica do *nonsense*, muito comum nos textos de Gorey. A morte não está explícita, mas a partir do seguinte verso: *Sing glogalimp, sing glugalump./From deep inside the Wuggly Ump*, acompanhado de uma ilustração dos infantes dentro da barriga do monstro, agora sorridente, deduz-se que elas morreram, mas essa morte não causa sentimentos fortes no leitor, pois Gorey a representa de forma sutil e até irônica, característica comum do *nonsense*.

48. A EDUCAÇÃO COMO PRODUTO A SER COMERCIALIZADO

Raíza Leonídio Neves dos Santos (UERJ/CNPq)

A presente pesquisa tem como objetos a internet e os textos teóricos apresentados mais adiante e tem por objetivo analisar os sentidos atribuídos ao trabalho de formação em páginas eletrônicas de escolas particulares da Zona Norte do Rio de Janeiro. Como critério para a escolha das instituições a serem analisadas optamos pelas creches da Zona Norte do Rio de Janeiro, pois é onde é possível encontrar moradores de diversas classes sociais de uma só vez e, conseqüentemente, é possível encontrar creches de níveis variados. Dessa forma, a heterogeneidade socioeconômica da região foi o critério utilizado para retomá-la como referência na seleção de material. A motivação para tal pesquisa é o fato de a educação ser um produto a ser comercializado. Com esse objetivo, analisamos os aspectos que são privilegiados na apresentação das práticas dos profissionais dos educadores oferecidos como serviços a serem comercializados por esses estabelecimentos em relação aos aspectos privilegiados pelos responsáveis das crianças, a partir de uma metodologia dialógica criada. Por meio delas, a imagem que se constrói é a da formação do aluno como futuro trabalhador da sociedade que vivemos. Como perspectiva teórica, partimos da visão dialógica da linguagem de M. Bakhtin, segundo a qual todo texto produz sentido no diálogo que estabelece com outros textos, configurando relações de aliança ou oposição. Recortamos, assim, a definição

de gêneros do discurso de Bakhtin para a definição de gêneros da mídia, já que é o material da presente análise, por Maingueneau, sendo chamados de Hipergêneros. Para a seleção do material, partimos do desafio de escolher creche para seus filhos, apresentadas por mães em fóruns de discussão virtual sobre o tema, sendo percebidos vários aspectos que dizem respeito às mães, às crianças, à infraestrutura e aos funcionários. A partir disso, iniciamos o levantamento das páginas eletrônicas das creches citadas nos fóruns. Em seguida, as páginas eletrônicas foram descritas, observando os aspectos que são comuns a todas elas, foram analisadas as seções relativas à página inicial e algumas outras páginas das creches. As análises então se pautaram por um confronto entre as queixas das mães e os textos apresentados nas páginas eletrônicas das instituições. Também foi possível perceber o que cada categoria relacionada privilegia. A conclusão parcial é a de que as páginas eletrônicas são organizadas de acordo com o que a creche pretende passar para os responsáveis que estão à procura de uma, de como eles usam os recursos da cenografia. O que elas consideram de mais importante é colocado em primeiro plano, ou seja, na página inicial, fazendo, assim, uma propaganda de si mesma. Em toda parte há certo tipo de publicidade, com isso, foi possível perceber que a atividade do profissional de educação é cada vez mais comercializada. A partir dos materiais analisados e da teoria estudada sobre discurso, podemos concluir que um completa o outro dando aos responsáveis uma informação plena, na medida do possível, sobre o que é preciso saber da creche que procura, ou seja, ter conhecimento sobre o pagamento, sobre o acesso ao local e, principalmente, sobre as práticas pedagógicas.

49. O VOCÁBULO *NÃO* E QUEDA DO HÍFEN: DE PREFIXO A PSEUDOPREFIXO

Thiago Soares de Oliveira (UENF/CAPES)

Com o advento do Acordo Ortográfico de 1990, ocorreram algumas alterações na forma de escrita dos vocábulos pertencentes ao léxico dos países lusófonos, como a supressão de alguns encontros consonânticos interiores, a restrição do uso do trema a casos específicos, a decadência de algumas marcações gráficas pelos acentos agudo e circunflexo, as alterações relativas ao emprego do hífen, incluindo a queda dessa notação léxica diante dos nomes precedidos pelo prefixo *não*. Tomada como objeto de pesquisa deste trabalho, essa última alteração é analisada não só sob o matiz dos preceitos da Linguística da Forma, mas também sob o da Linguística do Discurso, tendo em vista a pretensão de investigar a atipicidade estrutural que passa a recair sobre o prefixo *não*, sem desconsiderar, contudo, o caráter social da língua e a sua capacidade constante de construção e reconstrução. A princípio, são tecidas considerações sobre a abordagem adotada, a fim de que fique bastante claro o motivo pelo qual se escolheu o viés da interação entre as noções formalistas e as discursivas; após, iniciam-se as ponderações a respeito da questão morfológica, especialmente no que diz respeito à classificação; em seguida, é abordada a questão semântica, haja vista o valor negativo da palavra *não*; então, são discutidos os aspectos da atipicidade que recaem sobre o *não* pós-reforma. Nesse sentido, o referencial teórico adotado para o desenvolvimento

deste trabalho pauta-se em concepções tanto formalistas, quando se vale de gramáticos e outros estudiosos da variedade padrão para justificar as questões ortográficas e semânticas que circundam o assunto, quanto funcionalistas, quando entende que a queda do hífen que sucede o *não*, transmutando este prefixo num pseudoprefixo atípico, é, na verdade, resultado de um processo de gramaticalização forçado, dada a dificuldade classificatória do afixo posteriormente à reforma ortográfica. Em razão da existência de inúmeros artigos e de diversas obras capazes de respaldar o tom analítico proposto por este trabalho, adota-se como metodologia a pesquisa bibliográfica, uma vez que, a partir dela, é possível construir uma contraposição de concepções que, por meio de uma consistente revisão crítica de literatura que perpassa os matizes formal e discursivo da língua, tenha como escopo uma abordagem reflexiva ampla, sem esgotar, no entanto, as diversas possibilidades a partir das quais se pode discutir o tema. Além disso, com o levantamento da bibliografia publicada e o contato com a produção acerca do assunto, a pesquisa bibliográfica, em relação aos limites concernentes às pretensões deste trabalho, é suficientemente capaz de, em si mesma, constituir um palco reflexivo. Ao fim, chega-se à conclusão (resultado) de que, embora se comporte semanticamente como um prefixo, o vocábulo *não* (classificado tradicionalmente como advérbio de negação), quando desprendido de sua base lexical, emerge atípico em relação à estrutura, em virtude da independência adquirida devido à queda do hífen, ratificada pelo Acordo Ortográfico de 1990. Assim, tal prefixo passa a ser mais bem classificado como pseudoprefixo, não só em razão do acentuado grau de independência que adquiriu se comparado a outros prefixos de valor negativo cristalizados na Língua Portuguesa, mas também por causa da significação relativamente delimitada na consciência do indivíduo que maneja a língua. Entretanto, o *não* emerge como pseudoprefixo atípico graças à capacidade de rendimento no processo de formação de novas palavras.

50. A LÍNGUA ITALIANA SOBRE INFLUÊNCIA DA RÁDIO E DA TELEVISÃO.

Vitor da Cunha Gomes (UFRJ/CAPES)

Luciana de Genova (UFRJ/CAPES)

No início do século XX, nasceu a rádio italiana e a televisão teve sua transmissão, de modo regular, na metade do mesmo século. As transmissões televisivas e radiofônicas penetravam onde a língua italiana nunca havia chegado, inclusive nas zonas geograficamente mais afastadas e onde imperava um uso forte do dialeto e de línguas de países vizinhos, como nas regiões de Trentino-Alto Adige e Valle d'Aosta, onde o uso de variedades da língua alemã e da língua francesa, respectivamente, fazem parte da situação linguística local. A influência da televisão italiana se fez ainda mais presente com os populares programas de entretenimento. Através destes, o telespectador podia telefonar e interagir com o programa televisivo, debater, dar opinião, e, assim, o público ganhou voz. Além do espaço cedido pelas mídias de massa, as mesmas utilizavam palavras ligadas a tecnicismos e neologismos promovendo uma mudança lexical em seu interlocutor. Difusor de novos nomes de

pessoa, o sucesso de alguns artistas fizeram muitos nomes se tornarem incrivelmente populares. A TV, também, contribuiu para o aumento do uso romano da língua italiana, pois os grandes centros de produção se encontram em Roma. Perpassaremos sobre as temáticas: a rádio nos vinte anos de fascismo; a língua escrita do programas transmitidos pela RAI (Radiotelevisione Italiana); as variedades da língua italiana que foram e são transmitidas através da rádio; o nascimento da televisão italiana e suas características; os primeiros vinte anos da televisão e sua linguagem artificial ligada diretamente à escrita; a linguagem da televisão até os anos 60; a linguagem do cinema em comparação com a linguagem da televisão; a influência da programação televisiva na escolha dos nomes dos recém-nascidos italianos; a difusão da variedade linguística de Roma; a linguagem dos jovens e sua estreita relação com a televisão (quando a linguagem dos meios de comunicação deixou de ser artificial e começou a ter sua característica própria distanciando-se do script/roteiro que fora utilizado nos anos de início da televisão); a língua ligada aos gêneros de consumo transmitidos através das séries e produções estrangeiras de maior parte estadunidense. Para nortear o presente trabalho serão utilizados os estudo de Marazzini (1994), a fim de avaliar o perfil histórico da língua italiana e nortear a pesquisa no que tange as questões de análises diacrônicas, e De Mauro (1995), que permitirá a análise do *corpus* a partir de seus estudos da língua italiana pós-união, ou seja, após a unificação política italiana. Concluímos que os meios de comunicação não só tiveram grande importância na propagação da língua italiana padrão como influenciaram o uso lexical dos falantes italianos. A rádio e a TV foram os grandes responsáveis pela divulgação da língua italiana por todo seu território. Antes do funcionamento dos meios de comunicação de massa, estudados na presente pesquisa, as línguas regionais eram as grandes responsáveis por todo tipo de comunicação entre os italianos. Além da ajuda à normatização da língua, a TV influenciou no uso de expressões e palavras. Este fato foi determinado pela ação da televisão e de sua programação que atingia toda a península itálica.

51. VERBO-VISUALIDADE E ENCENAÇÃO DESCRITIVA NO MANGÁ DE MAURÍCIO DE SOUSA

Glacy Kelli Reis da Silva Xavier (UFF/CPII/CAPES)

O ser humano é um ser simbólico por natureza. Para se comunicar, ao fazer uso da linguagem, o homem utiliza vários sistemas simbólicos, sejam estas palavras, imagens, gráficos, gestos, expressões fisionômicas, sons, etc. Conseqüentemente, o nosso estar no mundo, como indivíduos sociais que somos, é mediado por uma rede intrincada e plural de linguagem (SANTAELLA, 2012, p. 14). Com o avanço da tecnologia, a sociedade torna-se cada vez mais visual e, com isso, a compreensão da relação palavra-imagem adquire cada vez mais importância. Como afirma Kress (2000, p.337), é impossível agora compreender os textos, até mesmo as suas partes linguísticas somente, sem ter uma clara ideia de como os outros elementos podem contribuir para seu significado. Segundo Feres (2011, p. 16), em um texto, escritor e leitor compartilham, em

extremidades opostas, uma mesma e ao mesmo tempo diferente experiência de adentramento no texto: o escritor transforma a ideia em signo tentando imaginar as possíveis formas de interpretação que serão acionadas pelo leitor, enquanto o leitor, por sua vez, transforma o signo em ideia tentando calcular, a partir de um material repleto de lacunas e reenâncias, intenções e desdobramentos, o(s) sentido(s) do texto. A história em quadrinhos é um gênero que lida com dois dispositivos importantes de comunicação: palavras e imagens (EISNER, 1989, p. 7); palavras são feitas de letras e letras são imagens. Desse modo, nos quadrinhos, o leitor tem uma dupla atividade, pois cada elemento visual tem um significado. Conforme explica Eisner (2005, p. 9) o processo de leitura dos quadrinhos é uma “extensão do texto”; num texto verbal, o leitor precisa converter a palavra em imagens, enquanto, nos quadrinhos, esse processo é acelerado, pois as imagens são fornecidas. Dessa forma, em um texto verbo-visual como as histórias em quadrinhos, as imagens exercem, assim como as palavras, a função descritiva. Segundo Charaudeau (2009, p. 113), descrever consiste em ver o mundo com um “olhar parado”, trazendo à existência os seres ao nomeá-los, localizá-los, e atribuir-lhes qualidades que os singularizam. O autor ainda afirma que, na descrição, o enunciador (sujeito descritor) pode intervir de maneira explícita ou não, produzindo um certo número de efeitos, resultado de uma intenção consciente da parte do sujeito descritor, visando a manipular a leitura do sujeito destinatário. Nessa perspectiva, o presente trabalho pretende analisar a revista Turma da Mônica Jovem, obra de Maurício de Sousa, respeitado desenhista brasileiro, verificando como se dá a encenação descritiva presente nela e os efeitos produzidos por meio da relação verbo-visual. Pode-se observar que este se trata de um texto híbrido, pois conserva as características originais da clássica Turma da Mônica, acrescentando elementos do gênero mangá. Como diretriz para este trabalho, foram utilizados pressupostos da Teoria Semi-linguística de Análise do Discurso com relação aos sujeitos de do ato de linguagem e à manipulação dos modos de organização do discurso (CHARAUDEAU, 1992; 2009). Segundo Charaudeau (2009, p. 68), os modos de organização do discurso constituem “os princípios de organização da matéria linguística, princípios que dependem da finalidade comunicativa do sujeito falante: enunciar, descrever, contar, argumentar”. Cada uma dessas ordens tem diversos componentes e a combinação desses diferentes componentes e modalidades permite compreender os diferentes tipos de discurso (científico, jornalístico, pedagógico, publicitário, etc.).

52. ORGULHO DE SER CAIPIRA: PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO DO SUJEITO CAIPIRA EM MÚSICAS SERTANEJAS

Maciel Francisco dos Santos (UNIVÁS/FAPEMIG)

A música sertaneja é um dos estilos musicais mais populares do Brasil. Essa popularidade deve-se ao fato de que ela materializa os costumes e tradições de um povo que se identifica com ela. A música sertaneja é, portanto, histórica, assim como todo discurso, cuja materialidade se dá na

língua. Os costumes e tradições de um povo passam pela língua, é por meio dela que o sujeito se constitui. Assim sendo, a música sertaneja é um lugar para observarmos a constituição de um sujeito caipira, já que esse estilo musical é proveniente do campo e está inserido em uma cultura caipira, cujas práticas linguísticas mostram modos peculiares de vida desse sujeito rural. Pois bem, tendo como base teórica a Análise de Discurso de Pêcheux e Orlandi, e partindo desse pressuposto de que a música sertaneja, como linguagem, constitui esse sujeito caipira, este trabalho tem por objetivo analisar os efeitos de sentido que o termo *caipira* produz em algumas músicas sertanejas. Tomamos como recorte, enunciados dessas canções que mostram que o locutor sertanejo assume a posição de sujeito caipira, nomeando-se como tal. Ao expressar o seu orgulho em ser caipira, o sujeito acaba trazendo a tona um discurso contrário, o discurso que busca desqualificar esse sujeito. Isso acontece porque os sentidos dominantes sobre o caipira não podem ser apagados. Entra em jogo então o processo histórico de urbanização do Brasil, processo no qual o caipira é estereotipado por um imaginário que visa mostrar um país em desenvolvimento. Nesse processo de urbanização, por esse imaginário, tudo que se refere ao campo adquire um sentido negativo, ficando à margem da sociedade. Dessa forma, por um olhar urbano, o caipira é significado tal como o Jeca Tatu de Monteiro Lobato, um sujeito ignorante, preguiçoso, doente e rústico, algo bem diferente do ideal de modernidade que é produzido pelo viés urbano. Através de marcas linguísticas: o “não” e outras palavras como “até” e “apenas”, identificamos que esse discurso do estereótipo está presente nas canções. O sujeito se significa pelo estereótipo também, embora isso seja feito para que ele afirme sua própria identidade e seu orgulho em se caracterizar como caipira. Dessa forma, ele não se anula, mas confronta o estereótipo. Tudo isso se dá pelo seu processo de subjetivação, na ilusão de sua completude como sujeito “caipira de verdade”.

53. ASPECTOS ENUNCIATIVO-DISCURSIVOS DA ORALIDADE DE UM SUJEITO AFÁSICO

Raiane Silva Souza (UESB)

Nirvana Ferraz Santos Sampaio (UESB)

Lucélia Teixeira Santos Santana (UESB)

O objetivo deste trabalho é analisar as estratégias utilizadas por um sujeito afásico para se manter na interação, ou seja, a reorganização da sua fala quando inserido em práticas sociais de uso da linguagem. Para tanto, partiremos dos postulados da Neurolinguística Discursiva, expostos por Coudry (1988, 2008 entre outros). Esta pesquisa tem como base uma concepção de Neurolinguística cunhada por Coudry (1986, 2008) onde aspectos cognitivos, socioculturais, linguísticos e psíquicos estão entrelaçados no processo de produção de sentido. A Neurolinguística Discursiva toma como hipótese a indeterminação da linguagem formulada por Franchi (1977/1992), assim como se assume, a partir desse autor, uma concepção de

linguagem historicamente constituída. O sujeito afásico reconstrói a sua linguagem através do estabelecimento de enlaces (Luria 1987), associações (Freud 1891 [1973]), seleções e combinações que geram os processos alternativos de significação tais como os gestos e olhares, que se integram aos recursos verbais para a produção de sentido. Os dados serão coletados a partir de um acompanhamento longitudinal e do conceito de dado-achado postulado por Coudry (1991/1996) que é definido como “produto da articulação de teorias sobre o objeto que se investiga com a prática de avaliação e acompanhamento longitudinal de processos linguístico-cognitivos” (COUDRY, 2008, p. 22-23). Essa formulação se adequa aos objetivos dessa pesquisa na medida em que assumimos que a linguagem se constitui como um processo sócio histórico, além disso, a metodologia do dado-achado permite que as marcas de subjetividade presentes na linguagem sejam reveladas. O corpus é constituído de materiais linguísticos construídos a partir de um informante oriundo do Espaço de Convivência entre Afásicos e não Afásicos (ECO), que é um espaço onde a comunidade acadêmica da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, por meio da iniciativa de professores pesquisadores e de estudantes pesquisadores, recebe sujeitos afásicos, para descrição e análise de como a linguagem que é utilizada por esses sujeitos se configura. Os dados-achados apresentados aqui se constituem como pistas para que o investigador possa decifrar a maneira pela qual o sujeito afásico reconstrói sua linguagem quando está envolvido em práticas discursivas, convivendo com sujeitos não afásicos e afásicos. A organização dos dados será feita a partir das transcrições das gravações em áudio desse acompanhamento, em quadro específico, e as análises serão feitas a partir do referencial teórico da Neurolinguística Discursiva aliado aos pressupostos das áreas de domínio da Ciência Linguística. Os dados apontam que o sujeito afásico não dispõe das mesmas possibilidades de se expressar como antes, mas que sua linguagem é reconstruída através do convívio social. A retomada da fala do interlocutor, a recorrência a leitura e a escrita funcionam como suporte para que ele reestruture e reflita sobre sua própria linguagem, assim, existe, por parte desses sujeitos, uma organização própria da forma de interagir colocando em evidência a sua subjetividade. O sujeito utiliza os vários níveis linguísticos e não linguísticos (os gestos, por exemplo) na tentativa de que seu interlocutor recupere a palavra-alvo não enunciada. Isso se dá pelo fato de que sujeitos afásicos e não afásicos dividem conhecimentos mútuos, sejam eles verbais ou não verbais, o que possibilita que a comunicação seja efetivada através de práticas significativas.

54. ENCADEAMENTO REFERENCIAL COMO ESTRATÉGIA DISCURSIVA – UMA ANÁLISE DE TEXTOS ARGUMENTATIVOS DE ALUNOS DE PERIFERIA.

Silvia Adélia Henrique Guimarães (UERJ)

A exclusão social alcança os alunos das diversas periferias de modos peculiares. Para alguns, a título de exemplo, ela ocorre pela exclusão das diferentes artes; para outros, na forma

de impedimentos financeiros. Observando particularidades como essas, vários campos do conhecimento, como a Sociologia e a História, concentram-se no estudo das periferias. Além desses, a Linguística também vem concentrando sua atenção neste segmento social, promovendo pesquisas com sujeitos que interagem nessas camadas sociais (FRANCHI, 1993; RABAIOLLI, 2006; PAPA, 2008; NASCIMENTO, 2011). Contudo, mesmo os estudos já realizados sinalizam a necessidade de novas pesquisas que abordem o tema exclusão social, e possibilitem outros encaminhamentos para as dificuldades encontradas. Entendemos, portanto, que estudar o tema através da descrição dos textos do aluno de periferia pode apresentar-se como um novo caminho de reflexão sobre a construção discursivo-gramatical desse grupo, e sobre o que essa construção pode sugerir sobre as dificuldades relacionadas à prática social escolar desses alunos. Assim sendo, objetivamos, neste trabalho, analisar a textualidade de sujeitos pertencentes a esses grupos como uma forma de conhecer seu nível de letramento. Tendo como base as perguntas norteadoras: “Como se dá a textualização dos alunos da periferia? Que estratégias coesivas estão internalizadas por eles? O que seus textos sugerem linguisticamente sobre representações ideológicas?”, selecionamos dez produções textuais de alunos do 9º ano de uma escola da Zona Norte, no subúrbio do Rio de Janeiro. Ajustados ao Paradigma Qualitativo, que observa os dados de forma crítica e contextualizada (ALVEZ-MAZZOTTI, 1999), analisamos o corpus pelo viés dos encadeamentos referenciais. Como estratégia de estudo, optamos por mapear todos os mecanismos escolhidos pelos produtores, a fim de conhecer as seqüências referenciais e o nível de proficiência desses alunos em relação às estratégias escolhidas. A escolha dos mecanismos de coesão como procedimento metodológico deu-se por dois aspectos: a) são pouco abordados na sala de aula, em nível discursivo; e b) podem dar aos alunos oportunidade real de inserção social. A partir desse mapeamento, analisamos como as escolhas léxico-gramaticais contribuíram para o desenvolvimento argumentativo dos textos. Nessa segunda etapa, objetivamos refletir sobre a construção da argumentatividade nesses textos e o seu viés com o ensino (BERNARDO, 2003; CAVALCANTI, 2010). Com estes objetivos e esta metodologia, chegamos a alguns achados iniciais: as três estratégias mais recorrentes no corpus foram a utilização de nomes próprios (repetidos), de eclipse e de nomes comuns (repetidos). Vimos que, apesar do índice considerável de repetição desses mecanismos, eles foram utilizados adequadamente, sem que se possibilitassem ambiguidades ou falta de referente. Contudo, tal fato linguístico pode apontar também para a escassez de um repertório lexical ampliado, que possibilitasse aos produtores a variação de estratégias, como o uso de hiperonímia/hiponímia, ou sinonímia. Entendemos que os resultados esbarram em algumas limitações: selecionamos textos produzidos em apenas uma periferia, o que faz o trabalho carecer de uma triangulação com textos de outras periferias ou com textos de outras esferas sociais. Contudo, ainda que de modo seminal, estes resultados viabilizam o reconhecimento do padrão discursivo de alguns alunos dessas zonas de exclusão. Possibilitam também a reflexão sobre um tipo de exclusão que perpassa os demais: a exclusão do texto coeso e coerente, que

acaba impossibilitando o acesso desse aluno a outras esferas socioculturais, financeiras, e mesmo acadêmicas. Além disso, estes achados podem instrumentalizar trabalhos que delimitem como tema de investigação as retomadas a partir de lexicalização como ferramenta de coesão; ou trabalhos que proponham propostas didáticas com este enfoque. Pode, ainda, viabilizar materialidade didático-metodológica para os professores de língua(gens), o que possibilitará aos alunos aqui retratados a inserção real nas diversas formas de intervir e participar do mundo.

55. ESTRATÉGIAS DE LINGUAGEM NA DOENÇA DE ALZHEIMER

Kátia Fernandes Bernardo (UESB/CAPES)

Tamiles Paiva Novaes (UESB)

Nirvana Ferraz Santos Sampaio (UESB)

O Interesse deste trabalho é a linguagem no contexto patológico. No entanto, embora o contexto patológico pressuponha déficits, o foco deste trabalho não recai sobre eles, mesmo que aqui sejam apontados e analisados, com a intenção de que se compreenda as estratégias utilizadas pelo sujeito demenciado, dentro de suas (im)possibilidades linguísticas, quando lhe “fogem as palavras”. Tendo em mente o dado a ser apresentado nos ancoramos em Freud (1916, p. 46) para perguntar: o que está em funcionamento quando a palavra “mãe” é usada para designar alguém que está mais próximo, como o cuidador e por que ocorre dessa forma e não de outra. Dentre as muitas possibilidades de palavras ou fonemas para a substituição por que surgiu esta determinada palavra? Como base de análise da linguagem de um sujeito com Alzheimer assume-se o arcabouço teórico-metodológico da Neurolinguística Discursiva (ND), cuja noção de linguagem é a mesma pautada por Franchi (1992) que a concebe como um lugar de interação humana, de que o sentido é apreendido a partir do contexto social, histórico e ideológico, sendo característica principal dessa noção de linguagem, o diálogo. A concepção de palavra hora evocada é a enfatizada por Luria (1986) que está alinhada com a perspectiva discursiva da linguagem, a partir da qual se faz a análise neste trabalho, noção que entende o léxico como um objeto linguístico afetado pelo discurso, isto é, “pelos processos históricos de significação.” (NUNES, 2006, p. 152 *apud* NOVAES-PINTO, 2009, p. 277). Segundo Coudry (2001), a atividade de nomear envolve processos muito mais complexos do que uma associação mecânica que se dispusesse de dois conjuntos estruturados e prontos de símbolos e conceitos. Freud (1916) também considera que acontece uma perturbação que dá origem a um lapso, que seria o resultado de influências exteriores à cadeia da fala que está sendo emitida. Para ele, esses lapsos, denominados atos falhos, exibem também como o sujeito desejaria ou esperaria que o mundo fosse. Os dados apresentados foram produzidos em sessões individuais no Laboratório de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística e no Centro de Convivência e Intervenção em Neurolinguística (LAPEN/ CECIN/ UESB). BA é uma senhora de 73 anos que reside na cidade de Vitória da Conquista (BA) com sua filha, netos e genro, tem

diagnostico de Demência de Alzheimer e Afasia Progressiva Primária, feitos através de métodos distintos e em momentos diversos. A análise dos dados confirma que o sujeito está colocando a língua em funcionamento, ou seja, está “manobrando” a língua, “mesmo que ele não saiba que está manobrando e mesmo que sua manobra não produza o efeito por ele eventualmente intencionado” (POSSENTI, 2009, p. 103). Ao tentar evocar o nome da filha e não conseguir, BA sempre o substitui pela palavra “mãe”. Em nosso contexto social, “mãe” não é uma palavra qualquer, mas um título, um “lugar” de proteção, cuidado e afeição. BA utiliza várias estratégias em sua dificuldade, mas sempre se refere a filha como “mãe”. Para responder a pergunta “porque esse nome e não outro?” Consideramos que os papéis se inverteram, o que condiz com a atual condição de vida de BA. Desse modo, ao analisar as dificuldades de BA em acessar palavras e na produção de atos-falhos, vê-se revelar sua “capacidade de reorganização, o trabalho linguístico e cognitivo, além dos fatores psíquicos que atuam simultaneamente durante o funcionamento linguístico/cognitivo” (PINTO e BEILKE, 2008 p. 100)

56. PERFORMANCES DISCURSIVAS E PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO E LIDERANÇA DE UMA EXECUTIVA

Adriana Faria de Alcântara Dias (Colégio Imaculada Conceição/UNIFRAN).

Criatividade, inovação e comprometimento ocupam um espaço significativo no mercado de trabalho. Com as novas demandas empresariais e trabalhistas, carreiras vão surgindo com a finalidade de atender às necessidades de uma sociedade que busca se inovar, com qualidade e em um curto espaço de tempo. Nesse contexto, cresce o número de mulheres que participam ativamente no mercado de trabalho e que têm atuado com êxito nos cargos de liderança em algumas empresas. Essas mulheres que exercem múltiplas funções (dona de casa, mãe, educadora e esposa) parecem motivadas a buscar algo mais e reinventar-se. Assim, por razões diversas elas partem para conquistar um espaço novo e mostram que também são capazes de atuar, contribuir com a sociedade, por meio de suas habilidades e competências. O cotidiano não é fácil para mulheres que também ocupam cargos de executiva; elas também enfrentam preconceito e a discriminação em um campo de trabalho com predominância masculina. Para provarem que estão aptas a tais cargos, elas precisam mostrar com determinação seus objetivos, suas metas e seus projetos. As mulheres executivas podem contribuir para a compreensão de como as questões de gênero podem ser compreendidas no mundo empresarial, além de quebrarem paradigmas e desconstruírem discursos que as inferiorizam e as colocam em lugares determinados. Considerando que a Modernidade privilegiou alguns corpos em detrimento de outros (SANTOS, 2004), este estudo traz para o centro as mulheres, especificamente, aquelas que ocupam lugares de poder na sociedade, ou seja, as mulheres executivas. Sendo assim, esta pesquisa tem como objetivo analisar as performances identitárias de gênero e de liderança de uma executiva, do estado de São

Paulo. Além disto, a identificar as ações de performatividade observadas nas performances discursivas da executiva em questão. Para tal, o desenvolvimento desta investigação se embasa na perspectiva de gênero e de performatividade propostas por Butler (2003 e 2004), na concepção de linguagem como atos de fala performativos (AUSTIN, 1962; DERRIDA, 1972). Para AUSTIN (1990), os atos de fala são performativos, ou seja, ao proferir um enunciado, algo é realizado. Já Derrida em uma leitura de tais atos sugere que eles são sedimentados pela iterabilidade, ou seja, pela repetição e indica que não há condições específicas para que tais atos de fala performativos sejam enunciados, pois, para o estudioso, todos os atos de fala são performativos. Compreende-se aqui que os atos de fala performativos são repetidos na sociedade de diversas formas, ou seja, pela iterabilidade eles ganham a ideia de substância. Quanto à metodologia de pesquisa, este trabalho se caracteriza como de cunho etnográfico e os instrumentos etnográficos serão tanto vídeos na internet como entrevistas da executiva em revistas de negócio. Para a análise das performances discursivas e performatividade de gênero e de liderança, embasaremos-nos nas pistas indexicais, propostas por Wortham (2001).

57. A PERSPECTIVA DIALÓGICA COMO PROPOSTA PARA O ENSINO DO GÊNERO TEXTUAL ABSTRACT

Cintia Paula Santos da Silva (UFGD/FUNDECT)

Inúmeras práticas de produção textual evidenciam-se no meio acadêmico. A leitura e a produção de textos na universidade são atividades que se constituem como um dos grandes desafios nesse contexto. O letramento acadêmico é uma temática para a qual a universidade deve voltar sua atenção, com o objetivo de promover e desenvolver as habilidades de leitura e escrita dos alunos. A realidade hoje é que grande parte das produções acadêmicas, artigos em revistas especializadas, ou periódicos exigem que o aluno saiba expressar, oral ou verbalmente, o conhecimento que produz nesse meio. O resumo acadêmico em língua inglesa é um gênero presente neste contexto. Apesar de caracterizar-se como um texto não muito longo. O seu objetivo principal é o de apresentar uma visão panorâmica do trabalho a ser lido ou apresentado. É uma produção que exige do aluno determinadas habilidades para que seu texto seja de qualidade, como a capacidade de sumarização, por exemplo, e o conhecimento da língua estrangeira. No contexto acadêmico, diversas práticas de letramento em língua inglesa evidenciam-se como necessárias. O estudante universitário, por exemplo, tem contato constante com textos e informações em língua inglesa, de forma que ele precisa ser letrado nessa língua para executar determinadas tarefas exigidas nesse meio. Assim, adotaremos neste trabalho, o processo de letramento como prática social. O presente trabalho discorrerá sobre concepções de resumo acadêmico (*abstracts*) propostas por diferentes autores, e apresentará uma proposta de produção desse tipo de texto utilizando-se uma metodologia específica. O trabalho será realizado no Centro de Línguas da Universidade Federal da Grande

Dourados, que se configura como um Projeto de Extensão da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura, que oferece à comunidade cursos de Línguas Estrangeiras Modernas, objetivando o desenvolvimento da competência linguístico-discursiva e da performance na língua alvo. No curso de inglês instrumental ofertado pelo Centro de línguas, junto ao desenvolvimento da habilidade da leitura, trabalhamos o aspecto da produção textual, voltado para a escrita de *abstracts*, tendo em vista que o público alvo do curso, em sua grande maioria, é constituído por acadêmicos. Discutiremos acerca de aspectos do gênero em questão, sob a perspectiva bakhtiniana, e da discursividade do texto. A abordagem teórica sustentar-se-á numa perspectiva dialógica para o ensino dos gêneros textuais, a partir de uma visão discursiva a respeito do ensino de produção textual escrita. Em que esta se constitui como uma construção dialógica entre o leitor e o texto. A proposta para análise das produções textuais será fundamentada na perspectiva interpretativista proposta com base no paradigma indiciário de Guinzburg (2003). Adotaremos como critério de análise das produções escritas as características do gênero *abstract* e as quatro qualidades discursivas propostas por Guedes (1994), necessárias para a construção de um texto: unidade temática, questionamento, objetividade e concretude. Estas qualidades são um conjunto de características que constituem um texto e serão utilizadas como ferramenta de correção textual. Esperamos com este trabalho contribuir com uma proposta para a produção eficaz de textos do gênero *abstract*. Os sujeitos poderão utilizar esse conhecimento para a submissão de trabalhos em eventos científicos, assim como para dar continuidade à sua formação em cursos de pós-graduação.

58. A INTER-RELAÇÃO ENTRE REFERENCIALIDADE E CONSTITUIÇÃO INTERNA DO SNTÓPICO NA TRAJETÓRIA DASTOPICALIZAÇÕES NO PORTUGUÊS EUROPEU

Mariana Delesderrier da Silva (UFRJ/FAPERJ)

O presente trabalho analisa as construções de topicalização, uma das estratégias de construção de tópico marcado, no Português Europeu no decorrer dos séculos XIX e XX, descrevendo a constituição interna do SN tópico, assim como sua referencialidade por meio da combinação dos traços animacidade e especificidade. As construções de tópico caracterizam-se por apresentar na periferia esquerda da sentença um sintagma sobre o qual é feita uma proposição por meio de um comentário. Diante disso, destacam-se as construções de topicalização, que de acordo com Raposo *et alii* (2013), são aquelas em que o tópico correspondente não apresenta uma retomada, pronominal ou de outra natureza, no interior do comentário, estabelecendo-se, dessa forma, por meio de uma categoria vazia, tal como mostra o exemplo: (1) [Dinheiro]_i não lhe dou []_i (*Mater dolorosa*, Júlio Dantas, 1908). O aporte teórico-metodológico utilizado reúne o modelo de estudo da mudança proposto por Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]), focalizando, de forma particular, a questão do encaixamento, e a Teoria de Princípios e Parâmetros, proposto por Chomsky (1981). O *corpus* é constituído por 73 peças teatrais escritas

por diferentes autores e distribuídas entre os séculos XIX e XX. Os dados são submetidos à análise estatística, conforme metodologia adotada pela Sociolinguística Variacionista (LABOV, 1972, 1994). Resultados preliminares com dados do século XX mostraram que, quanto à animacidade, o SN tópico é preferencialmente [- animado], como mostra o exemplo (2) [O ordenado]_i, não faço questão [□]_i; (*A menina feia*, Manuel Francisco Pressler, 1954). Já quanto à especificidade, há preferência por SN [+ específico], tal como em (3) [Rosália]_i, há instantes que [□]_i, contém as lágrimas, e chora agora surdamente eu? (*A cilada*, Pedroso Rodrigues, 1914), havendo, porém, a possibilidade de o tópico ser [- específico], seja o referente [-animado] ou [+ animado], como ocorre em (4) [Frutas]_i, então só vos digo que [□]_i, eram do melhor que tenho provado. (*Viagem a Damasco*, Norberto Ávila, 1980). No que diz respeito à constituição interna do SN, verifica-se uma mudança de comportamento: na primeira metade do século XX, observa-se a preferência pela margem não preenchida e pelo preenchimento à esquerda, mostrados, respectivamente, em (5) [Lopes]_i, há só um [□]_i, vizinha! (*A festa da atriz*, Jorge Santos, 1903) e (6) [Esta praga]_i, lhe rogo [□]_i, eu, Matilde de Melo... (*Felizmente há luar*, Luís de Sttau Monteiro, 1961). Já na segunda metade, há maior frequência de margem preenchida à esquerda e preenchida à esquerda e a direita, como em (7) [A marcha de guerra]_i, já mal se apercebe [□]_i; (*O triunfo*, Carrasco Guerra, 1908). O cruzamento dos fatores constituição interna e referencialidade do sintagma tópico mostra que, na primeira metade do século XX, há um equilíbrio entre a frequência de sintagmas nominais com margem preenchida e sem margem preenchida. Já na segunda metade, nota-se o aumento da frequência de SNs [+ específicos], o que favorece o aumento da frequência de SNs com margem preenchida e, conseqüentemente, a diminuição das construções de topicalização em que o tópico é um nome nu, isto é, sem margem preenchida. Com isso, defende-se a tese de que, nas construções de topicalização, no Português Europeu, o traço especificidade determina a constituição interna do sintagma tópico, independentemente do traço animacidade. Além disso, o PE não revela restrições de natureza sintática e semântica para as construções aqui focalizadas.

59. CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS EM MANCHETES DE JORNAL: ESTRATÉGIAS DE ARGUMENTAÇÃO E INTENCIONALIDADE

Ana Lúcia Esteves dos Santos (UFMG/PUC Minas)

Eliara Santana Ferreira (PUC Minas)

O objeto de pesquisa é a constituição discursiva das manchetes de jornal. Seus objetivos são: 1) Analisar como se constituem discursivamente as manchetes de jornal construídas a partir de segmentos informativos relacionados por meio da conjunção “mas”; 2) Discutir estratégias de intencionalidade presentes nesses processos discursivos; 3) Abordar de que maneira tais estratégias são utilizadas na construção de sentido. A pesquisa é embasada pelas perspectivas teóricas que enfocam intencionalidade, polissemia, linguagem e discurso e comunicação,

com foco principal nas análises desenvolvidas por autores como Searle, Ducrot, Charaudeau, Marcuschii e Mari. Também se estabelece um diálogo com a teoria da comunicação na perspectiva de se focar a estrutura de poder dos meios de comunicação de massa. Reconhecemos que propor uma abordagem que considere a intencionalidade em práticas discursivas é uma tarefa que se reveste de especial dificuldade, dado que as marcas da intencionalidade no código e nas construções de natureza discursiva são de caráter instável e fugidivo. Por outro lado, observamos que a intencionalidade, compreendida como direcionamento para a produção de sentido e a interpretação, é um fator relevante que se manifesta nas práticas sociais de linguagem. Nesse sentido, para efeito de análise, consideramos a perspectiva de trabalhos relativos aos conectores contra-argumentativos, entre os quais se encontra a conjunção “mas”, que introduzem um argumento dito “forte”. Tais abordagens coincidem em destacar, como elemento central para a análise, o fato de o leitor/interpretante ter que reconsiderar a informação localizada no segmento anterior ao introduzido pelo conector, uma vez que este apresenta informações que se desviam da linha argumentativa previamente estabelecida. Nesse sentido, a inserção do conector “mas” assinalaria ao leitor/interpretante a existência de um “problema”, de um “inconveniente”, um contra-argumento que, em suma, impediria ou, pelo menos, dificultaria que se chegasse à conclusão previamente esboçada no enunciado, apontando para a “vitória” na “batalha dialética” empreendida entre os segmentos informativos. Assim, a pesquisa proposta trabalha com uma dimensão da intencionalidade comprometida com a produção de sentido que se configura e se manifesta discursivamente na linguagem e faz referência essencial a um sujeito interpretante. Para buscar um conhecimento mais efetivo sobre o funcionamento da intencionalidade na linguagem, parece-nos fundamental considerar que na relação enunciado/enunciação ela opera sempre em um cenário de convencionalidade atualizado em uma contextualização, ou seja, materializando uma relação entre sujeito e objeto(s) significado(s). Nossa proposta de análise considerou o processo de construção de manchetes veiculadas em jornais da chamada grande imprensa. Para essa observação, selecionamos o jornal Folha de São Paulo, no qual se observa uma utilização significativa do conector “mas”, chegando-se à criação de um padrão, sobretudo no que se refere às manchetes relativas à área econômica. Como objeto de nossa análise, portanto, consideramos as configurações discursivas presentes em manchetes do jornal *Folha de São Paulo* (manchetes localizadas no primeiro caderno - a capa do jornal - e no caderno Mercado), no período de janeiro a julho de 2014. Para o desenvolvimento da pesquisa, buscamos fundamentação em dois conceitos fundadores dentro do marco analítico da enunciação e dos processos discursivos, orientado para as práticas sociais de leitura, a saber: argumentação e intencionalidade. Isso implica, em nossa perspectiva, trabalhar com os procedimentos discursivos que se valem da intencionalidade e, paralelamente, examinar os efeitos de sentido decorrentes desse processo.

60. LER, ESCREVER, ORALIZAR: JUNTANDO AS PEÇAS DO “QUEBRA CABEÇA” LINGUAGEM

Lucélia Teixeira Santos Santana (UESB)

Daniela Pereira de Almeida Ruas (UESB/CNPq)

Nirvana Ferraz Santos Sampaio (UESB)

O homem é um ser de relações e para isto utiliza a linguagem que pode ser externalizada de várias formas, como, por exemplo, por meio da oralidade, escrita, gestos, desenhos, expressões faciais e outras combinações que ganham significado ao serem compreendidas dentro do sistema da língua a que se refere. A linguagem faz parte da construção da história do homem em sociedade, desse modo, ao estar parcialmente impossibilitado de se expressar, por meio da fala o homem age a partir da faculdade da linguagem para encontrar caminhos e se manter nas interações. Neste trabalho, enfocaremos a afasia, uma seqüela que afeta a linguagem de sujeitos acometidos por Acidente vascular cerebral, tumores e traumatismos crânio encefálicos. O objetivo deste trabalho é evidenciar a importância da leitura e da escrita na (re) organização da linguagem de pessoas afásicas. A base teórica que nos norteia é a Neurolinguística Discursiva (ND), postulada por COUDRY (1986, 1988, 2006, 2008, 2010), na qual se atenta para o sujeito e, principalmente, para suas estratégias ao estar em um contexto adverso. A partir de situações interativas e contextualizadas, afásicos e não afásicos trabalham com a linguagem trilhando novos caminhos para colocar a linguagem em funcionamento. Ao acompanhar um sujeito afásico com problemas maiores na oralidade, buscamos observar o uso do ler e escrever como saída para auxiliá-lo em suas dificuldades. Concluímos que o sujeito, quando lê ou escreve, dá pistas e cria caminhos para ser compreendido linguisticamente. Para desenvolver o estudo de caso da linguagem do sujeito OJ, nos valem do acompanhamento longitudinal. Estamos acompanhando esse sujeito afásico há três anos e nos encontramos uma vez por semana, os encontros são alternados em encontros individuais e em grupo e são realizados na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, especificamente no Laboratório de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística (LAPEN), onde funciona o Espaço de convivência entre afásicos e não afásicos (ECO), nos encontros realizamos várias atividades que possam interessar aos sujeitos, como por exemplo, músicas, vídeos, jogos de tabuleiro, dinâmicas em grupo, comemorações de datas importantes, conversas sobre reportagens ou temas comuns que estejam contextualizados com a realidade de cada um. Os encontros são gravados em aparelhos de áudio e às vezes filmados. Posteriormente, esses áudios são transcritos, seguindo o modelo do banco de dados da UNICAMP, com algumas alterações. O material é utilizado para a coleta dos dados, que, unidos às teorias, possibilitam olhar para o funcionamento da linguagem do sujeito afásico focando em suas condições de produção e não em suas dificuldades. As análises são realizadas de forma qualitativa. Levamos em conta, principalmente, as individualidades do sujeito em suas ações sobre a oralidade comprometida pela patologia, que pode se manifestar de formas variadas.

Ao considerarmos que as pessoas com afasia encontram-se parcialmente impossibilitadas de compreender ou expressar as palavras, podemos perceber que, quando estas são colocadas em situações espontâneas, esses sujeitos agem sobre a linguagem e conseguem de alguma forma, como se montassem um “quebra cabeças” (re) organizar sua linguagem a partir da lacuna existente, se fazer compreender como sujeito discursivo, se colocando no mundo novamente com a linguagem.

61. ENSINO DE ESCRITA E RETEXTUALIZAÇÃO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Viviane de Araujo Nascimento (UFRRJ/Profletras/CAPES)

Welton da Silva Cordeiro (UFRRJ/Profletras/CAPES)

A presente proposta está vinculada a um estudo inserido na linha de pesquisa Leitura e Produção Textual: Diversidade Social e Prática Docente do Mestrado Profissional em Língua Portuguesa (PROFLETRAS) e visa propor uma sequência didática, de acordo com Schneuwly e Dolz (2004), voltada para o desenvolvimento da escrita, através do processo de retextualização, na transformação da produção oral para o texto escrito. Os agentes desta pesquisa serão os alunos do 8º ano do Ensino Fundamental da Educação de Jovens e Adultos de uma escola pública estadual, localizada no município de Nova Iguaçu, pertencente ao estado do Rio de Janeiro. A sequência didática analisada, nesta pesquisa, a exemplo do modelo apresentado pelos autores Schneuwly e Dolz, segue as seguintes etapas: apresentação da situação, produção inicial, atividades e produção final. A produção inicial será o *depoimento oral*, cujo tema é: “Problemas do meu bairro”, que passará por etapas de ajustes e reescrituras (A pesquisa utilizará dados variados como gravação de áudio/ vídeo, debates com os participantes, questionário para averiguar os temas preferidos da turma para o desenvolvimento das produções e o recolhimento das produções escritas dos alunos para intervenções durante as etapas da pesquisa. As produções escritas vão do depoimento redigido até chegar à produção final, a carta do leitor. A coleta dos dados servirá, neste trabalho, para a verificação das contribuições do ensino da escrita através do processo de retextualização. O recolhimento desse material dar-se-á a partir da apresentação inicial em que os alunos farão uma explanação oral utilizando o gênero depoimento. A escolha dos gêneros para as atividades definiu-se a partir da orientação dada pelos PCN que contemplam o ensino desses gêneros: depoimento e carta do leitor.) com intervenções do professor até chegar à produção final no gênero *carta do leitor*. Esse texto final será publicado em jornal local para que os alunos compreendam o papel da escrita como função social. O desenvolvimento desta proposta didática é extremamente relevante tendo em vista a grande deficiência em habilidades de escrita apresentada pelos discentes da Educação de Jovens e Adultos. Pretende-se verificar se a proposta de ensino, partindo da modalidade oral para a produção escrita, promoverá o desenvolvimento da competência escritora de jovens e adultos. Dada a relevância

de que o ensino de Língua Portuguesa está abarcado numa metodologia que tenha como enfoque central o trabalho com gêneros textuais, como propõem os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), buscar-se-ão subsídios em estudos de autores como Bakhtin (1992), Marcushi (2001;2008), Dell'isola (2008), Schnewwly e Dolz (2004), Koch e Elias (2014), dentre outros, que abordam o tema. Como aporte metodológico, tem-se a abordagem qualitativa e como tipo de pesquisa a pesquisa-ação, uma linha de investigação que nos leva a examinar as relações sociais e obter transformações em atitudes e comportamentos dos sujeitos. Portanto, este estudo será pautado num processo de pesquisa com base em uma proposta de intervenção, recolhimento de dados de modo sistemático, apreciação fundamentada na literatura pertinente, aplicação da proposta de intervenção e descrição dos resultados.

62. A FUNCIONALIDADE DA LINGUISTICA DE CORPUS NO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: OPORTUNIDADES E DESAFIOS

Lucas Rezende Almeida (PUC-Rio/CAPES)

Maria Cláudia de Freitas (PUC-Rio)

Este trabalho pretende demonstrar de que forma a linguística de Corpus pode ser útil para o ensino de línguas, com enfoque no ensino de português para estrangeiro. Para isso, primeiramente apresentaram-se o percurso e a definição da Linguística de Corpus baseado em Sinclair (2005). Em seguida, estabeleceu-se a relação de corpus com o ensino de língua, motivado inicialmente pelo interesse na aprendizagem da língua inglesa e agora sendo utilizado no ensino de português. Discussões teóricas foram estabelecidas quanto às vantagens e desvantagens da utilização de corpus e dos métodos de aprendizagem adequados para utilizá-los. Após, apresentaram-se as pesquisas que vem sendo feitas nas academias brasileiras que relacionam o ensino de português como segunda língua e a linguística com corpus. Por fim, mostrou-se, por meio das ferramentas disponíveis na Linguateca, a possibilidade da preparação de material didático para estrangeiros baseado em corpus. Escolheu-se o tema “construções lexicais” justamente pela dificuldade de encontrá-lo nas gramáticas de português como L2 e da importância desse tópico linguístico no ensino de PLE. Neste tópico linguístico, foram colecionados do corpus “todos juntos”, “Museu da Pessoa” e “C-Oral”, construções do tipo V + N a fim de detectar quais dessas estruturas poderiam ser consideradas como expressivas da idiomaticidade brasileira (SARDINHA, 2007). Selecionaram-se as mais recorrentes e a partir de uma tabela referencial, comparando os três *corpora*, foram estabelecidas aquelas que representavam o discurso escrito e as que representavam o discurso oral. A partir de então, na investigação prática, por meio da ferramenta de processamento conhecida como Ensinador (SIMÕES & SANTOS, 2011), criou-se três exercícios com as linhas de concordância que possuíam as expressões linguísticas selecionadas. Concluíram-se, por meio da descrição da preparação do conteúdo didático, as vantagens e as dificuldades na aplicação de corpus no ensino de

língua estrangeira. A utilização da forma de acesso a corpus e a atenção do professor para os resultados coletados, como também, para as concordâncias selecionadas na preparação de exercícios aparecem como os principais problemas. A neutralidade da intuição do falante frente aos dados quantitativos obtidos pelo corpus nos permite acreditar em uma fidelidade maior com a realidade linguística, destituindo-a dos nossos juízos de valores como nativos. Essa sim, sem sombra de dúvida, é a maior qualidade da utilização de corpus. O ensino de português como segunda língua tem crescido em todo o mundo e é dever dos professores assumir a responsabilidade sobre o que é apresentado como pertencente ao nosso país. O cuidado com a seleção de dados ocorre por meio da prática educativa e pela leitura das referências que constroem abordagens e métodos de ensino. Esse trabalho é uma proposta de mediar a relação tríade entre aluno, língua e professor, apresentando ferramentas que estão a disposição para agir em no processo linguístico-cultural desse aprendiz estrangeiro.

63. O LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS E O EXAME DE PROFICIÊNCIA CELPE-BRAS: UMA PROPOSTA DE ADAPTAÇÃO DE ATIVIDADES

Ana Cecília Trindade Rebelo (UERJ)

A língua portuguesa, e particularmente a falada no Brasil, figura no cenário global atual como um bem no qual investimentos se mostram válidos e lucrativos, atraindo um número crescente de estrangeiros interessados em seu aprendizado, devido à expressiva participação brasileira no contexto político-econômico mundial. Empresas e indivíduos migram para o país, e o domínio da língua é ferramenta necessária para auxiliar a realização dos propósitos que essas pessoas têm em mente ao deixarem seus locais de origem, seja em relação ao mercado de trabalho ou ao mundo acadêmico. A importância do português como instrumento de realização pessoal e de afirmação da importância mercantil da nação pode ser percebida pela análise das políticas linguísticas implantadas pelo governo brasileiro nas últimas duas décadas. Uma delas foi a instituição, através da Portaria nº 1787, de 26 de dezembro de 1994, do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras), exame este sob a responsabilidade do Ministério da Educação (MEC) e aplicado tanto no território brasileiro quanto em outros países, com a colaboração do Ministério das Relações Exteriores (MRE). O exame visa certificar a proficiência de falantes de outras línguas em quatro níveis: intermediário, intermediário superior, avançado e avançado superior, de modo a comprovar a competência linguística em instituições de ensino e empresas no exterior, e como critério de seleção para ingresso no ensino superior e validação de diplomas no país. Para tal fim, avaliam as quatro habilidades (compreensão oral, produção oral, compreensão escrita e produção escrita) de forma integrada, seguindo pressupostos teóricos de base comunicativa: a realização satisfatória de tarefas que refletem o uso da língua no cotidiano, ao invés de uma avaliação puramente estrutural da forma da mesma. Considerando as necessidades do aluno

falante de outras línguas que visa obter tal certificação, faz-se necessário voltar o olhar para como o livro didático pode ser um instrumento que auxilie o aluno a atingir seus objetivos de forma satisfatória, ainda que o material em si não siga a mesma linha teórica do exame. Nesse caso, cabe ao professor realizar as adaptações necessárias para adequar o material à finalidade proposta, não sendo necessário assim descartar o livro como um todo. A partir dessa visão, o presente trabalho se propõe a apresentar uma adaptação das atividades presentes na unidade 1 do livro Português Dinâmico – Curso de português para hispano-falantes, Nível Inicial 1, de Santinha André e María Marta Santa María, publicado na Argentina em 2008, tendo como base teórica uma visão sociointeracionista de linguagem como sendo uma prática social, de acordo com a teoria de Bakhtin, e uma visão também interacionista de ensino/aprendizagem, conforme a teoria de Vygotsky. A adaptação da unidade, de forma que se adeque ao exame Celpe-Brás, visa a servir de exemplo para professores que se encontrem na posição de preparar seus alunos para o exame, mas que porventura não disponham de material específico e diversificado para esse fim, possam se basear e assim desenvolver suas próprias adaptações, lembrando que o livro didático não deveria ser encarado como um material pronto e fechado em si mesmo, única fonte para o aprendizado, mas como suporte à atividade do professor.

64. ALTERAÇÕES PROSÓDICAS NA FALA DISÁRTICA

Daniela Pereira de Almeida Ruas (UESB/CAPES)

Lucélia Teixeira Santos Santana (UESB/FAPESB)

Nirvana Ferraz Santos Sampaio (UESB)

Neste trabalho, temos como objetivos descrever e analisar o funcionamento da linguagem oral na Disartria, uma patologia de linguagem, com enfoque nas alterações prosódicas da fala disártrica. Para isso, buscamos olhar para a linguagem como algo em construção, uma atividade que está a todo o momento em transformação por aqueles que a utilizam como meio de interação, e, principalmente, como instrumento de readaptação ao mundo do qual fazemos parte. Com isso, observamos um tema importante para a compressão de fenômenos que ocorrem no funcionamento da linguagem disártrica, as alterações prosódicas na fala de um sujeito, além de temas chave dentro da Neurolinguística Discursiva (ND). Para o trabalho que desenvolvemos utilizamos como metodologia os pressupostos metodológicos da ND. Acompanhamos longitudinalmente, em sessões individuais e em grupo, de uma hora semanal, no decorrer de 2013 e 2014, um sujeito disártrico. O sujeito em questão, RA, foi vítima de um acidente automobilístico aos 28 anos de idade, permanecendo em coma por 27 dias, devido a um traumatismo craniano, apresentando, como isso, a disartria como sequela. No que diz respeito aos estudos neurolinguísticos, a ND é um campo recente na Linguística e os seus estudos foram iniciados por Maria Irma Handler Coudry (1986/1988). Esse campo da linguística se interessa em estudar a relação linguagem-cérebro, tendo como objetivo analisar o funcionamento da

linguagem de sujeitos que apresentam patologias de linguagem. A ND possibilita ao sujeito colocar sua linguagem em funcionamento da melhor forma possível, fazendo ser compreendido por qualquer que seja a sua forma de expressar. Com isso, o sujeito com patologias de linguagem não deixa de assumir o seu papel de sujeito da linguagem, buscando uma forma própria, em meio a suas dificuldades, de se estabelecer como interlocutor. A disartria é uma das patologias de linguagem estudada pela ND. Uma seqüela que é caracterizada como uma alteração da fala ocasionada por um comprometimento no sistema nervoso central e/ou periférico, decorrente de um distúrbio neuromuscular. No que diz respeito à linguagem em funcionamento na disartria, verifica-se alterações nos aspectos linguísticos e modificações na articulação da fala, na respiração, na fonação e na ressonância. Observamos uma desorganização da prosódia, e mais especificamente à organização do ritmo da fala. Para uma melhor compreensão sobre esse aspecto da linguagem, precisamos observar e compreender os estudos da linguagem que abordam o ritmo como fundamental na organização da língua como um todo. Nesse sentido, Rodrigues (1989) diz que “acelerar o ritmo da fala equivaleria a aumentar a rotação de um disco, o que diminuiria uniformemente todos os segmentos fonéticos produzidos” (RODRIGUES, 1989, p. 26). RA, devido ao ritmo acelerado, produz um número excessivo de pausas, causando, assim, dificuldades para o interlocutor na compreensão de algumas palavras. Ocorre também uma economia linguística, quando suprime alguns segmentos dentro das palavras, e até mesmo palavras pequenas como artigos e conjunções. No entanto, podemos concluir que apesar de seus limites na fala, RA apresenta autonomia enunciativa, o que significa dizer que os níveis sintático, semântico e pragmático foram afetados na execução, visto que a sua compreensão auditiva e habilidade leitora foram preservadas.

65. A SELEÇÃO LEXICOGRAMATICAL EM MANCHETES E LEADS NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES

Fátima Marinho Fabrício Monteiro (PUC-Rio)

O objetivo desta comunicação é apresentar uma proposta de leitura crítica dos diversos gêneros textuais que circulam na mídia impressa. Por meio da análise de uma escolha lexicogramatical, em manchetes e *leads* do Jornal O Globo, publicado no dia seguinte à revelação do nome do atual pontífice de Roma, apontamos possíveis construções de identidade do Papa Francisco. A relevância do gênero textual deve-se ao fato de sermos constantemente confrontados a uma grande variedade de textos midiáticos tão efêmeros e invasores que, nem sempre, percebemos a multiplicidade de sentidos que eles carregam. A escolha do material se deu por se tratar de um fato histórico de importância mundial, mesmo para as pessoas que não são católicas, uma vez que a Igreja Católica Apostólica Romana é detentora de um papel político-social muito forte. Outro motivo foi a riqueza de informações que o texto, embora curto e aparentemente ingênuo, oferece. Esta pesquisa se fundamenta nos pressupostos teóricos da

Linguística Sistemico-Funcional (HALLIDAY & MATTHIESSEN, 2004) e na Semiótica Linguística de extração peirceana, com enfoque na Iconicidade Verbal (Simões, 2009). Na interface dessas duas teorias, foi-nos possível trabalhar a língua em funcionamento, como discurso, sob o viés interativo. Apoiamo-nos também em autores como José Carlos de Azeredo, Maria Helena Moura Neves, entre outros. Analisamos as relações icônicas entre o tema – manifestações sobre a eleição do papa – e as seleções lexicogramaticais feitas pelo enunciador, observando também a diagramação do material linguístico na superfície textual. As isotopias presentes no texto delimitaram subtemas possíveis dentro de determinados campos semânticos, contribuindo para a pluralidade de significados. Assim, os dados nos revelaram duas identidades, uma ligada à vida religiosa do Arcebispo de Buenos Aires e outra relacionada ao envolvimento político do Padre Jorge Bergoglio com a ditadura de seu país, em um passado controverso. Na isotopia religiosa, o papa eleito assume uma identidade franciscana de humildade e pobreza. Por outro lado, na isotopia política, ele assume uma identidade de pessoa ligada ao regime ditatorial militar, envolvido em prisões de argentinos que procuraram abrigo em sua igreja em Buenos Aires, e em sequestros de bebês. Essa prática, que considera os elementos linguísticos, a pragmática, a semântica e o contexto, pode levar o aluno a uma leitura mais crítica e a uma escrita proficiente. Acreditamos que reflexões linguísticas, em sala de aula, que tratem as questões gramaticais, encontradas nos diversos gêneros, como sustentação do texto, com o qual podemos dialogar e, nele, enxergar toda a profusão de sentidos e ideologias, propiciam ao aluno instrumentos para que possa ter, no dia a dia, uma postura ativa e crítica como cidadão.

66. O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA ESP DENTRO DO PROJETO PIBID-FEUC

Renata de Souza Gomes (FIC/CAPES)

Daniele Brant de Moraes (FIC/CAPES)

Jaqueline Batista da Silva (FIC/CAPES)

Maria Cristina Diogo Victorino de Azevedo (FIC/CAPES)

Tamires Nunes da Silva (FIC/CAPES)

Vanessa Rodrigues de Souza (FIC/CAPES)

O subprojeto de Língua Inglesa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID / CAPES) das Faculdades Integradas Campo-Grandenses (FIC) objetiva construir e repensar o ensino de Inglês Instrumental. Partindo de um estudo de caso em um curso de formação de professores no Ensino Médio, mais especificamente no Instituto de Educação Sarah Kubitschek, o grupo almeja a elaboração de material didático com fins específicos. Tal elaboração de material didático advém das reflexões das leituras críticas realizada pelo grupo de pesquisa fundamentado em Dudley Evans and St. John (1998), Lightbown (2000) e Grellet (1981) e Jordão (2011). As principais temáticas abordadas são o papel da tecnologia no contexto educacional

pós-moderno; as decorrentes mudanças sobre os diferentes modos de leitura (de texto linear para textos multilineares ou não lineares); a necessidade do uso de textos multimodais (MONTMOR, 2008) no processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira dentro do escopo de uma perspectiva do letramento crítico. Ao envolver os alunos em um processo de letramento crítico, o docente os leva a ler e a refletir sobre as práticas discursivas que os cercam e os constroem dentro de um mundo fragmentado onde as transformações e as informações são aceleradas e incessantes. Partindo do pressuposto de que o projeto é desenvolvido para alunos que são professores da educação básica em formação, tal proposta vem ao encontro de uma educação reflexiva e multicultural, uma vez que esses futuros professores serão multiplicadores das práticas de letramentos críticos. Correlato aos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) cujas premissas se baseiam na abordagem sociointeracional de Vygostky, a presente pesquisa procura seguir tal perspectiva a fim de elaborar um material didático adequado ao tempo-espaço cultural que o aluno está inserido. Como metodologia, adotou-se a observação, análise e ações de interferência na sala de aula. O grupo tem dois encontros semanais no qual os textos teóricos são lidos e discutidos. A partir das discussões, tarefas práticas são propostas pela coordenadora. Os integrantes são responsáveis por elaborar lições a serem aplicadas com os alunos. No encontro seguinte, tais tarefas são apresentadas, discutidas e reajustadas ao público-alvo. Posteriormente, as lições se concretizam na sala de aula real. Essa prática permite novas reflexões e observações para futuras criações de material didático. Os participantes do PIBID também são professores de línguas em formação. Portanto, essa prática de ação indagadora leva os alunos do curso de Letras a se tornarem agentes reflexivos de acordo com a orientação do educador Paulo Freire. Dessa forma, os licenciandos se tornam conscientes e autônomos sobre sua prática bem como produtores de pesquisa, não sendo somente meros consumidores de teorias educacionais e reprodutores de um conhecimento enciclopédico e descontextualizado. Assim, os licenciandos adquirem a sensibilidade de observar, questionar e modificar a sua prática docente de acordo com a realidade de cada sala de aula. Por sua vez, o professor da turma em foco também é contemplado pela continuidade de sua formação já que o docente também é envolvido como ator social desse processo de pesquisa. Em suma, a proposta é apresentar os resultados das reflexões e práticas anteriormente citadas.

67. RESSIGNIFICAÇÃO DISCURSIVA: A SUPREMACIA DA VOZ DE AUTORIDADE EM REDAÇÕES DE VESTIBULAR

Douglas Mendes Ornellas (UERJ/FFP)

Jamilly Moraes Silva (UERJ/FFP)

Redações de vestibular de uma instituição pública do Estado do Rio de Janeiro constituem o material de nossa análise, cujo objetivo orienta-se na busca da compreensão de como a escrita pode “revelar” o conjunto dos múltiplos saberes adquiridos pelos alunos em sua trajetória

escolar, visando também às várias formas de letramento e comunidades de prática em que os mesmos encontram-se inseridos. O aprendizado da leitura e da escrita, associado a outras formas de conhecimento, ou seja, aos diversos letramentos, forma o arcabouço cognitivo/afetivo dos alunos, sendo refletidos em suas produções discursivas. Para nós, a escrita escolar (cultura escrita escolarizada), foco da pesquisa, é importante na medida em que pode revelar, explícita ou implicitamente, traços ou características do letramento escolar, que, no evento vestibular, ficam realçados. O vestibular constituiria um momento e um local prototípicos para manifestações desta cultura escrita escolar, por exemplo: em usos ritualizados e institucionalizados da língua (cf. CORRÊA, 2004); na atenção ao tipo e gênero (recursos argumentativos), na adequação às expectativas do contexto, ou seja, ao destinatário (cf. CORRÊA, 2004); à “situação social mais imediata”, em que a palavra dirige-se a um interlocutor: ela é função da pessoa desse interlocutor (BAKHHTIN, 1988, P.117). Como o candidato lida com esses fatores apropriando-se dos diferentes conhecimentos “adquiridos” e da circulação de diferentes vozes alheias, por meio da linguagem escrita, é questão central deste estudo. Nesse caso, a argumentatividade será considerada em termos propostos por Goulart (2007), em que “enunciar é argumentar” e, em termos específicos, em atenção ao gênero solicitado na prova do vestibular em que podemos observar na escrita dos candidatos a tensão entre a “palavra de autoridade” e a “palavra internamente persuasiva” e evidências de uma tendência monolinguística, em termos argumentativos, em meio a um ambiente permeado por uma pluralidade de vozes (monolinguismo e plurilinguismo). No movimento discursivo dos candidatos, notamos também o que Sobral (2011) declara: todo texto traz em si atos de “promessa e ameaça”, no sentido de que a compreensão/entendimento do que foi enunciado pode ou não ser realizar, por parte do ouvinte. Nas redações de Vestibular ainda podemos colocar a “ameaça e a promessa” sob uma ótica de aceitabilidade (e acertabilidade!) ou não por parte de um leitor institucionalizado, que no caso do evento vestibular seria a banca examinadora. Sendo assim, é no destinatário (interlocutores diretos e imaginados) desta produção argumentativa que o escrevente deposita suas expectativas. A abordagem discursiva fundamentou e orientou a análise especialmente no que diz respeito ao conceito do dialogismo e plurilinguismo social, associado aos estudos do conhecimento escolar (LOPES, 1999, 2008; GARCÍA, 1999; ARNAY, 1999; RODRIGUES, 1999) e o sentido de argumentação desenvolvido por Goulart (2007; 2011). A análise das redações vem demonstrando, sobretudo, que “quando participamos da linguagem de uma instituição, seja como falantes, ouvintes, escreventes ou leitores, ficamos posicionados por essa linguagem.” (STREET, 2014, p.143), de maneira que nos orientamos e nos moldamos por e para esta, que neste evento nos é demonstrada por meio da construção argumentativa dos candidatos, no momento em que estes recorrem e abarcam vários (e variados) tipos de conhecimento provenientes do processo do letramento escolar, fazendo uso da linguagem e significações dos mesmos.

68. “O QUE É SER BRASILEIRO”: UMA ANÁLISE DO DISCURSO PUBLICITÁRIO NA COPA DO MUNDO 2014

Paula Gomes de Farias Soares (UFF)

A Copa do Mundo 2014, sediada no Brasil, infectou a propaganda do país com o vírus verde- amarelo. Independente do produto ou ideia que estivesse à venda, a paixão pelo futebol era usada como inspiração, afinal não é só na formação imaginária dos publicitários que o brasileiro é visto como um doente por futebol. Alguns comerciais utilizaram-se de músicas como a propaganda do governo federal, “O que é ser brasileiro”, que faz parte de uma série de comerciais intitulada “A Copa das Copas”. Segundo Cardoso *et al.* (2010), apesar da música como recurso publicitário ser alvo de poucas pesquisas, devido à sua natureza subjetiva, acredita-se que é justamente na junção da música com outras linguagens que se deve encontrar uma direção para seu estudo, pois a música nunca deve ser vista de maneira isolada, mas na sua combinação com outros componentes. A importância da música se dá pela capacidade que tem de atrair atenção, provocar emoções e até mesmo ações. A partir desse desafio, o trabalho visa investigar o verbal e não verbal utilizando a teoria e metodologia da linha francesa de Análise de Discurso desenvolvida por Michel Pêcheux. Para tal, o comercial foi retirado do sítio do You Tube e recortado quadro a quadro. No início da propaganda aparecem vários rostos sorridentes: um jovem negro de óculos; depois, um homem branco em primeiro plano e em segundo plano, um jovem descendente de asiáticos e outro homem branco de terno; uma mulher negra; um idoso de boina; uma jovem branca e mais três jovens mestiços; enquanto escuta-se apenas a introdução da música sem nenhuma voz. Assim o povo brasileiro é retratado na sua diversidade étnica, de gênero e idade, demonstrando que é uma propaganda “para todos”. Logo depois, com as sombras de dois jovens jogando bola, ouvimos uma voz masculina dizendo em voz alta “quando te perguntarem”. Essa voz se intercala com um conjunto de vozes que canta “o que é ser brasileiro”, a voz masculina retorna e enuncia “diga um povo feliz, muito batalhador” enquanto os brasileiros aparecem nas mais diversas situações: segurando a bandeira do Brasil, desfilando de terno e gravata e até mesmo segurando uma cesta de frutas de cores verde e amarela. Não importa o que estejam fazendo, esses brasileiros estão sorrindo. A música possui um ritmo animado em sintonia com os brasileiros sorridentes. Com apenas dez segundos de propaganda, já é possível notar alguns dos primeiros resultados que obtivemos: a imagem do brasileiro “de bem com a vida, apesar das dificuldades” aceita pelo senso comum, que reproduzimos inconscientemente e que a publicidade “retrata”, não está só na nossa memória discursiva, mas também na memória nacional constituindo um Discurso Fundador (ORLANDI, 1993). O “retratar” publicitário é ideológico, pois (re)organiza sentidos e, de acordo com Orlandi (1993, p.7), “o que há é a aparência de controle e de certeza de sentidos porque as práticas sócio-históricas são regidas pelo imaginário, que é político.” Para um governo, o interesse

de um povo feliz não se dá apenas por suas “boas intenções”, mas em seguir no/com poder. O trabalho, ainda em andamento, faz parte de uma pesquisa maior que tem como objetivo analisar músicas nas propagandas da Copa do Mundo 2014.

69. AFORIZAÇÃO COMO MECANISMO DE CONSTRUÇÃO DE IMAGENS DE ENUNCIADOR EM MANCHETES DO JORNAL MEIA HORA: UM ESTUDO DISCURSIVO

Rodrigo da Silva Campos (UERJ)

A presente proposta de comunicação pretende apresentar um desdobramento de nossa dissertação de mestrado que foi desenvolvida no Programa de Pós-Graduação *stricto sensu* em Letras (área de concentração: Linguística) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e filia-se à Análise do Discurso (doravante AD) de viés enunciativo. A referida pesquisa possuiu como *corpus* os jornais *Meia-Hora de Notícias* e *Expresso da Informação* (ambos veiculados na cidade do Rio de Janeiro) e teve como objetivo verificar de que maneira se constrói a imagem do leitor presumido dos jornais em questão, a partir da análise de suas manchetes. Conforme dito anteriormente, tal análise foi feita sob a ótica da AD de base enunciativa, que ao pensar a enunciação como um modo de construção de sentidos, que não estão prontos antes da própria enunciação e que, ao contrário, possibilita que o sentido apareça nela e por ela (na enunciação e pela enunciação), opõe-se necessariamente a uma visão de língua que consistiria em entendê-la como “um simples suporte para a transmissão de informações, em lugar de considerá-la como o que permite construir e modificar as relações entre os interlocutores, seus enunciados e seus referentes” (MAINGUENEAU, 1997). Interessou-nos, portanto, depreender nos enunciados os quais analisamos as posições discursivas dos sujeitos envolvidos no processo comunicativo, isto é, a relação entre o enunciador-jornalista e o coenunciador e os sentidos que se constroem por meio dessa interação que se dá nas manchetes dos referidos periódicos. Nossa comunicação focalizará, no entanto, a construção de imagens de enunciador apenas nas manchetes do jornal *Meia Hora*, por uma questão de recorte e adequação ao gênero comunicação oral. Para fundamentá-la, nos apoiaremos nos pressupostos de Maingueneau (1997, 2004, 2008, 2010), no que concerne à concepção de língua e discurso abordada neste trabalho e em relação ao conceito de aforização; em Bakhtin (2011), ao se considerar a língua essencialmente dialógica e polifônica e em Authier-Revuz (1990), no que tange às heterogeneidades enunciativas, que marcam modos de entrada da voz de outro enunciador no fio de um enunciado específico. Foram analisadas manchetes do jornal *Meia Hora* e percebeu-se que, de uma maneira geral, o enunciador-jornalista, ao enunciar, apoia-se em citações de diversos tipos. Desse modo, foram mapeadas as manchetes que evidenciavam uma lógica de citação e encontraram-se as seguintes categorias de análise: aforizações (MAINGUENEAU, 2008, 2010), discurso direto e uso das aspas (MAINGUENEAU, 2004). Dentre os enunciados que evocavam tais modos de citar outras vozes, foram agrupadas

as manchetes de acordo com as imagens que o enunciador criava de si em seus enunciados, de modo que foram apreendidas quatro categorias de enunciador: enunciador religioso, enunciador justiceiro, enunciador debochado e enunciador Homem com H maiúsculo. Diante dos desdobramentos dessas “imagens de si” que o enunciador-jornalista cria discursivamente, conclui-se que é instaurado um coenunciador (leitor) à sua imagem e semelhança: religioso, intolerante com a bandidagem, galhofeiro e, sobretudo, machista. Com esta comunicação, almejamos discutir os encaminhamentos de nossa pesquisa e fomentar uma reflexão sobre a produtividade da aforização como mecanismo linguístico de construção de imagens de enunciador e de coenunciador, por consequência, no contexto do jornalismo popular.

70. AS PERFORMANCES IDENTITÁRIAS DE UMA BIBLIOTECÁRIA NEGRA EM SEU CONTEXTO DE TRABALHO

Romilda Pinto da Silveira Ramos (IFSULDEMINAS/UNIFRAN)

Orientadora: Glenda Cristina Valim de Melo (UNIFRAN)

O Instituto Federal faz parte da Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica. Criado em 2008, é ligado ao Ministério da Educação, está presente em todos os estados e objetiva promover a educação em diversos níveis. Nele, encontramos profissionais de várias áreas, dentre elas destacamos a Biblioteconomia, campo do saber inter(multi)disciplinar. Segundo Ortega (2004), tal área é pouco fundamentada, mesmo que alguns estudos sobre a trajetória histórica da biblioteconomia a apontem como uma das disciplinas mais antigas. O/a bibliotecário/a, como é conhecido/a o/a profissional dessa área e que tem a informação como ponto central de atuação, exerce suas funções em diversos domínios do conhecimento, tais como: bibliotecas públicas e privadas, centros de documentações e pesquisas, museus, arquivos públicos, livrarias e editoras, tribunais e outros. Como a área é recente, ainda deparamo-nos com raras pesquisas que analisam as performances discursivas de gênero e raça no trabalho desses/as profissionais. Esta investigação visa a analisar as performances identitárias de gênero e raça de uma bibliotecária negra em contexto de trabalho, que exerce também a função de coordenadora de bibliotecas, lugar de decisão e poder; espaço esse normalmente ocupado por homens. Optamos pela mulher, porque segundo dados do IBGE, deparamos com poucas mulheres em cargos de gerência e quando observamos as mulheres negras, segundo o mesmo instituto, elas estão no nível mais baixo da pirâmide social, recebem os piores salários e ocupam cargos de pouca visibilidade (MELO; MOITA LOPES, 2013). Percebe-se, portanto, a necessidade de um estudo aprofundado sobre essa questão, por ser de relevância para a valorização da profissão, além de dar visibilidade e reconhecimento às mulheres negras que rompem cotidianamente barreiras e exercem cargos de chefia. Pretende-se ainda identificar as ordens de indexicalidade mobilizadas nas performances discursivas da participante. Para realizar esta investigação, consideramos a linguagem como atos de fala performativos na perspectiva de Austin (1990)

e Derrida (1988) que afirmam, ao proferir produzem-se ações. Além disso, segundo estudiosos ainda diz que, tais atos de fala performativos ganham a ideia de substância pela iterabilidade, ou seja, pela repetição. Embasamo-nos também nas concepções de gênero e raça segundo as Teorias Queer, (BUTLER, 2003; LOURO, 2000, MELO & MOITA LOPES, 2013) e na definição de trabalho sugeridas pelas Ciências do Trabalho (CLOT, 2006). Esta pesquisa se caracteriza como de cunho etnográfico, que de acordo com Moita Lopes (1991) realça a preocupação como o todo social e com a visão dos participantes no contexto social. Os instrumentos de geração de dados serão entrevistas entre a participante e a pesquisadora e notas de campos da pesquisadora. Para análise das performances discursivas e das ordens de indexicalidades, faremos usos dos índices linguísticos sugeridos por (SILVERSTEIN, 1985, 2003), entendidos aqui como marcas linguísticas que sinalizam as ações semióticas dos participantes na interação. Salientamos que este estudo se encontra em fase inicial, por isto os resultados não serão focados neste pôster.

71. CONSTRUÇÃO DE MUDANÇA DE ESTADO FORÇADA: UM ESTUDO COM BASE NA GRAMÁTICA DAS CONSTRUÇÕES E NO MODELO DE DINÂMICA DE FORÇAS

Fernanda da Silva Ribeiro (UFRRJ/FAPERJ)

O presente trabalho, proveniente de pesquisa de Iniciação Científica, apresenta uma nova proposta no que diz respeito a construções de estrutura argumental em Língua Portuguesa, à luz da Gramática das Construções. Tendo como base as construções propostas por Goldberg (1995), a Construção de Movimento-Causado (CMC), cuja sintaxe apresenta [SUJ[V OBJ OBL] em que OBL denota um sintagma preposicional direcional, e a Construção Resultativa (CR), a qual consiste em [SUJ[V[OBJ SA/SP] cujos sintagmas adjetival (SA) e preposicional (SP) indicam resultados de uma ação, iniciou-se a coleta de dados a fim de depreender a família construcional do Português do Brasil. A pesquisa baseia-se em dados coletados do Corpus Discurso & Gramática, além de dados encontrados através do site de pesquisa Google. Selecionamos um conjunto de verbos os quais acreditamos figurar dentro da CMC em português e encontramos as seguintes ocorrências: construções com os verbos *espalhar*, *jogar*, *pôr* e *quebrar* no Corpus Discurso & Gramática; e com *carregar*, *cuspir*, *deslizar*, *empurrar*, *limpar*, *quicar*, *sacudir*, *varrer*, *afugentar*, *espalhar*, *botar*, *chutar*, *derrubar* e *lançar* no Google. Ao analisar os dados coletados, encontramos CMC prototípicas, tais como *Joguei a toalha em cima da cama* e *Paulo Roberto chutou a bola pra fora do Mineirão* e diversas outras cujo sentido se infere metafórica ou metonimicamente: *Público carregou Moura até ao pódio*, *Farc afugenta índios de fala castelhana para o Brasil* e *Pai sacudiu bebê de 10 semanas até a morte*. No entanto, a maioria das ocorrências com o verbo “empurrar” sobressaíram-se de imediato, uma vez que apresentaram a mesma sintaxe da CMC, porém sentido diferenciado. Uma análise mais cuidadosa da semântica desse conjunto de construções, instanciadas por *Marina Silva empurrou Eduardo Campos para a direita* e *Dilma empurrou os problemas para debaixo do tapete*, revelou que a construção Y, assim denominada inicialmente,

mantinha uma relação com a CMC e CR, contudo seu foco não consistia no movimento/ trajetória do objeto a um ponto final nem no resultado final de um objeto após mudança. Procedeu-se, então, ao estudo do modelo de Dinâmica de Forças (TALMY, 2000), com o intuito de entender a ideia que subjazia a construção Y. Entendendo o modelo de Dinâmica de Forças como o resultado de um processo proveniente de determinada força, seja física ou psicológica, exercida por um Antagonista sobre um Agonista e compreendendo, também, que diferentes escolhas verbais revelam diferentes concepções de dinâmica de forças em um evento, percebeu-se que o foco na construção Y residia, na verdade, sobre o verbo dentro da oração. Concluiu-se, por conseguinte, que as construções com o verbo *empurrar* não se tratam de CMC nem de CR, mas de uma instanciação das CMC cujo foco recai na ação verbal como força que obriga o objeto a mudar de estado. Assim, propomos que construções como *Marina empurrou o PSB para a direita*, *Itália empurrou bolsas para o vermelho* e *Wellington diz que Wilson o empurrou para a oposição* sejam uma instância das CMC, contendo a semântica “a ação de X força Y a tornar-se Z”, denominada Construção de Mudança de Estado Forçada.

Índice por autor

- Adriana Faria de Alcântara Dias (Colégio Imaculada Conceição/UNIFRAN). 314
Adriana Nogueira Accioly Nóbrega (PUC-Rio) 177
Adriana Nogueira Nóbrega (PUC-Rio/CNPq) 60
Adriana Rodrigues de Abreu (PUC-Rio/CNPq) 177
Alan de Sousa Motta (UFRJ/CNPq) 149
Alexandre José Cadilhe (UNIFESO) 113
Alexandre José Cadilhe (UNIFESO) 259
Alexsandra Ferreira da Silva (UFF) 230
Aline Dahmer (UFRJ) 53
Aline de Jesus Farias Oliveira (UFRJ/FAPERJ) 129
Aline de Mattos Esteves (UFRJ) 218
Aline Thuller (Cáritas- RJ) 46
Amanda Correia Silva (UERJ/PIBID) 248
Amanda Cristina Testa Siqueira (Mestra/PPG-Linguística/UFJF) 298
Amanda Dinucci Almeida (PUC-Rio/CAPES) 168
Amitza Torres Vieira (UFJF) 234
Amitza Torres Vieira (UFJF) 235
Amitza Torres Vieira (UFJF) 237
Ana Carla Machado (UFJF) 239
Ana Carolina Oliveira Guedes (UERJ) 249
Ana Carolina Simões Cardoso (UFRJ) 101
Ana Cecília Fernández dos Santos (UFSCAR/PIBIC/CNPq) 166
Ana Cecília Trindade Rebelo (PIBID CAPES/UERJ) 272
Ana Cecília Trindade Rebelo (UERJ) 322
Ana Cláudia Peters Salgado (UFJF) 217
Ana Karoline de Araújo Gonçalves Ribas (UERJ) 269
Ana Lúcia Esteves dos Santos (UFMG/PUC Minas) 317
Ana Paula Cristina da Silva (UFJF) 235
Ana Paula Ferreira 144
Ana Paula Marques Beato-Canato (UFRJ) 51
Ana Paula Marques Beato-Canato (UFRJ) 53
Anabel Medeiros de Azerêdo (UFF) 297
André Lima Cordeiro (UERJ) 85
Andrea Galvão de Carvalho (UFRJ/UERJ/Estácio de Sá/EPS) 158
Angelica Micoanski (UFSC) 304
Anielle Silva dos Reis Barboza (UERJ/Bolsista EIC) 285
Anna Carolina da Costa Avelheda (UFRJ) 196
Anna Carolina Ferreira Carrara (UFJF/FAPEMIG) 146
Anna Raphaella de Lima Marengo (UFCG) 216

- Antônio Carlos Pereira (UFJF) 238
Asafe Lisboa dos Santos 287
Atilio Catosso Salles (PG/UNIVÁS/FAPEMIG) 190
Bárbara de Almeida Sapucaia (UERJ) 267
Bárbara Ferreira Mendes (UERJ) 250
Beatriz da Silva e Silva Ferreira (UERJ/SR3) 251
Bianca Dorothea Batista (UFRJ) 185
Bianca dos Santos Silva Veloso (PIBID-UERJ) 253
Bruna Guimarães Carpinteiro (UFRJ) 209
Bruna Renova Leite Varela (UERJ) 71
Bruno Deusdará (UERJ) 84
Camila Alves Oliveira (UESC/CAPES) 295
Camila Gomes Pinto Sobrinho (PUC-RJ) 254
Camila Kate (Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu) 271
Camila Souza de Andrade (PIBIC/ UERJ) 284
Camilla Ramalho Duarte (UFF/ CAPES) 133
Carla Dominique Scárdua de Oliveira (UFJF / BIC / FAPEMIG) 292
Carla Mirelle de Oliveira Matos Lisboa (UFF) 221
Carlos Fabiano de Souza (IFF/UFF) 82
Carmen R. G. Ferreira (UFPEL/CAPES/OBEDUC/PACTO) 299
Carolina Alves Fonseca (PPGL – UFJF / CAPES-CNJ) 292
Carolina Apolinário de Souza (PUC-RIO/CAPES) 63
Carolina Otaviano do Carmo (UFJF) 143
Carolina Parrini Ferreira (UFRJ/UFSC) 93
Caroline Lourenço Monteiro (UFF) 134
Caroline Teixeira Medeiros Barbosa (PIBID/UERJ) 258
Caroline Teixeira Medeiros Barbosa (PIBID-UERJ) 253
Cibele Daher Botelho Monteiro (IFF) 145
Cinthia de Souza Bezerra (USP) 69
Cintia Paula Santos da Silva (UFGD/FUNDECT) 315
Clarissa Xavier Ewald (PUC-Rio/CNPq) 62
Claudia Almada Gavina da Cruz (PUC-Rio) 242
Coautor: Paulo Cortes Gago (UFJF) 167
Cristiane Fuzer (UFSM) 245
Cristiane Nascimento Weber de Oliveira (UFRRJ/UERJ) 83
Cristiane Pereira Cerdera (CPII/PUC-RIO) 243
Cristina Name (UFJF/CNPq) 94
Cristina Name (UFJF/CNPq) 97
Cristina Vergnano-Junger (UERJ) 40
Cynthia Neves Guilhon Mesquita (UFRJ/CAPES) 51
Daniel Augusto Silva (UERJ) 259

- Daniel de Augustinis Silva (UFRJ/UFRJ-Macaé) 180
Daniel Felix da Costa Júnior (UFF) 202
Daniela Cid de Garcia (UFRJ) 218
Daniela Pereira de Almeida Ruas (UESB/CAPES) 323
Daniela Pereira de Almeida Ruas (UESB/CNPq) 319
Daniela Simões Gomes (UFJF) 201
Daniele Barboza Moura (INES) 140
Daniele Brant de Moraes (FIC/CAPES) 325
Daniele de Souza Leite Molina (UFJF) 94
Daniele Lippert (UERJ) 250
Danielle Marques de Lima (CMRJ) 222
Davidson Martins Viana Alves (UFRJ) 260
Dayala Paiva de Medeiros Vargens (UFF) 41
Dayala Paiva de Medeiros Vargens (UFF/PIBID/APEERJ) 87
Dayane Felipe da Silva 287
Deise Cristina de Lima Picanço (UFPR/CAPES) 90
Denise Soares da Silva (UERJ/Monitora) 285
Diana Silva Thomaz (IC/UFRJ) 257
Diana Szyllit (USP) 74
Diego Barbosa da Silva (UFF/CAPES/Arquivo Nacional) 59
Diogo Pinheiro (UFRJ) 255
Douglas Mendes Ornellas (UERJ/FFP) 326
Douglas Moraes Machado (UFSM-PROBIC/Fapergs) 245
Dyuana Darck Santos Brito (UESB/CNPq) 150
Eduarda Araújo da Silva (UFRJ) 153
Eduardo Penhavel (UNESP) 70
Elaine Alves Santos Melo (UFRJ/CNPq/CAPES) 173
Eliara Santana Ferreira (PUC Minas) 317
Eliete Figueira Batista da Silveira (UFRJ) 197
Elir Ferrari de Freitas (UFF/CAPES) 79
Elissandra Lourenço Perse (PMAR/UERJ) 141
Ellen Kethleen da Silva COSTA (ICSEZ/UFAM) 89
Érika Pereira Vilela (IFSULDEMINAS/UNIFRAN) 262
Etyelle Pinheiro de Araújo (PUC-RIO/CAPES) 171
Evelin Azambuja Augusto (UFRJ/CNPq) 228
Eveline Coelho Cardoso (UFF) 135
Fabiane Jesus (UNICAMP) 55
Fátima Marinho Fabrício Monteiro (PUC-Rio) 324
Fernanda Cerqueira de Mello (UFF/LAS/FAPERJ) 122
Fernanda da Silva Ribeiro (UFRJ/FAPERJ) 331
Fernanda Gappo Lacombe (UERJ) 250

Fernanda Luzia Lunkes (UFF/PNPD-CAPES)	191
Fernando Arantes Ferrão (UERJ)	263
Flavia Corrêa Galloulckydio (UERJ)	274
Flávia da Silva Pereira Albuquerque Oliveira (PUC-Rio)	64
Flavia Moreno de Marco (UFRJ/CAPES)	218
Flavia Regina Mello (UERJ)	92
Francisca Eugênia dos Santos (Universidad de Santiago de Chile)	76
Francisco Malta (UERJ)	293
Gabriela Costa Mourão (UFRJ)	223
Gabriela Hasegawa Rodrigues (UERJ)	250
Gesseldo de Brito Freire (UERJ)	157
Gessica Aparecida Botelho dos Santos (UFRJ)	264
Gianna Lucciola Campolina	265
Giselle Aparecida Toledo Esteves (UFRJ)	67
Glacy Kelli Reis da Silva Xavier (UFF/CPII/CAPES)	308
Gleiton Matheus Bonfante (UFRJ/CAPES/CNPq)	112
Glenda Cristina Valim de Melo (UNIFRAN/UFRJ/CNPq)	109
Graziela Borguignon Mota (UFF)	137
Hannah Manes e Morais (UERJ)	249
Hélder Brinate Castro (PIBID-UERJ)	253
Hélia Coelho Mello Cunha (IFF)	294
Hellem da Silva Espíndola (UFRJ)	98
Hellen Cristina Picanço SIMAS (ICSEZ/UFAM)	89
Heloisa Quirino de Oliveira (PUC- Rio)	65
Ícaro Oliveira Silva (UFJF)	97
Idrissa Ribeiro Novo (UFF)	204
Ilana da Silva Rebello Viegas (UFF)	156
Inés Kayon de Miller (PUC-Rio/CNPq)	60
Ingrid da Costa Oliveira (UFRJ – PIBIC)	127
Isabel Cristina Rangel Moraes Bezerra (UERJ)	267
Isabel Cristina Rangel Moraes Bezerra (UERJ)	268
Isabel Cristina Rangel Moraes Bezerra (UERJ)	284
Isabel Cristina Rangel Moraes Bezerra (UERJ)	50
Isabela da Silva Nascimento	265
Ismael Andrade Santos (UERJ)	178
Ivaniilde de Lima Barros (SECD)	121
Jamilly Moraes Silva (UERJ/FFP)	326
Janaina da Silva Cardoso (UERJ)	269
Janaina da Silva Cardoso (UERJ)	285
Janaina Soares Almeida Cruz (UFF-PIBIC/LAS)	123
Janine Pimentel (PUC-RIO/ PNPd-CAPES)	198

Jaqueline Batista da Silva (FIC/CAPES)	325
Jaqueline dos Santos Peixoto (UFRJ)	152
Jaqueline dos Santos Peixoto (UFRJ)	153
Jaqueline Queli da Silva (UFRJ)	100
Jefferson Evaristo do Nascimento Silva (UFRJ/CNPq)	163
Jéssica Bárbara Teodoro Neves (UERJ)	277
Jessica Fernandes Natarelli da Cruz (PIBID CAPES/UERJ)	272
Jocineide Macedo Karim (UNEMAT/FAPEMAT)	194
Jonathan Fragoso Miranda de Oliveira (UERJ)	273
Juciele Pereira Dias (UFF/LAS/CAPES-PNPD)	193
Juliana Bitarelli Viana Ponciano (PROBIC/FAPEMIG/UFJF)	298
Juliana da Silva Neto (PUC-Rio/CAPES/PROSUP)	208
Juliana Gomes Miranda (UERJ-FFP)	164
Juliana Marques da Silva Nunes (PIBID-UERJ)	253
Juliana Rodrigues de Castro (CPII/UFRJ)	139
Juliane de Araujo Gonzaga (UNESP Araraquara)	183
Kamilla Corrêa Loivos (UERJ)	118
Karen Costa da Silva (UERJ)	269
Karen Costa da Silva (UERJ/Monitora)	285
Karen Martins Ferreira	275
Karen Pereira Fernandes de Souza (UFRJ/ CNPq)	175
Karilene da Silva Xavier (UFRJ/CAPES)	151
Karine Oliveira Bastos (UFRJ)	108
Karoline Fraga de Freitas (UERJ/PIBID)	248
Kátia Fernandes Bernardo (UESB/CAPES)	313
Kátia Tavares (UFRJ)	45
Keyla Silva Rabêlo (IFBA)	155
Kisye Cristina Silva de Paula (UERJ)	71
Larissa de Oliveira Rios Pereira Santos	265
Larissa Pereira de França (SR3/UERJ)	276
Lauriê Ferreira Martins (UFJF)	104
Lauriê Ferreira Martins (UFJF)	106
Leandro Bonin (UERJ)	267
Leila Cruz Magalhães (UFJF/CNPq/PIBIC)	302
Lídia Noronha Pereira (UNIVÁS/FAPEMIG)	57
Lilian Cid Nelson Ribeiro da Silva (UFRJ)	152
Liliana Cabral Bastos (PUC-Rio)	170
Lívia Pugade Almeida Santos (UFF/PIBID)	87
Luana Goulart (UERJ)	250
Lucas Rezende Almeida (PUC-Rio/CAPES)	321
Lucélia Teixeira Santos Santana (UESB)	310

- Lucélia Teixeira Santos Santana (UESB) 319
Lucélia Teixeira Santos Santana (UESB/FAPESB) 323
Luciana Andrade Paula (UFJF/BIC) 143
Luciana de Genova (UFRJ/CAPES) 307
Luciana Leitão da Silva (UFRJ/SME-RJ/FAETEC) 111
Luciana Nunes Viter (FAETEC/UFRJ) 102
Luiz Carlos Balga (UFRJ) 46
Luiz Ernesto Behares (UdelaR) 42
Luiz Felipe Andrade Silva (UERJ/CAPES) 184
Luiz Fernando Matos Rocha (UFJF) 143
Luiz Paulo Labrego (UERJ) 113
Maciel Francisco dos Santos (UNIVÁS/FAPEMIG) 309
Mara Pereira Mariano (UFRJ) 206
Marcela da Silva Abrantes 278
Marcela Zambolim de Moura (UFJF) 229
Márcia de Paula Andrade (UFJF/BIC) 143
Marcia Lisbôa Costa de Oliveira (UERJ) 212
Marco Antonio Margarido Costa (UFCEG) 216
Marco Aurélio Silva Souza (PUC-Rio) 170
Marcos de Sá Costa (UFF/LAS/CAPES) 124
Marcos Luiz Wiedemer (UERJ) 211
Marcus Vinicius Brotto de Almeida (IFRJ / UFRJ) 161
Maria Alice Gonçalves Antunes (UERJ) 116
Maria Aparecida Gomes Ferreira (UFRJ) 114
Maria Cláudia de Freitas (PUC-Rio) 321
Maria Claudia de Freitas (PUC-Rio/CAPES/PROSUP) 208
Maria Cristina Diogo Victorino de Azevedo (FIC/CAPES) 325
Maria das Graças Amaral de Souza (UESB) 150
Maria das Graças Dias Pereira (PUC-Rio) 170
Maria Lúcia Leitão de Almeida (UFRJ/NEMP) 39
Maria Tais Gomes Santiago (UFPE) 279
María Teresa Celada (USP) 41
Marian Oliveira (UESB) 150
Mariana de Azevedo Graça (PIBID-UERJ) 253
Mariana Delesderrier da Silva (UFRJ/FAPERJ) 316
Mariana Janaina dos Santos Alves (UFPA/UNIFAP) 73
Mariana Schwantes Marinho (UERJ/FAPERJ) 282
Marina Mello de M. Felix de Souza (UFF) 221
Marina R. A. Augusto (UERJ) 92
Marina R.A. Augusto (UERJ) 96
Marina Silva Maximiano (UFJF) 217

Maucha Andrade Gamonal (UFJF/CAPES)	199
Maucha Andrade Gamonal (UFJF/CAPES)	201
Mayara Motta Herdy	265
Mayara Nicolau de Paula – (UFRJ/CNPq)	172
Mayra Santana (UFRJ/CNPq)	126
Michele Penna Macedo da Cruz (UFJF)	239
Milena Torres de Aguiar (UFF/CNPq)	231
Mirandolina Alvares de Deus e Melo Neta (UFPE)	279
Mônica Azzariti (UERJ)	84
Mônica de Azevedo Rodrigues Paulo (UERJ/CAPES)	225
Mônica Raquel de Souza Duarte (INES)	78
Mônica Tavares Orsini (UFRJ)	224
Mônika Miranda de Oliveira (UFJF)	234
Murilo Silva de Araújo (UFRJ)	181
Mydiã Christina Reis de Freitas (PUC-Rio)	62
Naomi Elizabeth Orton (PUC-Rio/CNPq)	60
Nathalia Araújo Duarte de Gouvea (UERJ)	269
Nathália Félix de Oliveira (UFJF)	106
Nathália Felix de Oliveira (UFJF/CAPES)	107
Nathália Vasconcelos Cardoso Rodrigues (UFRJ)	264
Neide Higino da Silva (UFRJ)	207
Neusa Salim Miranda (Orientadora/PPG-Linguística/UFJF)	298
Neusa Salim Miranda (Pós-Doutora / PPG Linguística - UFJF)	292
Neusa Salim Miranda (UFJF)	146
Nirvana Ferraz Santos Sampaio (UESB)	310
Nirvana Ferraz Santos Sampaio (UESB)	313
Nirvana Ferraz Santos Sampaio (UESB)	319
Nirvana Ferraz Santos Sampaio (UESB)	323
Orientador: Ana Paula Marques Beato-Canato (UFRJ)	88
Orientador: Ricardo Joseh Lima (UERJ)	276
Orientadora: Bianca Walsh (PIBID CAPES/UERJ)	272
Orientadora: Cristina de Souza Vergnano-Junger (UERJ)	71
Orientadora: Del Carmen Daher (UFF)	79
Orientadora: Dinah Maria Isensee Callou (UFRJ/CNPq)	128
Orientadora: Eni PuccinelliOrlandi (PG/UNIVÁS)	190
Orientadora: Glenda Cristina Valim de Melo (UNIFRAN)	288
Orientadora: Glenda Cristina Valim de Melo (UNIFRAN)	330
Orientadora: Glenda Cristina Valim de Melo (UNIFRANCA)	262
Orientadora: Lilian Vieira Ferrari (UFRJ)	148
Orientadora: Neusa Salim Miranda (PPG-Linguística/UFJF)	302
Orientadora: Silvia R. O. Cavalcante (UFRJ)	257

- Pâmela de Paula da Silva 287
Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda (UFJF) 104
Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda (UFJF) 107
Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda (UFJF) 229
Patricia Ferreira Neves Ribeiro (UFF) 132
Patrícia Oliveira de Freitas (UERJ) 283
Paula Angélica da Silva Campos (UFRJ) 88
Paula Carolina da Costa (UERJ) 259
Paula Gomes de Farias Soares (UFF) 328
Paula Karoline Galhardo (UERJ/PIBID) 248
Paulo Roberto de Lima Lopes (UERJ) 219
Pedro Junqueira de Figueiredo (USP/CAPES) 186
Pilar Silveira Mattos (UFJF/CNPq/PIBIC) 302
Poliana Coeli Costa Arantes (UERJ) 45
Priscila Júlio Guedes Pinto (UFJF) 167
Priscilla do Nascimento Costa da Silveira (UERJ/PIBID) 248
Raabe Costa Alves Oliveira (IFRJ) 188
Rafaela Tuyane Pereira Pinheiro (UERJ) 222
Raiane Silva Souza (UESB) 310
Raíza Leonídio Neves dos Santos (UERJ/CNPq) 305
Raphael de Moraes Trajano (UFF/CAPES) 56
Rebeca Venezia Diogo dos Santos (UERJ/PIBID) 248
Renan Nascimento (UERJ) 113
Renata de Souza Gomes (FIC/CAPES) 325
Renata Guimarães Palmeira (UFF) 80
Renata Martins de Oliveira (UERJ) 96
Renato Messias Ferreira Calixto (IFRJ) 138
Ricardo Joseh Lima (UERJ) 258
Ricardo Pinheiro de Almeida (Faculdade CCAA) 103
Rita de Cássia Barbirato Thomaz de Moraes (UFSCAR). 166
Rodrigo da Silva Campos (UERJ) 329
Rodrigo Pereira de Souza 287
Rogéria Tarocco dos Santos (UFJF) 237
Romilda Pinto da Silveira Ramos (IFSULDEMINAS/UNIFRAN) 330
Ronaldo Adriano de Freitas (IFF/UFF) 189
Rosiani Machado (UFPEL) 299
Sabrina Moura Aragão (USP/CAPES) 75
Sara Sampaio (UERJ) 113
Sarah Matos Rocha Mesquita (UFJF) 238
Sérgio Barros (Universidade Nova de Lisboa) 198
Silmara Dela Silva (UFF/LAS/FAPERJ) 122

Silmara Dela Silva (UFF/LAS/FAPERJ)	123
Silvia Adélia Henrique Guimarães (UERJ)	311
Silvia Carolina Gomes de Souza (UFRJ)	195
Simone Vieira Resende (UERJ)	119
Soraia Cristiana de Souza Costa (UERJ)	269
Soraia Cristiana de Souza Costa (UERJ/Monitora)	285
Stephanie Valle de Souza (UFRJ/CAPES)	174
Suzana Darlen dos Santos Santaroni (UFF)	49
Suzete Dantas Santos (UERJ/Monitora)	285
Taisir Mahmudo Karim (UNEMAT/FAPEMAT)	194
Talita Goulart Ferreira (UFRRJ)	68
Tamiles Paiva Novaes (UESB)	313
Tamires Alves Sanchez (PG/UEL/CAPES)	130
Tamires Nunes da Silva (FIC/CAPES)	325
Tânia Mara Gastão Saliés (UERJ)	277
Tatiana Jardim Gonçalves (SEEDUC-RJ/UFF)	159
Tatiane Alves Pereira dos Santos (UERJ-FFP)	164
Tatiane Silva Tavares (UFJF)	203
Telma Domingues da Silva (UNIVÁS)	54
Telma Domingues da Silva (UNIVÁS)	57
Teurra Fernandes Vailatti (UFPR/CAPES)	90
Thábata Christina Gomes de Lima (UFF/CAPES)	300
Thainá Amador de Lira (UERJ)	258
Thais Fernandes Sampaio (UFJF)	203
Thaís Pereira da Silva (UERJ - CETREINA)	268
Thamiris Oliveira de Araújo (PUC-Rio/CAPES)	240
Thayane Santos Antunes (UERJ)	226
Thayane Verçosa da Silva (UERJ)	250
Thayane Verçosa da Silva (UERJ/SR2)	290
Thayná de Barros Pessanha	275
Thayssa Taranto Ramirez (UFF)	233
Thiago de Souza Andrade (UERJ)	291
Thiago Mattos de Oliveira (USP/ FAPESP)	117
Thiago Soares de Oliveira (UENF/CAPES)	306
Thiago Vieira Gomes da Silva (UFJF)	239
Tiago TimponiTorrent(UFJF/CAPES)	199
Uelliton de Souza Santos	287
Valéria Campos Muniz (INES)	214
Valéria de Rezende Pereira (IFSULDEMINAS/UNIFRAN)	288
Vanessa Gomes Teixeira (UERJ)	48
Vanessa Rodrigues de Souza (FIC/CAPES)	325

Índice

Vanessa Souza da Silva (UERJ)	162
Vera Pacheco (UESB)	150
Vicente de Paula da Silva Martins (UVA)	303
Victor Santiago Sousa (PUC- Rio)	280
Victor Virgínio (UFRJ)	255
Victoria Wilson (UERJ/FFP)	213
Virgínia Carollo da Costa Dias	265
Vitor da Cunha Gomes (UFRJ/CAPES)	307
Vitor Gabriel Caldas (UFRJ/PIBIC)	128
Vitor Vieira Ferreira (UFRJ/CAPES)	179
Viviane Carlos de Oliveira Tavares Campos (UERJ/CP II)	244
Viviane da Fonseca Moura Fontes (UFRJ)	148
Viviane de Araujo Nascimento (UFRRJ/Proletras/CAPES)	320
Viviane dos Santos Cavalcanti (UERJ-FFP)	164
Welton da Silva Cordeiro (UFRRJ/Proletras/CAPES)	320

Índice por título

1ª PESSOA DO PLURAL DO PB EM CARTAS DA DÉCADA DE 1930	175
A APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA EM UMA TURMA DE PRÉ-VESTIBULAR COMUNITÁRIO: ENVOLVENDO OS ALUNOS PARA UMA LEITURA CRÍTICA DO MUNDO SOCIAL	267
A ARQUITETURA DAS POLÍTICAS DE ESCRITA NA ESCOLA: PORTAS-ONDE OU PORTAS-CONTRA?	155
A ATUAÇÃO DE PRINCÍPIOS FUNCIONALISTAS NO FENÔMENO DA CONCORDÂNCIA NOMINAL	206
A COLOCAÇÃO PRONOMINAL EM CARTAS DOS SÉCULOS XIX E XX.....	257
A CONCEPTUALIZAÇÃO DA ANSIEDADE ANALISADA PELA DESCRIÇÃO DE MODELOS COGNITIVOS.....	202
A CONSTRUÇÃO BINOMINAL DE QUANTIFICAÇÃO INDEFINIDA: UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONISTA.....	203
A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO PROFESSOR PELA MÍDIA EM PERÍODOS DE GREVE: UMA PERSPECTIVA SISTÊMICO-FUNCIONAL	254
A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DO BRASIL NAS NARRATIVAS PORTUGUESAS PUBLICADAS NAS COLETÂNEAS <i>THE PRINCIPAL NAVIGATIONS</i> E <i>PURCHAS HIS PILGRIMES</i>	185
A CONSTRUCIONALIZAÇÃO LEXICAL DE SNLOC NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO	231
A DIMENSÃO AVALIATIVA ENVOLVENDO A MICROCONSTRUÇÃO COM O MARCADOR DISCURSIVO <i>VEJA BEM</i>	104
A EDUCAÇÃO COMO PRODUTO A SER COMERCIALIZADO.....	305
A ELABORAÇÃO DE TESTES ESPECÍFICOS PARA A AVALIAÇÃO DA RELAÇÃO ENTRE OS DOMÍNIOS LINGÜÍSTICO E ESPACIAL NA SÍNDROME DE WILLIAMS	96
A EXPRESSÃO DA MODALIDADE EM PEÇAS CARIOCAS: UM ESTUDO DIACRÔNICO.....	228
A EXPRESSÃO DE TEMPO FUTURO NO ESPANHOL: UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE DADOS DA GRAMÁTICA ADULTA E INFANTIL.....	93
A FALA-EM-INTERAÇÃO INSTITUCIONAL DE REPÓRTERES AÉREOS E LOCUTORES DE RÁDIO DO RIO DE JANEIRO	170
A FORÇA PERSUASIVA DA AMEAÇA NA DISPUTA ARGUMENTATIVA EM AUDIÊNCIAS DE CONCILIAÇÃO.....	237
A FORMAÇÃO EM LETRAS - LÍNGUA, SABERES, MEMÓRIA DISCURSIVA.....	41
A FUNCIONALIDADE DA LINGÜÍSTICA DE CORPUS NO ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA: OPORTUNIDADES E DESAFIOS	321
A GRAMATICALIDADE DO VERBO MODAL <i>PODER</i> : USOS IDENTIFICADOS E EVIDÊNCIAS SOBRE SUA ATUAÇÃO EM CONTEXTOS DE PEDIDO E PERMISSÃO	106
A IMAGEM COMO RECURSO CENTRAL PARA A ELABORAÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS SURDOS.....	282

A IMAGEM NO DISCURSO JORNALÍSTICO.....	191
A IMPLEMENTAÇÃO DE LETRAMENTOS <i>QUEER</i> NAS AULAS DE INGLÊS NO ENSINO FUNDAMENTAL I....	111
A INFLUÊNCIA DOS GÊNEROS TEXTUAIS NO PROCESSO LEITOR	71
A INTER-RELAÇÃO ENTRE REFERENCIALIDADE E CONSTITUIÇÃO INTERNA DO SNTÓPICO NA TRAJETÓRIA DAS TOPICALIZAÇÕES NO PORTUGUÊS EUROPEU	316
A LÍNGUA ITALIANA SOBRE INFLUÊNCIA DA RÁDIO E DA TELEVISÃO	307
A LINGUAGEM <i>NONSENSE</i> DE EDWARD GOREY EM SEU POEMA: <i>THE WUGGLY UMP</i> (1972).....	304
A MULTIFUNCIONALIDADE DA CONSTRUÇÃO <i>ESPERA AÍ//PERAÍ</i> A PARTIR DE UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONAL	107
A ORDEM VS EM SENTENÇAS COM VERBOS NÃO INACUSATIVOS EM PEÇAS CARIOCAS: UM ESTUDO DIACRÔNICO	226
A ORDEM VS/SV EM INTERROGATIVAS-Q: UM ESTUDO DIACRÔNICO EM PEÇAS TEATRAIS BRASILEIRAS E PORTUGUESAS	172
A PERFORMANCE NARRATIVA DE UMA BLOGUEIRA: “TORNANDO-SE PRETA EM UM SEGUNDO NASCIMENTO”	109
A PERSPECTIVA DIALÓGICA COMO PROPOSTA PARA O ENSINO DO GÊNERO TEXTUAL <i>ABSTRACT</i>	315
A REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO DE REFERÊNCIA DEFINIDA EM PEÇAS BRASILEIRAS E PORTUGUESAS: UM ESTUDO DIACRÔNICO	223
“A QUESTÃO VAI ALÉM DO QUE ESTÁ NO PASSAPORTE DA PESSOA”: DESCONSTRUINDO A POLARIZAÇÃO ENTRE OS CHAMADOS ‘PROFESSOR FALANTE NATIVO’ E ‘PROFESSOR FALANTE NÃO NATIVO’	60
<i>A RITA LEVOU MEU SORRISO</i> : O IMAGINÁRIO SOCIODISCURSIVO NA TEMÁTICA FEMININA DA OBRA DE CHICO BUARQUE.....	137
A SELEÇÃO LEXICOGRAMATICAL EM MANCHETES E <i>LEADS</i> NA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES.....	324
A SEMÂNTICA DE FRAMES E O PERFIL DO PROFESSOR DE LÍNGUA PORTUGUESA	298
A SEMÂNTICA DE FRAMES NA ANÁLISE DO DISCURSO DISCENTE – MARCADORES DE SUCESSO EM UM PROJETO ESCOLAR DE DRAMATURGIA	292
A TRADUÇÃO DE MARCAS CULTURAIS: UMA ANÁLISE COMPARADA DE <i>IL GIORNO</i> , DE GIUSEPPE PARINI ...	74
A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA PRESENTE NO FOLHETO DE CORDEL <i>AS DUAS MULHERES VALENTES</i> , DE J. BORGES.....	279
A VOCALIZAÇÃO DA LATERAL PALATAL [ʎ] > [j] NO FALAR DA COMUNIDADE DE CÁCERES NO ALTO PANTANAL DE MATO GROSSO	194
ABORDAGEM CONSTRUCIONAL DA GRAMATICALIZAÇÃO DE ORAÇÕES ENCAIXADAS SUBJETIVAS.....	229

“ACIMA DE TUDO EU SOU PROFESSORA, EDUCADORA, E POSSO MOSTRAR PARA ELLES QUE EU FAÇO COM MUITO AMOR”: UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES DO PROFESSOR DE INGLÊS SOBRE SEU FAZER POR MEIO DO SISTEMA DA AVALIATIVIDADE	244
AFORIZAÇÃO COMO MECANISMO DE CONSTRUÇÃO DE IMAGENS DE ENUNCIADOR EM MANCHETES DO JORNAL MEIA HORA: UM ESTUDO DISCURSIVO	329
ALTEAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS	195
ALTERAÇÕES PROSÓDICAS NA FALA DISÁRTICA.....	323
AMOR E ARTE: DO TEMA AO ACONTECIMENTO DISCURSIVO	190
ANÁLISE DA LINGUAGEM VERBO VISUAL DO PORTAL <i>ÍNDIOS ONLINE</i> À LUZ DA TEORIA DA MISTIÇAGEM ...	295
ANÁLISE DE UMA NARRATIVA TÍPICAMENTE LABOVIANA E DO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE DA NARRADORA	64
ANÁLISE DO GÊNERO “DEPOIMENTO”: UM ESTUDO À LUZ DA LINGÜÍSTICA SISTÊMICO FUNCIONAL E DAS TEORIAS SOBRE NARRATIVA E CONSTRUÇÃO “EU”	65
ANÁLISE DOCUMENTAL DAS POLÍTICAS LINGÜÍSTICAS ACERCA DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA NA PRIMEIRA DÉCADA DO SÉCULO XXI: A INSCRIÇÃO DO <i>ETHOS</i> COLETIVO SURDO NOS DISPOSITIVOS LEGAIS	138
ANÁLISE LEXICAL DO PROCESSO DE ALTEAMENTO DAS VOGAIS MÉDIAS PRETÔNICAS: UM OLHAR SOBRE NOVA IGUAÇU.....	196
ANÁLISE SOCIOLINGÜÍSTICA DO R EM CODA SILÁBICA EXTERNA: CONFRONTANDO VOZES MASCULINAS E FEMININAS NA MÚSICA POPULAR BRASILEIRA.....	151
APAGAMENTO DO R EM CODA SILÁBICA FINAL E MEDIAL: JOÃO PESSOA E TERESINA EM CONTRASTE. 129	
APRENDIZAGEM DE IDIOMAS NA TERCEIRA IDADE: MUITO ALÉM DE UM PASSATEMPO.....	269
ARQUITETURA ESCOLAR: ESPAÇO DE TRABALHO DISCURSIVO E DISCIPLINAR	80
AS CONSTRUÇÕES DE TÓPICO MARCADO NO PORTUGUÊS EUROPEU: UM ESTUDO DIACRÔNICO.....	224
AS DIFICULDADES LINGÜÍSTICAS E CULTURAIS SEGUNDO GRADUANDOS DO <i>CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS</i> EM CONTEXTO DE IMERSÃO	166
AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NOS LIVROS DIDÁTICOS DE FRANCÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA: UMA ANÁLISE DO LIVRO <i>LE KIOSQUE 1</i> A PARTIR DA NOÇÃO BAKHTINIANA DE GÊNEROS DO DISCURSO	90
AS IMPLICAÇÕES DO PROCESSO DE AQUISIÇÃO DA LIBRAS: UM ESTUDO DE CASO	271
AS PERFORMANCES IDENTITÁRIAS DE UMA BIBLIOTECÁRIA NEGRA EM SEU CONTEXTO DE TRABALHO.....	330
AS RELAÇÕES SEMÂNTICAS NO DICIONÁRIO COPA_2014 FRAMENET BRASIL.....	201
ASPECTOS DA VARIAÇÃO INTRALINGÜÍSTICA NA PRODUÇÃO DO -S EM CODA DE FALANTES DE CAMPOS DOS GOYTACAZES	153

ASPECTOS ENUNCIATIVO-DISCURSIVOS DA ORALIDADE DE UM SUJEITO AFÁSICO	310
ASPECTOS MORFOLÓGICOS NA AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM: A CONJUGAÇÃO DOS VERBOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO AOS 3, 5 E 7 ANOS	250
AVALIANDO A COMPREENSÃO DE PRONOMES RESUMPTIVOS EM TAREFA DE SELEÇÃO DE IMAGEM: SUBSÍDIOS PARA A ELABORAÇÃO DE TESTES INFANTIS	92
“BENVINDOS AO CURSO DE LETRAS!” – ALUNOS, PROFESSORA E ENTENDIMENTOS SOBRE ‘ESCOLHA PROFISSIONAL’	50
BREVÍSSIMO ESTUDO SOBRE FLUTUAÇÃO DOS MODOS INDICATIVO E SUBJUNTIVO EM ORAÇÕES INICIADAS PELO ADVÉRBIO TALVEZ	208
CANCELAMENTO VARIÁVEL DO RÓTICO EM CODA SILÁBICA EM TRÊS COMUNIDADES	128
CONSTRUÇÃO DE MUDANÇA DE ESTADO FORÇADA: UM ESTUDO COM BASE NA GRAMÁTICA DAS CONSTRUÇÕES E NO MODELO DE DINÂMICA DE FORÇAS	331
CONSTRUÇÃO DE NARRATIVAS EM OFICINAS DE PRODUÇÃO TEXTUAL: ESTUDO DE VARIÁVEIS CONTEXTUAIS E TRAÇOS LINGÜÍSTICOS	245
CONSTRUCIONALIZAÇÃO GRAMATICAL DE “FOI QUANDO” COMO CONECTOR	230
CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS EM MANCHETES DE JORNAL: ESTRATÉGIAS DE ARGUMENTAÇÃO E INTENCIONALIDADE	317
CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS EM CONTEXTOS INSTITUCIONAIS – O CASO DE UMA INTERAÇÃO MÉDICO-PACIENTE EM UM AMBULATÓRIO DE ATENDIMENTO A ADOLESCENTES	171
CONSTRUÇÕES IDEOLÓGICAS NA ESCRITA ESCOLAR: HEGEMONIAS E APAGAMENTOS	177
CONVENÇÕES DE TRANSCRIÇÃO: UMA PROPOSTA PARA A REALIZAÇÃO DE PESQUISA COM DADOS DE FALA-EM-INTERAÇÃO	239
CONVERSA PRAPAIDORMIR: FÓRMULAS ALTERADAS NA EXPRESSÃO DE IMAGINÁRIOS SOCIODISCURSIVOS	132
CORPORA NA PRÁTICA TRADUTÓRIA: A BUSCA POR EQUIVALENTES	119
CORPUS DE TEXTOS TRADUZIDOS POR APRENDIZES: QUESTÕES SOBRE SUA CONSTRUÇÃO E POSSIBILIDADES DE USO	116
criação e crítica de materiais didáticos de italiano: (re)significação e (re)construção da abordagem comunicativa	163
DA COMUNIDADE DE FALA À COMUNIDADE DE PRÁTICA (DISCURSIVA): EXPLORANDO A RELAÇÃO ENTRE AS PRÁTICAS SOCIOLINGÜÍSTICAS, SOCIOCULTURAIS E OS NOVOS ESTUDOS DE LETRAMENTO	211
DA LINGUAGEM À PRESENÇA: QUANDO A PALAVRA SE FAZ CARNE	112
DA PALAVRA PARA IMAGEM: ROTEIRO CINEMATOGRAFICO É LITERATURA?	293
DE OVELHA A LOBO: EFEITOS DISCURSIVOS DA CONSTRUÇÃO DO ETHOS DO ALUNO EM CHARGES SOBRE A EDUCAÇÃO DE ONTEM E DE HOJE	135

DE UM BAIRRO E SEU RIO: O BARQUEIRO E A LAVADEIRA DO RIO PINHEIROS.....	54
<i>DEPOIS VAI PRO RATINHO PRA FAZER DNA: UMA LEITURA SEMIOLINGÜÍSTICA DO SENSACIONAL SENSACIONALISTA.....</i>	<i>133</i>
DESAPEGA! POR UMA REINVENÇÃO DO CONCEITO DE LÍNGUA À LUZ DA MODERNIDADE RECENTE....	103
DESENVOLVENDO O PENSAMENTO CRÍTICO: UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA COM OS GÊNEROS TEXTUAIS CARTA DE LEITOR E LETRA DE MÚSICA	67
DIFUSÃO E CONDICIONAMENTO NEOGRAMÁTICO EM VERBOS: DADOS DO RIO DE JANEIRO	209
DIMENSÕES DA FORMAÇÃO DE BACHARÉIS EM LETRAS NOS 10 MELHORES CURSOS DO BRASIL.....	53
DISCURSO DA EDUCAÇÃO FISCAL: UMA MUDANÇA SOCIAL?.....	178
DISCUTINDO O ESTATUTO MORFOLÓGICO DO FORMATIVO AGRO-.....	207
DISSERTAÇÃO NÃO É PSICOGRAFIA. É PRECISO PLANEJAR.....	294
DITONGOS FONÉTICOS LEXICAIS DO PORTUGUÊS INDÍGENA MBYÁ GUARANÍ SOB A PERSPECTIVA DA TEORIA DA OTIMALIDADE.....	152
DIVERSIDADE CULTURAL: SENTIDOS PARA O DIFERENTE E O IGUAL	59
DO JOGO PARA A VIDA: TRABALHANDO A VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA NO AMBIENTE ESCOLAR.....	251
DUAS METODOLOGIAS NO TRABALHO TERMINOLÓGICO: ESTUDO CONTRASTIVO COM BASE NO CONCEITO DE CESSAR-FOGO.....	198
“É MUITO DIFÍCIL ACERTAR DE PRIMEIRA”: O PRIMEIRO BEIJO E O PRIMEIRO AMOR EM NARRATIVAS PRODUZIDAS EM INTERAÇÃO	259
EDUCAÇÃO DE LÍNGUAS: PARA ALÉM DOS GÊNEROS ESCOLARES	41
“ELES ACHAM QUE COMO (...) SOMOS MULHERES, A GENTE PESCA POR ESPORTE”: DESESTABILIDADES NAS PERFORMANCES NARRATIVAS DE GÊNERO NA PESCA EM ARRAIAL DO CABO.....	114
ENCADEAMENTO REFERENCIAL COMO ESTRATÉGIA DISCURSIVA – UMA ANÁLISE DE TEXTOS ARGUMENTATIVOS DE ALUNOS DE PERIFERIA	311
ENGAJAMENTO NO USO DE OBJETOS DE APRENDIZAGEM SOB A PERSPECTIVA DISCENTE	102
ENSINO DE ESCRITA E RETEXTUALIZAÇÃO NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	320
ENSINO DE INGLÊS PARA CRIANÇAS E FORMAÇÃO DOCENTE: O DESAFIO DE ENSINAR LÍNGUA COMO FERRAMENTA DE AÇÃO SOCIAL.....	268
ENSINO DE LEITURA EM LÍNGUA ESTRANGEIRA: UMA PERSPECTIVA SOCIOINTERACIONISTA.....	222
ENSINO DE LÍNGUA MATERNA: DAS PRÁTICAS COM A LINGUAGEM À REFLEXÃO SOBRE A LINGUAGEM....	161
ENTRE O POPULAR E O POPULISTA: OS EFEITOS DE PATEMIZAÇÃO EM NOTÍCIAS JORNALÍSTICAS.....	134

ENTRE O RASCUNHO E A OBRA: TRADUÇÃO DA POÉTICA DOS RASCUNHOS EM <i>MON COEUR MIS À NU</i> , DE CHARLES BAUDELAIRE	117
ESPAÑHOL: LÍNGUA PLURICÊNTRICA?	300
ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM E TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO COMO FACILITADORES NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM DE IDIOMAS.....	285
ESTRATÉGIAS DE COMPREENSÃO DE EXPRESSÕES IDIOMÁTICAS POR NÃO NATIVOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	303
ESTRATÉGIAS DE LINGUAGEM NA DOENÇA DE ALZHEIMER	313
ESTUDO COMPARATIVO DO VOCALISMO PRETÔNICO DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E EUROPEU: AS POSTERIORES	197
“EU SÓ VENHO POR CAUSA DAS PESSOAS E DA PROFESSORA”: REFLETINDO SOBRE A INFLUÊNCIA DO AFETO NO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA INGLESA	284
EVIDÊNCIA FORMAL: ESTRATÉGIA ARGUMENTATIVA NA DEFESA DE PONTOS DE VISTA EM AUDIÊNCIAS NO PROCON.....	234
FIÇÃO CIENTÍFICA NACIONAL NO BRASIL PÓS-DITADURA: O DISCURSO DISTÓPICO EM <i>FELIZ NATAL, VINTE BILHÕES</i> (1989) DE H. V. FLORY	179
FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA USO DA TECNOLOGIA: UMA INVESTIGAÇÃO NO CONTEXTO DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO	101
FORMAÇÃO DO PROFESSOR PARA USO DAS TECNOLOGIAS DIGITAIS NA EDUCAÇÃO.....	45
FORMAS DA SEXUALIDADE EM CONTRAPONTO: A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO NORMAL E ANORMAL NA IMPRENSA FEMINISTA	183
FORMAS LINGUÍSTICAS E ESTEREÓTIPOS: O BRASIL EM GUIAS DE VIAGEM EM LÍNGUA ALEMÃ.....	186
GÊNERO, SEXUALIDADE, POLÍTICA E DISCURSO: ANÁLISE DE ATOS DE FALA NO GÊNERO DISCURSIVO NOTÍCIA.....	113
IGNORAR, SILENCIAR E TERGIVERSAR: REFLEXÕES PRAGMÁTICO-DISCURSIVAS SOBRE A RESPONSABILIDADE INSTITUCIONAL	263
INGLÊS EM ESCOLAS PÚBLICAS DE JUIZ DE FORA - MG: INVESTIGAÇÃO EM DOIS CENÁRIOS.....	217
INGLÊS PARA TERCEIRA IDADE: INVESTIGANDO O CONTEXTO UNATI/UERJ	219
“ISSO É TRABALHO DE MULHER”: IMAGENS DISCURSIVAS SOBRE MASCULINIDADE NAS NOVAS FORMAS DE TRABALHO MASCULINO.....	79
LEGISLAÇÃO LINGUÍSTICA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES NA ÁREA DA SURDEZ.....	42
LEITURA NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E FORMAÇÃO DE PROFESSORES: UM OLHAR SOCIOCOGNITIVO.....	40

LER E ESCRIVER PARA QUÊ? SENTIDOS DO LETRAMENTO ESCOLAR PARA ADOLESCENTES EM CONFLITO COM A LEI.....	212
LER, ESCRIVER, ORALIZAR: JUNTANDO AS PEÇAS DO “QUEBRA CABEÇA” LINGUAGEM	319
LETRAMENTOS QUEER, ORDENS DE INDEXICALIDADE E POSICIONAMENTOS INTERACIONAIS EM SALA DE AULA DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	288
LEVANTAMENTO DO PERFIL SOCIOLINGÜÍSTICO DE ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL E SUAS CRENÇAS E ATITUDES LINGÜÍSTICAS: A LINGUAGEM EM USO NOS DIFERENTES TIPOS DE CONTEXTOS E AS VALORAÇÕES REALIZADAS A PARTIR DESSES USOS.....	248
LÉXICO E GRAMÁTICA, LÉXICO COMO GRAMÁTICA: UMA OLHAR COGNITIVISTA	39
LIBRAS E PORTUGUÊS NO LETRAMENTO DE SURDOS E OUVINTES: A EXPERIÊNCIA DO SARAU BILÍNGUE.....	140
LINGÜÍSTICA COGNITIVA: UMA INTERFACE ENTRE A METÁFORA, A METONÍMIA E A EXTENSÃO DE USO DO VERBO VIRAR NA CONSTRUÇÃO RESULTATIVA DO PORTUGUÊS.....	283
LINGÜÍSTICA FORENSE: REFLEXÕES SOBRE A UTILIZAÇÃO DA ANÁLISE DO DISCURSO EM DEPOIMENTOS.....	84
“LINGUISTICA I PEGOU VOCÊ”: UMA ABORDAGEM BASEADA EM PROBLEMAS PARA O ENSINO UNIVERSITÁRIO.....	258
MARCADORES CULTURAIS NAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS: CONSIDERAÇÕES SOBRE A TRADUÇÃO DE <i>LE PHOTOGRAPHE</i>	75
METÁFORAS LITERÁRIAS DE AMOR E VIDA NAS CANÇÕES DE ANA CAROLINA.....	277
MOVIMENTOS ARGUMENTATIVOS DE AVALIAÇÃO NA FALA DOS PARTICIPANTES EM AUDIÊNCIAS DE CONCILIAÇÃO NO PROCON.....	238
MUDANÇA FICTIVA EM <i>CORPUS</i> DE FALA ESPONTÂNEA DO PB.....	143
NARRATIVAS SOBRE MAL-ESTAR ESCOLAR: PSICÓLOGO E PROFESSOR COCONSTRUINDO ENTENDIMENTOS ATRAVÉS DE REUNIÕES DE TRABALHO EXPLORATÓRIAS.....	63
NEOLOGISMO E COGNIÇÃO: UMA ANÁLISE DA PRODUÇÃO LEXICAL DE ADOLESCENTES.....	144
NOVAS TECNOLOGIAS NA ESCOLA: DESAFIOS PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES.....	100
O AFETO NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM.....	164
O APAGAMENTO DO RÓTICO EM CODA NO RIO DE JANEIRO: CONFRONTANDO TRÊS COMUNIDADES.....	127
O COMPORTAMENTO DO VERBO <i>PARECER</i> EM PEÇAS TEATRAIS PORTUGUESAS OITOCENTISTAS	264
O CONCEITO DE FORMAÇÃO DISCURSIVA PARA A ANÁLISE DO DISCURSO SOBRE O ENSINO DE LÍNGUAMATERNA.....	189
O CONHECIMENTO DE MUNDO E O NÃO VERBAL NA LEITURA DE CHARGES NAS AULAS DE LÍNGUA ESTRANGEIRA	158
O DESAFIO DA NORMA NÃO PADRÃO EM MATERIAIS DIDÁTICOS.....	278

O DESAFIO DA UTILIZAÇÃO DE CORPORA ELETRÔNICOS E FERRAMENTAS COMPUTACIONAIS NA BUSCA DE CONSTRUÇÕES SUPERLATIVAS MORFOLÓGICAS DO PORTUGUÊS.....	302
O DESAFIO DO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA SOLICITANTES DE REFÚGIO E REFUGIADOS NO RIO DE JANEIRO.....	46
O DESEMPENHO DA MEMÓRIA NA RETENÇÃO DE ESTRUTURAS PASSIVAS E ATIVAS EM ADULTOS JOVENS E IDOSOS	249
O DISCURSO HUMORÍSTICO SOBRE EDUCAÇÃO NA FORMA DE QUADRINHOS.....	89
O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO: PRESCRITIVO OU PRODUTIVO?.....	162
O ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA SOB O OLHAR DE ALFABETIZADORAS EM PROCESSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA.....	299
O ENSINO DE ESPANHOL NA INFÂNCIA: QUANTO MAIS CEDO MELHOR?.....	87
O ENSINO DE LÍNGUA INGLESA NA REDE MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DO MUNÍCIPIO DO RIO DE JANEIRO – UMA ANÁLISE CRÍTICA DO MATERIAL DIDÁTICO.....	272
O GÊNERO TEXTUAL EDITORIAL EM REVISTAS CULTURAIS E O ENSINO DA ARGUMENTAÇÃO EM FLE.....	69
O LIVRO DIDÁTICO DE PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS E O EXAME DE PROFICIÊNCIA CELPE-BRAS: UMA PROPOSTA DE ADAPTAÇÃO DE ATIVIDADES.....	322
O PAPEL DE UMA ESCOLA ESPECIAL EM RELAÇÃO AO ENSINO DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA ALUNOS SURDOS NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	214
O PODER DE MANIPULAÇÃO DO EFEITO DOMINANTE NA NOTÍCIA: O CASO SANTIAGO.....	274
O PROCESSAMENTO MORFOLÓGICO DE VERBOS POR CRIANÇAS BRASILEIRAS: IDENTIFICANDO A RAIZ VERBAL COMO A BASE SEMÂNTICA DO VOCÁBULO.....	94
O PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DE MATERIAL DIDÁTICO PARA ESP DENTRO DO PROJETO PIBID-FEUC	325
O QUE DIZEM OS ASTROS? UMA ANÁLISE DA MODALIZAÇÃO EPISTÊMICA DO GÊNERO HORÓSCOPO.....	159
“O QUE É SER BRASILEIRO”: UMA ANÁLISE DO DISCURSO PUBLICITÁRIO NA COPA DO MUNDO 2014 ...	328
O QUE VOCÊ ESCREVE NO FACEBOOK? - DISSEMINANDO OS ESTUDOS SOCIOLINGÜÍSTICOS PELA INTERNET.....	276
O ROTACISMO NO FALAR DOS MUNICÍPIOS DE LAPA E MORRETES	130
<i>O STATUS DO FENÔMENO DESGARRAMENTO DE CLÁUSULAS HIPOTÁTICAS CIRCUNSTANCIAIS NO ENSINO.....</i>	<i>108</i>
O SUJEITO JOVEM EM DIZERES SOBRE A MAIORIA PENAL NA MÍDIA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA.....	122
O TEXTO E SUAS MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES DE LEITURA: PRESSUPOSTOS E SUBENTENDIDOS.....	156
O TRABALHO DO PROFESSOR DE EBTB E SEU EMBATE DE VALORES: UM RECORTE METODOLÓGICO.....	83

OTRATAMENTO DE METONÍMIAS EM RECURSOS LEXICAIS ELETRÔNICOS: UMA ABORDAGEM À LUZ DA SEMÂNTICA DE FRAMES	199
O VOCÁBULO NÃO E QUEDA DO HÍFEN: DE PREFIXO A PSEUDOPREFIXO.....	306
“OFICINA DA BRONCA”: EXPLORANDO AFINIDADES ENTRE A PRÁTICA EXPLORATÓRIA E A FILOSOFIA WITTGENSTEINIANA DE LINGUAGEM	243
ONDE O PRECONCEITO LINGUÍSTICO ESTIVER É PARA LÁ QUE NÓS VAMOS! AS AÇÕES PIBIDIANAS PARA A TENTATIVA DE ERRADICAÇÃO DAS DESIGUALDADES LINGUÍSTICAS NA ESCOLA	253
ORGULHO DE SER CAPIRA: PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO DO SUJEITO CAPIRA EM MÚSICAS SERTANEJAS.....	309
OS (DES)LIMITES DA SIGNIFICAÇÃO DO SUJEITO TRAVESTI NO ESPAÇO DA REDE SOCIAL FACEBOOK	57
OS GÊNEROS JORNALÍSTICOS NO ENSINO FUNDAMENTAL: PROPOSTA DE SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA A ESCRITA DO ARTIGO DE OPINIÃO.....	68
OS MANUAIS DO PROFESSOR DE ELE NO BRASIL.....	188
OS PAPÉIS HÍBRIDOS DESEMPENHADOS PELO INSPETOR DE POLÍCIA NOS INTERROGATÓRIOS POLICIAIS DA DELEGACIA DE REPRESSÃO A CRIMES CONTRA A MULHER	167
OS SIGNIFICADOS DISCURSIVOS DO ROLEZINHO: ORDENS DE INDEXICALIDADES EM ATRITO	98
PAISAGENS IDENTITÁRIAS DE PROFESSORAS DE INGLÊS DA REDE MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO: UM ESTUDO DE PRÁTICAS NARRATIVAS E AVALIATIVAS	240
PANORAMA ATUAL DOS ESTUDOS SOBRE MARCADORES DISCURSIVOS	70
PAPÉIS DE ATIVIDADE EM UMA AUDIÊNCIA DE CONCILIAÇÃO NO PROCON	235
PARA ALÉM DO LINGUÍSTICO: UMA ANÁLISE SOCIAL DA POSIÇÃO DO SUJEITO EM CARTAS PESSOAIS DOS SÉCULOS XIX E XX.....	174
PARTIU FERROZ, PEGOU FÁCIL E FEZ GOSTOSO: EM BUSCA DE UMA EXPLICAÇÃO CONSTRUCIONISTA PARA AS RESTRIÇÕES DISTRIBUCIONAIS DOS “ADJETIVOS ADVERBIALIZADOS” NO PORTUGUÊS BRASILEIRO.....	255
PERFORMANCES DISCURSIVAS E PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO E LIDERANÇA DE UMA EXECUTIVA.....	314
PISTAS DURACIONAIS PARA O FRASEAMENTO PROSÓDICO DAS PERGUNTAS DE CONFIRMAÇÃO (“NÉ?/NÃO É?”) NO PB.....	149
PISTAS PROSÓDICAS NO PROCESSAMENTO DA FALA DIRIGIDA À CRIANÇA POR BEBÊS BRASILEIROS	97
POLÍTICAS DE PRESCRIÇÃO ORTOGRÁFICA E O EFETIVO USO LINGUÍSTICO: O CASO DAS SIBILANTES EM SUPORTES TEXTUAIS	260
PONTO DE VISTA E <i>CONSTRUAL</i> : UMA ABORDAGEM COGNITIVISTA DOS DÉITICOS “NÓS” E “A GENTE”....	148
PORTUGUÊS COMO LÍNGUA NÃO–MATERNA: O ENSINO E A FORMAÇÃO DO PROFESSOR.....	48
POSIÇÕES-SUJEITO EM PROPAGANDAS MULTINACIONAIS: DIZERES SOBRE O BRASILEIRO NA MÍDIA....	123
PRÁTICA DA TRADUÇÃO E A ANÁLISE DO EDITOR: RELAÇÃO COM A QUALIDADE DO PRODUTO FINAL	118

PRÁTICAS DISCURSIVAS SOBRE ASSASSINATO DE INDÍGENAS: ÍNDIO BOM É ÍNDIO MORTO?.....	121
PRESSUPOSIÇÃO E DISPOSITIVO DE NORMALIZAÇÃO NO DISCURSO HETEROSSEXUAL MASCULINO....	184
PROCESSOS DE CRIAÇÃO LEXICAL NA GÍRIA JUVENIL DO PERU: UMA ABORDAGEM MULTISSISTÊMICA.....	233
PRODUÇÃO DE SENTIDOS A PARTIR DA SELEÇÃO LEXICAL EM CAPAS DE JORNAIS.....	157
PROFESSOR DE LÍNGUA ESTRANGEIRA DO SÉCULO XXI: TRANSITANDO ENTRE PRESSÕES E NOVOS DESAFIOS.....	46
PROXIMIDADE E DISTANCIAMENTO NO TRABALHO POLICIAL EM UMA COMUNIDADE PACIFICADA.....	168
QUALIDADE VOCÁLICA E COARTICULAÇÃO PERSEVERATÓRIA: UMA INVESTIGAÇÃO ACÚSTICA.....	150
QUANDO O ERRADO ESTÁ CERTO! UM EXPERIMENTO SOCIOLINGÜÍSTICO.....	290
QUESTÕES DE LEITURA DE LÍNGUA INGLESA: CONSIDERAÇÕES ACERCA DA MULTIMODALIDADE NO ENEM E EM DOIS LIVROS DIDÁTICOS.....	216
RACISMO E IDENTIDADE NACIONAL: DE(A)BATENDO QUESTÕES.....	55
REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LÍNGUA ESTRANGEIRA.....	45
REFORMULAR É NECESSÁRIO? UM ESTUDO ACERCA DOS EMENTÁRIOS DOS CURSOS DE LINGÜÍSTICA I E II DA UERJ.....	273
RELAÇÕES SOCIAIS NA LINGÜÍSTICA: UM ESTUDO SOBRE POLÍTICAS EM LÍNGUAS INDÍGENAS BRASILEIRAS.....	291
REPRESENTAÇÕES DA FRANCOFONIA: O USO E DESUSO DE LIVROS DIDÁTICOS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE FRANCÊS COMO LÍNGUA ESTRANGEIRA.....	49
REPRESENTAÇÕES DE PROFESSOR, ALUNO E INSTITUIÇÃO EM UM PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO RIO DE JANEIRO.....	88
REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DA LÍNGUA DE SINAIS E DOS SURDOS POR ALUNOS DA DISCIPLINA LIBRAS.....	141
RESOLUÇÃO DE AMBIGUIDADES POR ALUNOS DO ENSINO MÉDIO.....	275
RESSIGNIFICAÇÃO DISCURSIVA: A SUPREMACIA DA VOZ DE AUTORIDADE EM REDAÇÕES DE VESTIBULAR.....	326
SENTIDOS DO LETRAMENTO ESCOLAR: PADRÕES INSTITUCIONAIS DA ESCRITA EM REDAÇÕES DE VESTIBULAR.....	213
SOBRE O EFEITO DE PRÉ-CONSTRUÍDO DO NOME <i>GRAMÁTICA</i> : UMA TENSÃO ENTRE MEMÓRIA E ATUALIDADE.....	193
<i>"SOMETIMES IT'S HARD TO FIND THE WORDS TO SAY"</i> : ESTIMULANDO O PENSAMENTO CRÍTICO E A RESPONSABILIDADE DEMOCRÁTICA EM SALA DE AULA DE LÍNGUA ADICIONAL.....	218
SOMOS TODOS MACACOS: A TRAJETÓRIA TEXTUAL DOS DISCURSOS DE RAÇA NAS REDES SOCIAIS E NA MÍDIA.....	262

SUJEITO CONTEMPORÂNEO E AS NOVAS TECNOLOGIAS: UM OLHAR DISCURSIVO PARA A PUBLICIDADE....	124
SUJEITOS E(M) MOVIMENTO NO ESPAÇO URBANO: UMA ANÁLISE DO DISCURSO HIP HOP.....	56
SURDEZ, LETRAMENTO E ENSINO/APRENDIZAGEM DA LÍNGUA ESTRANGEIRA – UMA ABORDAGEM EM CONTEXTO	139
“TANGO DAS PRESIDÁRIAS” AUTOVITIMIZAÇÃO FEMININA À LUZ DE UMA ABORDAGEM SISTÊMICO-FUNCIONAL	280
TEORIA DA MENTE: EFEITO DA IDADE E DA UTILIZAÇÃO DO ADVÉRBIO ‘PRIMEIRO’.....	265
TEORIA E PRÁTICA NAS LICENCIATURAS DE ESPANHOL: UM ESTUDO DISCURSIVO.....	85
TRADUÇÃO CULTURAL, INTERSEMIÓTICA E <i>NÉGRITUDE</i> NOS POEMAS DE BRUNO DE MENEZES E DE LÉOPOLD SÉDAR SENGHOR: MODERNISMO AFRO-PARAENSE EM <i>BATUQUE</i> E <i>LES ÉTHIOPIQUES</i>	73
TRADUÇÃO DE ESPETÁCULO ARTÍSTICO/ CULTURAL PARA LIBRAS: ESTRATÉGIAS E DECISÕES	78
TRADUÇÃO E COLONIALISMO: A REPRESENTAÇÃO LINGÜÍSTICA NA OBRA “A HORA DA ESTRELA”, DE CLARICE LISPECTOR.....	76
TRAJETÓRIAS IDENTITÁRIAS DE UMA PESQUISADORA-PRATICANTE COMO MEMBRO INICIANTE DA COMUNIDADE DE PRÁTICA EXPLORATÓRIA	62
TRANSPORTE PÚBLICO: O EXTRAORDINÁRIO NO COTIDIANO DO GRANDE OBESO	242
UM HOMEM GAY, UMA MULHER LÉSBICA E A FÉ CRISTÃ: CONFLITOS E NEGOCIAÇÕES DE IDENTIDADE EM NARRATIVAS DE VIDA DE MEMBROS DO GRUPO DIVERSIDADE CATÓLICA	181
UM OLHAR SOBRE OS DOCUMENTOS PRESCRITIVOS DO CURSO DE LETRAS PORTUGUÊS-INGLÊS DA UFJR.....	51
UMA ABORDAGEM CONSTRUCIONISTA DA MORFOLOGIA DERIVACIONAL: O CASO DA CONSTRUÇÃO SUPERLATIVA PREFIXAL.....	146
UMA AÇÃO POLÍTICO-LINGÜÍSTICA PARA O ENSINO DE LE: EDUCAÇÃO BILÍNGUE NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO.....	221
UMA ANÁLISE SEMIOLINGÜÍSTICA DO ENSINO DE LEITURA VEICULADO PELA REVISTA <i>NOVA ESCOLA</i> (2010-2012)	297
UMA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA DE LEITURA EM LÍNGUA INGLESA – APORTES DE UMA TEORIA DA LEITURA E DA LINGUAGEM	145
UMA NOVA VISÃO DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: ROMPENDO OS LIMITES DA SALA DE AULA.....	287
UMA VIAGEM NO TEMPO: O ESTUDO DA ORDEM DO SUJEITO NAS PASSIVAS EM TEXTOS DE PORTUGUESES NASCIDOS ENTRE OS SÉCULOS XVI E XIX	173
USO VARIÁVEL DO PRESENTE DO SUBJUNTIVO: ANÁLISE DE TESTES SOCIOLINGÜÍSTICOS REALIZADOS COM ALUNOS DOS ENSINOS FUNDAMENTAL II E MÉDIO	204
VARIAÇÃO E PROSÓDIA NAS CAPITALS DA REGIÃO SUL: AS MULTIFACES DO RÓTICO EM CODA SILÁBICA EXTERNA.....	126

Índice

VERBOS AUXILIARES DO TEMPO COMPOSTO EM PEÇAS CARIOCAS: UM ESTUDO DIACRÔNICO	225
VERBO-VISUALIDADE E ENCENAÇÃO DESCRITIVA NO MANGÁ DE MAURÍCIO DE SOUSA.....	308
VÍDEO GAMES, APRENDIZAGEM, GÊNERO E RAÇA.....	180
VOZES DA ATIVIDADE DOCENTE EM CURSOS DE IDIOMAS EM CAMPOS-RJ: POR UMA ANÁLISE DA FALA DO PROFESSOR DE INGLÊS SOBRE O SEU TRABALHO.....	82

REALIZAÇÃO



APOIOS



Instituto de
Letras
da UERJ



CENTRO DE TECNOLOGIA EDUCACIONAL